

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação

Rodrigo Maciel Jacobus



## Um nobre bufão no reino da grande imprensa

A construção do personagem Barão de Itararé na paródia jornalística do semanário *A Manhã* (1926-1935)

RODRIGO MACIEL JACOBUS

# **Um nobre bufão no reino da grande imprensa**

A construção do personagem Barão de Itararé  
na paródia jornalística do semanário *A Manhã*  
(1926-1935)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação (linha de pesquisa Comunicação, representação e práticas culturais) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Informação.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cassilda Golin Costa  
(Cida Golin)

Porto Alegre  
2010

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**  
**Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação**

A banca examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação intitulada **Um nobre bufão no reino da grande imprensa**: a construção do personagem Barão de Itararé na paródia jornalística do semanário *A Manhã* (1926-1935), elaborada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação e Informação no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

---

**Prof. Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt – PUCRS**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marcia Benetti Machado – UFRGS**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Virgínia Pradelina da Silveira Fonseca – UFRGS**

Porto Alegre, 31 de março de 2010

Em memória de Apparício Torelly, fonte de inspiração deste trabalho,  
a quem devoto profunda admiração pelo ser humano que foi.

## AGRADECIMENTOS

A todos que, de alguma forma, não me deixaram esmorecer nos momentos de tempestade.

À minha companheirinha, Gabriela, pela compreensão frente às muitas ausências do pai. À Patrícia, por superar os momentos de tensão e pela tolerância à minha insanidade temporária.

A meu pai, Seu Zé, por ter me apresentado ao Barão.

A minha mãe, Dona Lira, pela silenciosa e confortante companhia nos momentos de reclusão.

À minha orientadora, Cida Golin, que me deu asas para voar além do que devia, demonstrando paciência e devoção fraterna nos momentos de maior aperto.

Aos colegas do PPGCOM-UFRGS, alunos, professores e funcionários, que contribuíram nessa atarefada trajetória, seja com valiosas contribuições teóricas, seja com confortantes palavras de apoio, ou até mesmo tolerando minhas maneiras por vezes pouco convencionais.

Aos professores da banca examinadora, Antonio Hohlfeldt, Marcia Benetti e Virgínia Fonseca, cujas contribuições, conhecimentos e materiais partilhados ajudaram a enriquecer esta pesquisa. Por aceitarem o convite para esta banca, depositando um voto de confiança neste mero aprendiz.

Ao amigo Bruno Lima Rocha, que me ajudou a melhor percorrer a pós-graduação, seja abrindo caminhos, seja mostrando a melhor direção quando tudo parecia sem sentido.

Aos colegas da UNISINOS, pelas prazerosas discussões, e ao grupo CEPOS, por me aceitar em seus círculos de estudos, propiciando oportunidades que enriqueceram meu primeiro contato com o meio acadêmico.

Aos outros amigos, que são tantos, que porventura tenham colaborado, ainda que silenciosamente ou com simples atitudes de afeto e compreensão.

Finalmente, não poderia deixar de registrar o apoio financeiro recebido da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, sob a forma de uma bolsa de estudos que viabilizou o mestrado e este trabalho.

Um bom jornalista é um sujeito que esvazia totalmente a cabeça  
para o dono do jornal encher nababescamente a barriga.

Apparício Torelly

## RESUMO

A presente dissertação problematiza a construção do personagem Barão de Itararé, criado pelo jornalista Apparício Torelly (1895-1971), ou simplesmente Apporelly, em meio à paródia à grande imprensa que caracterizou o seu semanário humorístico *A Manha* (1926-1959). O período selecionado para proceder este estudo compreende a gênese do personagem, entre o surgimento do *A Manha* em maio de 1926 no Rio de Janeiro e a prisão do jornalista pela repressão do governo Getúlio Vargas em dezembro de 1935, quando encerra-se um ciclo da publicação. O Barão de Itararé popularizou-se como uma espécie de projeção de Apporelly nas páginas do periódico e, por intermédio deste personagem, o jornalista desenvolveu uma contundente sátira às elites brasileiras. O objeto de estudo aglutina estas três perspectivas, o homem, o seu jornal e o personagem que o representa, por indissociáveis que são, em torno dos quais se desenvolve a análise. Trata-se de uma pesquisa histórico-documental com caráter exploratório e descritivo, que procura situar este objeto no seu tempo e espaço, considerando-se não apenas o período do recorte proposto, mas também os antecedentes intrínsecos às relações sócio-culturais da sociedade de então. No mesmo sentido, busca-se identificar o papel da imprensa neste período, bem como o jornalismo praticado pela mesma e os traços do humor paródico intrínseco à obra de Apparício Torelly. Compreende-se, nestes aspectos, a base teórica para identificar a relação entre o objeto e a grande imprensa da época. Estes pressupostos reunidos são confrontados junto à análise do *corpus*, formado por 20 matérias selecionadas ao longo da trajetória do personagem no intervalo estipulado, calcando-se na teoria do personagem e na narratologia enquanto ferramental polarizador dos âmbitos teórico e metodológico propostos. A pesquisa apontou que, ao longo destes dez anos, *A Manha* realmente fundou-se em uma categórica paródia à grande imprensa da época, apropriando-se dos mais variados aspectos desta para conformar as bases da sua sátira. Igualmente, o personagem inserido neste âmbito é construído como uma representação dos setores sociais hegemônicos de então, cuja participação nos principais momentos históricos e aproximação com a imprensa da época, revelavam as relações de poder intrínsecas à participação destes agentes sociais nos eventos que orientavam os rumos do país. Neste sentido, este personagem inicia sua carreira como proprietário de um grande jornal, o nosso querido diretor, transformando-se no militar que comanda a Revolução de 1930, o marechal-almirante, para, então, tornar-se herói de uma batalha que não ocorreu, o Barão de Itararé, estendendo sua paródia satírica às mais diversas representações das oligarquias nacionais. A sátira do Barão, por sua vez, será ainda mais amplificada com as condecorações subseqüentes, que o elevariam a Duque, Grão-Duque e Imperador. Trata-se de um percurso linear, no qual as características progressivamente vão somando-se umas às outras, em uma construção hiperbólica do mesmo personagem. De modo complementar, inferiu-se que este personagem metaforicamente representava uma fantasia que o homem Apporelly vestia nas páginas d'*A Manha*, através do qual se transfigurava em uma espécie de bufão-mor da cena política brasileira.

**Palavras-chave:** Paródia jornalística. Grande Imprensa. Bufão Apparício Torelly. Personagem Barão de Itararé. Jornal *A Manha*.

## ABSTRACT

This thesis searches the character Baron of Itararé's construction by journalist Apparício Torelly (1895-1971), or simply Apporelly, amid the parody to the great press that characterized his humorous weekly publication *A Manha* (1926-1959). The period selected for this thesis to developing understand the character's genesis, among the appearance of *A Manha* in May of 1926 in Rio de Janeiro and the journalist's prison by Getúlio Vargas government's repression in December of 1935, when he closes up a cycle of the publication. The Baron of Itararé became popular as a type of projection of Apporelly in the pages of the newspaper and, through this character, the journalist developed a fierce satire to the Brazilian elites. The study object, then, agglutinates these three perspectives, the man, his newspaper and the character that represents him, impossible to dissociate, around which grows the analysis. It is treated of a historical-documental research with exploratory and descriptive character, which tries to place this object in its time and space, not just considering the period of the proposed cutting, but also the intrinsic antecedents to the partner-cultural relationships of the society of this epoch. In the same sense, it tries to identify the paper of the press in this period, as well as the journalism practiced and the lines of the parodic humor intrinsic to Apparício Torelly's work. It is understood, in these aspects, the theoretical base to identify the relationship between the object and the great press of the time. These gathered presuppositions are confronted to the analysis of the *corpus* close to, formed by 20 matters selected along the character's path in the stipulated interval, being stepped on in the character's theory and in the narratology while polarizer tools in theoretical and methodological extents proposed. The research showed that, along these ten years, *A Manha* was really founded in a categorical parody to the great press of the time, appropriating most varied aspects of this to conform the bases of its satire. Equally, the character inserted in this extent is built as a representation of the hegemonic social sections of this period, whose participation in the main historical moments and approach with the press of the time, revealed the intrinsic relationships of power to these social agents' participation in the events that guided the ways of the country. In this sense, this character begins his career as owner of a great newspaper, our dear director, becoming the military that commands the Revolution of 1930, the marshal-admiral, for, then, to turn hero of a battle that didn't happen, the Baron of Itararé, extending his satirical parody to the most several representations of the national oligarchies. The Baron's satire, for its time, will still be more amplified with the subsequent decorations, which would elevate him to Duke, Grain-duke and Emperor. It is a lineal course, in which the characteristics progressively are going being added each other, in a hyperbolic construction of the same character. As a complement, it was inferred that this character metaphorically represented a fantasy that the man Apporelly dressed in the pages of *A Manha*, through which he was transfigured in a type of biggest buffoon of the Brazilian political scene.

Keywords: Journalistic parody. Great Press. Buffoon Apparício Torelly. Character Baron of Itararé. Newspaper *A Manha*.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 CONJUNTURA DE UM SOLO FÉRTIL PARA O HUMOR</b> .....	21
<b>2.1 A República e a Belle Époque: raízes do riso na modernidade brasileira</b> .....	21
<b>2.2 Um cenário para A Manhã: da Primeira Grande Guerra ao Estado Novo</b> .....	27
<b>2.3 Gênese e contexto da imprensa nos tempos de Apporelly</b> .....	31
2.3.1 <i>O pasquim: uma representatividade expressiva da imprensa artesanal</i> .....	34
2.3.2 <i>Nuanças de um império em construção: primórdios da imprensa empresarial</i> .....	36
2.3.3 <i>O reino da grande imprensa no Rio de Janeiro dos anos 1920-1930</i> .....	40
<b>3 PARCEIROS INSEPARÁVEIS: APPORELLY E O JORNAL A MANHA</b> .....	55
<b>3.1 As quatro faces do bufão Apparício Torelly</b> .....	55
3.1.1 <i>O Apparício antes d'A Manhã</i> .....	58
3.1.2 <i>O surgimento do “nosso querido diretor”</i> .....	61
3.1.3 <i>Proezas e batalhas de um fidalgo de araque</i> .....	63
3.1.4 <i>O íntimo do homem Apparício Torelly</i> .....	68
<b>3.2 O “hebdromedário” A Manhã</b> .....	70
3.2.1 <i>Estrutura, tiragens, formatos, periodicidade e pilhérias</i> .....	72
3.2.2 <i>Mais algumas jocosas características por um preço módico</i> .....	75
<b>4 JORNALISMO E HUMOR: ESSÊNCIAS DO DISCURSO N'A MANHA</b> .....	78
<b>4.1 A linguagem junto às estruturas da nascente grande imprensa</b> .....	78
4.1.2 <i>Marcas da prática jornalística parodiada por Torelly</i> .....	84
<b>4.2 A paródia como gênero humorístico central</b> .....	90
4.2.1 <i>Elementos humorísticos periféricos para interpretar a paródia de Apporelly</i> .....	97
<b>5 PREPARATIVOS PARA INTERPRETAR UM NOBRE PERSONAGEM</b> .....	101
<b>5.1 Teoria do personagem: conceitos e definições</b> .....	101
5.1.1 <i>Alguns conceitos auxiliares para interpretar personagens</i> .....	103
5.1.2 <i>Personagens jornalísticos e humorísticos</i> .....	106
<b>5.2 Ferramental analítico para decifrar a construção do personagem</b> .....	109
5.2.1 <i>Corpus da pesquisa e algumas constatações básicas</i> .....	116

<b>6 RASTREANDO A CONSTRUÇÃO DO BARÃO DE ITARARÉ</b> .....	120
<b>6.1 “Nosso querido diretor” (1926-1930)</b> .....	120
<b>6.2 Marechal-almirante de terra e mar (1930)</b> .....	129
<b>6.3 Barão de Itararé (1930-1931)</b> .....	132
<b>6.4 Duque de Itararé (1931)</b> .....	140
<b>6.5 Grão-Duque de Itararé (1931)</b> .....	151
<b>6.6 Sua Majestade Itararé I (1931-1932)</b> .....	153
<b>6.7 Itararé I, o Brando (1932)</b> .....	158
<b>6.8 Sua Majestade Itararé II (1932-1935)</b> .....	165
<b>6.9 Itararé na paródia jornalística d’A <i>Manha</i> (1926-1935)</b> .....	174
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	190
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	196
<b>REFERÊNCIAS SOBRE O TEMA</b> .....	203
<b>ANEXOS</b> .....	205
<b>ANEXO A – Textos selecionados para análise</b> .....	206
<b>ANEXO B – Cronologia biográfica ilustrada de Apparício Torelly (1895-1971)</b> .....	255
<b>ANEXO C – Levantamento detalhado de edições d’A <i>Manha</i> entre 1926 e 1935</b> .....	270
<b>ANEXO D – A <i>Manha</i> (1926-1952): coleção BN/RJ</b> .....	271

## 1 INTRODUÇÃO

O jornalista e humorista Apparício Torelly (1895-1971) é um fenômeno cultural interessante no cenário da história da imprensa no Brasil. Resgatá-lo representa reconstituir um significativo antecedente do jornalismo de humor praticado a partir de sua experiência. Aliás, estudar o humor praticado por Apporelly no seu semanário independente, o jornal *A Manha* (1926-1959), não significa apenas compreender *a priori* o jornalismo humorístico em si, é também resgatar traços da linguagem de uma época. Apparício popularizou-se na figura do personagem Barão de Itararé, através do qual se projetou nas páginas d'*A Manha*. Ao encarnar o Barão, Apparício tornava-se um verdadeiro herói, titereando os acontecimentos nas narrativas de suas “pseudonotícias”. Nas entrelinhas de sua obra, soube apropriar-se da linguagem cotidiana da época e alinhar-se ao interesse do público, valendo-se do ambiente propício para atizar o imaginário popular – apesar de sua independência, *A Manha* vendia bem, e conquistou um relativo sucesso comercial para os padrões de então. Assim, constituiu patrimônio relevante para a cultura popular de ontem. Mas também do hoje, se considerarmos que os traços do seu humor ainda persistem na mídia, mesmo após tanto tempo. Conforme complementam Mendes André e Sérgio Papi, do Projeto Barão:

Se existe uma tradição do humor ferino brasileiro - e estamos falando do humor impresso -, que passa por Ângelo Agostini e outros jornalistas do tempo do império, nosso Barão constitui-se então em um ramo fundamental dessa genealogia [...]. Todo humorista contemporâneo brasileiro bebeu nessa fonte. De Sérgio Porto à turma do Casseta & Planeta. O cartunista Fortuna reconhecia nele um predecessor, e Jaguar, pela boca do Ratinho Sig, o chamou de “bisavô d'O Pasquim” (*Almanhaque* para 1949, 2002, p.XIII, grifo dos autores).

Um humor que, ao mesmo tempo em que se aproximava do interesse do público, não negligenciava os interesses públicos, valorizando as possibilidades contestatórias que os meios de comunicação podem oferecer enquanto ferramenta de reflexão e crítica aos poderes e aos poderosos. Que dizer, por exemplo, da máxima publicada em rodapé no *Almanhaque* do segundo semestre de 1955: “Queres conhecer o Inácio, coloca-o num palácio” (reedição 2002, p. 22)? A verdade é que Apparício Torelly sempre esteve às voltas com questões políticas e de relevância social. Engajado em mobilizações pertinentes à sua época ou por meio de seu jornal e de outros dos quais participou, foi agredido, perseguido, molestado e encarcerado. Sua bem humorada luta, embalada por um ritmo quixotesco e municada pel'*A Manha*, desperta para possibilidades longe da aparente obsolescência. Pelo modo como se envolvia com destacadas personalidades da época, bem como com os assuntos pertinentes às elites e aos poderosos, é possível enxergar nele a figura do bufão. Um bufão que se manifestou nas páginas d'*A Manha* inicialmente travestido na figura fictícia de um grande proprietário de jornal, o “nosso querido

diretor”. Para, posteriormente, elevar-se a fidalgo de araque, o Barão de Itararé, e, pouco tempo depois, aclamar-se Imperador. Era nas páginas do seu próprio periódico que utilizava o personagem para vestir a fantasia de bobo da corte e aproximar-se do trono do rei em tom satírico. Desse modo, vilipendiou as elites nacionais, que se mantinham no entorno do poder mesmo após cada nova promessa de mudança na sociedade brasileira. Esta sintomática insistência histórica, que tendia ao tédio, era uma das principais fontes de inspiração para a paródia imanente à época e conseqüentemente à obra de Apporelly.

No Rio de Janeiro daquela época, a mídia de massa hegemônica era impressa: jornais e revistas tomavam as ruas e inundavam o imaginário popular com suas páginas repletas de assuntos sobre tudo e sobre todos. E foi neste reino da grande imprensa, que encontra suas raízes nas primeiras décadas do século XX, que Apporelly iniciou sua quixotesca cruzada, armado com sua irreverente folha humorística. Neste sentido, aqueles jornais com os quais conviveu eram parte essencial dos novos jogos do poder, paulatinamente curvando-se à lógica do mercado em expansão, ao mesmo tempo em que serviam aos interesses de seus proprietários acima de quaisquer outros objetivos. Conforme o historiador Nelson Werneck Sodré alertou, apesar do tom exageradamente determinista: “Na verdade, a imprensa oligopolizada e vinculada à estrutura social e política vigente definiu a sua alienação e perdeu qualquer traço do que é nacional aqui. A alienação é o seu retrato.” (1999, p. XVIII). Alienação contra a qual Apporelly, desde então, bateu-se com humor, sagacidade e uma pitada da típica malandragem brasileira.

Há três perspectivas aglutinadas na construção do objeto desta pesquisa: o jornal humorístico *A Manha*, enquanto suporte material onde será realizada a pesquisa; Apparício Torelly, criador/mantenedor do periódico e autor das narrativas; e o personagem que o representa na qualidade de proprietário da publicação, seja o pioneiro, “nosso querido diretor”, seja o “Barão de Itararé”, após conclamado herói nacional na Revolução de 30, ou ainda o mais elevado título a que chega, “Itararé II, o Brando”, Imperador da União das Repúblicas Socialistas da América do Sul (URSAS). Trata-se de uma peculiar relação, na qual o homem protagonizava o jornal e, por intermédio deste, inseria-se subjetivamente nos textos por meio do personagem que criou, preservando traços marcantes de sua personalidade na produção dos significados em sua obra. Assim, não há como analisá-los de forma dissociada, o homem, seu jornal, seu personagem, sob risco desta análise tornar-se fragmentária e conseqüentemente incompleta. Por isso, será dada atenção especial a cada um destes elementos ao longo deste trabalho.

No que diz respeito ao semanário de humor *A Manha*, parte-se da premissa mais básica, sua definição como jornal. Na ótica do seu criador, Apparício Torelly, trata-se de um jor-

nal. Assim é descrito no limiar entre a realidade e a ficção das narrativas, onde pairam dúvidas a serem desvendadas, que inevitavelmente remetem a um conflito semântico de caráter cômico. De modo simples, pode-se apenas afirmar que era um periódico entre tantos outros no cenário da imprensa carioca dos anos 1920 e 1930, reunindo algumas características comuns e outras distintas dos demais – compete a esta pesquisa também rastrear tais elementos. Em Apporelly, por sua vez, podem-se perceber diversas facetas que o caracterizam, seja como jornalista, humorista, boêmio, cientista ou militante comunista. Pode-se afirmar que especificamente o humor quase sempre tangenciou sua obra, mas em entrevista à revista *Manchete*, intitulada *O Barão no jogo da verdade*, concedida em 18 de setembro de 1965, ele mesmo renega este rótulo e suscita ainda mais incertezas sobre sua trajetória:

Querem ver outra coisa? Às vezes, quando estou numa fila de ônibus, chega alguém e pergunta: por que será que o ônibus que a gente espera nunca aparece? Eu respondo: porque se aparecesse, a gente não tinha de esperar. [...] A influência do humorista? Muito levemente benéfica e bastante entorpecente. Ele apenas mostra a metade das verdades. Para mim, todo mundo é humorista. Eu mesmo não me considero um humorista profissional. Sou do vale-tudo e não entro nessa história de apontar esse ou aquele.

Direcionando-se o olhar um pouco mais em direção aos propósitos pretendidos neste estudo, pode-se enfatizar também sua carreira como jornalista que, para além d'*A Manha*, trabalhou em outros periódicos. Produziu também textos “sérios”, embora estes sejam bem menos destacados e conhecidos em sua trajetória. Enquanto autor n'*A Manha*, parece ter explorado este domínio, embora pela inversão paródica, em uma dinâmica que preservava e simultaneamente distanciava-se da linguagem informativa em desenvolvimento na grande imprensa, seja distorcendo fatos, mesclando ficção e realidade, subvertendo critérios que paulatinamente se calcavam na prática do jornalismo.

Por fim, o Barão de Itararé, este “pseudonobre” que vivia em Apparício Torelly, e que ao mesmo tempo protagonizava as narrativas n'*A Manha* no posto de proprietário do jornal e ilustre personalidade pública. Lembrando que o Barão é um prolongamento do “nosso querido diretor”, cujos traços não só estabelecem os alicerces da personalidade do personagem como um todo, mas também se preservam em seus sucessores. E que, depois do Barão, seria paulatinamente promovido nas páginas d'*A Manha* até chegar a Imperador. Igualmente, é importante ressaltar que o Barão não ficaria restrito ao jornal: a visibilidade do personagem reforçou consideravelmente a popularidade de Apporelly. Tanto que, posteriormente, disputariam e venceriam juntos a eleição para a câmara de vereadores do Rio de Janeiro pelo Partido Comunista em 1947. Aliás, é pelo Barão que Apporelly permanece com mais força no imaginário popular, apesar dos diversos títulos autoconcedidos na trajetória

do personagem. Afinal, quem era o personagem? Apparício Torelly ou o Barão de Itararé? Talvez ambos, um na vida real, outro n' *A Manha* – ou vice-versa.

Assim, o tema que circunda esta pesquisa é justamente a construção deste personagem multifacetado, encarnado por Apparício Torelly, e que virá a popularizar-se como Barão de Itararé, como parte da narrativa paródica do semanário de humor *A Manha* frente à grande imprensa no cenário da capital fluminense. De modo a restringir o *corpus* da pesquisa e melhor posicionar-se frente aos objetivos almejados, o estudo compreenderá o período que abrange o surgimento do periódico, em 1926, e conseqüente aparecimento do personagem “nosso querido diretor”, bem como a transição deste personagem até o aparecimento do Barão de Itararé e sua respectiva construção até a prisão de Apporelly pela repressão do governo Vargas em 1935. Após exaustiva pesquisa nos originais, foram selecionados, dentro do intervalo estipulado, 20 narrativas que, pela sua representatividade, vão operar no sentido de ilustrar estas nuances do personagem Itararé.

Este estudo, portanto, parte das seguintes indagações: De que modo o personagem Barão de Itararé, criado por Apparício Torelly, é construído n' *A Manha* a partir do surgimento da publicação em 1926 até a prisão de Apporelly em 1935? E como esta construção relaciona-se à grande imprensa do Rio de Janeiro no respectivo contexto sócio-histórico? Para resolver esta questão de caráter mais abrangente e especificamente direcionada ao tema proposto, faz-se necessário alguns desdobramentos nesta problematização: Que características sócio-histórico-culturais definem o panorama por trás do surgimento d' *A Manha* no Rio de Janeiro e de que modo aparecem nas narrativas do periódico e conseqüentemente determinam a construção do personagem? Quem foi Apparício Torelly, qual sua trajetória e quais suas experiências como jornalista e personalidade situada na capital fluminense? Quais as principais características d' *A Manha* e de que modo Apparício Torelly relaciona-se com o periódico enquanto narrador e protagonista personificado nas narrativas? Quais elementos definem a grande imprensa, mais especificamente aqueles pertinentes ao jornalismo praticado no período proposto, e como estes aparecem na paródia das narrativas em que o personagem manifesta-se n' *A Manha*? Considerando-se a paródia à grande imprensa e o caráter humorístico intrínseco ao *A Manha*, quais as principais características da comicidade nas narrativas em torno do personagem? De modo mais específico ainda, como esta comicidade opera parodicamente frente à linguagem presente na grande imprensa de então e como o personagem é construído a partir destes recursos significativos?

Considerando-se tais questões, o principal objetivo deste trabalho é analisar a construção do personagem Barão de Itararé por Apparício Torelly n' *A Manha* (1926-1935), enfocando,

nessas narrativas, a linguagem humorística centrada na relação paródica com a grande imprensa no respectivo contexto sócio-histórico. Além disso, a pesquisa pretende também:

- a) Levantar os principais aspectos historiográficos, tanto no plano da vida pública quanto privada do período proposto, necessários à compreensão da produção de Apporelly, mais especificamente no contexto das narrativas onde o personagem Barão de Itararé, bem como as nuances que o precedem e o sucedem, protagoniza a intriga;
- b) Identificar os principais elementos historiográficos e discursivos que caracterizam a grande imprensa neste mesmo contexto, entre estruturas, aparência, relações e produção, de modo a rastrear aspectos que permitam detectar a paródia jornalística na linguagem das narrativas selecionadas;
- c) Reconstituir a trajetória pessoal e profissional de Apparício Torelly, bem como do seu periódico *A Manhã*, necessários à compreensão da personalidade e sua essência bufônica no contexto espaço-temporal em que se insere na capital Rio de Janeiro;
- d) Reunir as principais características da comicidade operante nesta paródia, de modo a organizar uma categorização que permita identificar os principais traços humorísticos na construção do personagem analisado;
- e) Interligar tais elementos identificados pela análise das narrativas pesquisadas, de modo a compor um olhar para a construção do personagem pretendida no objetivo geral, e de acordo com as teorias desenvolvidas para atingir este fim.

Trata-se de uma pesquisa histórico-documental com caráter exploratório e descritivo, na qual é preciso inicialmente situar o objeto de estudo no tempo e no espaço em que está inserido, considerando não apenas a historiografia brasileira no recorte proposto, mas também fenômenos antecedentes que possam auxiliar no reconhecimento das relações sociais e culturais deste contexto. Isso inclui o papel exercido pela imprensa, bem como os traços do jornalismo praticado neste momento, de modo a melhor compreender o vínculo deste objeto com a grande imprensa na relação paródica estabelecida. Igualmente, a construção proposta releva o discurso humorístico d'*A Manhã* e apropria-se da teoria da paródia como núcleo polarizador deste aspecto analítico. A construção de Itararé propriamente dita ancora-se nas teorias do personagem, ao passo que a análise formal dos textos sustenta-se nos pressupostos da narratologia. Todos estes elementos vão interligar-se para compor o método de estudo do objeto.

Também é importante ressaltar que a análise vai operar essencialmente sobre os elementos textuais d'*A Manhã*, deixando em segundo plano os aspectos imagéticos do periódico. Tal posicionamento não significa a ausência de referências a estes, que obviamente não estão dissociados do todo, especialmente no que tange a paródia à grande imprensa. Tampouco se pretende

omitir a significância destes aspectos imagéticos na compreensão da obra estudada. Entretanto, estes elementos são bem explorados em outros trabalhos e serão utilizados com parcimônia, de modo a restringir também o escopo da pesquisa.

Diante da ênfase historiográfica do estudo, em um período relativamente distante, buscou-se uma reconstituição através de uma detalhada pesquisa bibliográfica (STUMPF, 2005). Frente à significativa disponibilidade de títulos referentes ao objeto e aos elementos sócio-históricos do período pretendido, realizou-se uma aproximação através de um intercruzamento de dados, de modo a evitar possíveis equívocos decorrentes da subjetividade envolvida no processo, buscando-se identificar contradições ou coerências nas diferentes interpretações. Na organização e síntese deste quadro teórico, procurou-se priorizar os elementos necessários à caracterização do personagem, com ênfase na relação entre o texto e sua produção<sup>1</sup>. Pensando no âmbito da narratologia, será estabelecida a ligação entre o plano teórico e metodológico do objeto de estudo em suas três perspectivas aglutinadas. Busca-se, assim, rastrear significados na construção do personagem Barão de Itararé a partir da produção de Apparício Torelly enquanto autor e narrador, mas também como projeção do personagem n'*A Manha*, em uma intrincada e peculiar relação que se dá em um determinado contexto espaço-temporal.

Pensando na totalidade da pesquisa, é possível sintetizar os procedimentos em seis etapas, linearmente distribuídas ao longo dos capítulos do trabalho. O capítulo dois procederá um levantamento de pressupostos historiográficos que dizem respeito ao contexto sócio-histórico, para fins de reconstituição do período delimitado (1926-1935), obviamente incluindo antecedentes fundamentais à compreensão deste momento. Na seqüência, será realizado um rastreamento da presença da grande imprensa neste cenário, características e pressupostos que definem o seu caráter diante das transformações sócio-históricas que a originaram. Esta parte inclui um sucinto levantamento de alguns dos principais jornais cariocas da época, que apresentaram alguma ligação com o objeto ao longo da pesquisa. Ainda no mesmo sentido, o capítulo três articulará uma análise historiográfica especificamente em torno do objeto de estudo, priorizando os elementos intrínsecos à sua existência: o jornal humorístico *A Manha*, e o criador de ambos, Apparício Torelly.

O capítulo quatro reunirá os aspectos discursivos considerados essenciais à interpretação das narrativas n'*A Manha*, buscando inicialmente a construção de um referencial para a

---

<sup>1</sup> Os elementos pertinentes à recepção manifestam-se a partir do levantamento historiográfico, assim como dos aspectos indiciários oriundos à presença do narratário na relação intersubjetiva inerente aos textos, evidenciando-se no andamento da própria análise (MOTTA, 2007).

análise do objeto de estudo no âmbito significativo da linguagem jornalística de sua época. Em seguida, realizar-se-á um levantamento em aproximação à linguagem humorística utilizada n'A *Manha*, de modo a compor uma tipologia referencial para a análise do objeto de estudo no âmbito significativo, focando o gênero paródia enquanto elemento centralizador deste universo teórico. O capítulo cinco, por sua vez, apresentará um aporte teórico específico para a análise do objeto de estudo, ancorando-se na teoria do personagem e na narratologia, que agirão como elementos polarizadores da pesquisa e catalisadores dos âmbitos teórico e metodológico propostos. Este capítulo encerra com a apresentação do *corpus* da pesquisa, esboçando o processo criativo desta construção. E o capítulo seis procederá a aplicação da narratologia na análise sobre os textos previamente selecionados.

Assim, a partir dos três primeiros capítulos apontados, foram estabelecidos os elementos que definem não apenas a base teórica em apoio à contextualização no processo de interpretação dos dados analisados, como também algumas das principais categorias semânticas essenciais à análise narratológica. Os elementos para leitura subjetivamente escolhidos seguem as premissas estabelecidas nos objetivos, em especial o objetivo geral, conseqüentemente direcionando-se às respostas para as questões apontadas no problema de pesquisa, conforme definido. Além disso, uma análise prévia a partir das fontes primárias disponíveis, permitiu definir alguns dos parâmetros básicos já apontados. E a análise pormenorizada das matérias possibilitou rastrear e delimitar paulatinamente o *corpus* em torno de aspectos que definiram com maior precisão e acuidade as principais características do objeto de estudo em sua construção ao longo das distintas narrativas, segundo os procedimentos no capítulo seis.

Quanto ao material relativo ao tema, e considerando-se especificamente os temas pertinentes ao assunto tratado neste trabalho, ou seja, Apparício Torelly, seu jornal *A Manha* e o personagem Barão de Itararé, realizou-se um levantamento detalhado a partir de referenciais bibliográficos e documentais disponíveis, bem como de uma exaustiva pesquisa na Internet. Em meio à utilização dos tradicionais mecanismos de busca *on-line*, priorizou-se o material de caráter acadêmico, provindo especialmente do Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A estes foram paulatinamente somados alguns outros trabalhos, provindos de currículos da Plataforma Lattes, disponíveis na página do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), ou detectados nas páginas Google Acadêmico, OAister, bibliotecas universitárias *on-line* e Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

Assim, entre o material especificamente relacionado ao tema proposto, foram levantadas oito dissertações, três teses e sete livros. Há ainda alguns TCCs e artigos que, sem a intenção de

desprezÁ-los, mas frente à significativa disponibilidade de material, serão descartados deste levantamento, para que o estudo seja concentrado nos itens mais consistentes à sua proposta. Além destes, são observados capítulos e trechos em coletâneas ou obras afins; uma significativa quantidade de material publicado na imprensa – sendo que, entre estes, há diversos depoimentos; reedições da obra de Apporelly e um documentário produzido em vídeo pela TV SENAC. Parte deste material também será selecionada de acordo com sua relevância para este estudo.

Entre os trabalhos acadêmicos, há seis trabalhos da área de Letras, mais focados nas diferentes linguagens utilizadas na obra de Apparício Torelly. Três analisam o humor propriamente dito, divergindo um pouco quanto à metodologia, sendo que dois são direcionados especificamente ao uso do macarrônico e um voltado para as máximas de Apporelly. Dentre estes, destacam-se a tese de Dias de Castro (1990) e o trabalho de Surdi (1998), cujas abordagens são semelhantes e apontam pistas mais úteis. Destaca-se o segundo, por ser um estudo mais recente, sob orientação do Prof. Dr. Nilson Lemos Lage, que assinala uma abordagem mais próxima ao campo do jornalismo. Nos trabalhos desenvolvidos na área de História, o enfoque dá-se basicamente em torno dos eixos humor/comicidade e política/poder. As dissertações de Amed (1994) e Dalmo Rodrigues (2000) abordam períodos similares ao proposto nesta pesquisa. Já o trabalho de Acosta (1997) abrange o período entre 1945 e 1947. Por fim, há os trabalhos de Mendes André (2004), peculiar e bem embasado estudo originário da área de Arquitetura e Urbanismo (*design* / projeto gráfico), e de Aguiar (2006), única pesquisa com afinidade temática desenvolvida e concluída até o momento na área de Comunicação. Ambos estão disponíveis, compondo relevantes fontes para o levantamento histórico documental desta pesquisa.

Além dos trabalhos acadêmicos acima, há sete livros publicados em torno do tema. *Barão de Itararé: o humorista da democracia*, de Leandro Konder, foi a primeira publicação sobre o assunto, lançado em 1983. Seguido por *Barão de Itararé*, de Ernani Ssó (1984), *Máximas e mínimas do Barão de Itararé*, coletânea organizada por Afonso Félix de Sousa (1985), e *As duas vidas de Aparício Torelly, o Barão de Itararé*, de autoria de Cláudio Figueiredo (1987). Destes, três (Konder, Ssó e Figueiredo) são levantamentos historiográficos que enfatizam a personalidade e seu personagem Barão de Itararé, valorizando sua bem-humorada trajetória engajada em causas populares e os seus famosos “causos”, muitos deles possivelmente distorcidos ou mesmo inventados pelo próprio Apporelly. Estes livros representam um importante marco precursor para os sucessivos estudos em torno do tema. O outro livro, organizado por Félix de Sousa (1985), trata-se de uma espécie de antologia, reunindo material d’*A Manha* a partir de 1945 e dos *Almanhaques* de 1949 e 1955 (primeiro e segundo semestre). É

focado na obra propriamente dita, categorizando as seleções em capítulos temáticos, tais como *bêbados, casamento, dinheiro*, entre outros.

Na década de 1990, surge o *Projeto Barão* sob coordenação de José Carlos Mendes André e Sergio Luiz Papi, que culmina na organização e inventário de um acervo documental depositado no IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros-Universidade de São Paulo), em um processo que se desenvolve entre os anos de 2000 e 2002. Aliás, foi a partir da iniciativa de Mendes André e Papi que ocorreram os relançamentos dos três *Almanhaques* e de uma antologia fascicular dos primeiros anos *d'A Manha* que, por motivos financeiros, não passou de duas edições (1926 e janeiro a abril de 1927). Entre 2005 e 2007, são lançados três novos livros sobre o tema. O primeiro, do jornalista Sérgio Roberto Dillenburger, apresenta poucas novidades e inovações frente aos seus antecessores da década de 1980. Em 2006, Ana Carina Baron Engerhoff, em parceria com Carlos Eduardo Schmidt Capela, lança o livro *Zubblemend to alle...manha: Barão de Itararé*, reunindo uma seleção da produção em macarrônico do alemão publicada n'A *Manha* entre os anos de 1928 e 1947. Finalmente, o sétimo e último livro lançado é de autoria do jornalista e geógrafo Mouzar Benedito, em 2007. *Barão de Itararé: herói de três séculos* é um livro de bolso que apresenta uma sucinta coletânea baseada nos livros anteriores.

Para finalizar este levantamento, podem-se citar ainda os capítulos e trechos sobre o tema em coletâneas ou obras afins, tais como: *Aparício Torelly, o Barão de Itararé: do humorismo cáustico à ironia demolidora*, artigo de Marialva Carlos Barbosa publicado na coletânea *Imprensa brasileira: personagens que fizeram história*, organizada por José Marques de Melo; um verbete de Nea de Castro no *Pequeno dicionário da literatura do Rio Grande do Sul*, organizado por Regina Zilberman, Maria Eunice Moreira e Luiz Antônio de Assis Brasil; o relato de Graciliano Ramos em *Memórias do Cárcere*; um trecho no capítulo quatro do livro *Raízes do riso – a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*, de Elias Thomé Saliba, intitulado *Um herdeiro do humor Belle Époque: Aparício Torelly*; e um capítulo intitulado *Barão de Itararé: com ele tudo começou*, no livro *Entre sem bater! O humor na imprensa: do Barão de Itararé ao Pasquim 21*, de Luís Pimentel. Há ainda uma enorme quantidade de material publicado na imprensa, incluindo matérias, entrevistas e depoimentos sobre ou de autoria do próprio Aparício Torelly. Por fim, cabe ainda enfatizar a produção de um documentário, *O Máximo das Máximas*, produzido pela TV SENAC em parceria com a produtora WeDo Comunicação, sob direção de Dimas de Oliveira Júnior e Luís Felipe Harazin, veiculado ao longo do ano de 2004.

Afora as obras que compõem a base da pesquisa bibliográfica e documental, foi utilizada parte do acervo *d'A Manha* presente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro,

compondo a fonte primária essencial ao âmbito empírico da pesquisa. Esta escolha deu-se pelo fato de que se trata da maior coleção pública do periódico. Este material foi fornecido em microfiches, compreendendo o período que vai de 1926 a 1952, em 3 rolos subdivididos nos períodos 1926-1931 (rolo 1), 1932-1934 (rolo 2) e 1935-1952 (rolo 3), sendo digitalizado e armazenado em mídia ótica para consulta em arquivos no formato PDF<sup>2</sup>. Além deste acervo, também foram utilizadas duas antologias inicialmente organizadas por Fortuna e finalizadas por Sérgio Papi e José Carlos Mendes André do Projeto Barão. As *Antologias d'A Manha* complementam o material da Biblioteca Nacional, já que reúnem textos de períodos não contemplados nos microfiches, entre os anos de 1926 e 1927.

Reunidos os pressupostos que possibilitarão uma interpretação significativa da amostra selecionada na obra de Apporelly<sup>3</sup>, espera-se construir um olhar diferenciado sobre o objeto de estudo, concentrando o foco em aspectos peculiares que suscitem a redescoberta do homem e seu jornal, a relação com sua época e o personagem que incorporou em sua representação na paródia d'A *Manha*. Assim, ao recuperar aspectos deste passado, considera-se que é parcela relevante na constituição da identidade coletiva que se constrói com o processo de mediação da cultura moderna brasileira, decorrente das transformações iniciadas com a expansão da grande imprensa na transição entre os séculos XIX e XX. Trata-se, portanto, de uma importante contribuição não apenas aos estudos historiográficos, como também ao jornalismo no seu âmbito geral. Se, por outro lado, este resgate histórico conduz a apenas mais uma reinterpretação desta linguagem situada em seu momento e espaço específicos, é importante ressaltar que o humor tem e sempre teve presença marcante e especial na carnavalizada sociedade brasileira. E o muito sempre é pouco na compreensão desta complexa realidade.

Embora diversos estudos tenham sido realizados especificamente sobre Apparício Torelly e o jornal *A Manha*, pouca atenção foi dedicada especificamente à construção do personagem Barão de Itararé conforme aqui proposto, relevando os aspectos presentes em seus antecedentes e descendentes, e situando-o diante da presença da grande imprensa em formação na sociedade carioca entre meados dos anos 1920 e 1930. Trata-se de um olhar distinto que espera somar-se aos demais trabalhos na reconstituição da memória desta importante personalidade da história da imprensa brasileira.

---

<sup>2</sup> Disponíveis no CD-ROM em anexo.

<sup>3</sup> Enquanto conjunto de narrativas enquadradas no jornalismo de humor, inserida em seu devido contexto sócio-histórico-cultural, suas raízes e conseqüente contextualização no cenário do Rio entre meados dos anos 1920 e 1930.

## 2 CONJUNTURA DE UM SOLO FÉRTIL PARA O HUMOR

A obra de Apparício Torelly não pode ser satisfatoriamente compreendida sem o resgate historiográfico dos principais aspectos sócio-culturais que delinearam sua trajetória. Por trajetória, subentende-se a vivência de Apporelly ao longo dos inúmeros eventos que marcaram a chamada República Velha, bem como a sua presença junto à imprensa do Rio de Janeiro a partir de 1925. Fato que o levou, por exemplo, a acompanhar de perto a transição para a chamada Segunda República (ou “República Nova”) e a conseqüente ascensão e manutenção de Getúlio Vargas no poder. As marcantes transformações que ocorreram ao longo das três primeiras décadas do século XX são determinantes para o entendimento da modernidade tal qual se manifestava n’*A Manhã*. Enquanto produto cultural, a publicação inevitavelmente introjetava as representações e especificidades de sua época. Dissociada dos significados que compartilhava, torna-se inviável a compreensão dos elementos discursivos manifestos em suas páginas, pois sua respectiva interpretação depende essencialmente do contexto em que se insere.

O humor teve uma relevância emblemática nesta conturbada construção cultural que, embora encontre seus embriões nos tempos do Império, se dá mais enfaticamente a partir da Proclamação da República no Brasil. É fruto dos contrastes e incompatibilidades sociais que acompanham este desenvolvimento histórico, permeado por fenômenos determinantes na consolidação da mentalidade cosmopolita que se disseminaria junto ao ideário republicano. A influência da chamada *Belle Époque* colaborou no sentido de arraigar um novo pensamento, bem como de introduzir hábitos alinhados com as novas tendências em franca expansão na Europa. Além da latente influência progressista do iluminismo, destaca-se o processo de industrialização, marcado pela rápida e copiosa introdução de novas tecnologias, bem como a disseminação de uma cultura de entretenimento massivo, configurando-se os traços que paulatinamente transformariam as relações sociais e o cotidiano do *modus vivendi* no país. Em paralelo, dá-se a expansão de uma imprensa empresarial, que desempenhou um papel determinante no sentido de propagar e orientar os novos moldes comportamentais. Esta imprensa acirrou o processo de midiação que marcou a cultura brasileira junto ao ambiente de modernização que se instaurava, demarcando significativamente as heranças das quais Apporelly se apropriaria.

### 2.1 A República e a *Belle Époque*: raízes do riso na modernidade brasileira

Quando Apparício Torelly desembarca no Rio de Janeiro em 1925, o então distrito federal já trazia em si a síntese das significativas transformações que acompanharam a intensa eferescência que marcou o cenário das décadas iniciais do século XX. Transformações que, so-

mando marcantes aspectos sócio-históricos, propiciavam novas perspectivas culturais nos mais diversos âmbitos da sociedade brasileira, pois o Rio, desde que se tornara capital:

[...] passa a ser o coração de um Estado centralizador, ao redor do qual gravita o território brasileiro. Até a perda de seu estatuto de capital, em 1960, os grandes momentos de sua história se confundem com a história do Brasil. É também no Rio de Janeiro, investido da missão de civilizar todo o país, que se elaboram as diferentes maneiras de transformar os habitantes do Brasil em brasileiros (ENDERS, 2009, p.90).

A premissa apontada por Enders associa-se de modo determinante às reviravoltas que eclodem com mais veemência a partir do final do século XIX, manifestando-se de modo enfático e representativo no distrito federal, embora não isoladamente. O mundo começa gradativamente a assumir feições globais e passa a se desenvolver associado às novas tecnologias oriundas das revoluções industrial e científico-tecnológica<sup>4</sup>. Um novo ritmo estabelecia-se em paralelo ao surgimento das grandes metrópoles e o modo de vida transformava-se radicalmente, de modo que “nunca, em nenhum período anterior, tantas pessoas foram envolvidas de modo tão completo e tão rápido num processo de transformação de seus hábitos cotidianos, suas convicções, seus modos de percepção e até seus reflexos instintivos” (SEVCENKO, 1998, p. 8). São os primórdios do mundo moderno, tal qual o conhecemos – a Europa, seguida pelos Estados Unidos, impõe o ritmo dinâmico da sua industrialização, de modo que o fenômeno conhecido como neocolonialismo (ou imperialismo) exige novos hábitos de consumo e produção adequados às novas demandas do mercado. Simultaneamente, inúmeras revoltas eclodem pelo mundo em reação às rápidas e drásticas transformações que se configuravam na economia global.

No Brasil, formam-se elementos determinantes para a desestabilização do Império, que passa pela fundação do Partido Republicano (1870), o auge do movimento abolicionista<sup>5</sup>, e culmina na Proclamação da República em 1889, em uma conspiração envolvendo cafeicultores paulistas, setores militares dissidentes e políticos republicanos. A reforma das instituições políticas associada à Revolução Científico-Tecnológica são marcos essenciais da modernização e da geração de novas elites formadas em torno do incipiente modo de vida, que se moldava de acordo com as novas faces do capitalismo internacional. Nesse âmbito, explícita e representativamente manifesto no Rio de Janeiro, tais eventos não estão dissociados, tampouco representam os únicos elementos de compreensão das notórias transformações na transição entre o final do

<sup>4</sup> Também conhecidas como Primeira e Segunda Revolução Industrial.

<sup>5</sup> No contexto em que se desenvolve, o movimento abolicionista tem um forte vínculo com o ideário republicano. Não é por acaso que a Lei do Ventre Livre (1871) e as subsequentes Lei dos Sexagenários (1885) e Lei Áurea (1888) são concomitantes ao acirramento deste movimento. O fim da escravidão no Brasil representou um forte abalo à sustentação política do Império, descontentando as elites escravistas, que não receberam indenização por suas perdas. Porém, também não representou necessariamente uma grande melhora na condição social dos escravos – desprovidos de qualquer formação escolar ou profissional e sem qualquer apoio institucional para adequá-los à nova realidade, a grande maioria dos libertos continuou vivendo em condições miseráveis.

século XIX e as duas primeiras décadas do século XX. Diversos fenômenos e circunstâncias irrompem, tais como a intensificação do movimento migratório das mais diversas nacionalidades, a necessidade de mão-de-obra cada vez mais especializada, assim como um conseqüente e paulatino aumento nos índices de alfabetização (CARDOSO, 2004).

O projeto de remodelação do Rio de Janeiro articulado pelo presidente Rodrigues Alves (1902-1906) também traria significativas transformações ao cenário da capital. O plano, que incluía a modernização do porto, o saneamento e a reforma urbana da cidade, resultou no banimento arbitrário das populações pobres do centro da cidade. A imprensa que simpatizou com a ação noticiava o feito como a “Regeneração”, enquanto a população atingida e seus solidários batizaram a reforma como ditadura do “bota-abaixo”. As conseqüências mais marcantes do acontecimento foram a disseminação das favelas nos morros e a eclosão de uma série de revoltas populares, entre as quais se destacou a chamada Revolta da Vacina. A Regeneração foi concluída em 1904 com a inauguração da Avenida Central, onde as novas elites desfilavam seu *glamour* sob fachadas decoradas com mármore e cristal, à luz de elegantes lâmpões elétricos e vitrines de lojas com finos artigos importados. Também é neste mesmo ano que o Convênio de Taubaté cria um favorecimento cambial arbitrário à cafeicultura, dando origem às bases da política café-com-leite, através do qual os estados mais populosos e ricos da época, São Paulo e Minas Gerais, obteriam uma hegemonia no comando do Catete que perduraria até 1930. (SEVCENKO, 1998).

Ainda segundo Sevcenko, o quadro político que se configurou mantinha no comando parte da elite dos quadros da monarquia, que se ajustou às transformações e ao discurso republicano. Entre as personalidades mais marcantes dessa adaptação, destacam-se José Maria da Silva Paranhos Júnior, o Barão do Rio Branco, Rodrigues Alves, que chegou à Presidência da República entre 1902 e 1906, e o renomado Rui Barbosa. Rodrigues Alves fora conselheiro do Império, assim como Rui Barbosa, que desfrutou de grande prestígio político no período imperial. No caso do Barão do Rio Branco, torna-se ainda mais notável a acomodação que ocorre na transição do governo monarquista para o republicano, com a preservação das estruturas oligárquicas oriundas do Império. Paranhos Júnior tornou-se herdeiro do prestígio do pai, José Maria da Silva Paranhos, o Visconde do Rio Branco, que fora membro do Conselho do Império. Assumidamente monarquista, recebera seu título nobiliárquico às vésperas da Proclamação da República, o qual manteve não apenas para homenagear o pai, mas também devido às suas convicções. Convocado por Rodrigues Alves para o Ministério das Relações Exteriores, teve papel determinante na consolidação das fronteiras nacionais e tornou-se uma das figuras mais proeminentes no cenário político dos primeiros vinte anos da República Velha.

Aliás, com a Proclamação da República, os ícones da monarquia foram banidos, incluindo os títulos de nobreza, sob pena de acusação de alta traição e a suspensão de direitos políticos. Entretanto, por respeito e tradição, aos nobres do Império foi permitido o uso de seus títulos, mesmo durante o regime republicano. Neste sentido, é importante ressaltar algumas questões que envolviam a distribuição das chamadas *cartas de mercê*, pois explicitam as contradições no processo desta transição política. É fato que a grande maioria dos “agraciados” com títulos de nobreza precisava pagar uma vultosa quantia pela honraria. Além disso, no caso do Brasil, estes títulos eram todos concedidos pelo imperador, não eram hereditários. Os valores cobrados, em réis, eram proporcionais à importância hierárquica, conforme aponta Lyra (1939, p. 61), sem especificar a data com precisão: Duque, 1:000\$000; Marquês, 800\$000; Conde, 600\$000; Visconde, com grandeza, 600\$000, e sem grandeza, 400\$000; e Barão: 300\$000. Já Fernandes (2008), cita uma tabela de 2 de abril de 1860, com os seguintes valores: Duque, 2:450\$000; Marquês, 2:020\$000; Conde, 1:575\$000; Visconde, 1:025\$000; Barão, 750\$000. Heitor Lyra ainda afirma que, em 1889, contavam-se um Duque, sete Marqueses, 10 Condes, 54 Viscondes e 316 Barões. Fernandes, em contrapartida, sugere que 1.211 títulos foram concedidos nos 67 anos do Império: três Duques, 47 Marqueses, 51 Condes, 235 Viscondes e 875 Barões<sup>6</sup>. Lyra (1939, p. 62-64) enfatiza o modo como se dá a presença dessa nobreza na arcaica sociedade brasileira, avaliando que:

A nobreza brasileira era muito ridicularizada, o que não é de se admirar, dado o caráter irreverente dos brasileiros. Sales Torres-Homem, ao tempo em que era apenas o panfleatório do Libelo do Povo, qualificava-a de “aristocracia de chinelos, alimentada pelo orçamento, e cujos brasões heráldicos o povo não podia contemplar sem rir”. [...] Vicente Quesada, ministro argentino nos últimos tempos do Império, chama a nossa nobreza de caricatura de aristocracia, no que ele não deixa de ter até certo ponto razão. Acentua que era uma aristocracia que não podia transmitir títulos aos filhos, nem vinculava tais títulos com propriedades territoriais, cuja renda desse brilho aos brasões. De fato, a nobreza era apenas vitalícia. Não tinha, assim, o prestígio social e político da tradição. O título se extinguía com o agraciado. O filho de um titular só se tornava nobre por seus próprios méritos, [...] ou por mera generosidade do Imperador [...]. Semelhante critério dava sem dúvida à nobiliarquia imperial um caráter acentuadamente democrático, ainda que parecesse contraditória a convergência desses dois princípios, e foi certamente uma das muitas concessões que o sentimento monárquico dos constituintes de 1823 fez ao espírito liberal e quase republicano de muitos dos estadistas da época (grifos do autor).

De modo concomitante à instauração da República, inicia-se o processo de mediação da cultura brasileira. A expressão, sugerida pelo sociólogo John Thompson (2007), caracteriza a rápida proliferação de instituições e meios de comunicação de massa, de modo que a veiculação de formas simbólicas vai paulatinamente tornando-se acessível a um grupo cada vez maior de receptores. Esta expressão gira em torno de três pressupostos básicos: a concepção simbólica de

<sup>6</sup> No que diz respeito aos títulos de ducado, por exemplo, Besouchet (1993) corrobora a opinião de Fernandes, identificando três duques titulados: Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias; Isabel Maria de Alcântara Brasileira, a Duquesa de Goiás; e Dom Augusto de Beauharnais, o Duque de Santa Cruz.

cultura enquanto “padrão de significados incorporados nas formas simbólicas, que inclui ações, manifestações verbais e objetos significativos de vários tipos, em virtude dos quais os indivíduos comunicam-se entre si e partilham suas experiências, concepções e crenças” (p. 176); a comunicação de massa enquanto “produção institucionalizada e a difusão generalizada de bens simbólicos através da transmissão e do armazenamento da informação/comunicação” (p. 288); e o desenvolvimento dos meios técnicos de fixação e transmissão, que “transformou a natureza da interação social, criou novos contextos para a ação e interação e novas arenas para a auto-apresentação e para a percepção de outros” (p. 297). Segundo o autor, as origens do processo de mediação da cultura moderna estão ligadas à emergência da indústria da imprensa e mais especificamente à circulação massiva de jornais a partir dos séculos XIX e XX (p. 219-220).

Independente das mazelas provocadas – especialmente às camadas mais pobres da população – o cenário construído e representado nas transformações do distrito federal vai repercutir o entusiasmo da modernidade alinhada com o novo capitalismo, o progresso e os ideais civilizatórios, confirmados “pelas realidades visíveis da urbanização, do crescimento econômico, da industrialização e do grande fluxo de imigrantes estrangeiros, reconfigurando o padrão demográfico e cultural do país” (SEVCENKO, 1998, p. 34). Essa euforia vai caracterizar a chamada *Belle Époque* brasileira, que se estende aproximadamente até a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), introduzindo paulatinamente novos padrões de consumo<sup>7</sup> estimulados pela nascente indústria publicitária, o periodismo dos jornais e revistas com suas ilustrações e fotografias, o culto aos esportes, em especial os aquáticos e o futebol, o surgimento da indústria fonográfica e cinematográfica, o carnaval, e fundamentalmente a presença marcante do humor paródico que media os conflitos desse contraditório caldo cultural.

Assim, a *Belle Époque* traz em si a metáfora desta industrialização unida ao entretenimento, bem como a mudança das relações de produção e consumo que desembocaria num terreno extremamente fértil para o humor que afluía na virada do século e que ditaria o tom para a geração de intelectuais que se formava nas primeiras décadas do século XX:

Contraste, estranhamento, ruptura ou criação de significados não apenas marcaram toda a variadíssima e ambivalente cultura do período conhecido como *Belle Époque*, como também estiveram presentes nas explicações mais importantes sobre a natureza do humor e do cômico no século XX. Delimitada pela segunda Revolução Industrial, que alterou radicalmente o cenário científico-tecnológico, alargando, para limites imprevistos, as fronteiras do mundo capitalista a partir da década de 1870, a *Belle Épo-*

<sup>7</sup> Para se ter uma idéia da gama de novidades que invadiam o cotidiano das pessoas, é neste período que surgem os automóveis, os transatlânticos, os aviões, o telégrafo, o telefone, a iluminação elétrica e os eletrodomésticos, os arranha-céus e seus elevadores, as escadas rolantes e os metrô, os parques de diversão, os vasos sanitários com descarga automática, o papel higiênico, a escova de dentes, o sabão em pó, os refrigerantes gasosos e a Coca-Cola, o fogão a gás, o aquecedor elétrico, o refrigerador e o sorvete, as comidas enlatadas, as cervejas engarrafadas, a aspirina, o Sonrisal e a caixa-registradora (SEVCENKO, 1998, p. 9-10).

*que* foi assim designada já com uma pontinha de ironia e humor porque, afinal, tirando as atrocidades posteriores, tristemente célebres, que viriam depois da Guerra de 1914, ela já possuía todas as características do século XX. Século da luz e da velocidade, século da síntese e da rapidez, mas também século da anedota. (SALIBA, 2002, p. 17)

A nova ordem política e a incorporação de inúmeros novos cidadãos, escravos livres e imigrantes, culminaria em uma desestabilização cultural onde o debate sobre a identidade nacional emergia a partir de discursos progressistas, principalmente entre a intelectualidade do período sob efeito de uma “ilusão republicana” (SALIBA, 2002, p.57). Ainda conforme Saliba (2002, p. 36), “o advento da República e os efeitos combinados da nova expansão européia na *Belle Époque* representaram uma esperança para essas gerações da *intelligentsia* brasileira do início do século XX”. Para o autor, é a partir desta crise identitária que se constrói a busca de uma linguagem correspondente às experiências da nova época. Fruto de toda esta instabilidade cultural e desta complicada busca, a representação humorística acaba apresentando-se importante e de notável regularidade nas três primeiras décadas do século XX. Uma representação que vai se manifestar amplamente pela paródia da expressão escrita, operando pela inversão ou transposição “tanto na representação cômica dos espaços públicos através do imaginário privado como dos espaços privados através do imaginário público” (SALIBA, 2002, p. 97).

Igualmente, Mônica Pimenta Velloso (2004) identifica este caráter captador e irradiador de culturas do Rio de Janeiro, manifesto em diferentes expressões culturais que conflitam com os esforços homogeneizadores do governo – se, de um lado, a reforma urbana tenta “embelezar” a cidade, empurrando as camadas populares para as periferias, de outro, o carnaval faz com que os populares invadam as principais ruas e avenidas da capital em reconstrução, abrindo espaço junto aos noticiários e à opinião pública. No desenrolar desta hibridização, “é inegável o interesse que a gíria do malandro exerceu sobre o grupo de artistas e de intelectuais boêmios” (VELLOSO, 2004, p. 58-61):

De formas distintas, estes intelectuais e artistas estavam empenhando os seus esforços criativos, no intuito de construir narrativas em torno de um mito fundacional: o povo. [...] Essa reinvenção das diferenças, com base na idéia de pertencimento a uma dada comunidade nacional lingüística, freqüentemente ganha particular contorno no imaginário cultural brasileiro, através do humor. [...] Reforçando a linguagem coloquial como aspecto revelador da identidade nacional brasileira, em oposição ao idioma português, ganham expressão as representações satíricas e caricaturais.

São muitos os elementos que indicam um cotidiano construído sobre um ambiente propício para o humor, elemento que, segundo Velloso (1996), é determinante para a compreensão da modernidade brasileira. Em especial, se pensarmos o seu sentido frente à dinâmica dos lugares de sociabilidade que representam o universo daqueles intelectuais cariocas, entre os quais se insere a figura de Apparácio Torelly – esta personalidade e o personagem que a representa parecem incor-

porar de modo marcante estas características, manifestando-as enfaticamente n’*A Manhã*. Trata-se de uma justaposição temporal que se alinha à modernidade demarcada pelo movimento modernista de 1922 e, como tal, é fruto de “um momento de confluência de idéias que já vinham sendo esboçadas pela dinâmica social” (VELLOSO, 1996, p. 31). Considerando-se os apontamentos de Hutcheon (1985) e Saliba (2002), são indícios que reforçam a presença do humor paródico como elemento indissociável no caldo cultural que se formava na capital federal dos anos 1920.

Entretanto, não se pode restringir a análise à euforia que representava uma parte do agitado contexto herdado por Apporelly. Quando aponta a década de 1920, o entusiasmo já começava a arrefecer e as mudanças no panorama internacional que acompanham o pós-guerra convertem-se em uma série de eventos que também passam a refletir consideravelmente no cenário nacional. A *Belle Époque* brasileira cede espaço para o acirramento da crítica ao capitalismo cosmopolita e crescem as agitações do movimento operário embalado pela Revolução de Outubro de 1917 na Rússia. Os acontecimentos colocam o socialismo no topo das pautas e preocupações, cujo marco é a fundação do Partido Comunista do Brasil em 25 de março de 1922. De qualquer forma, o tom estava dado, e as ocorrências que se sucederiam trariam um novo leque de elementos, um pouco mais de polêmica e combatividade ao que já estava consumado. Divergências à parte, uma boa dose de ludismo já estava entranhada à cultura popular brasileira e inevitavelmente continuaria perpassando todos os aspectos sociais das vidas pública e privada.

## **2.2 Um cenário para *A Manhã*: da Primeira Grande Guerra ao Estado Novo**

Alguns eventos marcam o começo dos anos 1920, estendendo-se pela década adentro e abrindo um contexto envolto em uma grande efervescência política. Segundo Fausto (2002), uma onda de greves embalada especialmente pelos anarquistas assola o país no período pós-guerra, tumultuando os últimos três anos da segunda década do século XX, especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Ao mesmo tempo, a Revolução de Outubro de 1917 na Rússia czarista anunciava rupturas entre libertários e marxistas, culminando na fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB) em 1922. Cabe ressaltar que o PCB, em um caso *sui generis* na América Latina, foi fundado por anarquistas motivados pela revolução russa, após um período de apatia no movimento operário brasileiro nos primeiros anos da década de 1920. A pressão dos movimentos operários aumentava, levando o Estado a promover certas concessões e estabelecer alguns direitos trabalhistas mínimos, como quinze dias de férias a empregados e limites para o trabalho de menores.

Em fevereiro de 1922, a Semana de Arte Moderna realizada no Teatro Municipal de São Paulo, inauguraria com uma conferência de Graça Aranha chamada “A emoção estética na arte

moderna” (SEVCENKO, 1992, p. 269). Embora o fato em si possa ser rotulado como “mais um evento entre a extensa programação de festas cívicas que aconteciam na cidade, sempre com o patrocínio do governo estadual” (SALIBA, 2002, p. 205), não deixa de representar um marco que manifesta publicamente a modernidade que vinha calcando-se na cultura nacional desde a virada do século. Velloso (1996), por exemplo, relativiza o papel de São Paulo no movimento, apontando que esses sinais de modernidade teriam ocorrido bem antes de 1922 também em outras capitais do país e “o que aconteceu de moderno na sociedade brasileira nas primeiras décadas do século é considerado uma espécie de ‘premonição dos temas de 22’” (p. 31, grifo da autora). Assim, ainda que o movimento modernista não possa ser reduzido simploriamente ao ano de 1922, também é inegável que o marco traz a reboque, ainda que não de forma estanque, uma estética que influenciaria as gerações posteriores da intelectualidade nacional: o resgate das origens, a linguagem coloquial e a paródia como recurso mediador das contradições que afloravam no seio de uma sociedade em crise identitária. É importante ressaltar também que o nacionalismo inerente ao modernismo vai dividir o movimento em duas correntes: uma identificada com a esquerda, voltada para a denúncia da realidade, encabeçada por Oswald de Andrade; outra ufanista, identificada com a extrema direita, encabeçada por Plínio Salgado<sup>8</sup> (GONÇALVES, 2008).

A política café-com-leite vigorava, revezando políticos de São Paulo e Minas Gerais na presidência. Quando o governador mineiro Artur Bernardes anunciou em 1921 a sua candidatura à presidência de 1922, o Rio Grande do Sul, sob liderança de Borges de Medeiros, uniu-se a outros estados, formando a Reação Republicana e lançando o fluminense Nilo Peçanha como candidato de oposição. O objetivo era levantar-se contra a sucessão monopolista do eixo São Paulo – Minas Gerais, cuja política valorizava o café em detrimento de um maior equilíbrio econômico, e apontar os riscos de uma revisão constitucional que limitaria consideravelmente a autonomia dos estados federados. Em paralelo à disputa eleitoral, uma carta falsa de suposta autoria de Bernardes publicada no jornal carioca *Correio da Manhã* em outubro de 1921, com ofensas aos militares, agravaria a insatisfação do exército, onde já havia desconfiança da postura antimilitar do candidato. Assim mesmo, Bernardes acabou vencendo as eleições de 1º de março de 1922, mas, como era de praxe na época, assumiria apenas no dia 15 de novembro.

Em julho do mesmo ano, eclode a revolta do Forte de Copacabana, uma resposta aos atritos que vinham ocorrendo entre militares e governo<sup>9</sup>, sob comando de um grupo de oficiais intermediários que ficaria conhecido como movimento tenentista. O levante foi derrotado,

---

<sup>8</sup> Que viria a se tornar fundador da Ação Integralista Brasileira (AIB) em outubro de 1932.

<sup>9</sup> O governo havia fechado o chamado Clube Militar após um protesto lançado por este contra a utilização intervencionista de tropas do Exército na política local de Pernambuco.

mas a resistência de 17 militares e um civil que aderiu à causa, os Dezoito do Forte – que culminou na morte de 16 deles na praia de Copacabana – criaria uma forte mítica em torno do tenentismo. O movimento reverberou em diversos setores das forças armadas, deflagrando outros levantes ao longo dos anos seguintes, como a do encouraçado São Paulo em 1924, envolvendo militares da Marinha. Em abril de 1925, eclodiu a coluna Miguel Costa-Luís Carlos Prestes<sup>10</sup>, resultante de outra revolta originada em outubro de 1924 nos quartéis do Rio Grande do Sul. Conforme Fausto (2002, p. 173), “a Coluna realizou uma incrível marcha pelo país, percorrendo cerca de 24 mil quilômetros até fevereiro/março de 1927, quando seus remanescentes deram o movimento por terminado e se internaram na Bolívia e no Paraguai”. Os componentes da Coluna Prestes nunca passaram de 1500 e, embora não tenha obtido êxito militar, o movimento também alimentou significativamente o simbolismo que o tenentismo criara entre os setores da população urbana insatisfeitos com a elite dirigente.

Em 1925, enquanto o impopular Artur Bernardes governava sob constante estado de sítio e “dura repressão para os padrões da época” (FAUSTO, 2002, p. 176), Apparício Torelly chegava ao Rio de Janeiro. No ano seguinte, o paulista de “Macaé” Washington Luís<sup>11</sup> seria eleito para a Presidência, dando seqüência à rotatividade do cargo entre Minas e São Paulo. O governo de Washington Luís foi relativamente mais tranqüilo que o de Bernardes. Porém, ao final de seu mandato, em 1929, ao romper o acordo com os mineiros e sugerir o paulista Júlio Prestes para sua sucessão, abriu precedentes para uma crise política que levaria à Revolução de 1930, iniciada em 3 de outubro. No dia 3 de novembro, o gaúcho Getúlio Dornelles Vargas assumia a presidência. Era o fim da República Velha e o início de uma nova era para o Brasil, a chamada Era Vargas.

Uma série de transformações vão distinguir a República Nova, como uma grande centralização política, economia voltada para a industrialização, maior atuação no plano social e fortalecimento das Forças Armadas. “O Estado getulista promoveu o capitalismo nacional, tendo dois suportes: no aparelho de Estado, as Forças Armadas; na sociedade, uma aliança entre a burguesia industrial e setores da classe trabalhadora urbana” (FAUSTO, 2002, p.182). Além disso, a Igreja Católica representou uma importante base de apoio e a inauguração da estátua do Cristo Redentor no Corcovado, a 12 de outubro de 1931 foi um marco simbólico dessa colaboração. A política trabalhista, que incluiu o enquadramento dos sindicatos em 1931, agia no sentido de atrair o apoio dos trabalhadores e diluir o movimento organizado. A educação foi reestruturada sob controle centralizado do Estado, estabelecendo o currículo

---

<sup>10</sup> Popularmente conhecida como Coluna Prestes.

<sup>11</sup> Washington Luís, embora tenha nascido na cidade fluminense de Macaé, construiu sua biografia política no estado de São Paulo.

seriado e criando condições para o surgimento de universidades voltadas ao ensino e à pesquisa<sup>12</sup>. A primeira fase (1930-1934) é marcada pela participação dos quadros tenentistas na política e muitos foram nomeados interventores, especialmente nos estados onde predominavam oligarquias regionais, como Nordeste e São Paulo. O Código Eleitoral de 1932 estabelecia o voto obrigatório e secreto, e estendia-se a ambos os sexos. Foi criada a Justiça Eleitoral com intuito de estabilizar as eleições e reduzir fraudes (FAUSTO, 2002; ENDERS, 2009).

Apesar dos esforços conciliatórios da política populista de Vargas, em 9 de julho de 1932 eclodiu a chamada Revolução Constitucionalista ou Guerra Paulista, fruto de uma luta pela constitucionalização e pela autonomia dos estados que havia sido perdida com a Revolução de 1930. Uma batalha que se estendeu por três meses e acabou com a rendição de São Paulo, em outubro de 1932. Em médio prazo, as pressões surtiram efeito. Em mais um ato de acomodação das estruturas políticas, o governo provisório decidiu constitucionalizar o país e, em maio de 1933, foram realizadas eleições para a Assembléia Nacional Constituinte, que promulgou a Constituição de 1934. “Ela se assemelhava à de 1891, ao estabelecer uma República federativa, mas apresentava vários aspectos novos como reflexos das mudanças ocorridas no país. O modelo inspirador era a Constituição alemã de Weimar” (FAUSTO, 2002, p. 193). No mesmo ano, Getúlio seria reeleito presidente pelo voto indireto da Assembléia Nacional Constituinte, mas seu mandato deveria durar até 1938, quando deveriam ser convocadas eleições diretas para a Presidência.

O ano de 1934 também é marcado por uma nova onda de manifestações e reivindicações por parte de operários e setores da classe média. Havia greves por todos os cantos do país, e o embate entre fascistas e antifascistas acirrou-se. No início de 1935, o governo reagiu e foi aprovada uma Lei de Segurança Nacional (LSN), a chamada Lei Monstro. A lei cerceava uma série de direitos como “a greve de funcionários públicos; a provocação de animosidade nas classes armadas; a incitação de ódio entre as classes sociais; a propaganda subversiva; a organização de associações ou partidos com o objetivo de subverter a ordem política ou social por meios não permitidos em lei” (FAUSTO, 2002, p. 197). Paralelamente, a esquerda organizava a Aliança Nacional Libertadora (ANL), sob orientação da COMINTERN, organização internacional que reunia os partidos comunistas de diversos países. A ANL seguia uma orientação mais flexível do ponto de vista social, buscando aproximar um maior número de adeptos em torno de um discurso mais voltado para a temática nacional e contra a ameaça fascista. Com isso, aproximou uma série de setores da sociedade e, em questão de três meses contava com 70 mil a 100 mil partidários. No dia 5 de julho, a publicação de um manifesto clandestino de autoria de Luís Car-

---

<sup>12</sup> São criadas em 1934 a Universidade de São Paulo (USP) e, em 1935, a Universidade do Distrito Federal (UDF).

los Prestes, pregando a derrubada do governo, criaria o pretexto adequado para o fechamento da organização. Aumentavam o número de prisões por motivos políticos.

Ao final de 1935, uma tentativa frustrada de golpe preparada pelo PCB nos moldes do tenentismo da década de 1920 seria a cartada final para o governo fechar de vez o cerco e acirrar a repressão. A Revolta Vermelha, ou “Intentona” Comunista, resultou na perseguição e prisão de inúmeras pessoas, entre elas muitos intelectuais envolvidos com a ANL, inclusive Apparício Torrelly. Foram criados órgãos específicos para a repressão e a censura, e as liberdades individuais tornaram-se ainda mais restritas. Endurecia o regime autoritário de Vargas e iniciava-se uma década de acomodação. Apporelly ficaria preso por um ano, até o final de 1936. Primeiro no navio-presídio Pedro I, ancorado na Baía da Guanabara e, depois, levado ao continente, na Casa de Detenção (FIGUEIREDO, 1987). Em 1937, deflagrava-se a ditadura do Estado Novo e o país ingressava em um longo período de obscurantismo político, que só terminaria com o término da Segunda Guerra Mundial, em 1945, quando a pressão social pela redemocratização do país forçou a retomada da liberdade de expressão e levou ao fim da dura censura que marcou o período.

### **2.3 Gênese e contexto da imprensa nos tempos de Apporelly**

As principais características da modernidade que despontam junto à República são acompanhadas pela imprensa em formação, que também passa por significativas mudanças, ampliando, a reboque, sua relevância e significação social naquele mesmo instante. Pode-se afirmar que, até a década de 1930, a imprensa escrita reinou praticamente absoluta, já que o rádio era uma recente descoberta em fase de implantação e a televisão ainda não passava de especulação científica em vias de desenvolvimento. Assim, as circunstâncias direcionavam o foco da produção artística e cultural para os periódicos que surgiam junto às tendências orientadas por um mercado em rápida expansão. Em paralelo ao crescimento urbano e populacional, profundas transformações ocorrem nas relações sociais, afetando de modo expressivo os vínculos entre produção e consumo, bem como o cotidiano dos cidadãos, envoltos na experiência em construção. Entre a chegada de D. João VI e da Corte portuguesa ao Brasil (1808) e a abolição da escravatura (1888), a população do Rio de Janeiro cresce de aproximadamente 50 mil para 300 mil habitantes. Na década seguinte já chegava a mais de 500 mil habitantes e, em 1906, atingia a marca de 800 mil habitantes (CARDOSO, 2004; ENDERS, 2009)<sup>13</sup>:

---

<sup>13</sup> Segundo Barbosa (2007), em 1900, dos mais de 600 mil habitantes, pelo menos 80% da população é analfabeta. Duas décadas depois, o Recenseamento de 1920 aponta um crescimento para 1.167.500 habitantes no distrito federal e uma significativa queda nos índices de analfabetismo: “considera-se letrada 74,2% da população maior de 15 anos” (p. 57).

Esse aumento da quantidade de indivíduos vivendo em um pequeno espaço ocasionou transformações profundas na natureza das relações entre eles. As pessoas começavam a se deslocar de casa para o trabalho, viajando na companhia de estranhos em transportes como ônibus e o bonde, característicos da nova experiência urbana. O trabalho assalariado também colocava ao alcance de um público maior possibilidades até então restritas a pequenas elites. Com as economias de eventuais sobras de salário, aumentava o número absoluto de pessoas capazes de consumir mais do que apenas os gêneros de primeira necessidade e, concomitantemente, ampliavam-se as opções de consumo nas faixas médias e baixa do mercado. Entre as mercadorias cujo consumo mais se expandiu no século XIX estão os impressos de todas as espécies, pois a difusão da alfabetização nos centros urbanos propiciou um verdadeiro *boom* do público leitor. O anseio de ocupar os momentos de folga deu origem à outra invenção da era moderna: o conceito de lazer popular, que se desenvolveu em estreita aliança com a abertura de uma infra-estrutura cívica composta por museus, teatros, locais de exposição, parques e jardins. Não por acaso, consumo e lazer acabaram por se fundir durante o século XIX, culminando no animado espetáculo das grandes lojas de departamento (CARDOSO, 2004, p. 38-39).

Frente à paulatina diversificação do público leitor no Brasil transitório entre os séculos XIX e XX, assim como às transformações tecnológicas e socioculturais apontadas, dilemas comunicacionais se estabelecem, apontando um fértil terreno para os meios impressos em franca expansão. O desenvolvimento dos meios técnicos termina por refletir no âmbito econômico, barateando os custos da produção de impressos. O papel passa a ser produzido em grande quantidade; a tipografia evolui e diversificam-se os tipos; a prensa cilíndrica desenvolve-se, possibilitando tiragens maiores e cada vez mais qualificadas; e, com a litografia e a gravura em metal, imagens passam a ser impressas em larga escala e a custos bem menores. Pode-se ainda citar os avanços da fotografia a partir do final do século XIX, o surgimento das histórias em quadrinhos, assim como o desenvolvimento de uma cultura visual que seria determinante para a popularização dessas publicações. Afinal, mesmo com a difusão da alfabetização, não se pode desconsiderar a grande quantidade de iletrados, de modo que as condições de consumo dos impressos ainda eram limitadas pela falta de suporte social<sup>14</sup>. No mesmo sentido, os elementos imagéticos tornam-se determinantes para o progresso da imprensa brasileira, em especial quando esta realidade é comparada à Europa e aos Estados Unidos, onde, diferentemente, já se encontrava “um público leitor urbano, com níveis de renda e de instrução condizentes com o consumo regular de impressos” (CARDOSO, 2004, p. 46).

Neste vasto e complexo cenário que marca o período em questão, a expansão da chamada grande imprensa é um detalhe à parte, porém digno de destaque frente à importância que detém no andamento das sociedades modernas, representando um eixo determinante no alvorecer da era da comunicação de massa. O fenômeno, que tem suas raízes ligadas ao surgimento da imprensa na Europa do século XVII e consecutiva expansão para

<sup>14</sup> Marialva Barbosa (2000, p. 184-185) aponta a oralidade como uma das formas que mais ajudou na difusão do conteúdo dos periódicos: “A leitura em voz alta [...] coloca em evidência uma sociabilidade particular. [...] Os jornais têm, seguramente, mais ouvintes do que leitores e são, certamente, mais ouvidos e vistos do que lidos”.

os Estados Unidos e América Latina no século XVIII, vai sendo construído a partir das experiências que ocorrem junto às tendências comuns nas sociedades onde se evidencia<sup>15</sup> (ALBERT; TERROU, 1990; MELO, 2003; RIBEIRO; HERSCHMANN, 2008). No Brasil, este processo começa a desenvolver-se tardiamente, apenas no início do século XIX, após a chegada da Corte portuguesa que fugia à invasão napoleônica na Europa (ROMANCINI; LAGO, 2007)<sup>16</sup>. Ao longo deste século, predominou o caráter artesanal, de cunho doutrinário, “chapa-branca”, o pasquim, o literário e o opinativo, e as feições da grande imprensa começam a manifestar-se mais enfaticamente com a aproximação do século XX (SODRÉ, 1999; MARTINS; DE LUCA, 2008).

Em meio a esse ambiente de inquietações, esta grande imprensa estabelece um movimento concomitante a partir do qual começa a definir-se e consolidar-se uma nova linguagem, voltada a públicos mais amplos, informativa e distinta da literatura à qual se misturava até o início do século XX. Fatos e opiniões começam a ser separados, seguindo uma nova linha que se constrói sob influência da perspectiva positivista, focada na observação, e do ideário iluminista, sustentado no progresso e esclarecimento humanos (TRAQUINA, 1993). Ficaria para as chamadas revistas ilustradas a missão de oferecer maior “oferta de lazer, tendo em vista os diferentes segmentos sociais”, atendendo a “interesses diversos, não apenas como mercadorias, mas ainda como veículos de divulgação de valores, idéias e interesses” (COHEN, 2008, p. 105). A publicidade passa a ser fonte essencial de recursos, ampliam-se os sistemas de assinaturas, a organização interna começa a exigir uma ampla gama de competências em função da divisão do trabalho e especialização na produção de publicações.

Tais acontecimentos que embalavam a sociedade brasileira eram fruto de um processo já em andamento na Europa e nos Estados Unidos e refletem, ainda que tardiamente, os resultados de tendências que avançavam de modo semelhante nestes espaços. Era, por assim dizer, um despertar que emergia junto aos marcantes fenômenos deste momento histórico, inegavelmente associados à expansão da comunicação de massa, no período em que a imprensa era o expoente hegemônico do processo (THOMPSON, 2007). A grande imprensa definitivamente abria espaço para as bases de uma linguagem, seus parâmetros e seu papel social junto ao processo de modernização que marcou o início do século XX:

---

<sup>15</sup> Respeitando-se as devidas distinções sócio-culturais que estabelecem diferenças em cada realidade, especialmente no que diz respeito aos aspectos temporais dessas ocorrências e conseqüentes variações nos momentos em que se manifestam.

<sup>16</sup> Cabe ressaltar que na primeira metade do século XVIII, países como Peru (1715), México (1722) e Guatemala (1729) já possuíam imprensa (MELO, 2003).

[...] a imprensa estava também consolidada, a de caráter artesanal subsistia no interior, nas pequenas cidades, nas folhas semanais feitas em tipografias, pelos velhos processos e servindo às lutas locais, geralmente virulentas; nas capitais já não havia lugar para esse tipo de imprensa, nelas o jornal ingressara, efetiva e definitivamente, na fase industrial, era agora empresa, grande ou pequena, mas com estrutura comercial inequívoca. Vendia-se informação como se vendia outra qualquer mercadoria. E a sociedade urbana necessitava de informação para tudo, desde o trabalho até a diversão (SODRÉ, 1999, p. 275).

### 2.3.1 *O pasquim: uma representatividade expressiva da imprensa artesanal*

Antes de prosseguir com a grande imprensa em construção na modernidade do século XX, é preciso voltar um pouco no tempo e abrir também um espaço para uma reflexão sobre a imprensa de caráter artesanal apontada por Sodré. Afinal, é neste legado que se podem encontrar contrapontos e marcas de uma prática que, em certa medida, permanece e pode ser identificada não apenas em periódicos como *A Manhã*. Mas também na própria grande imprensa, lugar em que a linguagem virulenta, comum aos pasquins que a antecederam, preserva-se através dos violentos ataques políticos e pessoais publicados nos grandes jornais diários. Aliás, esta imprensa artesanal, cujas características marcam a “infância da imprensa brasileira, talvez a sua turbulenta adolescência” (SODRÉ, 1999, p. 180), não diz respeito simplesmente à apropriação de aspectos diluídos na produção da grande imprensa. Na prática, ela acaba marcando uma “continuidade da descontinuidade, [...] que se opõe à pretensão hegemônica da imprensa de espírito oligarca e ideologia liberal” (AGUIAR, 2008, p. 235). São traços profundamente arraigados na construção histórica que se sucede, permanecendo na imprensa proletária que despontou nas primeiras décadas do século XX (SODRÉ, 1999), e chegando vivos aos periódicos “nanicos” que se somaram à resistência nos anos de chumbo da ditadura militar de 1964 (AGUIAR, 2008).

Os pasquins são uma espécie de embrião da imprensa independente, e suas características carregam as mais elementares peculiaridades da imprensa artesanal. Esse tipo de impresso surgiu após a independência do Brasil, entre o período da Regência e o fim da primeira metade do século XIX, período de nacionalismo exacerbado e total negação da dominação portuguesa, em decorrência do afastamento do imperador e da conseqüente ascensão liberal. O auge se dá no período que vai de 1830 a 1833, quando “os pasquins multiplicaram-se assustadoramente, em afloração sem perfume, sem a menor dúvida, quando se misturavam a violência da linguagem impressa e a violência física dos atentados pessoais” (SODRÉ, 1999, p. 163). As causas do surgimento do pasquim no Brasil não estiveram condicionadas a fatores ligados apenas à expansão da imprensa em si mesma, mas também àqueles ligadas ao meio, ao tempo e à cultura do período.

Operavam no plano da injúria, do insulto e da difamação. A ausência de educação mínima à grande maioria da população, onde o analfabetismo predominava e as questões públicas eram

compreendidas por poucos, “a única linguagem que todos compreendiam era mesmo o da injúria” (SODRÉ, 1999, p. 157). Porém, cabe ressaltar que esta linguagem que invadia a vida particular não era um padrão exclusivo do pasquim, tampouco sua única característica. Entretanto, o pasquim retratou fielmente e também caricaturalmente o momento histórico em que se proliferou com mais afinco, pois deformou algumas características deste âmbito espaço-temporal para acentuá-las, mas sem distanciar-se da realidade que o gerou. A tendência era ampliar as pequenas questões, tornar público o privado e pessoalizar controvérsias políticas, esboçando inversões que ditavam, de um modo geral, um tom paródico às suas manifestações. As técnicas nos pasquins apresentavam as características formais da imprensa daquela época, ainda então nos seus primeiros passos no país. Não havia venda nas ruas, sendo esta realizada em tipografias e lojas de livros indicadas, em forma de exemplares isolados ou, então, por assinatura. O título normalmente referia-se a pessoas, acontecimentos, coisas de interesse notório do momento, ou então, aludia disfarçadamente a algum destes. Tratava-se de um jornal de um só assunto, com uma folha, uma espécie de panfleto lançado ao público, com um tema, uma pessoa, um acontecimento que o inspirava, “a fonte de que lhe provinha a força, para apoiar ou contraditar” (SODRÉ, 1999, p.159).

As características dos pasquins também incluem as epígrafes, que anunciavam seus propósitos, o programa e o motivo da sua publicação, versos, retirados de obras de autores conhecidos, como Camões, ou, então, de discursos, conferências, trabalhos políticos, ou da própria Constituição. Não tinham periodicidade e, em geral, eram publicações de vida efêmera e irregulares. Muitos não passavam do primeiro número. Outro traço marcante dos pasquins é o fato de serem normalmente produtos de uma só pessoa, que servindo a interesses próprios ou obedecendo a ordens, escrevia o jornal inteiro. Normalmente não traziam o nome do redator, pois os autores preferiam manter-se no anonimato, e boa parte disfarçava-se sob pseudônimos. Estes pseudônimos e apelidos acabaram por tornar a linguagem do pasquim peculiar, por incompreensível que era, sendo só entendida depois de pesquisas detalhadas, tamanha era a quantidade de nomes alterados, de referências indiretas ou de alusões maliciosas. Eram utilizados apelidos ridicularizadores e indelicados, muitas vezes indecentes. Já os pseudônimos sugeriam intenções patrióticas e interesse pelo bem comum. Sodré (1999, p. 180) sintetiza a presença dessas publicações, cujas características revelam peculiaridades do ambiente brasileiro e conservam

[...] o conteúdo democrático que constitui o seu traço mais admirável. Sua forma plebéia desperta, naturalmente, aversão à inteligência de timbre aristocrático que o julga e condena. A referida forma traduz [...] o que a época tinha de melhor, de mais expressivo, de mais genuíno, de mais popular, de mais democrático. Corresponde, por outro lado, ao período artesanal, em que era possível alguém fazer um jornal sozinho.

### 2.3.2 Nuanças de um império em construção: primórdios da imprensa empresarial

As primeiras décadas do século XX marcam o esforço em estabelecer um público em potencial, de modo que as publicações tentam se adaptar ao gosto dos leitores que se formavam junto às transformações que marcam o período. Um novo tipo de jornalismo estava sendo construído, e a disputa por um mercado em franca expansão torna-se cada vez mais intensa. Os periódicos, jornais e revistas, buscavam unificar “os vários discursos da sociedade, em busca de um ideal de progresso e civilização” (BARBOSA, 2000, p. 2), acompanhando o ritmo frenético que se impunha junto ao ideário republicano. A imprensa concentra-se cada vez mais e passa a buscar modelos estrangeiros. Inúmeros títulos de menor expressão desaparecem e a organização em moldes empresariais começa a propiciar uma vida mais longa aos periódicos. Surgem as grandes fotografias na primeira página, multiplicam-se as ilustrações, com destaque para as caricaturas, busca-se uma aproximação com grupos populares através da ênfase nos temas quotidianos, seja através dos folhetins, seja através das matérias policiais – tragédias e catástrofes passam a ganhar cada vez mais importância entre os assuntos abordados, e o ineditismo, materializado na busca de “furos” jornalísticos, passa a ser disputado na ânsia de trazer a notícia a público antes dos concorrentes:

Todos os grandes jornais da cidade [Rio de Janeiro] inauguram a nova fórmula de fazer jornal: jornal barato, jornal com notícias informativas de última hora, jornal que valoriza as ilustrações, jornal com menos textos e mais recursos que prendessem a atenção do leitor (BARBOSA, 2000, p. 6)<sup>17</sup>.

Dentro das novas estratégias, a busca de uma pretensa neutralidade é um aspecto marcante. Os artigos informativos passam a ser separados dos opinativos, em um esforço para ampliar o público leitor, pois o lucro passa a ser fator determinante. Todavia, muitos dependiam de colaborações financeiras do poder público e a maior parte dos jornais aceitava subsídios do governo, mesmo quando declaravam autonomia política em suas páginas. *O Paiz*, por exemplo, foi nitidamente governista ao longo de toda a sua existência. Já *Correio da Manhã* construiu sua história como um jornal de oposição, defensor das causas do povo. Mas, de um modo geral, “a independência dos jornais existe apenas como discurso memorável construído pelos próprios jornalistas” (BARBOSA, 2007, p. 85). Os chamados “independentes”, como *A Noite* e o *Correio da Manhã*, eram considerados mais populares e conseqüentemente vendiam mais, enquanto aqueles que tinham um caráter mais oficioso, como *O Paiz* e o *Jornal do Commercio*, careciam de leitores. Em

---

<sup>17</sup> Nesse sentido, cabe ressaltar que, em paralelo à venda barata, às assinaturas e aos anúncios com preços reduzidos, era introduzida a prática de oferecer promoções, brindes e cupons de descontos que podiam ser trocados por mercadorias ou serviços em farmácias, chapelarias, padarias, papelarias, hotéis, restaurantes e cinematógrafos. Podia-se ganhar – ou adquirir por preços menores – desde livros (atlas, romances, almanaques...), sabonetes, ingressos para assistir algum filme ou até mesmo um vidro de xarope Bromil. Alguns ofereciam prêmios mais vultosos, como automóveis, máquinas de costura, relógios e seguros de vida a quem, por exemplo, estivesse de posse do jornal promotor em um determinado local ou momento de um sinistro noticioso (BARBOSA, 2000).

alguns casos, a demanda de alguns jornais era tanta, que era comum a produção de sucessivas edições diárias. Os chamados vespertinos eram lançados no decorrer da tarde, trazendo as novidades que surgiam ao longo do dia. A distribuição dava-se através do sistema de assinaturas, que utilizava os serviços do Correio, ou da venda avulsa, neste caso através dos vendedores que gritavam os nomes dos grandes jornais nas ruas, ou nos pontos fixos denominados quiosques.

Segundo Barbosa (2007), nos anos 20, releva-se uma imprensa com conotação fortemente sensacionalista, com destaque para *A Manhã* e *A Crítica*, ambos fundados por Mário Rodrigues. Novas agências de notícias passam a figurar neste cenário e amplia-se a atenção para as notícias internacionais, principalmente da Europa e Estados Unidos. Além disso, a proliferação da publicidade profissional introduz um novo mote a ser explorado. A partir dos anos 1930, novas e complexas relações de poder são estabelecidas. O público passa cada vez mais a ser visto como massa, e a construção de um ideal de nação vai determinar um direcionamento político sob influência do pensamento autoritário europeu, especialmente o nacional-socialismo alemão e o fascismo italiano, que vai interferir dramaticamente na produção da grande imprensa da época:

Caberia ao governo, através de múltiplos aparelhos burocráticos criados no período e com o concurso de intelectuais orgânicos dos grupos dirigentes, desempenhar funções cada vez mais complexas, inclusive a de dar orientação ao povo, massa amorfa e indiferenciada. Paralelamente, apresenta-se a necessidade de difundir conhecimentos e noções elementares e, assim, torna-se fundamental o papel dos intelectuais e dos veículos de difusão, isto é, a imprensa (BARBOSA, 2007, p. 105).

Assim, o Estado ampliava cada vez mais seu espaço de divulgação, seja por alinhamento político, suborno ou coerção<sup>18</sup>, enquanto o leitor era cada vez mais limitado à condição de mero espectador:

Podemos dizer que a proliferação de novos tipos de conteúdo na mídia do período diz respeito a uma exigência do público que procurará cada vez mais na fantasia e na emoção de personagens mitificados a expressão de seu rosto silenciado. Ao se ver apartado da discussão política, mostrará a sua face nas colunas que enfocam o entretenimento e nas notícias que envolvem os dramas do cotidiano (BARBOSA, 2007, p. 109).

Outra questão importante a ser abordada para o estudo aqui proposto, dentro dos aspectos gerais que marcavam os grandes jornais da imprensa em construção, diz respeito à divisão hierarquicamente organizada do trabalho e a relação entre as folhas e seus dirigentes, que, em função da posição social privilegiada que assumiam, são caracterizados por alguns autores como “Barões da Imprensa” (BARBOSA, 2007). Antes de tudo, cabe frisar que a propriedade de

---

<sup>18</sup> Aliás, a censura é uma prática que ronda a imprensa desde os seus primórdios. No caso da Era Vargas, a inovação ficou por conta da criação de um órgão destinado especificamente ao controle da informação. O famigerado DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) é fruto de um processo iniciado nos primórdios da Revolução de 30, com a criação do Departamento Oficial de Publicidade (DOP) em 1931. O DOP é substituído pelo Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC) em 1934 e, após o golpe de novembro de 1937, é instalado nas dependências do Palácio Tiradentes, que ironicamente havia sido sede da Câmara dos Deputados. Em 1938, o DPDC transforma-se no DNC, Departamento Nacional de Cultura, sendo novamente reorganizado ao final de 1939, quando se transforma no DIP (DE LUCA, 2008).

um jornal assim como os cargos de maior relevância na direção dos periódicos associava-se de forma estreita aos poderes públicos, de modo que ser dono ou dirigente de um jornal representava um passo para o ingresso na política ou na diplomacia. Conforme Barbosa (2000, p. 59):

quando isso não ocorre, invariavelmente ocupam uma posição de prestígio junto ao poder, sendo intermediários de negócios vultuosos, conselheiros ministeriais ou representantes do governo junto a organismos internacionais. Tornam-se, pois, porta-vozes oficiais do próprio poder.

Se por um lado representava uma porta de acesso direto ao poder, por outro propiciava um enorme poder de barganha, ao atribuir-se o papel de defensor da verdade, da imparcialidade, de porta-voz das causas nacionais. Como uma espécie de fiscal das ações públicas, “o jornal é capaz de derrubar ministros, promover campanhas, influenciar elites e disseminar conceitos e formas de pensar entre o restante da população” (BARBOSA, 2000, p. 62). Tratava-se de uma mítica que acabava transferindo-se aos jornalistas que trabalhavam nestes periódicos, já que propiciava certa visibilidade e respeitabilidade pública que poderiam também render um bom emprego, ou resultar em projeção no meio literário, ou até mesmo trazer um pouco de prestígio entre a boemia da época. De um modo geral, os salários eram péssimos, e muitos trabalhavam sem remuneração. Buscava-se certa distinção que abrisse portas para trabalhar na administração pública, onde os salários eram mais atraentes. Conforme aponta Barbosa (2007, p. 90), “ter um emprego público é a aspiração primeira. Ocupar um lugar na política, a aspiração máxima”.

Já nos primeiros anos do século XX os grandes jornais empregavam centenas de pessoas, entre redatores, repórteres, revisores, compositores, impressores, encarregados pela distribuição e expedição, cobradores, agentes comerciais, ilustradores, fotógrafos, correspondentes e serventes, para citar alguns. A organização da produção, em geral, seguia o estilo francês, de modo que não havia divisões por editorias, e o redator-chefe<sup>19</sup>, que era uma espécie de comandante do jornal, lia todas as matérias importantes e orientava o produto final. No topo da hierarquia estava o diretor do jornal, que em muitos casos era também o proprietário do veículo, seguido pelo redator-chefe, secretário, subsecretário, redatores, repórteres e revisores, estes dois últimos normalmente exercidos por jovens estudantes em início de carreira, enquanto os cargos superiores geralmente eram ocupados pelos mais experientes. Havia também a figura dos colaboradores, políticos, profissionais liberais ou literatos em busca de notoriedade, muitos deles trabalhando sem remuneração<sup>20</sup>. Segundo Barbosa (2000, p. 55), a maior parte dos dirigentes das grandes folhas eram “oriundos de

<sup>19</sup> Também identificado como chefe de redação, editor-chefe ou diretor de redação.

<sup>20</sup> Nessa estrutura, imperavam as relações bajulatórias, de modo que era comum aos periódicos acompanharem a vida social do proprietário, diretor ou redator-chefe, publicando, por exemplo, artigos adulcosos na data dos aniversários destes. Lima Barreto já ironizava tais relações em seu célebre *Recordações do escrívão Isaias Caminha*, publicado em 1909, e Luís Edmundo (apud Sodré, 1999, p. 282) retratou este comportamento nos periódicos da época como o “tempo do soneto na primeira página, dedicado ao diretor ou ao redator principal da folha”.

famílias abastadas, ligadas aos grupos agrários dominantes no cenário do Império ou filhos de pais advogados, engenheiros, médicos”, que ocupavam altos cargos na burocracia estatal. A quase totalidade destes dirigentes é advogado de formação, profissão que, aliás, era também a mais comum entre os jornalistas com curso superior.

No ritual de ostentação da grande imprensa, os prédios e instalações dos jornais eram um detalhe à parte, os quais eram divulgados com orgulho nas páginas dos diários. Situados normalmente nos arredores da Avenida Central<sup>21</sup>, a proximidade física das redações e a localização em torno do coração da cidade também demarcavam simbolicamente territórios de poder e aproximação com os leitores. Em meio ao afã da modernização e da urbanização que acompanhavam o ideário progressista, os jornais faziam de suas sedes e maquinários parte da disputa que se estabelecia na luta pela conquista da esfera pública:

“Parece uma necessidade nossa, uma necessidade da indústria, que em nossos dias é o jornal, e que tem de acompanhar, numa união indissolúvel, a sociedade cuja vida reflete o próprio meio físico em que se elabora”, diz O Paiz, no instante em que lança a pedra fundamental do seu novo edifício na Av. Central, ocupando uma área de 850 m<sup>2</sup> e com quatro pavimentos (BARBOSA, 2000, p. 170).

No mesmo período, em meados da primeira década do século XX, o *Jornal do Commercio* e o *Jornal do Brasil* também se mudam para a Avenida Central. O prédio do *Jornal do Commercio* tinha sete pavimentos, computando uma área total de 1.076 m<sup>2</sup>. Mas o exemplo mais marcante nesse sentido é o opulento edifício do vespertino *A Noite*, construído na Praça Mauá, na ponta norte da já então Avenida Rio Branco. Inaugurado no final da década de 1920 e exibindo os seus 22 andares em estilo *art déco*, foi a maior construção estruturada em concreto armado na época, um opulento arranha-céu que se tornou a sensação do momento. Igualmente, era feito espalhafato a cada tecnologia ou novidade incorporada à empresa: linotipos que substituíam o trabalho de 12 das antigas composições manuais, impressoras que rodavam milhares de exemplares por hora, máquinas fotográficas, sistemas de impressão em cores, a introdução de serviços telegráficos e de agências noticiosas<sup>22</sup>, o telefone e a máquina de escrever, tudo ia sendo assimilado pela imprensa, que noticiava com grandiloquência as inovações que surgiam (BARBOSA, 2000; 2007).

<sup>21</sup> A Av. Central passa a se chamar Rio Branco a partir de 1912 (ENDERS, 2009).

<sup>22</sup> Entre as quais se destacavam a francesa Havas (1835), as americanas Associated Press (1848) e United Press International (1909), a inglesa Reuters (1849) e a peculiar Agência Americana, a primeira agência de notícias brasileira, fundada por Cásper Líbero em 1913 na cidade de São Paulo (BAHIA, 2009a). Pouca informação se tem sobre esta agência, sabe-se apenas que o projeto não obteve sucesso, mas deixou sementes. A primeira agência de notícias nacional de sucesso foi a Meridional, fundada por Assis Chateaubriand em 1931. Durante muito tempo, a Meridional distribuiu conteúdos nacionais e internacionais para diversos jornais do país.

Ao redor dos prédios, os leitores ficavam atentos a cada edição com as últimas notícias fixadas nas portas dos jornais ou nos placares de informação, que surgiram em 1913 no Rio de Janeiro<sup>23</sup>. Conchavos à parte, aquele público via na imprensa não apenas uma forma de adquirir conhecimento, mas de se divertir e participar, ainda que indiretamente, das polêmicas públicas, em uma relação que oscilava entre a fantasia e a realidade dos fatos. Grupos carnavalescos tinham o hábito de visitar as redações, prestando homenagens a repórteres e redatores; reclamações pessoais e coletivas eram levadas a alguns desses periódicos<sup>24</sup>, na busca de intermediação para soluções e/ou publicidade para as causas reivindicadas: “o jornal não apenas intermedia as reclamações, como também se arvora o papel de dar voz àqueles que, em princípio, não podem tê-la” (BARBOSA, 2000, p. 215).

Segundo Bahia (2009a), cada vez mais leitores aproximavam-se dos jornais e revistas, e o auge desse fenômeno dá-se a ao longo da década de 1920, sendo a imprensa o meio de comunicação predileto da época. O rádio, embora tenha surgido nesse mesmo período, só começaria a realmente popularizar-se em meados da década de 1930, com a chamada *Era de Ouro do Rádio* – o custo altíssimo dos aparelhos e as dificuldades técnicas associadas à adaptação da nova tecnologia dificultavam a sua inserção. “O livro, por sua vez, de produção incipiente e cara, não saiu da sua torre” (BAHIA, 2009a, p. 160). As notícias faziam parte dos comentários que movimentam os rituais de sociabilidade e intimavam o leitor à ação: “O jornal é lido nos bondes, nos trens, no horário do almoço, nas idas e vindas de casa para o trabalho e vice-versa. É lido ao ar livre, nas ruas, preso nos muros e postes” (BARBOSA, 2007, p. 62). Assim, no cenário encontrado por Apporelly no Rio de Janeiro da época, a imprensa reinava hegemônica.

### 2.3.3 O reino da grande imprensa no Rio de Janeiro dos anos 1920-1930

No final de 1921, a crise na sucessão presidencial de Artur Bernardes provocada pelas cartas forjadas por Pedro Burlamáqui e Oldemar Lacerda movimentou o noticiário da imprensa, caracterizando uma das maiores campanhas difamatória da história brasileira. Os acontecimentos, encabeçados por dois grandes jornais do Rio naquele momento, o *Correio da Manhã* e o

<sup>23</sup> Inicialmente, uma bandeira era hasteada na sede do jornal para anunciar cada nova edição. A prática foi substituída por uma sirene, para depois dar lugar ao chamado placar de informações. No começo, os placares de informação eram pequenos mostruários envidraçados com recortes e despachos telegráficos com as notícias da última edição do dia, para posteriormente serem substituídos por grandes tabuletas penduradas nas fachadas dos jornais com um resumo dos últimos fatos, fotografias, títulos e manchetes de comunicados nacionais e internacionais. A partir dos anos 1920, são introduzidos efeitos eletrônicos e luminosos, e o placar resiste como um tradicional meio auxiliar da imprensa até a proliferação e vulgarização do rádio e da TV (DE LUCA, 2008; BAHIA, 2009a, p. 160).

<sup>24</sup> As reclamações coletivas incluíam, por exemplo, o mau funcionamento de serviços, como saneamento, transporte coletivo e fornecimento de água, ou questões envolvendo causas trabalhistas, como atrasos de pagamentos, baixas remunerações e reivindicações de alguma greve (BARBOSA, 2000).

*Jornal*, não só evidenciavam a força política da imprensa, como também confirmavam a relevância da sua participação no cenário nacional. Após a Primeira Grande Guerra, o processo de industrialização da imprensa acirra ainda mais suas feições empresariais<sup>25</sup>, e o público dos jornais segue ampliando-se, embora ainda fosse constituído, em boa parte, pela classe média em ascensão, que vinha acumulando crescente eminência política na sociedade brasileira. A venda avulsa tinha mais peso que a publicidade, e um grande jornal era aquele que tinha uma grande tiragem (SODRÉ, 1999, p. 355-359). Embora a virulência típica da imprensa política permanecesse e o nariz de cera<sup>26</sup> fosse comum, o caráter informativo seguia moldando o jornalismo brasileiro, estabelecendo um estilo que passava a vigorar como uma espécie de padrão:

Tais alterações serão introduzidas lentamente, mas acentuam-se sempre: a tendência ao declínio do folhetim, substituído pelo colunismo e, pouco a pouco, pela reportagem; a tendência para a entrevista, substituindo o simples artigo político; a tendência para o predomínio da informação sobre a doutrinação; o aparecimento de temas antes tratados como secundários, avultando agora, e ocupando espaço cada vez maior, os policiais com destaque, mas também os esportivos e até os mundanos. Aos homens de letras, a imprensa impõe agora que escrevam menos colaborações assinadas sobre assuntos de interesse restrito do que o esforço para se colocarem em condições de redigir objetivamente reportagens, entrevistas, notícias (SODRÉ, 1999, p. 296-297).

Durante a década de 1920, em torno de 800 periódicos circularam no Rio de Janeiro, sendo que a grande maioria era de vida efêmera, não chegando a 50 edições (BARBOSA, 2007). No final da década, a capital fluminense contava com 19 jornais diários, uma série de revistas semanais<sup>27</sup> e o primeiro conglomerado de mídia brasileiro, o *Diários Associados*.

<sup>25</sup> Fonseca (2008) desenvolve uma análise a partir das distintas periodizações em diversos autores que abordaram a historiografia da imprensa brasileira – nesse sentido, é importante esclarecer que as empresas jornalísticas da primeira metade do século XX ainda operavam sob uma lógica empresarial transitória, em que o jornal ainda não estava totalmente submetido às determinações da empresa. Embora já existisse um caráter comercial que reunia diversas características da chamada imprensa de indústria cultural (a partir do final da década de 1950), o jornal ainda prevalecia sobre a empresa, de modo que “sua vinculação a causas e a projetos políticos, não é, portanto, especificidade do jornalismo da época, mas contingência do estágio pré-capitalista do Brasil naquele momento” (p. 108-109).

<sup>26</sup> Expressão com a qual se denominavam os parágrafos iniciais rebuscados e normalmente de cunho moralista que antecediam o corpo das matérias. Foi comum na imprensa brasileira até os anos 1950, quando o lide passa a ser utilizado e torna-se um padrão para o jornalismo praticado nas grandes empresas de comunicação.

<sup>27</sup> No período citado, a *Revista do Brasil* foi uma marca das transformações que iam segmentando jornalismo e literatura em jornais e revistas respectivamente, embora não de modo estanque. Abordando diversos temas envolvendo conhecimento geral, desde artes até economia, esta publicação adotava uma linha editorial voltada para “a identidade nacional e a projeção de fórmulas de ordenamento social” (COHEN, 2008, p. 109). A revista foi comprada por Monteiro Lobato em 1918, que inovou os métodos de venda ao introduzir um sistema de distribuição com abrangência nacional, vendendo a publicação em farmácias, bazares e papelarias. Na medida em que formavam um universo à parte no reino da imprensa, as revistas diversificavam-se: ilustradas, genéricas, femininas, de cultura. A vanguarda modernista de 1922 valeu-se deste gênero para divulgar as idéias e a nova estética que propunham. A revista *Klaxon*, por exemplo, foi um dos mais significativos periódicos deste movimento. Lançada entre maio de 1922 e janeiro de 1923, teve oito edições e reuniu nomes como Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, Mário de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda e outros. Diversas revistas marcaram época no Brasil, como *O Malho* (1902), *O Tico-Tico* (1905), *Fon-Fon* (1907) e *Careta* (1908), atravessando décadas no mercado – para se ter uma idéia, *Fon-Fon* sobreviveu até 1945 e *O Tico-Tico* até 1962. Vale destacar também a famosa *O Cruzeiro*, lançada por Assis Chateaubriand em outubro de 1928. Com uma tiragem inicial de 50 mil exemplares, foi um marco na história do jornalismo brasileiro (PIMENTEL, 2004).

Entre estes periódicos, podemos destacar alguns jornais que marcaram presença no cenário do período estudado, e que, de certa forma, estabeleceram vínculos significativos com o nosso objeto de estudo. Seja através das personalidades que se projetaram em seus quadros funcionais, parte relevante do círculo de relações pessoais de Apparício Torelly; seja fornecendo seus espaços físicos e maquinários para a realização d'A *Manha*; seja, ainda, participando os acontecimentos e conseqüentemente fornecendo a matéria prima para a paródia jornalística de Apporelly. Sendo assim, as trajetórias destes jornais não apenas exemplificam, mas denotam, em si, aspectos essenciais da grande imprensa de então e, por consequência, são parte elementar para a interpretação dos significados na obra aqui estudada.

Por isso, inicialmente será realizado um resgate de parte relevante do percurso destes diários, enquanto estruturas fundamentais do processo social no qual *A Manha* estava inserida. Entre os grandes jornais que atravessaram os anos 1920-30 e que, direta ou indiretamente, muniram Apparício Torelly, destacam-se, por ordem cronológica de fundação: *Jornal do Commercio* (1827), *O Paiz* (1884), *Jornal do Brasil* (1891), *Correio da Manhã* (1901), *A Noite* (1911), *O Jornal* (1919), *Diário da Noite* (1925), *O Globo* (1925), *A Manhã* (1925), *Diário Carioca* (1928) e *Diário de Notícias* (1930). Buscar-se-á demarcar, a partir desta amostra historiográfica, algumas características essenciais desta imprensa, valorizando-se especialmente o âmbito institucional sobre o qual foi construída. Posteriormente, tais aspectos serão confrontados com alguns importantes pressupostos oriundos dos estudos e teorias sobre jornalismo. Pretende-se, assim, conformar um modelo esquemático para a identificação dos elementos intrínsecos e comuns à linguagem da grande imprensa da época, que permitam determinar a dimensão da relação estabelecida na esfera simbólica da paródia sobre a qual se alicerça o objeto de estudo, tal qual proposto nos objetivos desta pesquisa.

Fundado em 1827 pelo francês Pierre Plancher para ser “um órgão de informações comerciais e marítimas, noticiando as chegadas e saídas de navios, compras e vendas de escravos, etc.” (RIBEIRO, 2007, p. 85), o *Jornal do Commercio* logo passou a acrescentar informações políticas e literárias em seu conteúdo, aliando técnicas e padrões de qualidade do jornalismo francês, que estabeleceram parâmetros para toda a imprensa da época. Em 1835, o jornal foi vendido a outro francês, Junius Villeneuve, e, em agosto de 1841, passa a publicar os atos do governo, estabelecendo uma relação que vai marcar a história do periódico. Ao longo de sua trajetória, pelo menos até o período proposto neste trabalho (década de 1930), o *Jornal do Commercio* manteve uma feição conservadora e apoiou quem estava no poder. Entretanto, e por exceção, posicionou-se ao lado da Aliança Liberal e da insurreição que culminou na Revolução de 1930 (SODRÉ, 1999; BARBOSA, 2007).

Sob orientação do grupo comandado por José Carlos Rodrigues, que adquiriu o jornal em 1890, adotou, segundo seus mantenedores, o modelo norte-americano de jornalismo, ostentando um perfil cada vez mais elitista, que incluía a assinatura mais cara da capital. Novas seções foram criadas e o noticiário foi paulatinamente ampliado, dando mais destaque para as reportagens, porém sem alterar a verve opinativa e a linguagem conservadora que o caracterizam – não havia valorização de quaisquer recursos gráficos, tampouco de dramas do cotidiano ou tragédias diárias, como acontecia nos jornais mais populares. O *Jornal do Commercio* introduziu diversas inovações técnicas, tornando-se o primeiro jornal a importar máquinas linotipo e utilizar uma rotativa, de modo que o seu processo de produção era bastante avançado para os padrões brasileiros da época (BARBOSA, 2000; 2007). Já no início do século XX, contava com uma impressionante estrutura, que incluía um edifício na Av. Central e cinco prédios na Rua do Ouvidor, todos com luz elétrica. Centenas de funcionários trabalhavam em suas instalações e o seu parque gráfico era invejável.

Embora dotado de equipamentos e de boa estrutura empresarial, o jornal não adaptou seu conteúdo às transformações dos novos tempos e, com o passar dos anos, perdeu muita força junto ao público – o periódico sobrevivia basicamente à custa dos subsídios governamentais. Em 1923, o então redator-chefe, José Félix Pacheco, junto a outro antigo colaborador, Oscar da Costa, viria a assumir o periódico, após uma escusa negociação que quase colocou Assis Chateaubriand no comando do jornal. Senador, membro da Academia Brasileira de Letras e Ministro das Relações Exteriores no governo Artur Bernardes, Pacheco manteve-se no comando do jornal até sua morte em 1935. Na década de 1920, o jornal já contava com poucos leitores, se comparado com os seus concorrentes de caráter mais popular, e paulatinamente a sua tiragem estagnava. De qualquer forma, a identidade construída pelo *Jornal do Commercio* foi tão arraigada na imprensa da época, que o periódico chegou a dispensar particularizações, e muitos se referiam ao diário simplesmente como “o jornal” (MORAIS, 1999; BARBOSA, 2007; RIBEIRO, 2007).

Outro governista clássico, *O Paiz* também chegou a participar do processo de modernização da imprensa no início do século. Fundado em 1884 pelo comerciante português João José dos Reis Júnior, o Conde São Salvador de Matosinhos, e idealizado pelo político republicano Quintino Bocaiuva, que assume a direção nos primeiros anos, o jornal já inicia com sérios problemas financeiros e instalações precárias. O periódico também introduz mudanças gráficas e editoriais, embora mais lentamente que os seus concorrentes e, com o tempo, suas páginas ficam repletas de anúncios oficiais, obviamente bem remunerados e acompanhados de proporcionais elogios a todos os governos. A prosperidade de *O Paiz*, que é construída “na razão direta de suas ligações

com a sociedade política” (BARBOSA, 2007, p. 46), atinge seu ápice em 1904 com a instalação do jornal na pomposa sede de quatro andares localizada na esquina da Av. Central com a Rua Sete de Setembro. Neste mesmo ano, o controle do jornal passa para João de Souza Laje, gerente comercial do jornal desde 1899, através de uma nebulosa compra de ações realizada na ausência do então maior acionista, Pedro de Almeida Godinho, que estava em viagem a Portugal.

Segundo Sodré (1999, p. 332), “Laje tipificou, realmente, o jornalista corrupto, de opinião alugada, conluiado com o poder, dele recebendo benefícios materiais em troca da posição do jornal”. É do próprio Laje uma famosa frase que ilustra a relação da imprensa com o poder público nesse período: “Só preciso de 22 leitores: os 21 governadores e o Presidente da República” (RIBEIRO, 2007, p. 170). O dono de *O Paiz* tornou-se inimigo implacável do advogado Edmundo Bittencourt, proprietário do *Correio da Manhã*. Bittencourt não poupava ofensas ao adversário, qualificando Laje de ‘estelionatário’ e ‘gatuno’ nas páginas do seu jornal. O diretor de *O Paiz*, por sua vez, respondia à altura, chamando Bittencourt de ‘patife’ e ‘miserável’. Mesmo com os subsídios governamentais, em meados da década de 1910, *O Paiz* apresenta uma situação cada vez mais penuriosa. Na metade dos anos 1920, durante o governo autoritário de Artur Bernardes, João Laje morre, ironicamente quando o *Correio da Manhã* estava impedido de circular devido à censura. O deputado Alves de Souza assumiria a direção do periódico até 1930, mantendo a tradicional postura servil ao governo Washington Luís. Com a Revolução, tal como os demais diários que ficaram ao lado do governo deposto, *O Paiz* foi saqueado e depredado para nunca mais voltar às ruas do Rio de Janeiro (BARBOSA, 2000; 2007).

Em 1891, outro jornal marcaria o cenário da imprensa na capital carioca. Inicialmente criado por Rodolfo Dantas e Joaquim Nabuco para representar o ideário monarquista, o ***Jornal do Brasil*** rapidamente adaptou-se à lógica empresarial, tornando-se, já em 1894, o mais popular jornal da cidade. Após a fase monarquista (1891-1893), foi comprado pela firma Mendes & Cia e passou a tornar-se mais informativo, abordando questões do cotidiano e focando-se em temas de interesse do público, como o jogo do bicho, esportes, carnaval e casos policiais, abrindo grandes espaços às ilustrações, com edições especiais inteiramente desenhadas a bico de pena. Sob comando dos irmãos Fernando Mendes de Almeida e Cândido Mendes de Almeida, empenhou-se em levar aos leitores uma informação mais objetiva e direta que os concorrentes, compondo um jornalismo completamente inovador para os padrões da época. A estratégia empresarial adotada acabou rendendo ao jornal o *slogan* ‘o popularíssimo’, apelido associado ao seu prestígio junto àqueles “ainda não alinhados entre os leitores tradicionais” (BARBOSA, 2000, p. 21).

O *Jornal do Brasil* introduziu diversas inovações, como uma segunda edição diária, a vespertina; a *Revista da Semana* é adquirida, passando a ser uma publicação semanal da empresa; são

lançadas uma edição mensal e uma anual, o *Guia Mensal* e o *Anuário do Jornal do Brasil* respectivamente; inúmeros romances são editados, reunindo os folhetins publicados no diário. Paralelamente, assume um papel de intermediário entre as reclamações do povo e o poder público, através, por exemplo, da seção *Queixas do Povo*. Além disso, tem um serviço de repasse de donativos em dinheiro que são distribuídos a pessoas carentes que procuram a redação. Tecnicamente, também introduziu o serviço telegráfico, a exemplo da concorrência<sup>28</sup>, e as primeiras máquinas de escrever na redação em 1912. Neste mesmo ano, apresenta uma página inteiramente dedicada aos esportes, também um feito inédito para os padrões da época. Em 1916, possui o maior parque gráfico do Brasil, com doze linotipos, três monotipos e a mais moderna impressora da época. Em 1905, o jornal anunciou a construção de uma luxuosa sede na Avenida Central, que só viria a ser ocupada em 1910. Motivo de orgulho declarado nas suas próprias páginas, ostentava uma fantástica edificação com relógio e holofotes no topo, o mais alto do continente, com 10 andares, e o primeiro a ser levantado com o uso de estruturas metálicas (SODRÉ, 1999; BARBOSA, 2000).

Em 1918, após passar por dificuldades financeiras, o jornal é comprado pelo “futuro” Conde Ernesto Pereira Carneiro<sup>29</sup>, filho de uma abastada família de Pernambuco, que havia comprado e assumido a direção da Companhia de Comércio e Navegação no Rio de Janeiro. Como novo diretor do “popularíssimo”, Carneiro dedicou-se a recuperar o jornal, contratando o ex-ministro da Viação José Pires do Rio para o cargo de diretor-tesoureiro, o então advogado e jornalista Assis Chateaubriand para redator-chefe e Barbosa Lima Sobrinho como repórter político. Segundo Ribeiro (2007, p. 155), “a solução encontrada para resolver a situação financeira do jornal foi voltá-lo para a publicação de anúncios classificados”. Como único periódico do Rio a atender esse tipo de mercado, o *Jornal do Brasil* conseguiu recuperar-se financeiramente, mas paulatinamente foi perdendo seu prestígio como órgão noticioso. Tanto que na década de 1920, em tom de zombaria, ficou conhecido como “jornal das cozinheiras” devido ao fato de ser muito procurado por pessoas desempregadas, em especial as cozinheiras. O Conde, por sua vez, firmou-se como um grande empresário<sup>30</sup> e, como quase todos os proprietários de grandes jornais da época, também ingressou na política, tornando-se deputado à Assembléia Constituinte do Distrito Federal (1933) e à Câmara dos Deputados (1935 a 1937).

Com um discurso peculiar, em função da sua proposta comunicativa, politicamente o *Jornal do Brasil* posicionava-se ora contra, ora a favor do governo, mas apresentava sempre uma

---

<sup>28</sup> O primeiro jornal a utilizar serviços telegráficos no Brasil foi o vespertino *A Notícia* em 1895.

<sup>29</sup> Um ano depois, em 1919, Carneiro seria condecorado com o título de conde papal pelo Papa Benedito XIV.

<sup>30</sup> Além do *Jornal do Brasil* e da Companhia de Comércio e Navegação, tornou-se dono da Cruzeiro do Sul de Aviação e presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro. Em 1935, fundou a *Rádio Jornal do Brasil*.

“tendência em reafirmar os valores de novos grupos surgidos no cenário urbano, como os ligados à prestação de serviços e à construção civil” (BARBOSA, 2000, p. 161). Sua imagem oscilava entre “o defensor dos fracos e dos oprimidos”, “difusor da verdade”, “imparcial”, “moderno” e “popular”. Se inicialmente busca transmitir independência aos seus leitores, a construção de sua identidade prossegue a partir dos ideais da modernidade que se constituía e da aproximação com o leitor através de um discurso popular. Além do mais, a partir do momento em que o jornal alinhava-se ao ideário republicano, torna-se um promotor da ordem e do progresso, somando tais premissas à proposta de defesa dos fracos e dos oprimidos. Se no discurso posicionava-se ao lado do povo, por outro lado tinha uma verve legalista que prezava pela manutenção da lógica hegemônica: “a missão da imprensa é servir aos interesses da Pátria”, declarava em suas páginas. A popularidade do jornal somada à grande inserção junto ao público fez com que o jornal também se tornasse alvo de subvenções e favores do poder público, estabelecendo também, ainda que de forma mais dissimulada, uma relação de servilismo. Em 1930, o jornal foi alvo dos ataques depredatórios que acompanharam a Revolução, teve sua redação invadida e foi forçado a ficar sem circulação por uma semana. O ex-ministro e deputado Aníbal Freire, então na direção, foi substituído por Brício Filho, incumbido de avaliar todas as matérias. A partir de então, o *Jornal do Brasil* declararia total e incondicional apoio a Vargas (BAHIA, 2009a; SODRÉ, 1999; BARBOSA, 2000; 2007).

Primeiro grande jornal do Rio de Janeiro da República assumidamente de oposição, o *Correio da Manhã*, junto ao *A Noite* e ao *Jornal do Brasil*, foi um dos mais populares e figurou entre os maiores matutinos da cidade especialmente nas três primeiras décadas do século XX. Com uma grande tiragem e uma forte verve política dada ao insulto, definiu-se, desde o início, como uma folha política, criticando o ideal de neutralidade reivindicado pela imprensa. Entretanto, também acompanhou as mudanças que valorizavam a informação em detrimento da opinião. Com ênfase nas notícias policiais, no cotidiano dos grupos populares, nas reportagens e entrevistas, procurou, por exemplo, dar mais destaque às crônicas do cotidiano do que aos folhetins. Na busca por um público leitor cativo, adotava uma política de venda barata, com anúncios a preços reduzidos e distribuição de brindes em datas especiais, aumentando, assim, a venda avulsa e ampliando seu poder de difusão. No mesmo sentido, também mantinha espaços para as reclamações da população. O teor popular do *Correio da Manhã* aliava-se a um discurso que manifestava compromisso com a verdade e independência perante os governos<sup>31</sup>. O jornal também desenvolveu, desde o início, diversas campanhas polêmicas, seja contra o aumento das

---

<sup>31</sup> No entanto, o seu principal adversário, o jornal *O Paiz*, denunciava que o *Correio da Manhã* era financiado pela Light e pelas oligarquias paulistas e baianas, tendo inclusive recebido propinas do governo Afonso Pena (BARBOSA, 2000). Discursos à parte, nenhum dos grandes jornais era realmente independente, e o jogo político travado nas arenas do poder parecia ser inseparável da sobrevivência dos periódicos.

passagens dos bondes e os jogos de azar, seja denunciando os funcionários públicos que extorquiam os comerciantes.

O *Correio* foi fundado e conduzido pelo advogado Edmundo Bittencourt, que ficaria na cabeça do periódico por quase trinta anos, colecionando uma grande quantidade de desafetos, especialmente no meio político, devido ao teor e à insistência com que atacava seus adversários nas páginas do matutino<sup>32</sup>. A personalidade de Bittencourt polarizava as diferentes opções políticas dos colaboradores do jornal, uma força motriz que conduzia o *Correio da Manhã*. Tal relação também foi dissecada por Lima Barreto no *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1909). Barreto, que trabalhara no jornal, fez uma profunda análise daquela imprensa em construção, suas estruturas calcadas na imagem e ideário de seus proprietários. Na ficção, o *Correio da Manhã* é representado pelo jornal *O Globo*, e o proprietário e diretor do jornal, Ricardo Loberant, é uma versão caricata de Edmundo Bittencourt (SODRÉ, 1999; FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS; KELLER; GOLIN, 2009). Em uma passagem de sua obra, Lima Barreto (1990, p. 73-74) assim descreve o diretor do jornal, bem como sua relação com seus colaboradores:

Aquele jornal que era sua propriedade, recebia também a sua inspiração. Nenhum dos seus redatores tinha uma personalidade suficientemente forte para resistir ao ascendente da sua. Medíocres de caráter e inteligência, embora alguns fossem mais ilustrados que ele, a ação deles no jornal recebia impulsão do doutor Ricardo, o sinete de sua paixão dominante, a sua característica; e esta era o despeito de sua fraca capacidade intelectual, a resistência que o seu cérebro oferecia ao trabalho mental contínuo, de modo a não lhe permitir chegar às altas posições pelo prestígio do talento e do estudo, não lhe deixando o seu grande orgulho que chegasse de outra forma mais geral e mais fácil. Com uma grande sede de domínio e grandes apetites de mulheres e prazeres, mas sem talento, sem pertinácia e paciência, para atingir à fortuna e aos grandes cargos, consciente dessas falhas, o doutor Ricardo tinha aí um depósito inexaurível de emoções, sempre a esporeá-lo, a excitá-lo e bastante forte para marcar a sua pessoa e seus atos.

Segundo Sodré (1999, p. 304), o *Recordações...* não retratava apenas a realidade do *Correio da Manhã*. Havia no livro referências a diversas personalidades reconhecidas daquele universo, e a crítica não dizia respeito a um jornal específico: apontava para a imprensa em formação e seu *modus faciendi*. Lima Barreto, por sua vez, pagou um alto preço por sua ousadia, passando a sofrer uma penosa represália e uma implacável perseguição. Alijado da grande imprensa,

consegue trabalhar apenas em pequenas publicações. O álcool, os estigmas que o acompanham (negro, de origem pobre, sem ter terminado o curso superior) fazem dele um derrotado, que acaba seus dias, após passar várias vezes por internações no hospício, bêbado pelas sarjetas da cidade (BARBOSA, 2007, p. 130).

Com a saída de Edmundo Bittencourt da direção, ao final de 1929, e a passagem do cargo para seu filho, Paulo Bittencourt, o jornal modificaria sua linha editorial e, devido a interesses

<sup>32</sup> Entre os adversários, destacam-se o já citado João Laje, proprietário de *O Paiz*, e o influente político gaúcho, José Gomes Pinheiro Machado. Ofendido com uma matéria assinada por Edmundo Bittencourt em 1906, Pinheiro Machado o desafiou para um duelo, do qual o proprietário do *Correio da Manhã* saiu ferido (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS).

publicitários, passaria a “se orientar para um público de maior poder aquisitivo (alta burguesia e classe média alta)” (RIBEIRO, 2007, p. 65). Sua linha editorial começou a ficar mais moderada e aos poucos começou a perder um pouco do seu ímpeto político. Apoiando a Aliança Liberal, o jornal posicionou-se ao lado do candidato Getúlio Vargas para as eleições presidenciais de 1930. Com a Revolução, o *Correio da Manhã* defendeu em suas páginas a realização de eleições para o legislativo e o executivo sem interferência do presidente em exercício e respeito à autonomia dos estados federados. Durante o governo provisório de Vargas, o apoio foi parcial e a oposição parcimoniosa. Com a Revolução Constitucionalista de 1932, apoiou em seus editoriais o movimento paulista, mas deixou clara a ausência de qualquer vínculo com interesses partidários. O periódico também acompanhou minuciosamente os trabalhos da Assembléia Nacional Constituinte de 1934 e combateu uma série de medidas do Governo Provisório, como o Decreto do Reajustamento Econômico (1933), a nova reforma tarifária<sup>33</sup> (1934) e a Lei de Segurança Nacional (1935), quando chegou a suspender sua circulação por 24 horas em protesto ao que denominou "lei de opressão" (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS).

Em meados de 1911, o então secretário-geral da *Gazeta de Notícias*, Irineu Marinho Coelho de Barros, desentende-se com a direção do jornal e funda o *A Noite*, o primeiro vespertino do Rio de Janeiro<sup>34</sup>. Inicialmente orientado por uma linha política de oposição ao governo de Hermes da Fonseca, caracterizou-se como “um jornal moderno, bem diagramado, feito por profissionais competentes” (SODRÉ, 1999, p. 330). O jornal inovou ao ser distribuído em táxis, chegando mais rapidamente aos seus assinantes, e, em menos de um ano, tornava-se um dos mais procurados da cidade. Em 1913, o baiano Antônio Geraldo Rocha associou-se a Marinho, e os dois tornaram-se amigos. Engenheiro de formação, Geraldo Rocha trabalhou na Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, de posse da *Brazil Railway Company*, empresa do polêmico empresário estadunidense Percival Farquhar, então dono de quase 50% das ferrovias brasileiras<sup>35</sup>. A sociedade com Rocha é nebulosa, já que Marinho, um defensor das causas nacionais, escrevera diversos artigos nas quais criticou os grandes trustes internacionais que invadiram o Brasil no início do século XX. Segundo

<sup>33</sup> O Decreto do Reajustamento Econômico foi criado em apoio aos fazendeiros, em especial os cafeicultores, e a reforma tarifária beneficiava o empresariado (ABREU, 1999).

<sup>34</sup> Filho do imigrante português João Marinho Coelho de Barros, contador e empreiteiro de obras, com a mulata brasileira Edwiges de Souza, Irineu Marinho é uma exceção entre os proprietários dos jornais do início do século XX. Oriundo de uma família modesta, foi um dos poucos que, de fato, fez carreira exclusivamente como jornalista. Trabalhou em diversos jornais cariocas, como *O Fluminense*, *Diário de Notícias* (de Rui Barbosa), *A Notícia*, *a Gazeta da Tarde*, *A Tribuna*, até chegar à *Gazeta de Notícias*. Antes de fundar o seu próprio diário, com um capital de 25 contos de réis emprestado por amigos, exerceu todas as funções possíveis nos periódicos por onde passou (CHAGAS, 2001).

<sup>35</sup> A Madeira-Mamoré, construída entre 1907 e 1912 para ligar Porto Velho a Guajará-Mirim, ficou conhecida como "Ferrovia do Diabo", devido à morte de milhares de trabalhadores durante a sua construção. Em uma escandalosa operação, o governo pagou a obra, e Farquhar, com os lucros do empreendimento, construiu um enorme conglomerado no Brasil, que incluía, além das ferrovias, portos, frigoríficos, indústrias de papel, madeiras, loteamentos e fazendas (ALVES, 1982; FERREIRA, 2005).

Meirelles (2006, p. 264), “Rocha associara-se a interesses estrangeiros e amealhara considerável riqueza pessoal, através de golpes de toda a natureza”.

De fato, 12 anos depois, Marinho perderia o jornal para Geraldo Rocha. Em 1925, aproveitando-se da ausência do sócio, que viajara para a Europa em busca de tratamento para um problema cardíaco, Rocha convocou uma assembléia de acionistas, mudou o estatuto da empresa e aumentou o capital do jornal, assumindo o controle acionário. Irineu Marinho, traído, abandonou o *A Noite* para fundar *O Globo*. A partir de então, o popular vespertino entrou numa nova fase e passou de oposição a governista incondicional. No final da década de 1920, o *A Noite* chega a atingir uma tiragem de 200 mil exemplares, uma quantidade assombrosa para os padrões da época. Suas seções mais apreciadas eram as de política, esporte e o noticiário policial. Com a Revolução de 1930, o jornal torna-se mais uma vítima do vandalismo que acossou os periódicos governistas. O novíssimo prédio é queimado e depredado, e Geraldo Rocha é preso pelas forças revolucionárias. O jornal volta a circular pouco tempo depois, mas entra em franca decadência. Endividado, Rocha acaba perdendo todos os seus bens, inclusive o jornal, para a São Paulo-Rio Grande, subsidiária da *Brasil Railway*, da qual tinha sido representante. Guilherme Guinle, presidente da *Brasil Railway*, assume o jornal e coloca o funcionário Carvalho Neto na direção. O *A Noite* volta a crescer, lança as revistas *Carioca* e *Vamos Ler* e funda a antológica *Rádio Nacional*<sup>36</sup> (BARBOSA, 2007).

***O Jornal*** foi fundado em 1919 por Renato Toledo Lopes junto a jornalistas dissidentes do *Jornal do Commercio* e comprado por Assis Chateaubriand em 1924. O título, segundo Barbosa (2007, p. 76), era “uma provocação ao tradicional *Jornal do Commercio*”, popularmente conhecido como “o jornal”. *O Jornal* foi um jornal de linguagem refinada que adquiriu prestígio entre as elites, e passou por uma série de transformações após sua compra por Chateaubriand: “ampliou-se o número de páginas, da inclusão de textos de colaboradores de renome, [...] passa a comprar artigos exclusivos do *New York American Syndicate*, para assim imprimir ao periódico o que na época se chama um ‘estilo cosmopolita’” (p. 77, grifo da autora). Vinte de suas páginas eram tomadas com publicidades – *O Jornal* dobrou o faturamento em menos de um ano. Como características novas, apresentou um aumento do número de páginas, divididas em dois cadernos (um a cores). A opinião era emitida somente por artigos do próprio Chateaubriand, em editoriais, ou em cartas. E tudo passava pela vigília constante do proprietário.

Aliás, *O Jornal* é o princípio de um grande conglomerado de comunicações, o *Diários Associados*, que viria a ser “um verdadeiro Estado dentro do Estado”, e que tornaria Chateaubriand o

---

<sup>36</sup> No início dos anos 1940, o governo federal, que detinha o controle da São Paulo-Rio Grande desde 1930, encampa a empresa, incluindo todos os veículos de comunicação.

maior Barão da Imprensa no período (BARBOSA, 2007, p. 76-77). Advogado de formação e filho de um magistrado que lhe abriu as primeiras portas, quando chegou ao Rio de Janeiro, em outubro de 1915, Chatô tinha 23 anos recém feitos. Aos 25, já desfrutava de uma considerável reputação na capital em função das relações que estabeleceu junto às cercanias do poder. Como jornalista, colaborou no *Jornal do Commercio* e no *Correio da Manhã* e tornou-se redator-chefe do *Jornal do Brasil*. Era o início de uma carreira que chegaria a um império formado por dezenas de jornais e emissoras de rádio, diversas estações de televisão, uma agência de notícias, revistas dos mais variados gêneros e uma editora. Depois da compra de *O Jornal*, sua próxima investida seria a compra do vespertino *Diário da Noite* (São Paulo) em 1925, um jornal com apelo sensacionalista, impresso em papel verde, que se apropriava da linguagem popular. Ao veicular um jornal matutino (*O Jornal*) no Rio e um vespertino (*Diário da Noite*) em São Paulo, Chateaubriand adotou um modelo de sucesso. Em outubro de 1929, o *Diário da Noite* é lançado também no Rio de Janeiro, como parte de uma estratégia política em apoio à Aliança Liberal e à campanha presidencial de Vargas, com quem Chateaubriand mantinha estreitas relações envolvendo trocas de favores políticos e econômicos. É o momento em que Apporelly estabelece uma parceria que durou quatro meses, em que *A Manha* foi veiculada como encarte deste jornal (MORAIS, 1999).

Ainda em 1925, Assis Chateaubriand compraria a respeitada *Revista do Brasil* de Monteiro Lobato, transferindo-a para São Paulo e, em 1928, com um capital de 250 contos de réis articulado pelo então Ministro da Fazenda, Getúlio Vargas, fundaria *O Cruzeiro*, que viria a se tornar a mais importante revista do Brasil do período. Fundou a *Agência Meridional*, em 1931, adquiriu a revista feminina *A Cigarra*, em 1934 e colocou a *Rádio Tupi* no ar em 1935. Além destes, de maior expressão histórica, adquiriu ainda diversos outros veículos em outros estados, como Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Pernambuco, no período entre os anos de 1925 e 1935. A postura de Chateaubriand pendia para a defesa do capital estrangeiro e o antinacionalismo, levantando uma bandeira oposicionista até a Revolução de 1930 e apoiando as rebeliões contra os governos de Artur Bernardes e Washington Luís. Nesse período, por exemplo, aproximou-se do movimento tenentista e defendeu, conforme já citado, a Aliança Liberal e a ascensão de Vargas ao poder. Aliás, suas relações com Vargas começam já em meados da década de 1920, quando o político era deputado federal e líder da bancada gaúcha. Mas, após a Revolução, Chateaubriand começou a mudar de posição, vindo a apoiar a Revolução Constitucionalista de 1932, o que lhe custou o confisco da sede do jornal e o seu exílio. O empresário só voltaria em 1933, passando a barganhar com o Governo Provisório, de modo a preservar seu patrimônio, o que culminou, especialmente após o golpe de 1937, em relações de consentimento com o regime autoritário (MORAIS, 1999; BARBOSA, 2007).

Outros jornais ainda surgem em meados dos anos 1920 e, apesar da menor expressão, se comparados com os concorrentes citados anteriormente, são parte essencial da trajetória de Apparício Torelly junto à imprensa carioca. Um bom exemplo é *O Globo*, que se tornaria o primeiro jornal onde Apporelly trabalhou no Rio de Janeiro. Quando deixou o *A Noite*, Irineu Marinho levou consigo cerca de 30 funcionários, que se demitiram em solidariedade ao jornalista. Estes vieram a compor o quadro funcional d'*O Globo*, incluindo nomes de peso da época, como Herbert Moses e Antônio Leal da Costa, que compuseram a direção junto a Marinho, e Eurycles de Matos, que assumiu como chefe de redação. Entre seus colaboradores, contava com Justo de Moraes, Eloy Pontes, Horácio Cartier e Raul Pederneiras, bem como o recém chegado Apparício Torelly (MEIRELLES, 2006; RIBEIRO, 2007). Fundada em julho de 1925, a empresa iniciou em condições precárias, sem sede própria, em um edifício no antigo Largo da Carioca, ocupando dois andares cedidos pelo Liceu de Artes e Ofícios. Vinte e três dias após o lançamento do jornal, Irineu Marinho faleceu, vítima de seu problema cardíaco, e a direção geral foi entregue pela família a Eurycles de Matos.

Em 1931, Matos também faleceu, e o filho mais velho, Roberto Marinho, assumiu a direção para permanecer no cargo pelas próximas sete décadas, conduzindo a empresa da família a um império de dimensões comparáveis ao imponente grupo *Diários Associados* construído por Assis Chateaubriand. Segundo Barbosa (2007), era um jornal moderno, muito noticioso, que procurava afastar-se da opinião, embora, na prática, como todos os outros, isso era mais uma tendência que uma realidade. Apresentava diversas seções, com um conteúdo bastante diversificado e orientado à aproximação com um público amplo, aparentemente buscando uma grande inserção no mercado. Inicialmente, sua linha era discretamente conservadora, mas esta característica paulatinamente se intensificou na medida em que o jornal alinhava-se com a ditadura de Vargas – o próprio Roberto Marinho chegou inclusive a participar do Conselho do DIP. Até a década de 1940, mais especificamente até a Segunda Guerra Mundial, *O Globo* teve pouco peso no cenário nacional, apesar de contar com uma boa tiragem. (BARBOSA 2007; RIBEIRO, 2007).

Após a morte de Irineu Marinho, Apporelly não ficou muito tempo n'*O Globo*. Frequentes conflitos com Eurycles de Matos o levaram a deixar o jornal para, alguns meses depois, juntar-se a Mário Rodrigues como colaborador no *A Manhã*. Em meados de 1925, Rodrigues, que ficara preso por mais de um ano, demitiu-se do *Correio da Manhã* após um incisivo rompimen-

to com Edmundo Bittencourt<sup>37</sup>. Resolvera, então, lançar o seu próprio jornal, em sociedade com Antônio Faustino Porto. *A Manhã* era um periódico com linguagem virulenta, de caráter popular, dado ao jornalismo policial sensacionalista e ao oposicionismo radical. Entre os seus principais colaboradores, estavam Monteiro Lobato, Ronald de Carvalho e Agripino Grieco, bem como o paraguaio Andres Guevara, talentoso artista gráfico que viria a tornar-se grande amigo e colaborador de Apparício Torelly n’*A Manha*. Já o proprietário e diretor Mário Rodrigues era um cronista temido por sua ferocidade verbal. Apesar de gago, seus textos eram de um ímpeto que atraía as multidões. Porém, sua ingerência à frente do jornal o levaria a perdê-lo para seu sócio. Boêmio e jogador compulsivo, afundou-se em dívidas e, em outubro de 1928, Antônio Faustino Porto assumiria o controle acionário para impedir que o periódico fosse à falência. Porto ofereceu o cargo de diretor à Rodrigues, mas este, desgostoso com a situação, deixou o jornal<sup>38</sup> (SODRÉ, 1999; MEIRELLES, 2006; RIBEIRO, 2007).

Outro jornal que só viria a ter maior expressão nas décadas seguintes à sua fundação, o *Diário Carioca* foi fundado em julho de 1928 por José Eduardo de Macedo Soares, membro de uma tradicional família fluminense. Após uma breve passagem na Marinha do Brasil, onde chegou a tornar-se primeiro-tenente, Macedo Soares abandonou a carreira militar para fundar o jornal *O Imparcial* (1912) e ingressar na carreira política, na qual tornou-se deputado federal (1915-1923). O *Diário Carioca* foi criado com o objetivo explicitamente político de fazer oposição ao governo Washington Luís e apoiar a Aliança Liberal. Na Revolução de 1930, defendeu incondicionalmente a ascensão de Vargas ao poder. Porém, aos poucos, o jornal começou a defender a constitucionalização e a fazer oposição ao Governo Provisório. Em 1932, com a eclosão da Guerra Paulista, o jornal foi empastelado e fechado por dois meses. Passou, então, para Horácio Gomes Leite de Carvalho Júnior, conhecido como Horácio de Carvalho<sup>39</sup>, um filho de barões do café do estado do Rio de Janeiro.

---

<sup>37</sup> A postura antibernardista do *Correio da Manhã*, bem como o apoio explícito ao movimento tenentista, que desencadeou a Revolta dos 18 do Forte de Copacabana, levou Bittencourt à prisão em meados de 1922. Em seu lugar, Mário Rodrigues assumiu a direção do matutino. Em 19 de novembro de 1923, a publicação de uma matéria que denunciava o ex-presidente Epiácio Pessoa por favorecimento a exportadores de açúcar em troca de um colar de diamantes para sua esposa, Mary Pessoa, instaurou um processo que também levou Mário Rodrigues à prisão em 1924. Durante a prisão do jornalista, Bittencourt suspendeu o seu salário, deixando sua família em apuros. Além disso, quando Rodrigues saiu da prisão e retornou ao jornal, não apenas descobriu que havia sido destituído do cargo de diretor, como também soube que Edmundo buscava conciliar-se com seu algoz, Epiácio Pessoa (SODRÉ, 1999; MEIRELLES, 2006).

<sup>38</sup> Mesmo sem Rodrigues, *A Manhã* continuaria sua trajetória oposicionista, apoiando Vargas e a Revolução de 1930, e depois, em 1935, tornando-se o principal porta-voz da Aliança Nacional Libertadora. Defendia abertamente os comunistas em suas páginas, posicionando-se politicamente ao lado das causas populares. A ousadia do jornal acabou custando a sua posterior encampação, tornando-se um dos órgãos oficiais do governo durante o Estado Novo.

<sup>39</sup> Horácio de Carvalho, segundo depoimento do jornalista Evandro Carlos de Andrade, era, em tom de brincadeira, chamado “Barão” pelos funcionários do *Diário Carioca* (ABREU, [et al.], 2003).

Macedo Soares, porém, continuou atuando por trás deste cenário, como uma espécie de eminência parda a orientar o jornal politicamente. Era um jornal pequeno, com tiragem reduzida, mas possuía muito peso político, especialmente em função da presença de seu fundador. Caracterizava-se por seu humor, vindo a ser um dos grandes reformuladores da linguagem da imprensa no Brasil. Mesmo após o empastelamento, seguiu fazendo certa oposição, embora não esboçasse em suas páginas quaisquer ataques pessoais ao Presidente Getúlio Vargas, optando por alvos específicos no entorno do governo. No início de 1934, por exemplo, o jornal fez campanhas contra a *Light*, a Companhia do Gás, a indústria pesqueira e a imigração de elementos considerados ‘inde-sejáveis’, como sírios e japoneses. Assim como defendeu as reivindicações do funcionalismo público e a liberdade de imprensa. Em paralelo, Macedo Soares continuaria sua carreira política, sendo eleito deputado constituinte (pelo Rio de Janeiro) e posteriormente senador (1935-1937).

Apesar da verve oposicionista, o *Diário Carioca* seguia seu prumo essencialmente calcado em princípios legalistas, tendo comemorado em suas páginas a promulgação da nova Constituição em 1934. A partir de então, o jornal vai aproximando-se da situação, informando sobre importantes questões nacionais de maneira visivelmente parcial e dedicando pouca atenção à política partidária e às questões regionais. Em 1935, o jornal mostrou-se favorável à Lei de Segurança Nacional e fez uma intensa oposição à Revolta Comunista, a chamada ‘Intentona’. Embora a Constituição de 1937 tenha sido abordada com certas ressalvas, a partir de 1938 o *Diário Carioca* passou a conceder apoio à ditadura do Estado Novo, tornando-se inicialmente um forte aliado do governo autoritário sob comando de Vargas. Uma posterior desavença política entre José Eduardo e Getúlio faria com que o jornal novamente voltasse a incomodar, principalmente através de matérias publicadas no noticiário internacional. (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS; RIBEIRO, 2007).

Por fim, é importante citar o peculiar *Diário de Notícias*, fundado por Orlando Ribeiro Dantas em junho 1930. Dantas, que havia iniciado sua carreira trabalhando para Assis Chateaubriand nos *Diários Associados* (e por quem não nutria nenhuma admiração), fez um esforço enorme para manter um jornal isento, político, mas independente dos conchavos e relações de dependência financeira tão comuns à época. Embora tenha adotado uma posição favorável à Revolução de 30, apoiou a Revolução Constitucionalista de 1932 e resistiu veementemente à ditadura do Estado Novo, adquirindo status de órgão de resistência junto à oposição. “Foi um dos poucos jornais a resistir às pressões políticas e econômicas do governo” (RIBEIRO, 2007, p. 87), no qual “Orlando Ribeiro Dantas manteve atitude de compostura” (SODRÉ, 1999, p. 382). Tratava-se de um matutino com duas edições diárias, uma às 4 horas e outra às 11h, com 12 páginas e duas seções. Durante muito tempo, foi o jornal de maior tiragem do Rio de Janeiro, aspecto que anuncia-

va em sua primeira página com orgulho. Era um jornal tipicamente da classe média, lido principalmente por funcionários, professores e militares. Durante o período do Estado Novo, quando Apporelly viu-se obrigado a interromper a produção d'*A Manhã*, Orlando Dantas o acolheu no *Diário de Notícias*, garantindo sua sobrevivência entre 1938 e 1944 (FIGUEIREDO, 1987).

Este levantamento historiográfico, fundado basicamente em uma exaustiva pesquisa bibliográfica que reúne 11 dos principais periódicos da época, ilustra satisfatoriamente o contexto da grande imprensa carioca com a qual Apporelly conviveu durante a trajetória d'*A Manhã* no Rio de Janeiro das décadas de 1920 e 1930. Nas entrelinhas deste percurso, revelam-se algumas das principais características que marcaram o desenvolvimento desta imprensa em suas primeiras fases. A sobrevivência dos periódicos perpassava basicamente os conluíus governistas e a venda avulsa, esta última atravessada pelas constantes inovações nas táticas de distribuição e atrativos para seduzir e aproximar-se do público. Neste caso, as grandes tiragens estavam intrinsecamente ligadas à idéia de um grande jornal. As sedes próprias, preferencialmente localizadas na região em torno da Avenida Central/Rio Branco, assim como a estrutura institucional, tecnologias empregadas, aparato gráfico e quadro funcional faziam parte dos rituais de afirmação pública destes jornais. Nesse sentido, é possível perceber nitidamente a organização empresarial dos jornais, hierarquicamente organizados em um modelo de produção que já reproduzia os processos de manufatura comuns à crescente industrialização da sociedade que se inicia entre o final do século XIX e o início do século XX. Conforme ratifica Fonseca (2008, p. 104), baseada em Bahia:

[...] começava a se esboçar uma imprensa de massas, mais preocupada com o leitor e menos em expressar interesses individuais ou de grupos. O período é marcado pela reorganização dos jornais e pela modernização tecnológica – as gráficas foram se separando das tipografias e adquirindo contornos mais industriais. É o período também dos pequenos anúncios, que invadem até mesmo a capa dos jornais, e das notícias, que vão ocupando mais espaço em relação aos artigos de fundo, à opinião.

Lembrando também, conforme visto em Fonseca (2008), que as empresas submetiam-se aos jornais e a objetivos que perpassavam as relações políticas de seus proprietários e das altas instâncias do poder público e privado, em circunstância do estágio pré-capitalista do Brasil. Assim, as transformações que paulatinamente vão modificando a estrutura das empresas jornalísticas terminam por afetar também o conteúdo e a forma dos jornais, que vão moldando-se à busca de um público leitor mais vasto, seja pela diversificação dos conteúdos, seja pelo foco na prestação de serviços e entretenimento. Buscam-se maiores tiragens, ao mesmo tempo em que se constrói a consciência das possibilidades dos veículos enquanto instrumentos de ascensão e prestígio público para quem os controla, bem como da sua utilização como moeda de barganha política.

### 3 PARCEIROS INSEPARÁVEIS: APPORELLY E O JORNAL *A MANHA*

Apporelly e o jornal *A Manha* são perspectivas que compõem o cerne do objeto de estudo, cujas características fundem-se indissociavelmente na construção do personagem, tal qual se propõe nesta pesquisa. Esta referência a Apparício Torelly diz respeito ao homem, diante do olhar proposto, que o contempla como uma espécie de bufão moderno em meio à carnalizada sociedade brasileira do início do século XX. Neste sentido, tentar-se-á resgatar os principais traços de sua personalidade, perpassando a sua trajetória antes de chegar ao Rio de Janeiro, as peripécias e confusões em torno da sua carreira como jornalista, sério ou não. São vestígios que incluem a sua rede de relações e aspectos da sua intimidade, bem como as experiências que circundaram sua dedicação ao *A Manha*. Em um segundo momento, o foco será direcionado para este peculiar periódico, parceiro inseparável do homem. Através d'*A Manha*, Apparício registrou as criações mais marcantes da sua produção, incluindo o personagem que o apresentou ao Brasil como um “ilustre” proprietário de um “grande jornal”. E que ficou gravado no imaginário público pela figura do Barão de Itararé, talvez a maior manifestação bufônica de sua vida.

Embora estas duas perspectivas, o homem e seu jornal, estejam, neste capítulo, respectivamente organizadas em torno de suas historiografias, elas inevitavelmente se interligam ao longo deste construto. Afinal, seus estreitos vínculos tornam incoerente qualquer tentativa de analisá-las dissociadamente. Além disso, também é importante enfatizar que este capítulo apresenta alguns resultados preliminares, em especial no âmbito paratextual da paródia jornalística n'*A Manha*. Tais características são parte essencial da análise a que se propõe este trabalho e, de certo modo, antecipam aspectos abordados nos próximos capítulos. Entretanto, optou-se por situá-las aqui, pois não só ilustram e colorem as histórias apresentadas, como também auxiliam na compreensão dos diversos significados que se manifestam ao longo da vida e obra de Apparício Torelly.

#### 3.1 As quatro faces do bufão Apparício Torelly

Conforme esboçado no capítulo anterior, a profunda relação entre o humor e cultura popular que marcou o imaginário brasileiro, especialmente a partir do início do século XX, está intrinsecamente relacionada à vida e obra de Apporelly. Quando se mudou para o Rio de Janeiro, aos trinta anos de idade, foi ao encontro do centro das transformações que afluíam em concomitância ao surgimento d'*A Manha* neste cenário. A trajetória do homem Apparício Torelly aponta uma impressionante versatilidade, que pode ser sintetizada em quatro características que marcaram suas peripécias, interligando de modo simbiótico o antes e o depois de sua

chegada à capital e constituindo facetas essenciais de sua personalidade. Como jornalista, não apenas interagiu intensamente com a imprensa de sua época, mas também criou e manteve praticamente sozinho o mais longo periódico independente de humor que se tem conhecimento na história da imprensa brasileira. Como ativista, participou de diversos momentos conflituosos da política nacional, em uma ousadia desaforada que lhe custou diversas represálias. Como cientista, chegou até mesmo a construir um laboratório onde tentou desenvolver uma cura para a febre aftosa. Como humorista, aproximou-se satiricamente das cercanias do poder republicano, tornando-se uma espécie de *bufão-mor* na carnavalizada sociedade brasileira.

Ao pensar Apporelly como uma espécie de bufão moderno, é preciso compreendê-lo a partir da aproximação de sua vida privada com a vida pública que partilhou. Seus personagens surgem também como fruto de uma coincidente relação com as personalidades da época e da sua inserção direta no âmbito público da sociedade carioca através d'*A Manhã*. Compõe-se um ambiente propício e um farto repertório para as suas experimentações, em cujas entrelinhas revela-se a personalidade arquetípica do bufão tal qual sugere Nisker (2005, p. 32):

Os bufões são espirituosos e críticos. Expõem as mentiras convencionais e lançam luz sobre a sociedade contemporânea. Enquanto o palhaço aponta as fraquezas eternas da humanidade, o bufão vilipendia o comportamento social e político de uma época. [...] O bufão trabalha com palavras. O palhaço arremeda, o bufão interpreta. Como dizem, a pena é mais forte do que a espada. O bufão corta o s de sword [espada] e acutila com word [palavra]. O bufão, para esgrimir, recorre à língua venenosa, arremessando farpas, alfinetadas, picadelas. O bufão rouba o vento às velas dos políticos, esvazia a retórica inflada, lanceta a hipocrisia, a hipercracia, a burocracia e a chatocracia até demonstrar que tudo isso não passa de ar quente, de brisa risível provocada pela humanidade a bajular-se a si mesma e a tatar as mandíbulas. O bufão da corte é o bobo do rei e, não raro, o seu melhor conselheiro. Enquanto os outros têm medo de contar a verdade ao potentado, o bufão, fazendo-se de tolo, aponta tanto as fraquezas do monarca quanto as realidades da política. Precisa ser engraçado porque a sua cabeça corre risco.

Saliba (2002, p. 228-238) caracterizou Apporelly como um herdeiro do humor *Belle Époque*, reforçando a idéia de que sua obra reuniu os mais essenciais traços da cultura popular e do humor que o antecedeu. Segundo o historiador, Aparício não só fez do seu jornal *A Manhã* um *pendant* paródico dos grandes jornais diários, como também demonstrou ter um grande conhecimento das manifestações que ocorriam à margem da cultura escrita:

A mais importante expressão da síntese dos procedimentos humorísticos desenvolvidos pelos humoristas brasileiros da *Belle Époque* talvez tenha sido Aparício Torelly [...]. A habilidade verbal de humoristas como Bastos Tigre e Emílio de Menezes associada à capacidade – notável em Juó Bananére e em muitos de seus confrades – de exprimir a instabilidade, a mistura e o hibridismo lingüístico, encontrará o seu momento de síntese com a produção de Aparício Torelly. A utilização do soneto-piada, que consistia na contraposição rápida de dois contextos associativos, na antítese entre forma elevada e conteúdo canhestro e na hábil estratégia paródica, é um recurso que pode ser observado nas primeiras produções de Aporelly entre os anos de 1926 a 1933.

Aliás, contextualizar Apporelly como um bufão inserido em um âmbito no qual a imprensa estabelece profunda relação com o poder e constitui o que estamos chamando de um reino à

parte conduz a uma aproximação da idéia de carnavalização sugerida por Bakhtin (2008). Ele introduz este conceito em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, originalmente publicado em 1929. Partindo do fenômeno festivo de caráter ritual, cujas variações manifestam-se de acordo com as distintas épocas e culturas, Bakhtin identifica no carnaval a existência de um desvio da ordem habitual da vida, em que se revoga “tudo o que é determinado pela desigualdade social hierárquica e por qualquer outra espécie de desigualdade (inclusive etária) entre os homens” (p. 140). Assim, estabelece categorias do que chama de cosmovisão carnavalesca: o livre contato familiar entre os homens (a eliminação de todas as distâncias entre os homens), a excentricidade (em que se manifestam os aspectos ocultos da natureza humana), as *mésalliances* (que figurativamente aproximam, reúnem e combinam elementos socialmente hierarquizados em superiores e inferiores) e a profanação (os sacrilégios aos padrões instituídos que se revelam na manifestação paródica, cuja natureza é inseparável dos gêneros carnavalizados). Mas é na coroação bufa e posterior destronamento do rei do carnaval que reside o núcleo da cosmovisão carnavalesca, uma ambivalência organicamente relacionada à paródia: “o parodiar é a criação do *duplo destronante*, do mesmo ‘mundo às avessas’. Por isso, a paródia é ambivalente” (p. 145, grifos do autor), relativizando alegremente qualquer regime, ordem social, poder ou posição hierárquica, em que o antípoda do verdadeiro rei, o escravo ou o bobo, é coroado em uma cerimônia às avessas.

Em *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, publicada em 1965, Bakhtin aproxima-se ainda mais da idéia de carnavalização enquanto fenômeno próprio da manifestação popular. Segundo Bakhtin (1993, p. 1), Rabelais teria buscado as fontes para sua obra na cultura popular de sua época: “Rabelais recolheu sabedoria na corrente popular dos antigos dialetos, dos refrões, dos provérbios, das farsas dos estudantes, na boca dos simples e dos loucos”. Apparício Torelly e seus personagens, se contemplados perante as especificidades de sua realidade espaço-temporal, vão peculiarmente ao encontro da cosmovisão carnavalesca e à personificação desta idéia identificada por Bakhtin na figura do bufão medieval. Assim, apesar da distinção do momento sugerido pelo autor, a hipótese aqui sugerida é de que as criaturas de Apporelly são indissociáveis do seu criador enquanto intelectual que se insere nas redes de sociabilidade do Rio de Janeiro dos anos 1920-30. Ao confundirem-se os limites entre sua vida privada e a ficção que criou, formam-se circunstâncias que o aproximam estreitamente do bufão de Bakhtin (1993, p. 7):

Os bufões e bobos [...] não eram atores que desempenhavam seu papel no palco [...]. Pelo contrário, eles continuavam sendo bufões e bobos em todas as circunstâncias da vida. Como tais, encarnavam uma forma especial da vida, ao mesmo tempo real e ideal. Situavam-se na fronteira entre a vida e a arte (numa esfera intermediária), nem personagens excêntricos ou estúpidos, nem atores cômicos.

Os conceitos convergem ao sugerir a inversão hierárquica de valores pelo poder do riso e buscam refletir sobre os pontos de contato e conflito entre as diversas linguagens sociais, em uma ambivalência que atinge diretamente as distinções entre a alta e a baixa cultura. No contexto da sociedade brasileira, DaMatta (1997) enfoca o carnaval enquanto ritual no qual se abre uma brecha na rotina social, transformando os marginais e inferiores (indivíduos) em pessoas e as pessoas em indivíduos (p. 174). Tal mecanismo espelha os dilemas de uma sociedade desigual dividida entre a igualdade e a hierarquia. Nesse sentido, o chamado “malandro” apresenta um significado peculiar: “criar um ‘carnaval’ significa basicamente procurar desempenhar o papel de malandro, e procurar insinuar-se em um universo individualizado percebido pelo esqueleto hierarquizante da sociedade como muito mais criativo e livre” (p. 264, grifo do autor). Velloso (1996), por sua vez, soma-se a esse ponto de vista quando identifica o perfil do intelectual humorista que se manifesta quixotesicamente junto à modernidade, seja na figura do boêmio, do *bon vivant* ou do malandro, que é mordaz e vivo. Para ela:

O herói moderno ou o intelectual só poderá exercer o papel a que está destinado se souber posicionar-se como *clown*. O que significa se passar por louco para poder proferir verdades. Só assim é escutado, só assim ocorre a “quixotização” do mundo. [...] Está construída a metáfora que identifica o intelectual moderno com o personagem cervantino. Se ele incorpora aspectos de forte tragicidade – solidão, altruísmo, idealismo extremado –, é inegável que também tem raízes no cômico. [...] A imagem caricatural deste enquanto figura quixotesca que luta incessantemente por coisas que ele próprio considera às vezes inatingível é uma realidade palpável entre nós. Importa lutar e não necessariamente chegar lá (p. 211, grifos da autora).

Reunidos estes pressupostos, parte-se para a compreensão do homem Apparício Torelly, buscando-se, nas entrelinhas desse construto, as quatro facetas inicialmente sugeridas. Para tal, será feita uma reconstituição historiográfica dividida em três momentos distintos: o período que antecede ao *A Manhã*; a fase inicial do jornal, com a presença marcante do “nosso querido diretor”; e o desenrolar da situação a partir do surgimento do Barão de Itararé. Ao final, de modo complementar, serão abordados alguns aspectos da intimidade de Apporelly, de modo a resgatar detalhes mais refinados de sua personalidade.

### 3.1.1 O Apparício antes d’A Manhã

Apparício Fernando de Brinkerhoff Torelly<sup>40</sup> nasceu a 29 de janeiro de 1895 em uma diligência que rodava pelo interior do Rio Grande do Sul perto da fronteira com o Uruguai. Assim, sua existência literalmente percorre a história do Brasil republicano e reflete o contexto

<sup>40</sup> Há controvérsias quanto ao nome completo do jornalista, já que alguns estudiosos o identificam como Fernando Apparício (ao invés de Apparício Fernando). Conforme mostram alguns documentos, o próprio Apporelly parece ter optado por identificar-se simplesmente como Apparício Torelly, de modo que o seu nome de batismo praticamente perdeu-se no tempo.

desse momento. Seu pai, um homem rude chamado João da Silva Torelly, era um maragato convicto e antigovernista ferrenho, tendo inclusive perdido um braço numa batalha durante a Revolução Federalista (1893-1895). A mãe, Maria Amélia Brinkerhoff Torelly, suicidou-se quando Apparício tinha dois anos, o primeiro dos diversos infortúnios que marcariam a vida do humorista. Após a tragédia, o menino foi criado na fazenda do avô materno, Juan Brinkerhoff, cercado por tias e acompanhado de perto por seu tio e padrinho Firmino, advogado de formação e líder do Partido Federalista, que assumiu a responsabilidade de educá-lo. Assim prosseguiu Apporelly nos primeiros anos de sua vida, entre o radicalismo político do pai, o trauma pela trágica morte da mãe, os mimos das tias e a presença do polido tio, passando o tempo entre a bisbilhotice nas revistas inglesas do avô e o contato direto com a natureza e a amplidão dos pampas sul-rio-grandenses (SSÓ, 1984; FIGUEIREDO, 1987; DILLENBURG, 2005).

Em 1906, Apparício foi para o internato do Colégio Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo, onde inicia sua carreira como jornalista. Em 1909, lançou seu primeiro “jornal”, o *Capim Seco*, inteiramente escrito à mão. A capa do *Capim Seco* trazia um poema que ironizava as normas rígidas do internato, e o desenho de uma cobra “em homenagem” ao padre reitor do colégio. A história termina com a apreensão da “tiragem de apenas um exemplar” (SSÓ, 1984, p. 28), e o *Capim Seco* não voltou mais a circular. Aos 14 anos, Apporelly já mostrava indícios do seu futuro profissional e de sua tendência a atritos com as autoridades. Já na época também começava a se manifestar a sua verve para o humor. Em outro episódio, na aula de português do renomado professor Oswaldo Vergara, fora intimado a conjugar um verbo no pretérito mais-que-perfeito. Apparício prontamente respondeu: “O burro vergara ao peso da carga” (FIGUEIREDO, 1987, p. 21). Mas tais peripécias não significam que tenha sido relapso com os estudos. A pesquisa realizada por Figueiredo (p. 20) aponta que, em 1907 e 1908, foi o primeiro da classe e, em 1911, o segundo, destacando-se em disciplinas como Português, Francês, Alemão, Inglês, além de menções honrosas em Latim, Religião e até mesmo música.

Ainda em 1911, quando completou o quinto ano ginásial, deixou o colégio. Faltava apenas um ano para Apporelly concluir o curso e alcançar o título de bacharel em letras. Em 1912, veio para Porto Alegre, onde inicialmente matriculou-se na Faculdade de Farmácia, para logo em seguida transferir-se para a Medicina. Ao que tudo indica, pretendia seguir a carreira de advogado e talvez por isso nunca tenha levado a faculdade muito a sério. São inúmeras as histórias da época em que era estudante, quando dividia o tempo entre escrever versos satíricos, fazer conferências, participar do movimento estudantil ou freqüentar as rodas da boemia da capital gaúcha. Em 1916, passou a colaborar no jornal *Última Hora* e nas revistas

*Kodak* e *A Máscara*. Segundo Figueiredo, a partir de então passou a dedicar-se ao jornalismo. Também foi nesse período, aos 21 anos, que reuniu diversos poemas satíricos em seu primeiro e único livro, *Pontas de Cigarro*, cujo enfoque temático enfatizava as dificuldades financeiras que, por sinal, também o assombravam (SSÓ, 1984). Em 1917, fundou o malsucedido semanário de humor *O Chico*, para, em 1918, depois de acometido por um derrame que o deixaria arrastando uma perna para o resto da vida, abandonar a faculdade.

Foi neste período que iniciou o que ele mesmo chamou de “maragateada”: viagens pelo interior do Rio Grande do Sul, em que fazia conferências e se apresentava em teatros e cinemas. Nestas andanças, percorreu Pelotas, Rio Grande, São Francisco de Assis, Alegrete, Bagé, São Gabriel, Uruguaiana, Itaqui e São Borja, colaborando em diversos jornais, como *A Noite* e *A Reação* em São Gabriel, e *A Tradição* em Bagé. Foi durante a “maragateada” que Apporelly também conheceu Alzira Alves, sua primeira esposa, com quem se casou em São Gabriel no ano de 1921. Com ela, teve três filhos: os meninos Ary e Arly, e a menina Ady. Durante a maragateada, Apporelly chegou a dirigir os jornais *Diário do Comércio*, em Bagé (1923), e *A Reação*, em São Gabriel (1924). O casamento com Alzira não durou muito: Apparício viria a desquitar-se, ficando, por fim, com a guarda dos três filhos. Em 1925, molestado por complicações decorrentes do derrame que tivera, recebeu aconselhamento dos médicos a mudar-se para um local de clima mais quente. Foi então que partiu para o Rio de Janeiro (SSÓ, 1984; FIGUEIREDO, 1987; DILLENBURG, 2005).

No Rio, Apporelly logo consegue emprego no jornal *O Globo*, recém fundado por Irineu Marinho, onde, de início, passa a publicar uma crônica assinada na primeira página. O sucesso da coluna foi tanto, que ganhou a admiração do dono do jornal e um bom salário para os padrões da época. Mas a morte precoce de Marinho associada a constantes atritos com o secretário de redação, Eurycles de Matos, levou Apparício a abandonar o emprego. De qualquer modo, a passagem pel’*O Globo* aponta os primeiros indícios do sucesso de Apporelly, determinante para o futuro lançamento do seu próprio jornal. Desempregado, encontrou um amigo bebendo em um bar com um jornalista recém-saído da cadeia. Era Mário Rodrigues, ex-secretário de redação do *Correio da Manhã*, que, disposto a fundar seu próprio jornal, ofereceu emprego a Apparício. O jornal era o *A Manhã*, e Rodrigues, atento ao texto de Apporelly n’*O Globo*, convidou-o para escrever a coluna da primeira página. No dia 2 de janeiro de 1926, estreava a seção *A Manhã Tem Mais...*, e novamente Apparício cairia nas graças da audiência, sendo logo intimado a criar outra coluna, também na primeira página (FIGUEIREDO, 1987).

### 3.1.2 O surgimento do “nosso querido diretor”

A parceria com Mário Rodrigues também não duraria muito, e aproximadamente quatro meses depois deixou o *A Manhã* para definitivamente ter o próprio jornal. No dia 13 de maio de 1926 fundou o semanário *A Manha*, cujo sucesso imediato foi espantoso. Aliás, foi n’*A Manhã* de Mário Rodrigues que Apporelly conheceu o talentoso desenhista e diagramador paraguaio Andres Guevara, então em início de carreira na imprensa carioca, estabelecendo-se não apenas uma parceria duradoura, mas uma grande amizade entre os dois. Em um primeiro momento, convidou o paraguaio para participar de sua publicação, oferecendo sociedade:

Desconfiado do êxito do novo jornal satírico, Guevara não aceitou a oferta de sociedade feita por Torelly no empreendimento. E conta que, quando soube do sucesso na manhã seguinte ao lançamento do jornal, teve vontade de bater com a cabeça na parede. Quando o dinheiro da venda avulsa começou a entrar em quantidade na caixa do jornal, Apporelly, na redação, apanhava um maço de notas e as jogava no chão, em frente de Guevara, como brincadeira, para fazê-lo ver como havia desperdiçado a oportunidade de tornar-se seu sócio (DILLENBURG, 2005, p. 17).

Quem também acompanharia Apporelly por um bom período a partir da década de 1930 como “direttore” do *Supprimento Intaliano*, a seção em macarrônico italiano encartada n’*A Manha*, foi Juó Bananere. Uma versão italiana do “João Bananeiro”, um vendedor de bananas das ruas de São Paulo, Alexandre Marcondes Machado destacou-se especialmente na imprensa paulista, onde desenvolveu através de seus poemas e crônicas um macarronismo ítalo-caipira que marcou sua presença em periódicos como o *Diario do Abax’o Piques* (SALIBA, 2002, p. 170-176). Outros nomes de peso aproximaram-se de Apparício no período, colaborando de alguma forma com *A Manha*, como Álvaro Moreyra, Raul Bopp, Jorge Amado, Cândido Portinari, Di Cavalcanti e Carlos Drummond de Andrade (ANDRÉ, 2004). É tarefa difícil identificar estas colaborações com precisão, já que normalmente os autores utilizavam pseudônimos, prática comum na época, especialmente em publicações com perfil humorístico. Também foi em meados da década de 1930 que Sergio Porto, o então jovem crítico de cinema de 22 anos que ficaria consagrado pelo personagem Stanislaw Ponte Preta, estabeleceu seu primeiro contato com Apparício Torelly. As diversas referências estudadas creditam a Apporelly uma influência determinante no humor que projetou Porto.

Aliás, Apporelly teria convivido com diversas figuras que se destacaram no cenário nacional, entre políticos, literatos, jornalistas e empresários. Os políticos Oswaldo Aranha e Adroaldo Mesquita da Costa, assim como Álvaro Moreyra foram seus contemporâneos no colégio Nossa Senhora da Conceição. Quando ainda morava em Porto Alegre, durante os tempos de faculdade, foi um assíduo frequentador do Centro dos Caçadores, um reduto da boemia gaúcha famoso pelas belas mulheres, reunindo em um só local uma casa de espetácu-

los, um cassino e um restaurante. Entre seus companheiros de noitada, estavam novamente o ex-companheiro de colégio Oswaldo Aranha, assim como Flores da Cunha, Alencastro Guimarães e o irmão de Getúlio Vargas, Benjamin, de quem se tornou grande amigo. Foi através de “Beijo” Vargas que Apporelly conheceu o jovem Getúlio, que costumava visitá-lo com o irmão para tomar um café no quarto da pensão onde morava (FIGUEIREDO, 1987; DILLENBURG, 2005). Anos mais tarde, no Rio de Janeiro, seguiu conquistando e cultivando inúmeras amizades, o que lhe rendeu uma significativa popularidade:

Um dos que o conheceram nas melhores fases da sua vida, o pintor Augusto Rodrigues, recorda-se do carisma de Apporelly: “o Barão era irresistível. Chegava e em poucos minutos era dono da conversa. E depois a gente via nele não apenas a inteligência, mas a bondade. Tinha sempre uma palavra de carinho para um amigo. Outra coisa é o enorme respeito e consideração que todos lhe tinham sem que tivesse posição e poder para isso”. No início dos anos 30, o Rio tinha pouco mais de um milhão de habitantes. Na cidade, então menor e mais acolhedora, os conhecidos se esbarravam com mais frequência nas ruas, e os limites onde as coisas importantes aconteciam eram mais estreitos. Circulando pelo coração da cidade, ele logo se tornaria uma figura conhecida (FIGUEIREDO, 1987, p. 70, grifo do autor).

Entre 1926 e 1928, Apporelly manteve o seu jornal com uma periodicidade louvável, se considerarmos o fato de que mantinha o empreendimento praticamente sozinho. Algumas interrupções deram-se em função das mudanças de endereço da redação, outras em função da censura, comum durante o governo de Artur Bernardes, mas também presente na presidência de Washington Luís. Nas páginas d’*A Manhã*, foi desenvolvendo sua paródia satírica à grande imprensa da época, estruturando junto a Guevara os alicerces da sua maior obra. Esta primeira fase é nitidamente marcada pela criação do personagem “nosso querido diretor”, a primeira personificação de Apporelly nas páginas do jornal. O maior colaborador do jornal, sob a ótica da ficção criada por Apparício, era o redator-chefe, Dr. Vaz Antão Luís, cuja participação insinuava explicitamente a figura do presidente Washington Luís. Esta relação entre o “nosso querido diretor” e Vaz Antão Luís é muito marcante nas primeiras fases, e será alvo de uma análise posterior mais detalhada.

Em meados de 1928, deixou *A Manhã* de lado e investiu o dinheiro que ganhara com o jornal para montar um laboratório em sua casa: “A Inglaterra instituía um prêmio pro descobridor da causa da aftosa. O Apporelly suspeitava dum vírus” (SSÓ, 1984, p. 47). Neste período, correspondeu-se com diversas comunidades científicas e proferiu inúmeras palestras sobre o assunto. Segundo Ssó, os dados da sua pesquisa chegaram a ser apresentados à Academia Nacional de Medicina pelo médico e professor Henrique Roxo, e há vagas referências de que chegou até mesmo a industrializar uma vacina. O poeta cubano Nicolás Guillén também se pronunciou sobre o assunto, afirmando que Apporelly realmente entendia de bacteriologia e que muito escreveu sobre os vírus filtráveis em bacilos. Mas mesmo se tratando de um assunto aparente-

mente sério, não conseguia deixar o humor de lado. Suas cartas comerciais para a comunidade acadêmica não eram terminadas com saudações afetuosas aos destinatários, mas sim com “saudações aftosas”. As peripécias do Apporelly cientista parecem perdurar por mais de um ano, pois *A Manhã* deixou de circular com a regularidade que apresentou no período anterior. Há indícios de apenas alguns exemplares esporádicos entre junho de 1928 e setembro de 1929.

Em outubro de 1929, associou-se a Assis Chateaubriand, e, no dia 10, *A Manhã* retornou, porém encartada no *Diário da Noite* do Rio de Janeiro. Apparício relutou e colocou diversos empecilhos<sup>41</sup> à sociedade, mas acabou aceitando, e fechou um contrato de um ano com Chatô. A parceria também foi permeada por motivos políticos, principalmente por parte de Chateaubriand. O *Diário da Noite* surgia destinado a ser um dos maiores suportes da campanha da Aliança Liberal e a aproximação com *A Manhã* visava atrair mais leitores. Embora Apparício simpatizasse com o partido oposicionista, a sua relação com as altas instâncias políticas do país sempre se mostrou um tanto quanto arredia. A primeira edição do *Diário* foi lançada no sábado, 5 de outubro. O fato é que, na primeira quinta-feira em que *A Manhã* chegou aos leitores como um encarte, o *Diário da Noite* dobrou de tiragem, vendendo cerca de 15 mil exemplares. Na segunda semana, chegou a 21 mil, e quando foi publicado o programa da Aliança Liberal, alcançou a marca de 125 mil exemplares (SSÓ, 1984; FIGUEIREDO, 1987). Quatro meses depois, n’*A Manhã* de 13 de fevereiro de 1930 (p. 8), Apporelly anuncia o fim da sociedade devido a uma “incompatibilidade de gênios” entre ele e Chateaubriand.

### 3.1.3 Proezas e batalhas de um fidalgo de araque

Embalado pela parceria com Chateaubriand, Apparício retomaria a periodicidade d’*A Manhã*, engatando novamente um longo período de regularidade entre 1930 e 1933. Durante a movimentação que desembocou na Revolução de 1930, mostrou-se empolgado com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, assim como boa parte da intelectualidade de esquerda da época. Segundo Figueiredo (1987, p. 52, grifos do autor):

Apporelly costumava contar aos amigos que logo após a Revolução de 30, ele fora convidado pelo recém-empossado Presidente Getúlio Vargas para comparecer ao Palácio do Catete. Como o humorista procurasse se esquivar de todas as maneiras ao compromisso, Vargas teria destacado um funcionário para levá-lo até o palácio munido de uma intimação policial. Na época, como era de se esperar após uma mudança de governo, havia uma verdadeira corrida aos cargos, e cerca de dois mil candidatos – todos gaúchos - disputavam uma vaga de inspetor de escolas federais. Segundo Getúlio, só Apporelly

<sup>41</sup> As objeções perpassavam questões envolvendo o preço, a equipe e a venda de espaço publicitário. Enquanto Apporelly comissionava os jornalistas com 75 réis dos 200 que cobrava pel’*A Manhã*, Chateaubriand repassava 25 réis dos 100 que custava o *Diário da Noite*. Além de um acordo quanto à comissão dos jornalistas, Apparício também exigiu que o chargista paraguaio Andres Guevara fosse contratado e que continuasse ele mesmo controlando a própria publicidade (SSÓ, 1984; FIGUEIREDO, 1987).

poderia salvá-lo daquela situação, aceitando o cargo. Para o novo presidente, seu nome era o único que não criaria ciúmes e ressentimentos em meio a tantos gaúchos. Apparely, entretanto, insistiu em não aceitar: “Se aceito, não posso falar mal nem do governo, nem do Presidente Vargas”. E despedindo-se, aconselhou a Getúlio: “Vossa Excelência será o maior estadista do país; não precisa fazer mais nada. Negue a dívida aos ingleses e aos americanos e os contemporâneos agradecem, quanto mais os pósteros”.

No final de 1931, sob o ritmo da euforia pós-Revolução, investiu no que pode ser considerada a maior criação de toda a sua obra: o antológico personagem Barão de Itararé, que o acompanharia como uma espécie de alter ego pelo resto de sua vida. Reagindo à limitada condição de reles empresário da imprensa, o “nosso querido diretor” tratou de aproveitar-se da situação política oportuna e autoconcedeu-se um título de nobreza por uma batalha que nunca aconteceu. Com este título, Apparely alcançaria com seu jornal o auge da sua popularidade, fazendo um retrato caricato das elites, dos poderosos e das personalidades de destaque da sociedade da época, como bem observa Figueiredo (1987, p. 64, grifo do autor):

O Brasil dos anos 20 era a república dos comendadores, dos doutores, dos membros da oligarquia que deixavam em todos os aspectos da política e da cultura da época a marca da sua prosa florida e dos arroubos da retórica. Símbolo mesmo da adulação e dos favores, das relações que se davam à sombra do poder, foi essa linguagem que Apparely – pela boca do Barão – virou de pernas para o ar, ao exagerar aquelas fórmulas estereotipadas até o absurdo. Com este estilo carregado de lugares-comuns, o Barão também punha a nu o provincianismo e todos os chavões e vícios da imprensa. Na época, era comum um jornal abrir espaço para alardear o espírito cristão da esposa do proprietário, que aparecia sorrindo para os leitores desde uma fotografia na primeira página, sempre a promover alguma obra de caridade. Da mesma maneira, era natural o aniversário do dono do jornal ser saudado por alentados artigos em que os redatores eram obrigados a competir na arte de bajular o patrão que, invariavelmente, merecia o tratamento de “o nosso querido diretor”, mesmo quando era notório este ser detestado pela unanimidade de seu quadro de funcionários.

Aos poucos, o entusiasmo com a revolução vai esmorecendo e o ceticismo para com a postura do regime conduzido por Vargas vai aumentando. A pressão pela constitucionalização do país, liderada por São Paulo, termina por culminar na Revolução Constitucionalista de 1932. Apesar da vitória do governo federal, o evento marcou o crescente descrédito frente à face autoritária do governo provisório e acirrou os ânimos até mesmo daqueles que apoiaram o movimento político-militar que determinou o fim da Primeira República em 1930. No período, as constantes provocações que Apparely publicava através d’*A Manha* terminariam por levá-lo à prisão a 2 de setembro de 1932, na então famigerada Quarta Delegacia Auxiliar do Rio de Janeiro, responsável pela ordem política e social. Seria a primeira de várias detenções que viriam ao longo da Era Vargas, somadas a diversas apreensões do seu jornal (FIGUEIREDO, 1987).

A Revolução Constitucionalista abriria espaço para a composição de uma Assembléia Constituinte em 1933, dedicada a desenvolver uma nova Constituição para o país. Quando o Governo Provisório nomeou arbitrariamente a Comissão Constitucional, encarregada de ela-

borar o anteprojeto de constituição a ser apresentado à Assembléia e definiu o regimento interno através de um decreto assinado por Vargas, Apparício logo percebeu que se tratava de um jogo de cartas marcadas. Além disso, a censura à imprensa prosseguiu dificultando a livre manifestação e, para completar, o registro eleitoral garantindo a participação do PCB nas eleições foi negado. Tudo indicava que se tratava de uma mera válvula de escape, levando Apporelly a batizar o Palácio Tiradentes<sup>42</sup> de “Circo Tiradentes”, uma piada que, aliás, dispensa explicações. Também em 1933, o nazismo e o fascismo, assim como a versão tupiniquim destes regimes, a Ação Integralista Brasileira (AIB), e seu líder máximo, o franzino Plínio Salgado, tornaram-se alvos constantes das provocações de Apparício Torelly n’*A Manha*.

Muitos detalhes sobre a vida do homem Apparício Torelly perderam-se no tempo. Segundo Figueiredo (1987, p. 126), “Aprelly era muito fechado em relação à sua vida pessoal”. Sobre sua segunda esposa, Zoraide, assim relata Figueiredo (1987, p. 126-127), conforme depoimento da poetisa Beatriz Bandeira, que conheceu e se aproximou do Apparício durante o período em que ficaram presos na Casa de Correção em 1935: “Parece que ela era do Rio Grande e os que conheceram o casal diziam que o Barão tinha uma grande paixão por ela”. Zoraide, assim como Alzira, também era da cidade de São Gabriel, e Apporelly a conheceu algum tempo depois que a ex-mulher o abandonou:

Na época, Zoraide era casada com um importante fazendeiro e político da região, Camilo Teixeira Mércio. Depois de Aprelly vir para o Rio, os dois ainda se corresponderiam por algum tempo, trocando cartas apaixonadas, sempre assinadas com pseudônimos. E quando em 1933 ela se decidiu a largar o marido e vir para o Rio viver com Aprelly, seu gesto provocou muitos mexericos na provinciana cidade de São Gabriel.

Em 1934, *A Manha* não circulou em janeiro. Não há informações que mostrem os motivos exatos, mas os indícios apontam duas possibilidades: ou Apporelly resolveu tirar espontaneamente um mês de férias ou a censura o forçou a isso. O fato é que, em 1934, a primeira edição d’*A Manha* saiu apenas no dia 5 de fevereiro. O jornal mantém-se regular até meados de setembro, quando Apparício junta-se a um grupo de jornalistas e intelectuais da época para fundar o *Jornal do Povo*. Dessa vez, tratava-se de um jornal sério, um diário “de esquerda, com apelo popular e voltado para as grandes reportagens. [...] Embora não fosse um órgão oficial do partido, o jornal divulgava as posições do PCB” (FIGUEIREDO, 1987, p. 86). O *Jornal do Povo* não só é um importante elemento na percepção do entendimento que Apporelly incorporou quanto à idéia do que seria uma linguagem popular, como também demonstra a sua preocupação em colaborar com a esquerda organizada da época.

---

<sup>42</sup> Sede do Congresso Nacional Brasileiro, que foi fechado com a Revolução de 1930.

A carta de um leitor, um operário de Juiz de Fora, publicada no *Jornal do Povo* de 12 de outubro de 1934, trazia uma interessante sugestão que dá um tom inicial ao argumento: “um jornal que traga somente questões proletárias no terreno sindical e político só interessará aos trabalhadores já iniciados”. O leitor prossegue, lembrando que a maior parte dos trabalhadores preferiam jornais como *A Noite* e *O Globo* porque abordavam crimes comuns, casos policiais envolvendo violências do cotidiano. A sugestão dele era de que o jornal não se voltasse apenas para os assuntos mundanos, como crimes e assassinatos, mas que também abordasse estes casos, “dando-lhes um cunho de classe nitidamente proletária” (FIGUEIREDO, 1987, p. 86). De fato, o enfoque excessivamente rancoroso e pretensamente radical adotado no discurso da militância comunista terminava por dar aos textos um tom exageradamente panfletário, fruto da orientação doutrinária comum ao discurso que a Terceira Internacional sugeria ao movimento no mundo. Esse discurso, porém, dificultava a aproximação com operários “não iniciados”.

No seu lançamento, o *Jornal do Povo* prometeu uma série de dez reportagens sobre a vida de João Cândido, líder da Revolta da Chibata. Apporelly, demonstrando compreender a sugestão do leitor, procurou reproduzir as reportagens sob a forma de um folhetim publicado em dez capítulos, a partir das suas entrevistas com o líder do motim. Assim, injeta um tom sensacionalista nos textos, conforme exemplifica o episódio “que começava justamente quando um dos oficiais encontrava alguns dos revoltosos no tombadilho”:

– Canalha – berrou ao esbarrar com os primeiros insurretos, e não disse mais uma palavra, porque os marujos enraivecidos o atravessaram a baioneta e o picaram a machadinha.

Há escaramuças a bordo. Os oficiais são caçados como se fossem feras, e os marinheiros, cada vez mais coléricos, estraçalham todos os seus inimigos, quer tenham galões sobre os ombros, quer sejam simples companheiros delatores.

E, em outro trecho, onde um espião delator era encontrado:

Trava-se uma luta horrenda, uma luta de morte. Por fim, o marinheiro negro atravessa o coração do traidor com a lâmina branca da pernambucana e escarra na cara do policial estrebuchante:

– Vá se queixar à sua Princesa Isabel: ela é culpada disto tudo (FIGUEIREDO, 1987, p. 88-89).

Mesmo após tantos anos, a Revolta da Chibata ainda era um assunto delicado, que ressentia os oficiais da Marinha. Frente ao enfoque dado por Apporelly e ao clima político hostil do momento, o folhetim do *Jornal do Povo* acabava implicando certos riscos. Além do mais, naquele momento, a Marinha era a força armada que mais concentrava adeptos do Integralismo, constantemente provocados n’*A Manha*. Após a publicação do terceiro capítulo do folhetim, o Barão foi seqüestrado por cinco homens quando saía de casa. Deram-lhe uma surra,

rasparam-lhe a cabeça e o abandonaram quase nu nas proximidades de Jacarepaguá. Por detalhe, segundo o próprio Apparício, não o mataram. Foi a partir deste episódio que a célebre placa com o aviso ‘Entre sem bater’ passou a ser afixada na porta da redação d’*A Manhã*. O *Jornal do Povo* teve vida curta, mas os dez dias em que circulou foram suficientes para abalar o jornalismo carioca (FIGUEIREDO, 1987).

A partir de então, Apparício começou a participar mais ativamente da política nacional. Mas é importante ressaltar que o perfil militante de Apporelly nunca foi muito convencional. Segundo o seu filho Arly, em depoimento a Figueiredo (1987, p. 193), “o humorista nunca chegou a ser formalmente um membro do partido com militância regular”:

Não devido a quaisquer divergências. “Ele não conseguia ter nenhuma disciplina sobre si mesmo, quanto mais em relação a um partido”, conta Arly. O próprio Apporelly afirmou no fim da vida: “Nunca fui um militante no sentido exato do termo”. Já velho, não gostava de falar sobre sua atuação como vereador na Câmara do o<sup>43</sup>. “Foi uma das grandes coisas que me aconteceram na vida contra a minha vontade”, disse ele. “E eu quero fazer tético silêncio sobre este assunto. Tenho uma grande vergonha, e tenho medo de que eles se esqueçam de que fui vereador e me façam cidadão carioca honorário. Eu sou um cidadão do mundo, do espaço cósmico. [...] Admirava Prestes, tinha por ele uma grande amizade, e não pude recusar o convite” (grifos do autor).

Figueiredo ainda argumenta que não havia consenso nos depoimentos sobre suas posições políticas. Quem o conheceu apontava uma visão, normalmente orientada pelas próprias posições ideológicas e visão de mundo:

“No fundo, era um anarquista, um porra-louca”, diz um velho jornalista. “Não, comunista ele nunca foi”, afirma um escritor católico. “Ele foi usado pelo partido; sabe como é, eles adoram um mártir”. Outro frisa que, antes de um esquerdista, ele foi um humanista. Isso sem dúvida ele foi. Não de um humanismo que erguesse a humanidade a uma categoria abstrata, e todo-poderosa, com H maiúsculo, pairando acima de um homem impotente, como fazia o positivista Augusto Comte. Este filósofo afirmou certa vez: “O homem se agita e a Humanidade o conduz”. Mais realista, o Barão sentenciou: “O homem se agita e a polícia o conduz”. Era ao lado desse homem que estaria sempre. Esse era o seu humanismo. [...] Mas, entre tantas especulações, com uma definição sua o Barão certamente teria se deliciado – a que um anônimo e diligente funcionário lançou no seu prontuário policial: “O epígrafado usa os pseudônimos de Apporelly e Barão de Itararé. É bem conhecido entre os intelectuais comunistas e, à guisa de ‘humorismo’, promove a campanha de descrédito e desagregação com seus escritos ilógicos, que não deixam de ser apreciados pelas massas” (FIGUEIREDO, 1987, p. 194, grifos do autor).

No início de 1935, ajudou a criar e filiou-se à frente popular conhecida como Aliança Nacional Libertadora (ANL), que foi oficialmente lançada no final de março em uma solenidade que reuniu milhares de pessoas no centro do Rio de Janeiro. Mas a Lei de Segurança Nacional (LSN), a chamada “lei monstro”, promulgada em abril, viria a acabar com as pretensões da ANL, cerceando ainda mais os direitos e jogando a organização na

<sup>43</sup> Apparício viria a eleger-se vereador pelo PCB em 1947.

clandestinidade. Após a grande repercussão do manifesto público de Prestes propondo a derrubada do governo e exigindo "todo o poder à ANL", Vargas ordenou o fechamento da organização em julho. O ano de 1935 estava fadado a ser um ano muito difícil não apenas para a nação, mas em especial para Apparício. *A Manha* passou a circular com dificuldade, tendo lançado apenas 20 edições ao longo desse período, e sem a regularidade que vinha conseguindo manter nos anos anteriores. Entre abril e julho, o jornal simplesmente não circulou, para retornar em agosto, quando se manteve normalmente até o final de outubro. Com a infeliz tentativa de golpe por parte do PCB em novembro de 1935, a chamada Intentona Comunista, estava criado o pretexto para o fechamento incondicional do cerco, e, em 9 de dezembro, Apparício, entre outros milhares de militantes, intelectuais e simpatizantes da ANL, foi levado à presença do juiz Castro Nunes, da Vara Federal, e encarcerado. Um pouco antes de sua prisão, sua segunda esposa, Zoraide, falecia vitimada por um câncer. Apporelly ficaria preso por um ano, e *A Manha* só voltaria a circular, pelo menos com a mesma intensidade que alcançara nos primeiros 10 anos, após 1945 com o fim da ditadura varguista (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS; FIGUEIREDO, 1987).

### 3.1.4 O íntimo do homem Apparício Torelly

Há ainda alguns últimos detalhes sobre o homem Apparício Torelly que podem ser citados de modo a complementar a compreensão de suas características mais íntimas. Primeiro, o fato de que sua vida foi marcada por diversas tragédias, fatos que sempre procurou manter no âmbito de sua vida privada, ou pelo menos nunca deixou transparecer em sua bem humorada obra. Não há vestígios de autocomiseração em seus textos e relatos<sup>44</sup>. Graciliano Ramos (2005, p. 402-403) foi um dos poucos que expôs as dificuldades e tormentas de Apporelly, a partir de sua convivência com ele na Casa de Correção em 1935:

À direita, o meu pobre amigo Apporelly, a sofrer, amável e risonho, lançando trocadilhos em atitude profissional. Doía-me a paciência triste dele, aparentemente alegre. Não passava mal o dia, mas à noite, apagadas as luzes, entrava a aperrear-se, em forte agitação. De repente erguia-se num tremor convulso, batendo os dentes, a arquejar. Isso me dava um sono incompleto. Abandonava o travesseiro, agarrava o doente até que ele se acalmasse. Atormentava-me. Iria Apporelly morrer-me nos

<sup>44</sup> Além das tragédias anteriores, o suicídio da mãe, a presença inconstante do pai, o abandono pela primeira esposa, os derrames, as prisões e a morte da segunda esposa, outros dramas marcantes atravessariam a vida de Apporelly. Em 1937, pouco tempo após sair da prisão, casou-se com a baiana Juracy, com quem teve o seu quarto filho, Amy Torelly. Mas, em 1940, quando Juracy estava para dar luz ao segundo filho do terceiro casamento, complicações levaram ao falecimento da esposa e da criança. Em 1943, morreu sua única filha, Ady, vítima de uma cirurgia de apendicite mal sucedida. Sua quarta e última companheira, Aída Costa, uma hipocondríaca com sérios problemas mentais, com quem se juntou no início da década de 1960, suicidou-se em 1965, ateando fogo às próprias vestes na praia do Flamengo. Para completar, no mesmo período, viu-se obrigado a assistir o golpe militar de 1964, com outra ditadura sendo instaurada no Brasil (FIGUEIREDO, 1987; ANDRÉ, 2004).

braços? Por fim o meu ato era mecânico: ao despertar, já me achava seguro a ele, tentando um socorro impossível. Íamos ao consultório médico pela manhã, tomar injeções. As minhas pernas ainda estavam ruins. Descíamos a escada, lentos, amparando-nos; chegávamos ao pátio, enfrentando numerosos obstáculos. Apporelly trauteava uma canção briosa, enérgica, atirada com fogo desde o Pavilhão dos Primários. Era engraçado vê-lo, arrimando-se, capengando, insistir na marcha difícil. Ao chegar a um portão, lançava o estribilho:

– Aqui não há quem nos detenha, Não há quem vença a nossa galhardia.  
Ficava assim minutos a esgoelar-se, até que o guarda nos abrisse passagem.

Como última aproximação, é importante ressaltar que Apporelly também foi, acima de tudo e apesar de tudo, um verdadeiro *bon vivant*. Sempre foi um boêmio, embora nunca tenha chegado a tornar-se “um farrista de se perder pelos bares. Os amigos não se lembram de tê-lo visto bêbado alguma vez” (FIGUEIREDO, 1987, p. 71). Apreciava um bom vinho ou espumante e gostava não apenas de comer bem, mas sabia fazê-lo também. Segundo Figueiredo, era um *gourmet*. Gostava de jogar, tendo muitas vezes acompanhado o General Flores da Cunha ao Jockey Club, onde perdeu fortunas. Também era chegado a um carteadado e, nos cassinos, suas modalidades prediletas eram a roleta e o bacará campista. A essa última, associou seus conhecimentos científicos, tendo confidenciado ao amigo e companheiro de jogo, o ator Jaime Costa, que apoiado em seus conhecimentos de matemática e da teoria das probabilidades, estava prestes a descobrir uma tabela “infalível” que permitiria ganhar sempre. Aos amigos, justificava a ineficiência dos resultados alegando que ainda não havia terminado os estudos.

Apporelly demonstrava desapego ao dinheiro, tendo até mesmo assinado um papel abrindo mão da parte que lhe coube da herança do seu tio Firmino. Segundo depoimento de seu filho Arly a Figueiredo (1987, p. 72-75), justificava a atitude dizendo que não havia trabalhado para ganhar aquele dinheiro. Sempre foi generoso com os amigos, ajudando quando podia. Mas, nos momentos difíceis, não se acanhava em recorrer aos mesmos. Assim como não cobrava, muitas vezes também não pagava os empréstimos, embora quanto às suas transações comerciais, costumava saldar os compromissos. Também não era dado a pagar taxas e impostos, alegando que “a União lhe trouxera mais prejuízos que benefícios”. Oscilava entre momentos de muita bonança e alguns mais penuriosos<sup>45</sup>, mas não há alusões de que alguma vez tenha deixado sua família passar necessidade. Durante a prisão, pôde contar com a ajuda dos amigos para manter a situação em mínima ordem. Talvez, entre as mazelas da atribulada vida de Apporelly, a mais marcante seja que não conseguiu dar a a-

---

<sup>45</sup> Quando foi preso em 1935, possuía uma casa na Rua Saint-Roman, nº 188, em Copacabana, junto ao Morro do Cantagalo, comprada através de um financiamento na Caixa Federal, e um automóvel Chrysler de seis cilindros, o que aponta uma situação relativamente confortável para os padrões da época. Porém, quando saiu, ao final de 1936, o carro havia se deteriorado, e a casa havia sido tomada por falta de pagamento (FIGUEIREDO, 1987, p. 91; 113; 129).

tenção merecida aos filhos quando pequenos, que, na maior parte do tempo, cresceram sob a guarda de governantas e empregadas (FIGUEIREDO, 1987, p. 129).

Em entrevista concedida à revista *Manchete* de 18 de setembro de 1965, já ao final de sua vida, ele mesmo deixou clara a sua relação com o dinheiro. Em um trecho, quando perguntado sobre a importância deste em sua vida, respondeu:

Nenhuma importância. Eu considero os homens que acreditam na importância do dinheiro verdadeiros escravos dele. Nenhum artista deve pensar no dinheiro. Porque se ele pensar, ele perde a arte e o dinheiro. Se ele fizer arte, aí o dinheiro vem como um cãozinho. [...] O amor não se compra nem se vende. O dinheiro é um mito criado pelos escravizadores da humanidade. [...] Na mitologia, o dinheiro tinha o nome de Minotauro, um monstro com a cabeça de touro, gerado pela corrupção e pela traficância, que vivia num labirinto devorando os que lá entravam sem conhecerem a saída (FIGUEIREDO, 1987, p. 74-75).

Em outra passagem, complementar à primeira, concluiu:

A vida em si já é um grande valor quando é livre e criativa. Mas a vida escrava, escrava de mitos, alimentada pela ignorância, não merece o nome de vida. A vida é amor, mas não pode haver amor quando se fala em dinheiro, que é o pecado original, do qual resultam todos os crimes. O homem que coloca o dinheiro como base de sua vida, é um infeliz, que nega o seu próprio valor. Em resumo: o bem e o mal para mim não existem. O que existe é o conhecimento e a ignorância. A ignorância é o medo, o receio, a insegurança, é a fome, o ódio, a inveja, o orgulho, o desentendimento, a rixa, o conflito, a maldade, o crime, a guerra, a destruição. O conhecimento é a coragem, o entusiasmo, a solidariedade, o progresso, o respeito ao trabalho, o entendimento, o carinho, é a paz, a construção, o amor (FIGUEIREDO, 1987, p. 189).

Aliás, os seus últimos anos de vida, curiosamente, foram solitários. Aprofundou-se em especulações esotéricas, entre “horóscopos biônicos”, quadrados mágicos, plantas medicinais e macrobiótica. Cultivando uma longa barba branca e cabelos compridos, adotou um estilo despojado e aderiu ao vegetarianismo. Em 1971, sua saúde piorou, vindo a falecer no dia 27 de novembro em seu apartamento no Rio de Janeiro (KONDER, 2002; ANDRÉ, 2004)<sup>46</sup>.

### 3.2 O “hebdromedário” *A Manha*

Uma análise prévia da presença d’*A Manha* no cenário do Rio de Janeiro das décadas de 1920-30 aponta que o “hebdromedário”<sup>47</sup> não desafiou apenas os seletivos fatores mercadológicos decorrentes do processo de modernização da imprensa, como também subverteu elementos da linguagem e do comportamento profissional arraigados a este processo. No período proposto para esta pesquisa, que compreende as edições publicadas entre 1926 e 1935, podem-se identificar três fases: a primeira abrange a era do formato A4, que vai de

<sup>46</sup> Uma cronologia ilustrada complementar sobre a vida de Apporelly encontra-se disponível no *ANEXO B – Cronologia biográfica ilustrada de Apparício Torelly (1895-1971)*.

<sup>47</sup> O termo é um trocadilho comumente utilizado por Apparício Torelly para referir-se ao seu jornal, uma clara alusão em estilo *nonsense* à expressão hebdomadário (semanário).

1926 a 1930, com a presença marcante do personagem “nosso querido diretor”; a segunda, que pode ser interpretada como uma subfase da primeira, já que preserva as características da anterior, remete à parceria com Assis Chateaubriand e a veiculação como encarte no *Diário da Noite*, entre outubro de 1929 e fevereiro de 1930, bem como o período que se sucede, até o mês de outubro; a terceira, a partir de novembro, marca o início do formato tablóide e o surgimento do personagem Barão de Itararé, em um processo concomitante à eclosão da Revolução de 1930. Esta classificação é fundamentada no esquema sugerido por José Carlos Mendes André (2004), porém ligeiramente modificada para adequar-se melhor aos eventos que distinguem as três fases sugeridas.

A *Manha*, pelo menos no que diz respeito ao período que delimita o *corpus* desta pesquisa, era desenvolvida quase que individualmente por Apporelly. A publicação satiricamente insinuava ares de um grande jornal, compondo, enfim, uma abrangente paródia à grande imprensa. Esta paródia manifesta-se nos mais diversos aspectos do jornal, lingüístico e imagético, desde o título, a concepção dos cabeçalhos epigrafados, passando pelo expediente, bem como ilustrações que iam da fotomontagem à utilização de desenhos com pretensões jornalísticas, insinuando uma fidelidade ao mundo real que culminava nos textos produzidos quase que integralmente pelo próprio Apparício. N’A *Manha*, muitos dos fatos eram inventados, por vezes aproveitando-se do que circulava na ‘concorrência’. A eloqüência em diversas matérias suscitava ares de um grande jornal e, em alguns casos, invertia os papéis: A *Manha* tornava-se “uma das maiores empresas jornalísticas do continente” (A *Manha*, 1931, n° 1, p. 6), enquanto o conservador *Jornal do Comércio* era reduzido a uma “gazetinha humorística” (A *Manha*, 1928, n° 72, p. 8).

Reunidos alguns pressupostos teóricos e considerando-se a análise prévia do material de pesquisa, é possível apontar alguns elementos introdutórios na caracterização d’A *Manha* que operam na compreensão contextual da pesquisa, dentro do que Reuter (2007) define como aspectos paratextuais. Considerando-se que o personagem é parte da linguagem da publicação, estas características proporcionam uma percepção inicial complementar à análise. Trata-se de uma percepção eventualmente hipotética, dado o distanciamento temporal do objeto de estudo, mas que poderá ser mais bem aprofundada e comprovada ao longo da realização da pesquisa. Em primeiro lugar, a publicação surge e desenvolve-se de modo adverso a algumas tendências da época, oscilando entre as tendências mercadológicas e técnicas, em uma postura de apropriação e subversão das práticas em voga. Além do humor recorrente, aspecto da linguagem obviamente contrário à suposta “seriedade” comum à tendência informativa de boa parte dos jornais diários, pode-se enfatizar a longevidade incomum d’A

*Manha*, se considerarmos o caráter artesanal de sua produção. Graficamente pode-se dizer que *A Manha* não apresentava nada de excepcional, mas também não deixava a desejar nos aspectos mais essenciais. O humor transpassava todos os aspectos da publicação, sendo comumente construído em tom paródico (SALIBA, 2002; ANDRÉ, 2004; AGUIAR, 2006). Assim, este humor não se restringia apenas ao conteúdo textual propriamente dito, como também se ajustava aos limites das convenções mercadológicas familiares a jornais e revistas de então, ainda que subvertesse muitos destes aspectos.

### 3.2.1 Estrutura, tiragens, formatos, periodicidade e pilhérias

O jornal inicia suas atividades na Rua 13 de Maio, próximo à Av. Almirante Barroso, a duas quadras da Av. Rio Branco, e começa a circular no dia 13 de maio de 1926, sendo assim anunciado por Apparício na primeira página:

A Manha, que nasce na à rua 13 de Maio n. 41, no dia 13 de Maio de 1926, não pôde deixar de prestar a sua homenagem ao 13 de Maio de 1871, data que veio (como diria, gravemente da tribuna da Câmara, o Sr. Vianna Morro do Castelo), apagar uma mancha negra das páginas fulgurantes da nossa história!  
Sr. Presidente e meus senhores!  
Só podemos, portanto, congratularmo-nos com aqueles que deixaram de ser escravos, em virtude da lei do ventre livre, que veio acabar também com a prisão de ventre. Podem parecer rudes tais palavras, mas a verdade seja dita, embora com escândalo. Aproveitamos a oportunidade para apresentar à raça etiópica as nossas cordiais saudações pela entrada do ano novo.  
E viva, pois, o dia 13 de Maio n. 41!  
E viva a rua 13 de Maio de 1926!

Em suas páginas, *A Manha* era explicitamente identificada como um jornal – era assim que o próprio Apporelly a caracterizava. Era impressa em preto e branco, provavelmente buscando garantir impressão mais barata, já que o jornal sempre foi rodado em gráficas de terceiros, como *A Noite*, *Diário da Noite*, *Diário Carioca* ou *O Jornal*. Em apenas um pequeno período, no início de 1934, Apporelly investiu em uma impressão em ‘três cores’, utilizando tinta vermelha (além do preto e do branco), caracterizando o que ele chamou de ‘trícromia’<sup>48</sup>. Tratava-se de outra brincadeira de Apparício, já que alguns dos grandes jornais adotavam a impressão em cores em algumas seções e suplementos. Embora fosse tratada como um jornal, seu formato inicial (1926-1930) era mais próximo à dimensão das revistas, 21 x 29 cm, com 16 páginas. É possível que, assim como a impressão em preto e branco, também se tratasse de uma estratégia para baratear o custo da publicação, buscando primar pela tiragem. A edição de 18 de novembro de 1926, por exemplo, apresentava a quanti-

<sup>48</sup> Utilização de três cores básicas combinadas – amarelo, magenta (ou vermelho) e ciano (ou azul-esverdeado), de modo a reproduzir qualquer tonalidade desejada a partir de três impressões sucessivas do papel.

dade de 50.000 exemplares em seu expediente – uma produção espantosa para a época, caso não se trate de mais um blefe paródico do seu proprietário<sup>49</sup>.

A partir da edição nº 53 de 7 de novembro de 1930, *A Manhã* adere ao formato tablóide (40 x 28 cm). Apporelly manteve um tamanho acessível e de fácil manuseio, adequado para a leitura rápida, porém mais próximo ao dos jornais tradicionais, aprimorando sua paródia. É importante ressaltar que, na época, todos os grandes jornais utilizavam o formato *standard*, e o tablóide estava associado aos mais popularescos ou menos sérios: “o tablóide é uma forma posterior, que no início do século XX nos Estados Unidos faz a fama do jornalismo sensacionalista. Apesar desse tipo de formato ter sido mais associado a jornais menos sérios, [...] é um modelo preliminar para um veículo bem organizado e fácil de controlar” (BAHIA, 2009b, p. 270). Neste tamanho, *A Manhã* normalmente vai apresentar oito páginas, mas algumas poucas edições chegaram a ter 16 e até 24 páginas. Além do formato, o quesito periodicidade também foi parodiado na publicação. De circulação semanal, a princípio deveria sair nas quintas-feiras, mas, na prática, não havia tanto rigor, conforme o próprio Apporelly justifica em uma nota intitulada “Explicação necessária”, n.º *A Manhã* de 16 de julho de 1932:

Muita gente tem estranhado que este quinta-ferino venha sendo publicado aos sábados. Há mesmo quem afirme que não se compreende um quinta-ferino que não seja publicado às quintas-feiras.

Por um dever de lealdade, devemos confessar que assim deveria ser. Sucede, porém, que *A Manhã* é um jornal independente e, se fosse obrigado a ser publicado às quintas-feiras, perderia essa independência, que é uma das características inalienáveis do seu programa. Por isso, *A Manhã* não se publica em dias certos, mas sim, em certos dias.

Acresce ainda que uma grande folha como a nossa não pode se subordinar às ridículas imposições da folhinha.

Sem interrupções, *A Manhã* poderia render aproximadamente 50 edições por ano. Quando lançado, no dia 13 de maio, manteve a periodicidade semanal até 8 junho de 1926. No nº 4, de 29 de junho de 1926, uma matéria justifica a inconstância em função da tirania dos horários – na verdade, há uma coincidência com a primeira mudança de endereço da redação, para o Beco Manoel de Carvalho, o que pode ter provocado esta interrupção. O nº 5 vai sair em 15 de julho de 1926, e o nº 6 em 5 de agosto de 1926, para depois voltar à regularida-

---

<sup>49</sup> Alguns dos elementos paratextuais suscitam certa dúvida quanto às pretensões d’*A Manhã* ser um jornal, em especial nas fases iniciais, quando o formato e a periodicidade confundem-se com os padrões adotados pelas revistas. Apparício jamais se referiu à própria publicação como sendo uma revista, sugerindo que suas pretensões, ao adotar alguns elementos deste tipo de publicação, eram provavelmente permeadas por questões mercadológicas e/ou paródicas. É difícil identificar com exatidão a teleologia de alguns detalhes, que inevitavelmente perderam-se no tempo. Porém, as capas d’*A Manhã* são um forte indício do esforço em aproximar a publicação dos grandes jornais, com matérias de destaque e textos dispostos em colunas, e imagens ilustrando o(s) tema(s) tratado(s) (diferentemente das revistas, que, desde os primórdios, geralmente traziam uma ilustração ou elemento imagético que preenchia a totalidade da capa). É fato que *A Manhã* hibridiza elementos dos dois tipos, mas para os fins deste trabalho, vai-se operar no sentido de preservar a intenção revelada por Apparício Torelly, que se refere à própria publicação como sendo um jornal.

de. Do nº 13, de 2 de outubro, para o nº 14, de 11 de novembro, sofre perseguição por autoridades policiais, ao final do mandato do presidente Arthur Bernardes, com apreensões d'*A Manhã*. A censura prossegue no início do mandato de Washington Luís, iniciado em 15 de novembro. O jornal volta a ser semanal em 2 de dezembro de 1926. Ao todo, 21 edições foram lançadas entre maio e dezembro do ano de 1926.

Em 1927, apresenta grande regularidade, com um total de 44 edições, mantendo sua periodicidade quase sem interrupções. No dia 13 de janeiro, nova mudança, com a redação passando para um sobrado na Av. Almirante Barroso. Há apenas algumas interrupções entre os números 29, de 24 de fevereiro, e 30, de 5 de março; depois, entre os números 31, de 10 de março, e 32, de 7 de abril; e apenas mais uma entre setembro e outubro, novamente em função da censura. No dia 10 de março de 1927, nº 31, anunciou suas novas instalações; aproximadamente um mês depois, em 7 de abril, nº 32, “noticiou” a “compra” do Edifício do Cinema Império pel'*A Manhã*, na então chamada Praça Marechal Floriano – a “compra”, que na verdade foi mais uma mudança de endereço, pode ter causado a falha na periodicidade<sup>50</sup>. Mantém-se no Edifício do Cinema Império até a interrupção, que se dá entre 1928 e 1929, em função de suas pesquisas sobre a febre aftosa. Algumas edições esporádicas ainda foram identificadas até o relançamento d'*A Manhã* como encarte do *Diário da Noite*, em outubro de 1929.

A partir de então, instala-se no Edifício Portela, junto ao *Diário da Noite*, onde ficaria até março de 1931, mudando apenas uma vez de sala por volta de maio ou junho de 1930, depois que a parceria com Chateaubriand terminou<sup>51</sup>. Neste período, há apenas duas interrupções. Uma no final de fevereiro, justificada por um pequeno período de férias, conforme anunciado n'*A Manhã* de 13 de março de 1930, e outra em outubro, em função dos eventos

<sup>50</sup> Aliás, Apporelly muito satirizou nas páginas d'*A Manhã* a questão dos vultosos investimentos imobiliários que transformavam o cenário carioca de sua época, ‘comprando’, ‘negociando’ e ‘disputando’ algumas das mais notáveis construções. O fenômeno, que se intensificou após a reforma urbana de Pereira Passos, repercutiu, conforme já visto, diretamente na grande imprensa em formação, destacando-se especialmente no centro urbanístico em torno da Avenida Central (depois Avenida Rio Branco). Mas não foram apenas os prédios dos grandes jornais que alimentaram a fantasia do “nosso querido diretor”. Um dos alvos prediletos de Apparício foi a tradicional família Guinle, cujos investimentos no mercado fundiário urbano marcaram a arquitetura do Rio de Janeiro da primeira metade do século XX. Os Guinle acumularam uma verdadeira fortuna a partir da concessão que obtiveram para a construção e exploração do porto de Santos em 1888. Segundo Cattán (2003, p. 150-151), da atuação dos Guinle no mercado imobiliário, somente na primeira década do século foram construídos “um grande hotel, um teatro, duas sedes para suas empresas e três outros prédios para renda, todos na Av. Central recém inaugurada”. Entre as inúmeras obras arquitetônicas da família Guinle no Rio de Janeiro, destacam-se o Palácio Laranjeiras, o Palace Hotel e o Copacabana Palace Hotel, o Edifício Sede do Banco Boavista, os três edifícios de Lúcio Costa no Parque Guinle, os edifícios Bristol, Caledonia e Nova Cintra, o Teatro Phenix, o Hospital Gaffrée-Guinle, a Sede do Fluminense Futebol Clube, o Hipódromo da Gávea, o Edifício Sede do Jockey Club Brasileiro e o Edifício Linneo de Paula Machado.

<sup>51</sup> Segundo André (2004, p. 172), há depoimentos de que Apparício colocou uma placa no topo da fachada do prédio que era maior que a do *Diário da Noite*, insinuando que o jornal de Chateaubriand era parte d'*A Manhã*, e não o contrário.

deflagrados pela Revolução, entre as edições de 3 de outubro e 31 de outubro. Entre outubro de 1929 e dezembro de 1930, saíram 60 edições. Nos próximos três anos, *A Manhã* prosseguiu com uma impressionante regularidade, com 50 edições em 1931, 51 em 1932 e 49 em 1933. Ao longo deste período, a redação passou por diversos endereços. Em 14 de março de 1931, voltou ao Edifício do Cinema Império, na prestigiada região que se popularizou como Cinelândia, junto à Praça Floriano. Em 19 de agosto de 1932, instala-se no Edifício do Cinema Odeon, também localizado na Praça Floriano, onde ficou por aproximadamente seis meses. Em 9 de março de 1933, muda-se para o Edifício d’*O Jornal*, na Rua 13 de Maio, onde permaneceria até 1935. A partir de 1934, o periódico começa a sofrer uma série de interrupções, seja em função do ativismo político de Apparício, seja devido à censura – foram lançados 33 edições em 1934 e apenas 20 em 1935. Em agosto de 1935, a redação retornou ao Edifício Odeon, resistindo apenas até o final de outubro. Após, *A Manhã* voltaria a circular apenas em 1937, depois da libertação de Apporelly.

### 3.2.2 *Mais algumas jocosas características por um preço módico*

Um aspecto marcante na paródia jornalística d’*A Manhã* é o nome dado por Apparício à publicação. Primeiramente porque é uma referência explícita ao jornal de Mário Rodrigues, *A Manhã*, onde o jornalista trabalhava antes de fundar o “hebdomedário”. Com a simples supressão do ‘til’ do nome do periódico de Rodrigues, Apporelly introduziu uma rica e interessante conotação jocosa à identidade do seu jornal. Entre as possíveis acepções da palavra ‘manha’, três merecem comentário: “habilidade de enganar, despistar, desorientar; astúcia, esperteza, malícia”; ou “meio oculto, processo particular e eficaz para alcançar um objetivo, conseguir um dado efeito; segredo”; ou ainda “choro ou lamento de criança, obstinado e sem motivo” (HOUAISS, 2001). A primeira pode ser interpretada junto ao comportamento do malandro, ao posicionamento como *clown*, ao caráter bufônico encarnado por Apparício, conforme explorado no início deste capítulo. A segunda, de modo complementar, enfatiza o agir dissimulado que se associa ao comportamento descrito na primeira acepção. Por este viés, suscita-se uma aproximação com o público, pela apropriação de um aspecto marcante que se arraigava na cultura popular do âmbito espaço-temporal em que *A Manhã* se inseria. Igualmente, a semântica implícita ao título pode também apontar uma sátira paródica à hipocrisia dos padrões valorativos de transparência e idoneidade que, já naquela época, permeavam o discurso dos grandes jornais, que, na prática, operavam entre obscuras relações de poder e objetivos distantes dos interesses públicos.

A terceira acepção aponta uma relação com outra característica que se destaca no jornal de Apporelly: as epígrafes. Este aspecto, que aproximava a publicação dos antigos pasquins, aparecia junto ao nome, anunciando os propósitos d'*A Manha*: “ÓRGÃO DE ATAQUES... DE RISO”; ou “PASSARINHO SEM ALPISTE NÃO CANTA”; ou ainda “QUEM NÃO CHORA... ..NÃO MAMA...”. Esta última, bem mais recorrente ao longo do período estudado, normalmente aparece em meio a duas ilustrações, que mostram um bebê chorando e depois mamando respectivamente. Sendo assim, também sugere esta manha infantil que está intrínseca ao significado da palavra. Tal constatação, de certa forma, não deixa de metaforicamente reforçar o enfoque na malandragem, em uma paradoxal e interessante mescla de malícia e ingenuidade.

O expediente, por sua vez, assim apresentava-se na edição de 23 de dezembro de 1926 e assim seria mantido por toda existência do jornal, com ligeiras modificações que não lhe alteravam a proposta inicial:

A Manha	ANNUNCIOS
Órgão de ataques... de riso	Isto, agora, é por tabella. Por exemplo:
Director proprietário: APPORELLY	1 página, p/ vez. 400\$000
Producção e administração: Avenida	½ página, p/ vez. 220\$000
Almirante Barroco n.6, 1º andar	¼ página, p/ vez. 120\$000
Expediente: Não tem. Jornal sério	1/8 página, p/ vez. 70\$000
não vive de expediente.	Terão abatimento os contratos: por 4 publi-
Em todo caso, cobra as assignaturas:	cações – 10%; por 12 – 15%; por 24 – 20%
Para o interior (da nossa gaveta)	Maior abatimento terá o director, se não
Anno..... 25\$000	conseguir os annuncios desejados
Semestre ..... 14\$000	
Para o exterior (do vosso bolso)	16 páginas
Anno..... 50\$000	
Semestre ..... 30\$000	Tiragem: 50.000 exemplares

No expediente, novamente é perceptível o tom paródico à grande imprensa, mas também é possível identificar elementos que denotam uma preocupação economicista, como a busca por assinantes e anúncios, apontando que a publicação também procurava adequar-se às mesmas circunstâncias mercadológicas da concorrência, de modo a garantir sua subsistência. Aliás, *A Manha* contou com uma série de anunciantes ao longo da sua jornada, que incluem desde os pequenos negócios do comércio local até grandes empresas, como Telefunken, Mont Blanc, Antarctica, Castrol, Souza Cruz, Shell, Banespa, Philips, Nestlé, Jeep, Ford, Brahma, entre outros. Os anúncios, normalmente idealizados pelo próprio Apporelly, muitas vezes faziam referências ao universo d'*A Manha*, aludindo à própria publicação ou utilizando os personagens “nosso querido diretor” e Barão de Itararé como garoto propaganda. Algumas vezes, apareciam na forma de notícias ou em pequenas crônicas, poemas ou notas chistosas. Outro aspecto importante é que, entre 1926 e 1930, *A Manha* sempre manteve um preço compatível com os outros jornais, oscilando entre 100

réis, o preço dos periódicos mais populares, e 200 réis<sup>52</sup>. Assim, o jornal sempre se manteve em aproximação com os padrões comerciais da imprensa da época.

Em alguns momentos, apresentava brincadeiras com referências explícitas à grande imprensa, referenciando o nome dos outros jornais e envolvendo-se em grandes disputas que comparavam a estrutura d'*A Manhã* à de seus “concorrentes” e ironizando certas posturas. Na capa do exemplar de 22 de dezembro de 1932, por exemplo, o cabeçalho d'*A Manhã* é seguido por uma cópia literal do cabeçalho d'*O Paiz*, formando o título “Homenagem a O PAIZ”. O motivo para essa paradoxal intervenção é que “o nosso querido diretor” estava em viagem pela Europa, conforme vinha anunciando desde as edições anteriores. Em sua ausência, Vaz Antão Luís, que ‘além de redator-chefe d'*A Manhã* acumulava o cargo de Presidente da República’, assumiu a direção do jornal. A brincadeira, assim, é uma provável insinuação à postura governista de *O Paiz*, famoso por sua subserviência ao governo Washington Luís.

Sempre em tom grandiloquente, as evoluções técnicas que surgiam iam aparecendo em grande estilo, sempre melhores, inéditas, maiores e mais eficientes. O jornal nem sequer possuía sede própria e, entre 1926 e 1935, mudou-se pelo menos 13 vezes de endereço, porém sem nunca perder a pompa. Conforme se pôde observar, Apporelly sempre manteve a redação na região central, em torno da Av. Rio Branco, onde ficavam as sedes dos grandes diários do Rio, quando não se instalava junto a outros jornais. A nota noticiosa veiculada n'*A Manhã* de 10 outubro de 1929, quando o jornal ressurgiu encartado no *Diário da Noite*, ilustra bem essas questões:

Reaparece, hoje, A MANHA, com a graça de Deus e com o que tem. Altamente instalada no Edifício Portela, cuja aquisição já está providenciando, a empresa deste grande quinta-ferino está disposta a grandes cometimentos, tendo aderido francamente às idéias avançadas ou de avançar. A MANHA, procurando bem servir o público, resolveu publicar diariamente um suplemento ilustrado, que está circulando desde 5 do corrente, sob o título de DIÁRIO DA NOITE. [...]

Para corresponder ainda à simpatia pública, não poupamos esforços para melhorar a leitura material de nossa folha, tendo adquirido, para isso, moderníssimas máquinas, que nos permitem já hoje editar A MANHA em duas cores – preto e branco.

Em meio a essas características de âmbito mais geral, como elementos de paginação, tiragem, formato, periodicidade e abordagem econômica, *A Manhã* agregava, em grande parte, o suporte dos jornais diários, apropriando-se das características mais elementares destes periódicos associadas de modo lúdico a alguns aspectos das revistas ilustradas. Assim, servia-se dos elementos economicamente mais viáveis em cada tipo, mas, como contraponto, adulterava-os, subvertendo as pretensões de ambos.

---

<sup>52</sup> O valor de \$100 (100 réis) era aproximadamente o preço de um cafezinho ou de uma passagem de bonde na época. Um salário considerado baixo ficava em torno de 150\$000 (150 mil réis) (HOLLOWAY, 1984; BARBOSA, 2007). Em termos de proporção entre a relação salário/preço do jornal, tratava-se de um valor bastante acessível, até mesmo para aqueles com baixo poder aquisitivo.

## 4 JORNALISMO E HUMOR: ESSÊNCIAS DO DISCURSO N'A MANHA

O corte arbitrário proposto neste capítulo justifica-se pela estreita ligação que estes dois aspectos essenciais, jornalismo e humor, estabelecem no âmbito discursivo d'*A Manha* – a relação intertextual intrínseca à paródia desenvolvida no periódico ancora-se, em grande parte, na prática comum à imprensa da época. De modo complementar, é importante ressaltar que a construção do personagem, conforme propõe esta pesquisa, é um fragmento do universo criado na obra de Apparício Torelly, e, portanto, sua interpretação é parte indissociável do todo em que está inserido.

Conforme apontado no capítulo historiográfico, as transformações que resultaram no jornalismo contemporâneo a Apporelly, no Brasil, intensificaram-se no fim do século XIX e foram paulatinamente sendo construídas ao longo do século XX. Assim, este capítulo vai, em um primeiro momento, voltar-se para o discurso jornalístico que inspirou *A Manha*, valorizando a manifestação deste como elemento semântico intrínseco à construção histórica realizada anteriormente quanto à imprensa da época. Em outras palavras, buscar-se-á, agora, somar outros aspectos da expressividade manifesta nos grandes jornais de então, ancorando-se basicamente em pressupostos reunidos junto às teorias do jornalismo que se ocuparam com tal questão.

Igualmente, serão aprofundados os aspectos pertinentes à linguagem essencialmente humorística d'*A Manha*. Neste sentido, foram identificadas relações que destacam a paródia como uma marcante característica nas manifestações culturais que afloram junto às transformações do contexto levantado. De modo que, a segunda parte deste capítulo vai operar no sentido de reunir categorias sêmicas que possibilitem interpretar a comicidade manifesta no periódico de Apparício Torelly, e conseqüentemente nas narrativas que delimitam o objeto de estudo, relevando a paródia como gênero humorístico central desta construção analítica.

### 4.1 A linguagem junto às estruturas da nascente grande imprensa

É quase unânime entre os pesquisadores da área que o jornalismo e a notícia, enquanto seu principal produto, são objetos cujas definições perpassam uma série de fenômenos e aspectos de difícil delimitação. Há diversas interpretações sobre o assunto, que se expandem na mesma proporção em que o jornalismo diversifica-se e divide-se em diversas editorias, gêneros e ramos especializados. O mesmo ocorre quando o debate é levado para momentos históricos distintos, já que a expressividade do jornalismo também se transforma de acordo as transformações sociais dos períodos em que se manifesta. Robert Park (CONDE, 2008, p. 29-31), por exemplo, no artigo *A história natural do jornal* (1923), identificou vínculos que aproximavam os

avanços da imprensa e o desenvolvimento das sociedades modernas. O sociólogo concebe o jornal como “um organismo vivo imerso em um processo contínuo de adaptação às necessidades sociais dos indivíduos e grupos dentro de uma sociedade crescentemente urbanizada”. Ou seja, sem o contexto adequado, não teria sido possível o fenômeno do jornal de massas, quando se estabeleceu uma relação simbiótica entre a imprensa e a grande cidade. Park, em sua análise, ancora-se em técnicas oriundas da história natural, inspiradas nos pressupostos evolucionistas, de modo que o princípio darwinista da luta pela existência é interpretado, no caso dos jornais, como a luta por aumentar a circulação. De fato, se observarmos a história da imprensa de massas que se prolifera em diferentes partes do mundo entre os séculos XIX e XX, são muitas as semelhanças entre o modo como se deu essa construção, assim como sua estreita relação com o desenvolvimento social dos distintos lugares onde se proliferou.

Jorge Pedro Sousa (2007, p. 8) afirma que “houve, certamente, aprimoramentos e avanços na teorização sobre o jornalismo, mas muitas das grandes idéias sobre jornalismo que (erroneamente) situamos no século XX são anteriores”. Entre seus estudos, destaca-se a análise que desenvolveu sobre a tese doutoral de Tobias Peucer, médico e teólogo alemão, que em 1690 desenvolveu um estudo sobre as relações e relatos de novidades, ou seja, sobre o jornalismo praticado na época<sup>53</sup>. As constatações de Peucer são realmente intrigantes se considerarmos o momento em que foram realizadas, valorizando a vertente informativa do jornal e a notícia enquanto produto deste. Aborda questões comuns às modernas teorias, como as idéias de acontecimento e novidade (*novellae*) pertinentes ao jornalismo, passando pela análise da seleção antecipada das notícias a serem publicadas (o que remete ao conceito de *gatekeeping*), que se dá de acordo com critérios como atualidade, importância, utilidade e interesse do público (o que remete aos estudos sobre critérios de noticiabilidade). Peucer ainda discorre sobre os constrangimentos por trás da elaboração das notícias, o fator tempo e a força do mercado, a dependência das fontes, as sanções e da censura prévia, e a influência dos jornais sobre o público. Sousa (2007, p. 8) assim conclui sobre tal coincidência:

O caráter noticioso do jornalismo nunca se perdeu, ao contrário do que por vezes se escreve. Mesmo a “imprensa partidária” dos séculos XVIII e XIX publicava notícias, ainda que muitas vezes enquadradas pela ideologia servida pela publicação. É por isso que os estudos sobre jornalismo, em particular a partir do século XVII (recorde-se Peucer, 1690), se preocupam bastante com as notícias.

Stephens (1988, p. 34) também vai corroborar esta visão ao polemizar o fato de que o ideário em torno da noticiabilidade pouco mudou com o passar do tempo:

---

<sup>53</sup> A tese, intitulada *De relationibus novellis* (traduzida como *Os relatos jornalísticos*), foi defendida na Universidade de Leipzig, na Alemanha, justamente na cidade em que surgiu o primeiro diário da história da imprensa moderna, o *Leipziger Zeitung*.

É surpreendente que a essência das notícias pareça ter mudado tão pouco? A que outros assuntos se poderiam as notícias ter dedicado? Podemos imaginar um sistema de notícias que desdenhasse o insólito em favor do típico, que ignorasse o proeminente, que dedicasse tanta atenção ao datado como o atual, ao legal como ao ilegal, à paz como à guerra, ao bem-estar como à calamidade e à morte?

Traquina (2005a, p. 24), ancorando-se na teoria democrática, sugere uma relação simbiótica entre jornalismo e democracia, restringindo o seu estudo ao “jornalismo exercido em sociedades em que as liberdades básicas, incluindo a liberdade de imprensa, estão consagradas”. De um modo geral, Traquina aproxima-se de diversos aspectos já levantados, tanto no capítulo historiográfico, quanto nos apontamentos iniciais deste capítulo, enfatizando especialmente os elementos em torno da profissionalização do jornalismo. Reconhece a imprensa como o primeiro *mass media*, e aponta uma mudança paradigmática que se acirra a partir do século XIX, quando o fenômeno intensifica-se e o objetivo passa a ser cada vez mais o fornecimento de informação ao invés de propaganda. Segundo ele, começam a arraigar-se alguns valores identificados com o jornalismo: “a notícia, a procura da verdade, a independência, a objetividade e uma noção de serviço ao público” (p. 34). Os jornais passam a ser encarados como um negócio, cujo objetivo fundamental é o aumento das tiragens, e as opiniões cada vez mais cedem espaço aos fatos em si, constituindo um novo e fundamental produto de sua existência: a notícia.

No mesmo sentido, Traquina (2005a, p. 35) também enfatiza alguns fatores determinantes nesse processo: “1) a evolução do sistema econômico; 2) os avanços tecnológicos; 3) fatores sociais; e 4) a evolução do sistema político no reconhecimento da liberdade no rumo à democracia”. Em meio a estes fatores, destacam-se a publicidade como uma nova forma de financiamento; o surgimento dos telégrafos e das agências de notícias, aumentando a velocidade de transmissão da informação; a escolarização das massas, propiciando um número crescente de leitores; os investimentos em urbanização, ampliando as possibilidades de distribuição e conseqüente acesso aos jornais; e a liberdade oriunda de uma crescente conquista de direitos fundamentais. Assim, uma espécie de tendência se estabelece, formando uma seqüência comum, apesar das possíveis variações que podem ocorrer de acordo com as distintas realidades das nações onde se processa este desenvolvimento: “1) a expansão da imprensa; 2) a sua crescente comercialização; 3) um número crescente de pessoas que ganha a sua vida trabalhando nos jornais; 4) uma crescente divisão do trabalho no jornalismo, com uma crescente especialização na profissão emergente” (p. 61).

Em *A Fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais*, Carlos Eduardo Franciscato (2005, p. 164-173) define o jornalismo contemporâneo como a “globalidade de um fenômeno específico que compreende” a *instituição jornalística* enquanto “corpo, forma social e estrutura operacional simultâneas de produ-

ção”, e a *atividade jornalística* enquanto “conjunto das práticas (habilidades e técnicas) executadas pelos jornalistas” e as “normas, valores e conhecimentos que conformam, dão discernimento e orientam esta prática” (p. 166)<sup>54</sup>. A partir destas duas dimensões básicas, Franciscato constrói uma síntese em que é possível garimpar mais alguns dos principais aspectos deste jornalismo que aflora a partir do início do século XX: a relação com o tempo presente e a ocorrência cotidiana (o que remete a questões como atualidade e periodicidade); o compromisso com a idéia de verdade no relato dos acontecimentos (o qual podemos associar à objetividade e ao rigor na apuração); as conseqüências oriundas da profissionalização (os constrangimentos profissionais, a adoção de políticas editoriais no plano empresarial, a separação e especialização das funções); a relação de interdependência entre produção e recepção (a intersubjetividade e os vínculos decorrentes desta relação, como credibilidade, confiabilidade e legitimidade)<sup>55</sup>; e o caráter público do produto jornalístico (publicidade, no sentido de acessibilidade e disponibilidade a todos). A estes podemos somar ainda a diversidade de conteúdos e os elementos inerentes especificamente ao “produto notícia”, seus estilo e formato, conteúdo e qualidades necessários ou complementares, que conduzem aos chamados critérios de noticiabilidade – requisitos que determinam a escolha e a construção narrativa dos acontecimentos, suscitando um grau valorativo para os eventos que podem ser considerados noticiáveis<sup>56</sup>.

Thaís de Mendonça Jorge, em artigo publicado na UNIrevista pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), complementa significativamente a reflexão desenvolvida até aqui. Ela faz uma revisão de diversas definições em torno da idéia de notícia e alinha 23 conceitos<sup>57</sup> que, em sua grande maioria, são construídos a partir dos requisitos que tornam o acontecimento plausível de tornar-se relato noticioso – os chamados critérios de noticiabilidade (*newsworthiness*) ou valores-notícia. Perpassando as raízes etimológicas e acepções básicas, a

<sup>54</sup> O autor ancora-se basicamente em Park (1955), Wolf (1994), Salcetti (1995), Hallin (1996), Curran (1997) e Schudson (2000) – para saber mais, ver referências da fonte de consulta.

<sup>55</sup> Neste aspecto poderíamos inserir ainda a questão do agendamento (*agenda setting*), que insere-se mais precisamente entre elementos ligados à profissionalização e à intersubjetividade propriamente dita.

<sup>56</sup> Cada um destes aspectos tem sido exaustivamente pensado nos estudos e teorias que compõem o jornalismo enquanto prática social e objeto científico. De modo complementar, podem-se ressaltar certas nuances no entremeio de alguns destes aspectos, que envolve questões como a presença do *gatekeeper*, bem como as idéias associadas do *news-judgement* e do *newsmaking*, cujas análises mostram estreito vínculo com a profissionalização e os conseqüentes parâmetros valorativos envolvidos na elaboração da notícia, especialmente na medida em que se acirra a dimensão institucional sugerida por Franciscato (2005). De qualquer modo, tal classificação não pode ser pensada de modo estanque, já que os diversos fatores entrecruzam-se em suas complexidades e estão sujeitos a diferentes interpretações.

<sup>57</sup> O artigo apresenta uma elaborada síntese esquemática sobre a notícia, e a noticiabilidade enquanto parâmetro marcante na definição destes conceitos. Para os objetivos aqui estabelecidos, serão diretamente apropriadas as classificações sugeridas, aproveitando-se a organização proposta pela autora. Os conceitos abordados são originários essencialmente a partir dos estudos em Bahia (1971), Meserani e Di Giorgi (1975), Amaral (1982), Ferrari e Sodré (1982), Marcondes Filho (1986), Alsina (1989), Martinez Albertos (1993), Lage (2000), Souza (2002), Motta (2002), Wolf (2003) e Vizuet e Marcet (2004).

autora inicia destacando as dificuldades em conceituar o termo. Tal qual a busca por significados que possam demarcar a semântica em torno do jornalismo, também a notícia mostra-se complicada, já que pode ser contemplada sob muitos olhares distintos:

As notícias podem ser classificadas sob vários aspectos – por sua forma de apresentação, pelo conteúdo, pela estrutura – e segundo distintos ângulos de observação, como, por exemplo, a notícia em cada um dos meios de comunicação (rádio, jornal, revista, TV, internet). Elas podem ser objeto de consumo (mídia para as agências de publicidade, matéria paga nos veículos ou resultado de transações comerciais entre empresas); unidade discursiva (na literatura, retórica, ou lingüística); ou forma de transmissão cultural (na sociologia). No jornalismo, a notícia, além de aparecer como sinônimo de comunicação, informação, ainda é um gênero, por contraposição a outros (reportagem, artigo, coluna), e uma unidade básica de produção, que engloba um determinado *modus faciendi*, obedece a regras e oferece um certo resultado: o relato publicado (JORGE, 2006, p. 2).

Seguindo esta linha, Jorge observa que estes conceitos giram em torno de três pontos de vista centrais: interesse, atualidade e verdade. A partir destes, agrupa-os de acordo com a proximidade semântica com que são tratados pelos autores, em que são destacados outros focos que tangenciam as diferentes definições: a produção e a recepção; o afastamento da opinião em concomitância à busca da verdade; a importância, a proximidade, a imprevisibilidade, a anormalidade e o impacto dos acontecimentos, bem como os fatos em si e os aspectos narrativos inerentes à sua construção discursiva; e os meios de produção. Ressaltam-se ainda outros fatores esparsos ao longo do texto, como a subjetividade que envolve, por exemplo, os traços ideológicos e culturais (o caráter mutante da realidade) inerentes à chamada noticiabilidade. Por fim, uma abrangente relação dos valores-notícia agrupa-os em valores fundamentais, profissionais e temáticos. O primeiro grupo reforça a idéia de atualidade e enfatiza o impacto: “o que atinge grande número de pessoas”. O segundo destaca a proximidade, “o que está mais próximo do coração, da mente, dos olhos”, e a notoriedade: “VIPs, pessoas famosas, autoridades, intelectuais, a elite e a inteligência do país”. No terceiro e último grupo de valores, os temáticos, sobressaem outras características definidas em torno de assuntos distintos, como sexo, poder, amor, dinheiro, morte, violência, lazer, saúde e beleza, meio ambiente, educação, ciência, arte, moda, governo, trabalho, confidências e religião.

Traquina (2005b), por sua vez, realiza uma reflexão similar, mas apresenta uma especificidade interessante ao situar o seu estudo também sobre os critérios de noticiabilidade em três épocas distintas (início do século XVII, meados do século XIX e início da segunda metade do século XX respectivamente). Ancorando-se em Stephens (1988), ele defende que, apesar das diferenças decorrentes da evolução histórica do jornalismo, é possível constatar semelhanças que denotam aspectos inerentes à atividade em diferentes contextos: o extraordinário, o insólito (inesperado), o atual, a figura proeminente, o ilegal, as guerras (conflitos), a calamidade e a morte. Em

seu estudo, parte da premissa que “a unidade de análise que é privilegiada pelo jornalismo é o acontecimento” (p. 48), de modo que a presença marcante do fator tempo (imediatismo), diretamente relacionado à alta perecibilidade do produto notícia, conseqüentemente impõe a atualidade (novidade) como fator essencial. Estes acontecimentos também tendem a serem estruturados em torno dos indivíduos e dos dramas que os comovem, como os escândalos, por exemplo. Tal questão envolve tanto o interesse do público, quanto a personalização em torno de celebridades. Traquina também defende que o jornalismo é uma atividade essencialmente prática, marcada pela ação em detrimento da reflexão, cujo discurso precisa ser compreensível e sedutor. Assim, chega a um elemento marcante de sua exposição, a existência de uma cultura profissional determinada por um modo de agir, falar e ver o mundo, permeado por valores (critérios de noticiabilidade) que orientam o processo de produção (seleção e construção) das notícias<sup>58</sup>.

Confrontando os aspectos levantados, é possível esboçar uma síntese esquemática que possibilite identificar e classificar algumas características que componham categorias sêmicas para a análise proposta. Entre os elementos mais recorrentes nos levantamentos teóricos realizados, destacam-se a profissionalização, a publicidade, a atualidade, a periodicidade e o aparato tecnológico, este último envolvendo a necessidade de um suporte material mínimo para a veiculação pública da informação. Esta primeira incursão sugere aspectos mais universais, que operam tanto no âmbito institucional, quanto no da atividade, segundo as duas dimensões sugeridas por Franciscato. Destes, podemos distinguir a profissionalização, diante da possibilidade de práticas individuais e/ou entusiásticas<sup>59</sup>, que fogem à dimensão institucional clássica e normalmente não conseguem atingir o mesmo grau de impacto social que o jornalismo profissionalizado, embora isso não seja uma regra geral. Aliás, um ótimo exemplo é o *A Manhã*, que não se enquadrava *ipsis litteris* no processo de profissionalização que caracteriza a evolução da grande imprensa, mas que, considerando-se os limites do modo como era produzido, conquistou uma significativa visibilidade.

Direcionando-se agora ao plano específico em torno da notícia, obtém-se uma segunda faixa de características. Entre os pontos de vista centrais abordados, a atualidade é um aspecto determinante que vai diretamente ao encontro da prática jornalística conforme a classificação an-

---

<sup>58</sup> A partir de então, Traquina (2005b) faz uma extensa análise dos critérios de noticiabilidade, partindo basicamente dos precursores Galtung e Ruge, perpassando os canadenses Ericson, Baranek e Chan, bem como o acadêmico italiano Mauro Wolf. Porém aqui não entraremos em pormenores das classificações propostas por Traquina, já que o que há de mais essencial e pertinente para os fins da análise necessária para este trabalho já foi abordado.

<sup>59</sup> Compreendem-se aqui práticas que não se submetem necessariamente à rigidez normativa de alguns aspectos inerentes à profissionalização. Como exemplos históricos, pode-se citar o jornalismo alternativo e o novo jornalismo, ambos manifestos em diversas facetas, como o jornalismo humorístico, o jornalismo cidadão, o jornalismo literário e até mesmo o controverso jornalismo gonzo.

terior. No mais, são apontados a verdade e o interesse (do público). Próximo à idéia de verdade, situam-se a ênfase nos fatos em si (acontecimentos), o rigor na apuração destes fatos (onde as chamadas fontes inserem-se de modo marcante) e o afastamento da opinião, todos agrupáveis em torno da idéia de objetividade. A intersubjetividade, por sua vez, é uma característica especial, pois aponta para a relação estabelecida entre os sujeitos envolvidos na produção e na recepção, e, por isso, acaba inevitavelmente atravessando todo o processo<sup>60</sup>. Assim, junto à intersubjetividade encadeiam-se vários dos aspectos citados, em uma dinâmica que pode oscilar, por exemplo, de acordo com critérios em torno dos interesses do público: importância (ou notoriedade), proximidade, imprevisibilidade (ou anormalidade) e impacto. Ou, por outro lado, em torno dos aspectos narrativos, que operam mais próximos à subjetividade da produção, tanto na seleção quanto na construção dos acontecimentos. Entretanto, ambos os casos suscitarão possíveis reações da recepção, seja como cidadão ou consumidor, agindo em percepções como confiabilidade, credibilidade e legitimidade. Os valores temáticos propostos por Jorge (2006), por sua vez, também são estabelecidos junto ao plano da intersubjetividade, porém apontam uma dinâmica ainda mais diluída. Analiticamente, se situam em um nível distinto, pois apresentam inúmeras possibilidades frente à variação de interesses dos diversos públicos sobre o qual operam, delineando maior ou menor grau de universalidade de acordo com circunstâncias sócio-culturais de cada âmbito.

#### 4.1.2 *Marcas da prática jornalística parodiada por Torelly*

Estabelecido um conjunto de premissas, quatro características serão elencadas como fundamentais: **atualidade**, **publicidade**, **periodicidade** e **aparato tecnológico**. Trata-se de uma dedução que se aproxima consideravelmente do modelo proposto pelo teórico e jornalista alemão Otto Groth. Ao organizar “características e aspectos regulares da obra cultural chamada jornal e revista” em *O poder cultural impercebido* (1960), Groth enfatiza a periodicidade, a atualidade, a publicidade e a universalidade (MARHENKE, 2008, p. 181)<sup>61</sup>. Destes, frente ao mote proposto, apenas a universalidade ainda não foi claramente caracterizada. Segundo Fidalgo (2004, p. 5), “o

<sup>60</sup> A intersubjetividade se torna mais regrada na medida em que os planos institucional e profissional impõem constrangimentos a partir de normas e valores que orientam a prática, em especial na produção da notícia, quando então os elementos em torno da idéia de “verdade” exigem mais afinco. Para melhor compreender este raciocínio, ver SOLOSKI, John. **O jornalismo e o profissionalismo**: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico. In TRAQUINA, Nélson (org.) *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega, 1993, p. 91-100.

<sup>61</sup> Apesar de *O poder cultural impercebido* datar de 1960, escrita já no final de sua vida, é interessante observar que Otto Groth (1875-1965) a concebeu a partir de sua experiência profissional, que atravessou todo o século XX. Sua carreira como jornalista em jornais da grande imprensa dá-se entre 1906 e 1934. Após, dedicou-se a estudar o jornalismo enquanto fenômeno digno de autonomia científica, tarefa esta que o levou a buscar e construir uma teoria em torno de tipos ideais, um meio necessário para a identificação do aspecto geral das figuras históricas, compondo uma espécie de essência “livre de todos os traços individuais, de todos os modos de materialização e de todas as condições espaço-temporais” (p. 178).

que a universalidade do jornal significa é que tudo o que diga respeito ao homem, que tudo o que se passa no universo, é idealmente objeto da mediação jornalística”. Esta característica também se encontra estreitamente vinculada à intersubjetividade inerente à atividade jornalística, entrecruzando aspectos da profissionalização (pela ótica da produção) e do interesse do público (pela ótica da recepção). E, como tal, será alinhada junto a estes – intersubjetividade, profissionalização e interesse –, entre os quais opera de modo mais próximo. Por outro lado, considera-se que o aparato tecnológico constitui elemento fundamental, pois os demais – atualidade, publicidade e periodicidade – são proporcionalmente dependentes da sua dimensão. Mesmo quando as pretensões da atividade jornalística são pequenas, faz-se necessário um suporte material mínimo para que a informação chegue a um determinado público e mantenha-se com frequência regular suficiente para estabelecer uma relação que garanta um corpo social mínimo dentro da dimensão institucional.

Em um segundo momento, então, destacaremos a **profissionalização** e a **intersubjetividade** como características elementares, porém distintas na medida em que apresentam uma dinâmica, conforme visto, que oscila dentro dos diversos *modus faciendis* do jornalismo, situando-se entre as feições industriais e entusiásticas, individuais e/ou não profissionais. Neste plano, pode-se dizer que estas duas características fazem o papel de uma espécie de interface que discerne o jornalismo, em sua acepção mais básica, do que se pode definir como jornalismo profissional ou profissionalizado. Ou seja, neste caso, as dimensões institucional e da atividade em si, bem como as características fundamentais anteriormente apontadas, tendem a acompanhar proporcionalmente o acirramento da profissionalização e conseqüente normatização da intersubjetividade no processo. Por exemplo, maior periodicidade e maior atualidade relacionam-se de modo diretamente proporcional a uma maior profissionalização, que será facilitada pelo aumento do aparato tecnológico, tendendo a aumentar o caráter público do veículo, já que, de um modo geral, amplia-se a visibilidade na medida em que estes elementos crescem.

Enquanto a profissionalização é um aspecto de caráter mais técnico, orientada por regras, normas e procedimentos associados à prática, a intersubjetividade opera mais no plano teleológico e expande-se junto ao aumento da publicidade, pois quanto maior o público, maior também o âmbito de percepções envolvidas nesta relação. Isso intensifica o rigor dos critérios no processo de produção, de acordo com os objetivos e finalidades estabelecidos na esfera comunicacional<sup>62</sup>. Mas é importante observar que as relações intersubjetivas que perpassam a atividade jornalística

---

<sup>62</sup> Benetti (2008, p. 2) discorre sobre a intersubjetividade inerente ao discurso jornalístico e sua relação com o poder, “sempre derivado dos interesses dos sujeitos envolvidos e dos lugares de enunciação concedidos a esses sujeitos”. Segundo a autora, “a partir da finalidade e do propósito do jornalismo, constroem-se as identidades do jornalista e do leitor, bem como dos demais sujeitos envolvidos na situação de comunicação. Não é possível compreender o jornalismo, como gênero, fora desta relação intersubjetiva” (p. 11).

estão presentes até mesmo em iniciativas não profissionais, ainda que possivelmente minimizadas, sempre oscilando entre diversas variáveis peculiares à intencionalidade inerente à produção.

Assim, diante do modelo aqui sugerido, parte-se do pressuposto que o jornalismo só existe para algum público – obviamente não há publicidade quando alguém escreve para ninguém ler. Já a profissionalização, perpassando, por exemplo, a adoção de políticas editoriais e conseqüentes constrangimentos, bem como a separação e especialização das funções, vai oscilar de modo mais determinante conforme as características fundamentais antes apontadas, amplificando, devido às normas pré-estabelecidas, a intersubjetividade do processo independentemente de aspectos teleológicos. Ambos, intersubjetividade e profissionalização, associam-se de modo cada vez mais intenso na medida em que nos aproximamos do que estamos chamando de jornalismo profissionalizado. Em paralelo, tendem a aumentar os critérios que estabelecem a padronização do produto notícia enquanto relato de acontecimentos que busca uma aproximação objetiva com a realidade dos fatos.

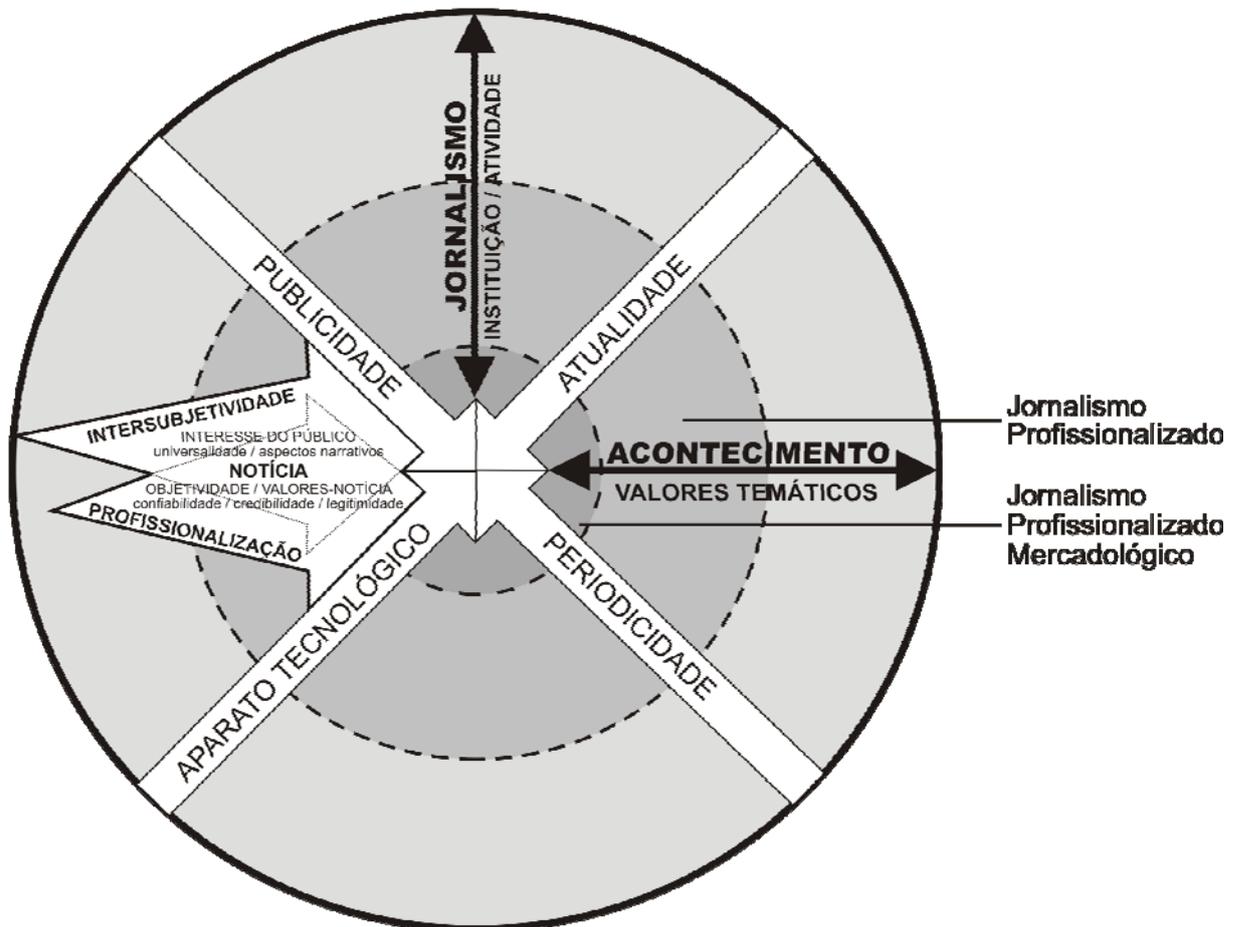
Chega-se, então, a outra categoria de jornalismo, fortemente marcado por um alto grau de intersubjetividade e profissionalização, cujas características são fruto de paradigmas determinados por especificidades culturais e históricas das sociedades modernas. Diante das circunstâncias comuns ao desenvolvimento destas sociedades, percebe-se que este jornalismo paulatinamente se aproxima do produto notícia tal qual percebido na atualidade, privilegiando cada vez mais a informação objetiva em detrimento dos artigos polêmicos, doutrinários e opinativos. Este construto histórico vai se acirrando na medida em que a indústria midiática direciona-se para o mercado, conforme sugere Fonseca (2008), ampliando as preocupações com o público enquanto consumidor e constituindo um jornalismo profissionalizado de mercado ou mercadológico. Entretanto, é preciso compreender que este processo não se dá de modo totalmente estanque. O jornalismo profissionalizado de mercado, em que o jornal submete-se à lógica da empresa, impõe grande relevância na medida em que aumentam suas incidência e abrangência pública. Mas muitas de suas características, por exemplo, são oriundas da “velha” imprensa que a antecede, bem como servem à análise de todas as possíveis tipificações do jornalismo em suas especificidades, contemplando também a notícia em suas mais diversas nuances<sup>63</sup>.

Neste âmbito, amplia-se o **interesse** do público, como aspecto central, e os elementos periféricos que orientam esta característica, como a **universalidade** e os **aspectos narrativos**

---

<sup>63</sup> O jornalismo profissionalizado mercadológico manifesta-se mais enfaticamente nos grandes conglomerados de comunicação, onde o ritmo de produção tende a extremar as características apontadas. Aflora no ritmo das modificações que lapidam a notícia enquanto produto do fazer jornalístico contemporâneo. Porém, não se pode esquecer que alguns de seus traços foram identificados por Tobias Peucer no periodismo que começa a desenvolver-se na Alemanha do século XVII, junto a aspectos sócio-culturais que propiciaram o surgimento de uma espécie de embrião deste tipo de jornalismo (SOUZA, 2007).

inerentes ao discurso jornalístico, todos perpassando a intersubjetividade do processo. Ainda aqui, situam-se os fatores anteriormente agrupados em torno da **objetividade** e dos **valores-notícia**, que agem mais próximos à profissionalização e à produção de notícias em si, operando também de modo mais decisivo diante de parâmetros avaliativos, como confiabilidade, credibilidade e legitimidade. E, por fim, os **valores temáticos**, que aparecem como uma instância mais independente, cujos parâmetros oscilam junto à dinâmica que marca a história social da mídia – a recorrência ou ampliação destes valores, semelhanças e diferenças, tendem a se manifestar de acordo com o *ethos* das distintas realidades espaço-temporais em que ocorrem. De qualquer modo, todos estes elementos analíticos são interdependentes e precisam ser adequados a cada caso, de acordo com as particularidades do(s) objeto(s) que se pretende investigar, bem como dos aspectos sócio-histórico-culturais que compõem o(s) seu(s) cenários.



O diagrama acima se propõe a ilustrar de modo sintético o encadeamento e as relações de dependência entre as características fundamentais, elementares e específicas, que identificam o jornalismo de acordo com as possíveis e distintas realidades que o permeiam, tanto no âmbito institucional, quanto da atividade em si. Parte-se do pressuposto de que o acontecimento é sua unidade de análise privilegiada (TRAQUINA, 2005b).

O primeiro grupo, representado pelo círculo externo, e que sugere uma acepção mais universal, identifica o jornalismo como um relato periódico de atualidades, contando com um aparato tecnológico mínimo que possibilite publicidade adequada ao âmbito institucional construído, considerando-se qualquer grau de profissionalização incorporado e um mínimo de intersubjetividade almejada teleologicamente. O segundo grupo, inserido dentro do primeiro e destacado como jornalismo profissional ou profissionalizado, propõe a atividade em um âmbito institucional encorpado a partir da ampliação das relações intersubjetivas, assim como do grau de profissionalização – o público passa a ser mais bem definido e o aparato institucional começa a operar em torno de objetivos e regras mais claras. Finalmente, o terceiro grupo, inserido nos anteriores e definido como um tipo mais específico, o jornalismo profissional mercadológico, propõe a atividade em um âmbito institucional maximizado, voltado para o mercado, em que o interesse é dirigido a públicos os mais abrangentes possíveis, exigindo profissionalização adequada ao alto grau de intersubjetividade. A universalidade torna-se determinante, e os aspectos narrativos mais condicionados a critérios e regras, tais como os valores-notícia e técnicas em torno do ideário da objetividade. Confiabilidade, credibilidade e legitimidade passam a ser determinantes na relação intersubjetiva. Por fim, os diferentes valores temáticos, que atravessam qualquer um dos grupos, perpassando, por exemplo, as diferentes editorias e publicações especializadas.

Considerando-se o levantamento historiográfico previamente realizado e aplicando-se o modelo acima proposto à imprensa dos anos 1920-1930, percebe-se que boa parte das características listadas era comum à sua prática: o relato periódico dos acontecimentos com foco na atualidade, no qual a corrida pelos “furos” levava a uma disputa frenética para antecipar-se à concorrência na busca da novidade e da exclusividade. O desenvolvimento progressivo do aparato técnico e institucional associava-se à publicidade almejada junto ao crescente público leitor. Não é por acaso que um grande jornal era aquele que tinha uma grande tiragem. O nível de profissionalização também era um processo que já se desenvolvia vigorosamente desde o início do século XX. Todos estes aspectos eram perpassados por uma crescente ênfase na intersubjetividade intrínseca ao processo, no qual os grandes jornais buscavam estabelecer um vínculo de constante troca com seus leitores, embora houvesse certa dinâmica que fazia estas relações oscilarem em maior ou menor grau de aproximação, conforme o modo como se posicionavam institucionalmente<sup>64</sup>.

---

<sup>64</sup> Lembrando que o *Jornal do Commercio*, por exemplo, se estabelece como um jornal governista, com perfil mais elitizado, demonstrando isso no seu ostracismo frente às inovações técnicas que surgiam e eram utilizadas para ampliar o público leitor, como os aprimoramentos gráficos e imagéticos que ignorou até os anos 1940. O *Correio da Manhã*, por sua vez, procurou construir uma imagem de porta-voz do povo, e, por isso, gozou de grande popularidade no período. Junto ao *A Noite*, outro campeão de vendas e anunciantes, estava entre os jornais de maior circulação no Rio de Janeiro.

Estes grandes jornais não se enquadravam exatamente na idéia de jornalismo profissional mercadológico que viria a tornar-se hegemônico na grande imprensa a partir dos anos 1950, mas já reuniam muitos dos elementos que seriam preservados *a posteriori*. Afinal, não é adequado afirmar que as transformações que ocorrerem na imprensa em meados do século XX foram revolucionárias, e não é por acaso que são chamadas de reformas. Já havia desde antes, por exemplo, uma preocupação com o interesse do público, o que suscita, assim como Peucer identificou séculos antes, a existência de critérios que determinavam a escolha das notícias. Também existia, ainda que não de modo regrado, certa objetividade, já que o jornalismo cada vez mais tendia para a informação em detrimento da opinião. Eram recorrentes, por exemplo, as narrativas em terceira pessoa, com inserções em primeira pessoa do plural para referir-se à empresa ou à coletividade. E utilizavam-se entrevistas, bem como citações em discurso direto ou entre aspas como artifícios que buscavam impessoalizar estas narrativas.

O que se pode observar é que, até a década de 1950, o jornalismo brasileiro ainda não havia desenvolvido uma técnica própria que o regresse para ampliar suas dimensões mercadológicas. Os jornais possuíam um teor político, e o chamado “nariz de cera” era comumente utilizado, imprimindo um caráter mais prolixo. Os textos eram mais longos, carregados com juízo de valor, e utilizava-se uma terminologia mais rebuscada. Entretanto, lá estavam os aspectos perenes de aproximação com o público leitor, o extraordinário, o inesperado, o ilegal, os conflitos, a calamidade e a morte. Havia ênfase nas questões locais e na notoriedade, valorizando-se as mazelas do cotidiano, os famosos e as autoridades. As mazelas do cotidiano atingiam o ápice de sua manifestação nos temas policiais, e as pessoas notórias muitas vezes eram apresentadas em um tom adjetivado, positiva ou negativamente. Permaneciam resquícios da imprensa artesanal, da linguagem oriunda dos pasquins. Quanto aos valores temáticos, pode-se dizer que a imprensa da época, em busca de novos leitores, tendia a ampliar os assuntos abordados, investindo também em seções e suplementos elaborados para este fim. Além dos temas mais recorrentes, como morte, violência e crimes, também apareciam espaços dedicados ao esporte e às ciências, ao lazer, como o carnaval, à política, bem como moda e beleza, dedicados ao público feminino<sup>65</sup>.

---

<sup>65</sup> Esta análise ancora-se não apenas na pesquisa bibliográfica realizada, mas também na leitura de textos de jornais da época, a partir da pesquisa intitulada “O Rio de Janeiro através dos jornais”, realizada por João Marcos Weguelin. Trata-se de uma coleção de notícias dos principais jornais cariocas entre 1888 e 1968, organizada em torno de alguns acontecimentos históricos marcantes. Para os fins estabelecidos nesta pesquisa, realizou-se uma verificação de caráter empírico, priorizando-se o período pós Primeira Grande Guerra (1918) e o golpe que deu origem ao Estado Novo (1937). A amostra sugerida é suficiente para ilustrar os principais aspectos apontados.

## 4.2 A paródia como gênero humorístico central

Parte-se agora para uma elaboração teórica que auxilie na caracterização da comichidade inerente às narrativas d'A *Manha*, agrupando uma tipificação que possibilite a interpretação necessária à construção proposta nos objetivos. O vasto campo de estudos sobre comichidade e humor oferece inúmeras possibilidades de enquadramento e exige um recorte epistemológico que se ajuste às necessidades da pesquisa. Conforme alerta Henk Driessen (2000, p. 251-252):

O humor é um tema enganoso e de difícil exploração em termos multiculturais e temporais. A análise antropológica e histórica do humor pressupõe a consciência de que a realidade é constituída de fatores sociais e culturais. Essa perspectiva relativista é um dos pontos de convergência da antropologia e da história cultural. O primeiro problema encontrado tanto por antropólogos quanto por historiadores é um problema de linguagem, um problema de discurso, de duplo ou mesmo triplo sentido.

A colocação introduzida por Driessen ilustra a polêmica e estabelece um ponto de partida. De fato, este relativismo inicia na manifestação do riso (ALBERTI, 1999), perpassa a polêmica que envolve distinções entre o cômico e o humorístico (PIRANDELLO, 1996) e chega às diferentes nuances, classificações e enquadramentos teóricos para as muitas manifestações em que se revela (BERGSON, 1980; PROPP, 1992; FREUD, 1905). Além disso, o fato destes elementos moldarem-se às distintas realidades faz com que a análise também necessite de uma adequação aos fatores sociais e culturais no respectivo contexto.

Para Alberti, por exemplo, risível é o objeto do riso em geral, aquilo de que se ri - seja a brincadeira, a piada, o jogo, a sátira etc., sendo, na maioria dos casos, correspondente ao que também recebe o nome de cômico: “Ambas as noções são bastante aproximadas, mas o emprego da palavra risível tem uma função instrumental” (ALBERTI, 1999, p.25). Risível trata-se de uma expressão mais recente e, segundo Alberti, engloba os diversos termos que designam o objeto do riso nos textos teóricos - a autora busca resolver o impasse relativista inerente ao tema através de uma solução terminológica. Bergson, Propp e Freud, por sua vez, utilizam comumente o termo cômico, ou o derivado comichidade, para identificar os elementos dos quais se ri. Para estes, o humor é um elemento restrito ao universo do cômico. Bergson (1980, p. 68) vê o humor como o inverso da ironia: “ambos são formas de sátira, mas a ironia é de natureza retórica, ao passo que o humor tem algo de mais científico”. Para o filósofo francês:

[...] o humor gosta dos termos concretos, dos pormenores técnicos, dos fatos rigorosos. [...] O humorista é no caso um moralista disfarçado em cientista, algo como um anatomista que só faça dissecação para nos desagradar; e o humor, no sentido restrito que damos à palavra, é de fato uma transposição do moral em científico.

Para Freud (1905, p.237), o humor é a menos complicada das espécies do cômico. Seu processo realiza-se numa só pessoa e a participação de outra nada acrescenta de novo. Tal enfoque está intrinsecamente ligado à psicanálise, tal qual o prazer que não pode ser transmitido de uma pessoa para outra. Pode ser sintetizada como uma espécie de comicidade subjetiva, individual, que não pode ser transmitida ou compartilhada, desenvolvido à custa “da economia de um gasto de afeto” – seria uma espécie de aprender a rir de si mesmo; externamente só resta o cômico. E Propp (1992, p. 152) sugere inicialmente que, em sentido lato, podemos entender por humor a capacidade de perceber e criar o cômico. Mas enfatiza que, apesar de estarem ligados entre si, não coincidem em hipótese alguma. O humor está associado ao “riso bom”. Nesse caso, o autor está do lado do objeto do riso, sendo que “o humor é aquela disposição de espírito que em nossas relações com os outros, pela manifestação exterior de pequenos defeitos, nos deixa entrever uma natureza internamente positiva. Este tipo de humor nasce de uma inclinação benevolente”.

Pirandello (1996) discorre mais amplamente sobre a dicotomia comicidade-humor, partindo da idéia de cômico como uma percepção do contrário, remetendo a um conflito que suscita o riso a partir de uma ruptura do convencional aliada a um sentimento de superioridade. Quando a percepção transforma-se em “sentimento” do contrário, em que o observador coloca-se no lugar do outro, o riso soma-se à piedade e transforma-se em um sorriso. Assim, a transição entre o cômico e o humorístico exige renúncia ao distanciamento e à superioridade, e o humorismo converte-se em uma reflexão que se exercita no antes e no depois do cômico. Assim, o que Pirandello faz é propor uma racionalização do ímpeto espontâneo associado ao cômico; o humor surge como uma estratégia de desfamiliarização, que rompe conscientemente com o preconceito cultural, sendo assim mais sofisticado. Para ele, “não há humorismo; há escritores humoristas. Não há o cômico; há escritores cômicos” (p. 129). E partindo dessas premissas assim caracteriza o humorista:

Todo verdadeiro humorista não é apenas poeta, é também crítico, mas – cuidado – um crítico *sui generis*, um crítico fantástico: e digo fantástico não somente no sentido de bizarro ou de caprichoso, mas também no sentido estético da palavra, ainda que possa parecer à primeira vista uma contradição em termos. Mas é realmente assim, e por isto sempre falei de uma especial atividade de reflexão (p. 140).

[...]

O humorista não reconhece heróis; ou melhor, deixa que os representem os outros, os heróis; ele, por sua conta, sabe o que é a lenda e como se forma: todas composições mais ou menos ideais, e tanto mais ideais, talvez, quanto mais mostram pretensão de realidade, composições que ele se diverte em descompor; mas nem se pode dizer que seja um divertimento agradável.

O mundo, se não exatamente nu, ele o vê, por assim dizer, em mangas de camisa: em mangas de camisa o rei, que vos dá uma tão bela impressão ao vê-lo composto na majestade de um trono com o cetro, a coroa e o manto de púrpura e arminho; e não componde os mortos com demasiada pompa nas câmaras ardentes sobre cadafalsos, pois

ele é capaz de não respeitar nem sequer esta composição, todo este aparato; é capaz de surpreender, por exemplo, em meio à aflição dos presentes, naquele morto ali, frio e duro, mas decorado e de fraque, algum borbulho lúgubre do ventre, e de exclamar (pois certas coisas se diz melhor em latim):  
 - *Digestio post mortem*<sup>66</sup> (p. 168)

Ao operar no plano moral e subjetivo, seja a partir de uma inclinação benevolente, ou ainda como uma estratégia reflexiva de desfamiliarização, pode-se perceber certa convergência no sentido de que o humor estabelece sempre uma relação íntima, interligada ao âmago da sua fonte. Há certa sofisticação ou superioridade moral no humor, enquanto o cômico tende a ser visto como uma forma generalizada de tudo o que suscita o riso. Na definição de humorista de Pirandello, o humor encontra uma síntese de sua manifestação despretensiosamente subjetiva e ao mesmo tempo reflexiva. Entretanto, é preciso reconhecer que, nesse sentido, é praticamente impossível encontrá-lo em estado puro. Do modo como tende a ser elaborado, compartilha sua manifestação com o cômico e pode confundir-se, já que o humorista ideal opõe-se, por si só, ao caráter intrinsecamente relativista do próprio humor, bem como suas possíveis definições. Assim, é preciso pensá-lo a partir do todo de uma circunstância, pois a transição entre os limites que separam comicidade e humor pode ocorrer em uma fração de segundos. O humor deve ser contemplado em um momento isolado ou a partir da média de um conjunto de situações. Todo humorista tende a ser também um cômico, ainda que na intimidade de sua vida privada. Mas nem todo cômico necessariamente será humorista.

Conforme visto no capítulo historiográfico, diversos autores apontam a paródia como um elemento marcante na representação humorística que acompanha o evento da modernidade brasileira que invade o século XX. A realidade propensa à carnavalização, especialmente na capital fluminense, onde a urbanização mesclava-se à cultura das ruas e ao imaginário da malandragem (VELLOSO, 2004), a acentuação de contrastes entre a dimensão impessoal e pessoal, o público e o privado, o solene e o familiar (SALIBA, 2002), fizeram da paródia uma forma singular de representação da vida brasileira. De modo recíproco, esse efeito de linguagem que tem suas raízes na comédia em Aristóteles, carrega em si, desde o princípio, o vínculo com os chamados homens inferiores<sup>67</sup> e uma relação estreita com o cômico. Segundo Hutcheon (1985, p. 36), “quando o cenário é efetivamente enxertado no texto, como acontece na forma da paródia, não se pode evitar este contextualismo”. Ou seja, a paródia traz em si este profundo vínculo com o cenário de onde emerge e para onde retorna como elemento para construção de sentidos. Este caráter enunciativo e intertextual que incluem o emissor e o receptor, tempo, lugar, discurso por comparação e comicidade, agrupam na paródia uma versati-

<sup>66</sup> “Digestão pós-morte”, em latim.

<sup>67</sup> Populares, pessoas comuns da polis, em contraste aos chamados homens superiores, oriundos da nobreza.

lidade pertinente frente ao objeto de estudo. Pois permite interligar por afinidade contextual os aspectos sócio-históricos e lingüísticos pertinentes à análise em apenas uma dimensão humorística, conforme aponta com precisão Affonso Romano de Sant’Anna (2007, p. 68):

A paródia nos jornais de classe A e B (de maior poder aquisitivo) fica restrita às *charges* políticas, a um ou outro comentário humorístico eventual. A paródia ocupa pequeno espaço nesses jornais “sérios”. Ela vai se caracterizar nos jornais marginais, nos semanários, em publicações não diárias. Assim, alguns jornais podem se especializar nesse tipo de linguagem parodística comentando o texto dos jornais “sérios”, debochando de um texto anterior, numa atividade intertextualizadora. Alguns jornais desse tipo não evitam parodiar-se a si mesmos nem se contradizer. A notícia aí se desvia tanto do fato ocorrido, “deforma” tanto a realidade, “degrada” de tal forma o original, que se situa no terreno da “caricatura”. É curioso e sintomático que os jornais parodísticos não sejam diários. Eles carecem que o texto a ser parodiado tenha sido publicado anteriormente ou tenha se acumulado na memória do leitor durante uma semana ou mais. Ele vive da notícia já consumida. Ele não dá o “furo”, ele debocha do “furo” ou valoriza um aspecto só do todo. (grifos do autor)

Institucionalizada como termo a partir do século XVII, a paródia passa a objeto de inúmeras pesquisas<sup>68</sup>, sofisticando-se na mesma medida em que aumentavam as especulações sobre o tema. A multiplicidade de definições também se soma a muitas outras nuances interpretativas com os quais a paródia assemelha-se e confunde-se. Assim, ainda que o enfoque do estudo esteja centrado em torno deste efeito de linguagem, é preciso, por fim, demarcá-lo de acordo com os objetivos deste trabalho e rastrear os elementos com os quais se relaciona.

Partindo da etimologia da palavra, de origem grega, temos a unificação do prefixo *para* (ao lado de, contra) e do elemento *ode* (ação de cantar, canto, um poema a ser cantado). É a partir desta acepção básica que a maioria dos autores parte, estabelecendo-se a origem musical do termo e a idéia de um fenômeno lingüístico que se manifesta em paralelo a outro, uma canção cantada ao lado de outra ou “contracanto” (SANT’ANNA, 2007). Hutcheon (1985) faz uma interessante análise a partir do desdobramento que as duas interpretações do prefixo *para* possibilitam, a partir do qual estabelece a sua definição para o que chama de paródia moderna. Segundo ela, a maioria dos autores fica presa à idéia de oposição ou contraste, o que leva à habitual definição de confronto entre textos com intenção de zombaria, mas:

[...] existe uma sugestão de um acordo ou intimidade, em vez de contraste, [...] que alarga o escopo pragmático da paródia de modo muito útil para as discussões das formas de arte modernas. [...] Está implícita uma distância crítica entre o texto em fundo a ser parodiado e a nova obra que o incorpora, distância geralmente assinalada pela ironia. Mas esta ironia tanto pode ser apenas bem humorada, como pode ser depreciativa; tanto pode ser criticamente construtiva, como pode ser destrutiva (p. 48).

A partir desta reflexão inicial, Hutcheon posiciona-se perante a paródia:

A paródia é, pois, repetição, mas repetição que inclui diferença (Deleuze, 1968). É imitação com distância crítica, cuja ironia pode beneficiar e prejudicar ao mesmo

<sup>68</sup> Para ter-se uma idéia, Wolfgang Karrer (1977), ao tratar do assunto, analisou 450 estudos sobre a paródia (HUTCHEON, 1985, p. 36).

tempo. Versões irônicas de ‘transcontextualização’ e inversão são os seus principais operadores formais, e o âmbito de *ethos*<sup>69</sup> pragmático vai do ridículo desdenhoso à homenagem reverencial (p. 54, grifos da autora).

É importante observar que a paródia em Hutcheon vai operar basicamente sobre a ironia, interagindo intimamente com a sátira. No âmbito pragmático, a ironia vai operar em nível microcômico (pragmático, semântico e conseqüentemente avaliativo) ao passo que a paródia e a sátira vão operar em nível macrocômico (textual). A paródia e a sátira estabelecem uma relação complexa, porém, segundo Hutcheon, os seus alvos são distintos e a afinidade com a ironia enquanto tropo retórico vai operar de modo diferente em cada uma. O objetivo da paródia é intramural (interna ao texto) ao passo que o da sátira é extramural (social ou moral). Se a sátira pode servir à paródia como um meio através do qual o mundo a invade, a paródia também pode servir à sátira como uma forma de cumprir seu papel social e/ou moral. Desse modo, forma-se um arcabouço teórico básico a partir do qual, segundo a autora, se constroem os gêneros ‘paródia satírica’ e ‘sátira paródica’. Demarcando melhor a distinção que as separa, embora não de modo estanque, pode-se dizer que a paródia opera sempre de forma a marcar a diferença, operando junto à ironia no mesmo sentido. A primeira no plano intertextual e a segunda no intratextual, sendo que a ironia vai assinalar de modo pragmático a diferença através do julgamento e representa um mecanismo retórico privilegiado no processo. Somando-se a isso, convém destacar que tanto a paródia quanto a ironia, segundo Hutcheon (1985, p. 120), exigem uma competência lingüística, retórica e “requerem um certo conjunto de valores institucionalizados – tanto estéticos (genéricos), como sociais (ideológicos) – para ser compreendida ou até para existir”, exigindo do leitor certos requisitos para a compreensão do que está implícito na mensagem<sup>70</sup>.

Esboçada a relação paródia-ironia-sátira, há ainda a necessidade de confrontar a paródia com outros gêneros com as quais é freqüentemente confundida, como o pastiche, o burlesco, a farsa, o plágio, a citação, a alusão e a paráfrase. E outros dois elementos constitutivos, a estilização e a apropriação, que operam em um plano intermediário entre a paródia e a paráfrase conforme sugerido por Affonso Romano de Sant’Anna (2007). Hutcheon (1985) constrói esta distinção a partir da sua definição de paródia interagindo com a ironia. A autora não aprofunda muito esta

<sup>69</sup> Para Hutcheon, *ethos* “é a sobreposição do efeito codificado (tal como é desejado e pretendido pelo produtor do texto) e do efeito decodificado (tal como é obtido pelo decodificador)” (p. 76), aproximando-se mais à idéia de *pathos* em Aristóteles (ao invés de *ethos*), conforme ela mesma justifica. A autora não deixa muito claro por que fez esta opção, mas, é possível deduzir que ela quis aproximar-se dos hábitos e valores comuns envolvidos na relação intertextual entre codificador e decodificador.

<sup>70</sup> Em função disso, muitas vezes a paródia é acusada de ser uma forma de discurso elitista, exigindo que o codificador trabalhe necessariamente com elementos que permitam a familiarização do decodificador com o que é parodiado, sob risco do texto, por exemplo, ser lido como qualquer outro (HUTCHEON, 1985).

discussão e, em sua obra, apenas pincela os demais gêneros<sup>71</sup>, deixando as respostas mais abertas a uma interpretação a partir da teoria que desenvolve, pois não compara estes gêneros na totalidade. Assim, a análise de Hutcheon vai sendo construída sempre com relação à paródia: o pastiche acentua a semelhança, e não a diferença, sendo imitativo; o plágio é um empréstimo não confesso, em oposição à paródia e pastiche, onde fica manifesta a intenção em imitar; o burlesco e a farsa envolvem necessariamente o ridículo, enquanto a paródia não; a citação também se diferencia pela intencionalidade, já que o distanciamento crítico da paródia não aparece necessariamente na citação; e a alusão age essencialmente pela correspondência, não diferencia como a paródia.

Sant'Anna (2007) vai operar muito mais a partir dos antagonismos paródia/paráfrase e estilização/apropriação, interligando-os de modo dinâmico e sistêmico. Para ele, paródia e paráfrase formam dois eixos que se distanciam, embora partilhem da idéia de repetição. A paródia passa pela intertextualidade das diferenças, o discurso em progresso, onde há um efeito de deslocamento, cujo caráter contestador busca a deformação e “a fala recalçada do outro” (p. 29). A paráfrase, por sua vez, passa pela intertextualidade das semelhanças, o discurso em repouso, em que o efeito é de condensação, e o caráter ocioso busca o reforço: o emissor “está abrindo mão de sua voz para deixar falar a voz de outro” (p. 29). Aqui se percebe nitidamente uma aproximação entre as definições de paródia nos dois autores: tanto Hutcheon quanto Sant'Anna percebem na diferença um dos principais elementos neste efeito de linguagem. Mas Sant'Anna também vai recorrer a outros dois componentes em sua análise, que interligados à paráfrase e à paródia, vão resultar em três modelos analíticos. Estes modelos apontam maneiras como a estilização e a apropriação operam junto à paródia e à paráfrase. A estilização aproxima-se por similaridade à paráfrase, enquanto a apropriação aproxima-se da paródia pela inversão do significado. A idéia de estilização, que surge junto aos estudos sobre paródia desenvolvidos pelos formalistas russos Tynianov e Bakhtin (SANT'ANNA, 2007, p. 13-14), opera como uma espécie de movimento do discurso que se sobressai na medida em que se aproxima da paráfrase e afasta-se da paródia<sup>72</sup>. Já a apropriação é um termo mais recente, que pode ser interpretado como uma radicalização da paródia, que dessacraliza e desrespeita a obra alheia (p. 46). De modo que, por este ângulo, pode ser vista como uma inversão da paráfrase. Estes modelos esboçados por Sant'Anna (2007) não são estanques e podem ser adequados, conforme a potencialidade dos textos explorados:

[O estudioso] pode utilizar um ou outro, ou todos ao mesmo tempo, conforme a potencialidade do texto que vai examinar. Pode ficar, por exemplo, no confronto: *paródia e estilização*. Pode utilizar *paródia* e *paráfrase*. Pode somar a esses o conceito de *apropriação*. Pode também avançar e utilizar o critério da *intertextualidade da dife-*

<sup>71</sup> Com exceção da paráfrase, que a autora não cita em nenhum momento.

<sup>72</sup> De modo que a estilização pode ser concebida como um meio caminho entre paródia e paráfrase, cedendo lugar na medida em que se aproxima de um ou de outro.

*rença e intertextualidade da semelhança*, colocando em dois conjuntos opositivos: *paráfrase & estilização* “versus” *paródia & apropriação*. Neste sentido, como uma variante, pode ver os matizes vários desses termos e trabalhar com os conceitos de *apropriação parodística* e *apropriação parafrásica*. Pode ainda entender a *paráfrase* como *pró-estilo* e a *paródia* como *contra-estilo* e, finalmente, trabalhar a questão do desvio, vendo na *paráfrase* o *desvio mínimo*, na *estilização* o *desvio tolerável* e na *paródia* o *desvio total* (p. 81-82, grifos do autor).

No *E-Dicionário de Termos Literários* de Carlos Ceia<sup>73</sup>, há uma interessante organização esquemática que reúne comparativamente os principais termos que se confundem com a paródia, “sem a pretensão de as transformarmos em fórmulas científicas”. O esquema de Ceia, ainda que não se proponha a modelo, complementa de forma didática este estudo no plano analítico:

1. A paródia é a deformação de um texto preexistente.
  2. A sátira é a censura de um texto preexistente.
  3. O pastiche é a imitação criativa de um texto preexistente.
  4. O plágio é a imitação ilegítima de um texto preexistente.
  5. A paráfrase é o desenvolvimento de um texto preexistente.
  6. A alusão é a referência indirecta a um texto preexistente.
  7. A citação é a transcrição de um texto preexistente.
- a) A paródia deforma, censura, imita (criativamente), desenvolve, referencia e não transcreve um texto preexistente.
  - b) A sátira censura e referencia, mas não imita, não deforma e não desenvolve um texto preexistente.
  - c) O pastiche imita criativamente, referencia e transcreve, mas não deforma, não censura e não desenvolve um texto preexistente.
  - d) O plágio imita ilegitimamente e transcreve, mas não deforma, não censura, não desenvolve e não referencia um texto preexistente.
  - e) A paráfrase desenvolve, referencia, mas não deforma, não censura, não imita e não transcreve (antes reescreve) um texto preexistente.
  - f) A alusão referencia, mas não deforma, não censura, não imita, não desenvolve e não transcreve um texto preexistente.
  - g) A citação transcreve, imita e referencia, mas não deforma, não censura e não desenvolve um texto preexistente.

Podíamos tentar completar estas proposições com outros factores de diferenciação menos acentuados, por exemplo, os critérios de ridicularização, ironia, ideologia e auto-reflexividade, que podem agrupar os conceitos de base da seguinte forma e reduzir a ambiguidade entre eles:

- I. A paródia e a sátira são ridicularizações de textos preexistentes.
- II. O pastiche, o plágio, a alusão, a paráfrase e a citação não pressupõem a ridicularização de textos preexistentes.
- III. A paródia e a sátira usam a ironia como estratégia retórica.
- IV. O pastiche, o plágio, a alusão, a paráfrase e a citação não usam a ironia como estratégia retórica.
- V. O pastiche, a paráfrase, o plágio, a alusão, a paráfrase e a citação conservam a ideologia do texto-objecto.
- VI. A paródia e a sátira não conservam a ideologia do texto-objecto.
- VII. A paródia e a sátira suportam o exercício de auto-reflexividade.
- VIII. O pastiche, o plágio, a alusão, a paráfrase e a citação não suportam o exercício de auto-reflexividade.

<sup>73</sup> Disponível em <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/index.htm>.

#### 4.2.1 Elementos humorísticos periféricos para interpretar a paródia de Apporelly

Por fim, acrescentaremos ainda uma última classificação baseada em Propp (1992), com intuito de operar em minúcias humorísticas nas narrativas analisadas, de modo complementar à paródia enquanto eixo analítico central deste aspecto. Propp faz uma interessante observação que vai ao encontro do que já foi discutido, de que “o cômico, direta ou indiretamente, está ligado ao homem” (p. 38). De fato, a interpretação está sempre vinculada ao universo que nos cerca, ao nosso imaginário. Na paródia, isso é ainda mais amplificado, pois, neste caso, como já visto, faz-se necessário um conhecimento compartilhado entre codificador-decodificador para que o efeito seja identificado; do contrário, sem a noção do original de onde emana, a paródia esvazia-se em si e o objeto que referencia o outro pode aparecer ao leitor como totalmente inédito. Por isso, a necessidade de conhecimento contextual faz-se essencial à compreensão, de um modo geral, do humor. Aberta esta lacuna, que vem ao encontro da base teórica em Propp, parte-se agora para as sugestões interpretativas do autor, lembrando que, tal qual acontece com os elementos descritos anteriormente, estas não são estanques, interligam-se e sobrepõe-se dinamicamente em composições associativas. Para este trabalho, tomou-se a liberdade de organizar a proposta de Propp em três grandes grupos:

#### COMICIDADE DOS HOMENS E DAS COISAS QUE O CERCAM

- a) Para Propp (1992, p. 39-40), o **cômico da natureza**, assim como **das coisas**, é intrínseco ao imaginário apontado acima; “está ligado necessariamente a alguma manifestação da atividade espiritual do homem”. Embora alguns teóricos renequem a possibilidade de cômico na natureza ou nas coisas em si, em um olhar que isola o objeto do contexto essencial ao humor, para este trabalho, parte-se simplesmente da premissa de que, no plano empírico, o cômico pode emanar das coisas inanimadas, desde que sob contexto que assim propicie<sup>74</sup>;
- b) A **natureza física do homem** é o cômico que emana “das manifestações exteriores e físicas das ações e das aspirações dos homens” (PROPP, 1992, p. 45). Neste universo inclui-se o corpo humano em si, no todo ou no detalhe, o nu, as funções fisiológicas voluntárias e involuntárias;

---

<sup>74</sup> Um exemplo bem genérico e universal é o de uma pedra, árvore ou objeto que suscite uma analogia fálica, sendo interessante apontar que este tipo de humor está relacionado a padrões morais, que podem distinguir-se em diferentes culturas.

- c) A comicidade da **semelhança** e da **diferença** opera, no primeiro caso, pela repetição, pela duplicação<sup>75</sup>, e no segundo, tanto pela particularidade, quanto pela estranheza<sup>76</sup>;
- d) O **homem com aparência de animal** é um caso distinto apontado por Propp, já que estabelece uma relação circunstancial vinculada à representação cultural que se costuma fazer de diferentes animais<sup>77</sup>. Assim, a comparação com animais tende a relacionar-se às qualidades análogas no ser humano, desvendando algum defeito para que provoque o riso ou ofenda. No mesmo sentido opera o que Propp caracteriza como **homem-coisa**, porém, e obviamente, associado a quaisquer outras matérias;
- e) A idéia de **ridicularização das profissões**, conforme Propp (1992, p. 79), opera melhor quando “essa mesma atividade em si não requer uma tensão mental especial, e toda a atenção se dirige apenas às suas formas exteriores”, ou seja, a atenção é voltada para o processo e dos elementos que o circundam;

## INSTRUMENTOS GENÉRICOS DA COMICIDADE

- a) O **exagero cômico**, segundo Propp (1992), manifesta-se em três formas: a caricatura (exagero de um elemento no objeto), a hipérbole (exagero de todo o objeto) e o grotesco (as dimensões do que é satirizado atinge proporções monstruosas);
- b) O **malogro da vontade** seria, em síntese, o ato de ‘rir da desgraça alheia’. Para Propp (1992), o riso suscitado neste caso é um riso cruel, provocado a partir de causas externas, como um tropeço, ou internas, oriundas normalmente de distrações. Quando o malogro da vontade é intencionalmente provocado por alguém, tem-se o que Propp chama **o fazer alguém de bobo**;
- c) Os **alogismos** são relacionados aos absurdos ou insensatezes, tratando-se, segundo o autor, “a forma mais comum de comicidade” (PROPP, 1992, p.108). São identificados por diversos autores pela expressão *nonsense* ou contra-senso (FREUD, 1905);
- d) A **mentira**, desde que desmascarada e não levando a conseqüências trágicas, torna-se também uma importante ferramenta da comicidade. Conforme Propp (1992, p. 117), “o grau máximo da comicidade de uma mentira é ao mesmo tempo a mentira completamente gratuita graças, à qual, porém, o mentiroso se desmascara”;

<sup>75</sup> De um personagem, por exemplo, seja no aspecto físico ou comportamental, nos gestos, aspirações.

<sup>76</sup> O ridículo, disforme, a extravagância, o estrangeiro, a transgressão, a contradição, a divergência – Propp (p. 59) aponta que se trata “de um dos casos mais complexos e difíceis de explicação do cômico. Convém lembrar também a profunda relação que estes elementos mantêm com a paródia, cuja essência é calcada na diferença.

<sup>77</sup> O autor aponta, por exemplo, o porco, o macaco, a gralha ou o urso como indicativos de qualidades negativas, suscitando o ridículo e levando ao riso. Enquanto a águia, o falcão, o cisne e o rouxinol não provocam o riso (p. 66), e são comumente usados em relações elogiosas ou afetuosas.

## INSTRUMENTOS LINGÜÍSTICOS DA COMICIDADE:

- a) Para Propp (1992), o **trocadilho**<sup>78</sup>, ou jogo de palavras, ocorre quando a compreensão da palavra em seu sentido amplo ou geral é substituída por outra, mais restrita ou literal, marcando a inconsistência do significado;
- b) Nos **paradoxos**, pode ocorrer do predicado contradizer o sujeito na frase, ou uma definição contrapor-se ao que está para ser definido<sup>79</sup>. Propp (1992, p. 125) situa a **ironia**, enquanto instrumento lingüístico, como sendo próxima ao paradoxo:

Se, no paradoxo, conceitos que se excluem mutuamente são reunidos apesar de sua incompatibilidade, na ironia se expressa com as palavras um conceito, mas se subentende (sem expressá-lo por palavras) um outro, contrário. Em palavras, diz-se algo positivo, pretendendo, ao contrário, expressar algo negativo, oposto ao que foi dito. A ironia revela assim alegoricamente os defeitos daquele (ou daquilo) de que se fala. Ela constitui um dos aspectos da zombaria e nisto está sua comicidade<sup>80</sup>.

- c) A **linguagem sofisticada**, identificada por Propp de modo exemplificativo como a terminologia científica, bem como os **erros da língua**, também podem operar como instrumento lingüístico da comicidade, em especial quando desnudam defeitos do pensamento<sup>81</sup>. Se os erros ocorrem por grosseria ou falta de cultura, afastam-se dos alogismos, e o cômico não se manifesta pela insensatez, mas pela ignorância declarada de quem fala;
- d) O último instrumento lingüístico identificado por Propp (1992) é o que poderíamos chamar de **articulação dos nomes próprios**. O autor dedica uma significativa parcela de sua análise para salientar que “os nomes cômicos são um procedimento estilístico auxiliar que se aplica para reforçar o efeito cômico da situação, do caráter ou da trama” (p.131). Propp sugere algumas técnicas nesse sentido. Podem-se utilizar nomes negativos para reforçar os defeitos de uma personagem, ou, então, nomes positivos para personagens que são negativas, o que aproxima este instrumento da ironia. O nome cômico pode também relacionar-se a animais e coisas, sendo que às vezes a aproximação pode realizar-se apenas por similaridade fonética. Outra forma de aplicá-lo é utilizar nomes relacionados às características ou posição social de seus donos.

<sup>78</sup> Ou calembures, segundo Propp (do russo *kalambur*).

<sup>79</sup> Bons exemplos de paradoxos podem ser encontrados na própria obra de Apparício Torelly, especialmente em suas máximas humorísticas: “O fígado faz muito mal à bebida” (Souza, 1987, p.41) e “O problema dos menores é um dos maiores” (p.148), no caso da primeira situação colocada por Propp, ou “Este mundo é redondo, mas está ficando chato” (p. 147), no caso da segunda.

<sup>80</sup> Ressalta-se a maneira com que Propp aborda a ironia, similar ao que propõe Hutcheon (1985): ao revelar os defeitos do objeto sobre o qual opera, pode-se dizer, em outras palavras, que a ironia julga.

<sup>81</sup> Quando, por exemplo, o receptor não compreende o significado de uma palavra sofisticada e repara apenas no seu som, esta pode soar ridícula. Nesse caso específico, segundo Propp, o efeito aproxima-se dos alogismos.

Faz-se necessário, ainda, algumas últimas observações sobre o trabalho de Propp (1992). Ao final do capítulo sobre instrumentos lingüísticos da comicidade, o autor aborda uma questão interessante, a qual chama de “estilo lingüístico de um escritor”. Segundo ele:

O estudo do estilo próprio a um escritor, mesmo quando se trata de um escritor humorista, não está dentro de nosso âmbito. Sua língua é parte extremamente essencial de sua comicidade. O grau de seu talento não se define apenas pelos ‘procedimentos’ que usa, mas também por sua língua (p. 132-133).

Outra questão que merece destaque diz respeito à “sugestividade” de uma língua, cujas maiores exigências são o colorido e a expressividade. Segundo o autor, os intelectuais tendem a expressar-se na vida cotidiana de modo bastante incolor, já que “a pessoa culta pensa por categorias abstratas e se expressa de acordo com elas”. Já as pessoas mais rudes tendem a expressar-se de forma mais figurada e expressiva e seu discurso vai ao encontro de imagens visuais. Convencionalmente, esta forma de expressão, rotulada como ‘popular’, faz com que o humorista só atinja seu objetivo de modo efetivo quando conseguir apropriar-se das peculiaridades e sutilezas deste discurso. Assim, a expressão incolor está relacionada a um discurso que opera por conceitos, enquanto a idéia de colorido vai ao encontro daquele operado por imagens visuais e próximo da linguagem popular.

Concluindo, cabe ressaltar que Bergson e Freud também haviam trabalhado em suas obras<sup>82</sup> com noções semelhantes às de Propp. Antes do filologista russo, ambos operaram conceitos e estabeleceram categorias para as diferentes formas de manifestação do cômico. Os três autores vão divergir em alguns aspectos, especialmente no âmbito terminológico, mas vão convergir em diversos. A opção por Propp perante os demais se dá não apenas em função desta relativa convergência, mas também pela maior atualidade de sua obra (1976), bem como pelo seu vínculo com a filologia, a clareza e a organização de sua obra, que opera sobre elementos lingüísticos concretos. Também é justo esclarecer que foi omitido o conceito de paródia em Propp, por julgar-se que pouco acrescentaria ao que já havia sido elaborado – primeiro, porque o autor não desenvolve o tema com a mesma profundidade<sup>83</sup> dos estudos já utilizados neste trabalho, na parte específica sobre o assunto; segundo, porque, talvez em decorrência do primeiro motivo, a definição de paródia em Propp é limitada e reduz a amplitude deste efeito de linguagem.

<sup>82</sup> *O Riso* (1900) e *O Chiste e suas relações com o inconsciente* (1905) respectivamente.

<sup>83</sup> Isso talvez se explique pelo fato de *Comicidade e Riso* ser a última obra de Vladimir Propp, publicada após a sua morte e inacabada em muitos aspectos (por outro lado, é fruto da máxima maturidade acadêmica do autor).

## 5 PREPARATIVOS PARA INTERPRETAR UM NOBRE PERSONAGEM

Para proceder à interpretação em torno da construção do personagem, resta agora reunir o ferramental que vai compor a base metodológica através do qual procederá a análise. Dois motes serão explorados neste sentido. O aporte inicialmente apresentado fornecerá subsídios elementares para proceder à construção do personagem propriamente dito, incluindo uma terminologia adequada e uma base classificatória que orientará a pesquisa em proximidade ao périmetro do objeto de estudo proposto. Esta aproximação também inclui, ao final, uma sucinta discussão sobre alguns aspectos que permeiam os personagens junto ao humor e ao jornalismo.

A abordagem subsequente vai introduzir a narratologia enquanto base estrutural que interligará, a partir de um conjunto de procedimentos adequados à análise textual, os diversos elementos teóricos tratados ao longo da dissertação. Além das características tradicionalmente identificáveis com a teoria da narrativa, oriundas do formalismo russo e das gramáticas estruturalistas, também serão apresentadas algumas contribuições voltadas especificamente para as peculiaridades dos textos jornalísticos. Este levantamento, reunido e organizado, vai compor o método a ser empregado na análise das fontes primárias. Por fim, será definido e demonstrado o *corpus* da pesquisa, o processo utilizado para realizar este intento, bem como algumas constatações manifestas no decurso de sua elaboração.

### 5.1 Teoria do personagem: conceitos e definições

O pensamento sobre o personagem surge em Aristóteles, em sua *Poética*, onde, a princípio, foram construídos os primeiros conceitos sobre o tema (BRAIT, 1985). O mais básico e que viria a influenciar uma grande gama de pensadores que se debruçaram sobre o assunto é o conceito de *mimesis* que, em uma interpretação simplificada, remete basicamente à idéia de imitação do real. Brait prudentemente adverte para o fato de que tal interpretação é incompleta, e que uma leitura mais aprofundada permite encontrar outros aspectos essenciais na obra do filósofo, que interpreta o personagem como reflexo da pessoa humana, mas também como “construção, cuja existência obedece às leis particulares que regem o texto” (p. 29). É a partir deste adendo interpretativo que a autora chega à idéia de verossimilhança interna, ou seja, a aproximação entre o ficcional e o real, o ser fictício e o ser vivo no caso do personagem, que ocorre internamente à narrativa e que vai encontrar-se com o que Cândido (2007) aponta como coerência interna. Ou seja, o personagem depende, antes de mais nada, da função que exerce na ficção onde aparece, de modo que a verossimilhança depende da maneira como este personagem é construído na organização

estética do material, e o “seu comportamento e o desfecho das ações por ele protagonizadas estão apoiados nas necessidades do encaminhamento da história, da fábula” (BRAIT, 1985, p. 32).

Aristóteles criou uma base sólida para os estudos sobre o personagem que perduraria com muita força até o século XVIII, quando seria acrescido de uma maior preocupação com questões de ordem psicológica, envolvendo as paixões e sentimentos humanos na sua criação (BRAIT, 1985). Aliás, é a partir desse momento que o personagem começa a sofrer uma complicação crescente, que caracteriza dois modos principais de tratamento: como seres íntegros e delimitáveis, marcados por traços que o caracterizam, ou como seres complicados, que não se esgotam nos traços característicos, apresentando uma profundidade de onde aflora o mistério e o desconhecido. Há a passagem do enredo complexo, com personagem simples, para enredo simples, com personagem complexo (CÂNDIDO, 2007, p. 60). Também foi aproximadamente neste período que o escritor e lexicógrafo Samuel Johnson (1709-1784) definiu o que chamou personagens de costumes e de natureza. Os primeiros são muito divertidos, melhor compreendidas por um observador superficial, com traços distintivos, escolhidos e marcados por meio daquilo que os distinguem visto de fora, fixados e lembrados a cada vez que o personagem surge na ação, bastando invocar um deles. É um processo caricatural e apresenta eficácia máxima na caracterização cômica, a partir do comportamento do personagem em sociedade, pelo tecido de suas relações e pela visão normal que se tem do próximo. Nos de natureza, é preciso mergulhar nos recessos do coração humano, pois possuem, além dos traços superficiais, um modo íntimo de ser e isso impede que tenham a regularidade dos outros. Não são facilmente identificáveis e precisam de uma caracterização diferente, geralmente analítica, que não se mostra à observação rápida, nem se explica apenas pelo mecanismo das relações (CÂNDIDO, 2007, p. 61-62).

A partir do século XX, o tema vai se desenvolver com ainda maior proeminência, introduzindo toda uma gama de conceitos que vão enriquecer estes estudos. Em 1927, o romancista e teórico literário Edward Morgan Forster lançou uma série de conceitos até hoje muito explorados, entre os quais se destaca a distinção entre personagem plana e redonda (ou esférica)<sup>84</sup>. As personagens planas giram em torno de uma idéia ou qualidade, não apresentam uma profundidade psicológica e não mudam com as circunstâncias. Forster (1998) classifica estes personagens em tipos, quando não há deformações em sua personalidade plana, ou caricaturas, quando esta personalidade é levada ao extremo, ganhando dimensões mais próximas do cômico. Já as redondas são complexas, possuem várias dimensões, reunindo muitas características humanas simultaneamente, o que as aproxima da realidade. O esquema de Forster, assim como o de Johnson, não deve ser

---

<sup>84</sup> Observando-se que a classificação de Forster aproxima-se muito da realizada por Johnson no século XVIII.

encarado como um modelo estanque, mas como um referencial bipolar, onde o personagem oscila dinamicamente entre o estado de plano e esférico (ou de costume e de natureza, segundo Johnson). Forster também apresenta uma interessante forma de operar sobre a narrativa, utilizando intriga, história e personagem como elementos estruturais essenciais à análise, e posiciona o personagem como apenas um dos aspectos entre os outros.

Com os formalistas russos, os estudos sobre personagens ampliam-se para uma dimensão mais sistêmica, de modo que “a obra seja encarada como a soma de todos os recursos nela empregados, como um sistema de signos organizados de modo a imprimir a conformação e a significação dessa obra” (BRAIT, 1985, p. 43). A idéia de personagem desvincula-se do foco voltado para a representação do ser humano e adquire maior ênfase especificamente na linguagem. Em 1928, com o célebre *Morfologia do conto*, Vladimir Propp lançou os primeiros passos nesse sentido, ao perceber o personagem inserido no sistema verbal da narrativa. De certa forma, Propp (1984) não foge ao que Aristóteles já apontava, ao colocar que o personagem obedece às leis que regem o texto, conforme já visto. A diferença é que Propp formaliza esta relação de modo esquemático, operando na minúcia da construção textual, mais especificamente na intriga das narrativas, onde as ações são operadas como unidades básicas. A teoria de Propp é um recomeço, a partir do qual diversos pensadores vão despontar, entre os quais se destacam Roman Jakobson, Lévi-Strauss, Tzvetan Todorov, Claude Bremond, Roland Barthes e Julien Greimas (BRAIT, 1985).

### 5.1.1 Alguns conceitos auxiliares para interpretar personagens

Tanto Brait quanto Reuter apontam Philippe Hamon como uma importante referência aos estudos do personagem. Hamon (1976) categoriza os personagens em torno de suas ações, do ser, sua inserção em um gênero, e a maneira como é designada pelo seu narrador<sup>85</sup>, estabelecendo uma interessante relação conforme segue:

1. Qualificação diferencial: natureza e quantidade de qualificações atribuídas aos personagens – diz respeito ao ser do personagem;
2. Funcionalidade diferencial: o papel do personagem na ação e sua importância – diz respeito ao fazer do personagem;
3. Distribuição diferencial: as aparições do personagem, frequência de aparição e grau de importância do papel e efeito provocado – articula o ser e o fazer;

---

<sup>85</sup> Conforme será visto, autor e narrador são conceitos distintos no âmbito da narratologia e serão tratados melhor no capítulo posterior.

4. Autonomia diferencial: possibilidades de aparecer junto a outros personagens ou sozinho, de acordo com sua importância – também articula fazer e ser;
5. Pré-designação convencional: articula o ser e o fazer, porém em função de um gênero (policia, western, para citar exemplos) – a importância e o status são codificados por marcas genéricas tradicionais, traços físicos, ação, etc.
6. Comentário explícito: discurso do narrador sobre o personagem, indicando status ou categorizando, portando avaliação.

Antônio Cândido faz algo semelhante, porém seu enfoque, diferentemente de Hamon, vai abordar o personagem do ponto de vista do autor, e não do narrador. A proposta de Cândido resulta na seguinte classificação (2007, p.71-74):

1. Personagens transpostos da vida real por experiência direta: pode ser interior, em que há uma projeção de sentimentos do próprio autor, como marcas da infância, ou externa, a partir de pessoas conhecidas diretamente pelo autor, como o pai ou a mãe;
2. Personagens transpostos de modelos anteriores: a partir de documentação ou testemunho, sobre o qual a imaginação opera;
3. Personagem construído a partir de um modelo real (vivo), de alguém conhecido do autor, mas sem proximidade, que serve de eixo ou ponto de partida – pode ser identificado, bem como pode haver desfiguração do modelo;
4. A partir de um modelo direta ou indiretamente conhecido, mas somente como um pretexto básico – os traços não convêm ao modelo e ficam dissimulados. Aparentemente, a partir dos exemplos dados por Cândido, a relação só aparece se o autor a revelar;
5. A partir de um modelo real dominante, que serve de eixo, somado a outros modelos secundários, tudo reconstruído pela imaginação – há uma diluição da referência, misturando os elementos anteriores, características de uma pessoa (modelo real dominante) associada a elementos de obras (modelos secundários), por exemplo;
6. A partir de fragmentos de vários modelos vivos sem predominância de nenhum, resultando em uma personalidade nova – a partir de um grupo de amigos, reunindo traços de todos;
7. Aquelas onde as raízes desaparecem na personalidade, ou não têm um modelo consciente ou o modelo não pode ser traçado pelo autor – criadas a partir de um ideal (Cristo, pessoas humilhadas, feminismo, homens feridos), criando um arquétipo sobre o qual o personagem se constrói baseado em experiências de vida, mas interior ao autor;

Se as categorias de Hamon operam quanto às ações do personagem junto a outras características essenciais, interligadas à maneira como são manifestadas pelo narrador, há ainda outro aspecto importante a traçar no que diz respeito às suas ações na narrativa, porém mais específicas ao personagem propriamente dito. Brait (1985), embora não opere com a mesma terminologia que aparece em Reuter (2007)<sup>86</sup>, expõe um esquema útil e sintético que contempla este âmbito a partir da rede de relações entre os personagens, os lugares e os objetos. Baseando-se na obra *O universo do romance* (1972), de R. Bourneuf e R. Ouellett, bem como no *As duzentas mil situações dramáticas*, de Etienne Souriau, e no já citado *Morfologia do conto*, de Propp, a autora organiza quatro funções possíveis que podem ser desempenhadas pela personagem (p. 47-51):

1. Elemento decorativo: é o personagem considerado inútil à ação, embora possa desempenhar função indispensável a uma cena em grupo;
2. Agente da ação: dentro do universo da rede de relações entre personagens, e considerando-se que “cada momento da ação representa uma situação conflitual em que as personagens perseguem-se, aliam-se ou defrontam-se”, Brait (2005, p. 49-51) subdivide o agente da ação em seis categorias distintas:
  - a) Condutor da ação: aquele que dá impulso à ação e representa a força temática<sup>87</sup>;
  - b) Oponente: personagem que possibilita a existência do conflito;
  - c) Objeto desejado: força, fim ou objeto que representa o valor a ser atingido;
  - d) Destinatário: personagem beneficiário da ação, que detém o objeto de desejo – não é necessariamente o condutor nem o oponente;
  - e) Adjuvante: personagem auxiliar, que impulsiona uma das outras forças;
  - f) Árbitro ou juiz: personagem que intervém na ação para resolvê-la.
3. Porta-voz do autor: o personagem é uma fusão das observações e virtualidades do seu criador. Esta classificação, segundo Bourneuf e Ouellett (apud BRAIT, 2005, p. 50-51), precisa ser apreciada levando em conta o fato de que:

Nenhuma obra de ficção se confunde com uma biografia ou uma autobiografia. Ela é, quando muito, uma biografia ou uma autobiografia do possível, ganhando por isso total autonomia com relação a seu autor. Por essa razão, ao classificar a personagem como porta-voz do autor, é necessário, segundo observam de forma pertinente os au-

<sup>86</sup> Reuter trabalha a ação do personagem a partir do clássico modelo actancial de Greimas, acrescentando as complementações de Claude Brémont, de modo que há algumas diferenças terminológicas. Porém, para fins analíticos, as propostas assemelham-se.

<sup>87</sup> Toma-se a liberdade de inserir nesta subclassificação a idéia de protagonista, que pode se associar à idéia de herói ou anti-herói. O protagonista, então, é aquele cuja centralidade é indiscutível em função da sua intervenção na ação, posicionamento no espaço e conexões com o tempo. O herói, enquanto protagonista, associa-se a conotações valorativas que reforçam a sua supremacia. O anti-herói, enquanto protagonista, é construído a partir da sua configuração psicológica, moral, social e econômica, normalmente traduzida em termos de desqualificação. Talvez o mais clássico exemplo de anti-herói ainda seja o Dom Quixote de Cervantes (REIS; LOPES, 1988).

tores de *L'univers Du Roman*, ultrapassar a reconstituição anedótica da biografia, a descoberta das fontes literárias ou históricas e a análise superficial das idéias para atingir os níveis de apreensão invisíveis a essa primeira abordagem;

4. Ser humano fictício, com forma própria de existir: o personagem situa-se dentro da especificidade do texto, considerando a sua complexidade, com sua forma de existir, de sentir, de ver os outros e o mundo.

É preciso abordar ainda outro conceito de extrema importância no âmbito da teoria deste trabalho, que envolve muitos dos anteriores: a caracterização do personagem. Trata-se dos elementos que o narrador utiliza para descrever e definir o personagem, de maneira que passe a impressão de vida e configure-se ao leitor. Isso faz este tornar-se um todo coeso na imaginação, lembrando que este é mais lógico do que o ser vivo, mas não necessariamente mais simples (CÂNDIDO, 2007, p. 59-60). É importante não confundir caracterização com identificação, que corresponde à atribuição de nome à personagem. A caracterização, por sua vez, compreende um ou vários atributos (traços, qualidades, características) que compõem a descrição do mesmo.

A caracterização pode ser direta ou indireta: a primeira identifica-se com a ênfase na descrição estática dos atributos, podendo subdividir-se em autocaracterização, quando a descrição é proferida pelo próprio personagem, ou heterocaracterização, por outra entidade na narrativa, seja o próprio narrador ou outro personagem; e a segunda envolve um processo dinâmico, disperso no discurso do personagem, suas atitudes e reações perante os demais, que vai sugerindo um conjunto de características no âmbito psicológico, ideológico, cultural, social, operando através de redundâncias no comportamento. Esta caracterização projeta-se sobre domínios específicos da construção do relato, a história (acontecimentos e personagens associados) e o discurso (linguagens) ou à estratégia de narração (tempo, personagens e procedimentos de focalização), sendo comum que se projetem sobre o espaço (componentes físicos que servem de cenário ao desenrolar da ação e à movimentação dos personagens). No âmbito do discurso, ainda é importante observar que a caracterização aparece condicionada pela posição do narrador (voz) e da focalização, conformando a instância narrativa (REIS; LOPES, 1988; REUTER, 2007). Estes elementos serão abordados com maior precisão no capítulo posterior, onde os componentes teóricos da pesquisa serão interligados. Abordados os aspectos mais genéricos, cabe agora direcionar-se para algumas possíveis manifestações do personagem nos âmbitos semânticos específicos em que a análise vai operar.

### 5.1.2 *Personagens jornalísticos e humorísticos*

Conforme já apontado, jornalismo e humor compõem as categorias sêmicas em que o objeto de estudo opera com mais proeminência, tanto no plano diegético das narrativas, quanto

no discurso propriamente dito. Ambos, genericamente falando, são essências do estudo proposto, seja no plano do conteúdo – as seqüências, ações, relações entre personagens e a localização do evento no contexto espacial; seja no plano da expressão, onde a ênfase dá-se nas nuances das linguagens manifestas, verbais ou puramente imagéticas. Luiz Gonzaga Motta (2004; 2007), em sua proposta de análise pragmática e cultural das narrativas midiáticas, vai dedicar-se a uma sucinta discussão sobre a construção de personagens no âmbito das construções simbólicas do jornalismo. Vladimir Propp (1992) e Ivo Bender (1996), por outro lado, analisam a construção de personagens cômicos. Assim, será esboçada uma síntese a partir das proposições destes autores com intuito de cercar com enfoques específicos as possibilidades teóricas aqui esboçadas.

Segundo Motta (2007), no jornalismo os personagens tendem a ser individualizados e ocupam o eixo central das histórias, de modo que a caracterização deve ser observada com atenção. É importante atentar também para o fato de que a narrativa realista do jornalismo, embora ostente um vínculo mais profundo com a realidade histórica em si mesma, com os fatos, ainda assim é uma versão: “podemos nos referir a pessoas reais, mas na narrativa elas permanecem como categoria do discurso” (2004, p. 52). Ou seja, mesmo tendo um correspondente na vida real, na narrativa, esta pessoa assume funções de personagem. Há uma relação íntima com pessoas físicas, mas não são pessoas, são representações: personagens são entes e não indivíduos. Para análises nestes tipos de casos, e também de modo a precaver-se quanto a possíveis desvios, o olhar deve manter-se focado na construção do personagem no texto, evitando deslocar-se para a pessoa real, recaindo-se em questões de ordem psicológica ou social desta personalidade. O que se está analisando é a narrativa sobre a realidade, e não a própria realidade. Motta (2004, p. 53) sugere que posteriormente, e aí sim, os personagens devem ser relacionados aos indivíduos reais, de modo a situar a análise no âmbito historiográfico:

Até onde há uma reprodução do “fiel” da pessoa e até onde começa a invenção (um constructo) sobre esta pessoa, é um limite tênue e difícil de discernir, um espaço desafiador para o analista. Em que extensão o jornalismo cria personagens? Até onde a personagem da narrativa jornalística guarda semelhanças com a personagem real? Até onde guarda semelhanças com outras personagens da ficção? Até onde o jornalismo constrói, por exemplo, figuras de heróis e seus antagonistas? Até onde a fábula (o *mythos*) condiciona o relato “objetivo” do jornalista e molda suas personagens? (grifos do autor)

Assim, faz-se necessário focar inicialmente a atenção na maneira como o narrador constrói o personagem para o narratário, concentrando-se no discurso empreendido. Há uma complexidade particular nesse tipo de narrativa no que diz respeito a esta grande proximidade entre o personagem e a personalidade que representa, pois o jornalista, enquanto narrador, não goza da mesma liberdade de criação do autor ficcional e deve respeitar os dados do real que perpassam a elaboração do seu texto. Ainda assim, o personagem, neste âmbito, “constitui igualmente uma

construção do seu autor na medida em que ele possui autonomia de escolha entre os elementos que lhe são propostos pelo real e na respectiva elaboração” (MOTTA, 2007, p. 154). Ou seja, o jornalista compõe uma série de fragmentos do real que é uma parcela da personalidade que representa, de acordo com critérios subjetivos envolvidos em suas escolhas nesta representação.

Motta (2004, p. 55-56) também enfatiza que as narrativas jornalísticas não seguem o modelo maniqueísta clássico comum aos contos, que tende a ancorar os personagens em princípios opostos, como o bem e o mal. Normalmente, há um ou vários protagonistas opondo-se a um ou vários antagonistas, compondo “figuras principais que intervêm com maior frequência e mais intensidade nas transformações dos conflitos relatados, mas não encarnam uma o bem e a outra o mal”. Em geral, o narrador não intervém na narrativa e estes personagens se definem “não pela sua personalidade, características, traços psicológicos, etc., mas pelo que fazem”. Esta idéia ancora-se em dois pressupostos básicos na teoria de Motta: o conflito, no qual reina o cerne da narrativa jornalística, e os personagens enquanto ações, ou seja, que realizam algo, o que os identifica como “predicados” (conforme sugere Todorov). Segundo o autor, o desenrolar dos conflitos é justamente o que o jornalismo cobre como notícia, e é nas funções, nos procedimentos dos personagens envolvidos que se estabelecem as redes de relações a partir das quais se compõe a história e se estrutura a narrativa.

No âmbito do personagem cômico, Propp (1992) inicia a discussão com a curiosa observação de que estes em si não existem, uma observação contestável, na medida em que o próprio autor aponta elementos para tal construção. Na verdade, Propp não aprofunda muito este ponto de vista, apenas o utiliza, como gancho inicial, para discorrer sobre o assunto. Até pode tratar-se de um erro de tradução, mas provavelmente é uma alusão ao fato do personagem cômico carecer de certa quantidade de características específicas para assim defini-lo. Propp dá pistas para essa interpretação ao colocar que há “traços” nos personagens, genericamente falando, que criam o efeito de cômico<sup>88</sup>. O exagero, segundo ele, é um dos traços mais elementares nesse sentido, neste caso marcado pelos princípios da caricatura, de modo a explicitar certas características. Para Propp, o exagero não é uma característica isolada para criar as condições propícias à comicidade. Ele opera associado a particularidades negativas ou positivas. Quando o personagem opera sobre características negativas, é importante respeitar certos limites que não suscitem sofrimento no espectador, nem provoquem repugnância ou desgosto. Assim, o autor sugere certo limite nesse sentido, de modo que “só os pequenos defeitos são cômicos” (p. 135). Mas os personagens cômicos também podem ser positivos, compondo outra gama de possibilidades. Há, por exemplo, o excesso de

---

<sup>88</sup> Sugerindo, talvez, que os personagens não necessariamente são criados para serem cômicos, mas podem mostrar-se cômicos na medida em que se apropriam destes traços.

disposição e otimismo, que compõem o chamado otimista cômico. Outra manifestação cômica sob a mesma ótica diz respeito à engenhosidade e à esperteza, à malandragem, “a capacidade de adaptar-se à vida e de orientar-se em qualquer dificuldade encontrando uma saída” (p. 142).

Bender (1996), por sua vez, aborda a idéia de personagem rebaixada, a partir de seus estudos sobre a comédia. Partindo da *Poética* de Aristóteles, sugere uma inferioridade oriunda de falhas ou vícios risíveis, que se manifesta tanto em heróis trágicos quanto em cômicos. No caso dos personagens cômicos, o desfecho tende “à felicidade pessoal do sujeito ou à sua punição e à conseqüente alegria dos que o cercam [...]. Porém, o aniquilamento da personagem portadora do vício ou defeito não se faz presente” (p. 24). As falhas e defeitos desta são risíveis por insignificantes que são, ficando exposto o seu lado ridículo. Ancorando-se na *Poética II*, o autor também aponta que, de um modo geral, as personagens cômicas tendem a enquadrar-se como bufônicas, irônicas ou fanfarrônicas. No primeiro caso, Bender cita a covardia e a glotonaria do herói como exemplos, e faz uma interessante alusão a Molière, em *As preciosas ridículas*, obra na qual se destacam as peripécias e confusões de dois criados travestidos de aristocratas. No segundo, o autor destaca a atitude de dessacralização da justiça e das instituições sociais. E, por fim, exemplifica a personagem fanfarrônica, que destaca o “defeito do herói que se considera acima do comum dos mortais, blasona e, normalmente, acaba se tornando vítima de suas próprias fantasias e audácias” (p. 37). No entanto, Bender deixa claro que essa categorização não esgota o leque de possibilidades abordadas nos caracteres falhos, já que, com a própria evolução da comédia, ampliou-se o arsenal de vícios e defeitos a explorar.

## **5.2 Ferramental analítico para decifrar a construção do personagem**

Considerando-se que a pesquisa proposta pretende investigar a construção do personagem Barão de Itararé por Apparício Torelly no semanário humorístico *A Manha*, faz-se importante lembrar que o olhar aponta para a presença deste objeto inserido nas narrativas em que se insere. Busca, assim, no âmbito desta linguagem, centrar-se essencialmente no discurso paródico frente ao jornalismo praticado pela grande imprensa em expansão no mesmo contexto sócio-histórico. Trata-se de um enfoque qualitativo, arbitrariamente estabelecido, ancorado no pressuposto de que os vínculos existentes entre o mundo objetivo (real) e a subjetividade dos sujeitos nele inseridos são indissociáveis, e, como tal, nem sempre podem ser traduzidos em números. Igualmente, a realidade não é estanque e acaba moldada para a posteridade de acordo com suas diversas interpretações e comunicações, e, como tal, jamais é incontestável (FEYERABAND, 2007; LAKATOS; MARCONI, 1991;1993).

O objeto de estudo em questão é uma construção simbólica significativa, cuja interpretação se dá em um contexto espaço-temporal distinto, que constitui um campo subjetivo (campo-sujeito), no qual inevitavelmente se reinterpreta um domínio pré-interpretado. Como tal, subentende-se que não pode ser analisados por métodos puramente formais ou objetivos, como os utilizados, por exemplo, junto às ciências naturais. O mundo sócio-histórico não é apenas um campo-objeto para ser observado, pois é também um campo-sujeito que é construído por sujeitos que no curso rotineiro de suas vidas cotidianas estão constantemente preocupados em compreender a si mesmos e aos outros, em interpretar o seu entorno – os seres humanos são parte da história e não apenas observadores dela (THOMPSON, 2007). No âmbito das possibilidades de interpretação existentes e de um ferramental adequado para realizá-las, a narratologia “compreende métodos e procedimentos empregados na análise das narrativas humanas” (MOTTA, 2007, p. 144). É uma área autônoma que compreende a relação entre texto narrativo, narrativa e história e estabelece relações com diversas áreas de estudo, como a lingüística, a teoria do texto e a teoria da comunicação, para citar alguns exemplos. Conforme ratificam Reis e Lopes (1988, p.82),

a atenção que a narratologia atribui ao plano da história funda-se em contributos provenientes da análise estrutural da narrativa: operando de forma dedutiva (cf. Barthes, 1966: 1 et seqs.), ela sublinhava o caráter orgânico do texto e apontava para uma gramática da história, estabelecida quer em termos funcionais, quer em termos sequenciais, quer ainda nos termos de uma configuração paradigmática e acrônica da narratividade.

Em seu vasto campo de estudo, a narratologia propõe inúmeras possibilidades de análise na sua função de abrir o texto ao mundo exterior<sup>89</sup> e explicar os funcionamentos descobertos pela análise interna<sup>90</sup>, seja em função da produção, da recepção ou da história social/textual. Ela opera também segundo o lugar que o texto ocupa, observando-se que o mesmo pode corresponder a um agrupamento ou conjunto mais amplo<sup>91</sup>, ou mesmo a fragmentos do todo onde se insere. É um método que se molda em torno da articulação do objeto a que serve, bem como de suas respectivas teorias de referência, mas a análise textual permanece no centro das técnicas que propõe (REUTER, 2007). Neste sentido, a narratologia oferece um grande ferramental analítico que exige certo resguardo na sua aplicação em função da enorme terminologia e das diversas formas de operá-lo. Atento a esta amplitude, Reuter (2007) propõe definir inicialmente, e de modo arbitrário, o nível<sup>92</sup> em que a análise vai ocorrer, para que se possam apreender as categorias das escolhas realizadas. Não se pretende aqui discursar sobre cada um destes níveis, o que exigiria uma reflexão muito além dos objetivos estabelecidos. Além disso, estes níveis intera-

<sup>89</sup> O chamado não-texto, que opera no plano da enunciação e remete ao referente.

<sup>90</sup> O texto propriamente dito, que opera no plano do enunciado e remete à ficção.

<sup>91</sup> Uma técnica ou tema comum compartilhado ou conjunto de narrativas.

<sup>92</sup> Ficção, narração, produção de texto.

gem entre si, de modo que esta subdivisão opera mais no sentido de estabelecer de modo mais acurado a especificidade dos fenômenos textuais nos quais a pesquisa vai agir.

A realidade de cada pesquisa exige certa flexibilidade do *modus faciendi* e não permite uma adesão fechada a um modelo específico, embora, de um modo geral, todos eles operem em torno da dicotomia fábula/intriga<sup>93</sup> originalmente sugerida pelos formalistas russos. Assim, para este estudo, toma-se como ponto de partida o nível da ficção sugerido em Reuter, aproximando-se dos conteúdos reconstituíveis que são postos em cena no universo espaço-temporal, a história e os personagens. No âmbito da história, encontramos a reconstituição da intriga, suas seqüências e ações; o espaço vai reivindicar as categorias e o número de lugares convocados, o modo de construção e a importância funcional destes lugares; e o tempo pode ser analisado pelas categorias temporais convocadas, o modo de construção e a importância funcional. Ao tratar das seqüências enquanto unidades de análise situada de modo intermediário entre as ações e a intriga, Reuter aponta diversas possibilidades, mas destaca um modelo mais flexível, que opera a partir do isolamento de uma das já citadas unidades que compõem a análise narrativa: o tempo, o espaço, a ação ou os personagens. Por razões óbvias, aqui operaremos as seqüências em torno desta última unidade, com ênfase no objeto de estudo, de modo a rastrear as ações deste, mas sem negligenciar as demais unidades, essenciais à compreensão desta construção.

É importante complementar a proposta esboçada até aqui com alguns apontamentos úteis em Motta (2004), Martín-Barbero (2003) e Todorov (2008), que colaboram no sentido de melhor cercar a metodologia proposta. Diante da proximidade significativa do objeto de estudo com a mídia de sua época<sup>94</sup>, Luiz Gonzaga Motta (2007) apresenta uma interessante sistemática para uma interpretação dinâmica que colabora no desvendar das diversas camadas significativas do objeto empírico. O seu método de análise pragmática e cultural da narrativa jornalística vai ao encontro das teorias já esboçadas, porém esta perspectiva valoriza a sistemática narratológica no âmbito da mídia:

Quem narra tem algum propósito ao narrar, nenhuma narrativa é ingênua. A análise deve, portanto, compreender as estratégias e intenções textuais do narrador, por um lado, e o reconhecimento (ou não) das marcas do texto e as interpretações criativas do receptor, por outro lado. A ênfase está no ato de fala, na dinâmica da reciprocidade, na pragmática comunicativa, não na narrativa em si mesma. Pretende-se observar as narrativas jornalísticas como jogos de linguagem, como ações estratégicas de constituição de significações em contexto, como uma relação entre sujeitos atores do ato de comunicação jornalística. A narrativa não é vista como uma composição discursiva autônoma, mas como um dispositivo de argumentação na relação entre sujeitos (MOTTA, 2007, p. 146-147).

<sup>93</sup> Ou história (diegese) / discurso (narração+narrativa), conforme sugerem outros autores como Todorov, Genette, Bremond e Chatman. Independente de terminologias, há uma afinidade entre todos no sentido de isolar um plano do conteúdo e um plano da expressão na estrutura do texto narrativo (REIS; LOPES, 1988, p. 49-50).

<sup>94</sup> Já que a intertextualidade da paródia em Apporelly ancora-se no discurso jornalístico da imprensa de então.

Jesús Martín-Barbero (2003), por sua vez, ao perceber a cultura de massa como um paulatino construto decorrente da integração ao mercado e conseqüente deformação da cultura popular. O autor analisa o fenômeno a partir da expansão da grande imprensa, focando a presença do folhetim como um dos principais produtos dessa transformação: “as classes populares só alcançam a literatura mediante uma operação comercial que fende o próprio ato de escrever e desloca a figura do escritor na direção da figura do jornalista” (p. 183). Martín-Barbero identifica as mudanças que se sucedem e interferem diretamente na relação dialética escritura/leitura associada a essa nova realidade. A relação assalariada e a imposição de um novo ritmo, bem como a dissolução da unidade do autor<sup>95</sup>, alteram significativamente a cultura de produção dos escritores. Simultaneamente, mudavam também diversos aspectos textuais e paratextuais no âmbito narrativo, como reflexo sintomático da nova demanda estabelecida. São introduzidos dispositivos buscando maior acesso à leitura e compreensão por parte do leitor popular, tais como de composição tipográfica, de fragmentação da leitura, de sedução e de reconhecimento<sup>96</sup>.

Outro aspecto importante a ressaltar é que, ao focar o estudo em torno dos personagens e suas ações, o que se apresenta é um estudo temático, que corresponde a uma das subdivisões da análise da narrativa<sup>97</sup>. Para Todorov (2008, p. 119), “não há personagens fora da ação, nem ação independentemente de personagens”. É o que o autor chama de reino dos homens-narrativa, a partir do qual introduz a idéia de encaixe. Este conceito é particularmente interessante para o estudo aqui proposto, pois se torna útil frente à construção de um personagem que, apesar de representar o mesmo homem-narrativa, vai se transformando ao longo de sua trajetória, assumindo novas e distintas feições:

A aparição de uma nova personagem ocasiona infalivelmente a interrupção da história precedente, para que uma nova história, a que explica o ‘eu estou aqui agora’ da nova personagem, nos seja contada. Uma história segunda que é englobada na primeira (TODOROV, 2008, p. 123, grifo do autor).

No que diz respeito à delimitação das seqüências, optou-se, a princípio, pelo modelo proposto por Motta (2004, p. 32-33), que, segundo o autor, “parece dar conta da estrutura da maioria e das particularidades das narrativas jornalísticas”. A chamada seqüência trinária básica propõe dividir a história em três estágios, que, de modo simplificado, representam o início, o

<sup>95</sup> O nome dos autores era comumente omitido, a ponto de haver uma crença geral de que eram os entregadores que escreviam os romances (MARTÍN-BARBERO, 2003).

<sup>96</sup> Buscava-se estimular o desejo de ler em um público imerso na cultura oral, cujo hábito de leitura era mínimo. Aliás, pode-se enfatizar que os apontamentos de Martín-Barbero estabelecem uma importante ligação dos aspectos metodológicos com as questões teóricas desenvolvidas anteriormente. Ou seja, as transformações sócio-culturais identificadas ao longo da pesquisa historiográfica refletem diretamente na construção das narrativas que emergem junto ao processo de mediação da cultura moderna.

<sup>97</sup> As outras duas subdivisões, segundo Todorov (2008, p. 87), são o estudo da sintaxe narrativa e o estudo retórico.

meio e o fim. Primeiramente, é essencial ter clareza de que o tempo da narrativa jornalística está muito vinculado ao presente em que se insere. Assim sendo, a situação inicial pode ser identificada por uma perturbação que rompe a normalidade, já que o fato jornalístico persegue, em geral, o acontecimento que apresenta alguma ruptura com o estado normal das coisas, o insólito, o extraordinário, o conflito. Em decorrência disso, a narrativa jornalística pode, muitas vezes, iniciar pelo seu clímax. A situação inicial é seguida pelo desenvolvimento, “o conjunto de ações e seqüências que dão conta das tensões geradas pela ruptura da situação inicial” (MOTTA, 2004, p. 37). Nesta etapa, tende-se a prolongar o clímax, em um efeito chamado anacronia, utilizando-se tanto analepses (*flashbacks*), quanto prolepses (expansões para a frente da narrativa do presente) para situar o leitor diante da intriga. Finalmente, temos o epílogo (ou desenlace), em que a resolução do conflito pode determinar o final da história. Não se trata de uma operação simples, mas o que se pode afirmar é que os eventos tendem a desaparecer na mesma medida em que a tensão diminui e o acontecimento começa a perder o impacto público. De qualquer forma, segundo Motta (2004), há um inevitável grau de arbitrariedade nesse corte.

No universo da narratologia, o personagem tem um papel essencial na organização das histórias, pois “é um dos elementos-chave da projeção e identificação dos leitores” (REUTER, 2007, p. 41), atentando-se, neste caso, para a sua construção textual. Assim, direcionando-se para o âmbito específico deste trabalho e de modo a evitar desvios, é importante focar-se nas categorias narratológicas voltadas ao personagem, a sua caracterização, de acordo com o aporte proposto no capítulo teórico sobre o tema. É necessário detectar, na narrativa, “as formas encontradas pelo escritor para dar forma, para caracterizar as personagens, sejam elas encaradas como pura construção lingüístico-literária ou espelho do ser humano” (BRAIT, 1985, p. 52), considerando-se obviamente o narrador que as constrói, sem o qual a narrativa não existe. Assim, é chegado o momento de recuperar alguns conceitos deixados em aberto. Em um primeiro momento, é relevante a distinção entre autor e narrador: o autor ou escritor é o sujeito histórico situado no plano do não-texto, do real, enquanto o narrador só existe no texto, um enunciador interno<sup>98</sup>. Além disso, é importante recuperar o conceito de focalização<sup>99</sup> e a idéia de instância narrativa, que articulam este procedimento junto ao narrador.

<sup>98</sup> Igualmente, e de modo complementar, temos a distinção também essencial entre leitor e narratário, ou seja, a pessoa real que lê o texto e a projeção que o autor faz sobre o leitor, aquele para quem o escritor escreve e que só existe no texto (REUTER, 2007).

<sup>99</sup> O termo focalização foi introduzido por Genette (1972) e pode ser identificado com outras expressões, como perspectiva (no âmbito das artes plásticas), visão (Todorov e Pouillon), ponto de vista (preferido pelos teóricos anglo-americanos) ou foco narrativo (comum nos estudos brasileiros) (REIS; LOPES, 1988; REUTER, 2007).

Assim como a voz narrativa “(quem fala e como fala) remete às relações entre o narrador e a história que ele conta” (REUTER, 2007, p. 69), a focalização relaciona-se à percepção, e a instância narrativa é a combinação dos dois elementos. Simplificadamente, pode-se estabelecer três vozes, três focalizações e cinco instâncias narrativas. No âmbito das vozes, um narrador pode ser autodiegético, quando relata as próprias experiências enquanto protagonista; homodiegético, quando relata a história inserido na narrativa, mas não como protagonista; e heterodiegético quando o relato provém de fora da história, não integrando o universo de personagens. Quanto à focalização, pode ser categorizada em focalização zero, quando o narrador é onisciente e sabe mais que os personagens, está acima deles; a focalização interna, quando localizada em um (fixa) ou mais personagens (variável), de modo que não tenha pleno conhecimento do todo e a percepção fica situada nos limites do(s) personagem(ns) que encarna; e focalização externa, quando aproxima-se do âmbito jornalístico e a narrativa opera de modo objetivo e desapassionado – a percepção dos personagens é desconhecida pelo narrador; ele só vê o que um observador externo hipotético também veria (REIS; LOPES, 1988; REUTER, 2007). A partir das concepções de voz e focalização, Reuter (2007, p. 75-84) identifica cinco instâncias narrativas<sup>100</sup>: narrador heterodiegético e focalização zero; narrador heterodiegético e focalização interna; narrador heterodiegético e focalização externa; narrador autodiegético/homodiegético e focalização zero; e narrador autodiegético/homodiegético e focalização interna. Segundo Reuter, a combinação autodiegético/homodiegético com a focalização externa acarreta uma situação paradoxal, já que não faz sentido uma narração em primeira pessoa associada a uma perspectiva neutra, objetiva.

O modelo de Motta ainda oferece um conjunto de procedimentos que possibilitam uma análise do todo, interligando as partes. Segundo Motta (2007), não há objetos isolados. É preciso pensar o significado dentro do sistema do universo do discurso e do contexto considerado. Sua proposta desenvolve-se em torno de seis movimentos que, de certa forma, podem ser pensados de modo concomitante à sistemática analítica de nível ficcional já abordada em Reuter (2007): 1) recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico; 2) identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios; 3) a construção de personagens jornalísticas como figuras do discurso jornalístico; 4) estratégias comunicativas (de objetivação e subjetivação); 5) a relação comunicativa e o “contrato cognitivo”; e 6) as metanarrativas – significados de fundo moral ou fábula da história. A metodologia sugerida parte da adequação e inter cruzamento destes dois suportes, operacionalizando a análise do objeto de estudo. Focando os objetivos estabelecidos, buscará a caracterização do persona-

---

<sup>100</sup> Reuter não contempla o narrador autodiegético em seus estudos, operando apenas com os termos heterodiegético e homodiegético. Segue-se a proposta do autor, porém acrescida da voz autodiegética, omitida em sua classificação.

gem que representa Apporelly nas páginas *d'A Manha*, a partir dos elementos que o circundam, tanto no plano do conteúdo, quanto no da expressão. Motta (2004; 2007) fornecerá, a partir da sua perspectiva fenomenológica, um alicerce estrutural que será ajustado ao estudo. Já Reuter (2007), assim como Reis e Lopes (1988), fornecerão bases teóricas a esta estrutura. Pretende-se, dessa forma, cercar o caráter distinto do objeto de estudo, enquanto fruto de uma narrativa que oscila entre o discurso jornalístico e o ficcional<sup>101</sup>.

O plano do conteúdo, que envolve a localização no contexto espaço-temporal, seqüência das ações e relações entre personagens<sup>102</sup> (REIS; LOPES, 1988, p. 49-50), vai operar em aproximação aos três primeiros movimentos em Motta (2007), ainda que não de modo estanque. Inclui a recomposição da intriga (acontecimento), encaixes, identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios, bem como a colocação dos personagens no âmbito sócio-histórico e funcional do texto<sup>103</sup>. O plano da expressão (linguagem/discurso), por sua vez, engloba as estratégias comunicativas (de objetivação e subjetivação), instância narrativa (voz e perspectiva narrativa), e os significados de fundo moral/ético (metanarrativas)<sup>104</sup>, atravessando os demais movimentos sugeridos por Motta (2007). Entretanto, o quinto movimento, que envolve a relação comunicativa com a recepção, em função do distanciamento histórico do objeto e do caráter mais voltado para a relação texto-produção desta pesquisa, será contemplado em âmbito mais indiciário a partir de pressupostos interpretados nos demais movimentos.

Nestes dois planos dicotômicos clássicos da narratologia, tem-se a coligação dos distintos aspectos teóricos levantados: sócio-históricos, agindo de modo mais proeminente no plano do conteúdo; a construção realizada em torno da grande imprensa, que opera como elemento catalisador entre os dois planos, tanto em termos de conteúdo (histórico) quanto em nível de linguagem (jornalismo); e o humor, agindo de modo mais proeminente no plano da expressão – a opção pela paródia como gênero humorístico central é resultado de análise prévia do material, já que o seu caráter intertextual deformador aproxima-se mais adequadamente da linguagem

---

<sup>101</sup> Relembrando que o discurso jornalístico, embora permeado pela subjetividade e pela teleologia de quem o produz, tende a apresentar uma versão do acontecimento real. Há um conjunto de regras que orientam aproximar a narrativa da verdade. Por discurso ficcional, compreende-se aquele construído sem os compromissos normativos que regem a atividade do jornalismo, de modo que a narrativa não se submete necessariamente a acontecimentos reais, tampouco à verdade dos fatos. No caso *d'A Manha*, Apporelly mescla os elementos que caracterizam estes dois tipos de discurso. Aprofundaremos melhor esta questão no capítulo analítico.

<sup>102</sup> Em aproximação ao nível da ficção em Reuter (2007).

<sup>103</sup> Ou seja, quanto à identificação, ações e funções destes personagens na intriga. Entretanto, os significados implícitos a estas manifestações, pertencem ao plano da expressão.

<sup>104</sup> O que envolve a intersubjetividade intrínseca à relação entre narrador e narratário e os possíveis efeitos sobre o leitor.

cômica do *A Manha* frente à imprensa de sua época<sup>105</sup>. O plano do conteúdo relaciona as particularidades de cada texto e, como tal, será apresentado caso a caso. Já o plano da expressão, que reúne os elementos significativos intrínsecos aos textos, muitos deles redundantes nas distintas narrativas, será construído ao final, em torno da construção do personagem como um todo, junto aos diversos matizes que o definem na paródia jornalística d'*A Manha*. A formulação da metodologia proposta é oriunda de inúmeros indícios identificados ao longo da análise documental e bibliográfica realizada em torno do tema. Ao longo do seu andamento, a pesquisa em si foi apontando os critérios mais adequados ao estudo em torno da construção do personagem, bem como dos padrões que constituem a estrutura subjacente comum aos textos analisados.

### 5.2.1 *Corpus da pesquisa e algumas constatações básicas*

O procedimento adotado na construção do *corpus*, de certa forma, aproxima-se do primeiro movimento da análise pragmática sugerida por Motta (2007, p. 148), que propõe “observar a continuidade e justaposições temáticas a partir da recorrência de um mesmo tema nas notícias isoladas”. Motta sugere o encadeamento de narrativas jornalísticas em torno de alguma circunstância, o que, no caso deste estudo, dar-se-á em torno do personagem comum às narrativas selecionadas, de modo a interligar as distintas manifestações que conduzem à construção do mesmo. Este *corpus* foi organizado a partir de uma amostra não probabilística, selecionada por cotas a partir das matérias<sup>106</sup> nas quais se manifesta o personagem que representa Apporelly, nos exemplares disponíveis d'*A Manha* no período delimitado (1926-1935). Foi realizado um esforço no sentido de cercar alguns componentes típicos deste universo, conforme os objetivos estabelecidos, dentro do tempo disponível para a realização da pesquisa. Neste sentido, e de modo a melhor cercar a representatividade, primeiramente foram procuradas as transformações mais marcantes na trajetória do personagem ao longo destes 10 anos. Identificadas estas nuances na construção do personagem por Apporelly nas páginas d'*A Manha*, considerou-se a relação paródica com a grande imprensa da época. O humor em si permeia todo o universo da pesquisa; assim, este critério adicional foi definido principalmente em torno da aproximação com algumas características da grande imprensa, conforme desenvolvido nos respectivos capítulos teóricos.

<sup>105</sup> Aqui, inclui-se as diversas matizes da intertextualidade apontadas por Genette (apud REUTER, 2007, p. 168-175): a paratextualidade, que se manifesta em outras linguagens além da textual (capa, formato, título, epígrafe, etc.); a metatextualidade, que opera de modo crítico externamente ao texto; a hipertextualidade, que opera com relação a um texto anterior de modo mimético ou transformador, típico na paródia e nos diferentes matizes com os quais se confunde; e a arquiteitualidade, a mais abstrata das relações, designando a inserção de um texto em um gênero (publicitário, jornalístico, romanesco, policial, etc.).

<sup>106</sup> Lembrando que, nesta pesquisa, prioriza-se a análise textual. Porém, serão relevados os elementos imagéticos quando pertinentes à compreensão do texto.

A primeira abordagem, a partir do levantamento das matérias em que aparecia o personagem em suas diversas manifestações, permitiu constatar algumas evidências essenciais na composição do *corpus*. Primeiro, de que há uma grande regularidade na obra de Apporelly, pelo menos no que tange o período estudado. Por regularidade, compreende-se a recorrência em alguns aspectos essenciais da linguagem, tanto no plano textual quanto paratextual<sup>107</sup>. Sabe-se que, especialmente neste período, a produção d'*A Manhã* era deveras centralizada por Apparcio Torelly. Assim, e parece natural que assim seja, percebe-se certa uniformidade que denota um estilo, ou seja, *A Manhã* possui uma identidade que a caracteriza nitidamente em sua trajetória. Obviamente, diversos elementos transformam-se neste processo, entre os quais se destaca justamente a construção do personagem. Mas, de um modo geral, mantém-se uma linha de ligação que preserva os aspectos identitários essenciais. O personagem, por exemplo, sempre será o proprietário do jornal, preservando os traços do precursor, o “nosso querido diretor”, esboçando, por conseguinte, uma representação do próprio Apporelly em suas páginas.

O levantamento inicial, em um total de 355 edições d'*A Manhã* entre 1926 e 1935, apontou pelo menos 450 matérias em que se manifesta o personagem que representa Apporelly<sup>108</sup>. Nestas, foram localizadas oito principais variações na identificação do personagem ao longo do período. O “**nosso querido diretor**” vai ocupar as páginas d'*A Manhã* desde o seu primeiro ano, em 1926, até o surgimento do Barão de Itararé em novembro de 1930. Com o material disponível, não houve como localizar precisamente quando surgiu o “nosso querido diretor”. A primeira manifestação explícita encontrada deu-se no número 4, de 29 de junho de 1926. Entre o seu surgimento e a primeira aparição do Barão, destaca-se uma interessante nuance introduzida por Apporelly, que seria mantida com bastante ênfase: o título de **marechal-almirante de terra e mar**. Eventualmente modificado, este apresenta ligeiras variações, como, por exemplo, marechal-almirante-aviador. Tal identificação, comumente utilizada em associação às outras, surgiu no número 52, de 31 de outubro de 1930, junto aos eventos relacionados ao movimento revolucionário.

Logo em seguida, no número 56, de 28 de novembro de 1930, Apporelly concede-se o título de **Barão de Itararé**<sup>109</sup>. Uma das mais peculiares constatações a que se chegou,

<sup>107</sup> No plano paratextual, alguns aspectos essenciais já foram abordados no capítulo específico sobre *A Manhã*, como distribuição, impressão, formato, periodicidade, bem como diversos elementos de paginação. Aliás, sobre este último, há um aprofundado estudo na dissertação de José Carlos Mendes André (2004).

<sup>108</sup> Algumas edições d'*A Manhã* não estão presentes na coleção disponível ou contempladas em sua totalidade, e foram identificadas a partir dos levantamentos bibliográfico e documental. Assim, trabalha-se com certa margem de erro nesta contagem. Trata-se de um levantamento indiciário, mas suficientemente consistente no que diz respeito à sua representatividade (ver *ANEXO C – Levantamento detalhado de edições d'A Manhã entre 1926 e 1935*).

<sup>109</sup> Infelizmente, o exemplar em que surge o Barão de Itararé está ausente na coleção disponível. A constatação foi deduzida a partir do número subsequente (nº 57, de 5 de dezembro de 1930), quando o “nosso querido diretor” já aparece na capa agraciado com o título de nobreza.

já na etapa de construção do *corpus*, é que o Barão de Itararé *ipsis litteris* ocupa bem menos espaço do que o esperado. Em meio às identificações encontradas, o Barão vai permanecer enfaticamente apenas até o número 40, de 19 de setembro de 1931, quando o personagem é elevado ao título de **Duque de Itararé**. Este tipo de sátira parece então tornar-se um dos motes prediletos de Apparício, que, em uma ascensão vertiginosa, promove-se a **Grão-Duque** no número 46, de 6 de novembro de 1931, para logo em seguida coroar-se Imperador, em 21 de novembro do mesmo ano. Na seqüência, **Sua Majestade Itararé I** recebe “um significativo título de seus vassalos” no número 2, de 9 de janeiro de 1932: **Itararé, o Brando**. E, em 16 de julho de 1932, no número 28, promove-se a **Itararé II** através de um “decreto real”. É como S. M. Itararé II, que o personagem vai permanecer com mais intensidade nas páginas d’*A Manha* até o final de 1935<sup>110</sup>.

O personagem, em essência, é o mesmo. Pode-se antecipar que cada nova identificação é um adendo da anterior, que preserva traços da caracterização que a antecede. E a cada transformação desencadeia-se certa ênfase em torno da novidade acrescentada ao personagem. Considerando-se esta linearidade temporal, as oito variações anteriormente apontadas podem ser assim distribuídas: 1) nosso querido diretor, protagonizando por 140 edições (1926-1930); 2) marechal-almirante de terra e mar, por quatro edições (1930); 3) Barão de Itararé, por 42 edições (1930-1931); 4) Duque, por seis edições (1931); 5) Grão-Duque, por duas edições (1931); 6) Itararé I, por sete edições (1931-1932); 7) Itararé, o Brando, por 26 edições (1932); e 8) Itararé II, por 126 edições (1932-1935). Assim, foi estabelecida uma escala de importância para a seleção das matérias. Como se trata de um estudo em torno da construção do personagem, priorizou-se contemplar as variações acima, em uma subdivisão proporcional à incidência de cada uma.

Como há uma maior concentração de transformações entre 1930 e 1932, naturalmente se compuseram uma maior quantidade de matérias ao longo destes anos. Porém, de modo a melhor abordar o universo todo, também foram relevadas as distintas fases d’*A Manha*<sup>111</sup>, bem como os demais anos, para que também possam ser comparadas as possíveis distinções ocorridas nos diferentes âmbitos do período proposto (1926-1935). A partir desse cercamento, foram então selecionadas as matérias em que se julgou haver evidências significativas de alguns marcantes elementos

<sup>110</sup> Outras identificações aparecem, como títulos de homenagem normalmente associados aos já citados, ou locuções adjetivas que caracterizam o personagem, utilizadas, em sua grande maioria, com um teor grandiloquente, conforme será visto ao longo da análise. Porém, não apresentam a mesma importância dos demais em termos de continuidade ou recorrência que justifique citá-los neste momento.

<sup>111</sup> Relembrando que a primeira fase é marcada pela presença do “nosso querido diretor” e o formato A4 (1926 a outubro de 1930); a segunda, como uma subfase da primeira, compreendendo a parceria com Assis Chateaubriand e o período que se sucede até a mudança de formato (outubro de 1929 a outubro de 1930); e a terceira fase, marcada pela adoção do formato tablóide e o surgimento do personagem Barão de Itararé (novembro de 1930 a 1935).

paródicos à grande imprensa, entre as características identificadas nos respectivos capítulos teóricos. Assim, chegou-se a um total de 20 textos para análise, conforme a tabela a seguir<sup>112</sup>:

<b>PERSONAGEM</b>	<b>FASE</b>	<b>DATA</b>	<b>TÍTULO DA MATÉRIA</b>
“Nosso querido diretor”	primeira	10/09/1926	O DINHEIRO QUE “A MANHA” ESTÁ DANDO AOS SEUS LEITORES
“Nosso querido diretor”	primeira	14/10/1927	SEDUÇÕES DO OLHO DE MOSCOU – GRAVE INCIDENTE ENTRE “A MANHA” E O PRESIDENTE DA REPÚBLICA
“Nosso querido diretor”	segunda	30/01/1930	A LUTA ENTRE GRANDES POTÊNCIAS FINANCEIRAS
“Nosso querido diretor”	segunda	05/09/1930	CADA VEZ MAIS GRAVE A SITUAÇÃO NACIONAL!
Marechal-almirante	segunda	31/10/1930	A REVOLUÇÃO BRASILEIRA E SEU MÁXIMO HERÓI!
Barão de Itararé	terceira	05/12/1930	O NOVO BARÃO DE ITARARÉ
Barão de Itararé	terceira	02/01/1931	COLOCANDO OS SEM-TRABALHO
Barão de Itararé	terceira	03/07/1931	O SONHO ALUCINANTE DAS DESCOBERTAS SOBRENATURAIS
Duque	terceira	10/10/1931	O ENCONTRO DE DOIS CHEFES REVOLUCIONÁRIOS
Duque	terceira	16/10/1931	O SERMÃO DA MONTANHA DO CORCOVADO
Grão-Duque	terceira	06/11/1931	REBATENDO A CALÚNIA
Itararé I	terceira	21/11/1931	MANIFESTO À UNIÃO DAS REPÚBLICAS SOCIALISTAS DA AMÉRICA DO SUL
Itararé I	terceira	02/01/1932	A CAMPANHA DE DESOBEDIÊNCIA NAS ÍNDIAS
Itararé, o Brando	terceira	23/01/1932	AS COMEMORAÇÕES DO DIA DA CIDADE
Itararé, o Brando	terceira	04/03/1932	INOMINÁVEL ATENTADO CONTRA AS NOSSAS OFICINAS
Itararé, o Brando	terceira	11/06/1932	A PASTA DA GUERRA
Itararé II	terceira	12/11/1932	AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS DO AUTOGIRO
Itararé II	terceira	09/03/1933	CANDIDATO À CONSTITUINTE!
Itararé II	terceira	02/03/1934	PRIMO CARNERA VIRÁ PARA O BRASIL
Itararé II	terceira	26/10/1935	FAVELA DOS MEUS AMORES

<sup>112</sup> Os textos, bem como as reproduções das páginas d’*A Manha* onde estão inseridos, encontram-se disponíveis no Anexo A – *Textos selecionados*. Igualmente, um CD-ROM contendo a digitalização integral da coleção do periódico disponibilizada pela Fundação Biblioteca Nacional encontra-se no Anexo D – *A Manha (1926-1952): coleção BN/RJ*.

## 6 RASTREANDO A CONSTRUÇÃO DO BARÃO DE ITARARÉ

A partir do levantamento e construção do *corpus* somados ao aporte historiográfico e teórico já apresentados, é possível perceber alguns dos traços gerais da paródia jornalística de Apporelly. Aliás, parte destes aspectos foi claramente apresentada no capítulo três, que abordou especificamente *A Manhã*. O próximo e último passo compreende a análise dos textos selecionados junto às fontes primárias, a fim de ilustrar e evidenciar a construção do Barão de Itararé nas primeiras fases do periódico. Conforme antecipado a partir da definição do *corpus*, o personagem que se popularizou e ficou arraigado como uma espécie de *alter ego* de Apporelly é marcado por diversas identificações ao longo de sua manifestação n' *A Manhã*.

Este capítulo completa a pesquisa, detalhando algumas das principais características desta construção, a partir dos referenciais metodológicos da narratologia. Neste sentido, serão valorizados de modo proeminente os aspectos levantados ao longo dos capítulos teóricos, a imprensa e o jornalismo então praticados, bem como o humor paródico intrínseco ao objeto de estudo. Ao final, as constatações levantadas ao longo do trabalho serão reunidas no âmbito do plano da expressão, para, a partir das mesmas, inferir-se a construção do personagem por Apparício Torelly na paródia jornalística que desenvolveu n' *A Manhã* entre 1926 e 1935<sup>113</sup>.

### 6.1 “Nosso querido diretor” (1926-1930)

Quatro textos foram selecionados<sup>114</sup> para analisar o personagem “nosso querido diretor”, o primeiro antecedente do Barão de Itararé, que vai enfaticamente representar Apporel-

<sup>113</sup> É importante esclarecer que as análises desenvolvidas neste capítulo reúnem uma enorme quantidade de informações oriundas das narrativas desenvolvidas por Apparício Torelly. Aliás, este é um aspecto que se destaca na obra analisada, sempre carregada com diversos detalhes sobre os mais variados temas, seja referenciando o cotidiano da época, seja evocando vultos ou acontecimentos históricos e literários pertencentes ao imaginário cultural de então. A compreensão detalhada e conseqüente interpretação do material em questão torna-se praticamente inviável sem o resgate de muitas destas informações. Por isso, é importante reconhecer que só foi possível realizar este estudo dentro dos prazos estabelecidos em função da versatilidade oferecida pela Internet, enquanto inesgotável fonte de pesquisa. Devido à incidência fragmentária e por vezes minuciosa de alguns aspectos aludidos por Apporelly, eventualmente algumas colocações não apresentarão referência explícita sobre o assunto tratado. Neste caso, a interpretação se dá a partir do intercruzamento de dados exaustivamente garimpados em diversos endereços da grande rede. Para garantir o máximo de rigor possível frente às limitações de confiabilidade e credibilidade neste ambiente de pesquisa, buscou-se confrontar pelo menos três fontes distintas e idôneas, cujos conteúdos não apresentassem indícios de reprodução literal. Assim, qualquer interessado pode recuperar tais informações a partir de consultas nos principais sítios de busca disponíveis. Apesar do esmero em garimpar e reunir estes dados, o autor reconhece a possibilidade de algum equívoco, embora isto seja pouco provável. De qualquer forma, o objetivo de reunir estas informações periféricas para fins de compreensão e interpretação dos temas abordados nas narrativas selecionadas cumpre-se quase que em sua totalidade.

<sup>114</sup> Respectivamente: 1) “O DINHEIRO QUE ‘A MANHA’ ESTÁ DANDO AOS SEUS LEITORES”, publicado em 10/09/1926; 2) “SEDUÇÕES DO OLHO DE MOSCOU – GRAVE INCIDENTE ENTRE ‘A MANHA’ E O PRESIDENTE DA REPÚBLICA”, publicado em 14/10/1927; 3) “A LUTA ENTRE GRANDES POTÊNCIAS FINANCEIRAS”, publicado em 30/01/1930; e 4) “CADA VEZ MAIS GRAVE A SITUAÇÃO NACIONAL!”, publicado em 05/09/1930.

ly nas páginas d'*A Manhã* entre 1926 e 1930. Destes, os dois primeiros compreendem a fase inicial do periódico, o terceiro ilustra a fase encartada no *Diário da Noite*, e o quarto representa o período que sucede a parceria com Assis Chateaubriand, ligeiramente anterior ao surgimento do Barão de Itararé, quando o Brasil já ingressara na crise política que desembocaria na Revolução de 1930.

**TEXTO 1:** a narrativa opera em torno de alguns pontos tradicionais do Rio de Janeiro. No início, cita a Av. Oswaldo Cruz, uma antiga e tradicional via de ligação entre a Praia do Flamengo e a Praia de Botafogo. O Clube Naval, por sua vez, fica localizado aproximadamente na metade da Av. Rio Branco, próximo à Av. Almirante Barroso. E a Praça Mauá situa-se no início da Av. Rio Branco, junto à zona portuária. No fim da matéria, ainda são citados o Leblon, a famosa praia na zona sul, localizada além da Praia de Ipanema; o chamado Túnel Novo, ou Túnel Engenheiro Coelho Cintra, inaugurado como Túnel Carioca em 1906, sob o morro da Babilônia, no Bairro do Leme; e Igrejinhas, uma provável referência ao Morro Igrejinha, no norte da cidade, próximo à Ilha do Governador<sup>115</sup>. Além desses aspectos, é citado o ônibus Landau, que havia sido introduzido na cidade pela empresa *Rio de Janeiro Tramway, Light and Power Company*, o qual Apporelly costumava chamar de “Landeau-Light”. Outro interessante elemento de caráter histórico na narrativa é a expressão “gasparinhos”, termo oriundo do nome de Gaspar da Silveira Martins, político brasileiro que, em 1878, quando ministro da Fazenda, autorizou fracionarem-se os bilhetes de loteria. Os pedaços de bilhetes ficaram popularmente conhecidos pelo diminutivo do sobrenome do ministro.

Sabe-se, que, na época, fazia parte das ações promocionais dos grandes jornais oferecerem brindes e prêmios em dinheiro aos leitores, mediante determinadas condições, tais como a sugerida no texto. O referido concurso havia sido anunciado na edição anterior, de 2 de setembro de 1926, em uma nota intitulada AGRADÁVEL SURPRESA. Nesta, o jornal anunciava o prêmio de 500\$000 a quem fosse encontrado no mesmo dia, entre 10h e 10h30min, no local citado. Igualmente, a campanha prosseguiria na edição seguinte, de 18 de setembro de 1926. Neste, uma “dama elegantíssima” recusou-se a receber o prêmio de 1:000\$000, pois lia *A Manhã* apenas porque gostava do seu querido diretor “e nenhum interesse material poderia vir a turbar o platonismo desse sentimento etéreo”.

---

<sup>115</sup> Espacialmente, há uma contradição geográfica dos locais apontados para o prêmio, bem como a enorme distância entre estes lugares. A Av. Oswaldo Cruz não se situa entre O Clube Naval e a Praça Mauá. Tampouco o Leblon entre Igrejinhas e o Túnel Novo. Aliás, ambos os lugares são localizados fora das rotas sugeridas. Além disso, não há indícios sobre a existência da Curva da Morte, e, de qualquer forma, mesmo que o lugar tenha existido, é possível que não coincida com as referências publicadas.

A primeira seqüência (linhas 1 a 7), correspondente à situação inicial, vale-se de uma analepse para simplesmente situar o leitor na intriga, já que o tema é oriundo da edição anterior. A segunda (linhas 8 a 28), na qual se dá todo o desenvolvimento da intriga, inicia com uma complicação, a presença de vários candidatos ao prêmio. A complicação leva a um conflito inicial, de caráter moral, e se estabelece um clímax frente ao dilema de como proceder com a premiação. Este, por sua vez, conduz a outro conflito, de caráter mais psicológico, manifesto a partir da decisão de não premiar nenhum dos ganhadores, e o conseqüente abatimento do “nosso querido diretor” frente à possibilidade de ter sua conduta abalada. A visita de “Lápis Gonçalves”, entretanto, traz conforto e aponta a resolução para o impasse, com a idéia de aumentar o valor do prêmio. Dá-se, então, o desenlace, a terceira seqüência (linhas 29 a 31), com o anúncio da hora e local para o recebimento do novo prêmio, e o restabelecimento do equilíbrio.

Quanto aos personagens, o “nosso querido diretor” é o condutor da ação e, ao mesmo tempo, porta-voz do autor, enquanto proprietário do jornal. Os distintos cavalheiros (linhas 9-10), que supostamente seriam agraciados com o prêmio, o objeto desejado, são adjuvantes, quase elementos decorativos, e sua única ação na intriga é a leitura do jornal. O protagonista não apresenta nenhuma qualificação explícita, embora apareçam algumas alusões de natureza positiva quanto à sua personalidade (“altruísticos desígnios” – linha 8 e “rigoroso espírito de equidade, que lhe norteia todos os passos da vida” – linha 15) manifestas através de comentários explícitos do narrador. Aliás, até o início de 1927, pelo que se pôde perceber nos textos disponíveis neste período, o personagem não apresentava a exagerada carga qualitativa que vai apresentar posteriormente. A distribuição, funcionalidade e autonomia são destacadas na narrativa, porém não há marcas contundentes que permitam identificar sua importância e status, afora a própria identificação “nosso querido diretor”.

Por fim, o sr. senador Lápis Gonçalves, referência ao advogado e senador Augusto César Lopes Gonçalves (1870-1938), que manifesta-se como consultor jurídico e esportivo d’*A Manhã* nos seus primeiros anos<sup>116</sup>. As qualificações de Lápis Gonçalves, “volumoso” (linha 23), e “espaçoso representante interestadual”, dizem respeito ao porte físico e à carreira política da personalidade. Marcadamente obeso, Lopes Gonçalves nasceu no Maranhão, mas fez carreira administrativa, jurídica e política no Amazonas, pelo qual se tornou deputado federal e senador. Não sendo reconhecido como representante do Amazonas, terminou senador pelo Sergipe. Entretanto, esteve poucas vezes neste estado, cumprindo mera formalidade junto aos políticos que deram sustentação à sua candidatura. Trata-se de um personagem criado a partir

<sup>116</sup> Outros personagens importantes do cenário político nacional também incorporariam o quadro funcional do “hebdomedário” por esse período, como, por exemplo, o deputado federal e redator-chefe de *O Paiz*, Lindolfo Collor, que, se tornou ficticiamente o redator financeiro na página 8 d’*A Manhã* de 14 de outubro 1927 (rolo 1 – p. 38).

de um modelo real, que, na narrativa, aparece como um árbitro, que intervém na intriga para resolvê-la; sua funcionalidade restringe-se basicamente a esse papel.

**TEXTO 2:** O presidente recém empossado, Washington Luís, que assumira em novembro de 1926, priorizou em seu programa de governo as construções rodoviárias e a reforma financeira. Sob o lema “governar é abrir estradas”, conseguiu, durante seu mandato, inaugurar as estradas Rio-Petrópolis e Rio-São Paulo, apesar da intensa campanha de oposição da imprensa. Mas a principal meta de seu governo viria a ser a reforma financeira, visando ao saneamento da moeda, pela estabilização do câmbio. Para sustentar seu plano financeiro, o presidente criou um instrumento regularizador a que chamou Caixa de Estabilização. A base monetária da estabilização começou com um encaixe ouro de dez milhões de libras esterlinas, às quais, futuramente, seriam acrescidos os saldos que o governo apurasse nas transações financeiras. A finalidade do encaixe era tornar conversível em ouro a moeda futura. Washington Luís também diminuiu um pouco a forte repressão do seu antecessor, Artur Bernardes, que governou sob constante estado de sítio.

O Partido Comunista do Brasil (PCB), que caíra na ilegalidade já no ano de sua fundação, em 1922, voltaria à legalidade após cinco anos. Formou-se o Bloco Operário, uma frente que conseguiu eleger em fevereiro de 1927 um deputado federal, o médico socialista Azevedo Lima. Após a eleição, a preocupação com a articulação das esquerdas associada às revoltas tenentistas, leva o governo a estabelecer uma nova estratégia repressiva. No Congresso, a bancada oposicionista, da qual participava Azevedo Lima, tentava alertar para a ação antidemocrática que estava sendo articulada, organizando um comitê de defesa dos direitos constitucionais. No entanto, a chamada Lei Celerada acabou sendo aprovada por ampla maioria de votos em junho de 1927, sendo sancionada em agosto. A lei estabelecia a censura à imprensa e restringia o direito de reunião, permitindo ao governo também intervir diretamente nos sindicatos.

No material disponível das edições anteriores (até 28 de abril), não foi localizada qualquer referência a este assunto, porém, pode-se intuir que Apporelly vinha esboçando nas páginas do jornal (em algum momento entre maio e agosto do mesmo ano) a sua “sedução” pelo Olho de Moscou, o que desencadeou as apreensões citadas. O levantamento realizado identifica o número 53 como sendo de 8 de setembro (ANDRÉ, 2004), de modo que, pela numeração, a publicação seguiu regular até esta data. Assim, o jornal realmente parou de circular por mais de um mês, (8 de setembro a 14 de outubro). Dentro da coleção disponível (outubro a dezembro de 1927, dois exemplares de 1928 e outubro de 1929 em diante), só foi possível localizar uma nova referência ao Olho de Moscou na edição de 15 de maio de 1930.

A primeira seqüência (linhas 1 a 15) representa a situação inicial, dramatizada pela não circulação d'*A Manha* (complicação inicial), seguida de explicações que evocam certo suspense quanto aos motivos pelos quais *A Manha* deixou de circular. A segunda (linhas 16 a 29) explicita o conflito com o governo e o rompimento com o Presidente Washington Luís enquanto colaborador fictício d'*A Manha* na figura de Vaz Antão Luís. A divergência ideológica leva a outra complicação, manifesta pela punição recíproca: a dispensa do “redator chefe” d'*A Manha* pelo “nosso querido diretor”, e a conseqüente represália de Vaz Antão enquanto Presidente, com aplicação da Lei Celerada em censura à publicação, que deixou de circular. Na terceira seqüência (linhas 30 a 42), o conflito atinge o clímax com a insistência do “nosso querido diretor” em vociferar “contra o regime burguês”. E direciona-se para a resolução do impasse, com a volta da circulação d'*A Manha* e o conseqüente retorno do “colaborador” Vaz Antão Luís à publicação, quando então se restabelece o equilíbrio. A partir do levantamento inicial, pode-se intuir que Apporelly cede à censura, parando de publicar temporariamente matérias com caráter apologético ao comunismo.

O “nosso querido diretor” novamente é o protagonista e, ao mesmo tempo, porta-voz do autor, cujas fortes conotações valorativas de natureza positiva enfatizam a imagem caricata do herói. Sua distribuição, funcionalidade e autonomia são destacadas na narrativa, sendo pré-designado como “talentoso homem de letras” que “dirige esta folha”, o que subentende suas funções como jornalista e proprietário d'*A Manha*. O Dr. Vaz Antão Luis subentende o presidente Washington Luís (1869-1957), que sob esta alcunha, é o redator chefe fictício d'*A Manha*<sup>117</sup>. Essa “colaboração”, que situa Vaz Antão como um importante adjuvante na primeira fase do jornal, vai perdurar ao longo de todo o seu mandato na presidência. Na narrativa em questão, sua relação com o “nosso querido diretor”, em um primeiro momento, mostra-se conflituosa, ajustando-se no desfecho da intriga. Assim, neste caso, pode ser identificado como um oponente, pois é nele que surge e se desenvolve o conflito. Entretanto, é importante notar que, nesta relação, o “nosso querido diretor” em nenhum momento age de forma submissa, mantendo um ar de superioridade ao longo de toda a narrativa, mesmo quando cede, no desenlace da intriga.

Os demais personagens têm um papel menor, são adjuvantes que se aproximam de elementos decorativos, pois desempenham funções complementares ou ilustrativas à trama: João Batista de Azevedo Lima (1889-?), o deputado eleito pelo PCB, cujo papel resumiu-se em instigar o “nosso querido diretor” a continuar publicando as matérias que levaram à censura da publicação; e o Sr. Esponjei Gago Coutinho, que aparentemente refere-se ao cartógrafo, aviador e oficial

<sup>117</sup> Lembrando que o cargo de redator-chefe era o mais alto cargo de chefia dos jornais, depois do diretor, atuando, já na época, como um *gatekeeper* que selecionava as matérias e orientava o produto final. Ao que parece, a idéia de Apporelly era justamente insinuar a possibilidade, pela característica do cargo, de atuar como uma espécie de censor.

da Marinha Portuguesa Carlos Viegas Gago Coutinho (1869-1959), conhecido principalmente por ter realizado a primeira travessia aérea do Atlântico Sul durante as comemorações do centenário da Independência do Brasil em 1922. Não foi possível obter informações que melhor justificassem a participação deste personagem na narrativa dentro do contexto em que está inserido. É possível que represente outra personalidade com o mesmo sobrenome. Na intriga, trata-se do mandatário que fazia as apreensões d’*A Manha* sob ordens do Dr. Vi Anna no Morro do Castello<sup>118</sup>, uma referência ao então Ministro da Justiça e Negócios Interiores, Augusto Viana do Castelo (1874-1953). Há também, ainda que implícito à expressão “têmpera rígida, de Toledo” (linhas 5-6), outro personagem (Toledo), que aparentemente, considerando-se o âmbito significativo em que é utilizado, é uma referência a Pedro Manuel de Toledo (1860-1935), político que, quando embaixador brasileiro na Argentina, concedeu tratamento cordial aos exilados das rebeliões tenentistas de 1924. Essa atitude custou a Toledo a antipatia do presidente Artur Bernardes, que acabou afastando-o do cargo. De volta ao Brasil, o embaixador afastou-se temporariamente da vida política.

**TEXTO 3:** conforme antecipado no capítulo 3 (p. 74 – nota 48), os grandes investimentos imobiliários que tomaram o Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX é um dos motes prediletos entre os temas abordados por Apporelly n’*A Manha*. O texto em questão ilustra justamente esta questão, fazendo parte de um conjunto de matérias (entre 28 de novembro de 1929 e 18 de fevereiro de 1930) que ocuparam o “nosso querido diretor” nos quatro meses em que o “hebdomedário” foi encartado no *Diário da Noite*. Neste período, como se sabe, a redação d’*A Manha* localizava-se no Edifício Portella, junto ao vespertino de Assis Chateaubriand<sup>119</sup>. Nas edições de 28 de novembro e 26 de dezembro de 1929, páginas 8 e 2 respectivamente, (rolo 1 – p. 1228 e 158), conforme costumava proceder com os prédios onde instalava a sua publicação, Apporelly anunciava a compra do Edifício Portella.

<sup>118</sup> Aliás, o nome “Vi Anna no Morro do Castello”, que compõe um alogismo irônico em associação ao nome do Ministro da Justiça, diz respeito ao Morro do Castelo, destruído pelo prefeito Carlos Sampaio em 1921. Alegando ser um espaço promíscuo junto ao centro da cidade, e reivindicando o espaço para a Exposição Comemorativa do Centenário da Independência do Brasil, Sampaio expulsou aproximadamente cinco mil pessoas do morro, obrigando-as a mudar de residência. Foi uma espécie de adendo à ditadura do bota-abixo de Pereira Passos. As obras que deveriam estar terminadas para a Exposição do Centenário da Independência, só vieram a ser concluídas anos mais tarde. As terras retiradas do Morro do Castelo foram usadas para aterrar parte da Urca, da Lagoa Rodrigo de Freitas, do Jardim Botânico e outras áreas baixas ao redor da Baía da Guanabara. A área resultante do desmonte passou a ser conhecida por Esplanada do Castelo.

<sup>119</sup> No mesmo período, Chateaubriand estava construindo um suntuoso edifício na Rua 13 de Maio, para onde deslocaria todas as publicações do *Diários Associados*. Aliás, a título de ilustração e curiosidade, na edição de 16 de janeiro de 1930, página 8 (rolo 1 – p. 189), *A Manha* noticiava o “seu” novo prédio, alardeando a instalação de “suas possantes máquinas de impressão”, que cederia “por empréstimo” aos vizinhos do *Diário da Noite* e ao *O Jornal*.

A polêmica abordada vai começar n’A *Manha* de 23 de janeiro de 1930, quando os irmãos Guinle, antigos desafetos do “nosso querido diretor”<sup>120</sup>, resolveram promover uma campanha difamatória contra o “ilustre literato” junto aos estabelecimentos bancários da praça. Motivado pela atitude dos Guinle, o Sr. Portella, suposto proprietário do edifício, colocou em cheque a honradez do proprietário d’A *Manha* e decidiu desfazer o negócio, protestando os títulos vencidos, os quais o “nosso querido diretor” assinara como garantia da compra do imóvel. As atitudes dos Guinle e do Sr. Portella levaram o “bravo plumitivo” a escrever o “violento editorial” que colore a narrativa. O incidente acabou repercutindo no estrangeiro, tal qual mostram as notas distribuídas por “importantes” agências de notícias internacionais, no final da matéria – em meio a estas, destaca-se a citação ao tradicional jornal inglês do final do século XIX, o *Financial News* (1884). O acontecimento ainda prosseguiria em voga nas edições dos dias 6 e 18 de fevereiro de 1930, páginas 4 e 7 respectivamente (rolo 1 – p. 210 e 221), com o caso terminando em um processo judicial entre o “nosso querido diretor” e o Sr. Portella pela posse do edifício. Os irmãos Guinle, por sua vez, intimidados com a veemência do “grande jornalista”, passam a esconder-se e tentam amotinar os escoteiros do Fluminense<sup>121</sup> para uma possível represália ao dono d’A *Manha*.

O primeiro parágrafo estabelece parte do gancho com o conflito iniciado na edição anterior, descrevendo a indignação do “nosso querido diretor”, que o leva a ditar um artigo de fundo a cinco datilógrafas d’A *Manha*, em protesto às “atitudes indignas” dos Guinle. Das linhas 7 a 29, segue-se o editorial, introduzindo um adendo que completa a analepse (*flashback*) e conclui a seqüência inicial (linhas 1 a 14), situando o leitor no tema da matéria. No mais, este artigo opera em torno de ameaças aos “inimigos”, dando continuidade ao conflito e o deixa em aberto – na última frase (linha 30), o dêitico “por enquanto” insinua uma prolepse, ou seja, suscita a continuação da intriga. As próximas três inserções (linhas 31-49) basicamente narram o andamento conflituoso da negociação entre o “nosso querido diretor” e o Sr. Portella, desde os acertos para o pagamento até o protesto no cartório dos títulos vencidos. Juntos à segunda parte do editorial que os antecede, compõem uma segunda seqüência, que denota o desenvolvimento da história. A terceira e última seqüência (linhas 50-65) fecha o tom grandiloqüente suscitado da matéria, apresentando em tom jocoso a repercussão do embate junto aos principais centros do mercado financeiro internacional. Não há um desenlace claro para o impasse central, apontando a intenção do autor em continuar explorando a temática.

<sup>120</sup> N’A *Manha* de 14 de outubro de 1927, página 16 (rolo 1 – p. 46), por exemplo, quando já era “proprietário” do edifício do Cinema Império, desencadeou uma disputa frente aos investimentos da família Guinle no mercado fundiário urbano do Rio de Janeiro.

<sup>121</sup> Arnaldo Guinle foi uma das figuras mais importantes no desenvolvimento do Fluminense Football Club. Seus feitos e investimentos junto ao Fluminense, o levaram a receber o título de patrono do clube em 1920.

O protagonista “nosso querido diretor”, sempre como porta-voz do autor, proprietário do jornal e conotação valorativa heróica, interage com quatro oponentes: os irmãos Carlos (1919-1956), Guilherme (1882-1960) e Arnaldo Guinle (1884-1963), tradicionais oponentes baseados em modelos reais; e o Sr. Portella, que, ao longo de todas as matérias em torno do tema, apresenta a mesma identificação. Não foi possível localizar muitas informações sobre o Edifício Portella, que representa o objeto desejado, tampouco sobre seus proprietários. Porém, os indícios apontam que o Sr. Portella é um ser humano fictício, criado a partir do nome do prédio. Há ainda as cinco datilógrafas (linha 5), o notário do cartório (linha 46) e os banqueiros do L’Azar Brothers e Co. (linha 51), cujas baixas distribuição e funcionalidade na intriga, sugerem adjuvantes em proximidade à condição de elementos decorativos. As datilógrafas e o notário representam personalidades genéricas, cujas ações se restringem à própria função com que são descritos. Já os banqueiros são uma referência ao grupo londrino *Lazard Brothers Co. Ltd.*, que participou da chamada segunda valorização do café no período após a Primeira Grande Guerra, entre 1917 e 1920, e estabeleceu um domínio financeiro quase completo sobre a economia cafeeira do Brasil.

**TEXTO 4:** com a indicação do paulista Júlio Prestes para a sucessão de Washington Luís, e a derrota do candidato opositor Getúlio Vargas nas eleições de 1º de março de 1930, cercada por denúncias de fraude na contagem dos votos, acirrou o descontentamento de setores que articulavam um novo movimento revolucionário no país. Entre estes, destacavam-se o movimento em torno do tenentismo e os postos mais radicais das dissidências oligárquicas. Em maio, a perda de dois dos principais líderes dos “tenentes”, Luís Carlos Prestes, que rompeu com a Aliança Liberal, e Siqueira Campos, morto em um acidente aéreo, arrefeceu a perspectiva revolucionária. Porém, em julho, com o assassinato de João Pessoa, candidato a vice-presidente pela Aliança Liberal, reativou-se o movimento. A revolução chegou a ser marcada para os meses de agosto e setembro, mas foi cancelada – Vargas, antes do golpe de 3 de outubro, empreendeu diversas tentativas de conciliação com o governo Washington Luís, sem obter sucesso.

Desde o seu rompimento com o *Diário da Noite*, às vésperas das eleições presidenciais, *A Manhã* vinha declarando independência com relação aos rumos do país e denotando certo ceticismo quanto ao quadro que se formava. Após as eleições, conforme se pode observar nas capas das edições de 13 de março e 3 de abril de 1930 (rolo 1 – p. 240 e 265 respectivamente), anunciava um “programa de estrita imparcialidade”, reconhecendo “como eleitos os dois candidatos”. Na seqüência, defende a “ampla liberdade de agir e pensar dos seus colaboradores”,

referindo-se ao situacionista Vaz Antão Luís, ao mesmo tempo em que aponta a simpatia do “nosso querido diretor” por G. Túlio Vargas. Ainda procedendo aos encaixes, na capa da edição de 31 de julho (rolo 1 – p. 426), anuncia a demissão de Vaz Antão e, em 8 de agosto, página 6 (rolo 1 – p. 440), o “nosso querido diretor resolveu avocar a si a responsabilidade e, portanto, a chefia civil e militar da Revolução Brasileira”.

Diante da pressão dos setores revolucionários para que Washington Luís renunciasse à presidência, e frente a denúncias de abuso de autoridade por parte do mesmo, “o nosso querido diretor”, n’*A Manhã* de 29 de agosto, página 3 (rolo 1 – p. 477), se oferece para depor contra o ex-colaborador de sua folha. E já na edição de 5 de setembro, página 8, (rolo 1 – p. 497), anuncia o novo presidente eleito, Júlio Prestes de Albuquerque, como o novo redator-chefe do “hebdomedário”. A narrativa em questão inicia justamente na mesma edição, porém na matéria da contracapa (p. 16), que noticia um *ultimatum* ao sr. dr. Vaz Antão Luís, redigido de última hora pelo “violento panfletário” que dirige *A Manhã*. Ciente do momento de instabilidade, “o nosso querido diretor”, o “notável estadista” e “maior, talvez, dos responsáveis pela estabilidade do regime”, estabelece um prazo de 70 dias para que o “primeiro magistrado do país” desocupe o cargo de presidente da República. Este prazo, entretanto, considerando-se a data do jornal, coincide exatamente com o dia 15 de novembro, quando, de qualquer forma, Washington Luís teria que passar o cargo ao seu sucessor – o ultimato prenuncia a eminência de uma renúncia, mas ao mesmo tempo estabelece um teto inevitável. Seja qual fosse a situação, as ordens do “nosso querido diretor” seriam cumpridas. A temática em torno da crise presidencial ainda prossegue nas capas das duas próximas edições, de 12 e 19 de setembro (rolo 1 – p. 506 e 522), apresentando, respectivamente, a repercussão do *ultimatum* no estrangeiro, bem como as várias e insistentes tentativas de Vaz Antão em recuperar seu cargo n’*A Manhã*.

Os três primeiros parágrafos da narrativa (linhas 1-15) compõem a seqüência inicial, descrevendo a súbita ira do “nosso querido diretor”, a redação e a entrega do ultimato a Vaz Antão. A repentina raiva do “acatado chefe”, associada ao suspense em torno do conteúdo do documento, dramatiza a situação e promove uma perturbação, estabelecendo o clímax da narrativa. O quarto parágrafo (linhas 16-21) constitui uma seqüência isolada, que prolonga o clímax e desenvolve a seqüência inicial ao desvelar o mistério do ultimato. O quinto e último parágrafo (linhas 22-24) não apresenta a resolução do conflito; logo, não há um desfecho claro, e, ainda que insinue um possível final, com o presidente “entregando os pontos”, a espera de uma resposta caracteriza uma prolepse, e conseqüentemente uma continuação do evento.

Nos dois primeiros parágrafos, o “nosso querido diretor” protagoniza as ações de modo praticamente isolado. Porém, é importante observar que, a partir do terceiro parágrafo, as ações

passam a ser conduzidas pelos “serviçais” d’*A Manhã*, o oficial de gabinete (linha 15), que realiza a entrega do ultimato, e a atilada reportagem (linha 16), que apura e revela o teor do documento. Entretanto, em ambos os casos, também aparece a participação, ainda que indireta (insinuando o mandante), do “nosso querido diretor”. De modo que estes personagens, genericamente apresentados, manifestam-se como adjuvantes em auxílio às ações do chefe, que indiretamente continua conduzindo a ação. Vaz Antão suscita apenas uma ação, e ainda assim pressuposta pelo narrador (“inclinava-se” - linha 24). A ausência de ações sugere, neste caso, um elemento decorativo, embora sua presença, mesmo sugerindo um mero opositor passivo, seja indispensável à compreensão do todo. No mesmo sentido, mas ainda mais periférico, aparece a figura de Negus Menelik (1844-1913), imperador da Abissínia, atual Etiópia, entre 1889 e 1907. Em 1896, ao libertar seu país da dominação italiana, na primeira e talvez única vitória militar de uma nação africana sobre o colonizador europeu, ficou internacionalmente conhecido, levando Abissínia a ser reconhecida no cenário político mundial.

## 6.2 Marechal-almirante de terra e mar (1930)

O próximo texto<sup>122</sup> corresponde à primeira aparição deste título com conotação militar, que, a partir de então, vai apresentar grande recorrência, normalmente associado às demais identificações do personagem.

**TEXTO 5:** curiosamente, a edição d’*A Manhã* de 3 de outubro de 1930 (rolo 1 – p. 556), anunciava na capa “A revolução brasileira em marcha”. Na matéria, o “nosso querido diretor” enfatizava, em tom ameaçador, que faltavam “42 dias” para expirar o prazo que ele, enquanto “chefe da Revolução Brasileira”, tinha dado a Vaz Antão Luís para “abandonar o governo da República”. Na mesma sexta-feira, ao final da tarde, desencadeava-se o movimento revolucionário no Rio Grande do Sul, sob comando de Getúlio Vargas, e em Minas Gerais, sob comando de Olegário Maciel, a partir de diversas operações militares que rapidamente foram disseminando a insurreição. Em poucos dias, a partir destes estados, foram incorporados Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo. No Nordeste, um atraso na articulação das tropas revolucionárias, iniciadas na madrugada do dia 4, possibilitou a organização da defesa legalista, dificultando as ações. Mas, apesar dos imprevistos, os revolucionários, sob comando do “tenente” Juarez Távora, rapidamente conquistaram Pernambuco, Paraíba, Recife, Alagoas, Sergipe e Ceará. Em cerca de dez dias, a maioria

<sup>122</sup> 5) “A REVOLUÇÃO BRASILEIRA E SEU MÁXIMO HERÓI!”, publicado em 31/10/1930.

dos pólos políticos e econômicos do país já estavam sob controle dos insurretos, restando a capital Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Pará.

O governo federal, tentando impedir a aproximação das tropas oriundas do Nordeste e do Sul ao Distrito Federal, instalou quartéis-generais na Bahia e em São Paulo para deter o avanço dos golpistas. Getúlio Vargas e o então coronel Góes Monteiro, um dos principais estrategistas do movimento, partiram em direção ao Rio de Janeiro, reunindo-se às tropas localizadas em Ponta Grossa para organizar o ataque ao estado de São Paulo. Todos se preparavam para uma sangrenta e decisiva batalha em Itararé, na divisa com o Paraná, onde as tropas do governo federal esperavam para deter o avanço das forças revolucionárias. Mas, no dia 24 de outubro, pressionado por uma carta elaborada por militares de alta patente<sup>123</sup>, entre os quais se destacam os generais Augusto Tasso Fragoso e João de Deus Mena Barreto, bem como o contra-almirante José Isaías de Noronha, Washington Luís deixou a presidência. Com a renúncia, os três militares citados formaram uma junta governativa que ocupou o Catete provisoriamente, enquanto se definia a situação do país. As resistências legalistas cessaram e, com a retirada das tropas de São Paulo, a batalha de Itararé não se concretizou. Washington Luís foi preso e detido no Forte de Copacabana.

No dia 28 de outubro, Juarez Távora e Oswaldo Aranha, um dos principais líderes do movimento no Rio Grande do Sul, já negociavam com a junta governativa, no Rio de Janeiro, a composição do novo governo. Simultaneamente, as tropas do sul avançavam no estado de São Paulo, enquanto membros do comando militar desembarcavam na capital paulista. Na madrugada do dia 31, Getúlio Vargas, nomeado chefe supremo da revolução, chegava de

<sup>123</sup> A carta, segundo o artigo do historiador Fábio Ferreira, e ratificada pela matéria do jornal *A Esquerda*, de 24 de outubro de 1930, assim intimava o presidente:

“MEIA HORA PARA DEIXAR O PODER

Exmo. Sr. Presidente da República.

A nação em armas, de Norte a Sul, irmãos contra irmãos, pais contra filhos, já retalhada, ensanguentada, anseia por um sinal que faça cessar a luta inglória, que faça voltar a paz aos espíritos, que derive para uma benéfica reconstrução urgente, as energias desencadeadas para a destruição.

As Forças Armadas, permanente, têm sido manejadas como argumento único para resolver o problema político e só tem conseguido causar e sofrer feridas, luto e ruínas; o descontentamento nacional sempre subsiste e cresce porque o vencido não pode convencer-se de que quem teve mais força tinha mais razão, o mesmo resultado reproduzir-se-á como desfecho da guerra civil atual, a mais vultosa que já se viu no País.

A salvação pública, a integridade da Nação, o decoro do Brasil e até mesmo a glória de V. Ex.<sup>a</sup>. instam, urgem e imperiosamente comandam a V. Ex.<sup>a</sup>. que entregue os destinos do Brasil no atual momento aos seus generais de Terra e Mar.

Tem V. Exa. o prazo de meia hora a contar do recebimento desta para comunicar ao portador a sua resolução e, sendo favorável, como toda a Nação livre o deseja, deixará o poder com todas as honras e garantias.

Assinados: João de Deus Mena Barreto, general-de-divisão, inspetor do Primeiro Grupo de Regiões; José Fernandes Leite de Castro, general-de-brigada, comandante do 1º DAC; Firmino Antônio Borba, general-de-brigada, segundo subchefe do EME; Pantaleão Teles Ferreira, general-de-brigada; e outros generais e almirantes que não tiveram tempo de por suas assinaturas”.

Curiosamente, a revista *O Cruzeiro* de 8 de novembro publicava uma intimação adulterada, com significativas diferenças do texto acima.

trem ao Distrito Federal, sendo aclamado pela população que o esperava. No dia 3 de novembro, seria oficialmente declarado chefe do Governo Provisório da República. *A Manhã*, por sua vez, tinha parado de circular desde que eclodiu a revolução, no dia 3 de outubro. A narrativa em questão está na capa da edição lançada no mesmo dia em que Vargas chegou ao Rio, quando o periódico ressurgiu no cenário carioca. Conforme se pode observar, o “nosso querido diretor” estava muito ocupado, às voltas com o movimento que resultou na “queda da monarquia republicana e a implantação da República Nova”. De posse do devido contexto sócio-histórico, percebe-se nitidamente que o texto aponta o “marechal-almirante de terra e mar” como o grande líder da revolução, e que todas as demais personalidades apenas “agiram sob a batuta do ínclito estrategista” que dirigia *A Manhã*.

A seqüência inicial (linhas 1-25) descreve todos os procedimentos do “nosso querido diretor” a partir da histórica madrugada de 24 de outubro de 1930. Após acordar e receber o chamado dos clarins “conclamando às armas”, “assaltou” um telefone da *Light*, a partir do qual começou a passar todas as instruções aos generais de terra e mar, incluindo a entrega da intimação ordenando a renúncia do presidente e a voz de prisão ao mesmo. Ao apresentar-se como a principal voz de comando da revolução, estabelece um clímax, que chega ao ápice no trecho que sugere um “relato fiel dos acontecimentos” (linha 25), desorientando definitivamente os fatos tais quais ocorriam e chegavam ao público. No desenvolvimento (linhas 26-34) da narrativa, o autor reforça a tensão da seqüência inicial, cujo fechamento incisivo (linhas 32-34) denota uma posição conflituosa a quem duvidar do que o texto revela. Os últimos parágrafos (linhas 35-42) compõem o desenlace, buscando a resolução do conflito entre os fatos e a prova da veracidade do relato na receptividade do povo, que, ao ovacionar o “nosso querido diretor”, não deixa dúvidas “de que é ele, de verdade, o legítimo ídolo da Nação”. O fechamento se dá com a promessa de resistência a qualquer tentativa oportunista de lhe tirarem o mérito frente à “Revolução triunfante”.

Nesta narrativa, o protagonista “nosso querido diretor”, preservando a sua condição de proprietário d’*A Manhã* (linhas 33-34) e conseqüente porta-voz do autor, o que mantém as raízes da sua caracterização, assume, pela primeira vez, uma identificação com desígnio militar. A relação estabelecida justifica-se pela maneira como se conduz o movimento revolucionário no plano histórico, essencialmente liderado por militares<sup>124</sup>. Há, como sempre, um alto grau de qualificação do condutor da ação. O título “marechal-almirante de terra e mar” não aparece na narrativa em si, mas junto à ilustração que mostra, também pela primeira vez, o personagem vestido com uniforme militar. Esta identificação complementa

---

<sup>124</sup> Enfatizando que o próprio Vargas fez carreira militar antes de se formar em direito e partir para a política.

determinantemente a intriga, já que “marechal” e “almirante” são os dois mais altos postos na hierarquia militar. Ou seja, pelo título em si, o “nosso querido diretor” coloca-se hierarquicamente acima de todos os participantes diretos da revolução. Os demais personagens evocados aparecem basicamente como adjuvantes, enquanto personalidades transpostas da vida real que participaram diretamente do golpe e agem basicamente em cumprimento às ordens do protagonista, como os generais de terra e mar (linha 14), Getúlio Vargas (1882-1954), Oswaldo Aranha (1894-1960), Juarez Távora (1898-1975), Góes Monteiro (1889-1956) e Olegário Maciel (1855-1933) (linhas 32-33). Vaz Antão (linhas 17 e 23) não chega a caracterizar um opositor, pois não esboça qualquer ação – apenas é forçado a renunciar e é preso e, como na narrativa anterior, é praticamente um elemento decorativo. O povo aparece genericamente como uma espécie de adjuvante que impulsiona o protagonista. Também são citados na narrativa, mas apenas como referências históricas às citações, Mirabeau e Barbusse. O primeiro diz respeito a Honoré Gabriel Riqueti (1749-1791), o Conde de Mirabeau, ativista e teórico da Revolução Francesa, cuja destacada habilidade retórica o popularizou pelo epíteto de “orador do povo”. O outro se refere a Henri Barbusse (1873-1931), escritor francês do início do século XX que se tornou fervoroso adepto do comunismo.

### 6.3 Barão de Itararé (1930-1931)

Três textos foram selecionados<sup>125</sup> para ilustrar o surgimento e caracterização do Barão de Itararé nas páginas d’*A Manhã*. O primeiro consiste de uma matéria na segunda edição em que o personagem aparece assim identificado, apontando uma série de elementos essenciais ao entendimento da sua criação; o segundo reúne alguns aspectos da pretensão hiperbólicas d’*A Manhã* enquanto empresa jornalística, explicitando claramente a relação entre o Barão e o seu antecedente, o “nosso querido diretor”, enquanto “proprietário de um grande jornal”; e o terceiro, em síntese, explora a manifestação da faceta científica de Apporelly no “hebdomedário”, bem como apresenta amostras da linguagem macarrônica comumente explorada n’*A Manhã*.

**TEXTO 6:** Conforme abordado no capítulo 2, os títulos nobiliárquicos oriundos do período imperial foram proibidos no Brasil após a Proclamação da República. Entretanto, a manutenção das antigas oligarquias nacionais junto ao novo regime preservou fortes resquícios culturais do Império, que permaneciam evocados em meio às relações sociais, invadindo, conseqüentemen-

<sup>125</sup> Respectivamente: 6) “O NOVO BARÃO DE ITARARÉ”, publicado em 05/12/1930 ; 7) “COLOCANDO OS SEM-TRABALHO”, publicado em 02/01/1931; e 8) “O SONHO ALUCINANTE DAS DESCOBERTAS SOBRENATURAS”, publicado em 03/07/1931.

te, o imaginário brasileiro. Além disso, as ordens honoríficas e títulos estrangeiros continuaram sendo distribuídos e aceitos – foi a Constituição de 1934 que estabeleceu uma lógica que se mantém até os dias atuais, consignando a perda de direitos políticos apenas quando a condecoração estrangeira fosse de caráter nobiliárquico, implicando em restrição de direitos e deveres para com a República. Não é por acaso que, no texto anterior (TEXTO 5), o autor aponta uma “monarquia republicana” e, neste (TEXTO 6), sugere que a “República, no fundo, é uma monarquia disfarçada”. Os títulos nobiliárquicos em si foram proibidos, mas a relação hierárquica que suscitavam permanecia intrínseca à disputa por privilégios junto aos altos escalões do poder. A revolução de 1930, conforme se pode intuir, não foi exatamente uma revolução popular, conforme anteviu Luís Carlos Prestes. Após a derrota eleitoral de Vargas, o líder tenentista chegou a ser convidado pelos aliancistas para assumir a chefia militar do movimento para derrubar Washington Luís. Prestes recusou o convite, alegando que “tal movimento não resultaria em nada mais que uma simples troca de oligarquias no poder” (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS)<sup>126</sup>.

Após assumir como chefe do governo provisório, Vargas passou a lançar discricionariamente uma série de decretos com força de lei, que regulamentaram o novo regime, nomearam aliados e destituíram opositores de seus cargos, por exemplo. Estes eram efusivamente publicados pela imprensa da época. Já na capa da edição de 7 de novembro de 1930 (rolo 1 – p. 590), a primeira em formato tablóide, Apparício Torelly começa a satirizar o “novo jeito de governar”. A matéria mostra o “nosso querido diretor”, “à paisana”, assinando o decreto em que transferia os seus poderes, enquanto “Presidente da Junta Revolucionária”, a Getúlio Dor... neles Vargas, nomeando-o para chefiar a nação em seu lugar. Afinal, precisava reassumir o seu posto na direção d’*A Manhã*, que, no seu modo de ver, precisava de um “pulso de ferro” para ser dirigida. Outro interessante gancho encontra-se na página 8 da edição de 21 de novembro de 1930 (rolo 1 – p. 613), em que o “marechal-almirante” aponta a importância do auxílio que o coronel Góes Monteiro lhe prestou durante a revolução, sem o qual a tomada de Itararé teria sido quase impossível.

É na edição subsequente<sup>127</sup> que Apparício Torelly vai autoconceder-se o título de Barão de Itararé, congratulando-se como herói da “sangrenta batalha” que não ocorreu. Pode-se, no sentido de complementar este marco da construção do personagem, citar a capa da edição em que se encontra a narrativa em questão (rolo 1 – p. 615). Nesta, o personagem, já

<sup>126</sup> Disponível em: <[http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/biografias/luis\\_carlos\\_prestes](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/biografias/luis_carlos_prestes)>. Acesso em: 25 fev 2010.

<sup>127</sup> Lembrando que esta edição, provavelmente lançada no dia 28 de novembro, infelizmente não está disponível na coleção analisada.

titulado Barão, vai a São Paulo pacificar o conflito desencadeado pelo governo provisório com os aliados do Partido Democrático de São Paulo. Com a posse de Vargas, os paulistas esperavam a nomeação do político paulista Francisco Morato para interventor federal no estado. Vargas, pressionado pela oficialidade militar que o apoiou, acabou nomeando o líder tenentista João Alberto Lins de Barros para o cargo, dando início a conflitos, que, mais tarde, desembocariam na Revolução Constitucionalista de 1932.

Quanto ao texto escolhido, a narrativa está nitidamente organizada em três seqüências separadas por entretítulos, que apresentam respectivamente o decreto que agracia o marechal-almirante que dirige *A Manhã* com o título de Barão de Itararé (linhas 1-17), a descrição do brasão nobiliárquico confeccionado a mando do “nosso querido diretor” (linhas 18-37) e a recepção oferecida “à aristocracia acreditada” do país, em comemoração à nomeação (linhas 38-58). A primeira proporciona o clímax, ao reproduzir entre aspas o decreto do governo, que denota um tom grandiloqüente ao evento. O desenvolvimento se dá na descrição do brasão, através do qual o autor apresenta simbolicamente uma série de características que permeiam o personagem. E, por fim, a última seqüência sugere o desfecho, anunciando uma festividade ao longo de todo o mês, reunindo alguns dos principais vultos remanescentes do que pode ser considerada uma espécie de “nobreza” brasileira. O último parágrafo (linhas 55-58) justifica a nobreza do Barão de Itararé para além do decreto, sendo remanescente “do berço e de sentimento”. A narrativa não apresenta nenhum conflito explícito e opera muito mais no plano do inusitado e da exagerada notoriedade com que é descrito o protagonista.

Além do protagonista, novamente manifesto como um prolongamento do “nosso querido diretor” e apresentando um alto grau de qualificação valorativa, têm-se o presidente Getúlio Dor Nelles Vargas e o então ministro da justiça, Oswaldo Aranha (linha 17). Suas funções na narrativa, enquanto representações de personalidades destacadas no comando do novo governo, resumem-se a promulgar o decreto. Mas sugerem adjuvantes, pois, apesar de suas curtas aparições, impulsionam de modo determinante o protagonista em seu papel. O mesmo ocorre, de certa forma, com os membros da aristocracia que aceitam o convite para o “régio sarau” (linhas 44-47), todas personalidades de relevo na sociedade de então, condecorados com títulos estrangeiros ou oriundos do período imperial. Dos títulos estrangeiros, o mais comum, em meio ao que foi possível levantar, eram os fornecidos pelo Papa, normalmente concedidos mediante vultosas doações à igreja católica. Neste caso, enquadram-se, entre os citados pelo autor, o Conde Modesto Leal, Conde de Affonso Celso, Conde Paulo de Frontin, Conde Pereira Carneiro, Comendador de Souza Prego e Comendador Rainho. Os Barões de Saavedra e de Peixoto Serra, bem como o Visconde de Moraes, eram portugueses radicados

no Brasil, cujos títulos foram concedidos por hereditariedade. E o Barão de Ramiz Galvão recebeu seu título de Dom Pedro II às vésperas da Proclamação da República.

A narrativa ainda inclui um secretário particular do Barão (linha 43), cuja função se resume a organizar a festa, e uma referência aos Dragões da Independência (linha 24), um elemento decorativo cuja única função é justificar o capacete que aparece no topo do brasão. Curiosamente, a analogia diz respeito ao 1º Regimento de Cavalaria de Guardas criado por D. João VI em 1808 para proteger o mandatário do poder no Brasil, e seus uniformes são, até hoje, uma reprodução da mesma roupa utilizada pela Imperial Guarda de Honra de D. Pedro I, apresentando ligeiras modificações para adaptá-lo à simbologia republicana.

**TEXTO 7:** O gaúcho Lindolfo Leopoldo Boeckel Collor, farmacêutico de formação, chegou ao Rio de Janeiro em meados dos anos 1910, onde passou a trabalhar como jornalista no *Jornal do Commercio* e depois n’*A Tribuna*. No final da década, iniciou sua carreira política como deputado pela Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul e passou a trabalhar n’*A Federação*, órgão do Partido Republicano Rio-Grandense. Em 1922, posicionou-se contra o levante tenentista, publicando diversos artigos contra o movimento. Um ano depois, se elegeu deputado federal, quando se tornaria também redator-chefe d’*O Paiz*. Foi um dos mais importantes organizadores da Aliança Liberal e um dos mais ativos articuladores da Revolução de 1930. No governo provisório, tornou-se o primeiro titular do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, órgão criado por sua própria sugestão com o decreto nº 19.433, em 26 de novembro de 1930. Neste cargo, desenvolveu um conjunto de medidas destinadas a mudar o padrão das relações de trabalho no Brasil, pois acreditava que apenas com a intervenção direta do poder público seria possível amenizar os conflitos entre capital e trabalho que assolavam o mundo moderno<sup>128</sup>.

Na narrativa, o ministro, preocupado com a “questão dos sem trabalho”, dirige-se À *Manha*, “uma das maiores empresas jornalísticas do continente”, para pleitear junto ao “nosso querido diretor” uma vaga para uma datilógrafa desempregada. O tema já havia sido abordado na página 5 da edição anterior, de 27 de dezembro de 1930 (rolo 1 – p. 635), na qual é explicado que o periódico, “que não é apenas um órgão de publicidade, mas uma verdadeira instituição social, não podia deixar [...] de se interessar vivamente

---

<sup>128</sup> Segundo Moog (1978, p. 38), já no dia 11 de novembro de 1930, antes mesmo da criação do ministério, já aparecia o primeiro decreto assinado por Vargas e referendado por Lindolfo Collor, limitando a entrada no território nacional de passageiros de terceira classe e visando a localização e amparo de trabalhadores brasileiros. Este foi seguido por outro que alterava as disposições referentes à aplicação dos fundos das Caixas de Aposentadorias e Pensões. Assim, rapidamente Collor ia introduzindo uma série de ações emergenciais, visando estender alguns benefícios trabalhistas.

pelo momentoso problema dos sem trabalho”<sup>129</sup>. Entretanto, o assunto não é desenvolvido nas edições subseqüentes, e as contribuições d’*A Manhã* quanto ao desemprego não aparecem mais neste período. Logo em seguida, em março de 1931, o polêmico Decreto nº 19.770 estabelece a “Lei de Sindicalização”, que visava orientar as organizações sindicais de empresários e trabalhadores para que constituíssem órgãos de colaboração do Estado, introduzindo um modelo corporativista que desagradou muitos “sindicatos livres”. Mas Apparácio não se manifestou a respeito do assunto n’*A Manhã*. Lindolfo Collor, por sua vez, permaneceu à frente da pasta até 4 de abril de 1932, demitindo-se por desavenças quanto à interferência de setores vinculados ao tenentismo na sua política trabalhista.

A seqüência inicial (linhas 1-7) apenas introduz a narrativa, apresentando o ministro Lindolfo Collor e genericamente apontando algumas ações deste no sentido de resolver o problema do desemprego. Na estrutura do texto, opera mais como um nariz de cera que esboça alguns jogos de palavra, em especial nos dois primeiros parágrafos. Assim, é no desenvolvimento da narrativa (linhas 8-21) que vai ocorrer o rompimento da continuidade. Esta seqüência inicia com a descrição da chegada do Ministro do Trabalho *À Manhã*, acompanhado de uma “senhorita de rara beleza tropical, [...] que desejava colocar-se”. É o momento em que se estabelece o clímax, sucedido pela trajetória dos dois até chegarem à presença do “nosso querido diretor”. Segue-se a comoção da “formosa donzela” ao deparar-se com o “inspirado poeta e festejado jornalista”, a apresentação da pretendente ao cargo por Collor e uma breve entrevista que leva o “sr. barão de Itararé” a contratá-la. São todos elementos que prolongam o clímax e retardam o desfecho, até a resolução do impasse, caracterizado pela colocação da “insinuante *madoiselle*” no quadro funcional da “opulenta empresa”. Os demais parágrafos compõem o desenlace (linhas 22-32), em um conjunto de eventos que restabelecem o equilíbrio – a atitude de gratidão da “formosa taquígrafa”, a pose de todos para a “foto” que ilustra a matéria, a satisfação do ministro após o cumprimento de sua missão, e a retomada do trabalho pelo “nosso querido diretor”, ditando o seu artigo de fundo para a nova funcionária.

Quanto às ações dos personagens, a narrativa apresenta algumas peculiaridades com relação às anteriores. O ministro Lindolfo Collor divide o protagonismo com o “nosso querido diretor”, já que a funcionalidade e distribuição dos dois ao longo da narrativa são relativamente proporcionais. Porém, o Barão destaca-se pelas recorrentes qualificações em tom grandiloqüente, que não acompanham o ministro. A datilógrafa, sempre identificada de forma

---

<sup>129</sup> Segundo Silva (1992, p. 253), no início dos anos 1930, as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo somavam aproximadamente dois milhões de desempregados e subempregados, de modo que o novo governo assumia prometendo políticas voltadas especificamente para essa parte significativa da população.

genérica, seja com relação à sua aparência, classe (“moça pobre” – linha 11), ou aptidão profissional, é uma importante adjuvante que impulsiona ambos os protagonistas, mas destaca-se a sua hiperbólica reverência ao “nosso querido diretor”. É importante observar também que esta adjuvante é marcada por uma grande quantidade de qualificações positivas, nas quais a ótica do narrador denota, ainda que moderadamente, um tom erótico. Também aparecem dois elementos decorativos, o porteiro (linha 13) e o fotógrafo (linha 26), que representam funcionários d’*A Manhã*, e que, tal qual em outras narrativas, são identificados apenas por seus papéis na empresa – suas ações se restringem às funções que exercem.

**TEXTO 8:** as “notícias” apuradas nas semanas anteriores, na página quatro d’*As Manhas* de 20 e 26 de junho (rolo 1 – p. 851 e 859), possibilitam uma interpretação mais apurada sobre algumas questões do tema abordado. Há também uma matéria na capa da edição de 3 de julho (rolo 1 – p. 865), a mesma em que se encontra a narrativa selecionada para análise, que também perpassa o assunto. Ao que tudo indica, notícias da época alardeavam sobre um operário chamado Julio Moura, que teria apresentado em Recife uma máquina capaz de captar energia da atmosfera. O Barão aproveitou o gancho e desenvolveu um sistema semelhante. Porém, segundo o texto de 26 de junho, o seu invento distinguia-se ligeiramente do proposto por Moura: enquanto o do operário captava a energia diretamente da atmosfera, o seu a obtinha “por intermédio de fios de cobre”. A matéria anterior, do dia 20, apresentava detalhes do experimento, explicando que, no caso do seu invento, a energia elétrica era captada “dum cabo condutor, que passava perto da sua janela”, e que, com “uma simples ligação, por meio duns fios de cobre, com a instalação interna”, conseguira “iluminar uma poderosa lâmpada de 200 velas”.

O experimento, conforme se pode intuir, é o que a linguagem popular denomina ‘gato’, uma ligação irregular comumente utilizada para furtar energia elétrica. A *Light*<sup>130</sup>, “por mesquinha perseguição” (20/06/1931), havia cortado a corrente do “nosso querido diretor”, devido a “irregularidades nos pagamentos” (26/06/1931), levando-lhe a desenvolver a experiência de “captação clandestina de luz da atmosfera” (capa de 03/07/1931). Ao longo destas matérias, o autor vai abordando a “invenção” como uma nova e maravilhosa descoberta, que atrai a atenção de grandes autoridades da época. A matéria selecionada para análise encerra a

<sup>130</sup> A *Light*, ou *Brazilian Traction Light and Power Co Ltd.*, foi uma empresa de capital canadense instalada no Brasil a partir de 1899, que se tornou um dos maiores trustes estrangeiros do país ao longo das primeiras décadas do século XX. Exerceu, nos locais onde se instalou, como São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, um monopólio sistemático nas diversas áreas em que atuou, entre as quais se destacam o transporte urbano, o fornecimento de gás, a energia elétrica e a telefonia. Por controlar alguns dos principais serviços públicos da época, a empresa foi apelidada pejorativamente pela expressão “polvo canadense”, já que estendia seus tentáculos por todo o espaço urbano (WEID, s/d). Aparício Torelly não demonstrava nenhuma simpatia pela empresa nas páginas d’*A Manhã*, desenvolvendo inúmeras matérias em que hostilizava o “polvo canadense” com suas piadas.

série de textos sobre as “geniais experiências para a captação da luz atmosférica” do Barão de Itararé. A narrativa basicamente reúne, em tom noticioso, as opiniões e palavras de apoio de algumas destacadas personalidades do meio científico e do então presidente da *Light*, C. A. Sylvester, todos personificados na intriga a partir de pessoas reais.

No final, há a participação de uma personagem identificada como “Baronesa da Rotunda”, cuja identificação não permite uma interpretação muito precisa. Ao que tudo indica, esta personagem é fictícia, e o seu discurso afetivo com relação ao Barão permitiu intuir uma aproximação a partir da similaridade entre os eventos que originaram seus títulos. Conforme já colocado, o Barão de Itararé recebeu o seu título por atos de heroísmo em uma batalha que nem sequer aconteceu. Neste sentido, Rotunda, tal qual usado pelo narrador, parece sugerir um marco histórico decisivo da Proclamação da República em Portugal, ocorrida no ano de 1910. A história em torno dos “Heróis da Rotunda” é marcada pelo caráter insólito da luta pela mudança do regime. Conforme ilustra Coimbra (2000, p. 17-21):

E entre 4 e 5 de Outubro de 1910, as armas desceram à Rotunda, para – após algumas indecisões e desistências, entre as quais a mais radical, a de Cândido dos Reis, que se suicidou, pensando perdida a revolução – instaurar um novo regime, longamente ansiado, meticulosamente preparado por décadas de propaganda ideológica, onde, a par de ardentes sonhos de redenção nacional, se misturavam promessas demagógicas de ‘bacalhau a pataco’ ou, pelo menos, de uma melhoria da condição e do passadio das classes populares e da média e pequena burguesia. [...] A resistência à implantação da República foi escassa, frouxa e com pouca convicção, tal era o sentimento generalizado de que o fim da Monarquia estava próximo. [...] D. Manuel II abandonou o poder sem o mínimo incentivo às suas hostes para que lutassem até ao fim. Limitou-se a fugir, deixando cair o regime e a hombridade monárquica. [...] Implantada em Lisboa, a República foi proclamada ao País pelo telégrafo, sem que a colaboração revolucionária fosse de grande monta. É pois bom que se lembre que não foi o ideário republicano – basicamente de elites – que conduziu à queda da Monarquia, nem a acção do Partido Republicano Português (P.R.P), numa fase de desagregação. Foram os oficiais inferiores, sargentos e praças sobretudo da Marinha mas também do Exército, enquadrado pelos carbonários e pela maçonaria e secundados por grupos civis armados, os grandes protagonistas da mudança de regime, que apenas depois adquiriu alguma coerência e ajustamento relativamente às idéias republicanas.

A seqüência primária é relativamente curta (linhas 1-5), apresentando inicialmente uma analepse que estabelece um gancho com as matérias anteriores. No segundo parágrafo, prepara o leitor para o desenvolvimento da intriga, introduzindo a polêmica entre os grupos pró e contra a invenção do “notável físico” que dirige *A Manhã*. A situação dialética explicitamente criada neste parágrafo estabelece o conflito e conseqüentemente o clímax. O desenvolvimento (linhas 6-41) é constituído pelas distintas opiniões dos “técnicos”, apresentando inicialmente as opiniões contrárias. A seqüência prossegue com algumas colocações que impulsionam o protagonista, para, a partir da linha 22, apresentar alguns “documentos” que respaldam o apoio à descoberta. Seguem-se, então, duas mensagens em linguagem macarrônica, respectivamente de Gajo Coutinho e Marconi, evocando a manifestação direta, entre aspas, de

duas personalidades de grande relevo internacional. O desenlace (linhas 42-54), por sua vez, provoca um novo rompimento, que age, porém, no sentido de aliviar as tensões. Ao evocar uma carta totalmente passional, oriunda de uma mulher que se insinua admiradora íntima do “nosso querido diretor”<sup>131</sup>, inverte-se a procedência técnica das opiniões anteriores, deslocando o foco da polêmica para um final confortante. Frente à proposta de Motta (2004), caracteriza-se um desfecho menos peremptório, comum às narrativas jornalísticas.

O protagonista preserva seus traços essenciais, com alto grau de qualificação<sup>132</sup>, funcionalidade e distribuição ao longo da narrativa. Em torno deste e de sua descoberta, vários personagens são evocados, quase todos baseados em pessoas reais, com exceção da já citada Baronesa da Rotunda. Há claramente dois oponentes. Gustavo André Frontin, engenheiro, professor e influente político brasileiro, participou ativamente de diversos projetos voltados para o saneamento do Rio de Janeiro desde o início do século, tendo inclusive chefiado a comissão responsável pela obra da Avenida Central. Recebeu o título papal de Conde de Frontin em 1909. O outro é o presidente da *Light* na época, que aparece identificado como C. A. “Sylvestre” (enquanto o correto é Sylvester).

Gajo Coutinho e Marconi, assim como a baronesa, são adjuvantes que impulsionam o protagonista ao transmitir palavras de apoio às suas “experiências”. “Gajo” Coutinho refere-se a Carlos Viegas Gago Coutinho, já apresentado na análise do segundo texto. E Marconi é mesmo o conhecido físico italiano, Guglielmo Marconi, que inventou o primeiro sistema prático de telegrafia sem fios, popularizando-se como inventor do rádio. Cabe destacar duas importantes passagens da vida de Marconi. Em 1923, aderiu publicamente ao regime fascista de Benito Mussolini, ocupando importantes cargos no governo. Neste período, foi nomeado senador, marquês e presidente da Real Academia Italiana, desempenhando estas funções até a morte. E, em outubro de 1931, Marconi transmitiria da Itália um sinal que ligaria o sistema de iluminação na inauguração da estátua do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro.

Há ainda alguns elementos decorativos em meio à narrativa, como o inventor brasileiro e aeronauta Alberto Santos Dumont (1873-1932), e as históricas personalidades portuguesas citadas na mensagem de “Gajo” Coutinho. O navegador Dom Henrique de Avis (1394-1460), ou ainda duque de Viseu, que ficou conhecido como Infante de Sagres e foi considerado uma das mais importantes figuras do início da era das descobertas. Antônio Gião (1906-

---

<sup>131</sup> Observa-se aqui a recorrência da qualidade de sedutor do personagem, comumente assediado pelas mulheres.

<sup>132</sup> Entre estas, destaca-se “notável físico” (linha 1), pelo caráter cientificista que expressa – tais qualificações aparecerão ao longo de toda a obra estudada, em especial quando o personagem está às voltas com alguma de suas invenções mirabolantes.

1969), por sua vez, notabilizou-se como engenheiro geofísico, criador de diversas fórmulas que passaram a ser aplicadas nos serviços meteorológicos de todo o mundo. José Mendes Cabeçadas Júnior (1883-1965), o almirante “Caveçadas”, tornou-se um importante oficial da marinha de Portugal, cuja carreira como político republicano foi determinante na consolidação da República Portuguesa. E “Quemões” refere-se a Luís Vaz de Camões (1524-1580), considerado por muitos como um dos maiores poetas da língua portuguesa.

#### 6.4 Duque de Itararé (1931)

Dois textos ilustram<sup>133</sup> o período em que o Barão é promovido a Duque, título que permanecerá por apenas um mês e meio nas páginas d’*A Manhã*. Na verdade, esta titulação aparece pela primeira vez na página 5 da edição de 21 de fevereiro de 1931 (rolo 1 – p. 712), quando era “favoravelmente comentada nas altas rodas da aristocracia a próxima elevação do sr. Barão de Itararé à dignidade do ducado”. Neste texto, são colocadas algumas explicações essenciais à compreensão da nova fase do personagem. Inicialmente, alerta que “a história registrará com carinho a passagem gloriosa pelas suas páginas de três únicos duques, que tanto elevaram o nome do país: - o Duque de Caxias, o Duque Dançarino e, agora, o Duque de Itararé”. O primeiro refere-se ao patrono do exército brasileiro, Luís Alves de Lima e Silva (1803-1880), responsável por diversas ações militares e repressões a movimentos revoltosos no Brasil do século XIX. O segundo refere-se a Antônio Lopes de Amorim Diniz (1884-1953), dentista, dançarino, jornalista e compositor popular que ficou conhecido pelo nome artístico de Duque<sup>134</sup>.

A justificativa segue-se, explicando que o Duque de Itararé levaria grande vantagem sobre os colegas, pois o Duque de Caxias brigava, mas não dançava; o Duque bailarino dançava, mas não brigava; o Duque de Itararé, por sua vez, brigava e dançava conforme a música. Além disso, “o Governo Provisório pretendia decretar a promoção gradativa, isto é, passá-lo de barão a conde e, posteriormente, de conde a duque”. Entretanto, o “nosso querido diretor”, por se sentir diminuído, não aceitou ficar “na mesma categoria dos condes Modesto Leal, Pereira Carneiro e Paulo de Frontin, rapazes esses de alguns recursos, mas absolutamente sem linha”. Por isso, “o governo contra-marchou, resolvendo cometer mais um ato discricionário, sem precedentes nos fastos da aristocracia, isto é, nomear diretamente o barão para a dignidade de duque”. Porém, o assunto não foi mais abordado, e o Barão continuaria imperando n’ *A Manhã* até 19 de setembro do mesmo

<sup>133</sup> Respectivamente: 9) “O ENCONTRO DE DOIS CHEFES REVOLUCIONÁRIOS”, publicado em 10/10/1930; e 10) “O SERMÃO DA MONTANHA DO CORCOVADO”, publicado em 16/10/1931.

<sup>134</sup> A alcunha não tem nenhuma relação direta com o título nobiliárquico. Trata-se realmente de um apelido.

ano, quando, então, seria publicada a matéria anunciando o “decreto” com a promoção ao ducado. A partir de então, o Barão de Itararé provisoriamente cede espaço para o Duque de Itararé, bem como para as identificações que se sucederão. O título de Barão, que marcou o personagem e se consumou a partir de 1945, será, até então, marcada pela efemeridade.

O primeiro texto selecionado apresenta uma série de identificações periféricas que enriquecem o estudo especificamente no sentido da construção do personagem, bem como reposiciona o mesmo no contexto histórico. O segundo traz uma curiosa entrevista com Jesus Cristo, avançando alguns elementos peculiares no que diz respeito à paródia jornalística d’*A Manha*. A narrativa também exprime aspectos que denotam algumas convicções do homem Apparício Torrelly, que se expressa indiretamente pela fala de Cristo para apresentar suas preocupações. Igualmente, e não menos importante, o texto aponta alguns indícios da intencionalidade do autor na criação dos personagens que o representam n’*A Manha*.

**TEXTO 9:** o argentino Miguel Crispim da Costa Rodrigues (1874-1959) veio para o Brasil ainda criança, naturalizando-se brasileiro alguns anos mais tarde. Seguindo a carreira militar no estado de São Paulo, sua trajetória ficou marcada por comandar, junto a Luís Carlos Prestes, a Coluna Miguel Costa – Prestes, ou simplesmente Coluna Prestes. Com o fim da Coluna, exilou-se, fixando residência na Argentina, em companhia de boa parte dos líderes revolucionários com quem combateu. Em 1930, apoiou o movimento que levou Vargas ao poder, participando ativamente das operações militares, sendo um dos grandes responsáveis pela pacificação que evitou deflagrar-se a Batalha de Itararé. Foi Miguel Costa quem negociou com o comandante das tropas do governo, o Coronel Arnaldo de Souza Paes de Andrade, revelando a condição de vitória esmagadora dos revolucionários sobre os legalistas. As conversações retardaram o combate até chegar a ordem da Junta Governativa para encerrar as hostilidades.

Miguel Costa também foi uma importante peça na conflituosa indicação de João Alberto Lins de Barros para interventor em São Paulo, logo após a posse do Governo Provisório, sendo nomeado comandante da Força Pública paulista e secretário de Segurança do estado. Ainda em novembro de 1930, ajudou a fundar a Legião Revolucionária, que, junto ao Clube 3 de Outubro, formou uma espécie de pilar do movimento tenentista junto ao novo governo, objetivando também mobilizar setores médios e do operariado em apoio a Vargas. Em julho de 1931, com a saída de João Alberto da interventoria paulista, Miguel Costa foi afastado da Secretaria de Segurança, mas manteve-se no comando da Força Pública. O advogado e político paulista Laudo Ferreira de Camargo assume o governo de São Paulo, porém a contragosto do Partido Democrático e do tradicional Partido Republicano Paulista, que cada vez mais se uniam em oposição ao Governo Pro-

visório. A colocação do novo interventor era uma estratégia para arrefecer os ânimos, entretanto Miguel Costa, Oswaldo Aranha, João Alberto e Góes Monteiro agiam como eminências pardas e continuavam a interferir na política de São Paulo. A ingerência dos “tenentes” à frente do estado deixava os paulistas cada vez mais insatisfeitos, e a situação agravava-se. Pressionado, poucos meses depois, mais especificamente no dia 13 de novembro de 1931, Camargo deixaria o cargo, assumindo Manuel Rabelo Mendes, outro militar ligado aos tenentes.

Além dos aspectos sócio-históricos concomitantes ao contexto da narrativa, aparecem diversas identificações, títulos e aspectos valorativos junto ao protagonista entre as linhas 12 e 17, muitas delas freqüentes em determinados períodos d’*A Manha*. O título marechal-almirante-aviador já foi abordado e, como se pode perceber, ressurge em conveniência ao enfoque da matéria, que aborda o encontro com um dos mais importantes líderes tenentistas. Curiosa é a identificação “grão-duque” de Itararé (linha 13), já que a elevação para este título vai ser declarada apenas a partir da edição de 6 de novembro. Trata-se da única narrativa em que o mesmo aparece antes do anúncio “oficial” desta promoção nas páginas d’*A Manha*. Já o título de senhor feudal do morro do Cantagalo, ao que tudo indica, é uma interessante alusão à casa que Apparício Torelly havia comprado nesta localidade do Rio de Janeiro, conforme levantado na biografia do jornalista. Não houve como precisar exatamente quando Apporelly comprou o imóvel ou foi morar lá. Mas, desde a edição de 10 de abril de 1930 (rolo 1 – p. 274, 288, 292 e 309, por exemplo), aparecem referências à venda de terrenos no local. E não se trata apenas de mais uma piada do humorista, pois os anúncios de página inteira que aparecem n’*A Manha* (rolo 1 – p. 354 e 484), nos quais a empresa *Dolabella, Portella & Cia* oferece bangalôs e terrenos junto ao Morro do Cantagalo, confirma a existência do empreendimento. Assim, o senhor feudal do Cantagalo é uma típica brincadeira na qual Apparício Torelly acrescenta elementos reais de sua vida privada ao plano ficcional d’*A Manha*.

A Ordem da Carreiteira é uma provável referência à chamada Ordem da Jarreteira<sup>135</sup> (*Order of the Garter*), uma comenda militar criada pelo monarca inglês Eduardo III, considerada a mais importante do sistema honorífico do Reino Unido. Acredita-se que tenha sido criada em função da participação inglesa nas Cruzadas. Há uma interessante lenda associada à Ordem da Jarreteira, de que Eduardo III (1312-1377), em uma grande festa da corte, dançava com Catarina Montacute, a Condessa de Salisbury, quando a mesma derrubou a sua jarreteira. Ao inclinar-se para apanhá-la e amarrá-la de volta à sua perna, o rei reparou certa maledicência entre os convidados que os observavam e retrucou com o dito em francês, então língua

<sup>135</sup> Segundo Houaiss, trata-se de “uma peça da vestimenta (masculina ou feminina) que consiste numa fita elástica, posta em cima ou embaixo do joelho, que serve para prender as meias”.

oficial da corte inglesa: “*Messieurs, honni soit qui mal y pense! Ceux qui rient en ce moment seront un jour très honorés d'en porter une semblable, car ce ruban sera mis en tel honneur que les railleurs eux-mêmes le rechercheront avec empressement*”<sup>136</sup>. Verdade ou não, o fato é que a frase *Honni soit qui mal y pense* tornou-se o lema da Ordem, e o seu símbolo é uma jarreteira azul escuro, de rebordo dourado. O imperador D. Pedro II foi um dos mais ilustres brasileiros a ser condecorado com esta Ordem, conforme atestam os trajes e a condecoração em exposição no Museu Imperial do Rio de Janeiro.

Aliás, desde os primórdios d’*A Manha*, Apparício Torelly costumava brincar com estas jocosas comendas. Já na edição de 3 de fevereiro de 1927, o “nosso querido diretor” fora condecorado pelo governo lusitano com o “Cordão Sanitário da Ordem do Banho”. Esta, que também será citada diversas vezes n’*A Manha*, e à qual o personagem, segundo ele mesmo, não costumava cumprir, diz respeito à *Mui Honorável Ordem do Banho*. A *The Most Honourable Military Order of the Bath* também é uma criação britânica, fundada pelo rei Jorge I em 18 de maio de 1725. O nome diz respeito à cerimônia para a condecoração de cavaleiros, da qual o banho, como símbolo de purificação, fazia parte. Os agraciados com a comenda ficavam conhecidos como os Cavaleiros do Banho<sup>137</sup>.

A próxima expressão, “*fede-Marshal*”, é uma provável referência aos *federal marshals*, agentes policiais norte-americanos ligados ao poder judiciário, que desempenham funções semelhantes aos oficiais de justiça no Brasil. Entretanto, nos Estados Unidos, trata-se de uma instituição tradicionalíssima, com mais de 200 anos, que participou de alguns dos mais importantes momentos históricos do país. Lá, no imaginário popular, os *Marshals* são comumente relacionados a atos de heroísmo, conforme suscita uma frase na página da própria organização: “*The history of the Marshals is, quite simply, the story of how the American people govern themselves*”<sup>138</sup>. No final do mesmo parágrafo, o autor ainda cita os “heróis lendários

<sup>136</sup> Cujá tradução é “Cavalheiros, maldito seja quem pense mal disto! Os que riem nesta hora ficarão um dia honradíssimos por usar uma igual, porque esta liga será posta em tal destaque que mesmo os trocistas a procurarão com avidez”.

<sup>137</sup> Ao contrário do se possa pensar, a sátira de Apporelly é muito atual. É comum que os presidentes da República, por exemplo, ainda sejam agraciados com este tipo de titulação. Segundo uma matéria de 20 de setembro de 2009, assinada pela jornalista Flávia Foreque, do *Correio Braziliense*, só o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ao longo de seus dois mandatos, acumulou centenas de diplomas com tais condecorações, incluindo a da “Ordem do Banho”. Segundo a repórter, o político também recebeu outros títulos chistosos, como o de “sócio benemérito da Associação do Boi Caprichoso, uma das agremiações do Festival Folclórico de Parintins, realizado anualmente no Amazonas”. Em outra passagem, cita que Lula, ao visitar a base brasileira na Antártida, em fevereiro de 2008, foi agraciado com o título de “Pinguim Imperador”. A primeira dama, Dona Marisa, que acompanhava a comitiva presidencial, recebeu o título de “Pinguim Adélia”. Caso o “ilustre jornalista” que dirigia *A Manha* estivesse vivo, certamente ainda teria um farto material para inspiração.

<sup>138</sup> Cujá tradução é “A história dos *Marshals* é, pura e simplesmente, a história de como o povo Americano governa a si mesmo”.

de Carlyle”. Thomas Carlyle (1795-1881), filósofo e escritor escocês, escreveu o livro *Heroes and Hero Worship*<sup>139</sup>, no qual se debruçou sobre o tema, sugerindo que a história pode ser interpretada através da vida dos heróis e dos líderes que a conduzem. Seus textos viriam posteriormente a influenciar o desenvolvimento do socialismo.

Há ainda duas referências de caráter histórico na narrativa. O capacete de “hussard” (linha 21) diz respeito à vestimenta utilizada pela classe de cavalaria ligeira, de origem sérvia, que foi incorporada ao exército húngaro e posteriormente imitada por vários países europeus. Seus chapéus, conhecidos como barretinas, eram parte peculiar da indumentária. Feitos de feltro ou peles, apresentavam um longo formato cilíndrico projetado sobre a cabeça. E os Exércitos Vermelhos (linha 24), outro elemento comumente evocado n’*A Manhã*, é uma referência ao Exército Vermelho dos Trabalhadores e dos Camponeses, organização militar soviética criada por Leon Trótsky (1879-1940) em 1918, durante a guerra civil na Revolução Russa. Na China, o Exército de Libertação Popular, quando criado em 1927 como braço militar do Partido Comunista da China, também recebeu esta denominação. O nome, referenciando a cor vermelha, é vinculado à simbologia socialista e remete ao sangue derramado pela classe operária em sua luta contra o capitalismo.

A narrativa, em si, apresenta algumas características marcantes da estrutura dos textos noticiosos, desenvolvendo-se linearmente a partir da descrição pormenorizada da visita de Miguel Costa à redação d’*A Manhã*. A seqüência inicial (linhas 1-5), por exemplo, apresenta um esboço de lide praticamente completo, contemplando o *quando* (“anteontem à tarde” – linha 1), o *como*, o *onde* e o *quê* (subentendidos em “quando mais intenso era o trabalho nesta redação, deu-nos a agradável surpresa de sua honrosa visita – linhas 1-2), e o *quem* (“Miguel Costa” – linha 2). A situação inicial também esboça o clímax, com o rompimento da continuidade da situação. O desenvolvimento (linhas 6-45) prolonga o clímax, apresentando passo a passo o encontro entre dos “dois chefes revolucionários”, bem como os desdobramentos e o esforço da reportagem em apurar os motivos (o *por quê*) da conferência. O final da seqüência (linhas 34-45) apresenta algumas pistas neste sentido, indicando um suposto apelo ao presidente norte-americano, Herbert Hoover, de modo a “quebrar o dólar duma vez, para uma mais rápida consecução dos elevados objetivos libertadores”. O trecho ainda inclui a informação de que um documento seria redigido em inglês, “para evitar dúvidas”, acentuando, logo depois, a importância da interferência da “dupla Miguel-Itararé” na liquidação das dívidas internacionais. O desenlace ocorre apenas no último parágrafo (linhas 46-48), com o término da visita. Nesta, são apresentadas, a partir de uma declaração do “tenente”, uma analepse que justifica a visita, e uma observação que desmente as notícias da

---

<sup>139</sup> Traduzido para o português como “Os heróis e o culto dos heróis” ou simplesmente “Os heróis”.

“imprensa assalariada”. Porém, nas edições anteriores disponíveis d’*A Manhã*, não foi encontrada qualquer referência à tal visita. Aparentemente, o desfecho opera no sentido de enfatizar o caráter reservado do encontro, suscitando a importância do sigilo quanto aos assuntos tratados, sobre os quais nem mesmo os outros jornais têm conhecimento.

O “nosso querido diretor”, apesar da nova identificação, preserva as mesmas características identificadas nos textos anteriores. O principal adjuvante, Miguel Costa, divide a maior parte da intriga com o protagonista, destacando-se a qualificação que o caracteriza como “um dos mais destacados heróis da sangrenta batalha de Itararé” (linhas 3-4). A funcionalidade deste personagem, que representa uma pessoa real, é determinante, pois o relato é centrado na sua visita à redação. Entretanto, considerando-se que Miguel Costa é um importante líder do Governo Provisório, ao dirigir-se *À Manhã* para debater importantes questões da política nacional, sua proeminência pública impulsiona o protagonista para um patamar igual ou até superior ao seu (afinal, é ele quem procura Itararé). Tem-se ainda, como em outros textos analisados, a presença sempre subserviente dos funcionários do periódico, descritos genericamente, e agindo no sentido de ilustrar o cenário da redação d’*A Manhã*: os redatores e repórteres (linha 7), os assistentes (linha 31) e a ativa reportagem (linha 35).

Ainda aparecem outras duas personalidades. O presidente Hoover (linha 38) é um elemento decorativo, mas que aparece como uma espécie de destinatário no momento em que se torna beneficiário do importante documento (que também surge como um objeto desejado pela “ativa reportagem”) preparado por Miguel e Itararé. O republicano Herbert Clark Hoover (1874-1964) foi o 30º presidente dos Estados Unidos, entre 1929 e 1933, cujo governo ficou marcado pela famigerada quebra da bolsa de Nova York em 1929. Sua principal bandeira de campanha foi a promessa de renovar o país pelo desenvolvimento das ciências, mas teve que dedicar praticamente todo o seu mandato para administrar a pior depressão econômica da história norte-americana. Com o governo estigmatizado pela Grande Depressão, acabou rotulado por seus opositores como insensível e cruel. Tentando reeleger-se em 1932, foi derrotado por uma larga margem de votos pelo democrata Franklin Delano Roosevelt.

O outro personagem, identificado como Herbert “Hoover” Moses (linha 41), também aparece como funcionário d’*A Manhã*, no cargo de “tradutor juramentado”, e sua única função é redigir a carta em inglês para o presidente norte-americano. Na verdade, trata-se de uma representação do jornalista carioca Herbert Moses (1884-1972). Filho de pai austríaco e mãe norte-americana (o que justifica a brincadeira de Apporelly), Moses foi eleito Presidente da ABI (Associação Brasileira de Imprensa, fundada em 1908) em 1931, cargo que ocupou até 1964. Segundo a página da ABI, o seu bom relacionamento com as autoridades

da época, “a quem recorria a qualquer hora até para livrar jornalistas da cadeia”, transformou a sede da associação numa espécie de ante-sala do Itamaraty. Durante sua administração, “apesar da censura à imprensa e das prisões de jornalistas, a instituição passou por uma grande reformulação”. Foi Herbert Moses quem deu início às negociações que possibilitaram a construção, no Rio de Janeiro, de uma sede própria para a ABI, cuja obra foi concluída em 1939, e a qual a instituição ocupa até hoje.

**TEXTO 10:** A origem da estátua do Cristo Redentor rememora o ano de 1859, quando um padre chamado Pedro Maria Boss, encantado com a vista do Corcovado, pediu recursos à Princesa Isabel para erguer um monumento religioso no cume do morro. O financiamento não se efetivou e, com a Proclamação da República, cujo ideário é marcado pela separação entre a Igreja e o Estado, a proposta de Boss cairia em esquecimento por décadas. Em 1921, junto às preparações para a comemoração do Centenário da Independência do Brasil, a idéia foi retomada. Em 1922, após uma série de negociações, envolvendo a concepção do projeto e o local para o monumento, foi lançada a pedra fundamental no morro do Corcovado. Um concurso foi realizado para escolher o responsável pela obra, através do qual foi escolhido o engenheiro Heitor da Silva Costa. Em 1926, após uma série de dúvidas quanto ao projeto final e uma enorme movimentação para arrecadar fundos, iniciou-se a construção.

Ao longo de cinco anos, o modelo inicial foi sendo aperfeiçoado, em um oneroso processo que envolveu o artista plástico Carlos Oswald, responsável pelo desenho final, e o escultor francês Paul Landowski, que executou os braços e o rosto da estátua. Durante o ano de 1931, criou-se uma grande expectativa em torno da inauguração do monumento, e o assunto era um dos mais comentados nas ruas do Rio de Janeiro. Finalmente, no dia 12 de outubro de 1931, a estátua finalmente seria inaugurada. O evento, que reuniu as mais altas autoridades do país, como o cardeal Dom Sebastião Leme e o chefe do Governo Provisório, Getúlio Vargas, representou um marco na retomada do poder da Igreja no Estado Republicano. Quanto ao trezinho do corcovado, responsável pelo transporte “dos peregrinos que necessitavam chegar ao pé do morro”, diz respeito à Estrada de Ferro do Corcovado, construída entre 1882 e 1885, ainda no período imperial. Em 1906, a *Light* se tornou concessionária deste serviço, controlando-o desde então.

No trecho em que o “nosso querido diretor” estabelece o contato com Cristo, há ainda alguns importantes aspectos sócio-históricos a abordar. Primeiramente, aparece uma série de expressões comuns ao jargão bíblico. Rabi da Galiléia (linha 35), por exemplo, é uma expressão comumente utilizada em alusão ao messias. Galiléia diz respeito apenas à região ao norte de Israel na qual se encontra a cidade de Nazaré, onde Jesus viveu a maior parte de sua infân-

cia e adolescência. Entretanto, o termo Rabi, do hebraico *rabbi*, é uma espécie de título, que, na época, representava uma importante distinção honrosa aplicado pelos judeus a seus instrutores espirituais. Há uma passagem bíblica muito curiosa, que vale ser reproduzida, na qual Jesus critica a postura elitista e hipócrita dos escribas e fariseus<sup>140</sup>, que recebiam tais títulos:

Os escribas e os fariseus sentaram-se na cadeira de Moisés. Observai e fazei tudo o que eles dizem, mas não façais como eles, pois dizem e não fazem. Atam fardos pesados e esmagadores e com eles sobrecarregam os ombros dos homens, mas não querem movê-los sequer com o dedo. Fazem todas as suas ações para serem vistos pelos homens, por isso trazem largas faixas e longas franjas nos seus mantos. Gostam dos primeiros lugares nos banquetes e das primeiras cadeiras nas sinagogas. Gostam de ser saudados nas praças públicas e de ser chamados rabi pelos homens. Mas vós não vos façais chamar rabi, porque um só é o vosso preceptor, e vós sois todos irmãos (Mateus 23, 2-8).

Os vendilhões do Templo (linha 47) também é uma referência à Bíblia, em um trecho sobre os negociantes que faziam comércio no Templo de Jerusalém. Quando Cristo lá chegou, indignado com a prática, fez um açoitado de cordéis e “lançou fora do templo, também os bois e as ovelhas, espalhou o dinheiro dos mercadores e derrubou as mesas” (João 2, 15). No mesmo enfoque, há ainda o ditado popular “A César o que é de César” (linha 83), cujo significado sugere que cada um deve receber o que merece. Na época, a chamada Terra Santa era um reino tributário do Império Romano. Quando os fariseus questionaram Jesus quanto ao pagamento de impostos aos romanos, este teria dito: “Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus” (Mateus 22, 21). Neste caso, é muito provável que o autor tenha utilizado o ditado para insinuar uma relação entre o imperador romano e o ditador Getúlio Vargas.

No final do texto, há outra intrigante inserção em que é citada a “ilha que se chama Fernando de Noronha” (linha 101). Este alerta, que o autor profere pelo discurso de Cristo, curiosamente se destaca pelo seu caráter profético. Desde o período colonial, a ilha passou a manter um presídio, o qual, em diversos períodos da história, abrigou presos políticos e grupos que, na ótica do governo, eram formados por vadios e desordeiros. Entre estes, destacam-se os ciganos do Brasil (1739), os farroupilhas (1844) e os capoeiristas (1890). O presídio, que funcionou de 1737 a 1942, foi descrito por uma reportagem da revista *O Cruzeiro* de 2 de agosto de 1930 como um “fantasma infernal para esses proscritos da sociedade”, que viviam isolados do mundo, apesar do Governo proporcionar-lhes “uma vida saudável de trabalho e de conforto”. O detalhe profético da narrativa é que, após 1938, foi implantado na ilha o Presídio Político da União. Pelo decreto nº 640, aprovado em dezembro do mesmo ano, seria criada

---

<sup>140</sup> Os escribas, também conhecidos como doutores da lei, dedicavam-se ao estudo profissional da chamada Lei de Moisés, desenvolvendo um complicado sistema de ensinamentos conhecido como a Tradição dos Anciãos. Os fariseus, por sua vez, eram conhecidos como seguidores da Lei de Moisés e da Tradição dos Anciãos, membros de um dos principais grupos religiosos judaicos.

uma colônia agrícola no local, destinada ao trabalho de “indivíduos reputados perigosos à ordem pública, ou suspeitos de atividades extremistas”.

Quanto aos encaixes, a linha de apoio cita o “Diários Humorísticos Associados”, em uma clara alusão ao grupo formado por Chateaubriand. Esta paródia satírica inicia-se na capa d’*A Manhã* de 4 de abril de 1931 (rolo 1 – p. 758), quando o periódico anuncia a formação do grupo, formado inicialmente pelo *Jornal do Commercio* e pelo *Jornal do Brasil*. Convencida de que a empresa *A Manhã* não poderia deixar de se colocar à frente das idéias daquele momento, “de acordo com o pensamento do Napoleão moderno” que dirigia “discricionariamente” o “grande arrotativo”, a “alta direção” do “hebdromedário”:

achou de bom aviso organizar, a exemplo de outras empresas congêneres, um consórcio poderoso de diversos jornais humorísticos encabeçados pel’*A Manhã*, que é o único jornal sério de momento e que precisa justamente, por isso, da colaboração de outros órgãos de leitura leve e divertida, capazes de distrair o público nesta hora cinza de câmbio baixo e gêneros altos. [...] Não é demais prevenir o nosso milhão de leitores que *A Manhã*, chefiando o novo consórcio dos *Diários Associados*, não modificará em absoluto a austeridade de sua orientação, continuando, como até aqui, a doutrinar sobre os graves problemas da atualidade, confiando, entretanto, aos outros órgãos que lhe estão subordinados, a difícil tarefa de divertir o público.

Conforme colocado no capítulo historiográfico, após o empastelamento do *Jornal do Brasil* em 1930, o então diretor do jornal, Aníbal Freire, foi substituído por Brício Filho<sup>141</sup>, que ocupou a função com o objetivo de censurar as matérias antes de serem publicadas. O “jornal das cozinheiras”, como bem se sabe, caracterizava-se pela postura dissimuladamente servil aos governos estabelecidos, condicionando-se às circunstâncias para se manter em circulação. Já o *Jornal do Commercio*, tradicional governista, caracterizava-se por seu caráter conservador e por um modelo de jornalismo extremamente elitista, cuja principal característica era a ausência de ilustrações em suas páginas (o que o tornava um jornal de difícil alcance para boa parte da população da época). Quando “incorpora” estes diários ao seu “consórcio”, Apporelly parece denotar, com uma forte carga de ironia, que considera os dois jornais uma “piada”.

A brincadeira vai continuar, a partir de então, colorindo as matérias d’*A Manhã*. Na página 8 da edição de 26 de junho (rolo 1 – p. 863), por exemplo, são anunciadas as pretensões de adquirir o *A Noite*, ainda de propriedade de Geraldo Rocha, a *Folha de Sergipe*, de Aracaju, e o tradicional *Diário de Pernambuco*, que, em junho do mesmo ano, havia sido incorporado ao *Diários Associados*. Todos devido à seriedade com que trataram algumas notícias insólitas da época. O *A Noite*, pelas matérias sobre a “Santa de Coqueiros”, uma curandeira chamada Manoelina Maria de

---

<sup>141</sup> Jaime Pombo Brício Filho (1865-1951), “político, médico, dramaturgo e jornalista. Deputado federal por Pernambuco, foi, no começo da carreira, florianista exaltado. Fundador do jornal *O Século* (1906). [...] Glutão conhecido, maníaco por turfe, assinava como Legrance uma coluna sobre corridas de cavalos” (FRADIQUE, 2004, p. 272; SODRÉ, 1999).

Jesus, que realizava milagres no interior de Minas Gerais, e uma tal “Cruz que chorava”. A *Folha de Aracaju* por abordar a história do lavrador de Jaboatão, que sonhou com o local do lendário “tesouro dos Jesuítas”, desencadeando, na época, uma disputa entre a Igreja e o Estado pela posse das terras onde supostamente encontravam-se as riquezas. E o *Diário de Pernambuco*, segundo o autor, seria comprado porque foi o jornal que melhor trato deu às notícias sobre “a captação da energia elétrica da atmosfera”<sup>142</sup>. Também é citado outro diário de Recife, chamado *Jornal Pequeno*, o qual estava excluído das intenções da empresa, já que só interessavam os “grandes jornais”. Também nas edições de 28 de agosto e 2 de outubro (rolo 1 – p. 938 e 969), o autor cita o consórcio, satirizando as negociações que Chateaubriand vinha realizando para empreender a já citada “iluminação à distância” no evento de inauguração do Cristo Redentor<sup>143</sup>.

Outro aspecto curioso na matéria é o “*copyright* d’A Manhã”, logo abaixo da linha de apoio, sugerindo a exclusividade do fantástico “furo” publicado pelo periódico. Para completar, pode-se citar ainda o chiste “era a duodécima hora (Meridiano *Greenwich* da República Nova)” (linha 28), uma tirada que satiriza o horário de verão. A partir do dia 1º de outubro de 1931, implantava-se pela primeira vez esta prática no Brasil (através do decreto 20.466, abrangendo todo o território nacional).

Há claramente três seqüências na narrativa. A primeira (linhas 1-35), que compreende a situação inicial, explica e descreve, ao longo de quatro intervalos de texto, os motivos e procedimentos que levam o “sr. Duque de Itararé” ao cume do Corcovado à meia-noite do dia anterior à publicação da matéria. A seqüência perpassa a fé do destemido poeta-soldado, bem como explicações sobre o não comparecimento à solenidade de inauguração da estátua. Depois, esboça uma crítica à exploração do “trenzinho” pela *Light* e aborda uma “máquina voadora”, apresentada pelo “amigo de infância” Santos Dumont, que o conduziria até o morro. A última parte deste trecho descreve a chegada aos pés do monumento e o contato com o “manso Rabi da Galiléia”, proporcionando o clímax da intriga. A partir de então, decorre o desenvolvimento (linhas 36-103), caracterizado pelo discurso de Cristo. O autor utiliza a voz do mítico personagem eclesiástico para desferir uma espécie de manifesto, construindo uma longa reflexão em torno dos conflitos humanos, abordando tanto o momento no Brasil, quanto o âmbito internacional. O desenvolvimento desta narrativa é muito importante para a compreensão da intersubjetividade

<sup>142</sup> Lembrando que, conforme apresentado na análise do texto 8, circulou naquele ano uma notícia sobre um operário chamado Julio Moura, que teria apresentado em Recife tal experiência.

<sup>143</sup> Foi Chateaubriand quem convidou Marconi para ligar, da Itália, as luzes do Corcovado. A experiência, devido ao mau tempo, acabou não funcionando, e a iluminação teve que ser ativada diretamente no Rio de Janeiro. Na mesma edição do texto selecionado, na página seguinte (rolo 1 – p. 983), em mais uma matéria sobre os *Diários Humorísticos Associados*, Apporelly aborda o problema ocorrido, agradecendo, apesar da falha, a tentativa de Marconi por tentar “solucionar um problema vital para o nosso caro país”.

no âmbito da produção da obra estudada, pois nele subentendem-se alguns relevantes aspectos de caráter teleológico quanto à criação do personagem Itararé pelo autor. Estes vão ser mais bem desenvolvidos na última parte deste capítulo, junto à análise do plano da expressão. O desenlace (linhas 104-113) se dá com o fim do sermão e o retorno do “destemido comandante em chefe das Forças Revolucionárias” À *Manha*, onde o mesmo redige o texto em questão.

O protagonista, cujas ações são marcadas pelas mesmas características dos textos anteriores, interage com um adjuvante que constitui o núcleo temático da narrativa, e, neste caso, os dois constituem os únicos agentes claramente ativos na cena construída. Quanto ao Duque de Itararé, além do intenso grau de qualificação de sempre, destaca-se, entre as diversas identificações que constituem uma analepse às edições anteriores<sup>144</sup>, a reincidência do título de barão nas palavras do messias. Duas suposições podem ser formuladas a partir desta inserção. A primeira é de que o personagem Jesus estaria usando esta identificação como uma manifestação de menosprezo à promoção para o ducado. A segunda é de que o título de barão seria o mais popular, e, neste caso, refere-se ao tratamento dado a Apparício Torelly no âmbito do não-texto – a frase “muitos crêem que sejas, de fato, barão” (linhas 97-98) é um indício de que, na vida real, Apporelly já estaria sendo tratado por esta alcunha. Quanto ao adjuvante, o seu alto grau de distribuição e funcionalidade é acompanhado por uma grande autonomia, ocupando, ainda que voltado para o protagonista, a maior parte da narrativa. Trata-se de uma grande cartada do autor no sentido de explorar o imaginário público em torno de uma figura universal, apropriando-se do momento histórico propício para construir uma crítica contundente.

Quanto aos elementos decorativos, todos manifestos no discurso dos agentes das ações, destacam-se, além dos já citados, outras figuras bíblicas. Os quatro cavaleiros do Apocalipse (linha 51), mencionados no último livro da Bíblia, são comumente descritos como portadores da infelicidade e das grandes desgraças humanas: a guerra, a doença, a fome e a morte. E a expressão “ressuscitar os Lázarus” (linha 74), parece suscitar mais que uma simples referência ao personagem que Jesus restituiu a vida, já que a acepção da palavra lázaro também sugere os miseráveis, famélicos e destituídos de qualquer categoria social. São citados ainda Santos Dumont (linha 22), dessa vez caracterizado como “amigo de infância e companheiro de estudos” do “nosso querido diretor”; e Withaker (linha 73), referência a José Maria Whitaker (1878-1970), advogado, banqueiro e político brasileiro, então ministro da Fazenda, nomeado desde a posse do Governo Provisório.

---

<sup>144</sup> Por exemplo, “engenheiro-eletricista” (linha 20), com conotação científicista, similar ao “notável físico” no TEXTO 8; “marechal-almirante” (linha 98); Senhor Feudal do Cantagalo (linha 106); e “comandante em chefe das Forças Revolucionárias em operações na América do Sul” (linha 110).

## 6.5 Grão-Duque de Itararé (1931)

O texto<sup>145</sup> que ilustra a promoção para este título foi publicado menos de um mês depois do anterior, compartilhando praticamente o mesmo momento. O conteúdo parodia uma postura típica dos jornais da época, quando os veículos eram utilizados em defesa dos seus proprietários, manifestando explicitamente estes conflitos em suas páginas.

Conforme visto na apresentação do *corpus*, o Grão-Duque de Itararé acaba caracterizando uma honraria de curta duração, permanecendo apenas nas edições de 6 e 13 de novembro de 1931. Na verdade, esta identificação está relacionada à matéria na capa da edição anterior ao seu surgimento, publicado em 30 de outubro (rolo 1 – p. 998), e está pontualmente relacionada a outro detalhe histórico da época. A análise iniciará com este encaixe.

**TEXTO 11:** com a crise de 1929, o preço do café despencou e, em 1931, o preço da saca valia um terço do que custava antes da Grande Depressão. Em 16 de maio de 1931, pelo decreto nº 20.003, o Governo Provisório, atendendo a reivindicações das oligarquias cafeeiras, criou o Conselho Nacional do Café (CNC) como parte do processo de federalizar a política agrícola de defesa do café e regulamentar o mercado nacional. Na fase inicial da estratégia adotada, decidiu-se destruir os estoques de café excedentes, buscando forçar a elevação do preço no mercado internacional. Os métodos utilizados para este intento incluíam o despejo do produto no mar, a sua utilização como combustível em locomotivas, a utilização como adubo ou a incineração. Apesar das inúmeras críticas, o método mais recorrente foi a queima do café, cuja lenta combustão fazia com que eliminação de 15.000 sacas levasse em torno de duas semanas. O ministro Whitaker, opositor da prática, pediria demissão do cargo em 16 de novembro do mesmo ano, sendo substituído por Oswaldo Aranha (PELÁEZ, 1973).

Há um registro na *Folha da Manhã* (SP) do dia 3 de janeiro de 1932, relatando uma experiência bem sucedida da utilização do café em locomotivas da Estrada de Ferro Central do Brasil. Segundo o jornal, um trem de carga utilizando o café como combustível teria cumprido o seu percurso em aproximadamente duas horas, sem quebra de pressão, gastando 2.912 quilos de café. A matéria d’*A Manhã* citada anteriormente (30/10/1931, rolo 1 – p. 998) que vai inspirar o surgimento do Grão-Duque, aborda exatamente este enfoque do assunto. Neste texto, o ainda Duque de Itararé desenvolve uma locomotiva que não apenas utilizava o café como combustível, como também o aproveitava como bebida: “das torneiras do lado, corria um magnífico café expresso, [...] aparado em canecas pelos convidados e saboreado com verdadeira emoção”. A invenção da

<sup>145</sup> 11) “REBATENDO A CALÚNIA”, publicado em 06/11/1931.

“locomotiva-cafeteira” levaria, na edição subsequente (rolo 1 – p. 1008), os “representantes da lavoura paulista” a pedirem para o presidente Vargas a elevação do “exmo. Sr. Duque de Itararé [...] à dignidade de grão-duque de Itararé”. Segundo a explicação do próprio autor, ligar o grão, que é o “símbolo da lavoura”, ao título de Duque do “emérito engenheiro de pontes e calçadas”, é ligar o destino desta personalidade “ao porvir do programa nacional, tudo simbolicamente”.

O núcleo temático do texto selecionado é uma acusação “infundada”, promovida por “covardes e miseráveis maldizentes”, de que o “sr. Grão-Duque de Itararé” teria recebido “uma importante maquia” do Olho de Moscou. Não foi encontrado qualquer gancho que explicasse a tal “acusação”, mas sabe-se da inclinação de Apporelly para o comunismo e das suas peripécias em torno do chamado “Olho de Moscou”. Conforme visto na análise do texto 2, já na primeira fase d’A *Manha*, em 1927, “o nosso querido diretor” revelava que vinha sendo “seduzido” pelo Olho de Moscou. E, conforme aponta Alves (2008, p. 24):

Após a Revolução Russa, e mais intensamente a partir da década de 1930, os comunistas passaram a compor, então, o rol de figuras que ameaçavam a política tal como ela existia no Brasil. Considerava-se que ser comunista já era se colocar a margem dos valores que a sociedade propugnava como os mais adequados para a sua existência.

Não sendo possível detectar com precisão os tais “detratores”, a interpretação limita-se a deduções baseadas no segundo parágrafo (linhas 9-11), de modo que a matéria tanto poderia ser uma referência a alguma insinuação em algum jornal da época, talvez ao comentário de alguém publicamente ou pessoalmente dirigido à Apporelly, ou ainda alguma intimação do próprio governo (nenhum destes casos é explicitamente sugerido na narrativa). Considerando-se o caráter generalista com que é colocado o assunto no texto, pode ser que seja pura e simplesmente uma invenção criativa do autor. Também aparece uma referência ao chamado “ouro de moscou” (linha 43), mas historicamente esta expressão seria mais comumente utilizada a partir de 1936. Com a eclosão da Guerra Civil Espanhola, o governo republicano da Espanha teria repassado suas reservas de ouro à União Soviética em pagamento pelo apoio militar recebido. Segundo estudos, a fortuna equivaleria, nos dias de hoje, à quantia de 8.200 milhões de euros (MARTÍN ACEÑA, 2001).

Quanto à narrativa em si, a situação inicial (linhas 1-8) é marcada por um típico “nariz de cera”, colorido por uma série de virulentos insultos aos supostos oponentes do “nosso querido diretor”. Pode-se dizer que o suspense que esta seqüência suscita proporciona o clímax, ao acrescentar uma exagerada dramaticidade ao conflito estabelecido. O desenvolvimento (linhas 9-45) prolonga a tensão, com a defesa do proprietário da folha, e uma clara ameaça do jornal, prometendo contra-atacar as acusações caso não sejam apresentadas as provas (linhas 21-28) – aliás, este trecho marca o forte tom editorial do texto. Segue-se a descrição do protagonista, em choro,

frente à reportagem do seu jornal, abatido com as calúnias que abalaram sua “honorabilidade” (linhas 30-45). O trecho aponta uma ambigüidade em que a tristeza parece decorrer não apenas das mentiras veiculadas, mas também do fato do “nosso querido diretor” não ter recebido o dinheiro. Outro aspecto interessante nesta seqüência são os discursos diretos, precedidos por travesões, que costumavam ser utilizados pela imprensa da época. O epílogo (linhas 46-48) não resolve o conflito, e apenas encerra o episódio com os funcionários retirando-se em respeito à “dor” do chefe. A princípio, aponta uma prolepse, mas a trama não será mais abordada no periódico.

O protagonista, às voltas com o seu polêmico envolvimento com o comunismo, interage basicamente com a reportagem do seu jornal. Há um oponente oculto, responsável pelas calúnias, cujas ações são apresentadas apenas pelo discurso do jornal. O principal adjuvante é a equipe de funcionários do jornal, que, neste texto em especial, demonstra enfaticamente a sua devoção e solidariedade ao chefe. Em meio ao alto grau de qualificação do protagonista, novamente são recuperados diversos títulos e denominações acumulados ao longo da sua trajetória no periódico. Entre estas, aparecem duas referências que merecem destaque. A primeira (linha 7), Moisés do Cantagalo, indica uma provável alusão ao texto 10, no qual o protagonista entrevista Cristo. A brincadeira sobre a Praia Vermelha, localizada na Urca, Rio de Janeiro, é baseada em outra passagem bíblica, na qual Moisés “abriu” as águas do Mar Vermelho para a travessia dos judeus escravizados, que fugiam dos soldados egípcios. A outra, que cita o escritor e poeta francês Victor Hugo (1802-1885), refere-se aos 15 anos de exílio que este passou em Guernsey, uma ilha britânica no Canal da Mancha, após o golpe de Napoleão III em 1851. Apesar de ter apoiado a revolução de julho de 1830 na França e a ascensão da monarquia constitucional de Luís Filipe, o Rei Burguês, com o passar do tempo, Hugo tornou-se republicano. Em 1848, apoiou a revolução que acabou derrubando o monarca, na chamada Primavera dos Povos, tornando-se, logo após, deputado pelo Partido Conservador da França.

## 6.6 Sua Majestade Itararé I (1931-1932)

Dois textos<sup>146</sup> foram selecionados para apresentar o período em que o personagem-tema é coroado Imperador. A primeira matéria, publicada na capa da edição de 21 de novembro de 1931 (rolo 1 – p. 1023 e 1030), diz respeito à origem da condecoração. A outra, publicada na página 8 da edição de 2 de janeiro de 1932 (rolo 2 – p. 18), ilustra o envolvimento recorrente, na trajetória do Barão, com ilustres personalidades do cenário internacional.

<sup>146</sup> Respectivamente: 12) “MANIFESTO À UNIÃO DAS REPÚBLICAS SOCIALISTAS DA AMÉRICA DO SUL”, publicado em 21/11/1931; e “A CAMPANHA DE DESOBEDIÊNCIA NAS ÍNDIAS”, publicado em 02/01/1932.

**TEXTO 12:** a situação inicial da narrativa (linhas 1-11) apresenta as linhas básicas sobre a qual se desenvolve a coroação de “Itararé I, Imperador da União das Repúblicas Socialistas da América do Sul”. O trecho “o homem está em contato permanente com o ambiente que o determinou” (linhas 3-4) indica a motivação da novidade, já que este título é uma ampliação hiperbólica de proporções ainda maiores, dentro da sátira ao que Apporelly definiu como uma “monarquia republicana”. Este ponto, em especial, indica que a nova promoção é um reflexo direto do contexto sócio-histórico em que está surgindo, em uma referência ao pensamento oriundo do determinismo geográfico de Friedrich Ratzel, que viria a influenciar o ideário marxista. O final desta sequência (linhas 8-11) aponta uma peculiar visão de mundo, por um ângulo que parece denotar um interessante ponto de vista do autor. A revolução, no sentido inicialmente proposto, está implícita às constantes transformações que determinam cada detalhe da vida a cada instante. O autor coloca que, aquele que não acompanham estas transformações é um homem morto (de fato), pois a revolução é a idéia em marcha (idéia no sentido de “criação, inovação”, e marcha no sentido de “andamento”). Porém, conclui que “o homem que marcha com a idéia, marcha para a revolução”. Neste caso, parece haver uma sutil distinção semântica no significado das mesmas palavras (o verbo marchar parece denotar “ir em busca de, procurar”, enquanto idéia, neste caso, parece sugerir “conhecimento”). É uma interpretação que se alinha à crença de Apporelly na consciência dos homens como um dos mais importantes meios de libertação.

Em seguida, são apresentados alguns aspectos da situação internacional, que expõem o preocupante quadro no qual se insere o Brasil. A Liga das Nações (linha 15) foi um organismo internacional criado a partir do Tratado de Versalhes, após o término da Primeira Grande Guerra. Seu principal objetivo era assegurar a paz mundial, após os traumas provocados pela dimensão destrutiva do conflito que o originou. A organização fracassou em seu principal objetivo, ao não conseguir frear a corrida armamentista que se acirrou em países como Alemanha e Japão a partir de 1930. O fato da Liga das Nações não conseguir a adesão de importantes nações ao seu ideário pacificador é considerado um prenúncio da Segunda Guerra Mundial. Neste ponto, é interessante perceber a atenção de Apparício Torelly aos acontecimentos que o cercam. Ao longo dos textos analisados até agora, destaca-se a capacidade do jornalista em antever certas situações de sua época.

O próximo entretítulo introduz um trecho em que o autor incita “as nações de pigmeus” (referência ao nanismo que assola países subdesenvolvidos) a governarem a si mesmas com consciência, o que reforça a crença do autor na revolução a partir do conhecimento. A expressão “com que roupa” (linha 22), no final deste trecho, é uma referência ao primeiro grande sucesso

de Noel Rosa (1910-1937), lançado ainda em 1930. No período, Apporelly freqüentemente brincava com o título da música nos textos d'A *Manha*. A narrativa prossegue com a citação do decreto 20.656, que determinava o processo e julgamento, pela Justiça Militar, dos atentados contra a ordem pública ou contra os governos da união e dos estados, sejam eles praticados por militar, assemelhado, ou civil. Trata-se de uma referência à política repressiva do governo Vargas. A relação entre capital e trabalho proposta nesta parte é uma típica incursão marxista, envolvendo a questão do assalariamento e a construção da mais-valia. Assim, o autor aponta sua posição quanto ao subjugo da força de trabalho à lógica que distribui os resultados de modo desigual, levando à concentração do capital para o proprietário do meio de produção.

Nas próximas inserções, o narrador introduz uma crítica que ironiza a passividade e a ignorância do povo e prepara o terreno para a coroação do personagem. Primeiramente, compara o povo a bondes, que precisam de um condutor para guiá-los, para movê-los. Em um segundo momento, refere-se ao mesmo como “rãs”, em alusão direta ao título da historieta do fabulista francês La Fontaine (1621-1695)<sup>147</sup>. A expressão “batráquios”, no contexto do discurso direto em que está inserida, contém uma forte conotação pejorativa, suscitando inferioridade e ignorância. Pois o povo, mesmo desprezado pelo tirano que aclama, continua a ovacioná-lo. A narrativa prossegue com a conseqüente consumação discricionária do título, em uma grande sátira não só ao governo brasileiro, mas também, possivelmente, à onda de ditadores arbitrariamente empossados, que vinha assolando o mundo naquele momento. O manifesto final apresenta mais alguns elementos que reforçam esta interpretação. A “Ordem do Cavalo Branco” (linha 60), na verdade, não existe. Ou seja, não representa apenas mais uma sátira aos títulos e honrarias nobiliárquicos. É também uma referência simbólica a Napoleão Bonaparte (1769-1821), ou Napoleão I, militar que se tornou Imperador da França em 1804 e que se manteve no poder da França durante 16 anos, período em que conquistou grande parte da Europa. E, no final (linha 65), a

---

<sup>147</sup> A fábula, intitulada *As rãs pedem um rei*, assim conta: “Era uma vez uma Lagoa de rãs, sapos, salamandras, lagartos, cobras, enfim, uma Lagoa... As rãs faziam a maior orquestra com sapos e pios de pássaros, urros de feras e animais grandes que vinham beber. Em uma reunião das rãs, uma das mais descontentes, fez saber que todos os animais tinham seu Rei e as rãs não. A assembléia então pediu para fazerem o pedido diretamente ao Senhor Júpiter para que ele mandasse um Rei às rãs da Lagoa. Aceito o pedido, no dia seguinte no toco em que as rãs viam o trono do futuro rei, apareceu uma rã, toda imponente e Júpiter anunciou que essa era o Rei das Rãs. Começou a haver discussões já desde o primeiro julgamento e as descontentes reclamaram - O Rei é igual a todos nós e ninguém respeita, além de que reclama de tudo! No dia seguinte acordaram com a queda de um grande toco de árvore jogado ao meio da Lagoa e Júpiter anunciou: Esse é seu novo Rei! As rãs começaram assustadas com o tamanho do tronco e ficaram olhando de longe e como nada acontecia, foram chegando e depois de pouco subiam sobre ele, e nada! Voltaram a reclamar: Não faz nada! Não sabe de nada! Queremos um Rei que mande! Passou a terceira noite e no dia seguinte havia uma forte serpente enrolada no tronco e quando as rãs foram chegando, de vez em quando devorava uma das que se atreviam a subir ou aproximar-se demais. Quando as rãs voltaram a reclamar, Júpiter lhes avisou – Agora agüentem! Eu atendo até três pedidos! Se não serve Rei igual a vocês, não serve também sem governo, a terceira opção fica aí para aprenderem a defender-se”.

frase “o Estado *c’est moi*”<sup>148</sup> é uma referência a Luís XIV (1638-1715), conhecido como “Rei-Sol”, o maior monarca absolutista da França, que reinou entre 1643 e 1715.

A narrativa se desenvolve (linhas 12-51) em torno de um longo discurso com uma conotação bastante panfletária, que ocupa mais da metade do texto, carregando-o com um tom bastante editorializado. O clímax vai ocorrer no final desta seqüência (linhas 36-51), quando a postura do personagem com relação ao povo rompe com o discurso progressista que vinha sendo desenvolvido até então, e assume ares de uma ironia com conotação despreziva. O desenlace (linhas 52-65) ocorre com a coroação e o manifesto de posse do Imperador, que, atendendo ao anseio popular, assume o controle e apresenta-se como solução para os diversos problemas (conflitos) apontados ao longo da intriga.

Do início do texto até a linha 40, o protagonista, conforme aponta a linha de apoio, praticamente não aparece, à exceção da linha seis, na qual é descrito como referência da “tradição heróica da raça”. Como boa parte do texto é dedicada a construir o contexto e as reflexões que vão determinar a construção da nova identificação deste personagem, a sua distribuição na narrativa é reduzida. Nas partes em que o protagonista manifesta-se, as qualificações permanecem seguindo a mesma linha dos textos anteriores, incluindo algumas variações criativas que, como nos demais, não apresentam regularidade. É importante destacar que a nova identificação faz uma referência explícita à União Soviética. Os adjuvantes incluem o povo (a “plebe ululante” – linha 44), que impulsiona a promoção do protagonista, e os auxiliares (linha 54), que, como nos outros textos apresentados, representam lacaios do condutor das ações. No mais, alguns elementos decorativos colorem a narrativa, como, por exemplo, Al Capone (1899-1947), o famoso gangster ítalo-americano; o cangaceiro Lampião (1898-1938); o general Joseph Jacques Césaire Joffre (1852-1931), importante general francês, conhecido pela vitória sobre os alemães, na Primeira Guerra Mundial, na chamada Primeira Batalha do Marne; e Irineu Machado (1872-?), advogado e político brasileiro, todas personalidades contemporâneas à época.

**TEXTO 13:** em 1930, em sua luta pacífica pela independência indiana, inspirada na prática da desobediência civil e calcada na utilização de protestos não-violentos, o advogado e ativista político indiano Mohandas Karamchand Gandhi (1869-1948), popularmente conhecido como Mahatma Ghandi, promoveu uma imensa mobilização na Índia, que ficou conhecida como “Marcha do Sal”. A Índia, sob controle político da coroa britânica, sofria com uma série de sanções impostas pelo governo inglês. Entre estas, as cha-

---

<sup>148</sup> Originalmente “*L’État c’est moi*” (O Estado sou eu).

madras “Leis do Sal”, que proibiam os hindus de fazer seu próprio sal, constituindo uma política monopólica que afetava diretamente as classes mais baixas. Em protesto, Ghandi deu início a uma longa caminhada em direção à empresa *Dharasana Salt Works*, visando chegar ao mar e produzir sal. Ao longo de vinte e quatro dias, o movimento conseguiu a adesão de milhares de pessoas. Ghandi, juntamente com uma enorme quantidade de insurretos, foi preso antes mesmo de chegar ao destino. Cerca de 2.500 voluntários continuaram a marcha até serem detidos.

A repercussão internacional do evento, entretanto, abriu precedentes para um acordo, e, em março de 1931, foi firmado o Ato de Déli. Com este, os prisioneiros foram libertados, a fabricação de sal voltou a ser permitida na costa e a onda de desobediência civil foi temporariamente cancelada. Em setembro do mesmo ano, Ghandi vai a Londres para tentar novamente negociar a independência da Índia. Tendo seu pedido negado, volta à sua terra natal no final de dezembro. No dia 1º de janeiro de 1932, o chamado Comitê de Trabalho do Congresso, organizado por Ghandi, decide retomar a desobediência civil na Índia e, no dia 2, o líder hindu concede uma entrevista à Associated Press, na qual discorre sobre a decisão. Dois dias depois, o ativista seria novamente preso.

Outros aspectos de caráter histórico aparecem, como “Cortes Gerais” (linha 5) e “Cortes Constituintes” (linha 15), referências ao órgão soberano na organização política das monarquias. Já o “cordão de Isabel, a Católica” (linhas 9-10) diz respeito não apenas à condecoração honorífica da Espanha, conhecida como Ordem de Isabel a Católica, mas também ao fato de que a rainha Isabel I (1451-1504) apoiou a viagem de Cristóvão Colombo através do Oceano Atlântico com o objetivo de chegar à Índia. Na ocasião, o navegador acabou descobrindo a América. Além destes, é citado o “Congresso Nacional Hindu” (linha 2), partido fundado em 1885, que liderou o movimento pela independência da Índia. Ghandi foi presidente deste partido em 1924.

A narrativa em questão também traz marcas da estrutura típica dos textos noticiosos. A situação inicial (linhas 1-3), tal qual no texto 9, apresenta um esboço quase completo de lide, contemplando o *quando* (“ontem” – linha 2), o *quê* (reinício da “campanha de desobediência civil” – linha 3), o *onde* (“nas Índias” – linhas 2-3), o *quem* (“mahatma Ghandi” e “S.M. Itararé I, imperador das Ursas” – linhas 1-2) e o *como* (“comunicação particular” – Lina 1). O “fato” sucintamente descrito nesta breve seqüência também já determina o clímax da intriga, tanto pela retomada do conflito na Índia, quanto pela inusitada missiva encaminhada a Itararé I. O desenvolvimento (linhas 4-20) apresenta basicamente a consulta do “monarca” às suas Cortes Gerais, prolongando o clímax em torno da reunião realizada, em

uma construção narrativa na qual novamente se destaca a utilização do discurso direto. Uma espécie de novo conflito se estabelece em torno do consentimento, ainda que óbvio, da tal “assembléia”, que, por fim, vota favoravelmente ao intento do chefe. O epílogo (linhas 21-28) descreve a retirada de Itararé I a “seus aposentos particulares” e a ligação, através do “seu aparelho portátil de onda curta”, que estabelece contato permanente com Ghandi. A última oração (linhas 27-28) traz uma prolepse, antecipando a possibilidade de continuação do assunto abordado, o que realmente acontece. Na capa da edição posterior, de 9 de janeiro (rolo 2 – p. 19), o assunto seria retomado.

O protagonista, identificado como “S. M. Itararé I, Imperador das Ursas”<sup>149</sup>, mantém a semelhança das características comuns à maior parte dos demais textos, sem apresentar aspectos que mereçam comentário. O principal adjuvante, ao contrário do que sugere a linha de apoio, é “as Cortes Gerais”, pelo grau de distribuição e funcionalidade que apresenta na narrativa. Não há como precisar se as Cortes Gerais de Itararé são os funcionários d’*A Manha*, mas apresentam o mesmo caráter subserviente e generalista já identificado nas narrativas anteriores. Igualmente ocorre com o “camareiro secreto” (linha 22).

## 6.7 Itararé I, o Brando (1932)

Três textos foram escolhidos<sup>150</sup> para ilustrar o adendo “o Brando” ao título de Imperador, recebido em meio a uma confraternização oferecida por Itararé I, na sua “vivenda no morro Cantagalo, [...] aos membros do campo diplomático acreditados junto ao governo, representantes do S. C. dos Tenentes<sup>151</sup> e outras associações carnavalescas”. Criada na página 8 da edição de 9 de janeiro de 1932 (rolo 2 – p. 26), esta “honraria” foi concedida por todos os presentes em função dos “sentimentos de bondade e cavaleirismo” de Itararé. Na verdade, trata-se de um trocadilho com o verbo obrar (obrando), cuja acepção também sugere “expulsar os excrementos; defecar; [...] sujar-se de matéria fecal” (HOUAISS, 2001). A partir de então, este típico exemplo de humor escatológico será constantemente utilizado junto à identificação do personagem.

Quanto aos textos selecionados, o primeiro apresenta, em tom noticioso, a participação de Itararé, o Brando, nos festejos em comemoração aos 367 anos da fundação do Rio de

<sup>149</sup> Leia-se “Sua Majestade Itararé I, Imperador da União das Repúblicas Socialistas da América do Sul”.

<sup>150</sup> Respectivamente: 14) “AS COMEMORAÇÕES DO DIA DA CIDADE”, publicado em 23/01/1932; 15) “INOMINÁVEL ATENTADO CONTRA AS NOSSAS OFICINAS”, publicado em 04/03/1932; e 16) “A PASTA DA GUERRA”, publicado em 11/06/1932.

<sup>151</sup> Significa *Sport Club dos Tenentes*. Apporelly referia-se à organização tenentista chamada Clube 3 de Outubro (para saber mais, ver *As Manhas* de 21/08/1931, capa – rolo 1, p. 923 e 19/12/1931, página 6 – rolo 1, p. 1061).

Janeiro. A matéria é mais um exemplo da aproximação das narrativas n’*A Manha* com os textos jornalísticos da época. O segundo traz uma abordagem muito interessante sobre a represália à imprensa que fazia oposição ao governo Vargas, enfocando especificamente o caso do empastelamento do *Diário Carioca*. E o terceiro é uma espécie de nota noticiosa com teor opinativo, em esclarecimento sobre um boato quanto à indicação de Itararé para ocupar o Ministério da Guerra. Além de esboçar mais alguns elementos característicos da imprensa da época, o texto também retoma aspectos da funcionalidade do personagem junto aos grandes assuntos do cenário político nacional.

**TEXTO 14:** costuma-se, por tradição, comemorar o dia da fundação do Rio no dia 20 de janeiro, junto ao dia do padroeiro da cidade, São Sebastião. Entretanto, a cidade foi fundada no dia 1º de março de 1565, com o nome São Sebastião do Rio de Janeiro. Desde 1555, os franceses dominavam a região da baía da Guanabara. O então governador-geral do Brasil<sup>152</sup>, Mem de Sá, com apoio da coroa portuguesa, nomeou seu sobrinho, Estácio de Sá, capitão da armada destinada a resolver o problema. A data de fundação e o nome da cidade dizem respeito ao dia em que os portugueses desembarcaram num istmo entre o morro Cara de Cão e o Pão de Açúcar, local onde edificaram uma fortificação improvisada e se estabeleceram. Durante quase dois anos, o grupo de Estácio de Sá lutou contra os índios e franceses pela posse do local. Em janeiro de 1567, após chegarem reforços de Mem de Sá, finalmente os portugueses conseguiram conquistar a região. O feriado passou a ser celebrado a partir do ano seguinte, 1568, junto às comemorações do dia de São Sebastião.

Observa-se que os lugares apontados no final da narrativa (linhas 28, 34 e 35) são todas referências aos lugares históricos onde se instalaram os conquistadores portugueses. Igualmente, são citados o bairro da Urca e a Esplanada do Castelo, tradicionais localidades da capital carioca. Entretanto, sobre o monumento citado pelo autor (linha 11), não foi possível localizar qualquer informação. Ainda quanto à recomposição da intriga, o “chapéu do Chile, do Panamá” (linha 18) possivelmente é mais uma referência à vida privada de Apparício Torelly<sup>153</sup>. Na época, este tipo de chapéu tornou-se uma espécie de febre, e era comumente usado, inclusive por personalidades ilustres, como Getúlio Vargas e Santos Dumont. Conforme

<sup>152</sup> Que, entre os diversos nomes que recebeu, inclui-se Terra de Santa Cruz; por isso a referência no final do texto (linha 36).

<sup>153</sup> Embora também possa ser uma referência ao levante iniciado com a revolta do baixo escalão da Marinha Chilena em setembro de 1931, quando os marujos amotinados tomaram os navios, prenderam oficiais, criaram comitês de marinheiros e içaram bandeira vermelhas nas embarcações. Há diversas edições subsequentes em que Apparício Torelly vai acompanhar os eventos no Chile, nos quais esta relação fica mais evidenciada (ver *As Manhãs* de 11/06/1932, páginas 4 e 8 – rolo 2, p. 196 e 200; e 18/06/1932, página 5 – rolo 2, p. 205).

mostra a foto na capa deste trabalho, Apporelly, assim como os amigos que o acompanham, também aderiram à moda. É provável que esta inserção, então, represente uma alusão que liga o personagem ao homem.

A situação inicial (linhas 1-12) começa com uma descrição das atitudes tanto do quadro funcional d'A *Manha*, quanto do “diretor integral” do “grande rotativo” frente ao feriado, que é arbitrariamente tratado como “ponto facultativo”. A empresa, por sua vez, novamente é caracterizada tal qual uma repartição pública. A seqüência encerra esboçando um lide sobre a participação do “sábio e magnânimo monarca” no evento oficial, em comemoração ao dia da cidade, que vai introduzir o desenvolvimento (linhas 13-24). Este, por sua vez, prolonga o clímax iniciado no parágrafo anterior, que posiciona o protagonista como figura central na solenidade descrita. Ou seja, o desenvolvimento basicamente opera no sentido de impulsionar positivamente o personagem junto ao acontecimento. E o desenlace (linhas 25-36) vai apresentar, seguindo a mesma linha das seqüências anteriores, os passos de Itararé I, o Brando, ao longo do resto do dia, depois da participação na cerimônia.

A brincadeira mais curiosa, neste caso, é que o título da matéria sugere foco na cerimônia. Entretanto, conforme se pode perceber, a narrativa se desenvolve quase que integralmente em torno do protagonista. Ou seja, o acontecimento central nesta narrativa não são “as comemorações” no dia da cidade, mas “a comemoração” de Itararé I, permeada pelas tradicionais e hiperbólicas qualificações que o caracterizam. Os adjuvantes com maior grau de funcionalidade neste texto são, de modo associado, os diversos criados do protagonista, sempre identificados genericamente: “laboriosos operários do pensamento” (linha 1), “seleta assistência” (linha 15), “diversos secretas da Polícia Central” (linhas 27-28) e “sua comitiva” (linha 34). Há também uma divertida alusão às tietes que aparecem durante o passeio do “Imperador”, genericamente caracterizadas como “elemento feminino” (linha 29). O chefe do Governo Provisório, identificado como “G. Tulio Vargas” (linha 10), também opera de modo subserviente, ao servir de “ajudante de pedreiro” do protagonista na cerimônia.

Afora estes, aparecem ainda dois elementos decorativos que também impulsionam o herói. Os “gratuitos desafetos” (linha 22) são uma representação genérica de possíveis inimigos. E o “conselheiro Saraiva” (linha 23) é uma referência à personalidade histórica José Antônio Saraiva (1823-1895), destacado advogado e político brasileiro do Segundo Império, durante o reinado de Dom Pedro II. Como último ponto, cabe observar a caracterização peculiar “nosso brilhante colega de imprensa” (linha 36), que o autor utiliza para Mem de Sá.

Trata-se de uma ironia muito sutil, de difícil interpretação. Sabe-se que na época de Mem de Sá (1500-1572), a imprensa ainda encontrava-se nos primórdios do seu desenvolvimento. Assim, pode-se arriscar que, talvez, o autor tenha feito uma transposição para a sua própria realidade no presente, especificamente baseada na visão que ele mesmo propõe no seu periódico, a partir da posição social da personalidade histórica situada na época do Brasil colônia. Afinal, Mem de Sá foi advogado de formação, fidalgo e político, características comuns aos proprietários dos grandes jornais contemporâneos a Apporelly, os quais satiriza através de Itararé nas páginas d'*A Manhã*.

**TEXTO 15:** no dia 25 de fevereiro de 1932, aproximadamente à meia-noite, o *Diário Carioca* sofreu um atentado às suas oficinas por um grupo ligado ao Clube 3 de Outubro em função da campanha que vinha desenvolvendo pela constitucionalização do país. Sabe-se que, em meio às disputas políticas no interior do Governo Provisório, acirravam-se as divergências entre aqueles que desejavam o retorno ao regime constitucional e o grupo liderado pelos tenentistas, que defendiam a manutenção do regime de exceção. Diversos indícios historiográficos sugerem que a ação dos “tenentes” tenha partido de uma ordem direta de Vargas, o que, na época, acabou desencadeando um agravamento ainda maior na crise entre os revolucionários<sup>154</sup>. Em alguns estados, quase todos os jornais suspenderam sua circulação por um dia em protesto ao acontecimento, e, a partir de então, a grande maioria da imprensa da época, principalmente a do Distrito Federal, passou a fazer oposição a Getúlio. Após o ocorrido, O Chefe

---

<sup>154</sup> Segundo dados da Fundação Getúlio Vargas, o Chefe de Polícia do Distrito Federal nomeado por Vargas, João Batista Luzardo, e o Ministro da Justiça, Maurício Cardoso, procuraram apurar as responsabilidades do empastelamento, mas Vargas impediu a continuação das investigações. O próprio Luzardo viria depois a descrever o fato:

Estava em minha residência quando, por volta das 23 horas, recebi um comunicado, pelo telefone especial, de que algo de anormal se passava na praça Tiradentes, porque se ouviam descargas sobre descargas. Telefonei, como era de meu hábito, para a 4ª Delegacia Auxiliar, à frente da qual se encontrava o Sr. Salgado Filho, perguntando o que ocorria. Sua excelência não se achava na Repartição. Tomei, então, providências imediatas para que o delegado de serviço corresse à praça Tiradentes, enquanto eu mesmo me movia, de casa, diretamente ao local do crime. Quando cheguei à praça Tiradentes, encontrei três caminhões, todos cheios de praças do Exército, que debandavam. [...]. Dez minutos depois, chegavam também o Sr. Flores da Cunha e o Sr. José Américo, ministro da Viação. Ainda encontramos cinco homens, empregados da redação, caídos, dois gravemente e três levemente feridos por armas de guerra, os quais enunciavam os nomes das pessoas que haviam comandado a escolta ou força atacante das oficinas do matutino carioca.

Posteriormente informando sobre o acontecimento pelo ministro Maurício Cardoso, o chefe do Governo Provisório teria respondido: “Mas o que queres que eu faça? Pois os rapazes fizeram isso porque o *Diário Carioca* estava me atacando? Não posso ser contra eles!”. Luzardo conclui que:

O senhor Getúlio Vargas, forçosamente, deveria ter sido previamente informado desse assalto, se é que não foi ele o seu próprio idealizador. As precauções e cautelas tomadas pelo sr. Oswaldo Aranha, ao informá-lo do ocorrido, bem demonstram que sua missão foi a de comunicar-lhe, não uma novidade ou surpresa, mas sim a maneira pela qual suas ordens haviam sido cumpridas.

de Polícia, João Batista Luzardo, e o ministro da Justiça, Maurício Cardoso, bem como outros políticos gaúchos, exoneraram-se de seus cargos.

Em paralelo a este acontecimento, há outros fatos relacionados à época que perpassam a narrativa. Olegário Maciel, que se tornara interventor do estado de Minas, foi um dos grandes apoiadores do golpe de 1930, conforme já visto. Tanto que foi o único governante estadual mantido no cargo após a revolução. Entretanto, um tumultuado processo político configurou-se em Minas Gerais a partir de então. Olegário apoiaria a formação de uma agremiação de inspiração fascista, a Legião de Outubro, criada para oferecer apoio ao novo regime. Entretanto, esta iniciativa desencadeou um conflito entre as bases políticas do Partido Republicano Mineiro (PRM). Liderados pelo ex-presidente Artur Bernardes, parte de seus membros se opôs à incorporação do PRM à Legião de Outubro, e a divergência levou ao enfraquecimento do partido. Vitimado por uma fracassada tentativa de golpe do governo federal, articulada por Oswaldo Aranha em agosto de 1931, tentou unificar as forças políticas mineiras em torno da criação do Partido Social Nacionalista. No início de 1932, passou a declarar sua simpatia pela reconstitucionalização do país, mas, com a eclosão do Levante Paulista, que ocorreria em julho do mesmo ano, acabou optando por ficar ao lado das forças governistas.

O advogado e político Adolfo Bergamini, por sua vez, foi nomeado interventor do Distrito Federal após a Revolução de 1930. Mas uma enorme pressão por parte dos membros do Clube 3 de Outubro, que o acusavam veementemente de corrupção, o levou a abandonar a interventoria em setembro de 1931. Em seu lugar, assumiu o médico tenentista Pedro Ernesto Batista, também conhecido como o “tenente-civil”, que gozava de grande prestígio no movimento que alavancou sua carreira política. Pedro Ernesto foi um dos fundadores do Clube 3 de Outubro, chegando inclusive a passar pela presidência da organização. A manchete do jornal *O Globo* do dia 1º de outubro de 1931 noticiou a renúncia de Adolfo Bergamini e a posse de Pedro Ernesto, descrevendo este último como “uma das figuras mais destacadas do movimento revolucionário triunfante”.

No mais, os indícios apontam que Apparício Torelly, nesta época, possivelmente utilizava as oficinas do *Diário Carioca* para imprimir seu jornal. De fato, *A Manhã* não circulou na semana que antecede a edição em que se encontra a matéria selecionada. A edição anterior data de 20 de fevereiro, o que comprova a não circulação da edição que deveria ter saído no dia 26 ou 27. O trecho da matéria estudada que aponta isto (linhas 35-36) está truncado, parece conter um erro na composição do texto. Independente disso, não há como precisar com exatidão se o “hebdomedário” deixou de circular por adesão ao protesto realizado pelos outros jornais, ou se realmente a depredação do *Diário Carioca* também com-

prometeu a impressão do jornal de Apporelly. A narrativa, no entanto, insinua que tenha sido pelo segundo motivo. A página 8 da mesma edição (rolo 2 – p. 85) apresenta uma pequena nota sobre o assunto, e a capa da edição de 18 de março (rolo 2 – p. 94) traz uma pequena nota intitulada “aviso importante”, na qual o periódico declara que “este jornal está sendo impresso nas oficinas do *Diário Carioca*”. Este chiste, marcado por um irônico malogro da vontade, também aparece no trecho inicial do desenlace (linhas 37-41).

A narrativa basicamente opera em torno do relato descrevendo o empastelamento do *Diário Carioca*, adaptado à ótica do protagonista, S. M. Itararé I, o Brando. A seqüência inicial (linhas 1-22) apresenta um longo nariz de cera sucedido pela introdução do acontecimento, que declara o conflito e estabelece o clímax. O desenvolvimento (linhas 23-36) dá prosseguimento ao fato anunciado, descrevendo linearmente o assalto “às luxuosas oficinas” do “grande rotativo”. Nesta seqüência, o autor vale-se nitidamente dos acontecimentos reais para construir a descrição, o que explicitamente reforça a verossimilhança interna da intriga. O desenlace (linhas 37-55) vai mostrar uma série de eventos que sucedem o acontecimento, no qual o narrador responsabiliza o governo (linha 40) pelo ataque e toma providências para defender-se. No último parágrafo (linhas 53-55), o autor utiliza uma prolepse, que, em tom irônico e dissimulado, insinua o envolvimento de Vargas no atentado.

O protagonista, nesta narrativa, sempre marcado pelo alto grau de qualificação, funcionalidade e distribuição, revela uma interessante postura bufônica em meio aos comentários explícitos do narrador. Ao mesmo tempo em que é caracterizado como “herói e mártir” (linha 19), referência comum em todos os textos estudados, por outro lado, suas ações durante o assalto, descritas em um tom jocoso que opera inversões no discurso, são marcadas pela covardia (linhas 27-31). Os oponentes, genericamente identificados como “inimigos encapotados” (linha 3), “infelizes desafetos” (linha 6), ou assaltantes (linhas 13, 24 e 28), em nenhum momento apontam explicitamente o grupo tenentista. No desenlace, entretanto, o Governo é apontado como responsável pelo atentado (linhas 40-41), e um dos parágrafos (linhas 44-48) parece sutilmente insinuar algo neste sentido, ao contrapor o nome de civis com a expressão “militares de carreira”, e propor a organização de “tropas encarregadas da defesa material” d’A *Manha*.

Aliás, neste ponto, a inserção de Olegário “Mariano” e Adolfo Bergamini (linhas 46-47) acarretam uma intrincada interpretação. No caso de Olegário “Mariano”, analisando-se o contexto, é difícil saber se o autor está se referindo a Olegário Maciel, o interventor de Minas que estava no momento favorável à constitucionalização, ou ao poeta e político Olegário Mariano

Carneiro da Cunha (1889-1958)<sup>155</sup>. Amigo íntimo de Vargas, em uma entrevista concedida ao *Diário Carioca* em 28 de novembro de 1930, o poeta mostrara-se empolgado com a revolução. Em outra, na Revista *Diretrizes* de 24 de abril de 1943, defende a democracia de seu tempo, quando foi deputado pela Constituinte de 1934, ao mesmo tempo em que revela simpatia pelo comunismo (MARQUES, 2007). É possível, pelos indícios apontados, que Olegário Mariano tenha se manifestado contrário ao atentado. Quanto à ambigüidade apontada, talvez o autor esteja referindo-se a ambos os “Olegários”. De qualquer forma, também não foi identificada a relação da caracterização “veterano do Paraguai” nem com o Mariano, nem com o Maciel. As expressões *condottieri* e “oficial garibaldino” relacionadas a Bergamini talvez sejam uma alusão ao nome da personalidade, de origem italiana. Talvez uma referência à postura do político com o Governo Provisório<sup>156</sup>, mas a ausência de informações precisas impediu uma interpretação mais segura. Sabe-se apenas que foram todos civis que aderiram à Revolução de 30, mas que faziam (ou passaram a fazer) oposição a Vargas no momento concomitante ao empastelamento.

**TEXTO 16:** em meados de 1932, o general Leite de Castro, que assumira o Ministério da Guerra após a posse de Vargas, era vítima de constantes críticas dos mais diversos setores da Segunda República. A repercussão do empastelamento do *Diário Carioca* sem que os “tenentes” do Clube 3 de Outubro fossem responsabilizados, dera início a uma série de eventos que começaram a abalar as bases aliadas do Governo Provisório. Leite de Castro, assim como Vargas, relutava em punir os oficiais, chegando a declarar que os “rapazes” fizeram ao *Diário* o que o ele teria feito se fosse vinte anos mais novo. Em seu diário, Vargas apontou que Leite de Castro “avisara que ele não conseguiria deter os oficiais dispostos a atacar quaisquer outros jornais que criticassem o governo e os militares, e ele temia que uma ação disciplinar repressora provocasse uma crise militar maior” (MCCANN, 2007, p. 401). Associado à tensão paulista, o acontecimento abriu precedentes que começaram a preocupar seriamente a cúpula do governo revolucionário. Leite de Castro era acusado de ser incapaz de restabelecer a ordem no exército, e decidiu-se, como forma de tentar apaziguar os ânimos, afastá-lo do Ministério da Guerra. Castro deixaria o cargo apenas no dia 28 de junho. Ao longo do mês, um enorme debate foi travado para decidir quem assumiria a Pasta da Guerra.

---

<sup>155</sup> Isso porque Apporelly costumava identificar o interventor mineiro como “Olegário Mariano Maciel”, em uma brincadeira que juntava o nome das duas personalidades, conforme mostra a página 2 d’*A Manha* de 30 de janeiro de 1932 (rolo 2 – p. 44).

<sup>156</sup> Simplificadamente, os *condottieri* foram líderes de milícias mercenárias, que eram contratadas para defender cidades italianas no período em que o território era marcado por grandes conflitos inter-regionais. Costumavam mudar de lado quando melhor remunerados pelo inimigo. O guerrilheiro italiano Giuseppe Garibaldi também foi um líder, mas desempenhou um importante papel na unificação italiana e ficou marcado por sua postura contrária às tiranias.

A narrativa vai explorar pontualmente este assunto, apropriando o mote do acontecimento em pauta naquele momento. A situação inicial (linhas 1-13) vai apresentar uma nota de S. M. Itararé I, o Brando, à imprensa. A declaração desfaz o boato sobre a possível nomeação deste para ocupar o Ministério da Guerra – o inusitado da cogitação do nome de Itararé para o cargo, por si só, estabelece o clímax. O desenvolvimento, demarcado por uma nota da redação (N. da R. – linhas 14-21), amplifica o clímax, ao introduzir um interessante conflito com oponentes que visam malquistar o “chefe das Forças Revolucionárias em Operações na América do Sul” perante a opinião pública. Tal ação é manifesta na narrativa pela não publicação do boletim enviado a todos os jornais do Rio de Janeiro. O desenlace (linhas 22-26) explicita a resolução do conflito e o restabelecimento do equilíbrio a partir da revelação da verdade, com a publicação da matéria n’*A Manhã*.

O protagonista preserva essencialmente as mesmas características de sempre e, por isso, dispensa comentários. São nos demais personagens que aparecem algumas interessantes questões. A caracterização dos oponentes, identificados como “elementos republicanos e estranhos ao nosso meio” (linha 16) reforça, pela inversão irônica, a visão crítica do autor quanto à república aristocrática brasileira. Ao mesmo tempo, esta seqüência ratifica a idéia de que a imprensa era majoritariamente controlada pela oligarquia nacional. A Secretaria do Celeste Império, que será constantemente citada pelo narrador no periódico, tem suas origens na página quatro da edição de 27 de novembro de 1931 (rolo 1 – p. 1034), logo após o personagem receber o título de Imperador. A redação d’*A Manhã* havia voltado para o Edifício do Cinema Império, e Apporelly resolveu transformar o prédio na moradia de Itararé I, batizando-o como Celeste Império. A Secretaria do Celeste Império, então, é uma hipérbole dos criados de Itararé, que acompanha a evolução do personagem, mas preserva a identificação genérica e a relação servil. Por fim, o “chefe do Governo Provisório” (linha 10), novamente caracterizado pela relação de submissão ao protagonista. Desta vez, porém, esta característica aparece implícita ao temor de Vargas em dirigir o convite a Itararé para que assumira o Ministério da Guerra.

## **6.8 Sua Majestade Itararé II (1932-1935)**

A oitava e última marcante identificação de Itararé em sua trajetória nas páginas d’*A Manhã* entre 1926 e 1935 surge junto à eclosão da Guerra Paulista. Tal qual ocorre com os casos do “marechal-almirante” e do “Barão de Itararé”, este personagem é fruto de um dos mais importantes eventos que marcaram a fase do Governo Provisório na República Nova. As principais passagens que marcam este episódio histórico não se relacionam diretamente aos textos

selecionados para análise. Por isso, serão apresentados nesta introdução, junto às questões que apontam o surgimento de Itararé II e aos aspectos de sua caracterização n'A *Manha*.

Antes mesmo do atentado ao *Diário Carioca*, o Partido Democrático (PD) rompeu de vez com o Governo Provisório e, no início de 1932, aliou-se ao Partido Republicano Paulistano (PRP). Em 16 de fevereiro, os dois partidos lançavam um manifesto criando a Frente Única Paulista (FUP), cujas principais reivindicações eram a reconstitucionalização do país e autonomia administrativa para São Paulo. Pressionado, Vargas logo promulga, no dia 24 de fevereiro, o decreto 21.043, estabelecendo o Código Eleitoral que vai reger a Constituinte, porém não anuncia data para as eleições. Entretanto, o subsequente assalto ao *Diário Carioca*, somado à conivência dos líderes da revolução e à conseqüente renúncia de importantes aliados gaúchos, acabou estendendo a crise paulista na forma de uma mobilização pública generalizada em oposição ao governo federal. Sabendo que São Paulo era um dos principais focos insurrecionais, uma das primeiras atitudes de Vargas após o empastelamento foi afastar o “tenente” Manuel Rabelo da interventoria do estado e colocar em seu lugar, ainda no dia 7 de março, o civil paulista Pedro Manuel de Toledo.

Toledo, tentando administrar a situação, acabaria cooptado pela FUP e, em 14 de maio, comunica a gravidade da situação, sugerindo a Vargas que autorize a recomposição do secretariado em São Paulo apenas com nomes indicados pela coalizão paulista. Em resposta, Getúlio promulga, ainda no mesmo dia, o decreto 21.076, determinando que as eleições para a Constituinte fossem ao dia 3 de maio de 1933. Também é autorizada a participação de membros da FUP na composição do novo secretariado, mas Oswaldo Aranha é enviado a São Paulo para intervir nas escolhas de Toledo. A possibilidade de uma nova interferência do governo federal, tal qual acontecera com Lauro Ferreira de Camargo, levou a população para as ruas e, em meio aos tumultos, cinco estudantes foram assassinados em um confronto com as forças legais. As iniciais de quatro deles, Miragaia, Martins, Dráusio e Camargo, deu origem a uma sociedade secreta chamada MMDC, organizada para articular a derrubada do presidente.

A comoção provocada pela morte dos estudantes fez o governo federal novamente recuar, possibilitando a Toledo montar um secretariado independente e romper definitivamente com o controle até então exercido sobre São Paulo. Com isso, acelerou-se a conspiração paulista e, no dia 9 de julho, irrompeu um movimento armado sob liderança de Pedro de Toledo e a chefia militar do general Bertoldo Klinger. Pensando contar com o apoio de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Mato Grosso, os paulistas planejaram um rápido ataque ao Rio de Janeiro. Mas o caráter separatista do movimento, associado a outros fatores políticos, levou os estados aliados a

desistirem do golpe. Com o apoio de apenas algumas tropas mato-grossenses, a sangrenta Revolução Constitucionalista foi debelada no dia 2 de outubro.

A nova identificação do personagem estudado surge na capa da edição de 16 de julho (rolo 2 – p. 234), exatamente uma semana após o início dos conflitos. Frente à “gravidade indisfarçável” da situação, um dos primeiros atos do valoroso Itararé I, o Brando, depois de ter declarado o estado de guerra, foi autopromover-se a Itararé II. Um decreto que acompanha a matéria expõe as premissas desta promoção, observando que diante de tais momentos de “vibração cívica, [...] propícios aos grandes gestos, através dos quais se afirmam os valores da nacionalidade”, em que se faz necessário “ressaltar o prestígio da autoridade”, pois “dessa gente que aí está, nada se pode esperar em favor dos verdadeiros heróis” e, considerando-se que se está “às portas de um segundo Itararé”, impõe-se, de uma vez por todas, “uma atitude definida e definitiva”. Em síntese, Itararé II basicamente é produto da eminência do que Apporelly considera ser uma segunda batalha de Itararé.

Quanto aos textos selecionados<sup>157</sup>, esta última abordagem buscará operar sobre três aspectos distintos. Primeiramente, procurou-se distribuir os demais textos ao longo do período restante, já que esta última identificação abrange um intervalo relativamente longo. Em segundo lugar, tentou-se levantar alguns assuntos mais frívolos, dos quais Apparício Torelly também se apropriou, e que fazem parte do universo temático que sempre alimentou a mídia. É o caso dos textos 17, 19 e 20, que abordam, respectivamente, as peripécias do personagem enquanto aviador, muito recorrentes desde que se tornou “marechal-almirante-aviador”; os esportes, mais especificamente o boxe, em uma peculiar narrativa que traz personalidades reais da época; e o cinema, que já representava um relevante entretenimento incorporado à cultura daquele momento, em uma matéria que trata do primeiro filme brasileiro a abordar a favelização do Rio de Janeiro. Por fim, o texto 18 traz uma pequena nota noticiosa que aborda as eleições para a Constituinte em 1933, buscando estabelecer um último encaixe com o contexto político da época, em torno de outro assunto que foi amplamente explorado por Apporelly nestes últimos anos da primeira década de existência d’*A Manhã*.

**TEXTO 17:** Entre seus fascínios científicos, Apporelly dedicava uma atenção especial às novidades aeronáuticas que surgiam. A chamada era de ouro da aviação, entre os anos de 1918 e 1939, caracteriza o período em que mais se desenvolveu a tecnologia das aeronaves.

---

<sup>157</sup> Respectivamente: 17) “AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS DO AUTOGIRO”, publicado em 12/11/1932; 18) “CANDIDATO À CONSTITUINTE!”, publicado em 09/03/1933; 19) “PRIMO CARNERA VIRÁ PARA O BRASIL”, publicado em 02/03/1934; e 20) “FAVELA DOS MEUS AMORES”, publicado em 26/10/1935.

Desde que se tornara “marechal-almirante-aviador” n’A *Manha*, Itararé vivia às voltas com aviões, zepelins e balões<sup>158</sup>. Nesta matéria, o autor aborda as primeiras experiências no Brasil com um autogiro, uma espécie de aeronave de pequeno porte que possui grandes hélices na parte superior, sendo considerado o precursor do helicóptero.

Desde 1911 que o Campo dos Afonsos, no Rio de Janeiro, já abrigava o Aeroclubes do Brasil, hoje Base Aérea dos Afonsos. O local é considerado o berço da aviação nacional, e lá foram articulados os primeiros cursos de pilotagem no país. Em 1931, já haviam várias escolas de pilotagem no Brasil e a aviação comercial já era uma realidade. Por esta época foi criado o Departamento de Aeronáutica Civil no Ministério de Viação e Obras Públicas, regulamentando as atividades aéreas civis, e promovendo a emissão de brevês em nível nacional. O Aeroclubes do Brasil, na época, sofria com problemas financeiros e os investimentos eram escassos. Antonio Lartigau Seabra, um sócio-piloto, importante industrial e entusiasta do empreendimento, foi uma das personalidades que mais colaborou e investiu no Clube.

A narrativa inicia apresentando um esboço de lide, a partir do qual se pode deduzir ser baseada em um acontecimento real, visto que há uma grande precisão nos dados apresentados (dia, local, personalidades e assunto interligados tematicamente). A situação inicial (linhas 1-15) prossegue com uma descrição do ambiente, estabelecendo um conflito em torno da incapacidade dos pilotos presentes em pilotar o estranho “pássaro mecânico”. E a seqüência fecha com o surgimento em tom heróico do “piloto aéreo marechal-almirante Itararé II”, que entra em cena para resolver o impasse, estabelecendo o clímax. O desenvolvimento (linhas 16-46) vai prolongar a tensão da intriga, descrevendo linearmente cada momento do “fato”: Itararé analisando o aparelho e decolando, a reação do público presente, as acrobacias, a aterrissagem e a recepção na chegada. Testada a nova aeronave, resolve-se o conflito. O desenlace (linhas 47-52) apenas apresenta um resumo da história e o aparecimento de Correia de Melo, renomado piloto da época, que provavelmente testou o aparelho na situação real. Entretanto, na narrativa, a participação de Melo fica ofuscada pela arrojada pilotagem de Itararé.

As ações do protagonista apontam as mesmas características que o distingue nas demais narrativas, e não há nenhum elemento que exija maior detalhamento. O autogiro, neste caso, opera como o objeto desejado, e exerce papel fundamental na narrativa ao acrescentar um caráter insólito ao fato – afinal, a aeronave tratava-se de uma novidade. Quanto aos adjuvantes, tem-se o já citado Antônio Seabra; o público, representado por diversas identificações

---

<sup>158</sup> Para exemplos, ver *As Manhas* de 31/10/1930 (p. 13 – rolo 1, p. 584); 27/12/1930 (capa – rolo 1, p. 631); 23/10/1931 (capa – rolo 1, p. 990); 13/11/1931 (capa – rolo 1, p. 1015); 19/08/1932 (p. 5 – rolo 2, p. 273); 30/09/1932 (p. 4 – rolo 2, p. 320); 08/07/1933 (capa – rolo 2, p. 642); e 30/06/1934 (p. 6 – rolo 2, p. 982).

e caracterizado pelo espanto e excitação perante o protagonista, de modo que o impulsionam na narrativa; a “luzida turma de cadetes do espaço” (linha 12) e a “assistência” (linha 22), representando os pupilos e serviçais que sempre acompanham o protagonista, porém com ligeiras modificações em suas identidades, adequando-se ao tema; outros pilotos e técnicos (linha 5), genericamente identificados, sendo que os outros aviadores também impulsionam Itararé quando se recusam a pilotar o aparelho; e um “cavalheiro idoso” (linha 34), residente no bairro do Caju, destacado do público, porque passa mal durante as acrobacias – é interessante, neste caso, a inserção de um típico exemplo de acontecimento propício a ser noticiado, com certo detalhamento mais pontual do adjuvante em meio à narrativa.

Há ainda o militar Francisco de Assis Correia de Melo (1903-1971), piloto aéreo famoso por seu arrojo e coragem, que ficou conhecido pelo apelido de "Melo Maluco". É por isso que o autor utiliza a identidade “Itararé Maluco” (linha 15). Além disso, Correia de Melo havia ingressado em abril de 1932 no Clube 3 de Outubro, juntando-se aos tenentistas, e teve participação ativa na repressão à Revolução Constitucionalista de 1932 ao lado das tropas legalistas. A inserção de Melo na narrativa em condição de inferioridade a Itararé parece apontar uma brincadeira para além da simples pilotagem aérea. E, para concluir, é importante citar uma personalidade implícita à frase “*Cuando estén secas las pilas de todos los timbres*”. Trata-se de Enrique Santos Discépolo Deluchi (1901-1951), ou simplesmente Discepolín, popular compositor de tangos argentinos. O trecho citado por Apporelly é da música *Yira, Yira*<sup>159</sup>, um sucesso datado de 5 de setembro de 1930, coincidentemente um dia antes do golpe militar que derrubou o presidente Hipólito Yrigoyen (1852-1933)<sup>160</sup>, e empossou o general José Félix Uriburu (1868-1932), estabelecendo uma ditadura no país. Uriburu, por sinal, também era freqüentemente satirizado por Apporelly n’A *Manha*.

**TEXTO 18:** Pouco tempo após a Revolução Constitucionalista, iniciaram-se as campanhas eleitorais para a Assembléia Nacional Constituinte. O Governo Provisório, desde o início, procurou controlar e conduzir os trabalhos da Assembléia, criando uma Comissão Constitucional para a elaboração de um anteprojeto que impôs as bases propositivas da nova Constituição.

<sup>159</sup> Cujá letra é: *Cuando la suerte qu' es grela, / fayando y fayando, / te largue parao;/ cuando estás bien en la vía, / sin rumbo, desesperao; / cuando no tengas ni fe, / ni yerba de ayer / secándose al sol; / cuando rajés los tamangos / buscando ese mango / que te haga morfar... / la indiferencia del mundo / -que es sordo y es mudo- / recién sentirás. / Verás que todo el mentira, / verás que nada es amor, / que al mundo nada le importa... / ¡Yira!... ¡Yira!... / Aunque te quiebre la vida, / aunque te muerda un dolor, / no esperes nunca una ayuda, / ni una mano, ni un favor. / Cuando estén secas las pilas / de todos los timbres / que vos apretás, / buscando un pecho fraterno / para morir abrazao... / Cuando te dejen tirao / después de cinchar / lo mismo que a mí. / Cuando manyés que a tu lado / se prueban la ropa / que vas a dejar... / Te acordarás de este otario / que un día, cansado, / ¡se puso a ladrar!*

<sup>160</sup> O primeiro eleito por voto masculino e secreto na Argentina.

Igualmente, elaborou o Regimento Interno da Constituinte, determinando o funcionamento da Assembléia, e tratou de formar uma forte bancada aliada, a partir de intensas negociações com grupos oligárquicos regionais e representantes dos trabalhadores, eleitos pelos sindicatos legalizados. Os tenentistas próximos ao governo, por sua vez, também se articulavam em busca de apoios, conseguindo alianças junto ao Distrito Federal e em Pernambuco. Em estados como São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, os grupos políticos formavam novas frentes ou partidos regionais, enquanto a Igreja Católica organizava a Liga Eleitoral Católica. *A Manha* ia acompanhando estes eventos em suas páginas, e não precisou muito tempo para Apporelly perceber as intenções escusas do Governo Provisório<sup>161</sup>.

O contexto da narrativa selecionada insere-se neste ponto, mas o assunto vai prosseguir n' *A Manha* até 21 de julho de 1934 (rolo 2 – p. 1002), após Vargas ser indiretamente eleito Presidente da República. A escolha pelo voto direto, segundo a nova Constituição, ocorreria apenas a partir das próximas eleições presidenciais em 1938. Apporelly, que já tinha batizado o Palácio Tiradentes (antigo Congresso Nacional) de “Circo Tiradentes”, brinca com a cerimônia de posse, na qual “G.G. passa o governo a si mesmo”, e encerra a discussão com a frase “coisas de palhaços...”. Já a Carta de 1934, promulgada em “nome de Deus”, levou o “Padre Eterno” a enviar uma mensagem escrita a Itararé II. O “documento sideral”, publicado na capa d' *A Manha* de 8 de março de 1934 (rolo 2 – p. 862) a pedido do Criador, apresenta um manifesto escrito pelo próprio “Jeovah”, o qual encerra pedindo que não lhe metessem “nessa indecência”<sup>162</sup>.

O texto selecionado, em si, ainda aborda alguns detalhes históricos interessantes. O primeiro diz respeito ao movimento “patrianovista” (linha 3), criado pelo escritor, professor e líder negro monarquista e tradicionalista Arlindo Veiga dos Santos (1902-1978). Ainda em 1928, Santos fundou o Centro Monárquico de Cultura Social e Política Pátria-Nova, publicando, em 1929, a revista Pátria-Nova. Na década de 1930, o movimento se transformaria na Ação Imperial Patrianovista Brasileira, defendendo uma monarquia orgânica, social e popular realmente vinculada às antigas tradições nacionais. Considerado o maior movimento político monárquico do Brasil republicano, os Patrianovistas pregavam a recristianização da nação e opunham-se tanto ao capitalismo liberal quanto ao comunismo. E, no último parágrafo, a “desincompatibilização” (linha 15) diz respeito ao preceito do art. 24 da Constituição de 1891, que regia o código

<sup>161</sup> Ver *As Manhas* de 14/10/1932 (p. 2 – rolo 2, p. 335); 12/11/1932 (capa – rolo 2, p. 367); 03/12/1932 (capa – rolo 2, p. 385); e 05/05/1933 (p. 8 – rolo 2, p. 575). Destaca-se a última destas matérias, a qual relata que Vargas e Itararé II não compareceram às votações. Getúlio por problemas de saúde, e Itararé “por uma questão de requintada sensibilidade moral e delicados escrúpulos patrióticos”.

<sup>162</sup> Ver também *As Manhas* de 04/11/1933 (capa – rolo 2, p. 1056); 11/11/1933 (capa – rolo 2, p. 775); 18/11/1933 (capa – rolo 2, p. 783); 02/03/1934 (capa – rolo 2, p. 854); 26/04/1934 (p. 3 – rolo 2, p. 921); 26/05/1934 (p. 4 e 7 – rolo 2, p. 947 e 850).

eleitoral: “O Deputado ou Senador não pode também ser Presidente ou fazer parte de Diretorias de bancos, companhias ou empresas que gozem favores do Governo federal definidos em lei”.

O texto selecionado, publicado menos de um mês antes das eleições, traz na situação inicial (linhas 1-5) boatos sobre as pretensões de Itararé II em “garantir” um “assento” na Assembléia Constituinte. Neste momento, dá-se o clímax, pois a “notícia” desorienta tanto pela aliança com os Patrianovistas, quanto pela própria candidatura. O desenvolvimento (linhas 6-13) traz as declarações de Itararé sobre o assunto, negando o boato quanto ao assento, mas argumentando que nada podia fazer caso “amigos” sugerissem aos “seus súditos” para que votassem nele. É curiosa esta colocação, pois parece incitar o voto nulo. O desenlace (linhas 14-17) apresenta uma sutil brincadeira junto à idéia de “desincompatibilização”, tal qual já apresentado, e responde à pergunta proposta na linha de apoio, quanto ao afastamento de Itararé da direção d’*A Manha*. É interessante observar como se dá a resolução da intriga, já que remete à velha relação com Vaz Antão Luís na primeira fase do periódico.

Nesta narrativa, o protagonista não apresenta o exagerado grau de qualificação das demais estudadas, embora o personagem apresente a mesma soberba de sempre, ainda que não tão explícita quanto costuma ser. Entre os adjuvantes, é interessante observar a relação estabelecida entre os “correspondentes de jornais estrangeiros” (linha 6) e a “reportagem” d’*A Manha* (linha 10). Esta última supostamente superando profissionalmente os primeiros, ao arrancar através de “cerado interrogatório” as respostas que os outros não conseguiram. E, “G. Tulio Vargas” (linha 17), que, nesta narrativa, mostra uma relação que normalmente não estabelece com o protagonista, rememorando a ocupação de altos cargos na administração d’*A Manha* por figuras proeminentes da política nacional, a exemplo do que ocorreu com o ex-presidente Washington Luís.

**TEXTO 19:** Esta narrativa apresenta um pequeno texto de caráter noticioso, sem nenhum gancho com qualquer outra matéria. Tais textos, distintos dos grandes episódios que Apparício Torelly costuma desenvolver por várias edições em torno de temas pontuais, são comuns n’*A Manha*. São interessantes de serem observados porque exploram aspectos do cotidiano, esportes, moda, concursos de beleza, questões policiais ou sobrenaturais, e outros, abrangendo os mais diversos assuntos que já faziam parte da rotina dos grandes jornais da época. Muitas vezes, como no caso deste exemplo, o autor se apropria de figuras notórias da época e as traz para o âmbito privado de seu jornal. O italiano Primo Carnera (1906-1967), por exemplo, marcou o boxe internacional da época, com seus 1,97m de altura e 129 kg. Iniciou sua carreira como pugilista em 1928, e dois anos depois se mudou para os Estados Unidos, onde engrenou uma carreira vertiginosa. O ano de 1933 foi o mais importante

para o boxeador, mas também foi marcado por uma tragédia que marcou sua vida. O adversário, Ernie Schaaf, nocauteado por Primo Carnera em 10 de fevereiro, morreu dois dias depois da luta. No combate seguinte, Carnera enfrentou o então campeão Jack Sharkey, derrotando-o por nocaute e sagrando-se o primeiro italiano a tornar-se campeão mundial de pesos-pesados. A luta apontada na narrativa realmente ocorreu em 1º de março de 1934, quando Carnera defendia o título. Na ocasião, o pugilista italiano venceu Tommy Loughran, mas seria derrotado por Max Baer em junho do mesmo ano.

A situação inicial (linhas 1-11) da narrativa justamente vai explorar este fato recente na época, a luta entre Carnera e Loughran, apresentando no primeiro parágrafo alguns detalhes do acontecimento. Interessante é o efeito provocado no segundo parágrafo, pois, apesar da edição datar de 2 de março, ficou pronta antes da luta ocorrer. A inserção justifica o fato do jornal não saber o resultado da luta do dia anterior. Mas é no terceiro parágrafo que ocorre o inusitado e desencadeia-se o clímax da intriga, quando o jornal anuncia a contratação de Carnera para um “alto cargo de confiança” por Itararé II. O desenvolvimento (linhas 12-18) vai prolongar o clímax, acrescentando novos elementos que vão conduzir ao desfecho (Carnera aceita o convite para chefiar o “Departamento de Contas Incobráveis” d’ *A Manhã*) e comprovar a “veracidade” do ocorrido (com fotos mostrando o momento da conversa). Em meio à situação inicial e ao desenvolvimento, o autor cita um “aparelho de televisão sincronizada” (linha 7) e fala em uma palestra “rádio-foto-telefônica”. Isso mostra que Apparício Torelly estava atento ao surgimento da televisão, que, em algumas partes do mundo, especialmente Europa e Estados Unidos, já vinha sendo desenvolvida. O desfecho da intriga (linhas 19-22) é um aviso, em tom de ameaça, às “pessoas fracas que disponham de certos recursos financeiros”, e sugere uma prolepse, um possível gancho para outras matérias. Entretanto, não foram encontrados outros textos sobre o assunto.

Quanto aos personagens, têm-se Itararé II, como condutor da ação, e Carnera como um adjuvante que impulsiona o protagonista em seus objetivos, ambos dividindo a cena ao longo de toda a intriga. Neste texto, o protagonista também não apresenta um grau de qualificação exagerado, como normalmente ocorre – a única incidência encontrada está na expressão “o sábio monarca” (linhas 16-17). Ainda aparecem “as pessoas fracas que disponham de certos recursos financeiros” (linha 21), que suscitam oponentes, prováveis devedores. E o já citado Tommy Loughran, que aparece apenas como um elemento decorativo.

**TEXTO 20:** O cinema foi introduzido no Brasil pouco antes do início do século XX, quando um imigrante italiano chamado Affonso Segretto trouxe um cinematógrafo para o país e realizou uma filmagem no porto do Rio de Janeiro. Este marco inicial abriu o precedente

para que um mercado deste entretenimento fosse criado, e, em pouco tempo, diversos filmes de curta duração passaram a ser apresentados para os públicos urbanos ávidos por lazer e diversão. Após a Primeira Guerra Mundial, o mercado americano começa a dominar o mercado brasileiro via Hollywood, e a produção nacional começa a minguar – as iniciativas eram poucas e o investimento era escasso. Nos anos 1930, inicia-se a era do cinema falado, e o jornalista e cineasta Ademar Gonzaga (1901-1978) cria, logo no início da década, a companhia cinematográfica *Cinédia* no Rio de Janeiro. Mas o cinema nacional continuava sofrendo com a concorrência do esquema de distribuição norte-americano. Em 1934, por exemplo, não foi produzido nenhum longa-metragem no país.

O texto desta análise, selecionado por motivos semelhantes ao anterior, aborda o lançamento do filme *Favela dos Meus Amores*, em 1935<sup>163</sup>. Em 1933, a atriz, produtora e diretora de cinema Carmen Santos (1904-1952) funda a produtora *Brasil Vox Filmes*, também no Rio de Janeiro. Mas problemas legais com a *20th Century Fox*, levaram-na a mudar o nome da empresa para *Brasil Vita Filmes* em 1934. No mesmo ano, o cineasta Humberto Mauro (1897-1983) une-se a Carmen, e eles começam a produzir o musical *Favela dos Meus Amores*, o primeiro longa de ficção da empresa. Segundo Ramos e Miranda (2000, p. 364),

Favela dos Meus Amores foi o primeiro filme carioca a explorar um dos aspectos mais trágicos, exuberantes e musicais da vida da cidade do Rio de Janeiro: o morro. Favela dos meus amores constitui um marco importante no início do cinema sonoro por seu autêntico sentido popular.

Humberto Mauro dirigiu o filme, cujo elenco contava com Carmen Santos, além de Sílvio Caldas, Jayme Costa, Rodolfo Mayer e Armando Louzada. Carmen fez o papel de uma ingênua professorinha, que se apaixonou pelo dono de uma boate, o ator Rodolfo Mayer. Armando Louzada, por sua vez, era um malandro acometido por tuberculose. O filme não esboçava apenas o cenário folclórico da favela carioca e acabou também despertando o interesse da intelectualidade de esquerda, pois também denunciava a miséria dos morros cariocas. A filmagem de *Favela dos Meus Amores* foi quase toda realizada no Morro da Providência, no Rio. Contando com as músicas de Ary Barroso, Custódio Mesquita, Orestes Barbosa e Sílvio Caldas, a película foi um grande sucesso de público. Já o cinema citado na narrativa, o Alhambra, foi um dos expoentes do chamado Quarteirão Serrador, região que posteriormente ficaria conhecida como Cinelândia.

---

<sup>163</sup> Antes, Apporelly também já tinha dedicado uma matéria na página 6 d'A *Manha* de 3 de junho de 1933 (rolo 2 – p. 606), abordando as peripécias de Itararé com os filmes da época. Porém, era o *Adeus às Armas* (*A Farewell to Arms*), que concorreu ao Oscar de 1934. Neste texto, Itararé vê-se às voltas com a censura ao filme no Brasil – o mesmo continha uma cena que retratava uma situação de sexo pré-marital considerada agressiva para os padrões da época. Na versão reeditada, que foi lançada em 1938, 12 minutos foram cortados da película.

A situação inicial (linha 1-5) esboça um lide, apontando o tempo em que o filme está em cartaz, o local e os principais nomes, bem como traça um elogio ao esforço destes em fazer a película. A partir de então, no desenvolvimento (linhas 6-15), o tema é desviado para Itararé, que assume o foco da intriga. De modo que o filme e todos os elementos relacionados passam a agir no sentido de impulsionar o personagem. É no primeiro parágrafo desta seqüência que temos o clímax, quando Itararé “consente” em posar com a atriz Carmen Santos. A trama prossegue, prolongando o clímax com a participação do ator *hollywoodiano* Clark Gable e o assédio do “belo sexo”. O desfecho (linhas 16-18) se dá de modo pouco peremptório, anunciando as diversas “propostas de bigamia” que o personagem tem recebido e de que modo as tem repellido.

Entre as qualificações, sempre comuns ao protagonista, destacam-se as conotações adequada ao contexto temático da narrativa, com expressões como “nobre galã” (linha 10), “irresistível cineasta” (linha 15) e “distinto galã” (linha 17), que flexionam o personagem de acordo com o ambiente criado. Os principais adjuvantes são Carmen Santos e as tietes que assediam o protagonista, com diversas identificações generalistas, como “belo sexo” (linha 13), “moça loira” (linha 14) e “senhoras casadas” (linha 16). Clark Gable (1901-1960), por sua vez, denota uma espécie de elemento decorativo que suscita certa oposição (“incontido despeito e insopitado ciúme” – linha 11). Mas cuja ação, considerando-se a visibilidade desta estrela de *Hollywood*, acaba operando por uma inversão que também impulsiona o protagonista.

## **6.9 Itararé na paródia jornalística d’A *Manha* (1926-1935)**

Conforme proposto no capítulo metodológico, parte-se agora para a última parte analítica deste trabalho. Serão reunidos os pressupostos elencados no capítulo teórico, bem como da análise referente ao plano do conteúdo, para apresentar, dentro do que se caracterizou como plano da expressão, outras importantes inferências a partir dos aspectos narrativos identificados n’A *Manha*. Neste sentido, será dado prosseguimento à lógica dedutiva que conduziu este trabalho, agrupando os demais elementos significativos que completam o estudo, para então chegar à caracterização do personagem inserido neste contexto. Considera-se que *A Manha*, conforme vem sendo demonstrado, é fruto de uma época e de seus determinantes, e que, neste universo, sobressai-se a sua aproximação com a imprensa a partir de um discurso humorístico. Assim, tentar-se-á cercar a publicação a partir das categorias sêmicas construídas segundo tais pressupostos teóricos, ou seja, o jornalismo de então e a comicidade inerentes ao periódico, elementos intrinsecamente interligados ao objeto de estudo, e que compõem aquilo que definimos como

uma paródia jornalística. Uma vez realizado este percurso, proceder-se-á com a caracterização do personagem a partir destas premissas selecionadas como núcleo semântico do mesmo.

Este procedimento final seguirá a própria estrutura do trabalho como um todo, de modo que, inicialmente, serão explorados os elementos pertinentes à caracterização histórica e discursiva da imprensa da época. Considerando-se as duas dimensões propostas por Franciscato (2005), pode-se afirmar que *A Manhã* aproxima-se mais de alguns aspectos específicos da atividade jornalística em si, mas apresenta um relativo distanciamento dos aspectos institucionais. Havia uma expressiva diversificação dos conteúdos, e o periódico operava no sentido de buscar uma universalidade junto ao público leitor. Frente ao que apontou Martín-Barbero (2003), Apporelly investiu em dispositivos que propiciassem maior acesso à leitura e compreensão de seu periódico, como elementos da composição tipográfica e fragmentação da leitura, valendo-se de recursos que visavam a sedução e reconhecimento por parte do leitor popular. Não é por acaso que *A Manhã* vendeu, e vendeu muito. Se uma grande tiragem definia um grande jornal, o periódico, resguardando-se as devidas proporções, obteve resultados satisfatórios. Além disso, o jornal disputava, conforme visto, bons anúncios publicitários, o que reforça ainda mais o argumento de que, enquanto produto, o “hebdomedário” foi um sucesso comercial. *A Manhã* acumulou, sem dúvida, uma boa visibilidade nos seus dez primeiros anos de vida, garantindo através da venda avulsa e das assinaturas, um nível de acessibilidade e disponibilidade que caracterizaram uma competente publicidade junto à audiência da época.

Entretanto, pelo menos no que diz respeito ao período estudado, o jornal de Apporelly estava longe do caráter industrial que marcou a grande imprensa do início do século XX. Não havia qualquer indício de profissionalização, as parcerias estabelecidas para fazer o periódico eram poucas e formadas por profissionais próximos a Apparício, porém numa relação de colaboração possivelmente remunerada, mas sem vínculos definitivos e regulares. Dentre o que se pôde levantar, não há qualquer indício de que Apparício Torelly tenha tido sequer uma secretária, e os depoimentos do filho Arly lembram o pai fazendo o jornal sozinho. A própria biografia do humorista sugere que o mesmo nunca foi muito dado a relações hierárquicas – era uma característica latente desde o colégio e a faculdade, incluindo a passagem pelo jornal *O Globo* e a parceria com Assis Chateaubriand. O periódico também nunca contou com grandes aparatos técnicos, salvo o telefone e a máquina de escrever. Valia-se dos grandes jornais tanto para a impressão, quanto para o fornecimento das informações que alimentavam suas páginas, exatamente conforme evidencia Sant’Anna (2007) no capítulo quatro<sup>164</sup>.

---

<sup>164</sup> Os jornais paródicos precisam do(s) texto(s) publicado(s) anteriormente para proceder sua intertextualidade, valendo-se do referencial acumulado na memória dos leitores para validar sua estratégia.

No que tange à periodicidade, também se pôde observar que o jornal manteve uma boa regularidade. Ao longo dos dez anos estudados, dentro da proposta a que se propunha, o semanário manteve, por baixo, um percentual estimado em 72% de sua possível frequência de circulação<sup>165</sup>. As interrupções, conforme visto, deram-se principalmente em função das experiências de Apparício Torelly com a febre aftosa, entre meados de 1928 e o final 1929, da censura, especialmente entre 1934 e 1935, e de seus envolvimento com o *Jornal do Povo* (outubro/novembro de 1934) e com a Aliança Nacional Libertadora (1935). Porém, entre o final de 1929 e meados de 1934, a frequência é de quase 100%. Apesar dos entraves, ainda assim trata-se de uma periodicidade impressionante para um periódico independente.

Quanto à atualidade d'*A Manhã*, a análise do plano do conteúdo possibilitou inferir que o jornal apresentava um relato periódico calcado nas mais diversas novidades da época. Tanto que a construção sobre a qual operou o estudo das 20 matérias selecionadas, incluindo os encaixes a elas relacionados, apresentou em sua totalidade uma abordagem voltada para os temas do cotidiano, bem como para os fatos próximos à data de lançamento do periódico. As incursões a eventos distantes, normalmente resgatando passagens históricas remotas, aparecem sempre relacionadas à sua contemporaneidade, operando no sentido de colorir o relato dos acontecimentos recentes.

Se, de um lado, *A Manhã* mostrava-se economicamente viável e pleiteava determinados elementos que eram típicos da grande imprensa, de outro, preservava aspectos característicos da imprensa artesanal, que o aproximavam muito dos pasquins. A virulência de sua linguagem não chegava a atingir um caráter tão agressivo quanto o dos mais exaltados exemplos citados por Sodré (1999), porque o humor amenizava o impacto das mensagens, tal qual também ocorria com alguns pasquins. Mas é indiscutível que o periódico era um tanto quanto desaforado, invadindo o âmbito do privado e recorrendo à ofensa pessoal, ainda que em tom jocoso. Isso se manifesta nitidamente quando caçoa da obesidade de Lopes Gonçalves, ou publica uma foto de Washington Luís transfigurado em um chimpanzé. Ou quando transforma o chefe do Governo Provisório em ajudante de pedreiro durante as solenidades em comemoração ao dia da cidade, ou até mesmo quanto dispara contra os deputados constituintes, identificando-os como palhaços. O mesmo ocorria através dos apelidos ridicularizadores freqüentemente empregados, como Lápiz Gonçalves, Vaz “Antão” e Gás Morteiro, este último dedicado a Góes Monteiro, que custou a Apparício a primeira prisão na República Nova, em setembro de 1932. Além destes aspectos, o fato d'*A Manhã* ser produzida quase que unicamente por Apporelly e apresentar epígrafes

---

<sup>165</sup> Considerando-se o lançamento do jornal em 13 de maio de 1926 e o encerramento temporário de suas atividades em 26 de outubro de 1935, às vésperas da prisão de Apparício Torelly, bem como uma média de 52 edições por ano, tem-se que: 32 edições (1926) + 8 x 52 edições (1927 a 1934) + 43 edições (1935) = 491. Sabendo-se foram lançados 355 edições no período, então:  $355 / 491 = 0,72 \times 100 = 72 \%$ .

chistosas alinhadas com o perfil da publicação também são marcas típicas da imprensa artesanal que antecedeu os grandes jornais do início do século XX.

Assim, no que diz respeito aos aspectos mais genéricos do jornalismo, comuns à prática época, tal qual levantados no capítulo 4, poderíamos afirmar que *A Manhã* ficava mais aquém em algumas características marcantes do que foi definido como jornalismo profissionalizado. Ou seja, a profissionalização era precária e o aparato tecnológico era mínimo, distante da divisão de trabalho hierarquizada comum aos grandes jornais. O potencial da publicação, até certo ponto, era alavancado pela participação de alguns nomes de peso, como Andres Guevara e Juó Bananere, entre outros que colaboravam ainda mais esporadicamente. Mas o jornal jamais contou com sede ou maquinário próprios. Por outro lado, no que diz respeito aos demais aspectos genéricos, *A Manhã* apresentava expressividade suficiente para concorrer em um mercado que já se mostrava excludente a este tipo de iniciativa. Dentro do que se pôde constatar, o que Apparício Torelly fez para suprir as mazelas técnicas e profissionais da sua “empresa” foi investir em aspectos mais relacionados à intersubjetividade do processo. Curiosamente, sua paródia vale-se justamente destes aspectos para compensar suas deficiências, os quais exprime através de uma inversão satírica e irônica de sua própria condição.

Isso se dá do início ao fim do periódico no período estudado, e há diversos exemplos que suscitam estes artifícios nos textos analisados. Há alguns marcantes, como a “compra” de quase todos os edifícios por onde *A Manhã* passou (texto 3), ou a formação do “consórcio” *Diários Humorísticos Associados* (texto 10), ou ainda o atentado às oficinas do jornal, que, na verdade, se apropria do acontecimento relativo ao empastelamento do *Diário Carioca* (texto 15). Em meio aos textos, isso também se manifesta em inúmeros momentos pontuais, dos quais se podem destacar alguns: “seguindo exemplo dos grandes órgãos de publicidade” (texto 1 – linha 1); “cinco datilógrafas dos nossos escritórios” e “poderosa empresa proprietária do grande quintaferino, que é órgão líder da imprensa brasileira” (texto 3 – linhas 5 e 53-54); “corre-corre nos diversos departamentos da redação, composição e estereotipia, deste vibrante arauto das aspirações populares” (texto 4 – linhas 2-3); “opulenta empresa” (texto 7 – linha 19); “grande rotativo” (texto 14 – linha 4); “nossas luxuosas oficinas” (texto 15 – linha 13); e “nossos modernos e possantes aparelhos de ondas curtas” e “próspera empresa” (texto 19 – linhas 4 e 11).

Quanto aos valores temáticos, pode-se inferir que *A Manhã* abordou quase todos os temas comuns à imprensa da época, até porque, conforme apontado anteriormente, o periódico pautava-se pelos assuntos veiculados nos grandes jornais. A política era muito recorrente no “hebdomedário”, mas destacavam-se também o foco acentuado em pessoas notórias e personalidades históricas, bem como em assuntos científicos, uma das grandes pai-

xões de Apporelly. O poder, o insólito, casos policiais, guerras, esportes, carnaval, moda, dinheiro, saúde e beleza, trabalho, lazer, enfim, todos os temas que coloriam as publicações contemporâneas *À Manha*, também apareciam no semanário. Igualmente, a exemplo dos seus “concorrentes”, a publicação também fazia suas incursões no terreno da literatura, apresentando contos e poemas, obviamente sempre perpassados por efeitos de comicidade. Outro exemplo deste esforço empreendido por Apporelly, no sentido de buscar maior universalidade no conteúdo da publicação, são os suplementos em linguagem macarrônica, comuns em publicações da época, como a revista *Careta*, que desde 1909 já acrescentava este tipo de brincadeira em suas páginas (SALIBA, 2002, p. 105-107).

O modo como Apporelly, através d’*A Manha*, operava a intersubjetividade frente aos interesses públicos e do público basicamente valia-se de aspectos narrativos calcados em estratégias de objetivação oriundas dos padrões do jornalismo da época, que suscitavam efeitos de real. Entretanto, estas eram atravessadas por estratégias de subjetivação que, por sua vez, deformavam as percepções clássicas que caracterizam o contrato cognitivo no jornalismo, como confiabilidade, credibilidade e legitimidade. Conforme visto, ainda não havia o regramento que acompanhou as marcantes reformas que transformariam o jornalismo brasileiro a partir dos anos 1950, mas já se manifestava uma preocupação em relatar os fatos tais quais ocorriam, e a opinião cedia cada vez mais espaço à informação. Os chamados critérios de noticiabilidade eram implícitos à prática, de modo que se falava em notícia, bem como se reivindicava a verdade e a neutralidade, ainda que estes aspectos fossem muitas vezes explicitamente perpassados pelo posicionamento político do jornal e dos interesses de seus proprietários.

Era a partir dessa aproximação com a realidade e padrões estabelecidos pela imprensa da época que *A Manha* apresentava o seu ponto de vista. Pode-se intuir que, para quem acompanhava os jornais de então, enquanto referência hegemônica do processo de mediação da cultura que se iniciara no início do século, devia ser muito divertido ler as distorções factuais apresentados pelo “hebdomedário”. O periódico “parasitava” esta grande imprensa, apropriando-se da visibilidade acumulada pela mesma, para, a partir disso, aproximar-se do público leitor. A universalidade que *A Manha* sugere nada mais é do que um reflexo do modo como se constituiu o jornalismo de massas na época, e estudar a trajetória do periódico de Apparício Torelly é, de certo modo, também uma forma de compreender a imprensa de então.

Conforme coloca Motta (2007, p. 156), “o jornalismo observa o mundo desde o atual, ancora seu relato no presente para relatar o passado e antecipar o futuro”. O autor também acrescenta que “ainda que não seja “a realidade”, o texto jornalístico tem veracidade, recorre a recursos de linguagem para parecer factual, objetivo e verdadeiro. Produz o ‘efeito

de real” (p. 157, grifo do auto). Neste sentido, faz-se necessário identificar as estratégias narrativas que visam construir o efeito de real, tais como as expressões que criam o efeito de atualidade, os lugares, objetos, situações, personagens e dados exatos que caracterizam a legitimidade dos fatos. Estes elementos têm um papel fundamental para esta pesquisa, pois, conforme será apresentado posteriormente, desempenham função determinante para a verossimilhança interna do personagem estudado.

Nos textos selecionados, pôde-se perceber, ao longo da análise no plano do conteúdo, que diversos recursos lingüísticos são utilizados em aproximação às características apontadas por Motta. Tanto os espaços evocados quanto o tempo, em suas precisões e proximidade com o universo factual, sugerem efeito de real. De um modo geral, sempre buscam refletir factualmente o não-texto, bem como apresentam uma importância funcional imprescindível à compreensão das intrigas, especialmente no que se refere ao efeito de humor pretendido, enquanto estratégia de subjetivação. No âmbito espaço-temporal, o tempo muitas vezes é preciso e detalhado, coerente ao encadeamento das matérias, e quando não o é, ainda assim o momento é identificável a partir da aproximação com fatos recentes da época, associados a lugares reais. Assim, reforça-se a idéia de que as narrativas d’*A Manhã* estão basicamente centradas no presente, seja operando sobre acontecimentos encadeados a partir das edições anteriores (analepses), seja evocando lugares do seu tempo em situações recentes. Igualmente, quase todas as matérias analisadas apresentam pelo menos uma personalidade real de sua época, ou pelo menos uma referência, como Lápiz Gonçalves no texto 1, por exemplo. A única exceção é o texto 11, que não apresenta nenhuma menção a pessoas reais. Portanto, são evidentes algumas estratégias de objetivação que aproximam as narrativas ao texto jornalístico.

No mais, há outras referências que reforçam esta aproximação d’*A Manhã* com as linguagens e termos relacionados à grande imprensa, como, por exemplo, nas expressões: “sensacional notícia” e “repleto de informações, artigos bombásticos e notícias empolgantes” (texto 2 – linhas 12 e 28); “bandeira da nossa porta” (texto 3 – linha 24); “artigo de fundo” (texto 4 – linha 4); “instantâneo que ilustra esta página” (texto 7 – linha 27); “grande esforço de reportagem” (texto 8 – linha 26); “ativa reportagem” e “imprensa assalariada” (texto 9 – linhas 35 e 48); “antes de entrar na matéria”, “Podes usar minhas palavras e transcrevê-las pelas colunas de teu jornal” e “continua a dizer a verdade” (texto 10 – linhas 11, 40-41, 93); “Nós manejamos uma arma muito mais terrível que a mentira: - é a verdade!” (texto 11 – linha 14); “[...] aludida entrevista [...] segundo clichê” (texto 13 – linhas 27-28); “escrevia violentíssimo artigo [...]” (texto 15 – linha 26); “nota à imprensa”, “N. da R.” (nota da redação), “este boletim [...]”, “a

verdade, porém, sempre aparece” e “a divulgação pelas colunas desta folha [...]” (texto 16 – linhas 2,14 e 22 e 24); e “nossa reportagem” (texto 18 – linha 10).

Tais apropriações também se manifestam na utilização de outros artifícios, como as declarações entre aspas (texto 6, 8 e 16); a utilização do discurso direto, antecedido por travessões, um recurso também utilizado na imprensa da época para transcrever diálogos (texto 11 e texto 12); os esboços de lide e até mesmo os narizes de cera apontados no plano do conteúdo; assim como a própria entrevista com Cristo, publicada como um furo jornalístico (texto 10). As referências às agências de notícias da época, “Havas”, “Amor e Cana” (Americana) e “U.P.” (United Press) (texto 3 – linhas 51-65), igualmente são características que remetem à rotina de produção dos grandes jornais de então.

Quanto às estratégias de subjetivação, é essencialmente através do humor, enquanto recurso retórico, que *A Manha* estabelece sua relação com o leitor; afinal, é um periódico humorístico. Neste sentido, elencou-se a paródia como gênero humorístico central para proceder a análise, já que os objetivos estabelecidos perpassam a relação estabelecida entre *A Manha* e a grande imprensa da qual é contemporânea – a paródia estabelece a intertextualidade que firma esta relação. De certo modo, pode-se dizer que se está trabalhando implicitamente com a hipótese de que *A Manha* é um produto do intercruzamento de uma série de fatores sócio-históricos e culturais, consoante ao que vem sendo construído desde o início deste trabalho, e que Itararé, enquanto parte indissociável do “hebdomedário”, por consequência, também é uma parcela resultante do alinhamento destas confluências. Conforme já apontado pelos capítulos dois e quatro, a paródia é um elemento marcante na representação humorística que acompanha a modernidade brasileira que adentra o século XX. E, segundo bem observa Saliba (2002), Apporelly é um uma espécie de herdeiro deste somatório de eventos. Assim, a estratégia pensada também é um recorte que define o eixo analítico adotado e estabelece um olhar específico, tal qual aqui se propõe. E a identificação das estratégias de subjetivação nas narrativas atenderá a este olhar, apontando outras nuances da forma como esta paródia manifesta-se nos textos selecionados para análise.

O aspecto mais marcante em todas as narrativas e que conforma provavelmente a maior deformação que caracteriza a paródia jornalística d’*A Manha* é a mentira. A princípio, segundo as categorias propostas por Propp (1992), é uma mentira desmascarada, que não leva a consequências trágicas. Entretanto, é preciso atentar para certos detalhes que perpassam a intersubjetividade estabelecida no periódico, subentendidos nas entrelinhas de algumas narrativas, como, por exemplo, no texto 10 (linhas 97-98)<sup>166</sup>. Ao intercalar acontecimentos reais e

<sup>166</sup> “[...] Muitos crêem que sejas, de fato barão, e muitos acreditam na força do marechal-almirante...”

ficção, *A Manha* constantemente suscita confusão, e sua leitura muitas vezes dificulta separar a verdade e a fantasia. O texto 1, por exemplo, utiliza este artifício em torno de uma premiação impossível, devido ao alogismo entre os lugares indicados, todos referenciando localidades reais do Rio de Janeiro. Não é absurdo imaginar que alguém tenha possivelmente questionado Apporelly da impossibilidade de pleitear o prêmio, caracterizando a comicidade que Propp (1992) definiu como “fazer alguém de bobo”. Tampouco, que muitos acreditassem que ele realmente era barão, até porque muitas personalidades da imprensa na época ostentavam estes títulos. A disputa com os Guinle e o Sr. Portella (texto 3), sendo que o segundo não foi possível saber se realmente existiu, a relação com Washington Luís e com as mais variadas personalidades da época, os títulos recebidos, os inventos, a compra de edifícios famosos na cidade, a habilidade em pilotar aviões, enfim, todas as narrativas são carregadas com estratégias de objetivação que operam em direção à subjetivação humorística.

É por isso que, no caso de *A Manha*, caracteriza-se uma paródia jornalística, e não um jornalismo paródico. Considerando-se que o acontecimento é um elemento privilegiado pelo jornalismo, a sua deformação conseqüentemente põe em cheque um dos principais alicerces ontológicos da atividade. Diante desta premissa essencial, pode-se afirmar que, em *A Manha*, os princípios comumente utilizados na prática jornalística acabavam por operar a favor da paródia, e não o contrário<sup>167</sup>. Entretanto, é curioso observar que, paralelamente a esta deformação no plano intramural, respaldada pela incorporação de elementos extramurais, do mundo real, o “hebdomedário” paradoxalmente apresentava aspectos fundamentais que caracterizam o jornalismo. Era calcado nos acontecimentos da atualidade de sua época, ainda que de modo distorcido, mantendo uma periodicidade significativa, com expressivo grau de publicidade e aparato tecnológico suficiente para manter-se no mercado, ainda que alguns elementos fossem parcialmente apropriados dos grandes jornais.

Assim, a paródia em *A Manha* pode ser interpretada, tal qual sugere Sant’Anna (2007), como um contra-estilo do jornalismo. Ao subverter de modo contundente o núcleo dos relatos de novidades, fundado no esforço em se aproximar o máximo possível da verdade dos fatos, ao mesmo tempo em que dissimula a finalidade do periódico ao apropriar-se de características fundamentais da atividade, Apporelly desenvolve uma espécie de contra-jornalismo ou anti-jornalismo. Trata-se de um importante cerne ideológico da obra de Apparício Torelly. Porém, é importante compreender que sua obra é também produto do jornalismo de sua época, existe

---

<sup>167</sup> O que caracterizaria um jornalismo paródico. Neste caso, pressupõe-se maior foco na precisão do relato dos acontecimentos, e as deformações ocorreriam mais no âmbito do *modus faciendi* da atividade, evitando-se a distorção dos fatos a ponto de caracterizar-se uma mentira, mesmo que desmascarada. Pressupõe-se que, nestes moldes, é a paródia que opera em função do jornalismo, não chegando a conformar-se um anti-jornalismo.

em função deste e seria inconcebível se não fosse a existência do mesmo. A partir deste raciocínio, pode-se dizer que se trata essencialmente de uma paródia satírica, pois assim como rege o jornalismo do “hebdomedário”, esta paródia também rege, de um modo geral, as referências que faz ao não-texto. As matérias são apresentadas em forma de relatos que, conforme visto, sugerem ser “notícias” em “um grande jornal”, apesar de serem permeadas pela ficção e, muitas vezes, por uma editorialização dissimulada dos textos. Em determinados momentos, esta paródia jornalística satírica aproxima-se da apropriação (SANT’ANNA, 2007), na qual a radicalização do desvio apresenta um tom desrespeitoso. Uma boa amostra, dentro do que foi analisado, foi a criação do consórcio *Diários Humorísticos Associados*, apontando que certos jornais então considerados sérios, na verdade eram risíveis.

No nível microcômico da paródia n’*A Manha*, a ironia manifesta-se tanto de modo bem humorado, quanto depreciativo, e vale-se dos mais variados recursos humorísticos para reforçar sua proposta. As articulações dos nomes próprios, já levantados no plano do conteúdo, apresentam bons exemplos neste sentido. “Vaz Antão” é claramente marcado por uma ironia depreciativa. Mas, em geral, o risível de Apporelly é mais próximo ao humorístico do que ao cômico, se tomarmos como referência a dicotomia proposta por Pirandello (1996), e sua ironia tende a ser bem-humorada.

Nos 20 textos analisados, é possível perceber quase todas as classificações sugeridas por Propp (1992). No texto 6, por exemplo, a descrição do brasão de Itararé é marcada pelo cômico da natureza e das coisas, apresentando por intermédio destes recursos algumas das principais características do Barão. O destaque à obesidade de Lopes Gonçalves (texto 1) é um claro exemplo de comicidade da natureza física do homem, também marcada pela ironia depreciativa. A carga de qualificações de Itararé, repetidamente e exageradamente positiva em todos os textos apresenta tanto uma comicidade por semelhança quanto por exagero. Já a comparação do povo com batráquios (texto 12) aproxima-se da idéia de homem com aparência de animal. E a ridicularização das profissões está, por exemplo, intrínseca às inúmeras passagens em que os serviços de Itararé aparecem de modo marcadamente submisso. Há diversos trocadilhos como “lei acelerada” (texto 2) ao invés de Lei Celerada, “Hindu... bitavelmente” (texto 13) ao invés de indubitavelmente, “circos diplomáticos” (texto 9) ao invés de círculos diplomáticos e “arrotativo” (texto 19) ao invés de rotativo. Há um paradoxo na expressão “a propriedade é um roubo e o roubo é uma propriedade” (texto 2), e a utilização de diversas palavras sofisticadas e expressões em outras línguas que expressam exagerada grandiloquência. Considerando-se a riqueza significativa d’*A Manha*, incluindo a sua verve forte-

mente marcada por recursos imagéticos, pode-se intuir que a o periódico era consideravelmente inclinado para uma expressividade colorida, em aproximação à linguagem popular.

É importante considerar também o modo como Apparício Torelly buscava aproximar-se do seu público leitor em seus textos, através da análise das instâncias narrativas nas matérias selecionadas. Em outras palavras, será empreendida uma avaliação que permita indiciar a relação entre o autor, Apparício Torelly, e a sua aproximação, no plano intramural, com os receptores d’*A Manhã*. Neste sentido, é importante lembrar que esta pesquisa é prioritariamente focada na produção, e que a distância temporal impõe limites quanto a uma caracterização minuciosa da recepção – a análise das instâncias narrativas opera em outro sentido, conforme visto no capítulo cinco. O procedimento age no âmbito da voz do narrador, ou seja, quem fala e como fala, e da chamada focalização, que aborda a percepção suscitada a partir do próprio texto. Esta percepção não diz respeito ao leitor desconhecido, o receptor real, e apenas intui sobre este. Aproxima-se mais do narratário, uma projeção que o autor faz sobre o leitor no próprio texto.

A grande maioria das narrativas analisadas suscita uma “aparente” voz heterodiegética, que subentende uma voz homodiegética, e, em alguns poucos casos, insinua uma voz autodiegética implícita ao discurso. Já a focalização, em sua grande maioria, passa pelos personagens e, em alguns poucos momentos, passa pelo narrador ou insinua-se neutra. Neste sentido, é importante observar a presença de um “personagem” implícito às narrativas, oculto sob o narrador predominante, que, no caso dos textos estudados, geralmente sugere um funcionário qualquer subordinado à “hierarquia” do jornal. Esta manifestação é muito intrigante se pensarmos que o autor, projetado na história através do protagonista, também assume simultaneamente este papel, através do qual narra, mas não necessariamente participa da história. Este “personagem” oculto apresenta dois comportamentos marcantes nas intrigas. Quando se manifesta na primeira pessoa do plural, fala pelo jornal, e, quando se posiciona, está sempre alinhado ao protagonista ou à empresa, impulsionando um ou outro. Muitas vezes, mesmo quando o discurso opera em terceira pessoa, há uma grande recorrência dos dêiticos possessivos “nosso(s)”, “nossa(s)”, denotando um sentimento de pertencimento. Este recurso, que também opera no sentido de editorializar a narrativa, relativizando a voz heterodiegética, pode tanto manifestar estima ou orgulho pelo proprietário ou pela empresa (“nossa próspera empresa” – texto 10 – linha 13), quanto tomar partido em conflitos manifestos na intriga (“nossos ferrenhos adversários” – texto 3 – linha 13). Pode-se afirmar, então, que esta relativização conduz a uma distorção da “aparente” ausência do narrador como personagem nas narrativas, suscitando uma espécie de “falsa” voz heterodiegética.

Estes aspectos associados permitem intuir uma possível pretensão de Apporelly em enfatizar a relação de subserviência decorrente da profissionalização da imprensa, comumente manifes-

ta nos jornais da época. Ao que indica, esta reflexão crítica é uma manifestação autobiográfica do autor a partir de suas experiências com esta imprensa, transposta em um ser humano fictício inserido na narrativa, cuja crítica alinha-se à tradição de escritores como Lima Barreto e Balzac, por exemplo. Há uma evidência muito forte desta aproximação, implícita à expressão “tenda árabe de trabalho”, recorrente em muitas matérias d’*A Manhã*. No uso coloquial jocoso, tal expressão significa “local de estudo” (HOUAISS, 2001). Entretanto, uma passagem no *Recordações...*, de Lima Barreto (1990, p. 111), parece apontar para além desta simples acepção:

Levantara-me muito cedo naquela manhã para ir ao jornal. Não me competia o serviço diurno naquele dia; mas o redator português chegava às dez horas e eu recebera ordem para ir ao seu encontro no cais. No jornal, o diretor é uma espécie de senhor feudal a quem todos prestam vassalagem e juramento de inteira dependência: são seus homens. As suas festas são festas do feudo a que todos têm obrigação de se associar; os seus ódios, são ódios de suserano, que devem ser compartilhados por todos os vassallos, vilões ou não. A recepção do redator português era uma festa sua e ele exigia esse aparato para que tivesse uma repercussão favorável na grande colônia portuguesa. Todos tinham que ir. E se bem que simples contínuo, o diretor exigia terminantemente a minha presença, para mostrar aos outros periódicos rivais que no seu não havia distinções vãs, “era uma tenda de trabalho onde mourejavam irmãos”.

Esta constatação é fundamental para compreender a peculiaridade das instâncias narrativas que regem *A Manhã*. A predominância do narrador que se manifesta em uma aparente voz heterodiegética, e implicitamente homodiegética, passando quase sempre por este personagem oculto, é a essência das narrativas n’*A Manhã*, e reforçam ainda mais a construção paródica da publicação. Apesar da sutileza desta inserção nas narrativas, também se trata de uma manifestação hiperbólica frente ao processo de profissionalização da imprensa. O texto que mais se excetua a esta construção narrativa recorrente n’*A Manhã* é o texto 10, *O sermão da montanha do corcovado*, que se mostra também o mais peculiar do *corpus* selecionado. Neste caso, é o próprio protagonista quem escreve o texto, conforme comprovam as últimas linhas da narrativa, em que Itararé “veio correndo para o seu luxuoso gabinete de trabalho, onde traçou em grande estilo, as linhas que os nossos heróicos leitores acabam de ler pacientemente”. Esta evidência insinua que a importância do assunto levou o próprio diretor a escrever a matéria, que, ainda assim, preserva a voz heterodiegética passando pelo personagem. Porém, esta voz heterodiegética suscita uma voz autodiegética implícita a ela, já que o narrador da história, apesar de utilizar predominantemente a terceira pessoa, suscitando certo distanciamento, relata a sua própria experiência como protagonista. A mesma narrativa também contém o sermão de Cristo, que vai caracterizar um narrador homodiegético, cuja perspectiva passa pelo próprio narrador, por onisciente que é em sua essência. É um dos poucos casos em que o autor utiliza intensamente a primeira pessoa do singular.

Chega-se, então, ao último movimento proposto por Motta (2007), situado no nível cultural das significações profundas dos planos moral, ético e simbólico, identificados em meio às in-

trigas fragmentadas ao longo das matérias selecionadas para análise. Neste sentido, manifestam-se os elementos extramurais, que remetem às questões de um universo que antecede ao texto, e que conformam os mitos e matrizes da construção sócio-histórica da sociedade. A sátira que caracteriza *A Manhã*, de um modo geral, acaba perpassando nas entrelinhas do seu humor os mais variados temas e mazelas que afligiam e infelizmente ainda afligem as sociedades modernas. Conforme bem colocou Figueiredo (1987, p. 187), “Fazer rir, todos reconhecem, é uma arte complicada. Mas fazer rir para dar ao público algo mais do que o prazer de uma boa risada é ainda mais difícil”. É a difícil arte de fazer rir a que o próprio Apporelly se referiu quando criou o *Diários Humorísticos Associados*. Às vezes, até aparentava certo machismo; em outros momentos, demonstrava hesitação frente aos eventos. Apparício, acima de tudo, era humano. Mas a ironia intrínseca aos textos de Apparício Torelly, conforme se pôde observar, dificilmente deixavam de avaliar o seu entorno, seja alfinetando a hipocrisia, o conservadorismo, a futilidade ou o autoritarismo.

Os aspectos levantados permitem observar que os alvos prediletos de Apparício Torelly eram o comportamento das elites e as forças por trás dos poderes institucionais. Nas matérias selecionadas, por exemplo, é satirizada a imprensa, o governo, os vultosos negócios imobiliários que tomaram o Rio após a reforma urbana, a situação política do país, as oligarquias nacionais. E, apesar de sua inclinação para o comunismo, explicitamente manifesta nas páginas d’*A Manhã*, a própria esquerda eventualmente era vítima de suas brincadeiras. Do mesmo modo, é interessante observar como, em determinados momentos, a redação do jornal é transformada em uma repartição pública, satirizando os vínculos entre os governos e os jornais. Sua paródia, fruto de uma tendência que moldava a sociedade brasileira desde o início do século XX, constantemente operava pela inversão das representações dos espaços públicos, trazendo-os para a dimensão privada, assim como, do mesmo modo, transpunha os espaços privados através do imaginário público. Não é por acaso a real possibilidade de que muitos acreditassem que ele realmente era um barão.

É possível perceber nitidamente a manifestação da cosmovisão carnavalesca na forma como Apparício Torelly expressava seu humor, e estes aspectos serão enfaticamente explorados na construção do personagem que o representava n’*A Manhã*: a eliminação de todas as distâncias entre os homens, o desvelamento dos aspectos ocultos da natureza humana, a desorganização das hierarquias dos elementos sociais e o sacrilégio a padrões socialmente instituídos. Por intermédio do “hebdromedário”, Apporelly criava um carnaval e incorporava a típica malandragem brasileira ao romper com a rotina social e insinuar-se criativamente junto à estrutura hierarquizante da sociedade e suas ridículas indumentárias, títulos e solenidades. Através do humor, “quixotizou” o mundo à sua volta e conseguiu transpor os limites da sua obra para além

das páginas do seu jornal independente – em diversos momentos, sua cabeça correu risco. Foi um típico bufão, porém adaptado à nova realidade que irrompia com a modernidade do século XX. Se, por um lado, não existiam mais reis no Brasil, por outro, resistiram as bases oligárquicas que preservaram a exploração do homem pelo homem. A grande imprensa surge para demarcar territórios em meio ao espetáculo promovido pela “corte” republicana. Estava pronto o cenário, e Apparício Torelly fez d’*A Manha* o seu palco. O Barão de Itararé foi a mais antológica fantasia que este bufão vestiu ao longo de sua obra.

Esta estreita ligação com o autor é um dos principais fatores que reforça a verossimilhança interna deste personagem e torna-se essencial no que diz respeito à sua caracterização. Afinal, o “nosso querido diretor” surge n’*A Manha* como uma transposição do próprio autor. Fica evidente esta relação no momento em que o expediente do jornal apresenta Apporelly como diretor proprietário do mesmo, bem como pela representação imagética do personagem, principalmente a partir do momento em que surge o marechal almirante, quando os desenhos passam a ser caricaturas do próprio autor. Por isso, este personagem trata-se, sem dúvida, de um porta-voz do seu criador.

Desde o começo, o personagem de Apparício agrega as características dos personagens jornalísticos, que são representações de pessoas reais, aos mais marcantes elementos dos personagens cômicos, como o exagero e a malandragem, somados a aspectos bufônicos, irônicos e fanfarrônicos (BENDER, 1996). Isto fica explicitamente manifesto ao longo de todas as narrativas analisadas. Conforme visto, as estratégias de objetivação utilizadas nestes textos vêm a impulsionar a verossimilhança do personagem, seja através dos efeitos de real, seja através dos adjuvantes com quem compartilha as cenas, geralmente representando transposições de personalidades reais. O exagero, conforme visto, é uma característica comum ao humor d’*A Manha* como um todo, no momento em que a singela publicação se apresenta como um “grande jornal”. A própria construção do personagem vai sofrendo uma transformação alicerçada nesta característica básica do humor *apporellyano*, que também se manifesta nas peculiaridades internas às intrigas – há um exagerado grau de qualificações e bajulações direcionadas ao mesmo. A demasia de qualificações, por sua vez, leva às típicas características das figuras fanfarrônicas. Além disso, o personagem dessacralização a justiça vigente e as instituições de sua época, o que também o torna irônico. E, por fim, a sua permanente ligação com as altas instâncias do poder, seja junto à imprensa, seja em referência ao exército, à aristocracia ou ao alto escalão do governo, associada à covardia, claramente denotada no texto 15<sup>168</sup>, são características típicas dos personagens bufônicos.

---

<sup>168</sup> Intitulado *Inominável atentado contra as nossas oficinas*.

Este personagem, conforme já apontado, é normalmente heterocaracterizado por um narrador oculto, um funcionário fictício *d'A Manha* que vai apresentando, através de descrições diretas e comentários explícitos, os aspectos que definem o chefe, bem como suas ações ao longo das intrigas. Em alguns outros casos, estas caracterizações partem dos demais adjuvantes que participam da intriga. E em outros, ainda mais raros, sugere uma autocaracterização, como no caso do texto 15, no qual o próprio protagonista é quem redige o texto. Mas a caracterização de Itararé, independente do narrador ou da identificação, é marcada pela redundância e isso o aproxima dos personagens de costume ou planos, tipicamente caricatos e conseqüentemente propícios à comicidade.

Algumas referências explícitas o caracterizam como herói, e, em todas as situações, o personagem sempre se impõe de modo superior, colorido por uma série de qualificações positivas. Em sua construção, perpassando todas as identificações, ele sempre assume o comando da situação e até mesmo quando denota covardia, o jogo de palavras o coloca em situação de vantagem<sup>169</sup>. Além disso, percebe-se que esta construção se dá sempre vinculada a acontecimentos próximos, o que estabelece um forte vínculo do personagem com a paródia jornalística desenvolvida n'*A Manha*. O “nosso querido diretor” é uma referência aos grandes proprietários de jornais e seus vínculos escusos com o governo e com as elites nacionais fazem referências diretas às relações comuns nos grandes periódicos da época. Aqui, o presidente Washington Luís torna-se redator-chefe *d'A Manha*, de modo que o dono do “hebdomedário” interfere e até controla a política nacional através deste “subordinado” aos seus quadros funcionais.

O marechal-almirante surge como o grande responsável pelo sucesso da Revolução de 1930. O “nosso querido diretor” assume um cargo militar superior aos generais responsáveis pela renúncia de Washington Luís, e é dele que partem as ordens que encerram os conflitos, resolvendo a situação nacional. Vem, então, o decreto diretamente sancionado pelo chefe do Governo Provisório, que vai agraciá-lo com o título de Barão de Itararé pelos feitos heróicos realizados<sup>170</sup>. Aqui a dimensão humorística assume proporções bem maiores, e o personagem transcende o escopo limitado dos grandes proprietários de jornais e militares para se tornar uma sátira aos mais diversos setores da elite nacional, perpassando quase todos os planos institucionais do país. A brincadeira com a Batalha de Itararé novamente situa o personagem em seu tempo.

<sup>169</sup> No texto 15(linhas 30-31) aparece o melhor exemplo neste sentido: “Num gesto de verdadeira loucura, o destemoroso marechal-almirante-aviador pôs em fuga os seus perseguidores, que corriam desabaladamente pela rua afora e ele na frente”.

<sup>170</sup> Lembrando que, na construção *d'A Manha*, ele continua a ser proprietário do jornal e marechal-almirante. Ou seja, os títulos são e continuarão sendo cumulativos, preservando as caracterizações anteriores, de modo que as mudanças nas identificações são uma progressiva hipóbole do mesmo personagem.

O título de Duque é uma hipérbole utilizada por Apparício para amplificar a sátira do Barão e o Grão-Duque surge em resposta à política de queima dos estoques de café, assunto polêmico na época. Em um curto período, cerca de um mês e meio, o autor promove o personagem a Imperador, repetindo a mesma lógica. Entretanto, o período coincidente ao surgimento de Itararé I também é marcado pelo acirramento do debate sobre a reconstitucionalização do país, na qual Vargas já não conseguia mais dissimular suas pretensões discricionárias à frente do governo. Como Imperador da União das Repúblicas Socialistas da América do Sul (URSAS), Itararé I também apresenta duas interessantes e possíveis interpretações. Uma diz respeito à inclinação de Apporelly para o comunismo. Outra pode apontar também uma crítica ao regime na União Soviética, no qual, aos poucos, o poder popular ia cedendo espaço ao controle centralista do partido bolchevique. No início de 1932, o título de “o Brando” dá margem a três interpretações frente à situação. Uma sugere conciliação frente às pressões políticas do momento, medo talvez. Outra possibilidade é pensar a expressão no sentido de equívoco, ou seja, estar cometendo erros. E outra possível interpretação sugere desdém, pouco caso. E, finalmente, Itararé II surge junto à Guerra Paulista, aludindo uma segunda batalha de Itararé. Assim, quase todos os títulos encaixam-se à paródia jornalística d’*A Manha* e acompanham os fatos presentes.

Uma das grandes dúvidas suscitadas ao longo do trabalho diz respeito ao porquê do Barão posteriormente impor-se como personagem definitivo, pois, quando Apporelly vai preso, ao final de 1935, a identificação predominante ainda era a de Itararé II, o Brando. Quando o jornal volta a circular com regularidade, em 27 de abril de 1945 (rolo 3 – p. 182), embora ainda apareçam algumas menções ao Imperador, o Barão novamente assume como protagonista, para então ficar no comando d’*A Manha*. Não foi encontrada qualquer explicação mais precisa sobre esta retomada do Barão, mas é possível intuir, a exemplo do que já foi inclusive colocado, que Apparício tenha se popularizado por esta alcunha. Na bibliografia consultada, há algumas pistas sobre o assunto, embora apresente certa incoerência com a pesquisa aqui realizada<sup>171</sup>. Também é possível que tenha realmente optado pelo título de barão “como prova de modéstia”. Afinal, o baronato era o posto mais comum e o mais baixo na hierarquia nobiliárquica, o que tornava este título mais po-

---

<sup>171</sup> O equívoco mais recorrente é a de que Apparício teria primeiramente se auto-intitulado Duque de Itararé, logo após a Revolução de 1930, para depois rebaixar-se a Barão “como prova de modéstia” (KONDER, 2002, p. 17-18; FIGUEIREDO, 1987, p. 52), o que contradiz a construção encontrada nas páginas d’*A Manha*. Uma explicação plausível parece vir de um dos depoimentos do próprio Apporelly em 1969, conforme apresenta Ssó (1985, p. 54):

“[...] concluí que devia ser um elemento de ligação entre a nobreza e a plebe. [...] Na realidade, o Barão era um caudilho de punhos de renda. Essa atitude é muito importante. Bem, como sempre me senti bem entre a nobreza, porque sou um nobre, decidi que seria barão. Afinal, essa é uma vaidade que temos de respeitar. Sei que houve muitas dúvidas sobre o título que me conferi. Constava até que, na praça, havia muitos barões que nem eram sérios. Durante a monarquia, tinha um ditado: se roubas pouco, és ladrão; se roubas muito, és barão”.

pular que os demais, especialmente frente à intenção de estabelecer o tal elo “entre a nobreza e a plebe”. Além disso, a presença dos chamados barões da imprensa e/ou do café pareciam povoar o imaginário público. Alguns destes, como o já citado Horácio de Carvalho, do *Diário Carioca*, eram realmente barões de araque. Assim, ao que tudo indica, este caráter popular e pouco sério que em geral circundava estes barões, levou Apporelly a assumir definitivamente o título, para explorá-lo definitivamente, tanto na sua obra, quanto na sua vida real.

Neste espírito, Apparício prosseguiria com sua cruzada, chegando a tornar-se vereador pelo PCB em 1947, conforme já apontado ao longo deste trabalho. Um dos aspectos mais curiosos de sua campanha, cujo lema era “Mais leite! Mais água! Mas menos água no leite!” é que, na faixa com a propaganda eleitoral, aparecia logo abaixo do slogan o nome do candidato: “Vote no Barão de Itararé!”<sup>172</sup>. Em letras menores, logo depois, “Apparício Torelly” (FIGUEIREDO, 1987, p. 109). A fantasia do bufão, que até então ficava mais restrita ao jornal, sobrepõe-se à vida real do homem Apparício Torelly. Juntos, eles venceram uma eleição com uma frase caracterizada pelo típico humor d’*A Manhã*. Posteriormente, nas sessões da Câmara de Vereadores, seus discursos e peripécias tornavam-se dignos de publicação no “hebdomedário”<sup>173</sup>. Entretanto, há uma marcante dialética entre a personalidade e seu personagem, caracterizado por suas bem sucedidas aventuras nas páginas d’*A Manhã*. Apparício teve uma vida marcada por dificuldades, tragédias e restrições que obstruíram, em parte, sua quixotesca cruzada à frente do seu bem-humorado jornal. Sua complicada trajetória o aproxima do personagem cervantino e o torna uma espécie de anti-herói vivo no cenário carioca de então. Curiosamente, o personagem que projetou no seu jornal sempre foi um típico herói, distante dos problemas do homem.

<sup>172</sup> Na época, o código eleitoral vigente permitia a utilização de apelidos por parte dos candidatos. Com o golpe de 1964 e a ditadura militar, este direito foi suprimido pela Lei nº 4.737/1965, para ser retomado mais de 30 anos depois, com as modificações introduzidas pela Lei nº 9.504/1997.

<sup>173</sup> Segundo Ssó (1984, p. 73), “foi um vereador honesto – talvez digam os políticos que essa foi sua melhor piada”. Mas a passagem de Apparício pela Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro, realmente e institucionalmente próxima aos círculos do poder, coroou a sua cruzada bufônica. Um registro dos debates na Câmara, levantado por Figueiredo (1987, p. 164), ilustra bem este argumento:

Na sua curta carreira de vereador, Apporelly, que nessa época já tinha sofrido mais de um derrame – era hemiplégico e andava com dificuldade –, não tinha mais fôlego para fazer longos discursos:

“O Sr. Presidente: – Advirto ao nobre orador que o tempo está se esgotando.

O Sr. Apparício Torelly: – Peço licença para terminar, e se o tempo está se esgotando...

O Sr. Presidente: – O tempo da sessão está se esgotando.

O Sr. Apparício Torelly: – E eu estou me esgotando também...”

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas entrelinhas de sua obra, o jornalista Apparício Torelly (1895-1971) fez, a partir de sua chegada no Rio de Janeiro, uma radiografia apurada do desenvolvimento da sociedade brasileira durante a conturbada transição da República Velha para a República Nova. No percurso de suas mais de 350 edições lançadas entre os anos de 1926 e 1935, o seu jornal *A Manhã* (1926-1959) não apenas reuniu e sintetizou as mais expressivas manifestações do humor que o antecedeu, marcado por uma carnavalizada verve paródica. Mas também registrou um legado que formaria uma referência para as gerações posteriores. Frente a um mercado que fechava suas portas e impunha certo ostracismo à imprensa de caráter artesanal, Torelly soube apropriar-se das novas tendências sem nunca perder a independência que caracterizou sua iniciativa. Igualmente, parodiando os grandes jornais que imprimiam e forneciam conteúdo para sua folha, desvelou as nebulosas relações de poder inerentes à mediação da cultura moderna no Brasil. Assim, a gênese do antológico Barão de Itararé, progressivamente arquitetada nas páginas d'*A Manhã*, traz em si aspectos de uma época, que formarão a base ontológica de sua existência. De modo complementar, observou-se que o objeto de estudo agrupa indissociavelmente três perspectivas que se interligam na sua formulação: o autor Apporelly, o seu periódico humorístico *A Manhã* e o personagem propriamente dito, como marcante construção criativa junto ao homem e seu “jornal”.

Frente ao problema de pesquisa proposto e aos objetivos estabelecidos, e considerando-se a necessidade de uma profunda compreensão do entorno do objeto de estudo para proceder a sua caracterização, optou-se por traçar inicialmente, no capítulo dois, os processos históricos e a contextualização social sobre os quais este objeto é construído. São aspectos essenciais à interpretação do conjunto de valores e crenças partilhados na época em que *A Manhã* surge, e conseqüentemente determinantes para a posterior inferência dos significados presentes nos elementos simbólicos que acompanham e dão sustentação ao personagem. Neste percurso inicial, pôde-se perceber que Apparício Torelly é uma espécie de herdeiro dos eventos que o antecedem, cujos principais marcos históricos são a Proclamação da República e o período conhecido como *Belle Époque*. Muitas das características presentes no humor paródico d'*A Manhã* são oriundas das marcantes transformações que ocorrem em aproximação à virada do século XX, calcadas em uma rápida industrialização acompanhada de uma crescente cultura do entretenimento. Assim, ainda que Apparício Torelly tenha inovado ao introduzir um periódico independente marcado por uma longevidade expressiva e tenha se apropriado com competência da cultura de sua época, o aparente sucesso d'*A Manhã* também é fruto de um enquadramento às tendências já existentes.

No mesmo sentido, o momento em que Apporelly chega ao Rio de Janeiro o ambiente mostra-se conflituoso. Diversas revoltas eclodiam pelo país, entre as quais se destacam os levantes militares que caracterizaram o chamado tenentismo. O fim da trágica Primeira Guerra Mundial, acompanhado da Revolução Russa no final dos anos 1910, impulsionariam reflexões sobre os rumos da humanidade, acirrando a organização de setores da sociedade que buscavam transformações mais alinhadas ao ideário socialista. É no encaixo destas reivindicações que se funda o Partido Comunista do Brasil e se realiza a Semana de Arte Moderna, ambos em 1922. São eventos pontuais, também consequência de seus antecedentes históricos, mas que, entretanto, igualmente vão reverberar na sociedade da época, somando-se enquanto referências tanto no âmbito estético quanto ideológico, seja através de um posicionamento favorável ou contrário às suas intenções contestatórias. Havia, assim, um conjunto de contradições sociais que terminava por propiciar a carnavalização da sociedade brasileira, fruto da conflituosa relação entre o ideário prometido pela *intelligentsia* republicana, o anseio das massas e o conservadorismo das oligarquias nacionais que se mantinham no poder desde os tempos do Império. Na medida em que os novos cidadãos tomavam as ruas, instalava-se uma crise identitária, que acabou encontrando na manifestação paródica um dos principais eixos de sua representação junto à conjuntura hierárquica que marcava o cenário nacional.

Em paralelo, a imprensa, que vinha se industrializando desde o início do século, tornava-se um braço a serviço do governo e das elites nacionais e, embora alguns dos grandes jornais esboçassem um discurso de pretensões iluministas, geralmente operavam a favor dos interesses de seus proprietários. Estes “barões da imprensa”, em sua grande maioria oriundos de famílias abastadas, eram ou acabavam tornando-se proeminentes personalidades da política nacional, pleiteando e ocupando cargos próximos ao governo. Costumavam utilizar seus jornais como instrumentos de barganha junto aos poderes públicos e privados, pleiteando subsídios e anúncios junto a estas instâncias sociais. Diante de uma heterogênea massa de leitores, estes impressos buscavam também oferecer um conteúdo cada vez mais diversificado, investindo na informação em detrimento da opinião – um grande jornal era aquele que tinha uma grande tiragem, distribuída ao público por meio de venda avulsa ou assinaturas. Em suas páginas, ostentavam suas opulentas sedes e propagandeavam seus investimentos nas inovações tecnológicas, em uma frenética concorrência para impor-se à frente do mercado. Enquanto isso, nas redações, a produção era organizada e estruturada hierarquicamente, nas quais imperavam as relações subservistas e a bajulação. A atividade do jornalismo era paulatinamente profissionalizada para atender a uma demanda crescente, já que, nas três primeiras décadas do século XX, a imprensa rei-

nou hegemônica enquanto meio de comunicação de massa. Em poucas linhas, este era o cenário quando *A Manhã* foi lançada no Rio de Janeiro no dia 13 de maio de 1926.

Após uma infância atribulada no internato do Colégio Nossa Senhora da Conceição em São Leopoldo e uma passagem mal sucedida pela Faculdade de Medicina em Porto Alegre, Apparício Torelly, acometido por complicações de um derrame que o deixou hemiplégico para o resto da vida, resolveu mudar-se para o então Distrito Federal em meados de 1925. Conforme observado no capítulo três, sua carreira como jornalista, que iniciou com um jornalzinho manuscrito chamado *Capim Seco*, ainda na época do internato, inclui a passagem por alguns periódicos em Porto Alegre e por uma série de jornais no interior do Rio Grande do Sul, nas andanças que ele mesmo chamou de *maragateadas*. Quando chegou ao Rio, após ter uma passagem efêmera pelos jornais *O Globo*, de Irineu Marinho, e *A Manhã*, de Mário Rodrigues, Apporelly resolve lançar o seu próprio jornal, cujo nome de batismo, *A Manhã*, por si só, já é uma manifestação paródica do último diário pelo qual passou. Mas não foi apenas através do nome do jornal que Apparício resolveu vilipendiar a grande imprensa. Quase todos os elementos possíveis e imagináveis que caracterizaram os jornais de sua época foram deformados no seu semanário, que, na prática, associava a esta paródia alguns aspectos típicos da imprensa artesanal, marcadamente representada pelos pasquins que coloriram o cenário brasileiro dos meados do século XIX. *A Manhã*, para citar um exemplo, era quase que inteiramente feita por Apparício Torelly, em uma solitária atividade que destoava dos padrões profissionais consumados a partir do século XX.

Ainda no capítulo três, pôde-se observar que todos os indícios apontam que *A Manhã* foi um sucesso comercial. O seu preço, oscilando entre 100 e 200 réis, era totalmente compatível com os jornais mais baratos do Rio de Janeiro. Talvez não tenha vendido tanto quanto os grandes jornais que parodiava, mas é certo que Apparício Torelly gozou de alguns confortos pouco acessíveis para os padrões da época. Com os retornos financeiros do periódico, não apenas sustentou os três filhos, como também adquiriu uma casa no sopé do Morro do Cantagalo, zona sul do Rio de Janeiro, que pagava em prestações à Caixa Econômica Federal, e comprou um automóvel Chrysler de seis cilindros. No que diz respeito às fontes de renda d'*A Manhã*, eram as mesmas dos seus “concorrentes”: venda avulsa, assinaturas para todo o Brasil e uma considerável quantidade de anúncios publicitários. Quanto à estrutura real do periódico, sua redação sempre foi instalada em salas alugadas em edificações no entorno da Avenida Rio Branco, onde também se localizavam quase todas as sedes dos grandes jornais. Ao longo dos 10 anos estudados, *A Manhã* trocou de sala pelo menos 13 vezes e a sua impressão era realizada nos parques gráficos de alguns destes grandes jornais.

Entretanto, conforme visto no capítulo seis, em suas páginas, o periódico noticiava a compra de quase todos os prédios por onde passava e, frequentemente blasonava sobre seu parque gráfico, suas novas aquisições de maquinários e tecnologias de última geração, bem como se anunciava como órgão líder da imprensa brasileira. A periodicidade também era parodiada, sendo o único “quinta-ferino” que saía às sextas ou aos sábados – independente que era, não podia “submeter-se às imposições da folhinha”. Os elementos de paginação, entre os quais se destacavam as fotos adulteradas, além do expediente, o formato e a estrutura narrativa dos textos, eram todas deformações dos padrões encontrados nos grandes jornais. Mas é no personagem, através do qual Apporelly projeta a si mesmo nas páginas d’*A Manha*, que vai se dar a mais marcante criação paródica do “hebdromedário”. E foi a partir do foco neste elemento específico, centrando-se nas estruturas narrativas nas quais ele se manifesta e é construído, que este trabalho buscou uma análise mais aprofundada, ancorando-se nos métodos propostos pela teoria do personagem associada à narratologia, conforme construído no capítulo cinco. Procurou-se, por meio de uma associação entre pesquisa bibliográfica e historiográfica, aliada aos pressupostos das teorias da paródia e do jornalismo, reunidos no capítulo quatro, organizar uma base teórica que permitisse identificar nestas narrativas os principais elementos que caracterizam este personagem em meio à paródia jornalística d’*A Manha*.

Desse modo, ao longo dos primeiros cinco anos em que publicou seu periódico, o bufão Apparício vestiu a fantasia do “nosso querido diretor” em suas páginas, representando um respeitado e bajulado proprietário de um grande jornal. Neste período, o personagem já apresenta os traços básicos que vão acompanhá-lo ao longo de toda a sua construção. Independente das diferentes identificações que vai receber depois, ele continuará sendo sempre o dono do jornal e, por consequência, uma representação de Apporelly nas páginas d’*A Manha*. Além disso, vai permanecer o alto grau de qualificações que desvela, em tom paródico, as relações bajulatórias que caracterizavam as redações hierarquicamente organizadas nos grandes jornais. Outra característica que vai apresentar-se recorrente, e que também esboça uma paródia à grande imprensa nas entrelinhas de sua sátira, é a relação estabelecida com grandes personalidades políticas, que passam a incorporar o quadro funcional d’*A Manha*. Talvez a mais marcante e mais duradoura destas relações seja a com Vaz Antão Luís, referência ao presidente Washington Luís, justamente nesta primeira fase do jornal. Como redator-chefe d’*A Manha*, Vaz Antão era um subordinado do “nosso querido diretor”, mas por acumular também a função de presidente da República, gerava por vezes uma relação conflituosa, em meio à qual o periódico também se assumia como órgão oficial do governo. Os demais presidentes no período, Artur Bernardes, Júlio Prestes e Getúlio Vargas, também chegam a funcionar em condi-

ções semelhantes nas narrativas, assim como outros políticos que vão, pouco a pouco, entrando e saindo dos quadros funcionais d'A *Manha*. Igualmente, o semanário, em diversos momentos, chega a identificar a própria redação com uma repartição pública.

Também junto à construção do personagem percebem-se brincadeiras com relação às próprias ações e estratégias adotadas pelo grandes jornais. Se a grande imprensa promovia premiações para atrair leitores, *A Manha* oferecia recompensas inalcançáveis; se as empresas jornalísticas construía sedes e exibiam seus poderosos maquinários, *A Manha* comprava todos os prédios por onde passava e assumia o controle dos edifícios e equipamentos de seus “concorrentes”; se apresentavam notórias personalidades, o diretor d'A *Manha* as empregava em seu jornal e mostrava grande intimidade com tantas outras; se ofereciam furos e reportagens bombásticas, o jornal de Apporelly entrevistava Jesus Cristo com exclusividade e acabava com os adversários; se criavam grandes conglomerados de comunicação, o “hebdomedário” apresentava também o seu consórcio, formado basicamente por jornais “engraçados”, como o *Jornal do Commercio*, o *Jornal do Brasil*, o *A Noite*, o *Diário de Pernambuco*, entre outros. Além disso, *A Manha* subvertia também aspectos narrativos cruciais dos textos jornalísticos de sua época. Utilizando uma série de estratégias de objetivação, que reuniam acontecimentos próximos, bem como personagens e lugares verdadeiros, o periódico provocava efeitos de real que não só o aproximava das características típicas da atividade jornalística, como também reforçavam a verossimilhança interna do seu principal protagonista. E é neste aspecto que se dá uma das mais divertidas e contundentes manifestações da paródia à grande imprensa, pois as matérias d'A *Manha*, em sua grande maioria, eram carregadas com mentiras que distorciam os fatos. Ao vilipendiar o ideal de verdade que aqueles jornais já vendiam como uma das principais características de sua seriedade, Apporelly disparava contra um dos mais importantes valores de sustentação destes diários frente aos seus públicos e desmascarava a hipocrisia por trás das verdadeiras finalidades daquelas folhas.

Um detalhe à parte nesta paródia é o personagem oculto sob o principal narrador, também encarnado pelo autor, que representa um subserviente funcionário do jornal incondicionalmente alinhado à “empresa” e ao seu proprietário. Este sujeito anônimo, que se manifesta na maior parte do tempo por uma aparente voz heterodiegética e denota um esforço em relatar externamente os acontecimentos, por outro lado relativiza este suposto discurso jornalístico ao carregar as narrativas com constantes dêiticos possessivos, como “nosso(s)” e “nossa(s)”. Este artifício salienta um sentimento de pertencimento que opera no sentido de deformar hiperbolicamente o processo de profissionalização dos grandes jornais, exagerando as relações de adulação frente às hierarquias das empresas. Ao mesmo tempo, subverte a pretensão de descrever a “verdade” dos fatos, várias

vezes reivindicada nas próprias narrativas, pois “editorializa” os relatos com a inserção de um posicionamento sempre favorável ao próprio jornal, bem como ao seu diretor.

Assim, caracterizando-se como um típico personagem plano ou de costumes, Itararé vai paulatinamente sendo construído n’*A Manhã*. Na mesma medida em que vai acumulando honrarias, preserva as características anteriores em uma crescente hipérbole do mesmo personagem. Como marechal-almirante, mostra-se como líder dos militares que derrubaram Washington Luís. Como Barão, estende sua sátira aos mais diversos setores da sociedade, incluindo as oligarquias brasileiras, os políticos e as figuras destacadas nas hierarquias dos jornais, muitos deles condecorados com títulos papais ou remanescentes da nobreza imperial. Em uma vertiginosa escalada, promove-se a Duque, Grão-Duque e Imperador, sempre acompanhando os principais fatos e transmutando-se de acordo com o andamento da realidade nacional. Cada nova identificação do personagem normalmente corresponde a um marcante evento na história do Brasil – Itararé mudava de roupa para não perder a piada.

Este trabalho é incompleto, ainda que, por descuido, tenha avançado além das necessárias aspirações a que se deve um mestrado acadêmico. Fica o alerta de que tais deslizos podem ocorrer quando o trabalho acaba envolvendo uma intensa afinidade com o objeto de estudo. E, quando se percebe, é tarde demais para voltar atrás. Muito ainda poderia ser dito frente à riqueza de detalhes do humorismo de Apparício Torelly. Na continuidade de sua trajetória, quando o bufão Apporelly percebeu que não havia mais por que trocar de roupa, resolveu ficar com o título que mais agradou a todos. Talvez porque achasse que não valia mais a pena, ou possivelmente já estava suficientemente satisfeito com o que havia conquistado. Em 1945, o Barão voltou e ficou, para não ser mais esquecido. Talvez tenha sido a melhor fantasia de Apparício Torelly. Entre um talvez e outro, infelizmente são detalhes que ficarão para outra oportunidade.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves de; LATTMAN-WELTMAN, Fernando; ROCHA, Dora (org.). **Eles mudaram a imprensa: depoimentos ao CPDOC**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- ABREU, Marcelo de Paiva. **O Brasil e a Economia Mundial (1930-1945)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- AGUIAR, Flávio. **Imprensa alternativa: Opinião, Movimento e Em Tempo**. In: MARTINS, Ana Luíza; DE LUCA, Tania Regina (org.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.
- ALBERT, P., TERROU, F. **História da imprensa**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- ALBERTI, Verena. **O riso e o risível: na história do pensamento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- ALMEIDA, Ana Paula Campos de. **Luís Antonio Pimentel - a vida cultural da Niterói dos anos 1930**. Niterói (RJ): Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.
- ALVES, Cristiano Cruz. **“Um espectro ronda a Bahia”**: o anticomunismo da década de 1930, 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia.
- ALVES, Ivan. **O Contestado**. Estados, posseiros, companhias – todos brigam pela terra. Coleção Os grandes enigmas de nossa história. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1982.
- ASPerti, Clara Miguel. **A vida carioca nos jornais: A Gazeta de Notícias e a defesa da crônica**. VII Jornada Multidisciplinar “Humanidades em Comunicação”. Bauru: AAC/Unesp, 2005. Disponível em: <<http://ns.faac.unesp.br/eventos/jornada2005/>>. Acesso em: 10 out 2009.
- BAHIA, Benedito Juarez. **História, Jornal e Técnica: história da imprensa brasileira, volume 1**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009a. 2v.
- BAHIA, Benedito Juarez. **História, Jornal e Técnica: as técnicas do jornalismo, volume 2**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009b. 2v.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2008.
- \_\_\_\_\_. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo-Brasília: EDUNB, 1993.
- BARBOSA, Marialva. **Os donos do Rio: imprensa, poder e público (1880-1920)**. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000.
- \_\_\_\_\_. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BARRETO, Lima. **Recordações do escritor Isaiás Caminha**. São Paulo: Ática, 1990.

BENDER, Ivo C. **Comédia e riso: uma poética do teatro cômico**. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS / EDPUCRS, 1996.

BENETTI, Marcia. **O jornalismo como gênero discursivo**. Revista Galáxia, São Paulo, v. 8, n. 15, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/galaxia/article/view/5730/5187>>. Acesso em: 30 dez 2009.

BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. **A era glacial do jornalismo**. Vol. 1 e 2. Porto Alegre: Sulina, 2008.

BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação da comicidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

BESOUCHET, Lúcia. **Pedro II e o Século XIX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980.

BOURNEUF, Roland; OUELLET, Real. **O universo do romance**. Coimbra: Almedina, 1976.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.

BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman (org.). **Uma história cultural do humor**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil - 1900**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1975

CAMPINHO, Fábio. **Sindicalismo de estado: controle e repressão na Era Vargas (1930-1935)**. Revista Eletrônica do CEJUR, v. 1, n. 1, ago./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.buscalegis.ufsc.br/revistas/index.php/buscalegis/article/viewFile/32019/31260>>. Acesso em: 27 dez 2009.

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CARDOSO, Rafael. **Uma introdução à história do design**. São Paulo: Edgar Blücher, 2004.

CATTAN, Roberto Correia de Mello. **A família Guinle e a arquitetura do Rio de Janeiro: um capítulo do ecletismo carioca nas duas primeiras décadas do novecentos**, 2003. Dissertação (Mestrado em História) – História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

CEIA, Carlos. **E-Dicionário de Termos Literários**. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/P/parodia.htm>>. Acesso em: 10 jun 2009.

CHAGAS, Carlos. **O Brasil sem retoque (1808-1964): a história contada por jornais e jornalistas**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

COHEN, Ilka Stern. **Diversificação e segmentação dos impressos**. In: MARTINS, Ana Luíza; DE LUCA, Tania Regina (org.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

- COIMBRA, Artur Ferreira. **Paiva Couceiro e a contra-revolução monárquica (1910-1919)**. Dissertação (Especialização em história das instituições e da cultura moderna e contemporânea) – Universidade do Minho, Portugal, 2000. Disponível em: <[http://bath.eprints.org/6000/1/Paiva%20Couceiro%20e%20a%20contra-revolu\\_\\_\\_\\_o.pdf](http://bath.eprints.org/6000/1/Paiva%20Couceiro%20e%20a%20contra-revolu____o.pdf)>. Acesso em: 18 fev 2010.
- CONDE, Maria Rosa Berganza. **A contribuição de Robert E. Park, o jornalista que se converteu em sociólogo, à teoria da informação**. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (Org.). *A era glacial do jornalismo*. Porto Alegre: Sulina, 2008. v. 2.
- COVER, T. M.; THOMAS, J. A. **Elements of Information Theory**. Nova York: John Wiley, 1991.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Assistido por Claudio Mello Sobrinho [et al.]. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986 (8. impressão 1997).
- DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DE LUCA, Tania Regina. **A grande imprensa na primeira metade do século XX**. In: MARTINS, Ana Luíza; DE LUCA, Tania Regina (org.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.
- DRIESSEN, Henk. **Humor, riso e o campo: reflexões da antropologia**. In: BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman (org.). *Uma história cultural do humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.
- ENDERS, Armelle. **A história do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2009.
- FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2002.
- FERNANDES, Aníbal de Almeida. **Nobreza Brasileira e a Dinastia Bragança**. 2008. Disponível em: <<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=977>>. Acesso em: 28 set 2009.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio eletrônico: século XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lexicon Informática, 1999.
- FERREIRA, Fábio. **Revolução de 30: fatos precursores**. Revista Tema Livre. Disponível em: <<http://www.revistatemalivre.com/Vargas2.html>>. Acesso em: 9 fev 2010.
- FERREIRA, Manoel Rodrigues. **A Ferrovia do Diabo**. São Paulo: Melhoramentos, 2005.
- FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. São Paulo: UNESP, 2007.
- FIDALGO, António. **Jornalismo on-line segundo o modelo de Otto Groth**. In: Pauta Geral, nº6, 2004. Salvador; Calandra, 2004. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/fidalgo-groth-jornalismo-online.pdf>>. Acesso em: 12 dez 2009.

FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. **Indústria de notícias: capitalismo e novas tecnologias no jornalismo contemporâneo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do Romance**. São Paulo: Globo, 1998.

FRADIQUE, Mendes. **História do Brasil pelo método confuso**. Organização de Isabel Lustosa. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. (Coleção Retratos do Brasil.)

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. São Cristóvão (SE): Editora Universidade Federal de Sergipe, 2005.

FREUD, Sigmund. **O chiste e sua relação com o inconsciente**. Trad. Dr. C. Magalhães de Freitas. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta, v. VII, 1905.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Dicionário histórico-biográfico brasileiro. Verbetes disponíveis. Apresenta uma série de verbetes acerca da história política contemporânea brasileira, com seus principais personagens, eventos, conceitos e instituições. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/index.htm>>. Acesso em: out 2009 a fev 2010.

GAK, Igor Silva. **Nazismo para brasileiro ver. Um olhar encomendado sobre a Alemanha nazista (1938-1942)**. 26ª Reunião da SBPH. Rio de Janeiro, 2006. Disponível na Internet em <[http://sbph.org/reuniao/26/trabalhos/Igor\\_Silva\\_Gak/](http://sbph.org/reuniao/26/trabalhos/Igor_Silva_Gak/)>. Acesso em 10 out de 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: ATLAS, 1991.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: ATLAS, 1999.

GONÇALVES, Leandro Pereira. **Literatura integralista: o projeto nacionalista de Plínio Salgado**. Revista Eletrônica Cadernos de História, vol. V, ano 3, n.º 1. Abril de 2008. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria/download/CadernosDeHistoria-05-08.pdf>>. Acesso em: 13 jul 2009.

HAMON, Philippe. **Para um estatuto semiológico da personagem**. In: SEIXO, Maria Alzira (org.). Categorias da narrativa. Lisboa: Arcádia, 1976.

HELLER, Agnes. **Uma teoria da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

HUTCHEON, Linda. **Uma Teoria da Paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX**. Trad. Teresa Louro Pérez. Rio de Janeiro: edições 70, 1985.

HOLLOWAY, Thomas H. **Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo, 1886-1934**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss; Objetiva, 2001.

JORGE, Fernando. **Vida e obra de Olavo Bilac**. São Paulo: Editora Mc Graw-Hill do Brasil, 1977.

- JORGE, Thaís de Mendonça. **A notícia e os valores-notícia: o papel do jornalista e dos filtros ideológicos no dia-a-dia da imprensa.** UNIREVISTA, São Leopoldo (RS), v. 1, n. 3, 2006. Disponível em: <[http://www.unirevista.unisinos.br/\\_pdf/UNIrev\\_Jorge.pdf](http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Jorge.pdf)>. Acesso em: 17 jun 2009.
- KELLER, Sara; GOLIN, Cida. Prestígio, poder e mediocridade: o jornalista em Lima Barreto. **Revista Anagrama**, São Paulo, ano 2, n. 4, jun./ago, 2009. Disponível em: <[http://www.usp.br/anagrama/Keller\\_LimaBarreto.pdf](http://www.usp.br/anagrama/Keller_LimaBarreto.pdf)>. Acesso em: 8 out 2009.
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo.** Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Geração Editorial, 2003.
- LA FONTAINE, Jean de. **Fábulas de La Fontaine.** Rio de Janeiro: Matos Peixoto, 1965.
- LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo.** Petrópolis: VOZES, 2007.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: ATLAS, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: ATLAS, 1993.
- LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública.** Petrópolis: VOZES, 2008.
- LYRA, Heitor. **História de Dom Pedro II: fastígio (1870-1880).** Vol. 2. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.
- MARHENKE, Karl-Ursus. **O poder dos jornais, segundo Otto Groth.** In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. A era glacial do jornalismo. Vol. 1. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- MARQUES, Pedro. **Olegário Mariano: o clichê nacionalista e a invenção das cigarras.** Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP-IEL, 2007. Disponível: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000415066>>. Acesso em: 22 fev 2010.
- MARQUES DE MELO, José. **História Social da Imprensa.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- MARTÍN ACEÑA, Pablo. **El Oro de Moscú y el Oro de Berlín.** Madrid: Taurus, 2001.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.
- MARTINS, Ana Luíza; DE LUCA, Tania Regina (org.). **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008.
- MCCANN, Frank. **Soldados da Pátria: história do exército brasileiro (1889-1937).** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- MEIRELLES, Domingos. **1930: os órfãos da Revolução.** Rio de Janeiro: Record, 2006.
- MOOG, Clodomiro Vianna. **Lindolfo Collor e a questão social no Brasil.** In: CARDIM, Elmano (org.). Posse de Vianna Moog no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – Discursos. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1978.

MORAIS, Fernando. **Chatô, o Rei do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Narratologia**: análise da narrativa jornalística. Brasília: Casa das Musas, 2004.

\_\_\_\_\_. **Análise pragmática da narrativa jornalística**. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis: VOZES, 2007.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário da língua portuguesa da Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro: Bloch, 1988. Edição exclusiva da Fundação de Assistência ao Estudante.

NISKER, Wes “Scoop”. **Sabedoria radical**: rompendo as barreiras do senso comum e do lógico-racional. São Paulo: Cultrix, 2005.

PELÁEZ, Carlos Manuel. **Análise econômica do programa brasileiro de sustentação do café (1906-1946)**: teoria, prática e medição em ensaios sobre o café e desenvolvimento econômico. Rio de Janeiro: IBC, 1973.

PEUCER, Tobias. **Os relatos jornalísticos**. In: Estudos em jornalismo e mídia. v. 1, n. 2, Florianópolis: UFSC, 2004.

PIMENTEL, Luís. **Entre sem bater! O humor na imprensa**: do Barão de Itararé ao Pasquim 21. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

PIRANDELLO, Luigi. **O humorismo**. São Paulo: Experimento, 1996.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984.

\_\_\_\_\_. **Comicidade e Riso**. São Paulo: Ática, 1992.

RAMOS, Fernão; MIRANDA, Luiz Felipe. **Enciclopédia do Cinema Brasileiro**. São Paulo: SENAC, 2000

RAMOS, Graciliano. **Memórias do cárcere**. Rio de Janeiro: Record, 2005. v. 2. Disponível em: <<http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/1154144.pdf>>. Acesso em: 8 out 2009.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

REUTER, Yves. **A análise da narrativa**: O texto, a ficção e a narração. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2007.

\_\_\_\_\_; HERSCHMANN, Micael. **Comunicação e História**: interfaces e novas abordagens. Rio de Janeiro: Mauad X-Globo Universidade, 2008.

ROMANCINI, Richard ; LAGO, Cláudia. **História do Jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso: a representação humorística na História brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANT'ANNA, Affonso Romano. **Paródia, Paráfrase e Cia.** São Paulo: Ática, 2007.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20.** São Paulo: Cia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. (org.). **História da Vida Privada no Brasil: da Belle Époque à era do rádio.** 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3.

SILVA, Francisco de Assis. **História do Brasil.** São Paulo: Moderna, 1992.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOURIAU, Etienne. **As duzentas mil situações dramáticas.** São Paulo: Ática, 1993.

SOUSA, Jorge Pedro. **Construindo uma Teoria Multifactorial da Notícia como uma Teoria do Jornalismo.** Estudos em Jornalismo & Mídia, Florianópolis (SC), v. 2, n. 1, p. 73-94, 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-multifactorial-jornalismo.pdf>>. Acesso em: 17 jun 2009.

\_\_\_\_\_, Jorge Pedro. **Pesquisa em jornalismo: o desbravamento do campo entre o século XVII e o século XIX.** Verso e Reverso, São Leopoldo (RS), n. 46, 2007. Disponível em: <<http://www.versoereverso.unisinos.br/index.php?e=10&s=9&a=82>>. Acesso em: 17 jun 2009.

STEPHENS, Mitchell. **A History of News.** Nova York: Penguin Books, 1988.

STUMPF, Ida Regina C. **Pesquisa bibliográfica.** In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas.** São Paulo: Perspectiva, 2008.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e estórias.** Lisboa: VEGA, 1993.

\_\_\_\_\_. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são.** Florianópolis: INSULAR, 2005a. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional.** Florianópolis: INSULAR, 2005b. v. 2.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **As Tradições Populares na Belle Époque Carioca.** Rio de Janeiro: FUNARTE, 1988.

\_\_\_\_\_. **Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

\_\_\_\_\_. **A cultura das ruas no Rio de Janeiro (1900-1930): mediações, linguagens e espaços.** Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2004.

WEGUELIN, João Marcos. **O Rio de Janeiro através dos jornais: 1888-1969**. Disponível em: <<http://www1.uol.com.br/rionosjornais/index.htm>>. Acesso em: 18 dez 2009.

WEID, Elisabeth von der. **A expansão da Rio de Janeiro Tramway Light and Power ou as origens do “Polvo Canadense”**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, s/d. Disponível em:<[http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/o-z/FCRB\\_ElisabethvonderWeid\\_Expansao\\_RiodeJaneiro\\_TramwayLightandPower.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/o-z/FCRB_ElisabethvonderWeid_Expansao_RiodeJaneiro_TramwayLightandPower.pdf)>. Acesso em: 14 fev 2010.

WIKIPÉDIA. Desenvolvido pela Wikimedia Foundation. Apresenta conteúdo enciclopédico. Disponível em: <<http://www.wikipedia.org>>. Acesso em: out 2009 a fev 2010.

## REFERÊNCIAS SOBRE O TEMA

ACOSTA, Glaiton Ronei. **Humor e poder no Barão de Itararé - A Manhã - 1945-1947, 1997**. Dissertação (Mestrado em História Social) – História, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

AGUIAR, Odailton Aragão. **O riso na mídia: o Barão de Itararé e seus Almanhaques – os Almanhaques do jornal A Manhã, 2006**. Tese (Especialização em Comunicação e Semiótica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

AMED, Jussara Parada. **O humor do Barão de Itararé como meio de resistência: contraponto a Washington Luis e Getúlio Vargas, 1994**. Dissertação (Especialização em História do Brasil República) – História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

ANDRÉ, José Carlos Mendes. **Elementos para uma leitura da obra de Aparício Torelly, o Barão de Itararé: Humor, Projeto & Design Gráfico, 2004**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo.

BARBOSA, Marialva. **Aparicio Torelly, o Barão de Itararé: do humorismo cáustico à ironia demolidora**. In: José Marques de Melo. (Org.). *Imprensa brasileira: personagens que fizeram história*. 1 ed. São Paulo: UESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, v. 3, p. 203-212.

BENEDITO, Mouzar. **Barão de Itararé: herói de três séculos**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

CAPELA, C. E. S. ; ENGERROF, A. C. B. . **Zubblemend to Alle...manha, do Barão de Itararé**. Curitiba: Editora da UFPR, 2006. v. 1. 230 p.

CASTRO, Maria Lilia Dias de. **As articulações da ironia nas máximas/mínimas do Barão de Itararé, 1990**. Tese (Especialização em Letras Clássicas) – Letras, Universidade de São Paulo.

CASTRO, Nea de. **Aparício Torelly**. In: ZILBERMAN, Regina, MOREIRA, Maria Eunice; BRASIL, Luiz Antonio de Assis (Org.). *Pequeno dicionário da literatura do Rio Grande do Sul*. 1 ed. Porto Alegre: Novo Século, 1999, v. 1, p. 23-24

DILLENBURG, Sérgio Roberto. **Barão de Itararé: meio século de humorismo**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

ENGERROFF, Ana Carina Baron. **DO PE OR NOT DO PE: o macarrônico alemão de A Manha**, 2007. Dissertação (Especialização em Literatura) – Letras, Universidade Federal de Santa Catarina.

FIGUEIREDO, Cláudio. **As duas vidas de Aparício Torelly, o Barão de Itararé**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

FORTUNA. **Barão de Itararé: Antologias d'A Manha (1926)**. São Paulo: Agência Studioma: 1995.

\_\_\_\_\_. **Barão de Itararé: Antologias d'A Manha (1927)**. São Paulo: Agência Studioma: 1995.

KONDER, Leandro. **Barão de Itararé: o humorista da democracia**. São Paulo: Brasiliense, 2002

**O MÁXIMO DAS MÁXIMAS...(O Barão de Itararé)**. São Paulo: Rede SescSenac de Televisão (STV) / WeDo Comunicação, 2004. 50 min, son., color.

RODRIGUES, Sidnei Dalmo. **Viva a Revolução Brasileira: Ironia e Política no Barão de Itararé – 1926/1936**, 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SOUSA, Afonso Félix de. **Máximas e mínimas do Barão de Itararé**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

SSÓ, Ernani. **Barão de Itararé**. Porto Alegre: Tchê! Comunicações Ltda., 1984.

SURDI, Mary Stela. **Barão de Itararé: a linguagem do humor**, 1998. Dissertação (Especialização em Lingüística) – Letras, Universidade Federal de Santa Catarina.

TORELLY, Apparício. **Almanhaque para 1949**. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial de São Paulo, 2002.

\_\_\_\_\_. **Almanhaque 1955, Primeiro Semestre**. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial de São Paulo, 2002.

\_\_\_\_\_. **Almanhaque 1955, Segundo Semestre**. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial de São Paulo, 2002.

\_\_\_\_\_. **A Manha**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1926-1952.

**ANEXOS**

## ANEXO A – Textos selecionados para análise

### “Nosso querido diretor” (1926-1930)

---

#### Texto 1:

**Reprodução da página:** este texto foi retirado da publicação Antologias d’A *Manha* (1926) (FORTUNA, 1995), na qual as matérias reunidas foram reorganizadas sem preservar a grafia e o formato originais; por isso, a reprodução da página não será disponibilizada.

**Título:** “O DINHEIRO QUE “A MANHA” ESTÁ DANDO AOS SEUS LEITORES”

**Data de publicação:** 10 de setembro de 1926 (número 11, pág. ? – Antologias d’A *Manha* (1926), pág. 32)

**Linha de apoio:** O cheque de 1.000\$000 que hoje vai ser oferecido ao primeiro leitor que for encontrado no Leblon

1 Seguindo exemplo dos grandes órgãos de publicidade, a título de propaganda, prometemos  
2 em nosso último número entregar a importância de 500\$000 ao primeiro leitor da “A Manha”,  
3 que fosse encontrado entre 10 e 10:30, na Av. Oswaldo Cruz, no perímetro compreendido entre o  
4 Clube Naval e a Praça Mauá.

5 Cumprindo a promessa, nosso querido diretor, em pessoa, à hora estabelecida na quin-  
6 ta-feira passada, desembarcou de seu “Landeau-Light”, na Curva da Morte, disposto  
7 mesmo a morrer nos quinhentos.

8 Uma circunstância imprevista, porém, veio contrariá-lo profundamente em seus altruísticos  
9 desígnios, pois, em vez de um leitor, o nosso querido diretor encontrou um grande grupo de dis-  
10 tintos cavalheiros, todos lendo o apreciável órgão. Dar a nota a um deles, deixando os demais a  
11 ver navios, não seria um gesto de justiça e de direito.

12 Dividir a importância entre todos representaria também uma orientação errônea e em  
13 flagrante desacordo com o plano estabelecido de dar 500\$ num único prêmio e não fracio-  
14 nados em “gasparinhos”.

15 Guiado exclusivamente por um rigoroso espírito de equidade, que lhe norteia todos os passos  
16 da vida, o nosso querido diretor visivelmente contrariado resolveu não entregar a pele de 500\$000  
17 a nenhum para não incidir numa grave e clamorosa injustiça.

18 Voltando à sua residência, nosso querido diretor, apesar de estar satisfeito com sua consi-  
19 ciência, caiu em profundo abatimento, pois se lembrou que o público vendo o exemplo de  
20 tantos vigaristas poderia também alimentar dúvidas a respeito de sua conduta. Uma simples  
21 questão de escrúpulos...

22 Mais tarde porém, o nosso querido diretor reanimou-se ao receber a visita de conforto e soli-  
23 dariaidade do nosso volumoso consultor jurídico sr. senador Lápis Gonçalves, que expeliu a sua  
24 opinião de perfeita conformidade com o seu ponto de vista.

25 O espaçoso representante interestadual lamentou, entretanto, que, para corresponder a um  
26 gesto tão nobre e elevado, estivesse em jogo apenas a insignificante, a miserável, a ridícula  
27 quantia de quinhentos mil réis e, por isso, opinava que, caso continuasse a ser feita a distribuição  
28 de dinheiro pela “A Manha” a seus leitores, fossem aumentados os prêmios.

29 De acordo com essa sábia orientação, resolvemos, entregar, hoje, entre 11 e 12 horas, ao pri-  
30 meiro leitor que for encontrado com “A Manha” no Leblon, no trajeto entre Igrejinhas e Túnel  
31 Novo a importância de 1:000\$000.

## Texto 2:

Reprodução da página:

A MANHA, sexta-feira, 14 de Outubro de 1927

### A MANHA

Orgão de ataques... de riso  
Director-proprietario  
Apporeilly

Publica-se ás quin-  
tas-feiras

#### EXPEDIENTE

Não tem. Jornal sério não  
tíve de expediente. Em todo  
o caso, cobra as assignatu-  
ras:

#### PARA O INTERIOR (Da nossa gaveta)

Anno..... 25\$000  
Semestre..... 14\$000

#### PARA O EXTERIOR (Do vosso bolso)

Anno..... 50\$000  
Semestre..... 30\$000

Numero avulso ..... \$200  
Nos Estados ..... \$400  
Numero atrasado .... \$400  
Nos Estados ..... \$800

Edição de hoje :  
16 PAGINAS

### O DIA DA "MANHA"

—\*—  
Serão vendidas flo-  
res... da cunha

O nosso querido director  
solicitou licença ao Sr. Dr.  
Antonio Concheiro Prado  
Junior, prefeito da capital,  
para, em dia que será previa-  
mente marcado, vender flo-  
res em benefício da MA-  
NHA.

O nosso prezado chefe já  
mandou confeccionar varias  
dezenas de pequenos cofres,  
que serão conduzidos por ele-  
gantes delicias, ficando, na-  
turalmente, as respectivas  
chaves com o distincto lte-  
rato que dirige esta folha.

As flores, que serão offe-  
recidas aos incautos, são as  
flores da esthetica, que re-  
presentam o prestigio, as flo-  
res do pistoão, as flores da  
cunha, enfim...

Essa idéa, como ainda não  
foi explorada por ninguém,  
certamente será recebida com  
grandes sympathias.

No dia da MANHA, quem  
andar com uma flor no pei-  
to, quer dizer: "Bóbo feito".

### AS SEDUCÇÕES DO OLHO DE MOSCOU

## Grave incidente entre «A Manha» e o presidente da Republica

### As nossas edições foram apprehendidas pela policia

Ha mais de um mez que,  
apesar de editada todas as  
quintas-feiras, «A Manha»  
não circula.

Comquanto estranho, este  
facto tem uma explicação  
muito aceitavel para os ho-  
mens de boa vontade, nos  
quaes unicamente nos dirigim-  
os, dando os motivos da  
falta do "circulez".

Essa explicação, aliás, da-  
mol-a sem o menor con-  
strangimento, pois é dirigida  
a almas boas, a pessoas sim-  
ples, que não duvidam da  
palavra aheia, mesmo por-  
que é conhecida a tempera-  
rija, de Toledo, do nosso  
querido director, que absolu-  
tamente não dá satisfações  
dos seus actos, a não ser

neste tom amistoso de fran-  
ca camaradagem, estando  
sempre disposto, no terreno  
da honra, a enfrentar o ad-  
versario, seja elle quem for  
e venha lá com as armas  
que vier.

No caso, porém, ha mo-  
tivos tambem de ordem in-  
ternacional, que exigem uma  
ampla exposição.

Os nossos leitores devem  
estar lembrados de que, em  
nossa ultima edição, estam-  
pámos a sensacional noticia  
de que «A Manha» vinha  
sendo seduzida pelo Olho de  
Moscou".

O nosso querido director,  
homem de vasto saber e fu-  
gurante intelligencia, appro-  
fundando-se sobre a questão  
social, chegara á conclusão  
de que "a propriedade é um  
roubo e o roubo é uma pro-  
priedade".

Partindo desse raciocinio,  
facil-lhe foi ao talentoso ho-  
mem de letras, que dirige  
esta folha, assenhorear-se de  
todos os segredos do com-  
munsimo, para os pregar em  
artigos primorosos, cheios de  
vivo entusiasmo e profun-

da paixão, o que trouxe um  
sério extremecimento de re-  
lações entre o nosso querido  
director e o nosso redactor-  
chefe Dr. Vaz Antão Luis,  
que accumula as funções de  
presidente da Republica.

Pequeno dissidio, ligeira  
divergencia, a principio, a  
questão, logo depois, tomou  
um aspecto grave, impor-  
tando na dispersa daquelle  
redactor, que deixou o seu  
lugar vago em nossa tenta-  
arabe de trabalho.

Homem de accção, um tan-  
to voluntarioso no seu pro-  
ceder, aquelle ex-compa-  
nheiro soube aproveitar-se  
logo da circumstancia de es-  
tar tambem na presidencia  
da nação e tratou de appli-  
car sobre nós a lei accelera-  
da. Todas as quintas-feiras o  
Sr. Esponjei Gago Coutinho,  
em nome do Dr. Vi Anna no  
Morro do Castello, ministro  
da Justiça, fazia a apprehen-  
são dos numeros d'«A  
Manha», registos de infor-  
mações, artigos bombasticos  
e noticias empolgantes sobre  
o grande momento russo.

Profundamente irritado, o  
nosso querido director, inspi-  
gado pelo deputado Azevedo  
Lima, redobrou na virulen-  
cia de linguagem contra o

regimen burguez, mas a po-  
licia, por ordem do governo,  
continuava a apprehender as  
nossas edições. Os nossos  
prezados materiaes tornam-  
se cada vez maiores, lo-  
maneira que, depois de tan-  
tas apprehensões, o nosso  
prezado chefe apprehendeu  
tambem que não era nego-  
cio estar de relações cortas-  
das com o governo e, por  
isso, resolveu, como o filho  
prodigo, voltar aos arraiaes  
da legalidade.

Aliás, a nossa attitude de  
hoje, ao lado do poder con-  
stituido, é a unica que se  
coaduna com os nossos sen-  
timentos psychicos e ego-  
nomaticos e, por isso, sentim-  
os a vontade para despa-  
nar a politica das estradas  
de rodagem e da estabiliza-  
ção dos dez tostões.

Assim, dentro da menta-  
lidade governamental, pro-  
pugnando pelos idees repu-  
blicanos, «A Manha» volta  
a occupar o seu posto de  
porta-voz do Cattete, fran-  
queando as suas columnas  
de honra ao pá-claro esta-  
dista, paulista de Macahé,  
que de facto é e que conti-  
nuará a pontificar, na 2ª pa-  
gina, em alentados artigos  
de pistola larga.

Loteria do Rio Grande

do Sul

Sexta-feira 18 de Outubro

200 contos

Inteiro, 70\$000 — Fracção, 7\$000

HABILITEN SE

**Título:** “AS SEDUÇÕES DO OLHO DE MOSCOU – GRAVE INCIDENTE ENTRE ‘A MANHA’ E O PRESIDENTE DA REPÚBLICA”

**Data de publicação:** 14 de outubro de 1927 (número 54, pág. 2 - rolo 1, pág. 32)

**Linha de apoio:** As nossas edições foram apreendidas pela polícia

1 Há mais de um mês que, apesar de editada todas as quintas-feiras, “A Manha” não circula.

2 Conquanto estranho, este fato tem uma explicação muito aceitável para os homens de boa  
3 vontade, aos quais unicamente nos dirigimos, dando os motivos da falta de “circulez”.

4 Essa explicação, aliás, damo-a sem o menor constrangimento, pois é dirigida a almas boas, a  
5 pessoas simples, que não duvidam da palavra alheia, mesmo porque é conhecida a têmpera rígida,  
6 de Toledo, do **nosso querido diretor**, que absolutamente não dá satisfações de seus atos, a não  
7 ser neste tom amistoso de franca camaradagem, estando sempre disposto, no terreno da honra, a  
8 enfrentar o adversário, seja ele quem for e venha cá com as armas que vier.

9 No caso, porém, há motivos também de ordem internacional, que exigem uma ampla  
10 exposição.

11 Os nossos leitores devem estar lembrados de que, em nossa última edição, estampamos a  
12 sensacional notícia de que “A Manha” vinha sendo seduzida pelo Olho de Moscou.

13 O **nosso querido diretor**, homem de vasto saber e fulgurante inteligência, aprofundando-  
14 se sobre a questão social, chegara à conclusão de que “a propriedade é um roubo e o roubo é  
15 uma propriedade”.

16 Partindo desse raciocínio, fácil lhe foi ao talentoso homem de letras, que dirige esta folha, as-  
17 senhorear-se de todos os segredos do comunismo, para os pregar em artigos primorosos, cheios de  
18 vivo entusiasmo e profunda paixão, o que trouxe um sério estremecimento de relações entre o  
19 **nosso querido diretor** e o nosso redator chefe Dr. Vaz Antão Luis, que acumula as funções de  
20 presidente da República.

21 Pequeno dissídio, ligeira divergência, a princípio, a questão, logo depois, tomou um as-  
22 pecto grave, importando na dispensa daquele redator, que deixou seu lugar vago em nossa  
23 tenda árabe de trabalho.

24 Homem de ação, um tanto voluntarioso no seu proceder, aquele ex-companheiro soube  
25 aproveitar-se logo da circunstância de estar também na presidência da nação e tratou de apli-  
26 car sobre nós a lei acelerada. Todas as quintas-feiras o Sr. Esponjei Gago Coutinho, em nome  
27 do Dr. Vi Anna no Morro do Castello, ministro da justiça, fazia a apreensão dos números da  
28 “A Manha”, repletos de informações, artigos bombásticos e notícias empolgantes sobre o  
29 grande momento russo.

30 Profundamente irritado, o **nosso querido diretor**, instigado pelo deputado Azevedo Lima,  
31 redobrou na virulência de linguagem contra o regime burguês, mas a polícia, por ordem do gover-  
32 no, continuava a apreender as nossas edições. Os nossos prejuízos materiais tornavam-se cada vez  
33 maiores, de maneira que, depois de tantas apreensões, o nosso prezado Chefe apreendeu que não  
34 era negócio estar de relações cortadas com o governo e, por isso, resolveu, como o filho pródigo,  
35 voltar aos arraiais da legalidade.

36 Aliás, a nossa atitude de hoje, ao lado do poder constituído, é a única que se coaduna com os  
37 nossos sentimentos psíquicos e estomacais e, por isso, sentimo-nos à vontade para defender a po-  
38 lítica das estradas de rodagem e da estabilização dos dez tostões.

39 Assim, dentro da mentalidade governamental, propugnando pelos ideais republicanos, “A  
40 Manha” volta a ocupar o seu posto de porta-voz do Catete, franqueando as suas colunas de honra  
41 ao pé-claro estadista, paulista de Macaé, que de fato é e que continuará a pontificar, na 2ª página,  
42 em alentados artigos de bitola larga.

## Texto 3:

Reprodução da página:

Ab. 30-1-930

A MANHÃ

# A luta entre grandes potencias financeiras

## Violento artigo do nosso querido director — A attitude indigna do sr. Portella — Titulos protestados e a repercussão no estrangeiro do incidente com os irmãos Guinle

Estas linhas, de profunda revolta, não foram traçadas pela penna brilhante do nosso querido director. Tomado duma violenta exaltação, em virtude da attitude indigna assumida pelos irmãos Guinle, o pulso do grande jornalista tremeu de indignação, a ponto de não acertar com a boca do tinteiro. Passeando nervosamente, com os braços cruzados sobre o largo peito, o bravo plumitivo, então, resolveu dictar simultaneamente, a cinco dactylographas dos nossos escriptorios, o energico artigo que se segue:

### O VIOLENTO EDITORIAL DO NOSSO QUERIDO DIRECTOR

A mesquinha campanha de descredito que, por intermedio de seus agentes secretos, vêm movendo contra o nosso chefe os irmãos Carlos, Guilherme e Arnaldo Guinle, não nos causou estranheza.

Podem esses rapazes insistir na sua ingrata tarefa de diffamação junto á gerencia dos bancos desta praça?

Pode o sr. Portella, mandado communado com os nossos ferrenhos adversarios, pretender reapossar-se do predio que nos vendeu.

Fiquem, porém, certos que, na defesa dos nossos direitos, consubstanciados no distico de Cicero, (Nemo locupletare potes in res pacifica habende) saberemos reagir com "animus defendendi" a principio, com os textos da lei magna, ou "manu militari", se a tanto nos quizerem arrastar esses moços, movidos pela cobiça e pela inveja!

Estão, portanto, muito mal enganados os nossos gratuitos inimigos, se julgam que nos intimidam com ridiculas ameaças!

Vamos para a luta! — e o estribilho de guerra que hoje se pronuncia a cada momento nesta casa é que rebôa por todos os quadrantes, por todos os andares do nosso altozoso edificio, repercutindo pelos corredores e escadarias marmoreas, como o ganglor dum toque de Asuero!

Vamos para a luta! — é a legenda guerreira que foi insessou ad arripudat ut 24122

porta e aqui, estamos vigilantes na defesa da nossa autonomia!

Saibam, portanto, aquellos que julgam poder invadir impunemente a nossa tenda arabe de trabalho com intenções malignas, que, antes de

### O SR. PORTELLA LEVA OS SEUS TITULOS A CARTORIO

Para effectivar a compra do edificio Portella, como era natural, o nosso querido director assignou diversos docu-

estupidamente cobrar do nosso chefe a respectiva importância, o que revelou requintada má fé.

Pertencente á escola antiga de integral probidade, cultivando com carinho os sentimentos de honradez, o nosso chefe, naturalmente se sentiu estomagado com a falta de confiança do sr. Portella, resolvendo, por isso, oppôr tenaz resistencia ás pretensões receptoras desse cavalleiro.

### ATE' ONDE CHEGA A IG-NOMINIA!

Sabedor da attitude negativa do notavel jornalista, o sr. Portella, movido por um rasteiro sentimento de vindicta pessoal, levou os titulos vencidos a cartorio!

### AINDA TEMOS AMIGOS

O nosso miseravel perseguidor, porém, perdeu o pulso! Felizmente, no meio da podridão em que vivemos, ainda se encontram almas puras e dignas!

O notario, ao receber os titulos da mão do sr. Portella, e sabendo de que os mesmos eram firmados pelo nosso querido director, protestou energicamente!

Como confortam nesta epoca de miserias moraes, gestos nobres e altivos como o desse modesto serventuario publico que soube reagir com energia e desassombro!...

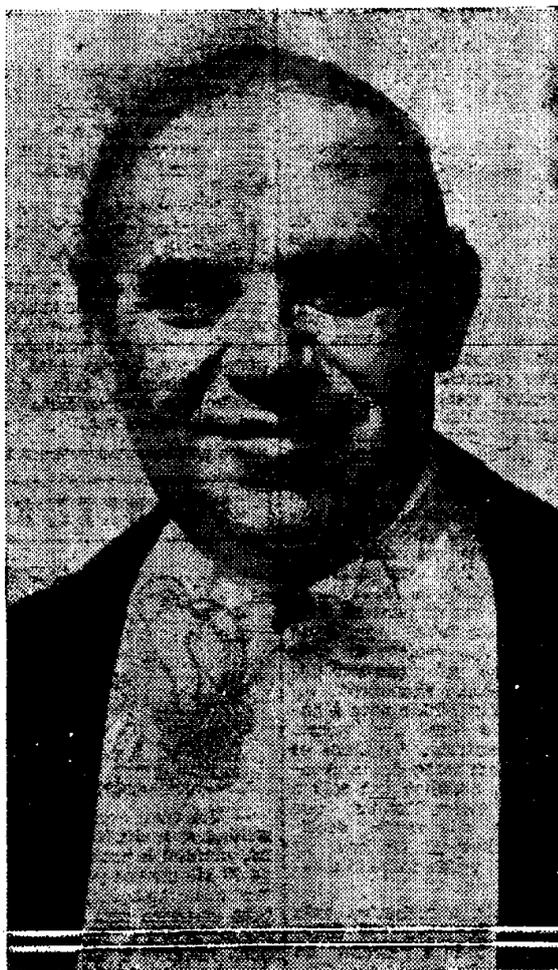
### A REPERCUSSÃO DO INCIDENTE NO ESTRANGEIRO

LONDRES, 25 (Havas) — Os banqueiros L'Azar Brothers & Co., correspondentes financeiros d'A MANHÃ, nesta capital, forneceram uma nota aos jornaes declarando que essa poderosa empresa proprietaria do grande "quintafierino, que é o orgão "leader" da imprensa brasileira, nada deve nesta praça.

A declaração dos srs. L'Azar Brothers & Co. causou optima impressão nos circulos financeiros.

LONDRES, 25 (Amôr e Cana) — O "Financial News", desta capital, dedica em sua

(Continua na 6ª pagina)



O sr. Portella, ex-proprietario do predio do mesmo nome e hoje em luta contra o nosso querido director

penetrar na nossa redacção, precisam passar por cima não de um, mas de muitos cadaveres, que estão pacientemente postados á porta, aguardando a sua vez!

Era o que tinhamos a dizer, por enquanto.

mentos, perfeitamente em ordem e cujo valor estava naturalmente accrescido pelo autographo do proprio punho do illustre literato.

Sob ridiculo pretexto de que um desses titulos estava vencido, o sr. Portella tentou

**Título:** “A LUTA ENTRE GRANDES POTÊNCIAS FINANCEIRAS”

**Data de publicação:** 30 de janeiro de 1930 (Ano I, número 17, pág. 5 - rolo 1, pág. 202)

**Linha de apoio:** Violento artigo do nosso querido diretor – A atitude indigna do sr. Portella – Títulos protestados e a repercussão no estrangeiro do incidente com os irmãos Guinle

1 Estas linhas de profunda revolta não foram traçadas pela pena brilhante do nosso querido di-  
2 retor. Tomado duma violenta exaltação, em virtude da atitude indigna assumida pelos irmãos  
3 Guinle, o pulso do grande jornalista tremeu de indignação, a ponto de não acertar com a boca do  
4 tinteiro. Passeando nervosamente, com os braços cruzados sobre o largo peito, o bravo plumitivo,  
5 então, resolveu ditar simultaneamente, a cinco datilógrafas dos nossos escritórios, o enérgico arti-  
6 go que se segue:

#### 7 O VIOLENTO EDITORIAL DO NOSSO QUERIDO DIRETOR

8 A mesquinha campanha de descrédito que, por intermédio de seus agentes secretos,  
9 vêm movendo contra o nosso chefe os irmãos Carlos, Guilherme e Arnaldo Guinle, não nos  
10 causou estranheza.

11 Podem esses rapazes insistir na sua ingrata tarefa de difamação junto à gerência dos  
12 bancos desta praça.

13 Pode o sr. Portella, mancomunado com os nossos ferrenhos adversários, pretender reapossar-  
14 se do prédio que nos vendeu.

15 Fiquem, porém, certos que, na defesa dos nossos direitos, consubstanciados no dístico de Cí-  
16 cero, (*Nemo locupletare potes in res pacifica habende*) saberemos reagir com “*animus defendi*” a  
17 princípio, com os textos da lei magna, ou “*manu militari*”, se a tanto nos quiserem arrastar esses  
18 moços, movidos pela cobiça e pela inveja!

19 Estão, portanto, muito mal enganados os nossos gratuitos inimigos, se julgam que nos intimi-  
20 dam com ridículas ameaças!

21 Vamos para a luta! – é o estribilho de guerra que hoje se pronuncia a cada momento nesta ca-  
22 sa e e que reboa por todos os quadrantes, por todos os andares do nosso alteroso edifício, repercu-  
23 tindo pelos corredores e escadarias marmóreas, como o ganglor (sic) dum toque de Assuero!

24 Vamos para a luta! – é a legenda guerreira que foi inscrita na bandeira da nossa porta, e aqui  
25 estamos vigilantes na defesa da nossa autonomia!

26 Saibam, portanto, aqueles que julgam poder invadir impunemente a nossa tenda árabe de  
27 trabalho com intenções malignas, que, antes de penetrar na nossa redação, precisam passar  
28 por cima não de um, mas de muitos cadáveres, que estão pacientemente postados à porta, a-  
29 guardando a sua vez!

30 Era o que tínhamos a dizer, por enquanto.

#### 31 O SR. PORTELLA LEVA OS SEUS TÍTULOS A CARTÓRIO

32 Para efetivar a compra do Edifício Portella, como era natural, o nosso querido diretor assinou  
33 diversos documentos, perfeitamente em ordem e cujo valor estava naturalmente acrescido pelo  
34 autógrafo de próprio punho do ilustre literato.

35 Sob o ridículo pretexto de que um desses títulos estava vencido, o sr. Portella tentou estupi-  
36 damente cobrar do nosso chefe a respectiva importância, o que revelou requintada má fé.

37 Pertencente à escola antiga de integral probidade, cultivando com carinho os sentimentos de  
38 honradez, o nosso chefe, naturalmente se sentiu estomagado com a falta de confiança do sr. Por-  
39 tella, resolvendo, por isso, opor tenaz resistência às pretensões receptoras desse cavalheiro.

40

## ATÉ ONDE CHEGA A IGNOMÍNIA

41

42

Sabedor da atitude negativa do notável jornalista, o sr. Portella, movido por um rasteiro sentimento de vindita pessoal, levou os títulos vencidos a cartório!

43

## AINDA TEMOS AMIGOS

44

45

O nosso miserável perseguidor, porém, perdeu o pulo! Felizmente, no meio da podridão em que vivemos, ainda se encontram almas puras e dignas!

46

47

O notário, ao receber os títulos da mão do sr. Portella, e sabendo de que os mesmos eram firmados pelo nosso querido diretor, protestou energicamente!

48

49

Como confortam nesta época de misérias morais, gestos nobres e altivos como o desse modesto serventuário público que soube reagir com energia e desassombro!...

50

## A REPERCUSSÃO DO INCIDENTE NO ESTRANGEIRO

51

52

53

54

LONDRES, 25 (Havas) – Os banqueiros L`Azar Brothers e Co., correspondentes financeiros d`A MANHA, nesta capital, forneceram uma nota aos jornais declarando que essa poderosa empresa proprietária do grande quintaferino, que é o órgão “líder” de imprensa brasileira, nada deve nesta praça.

55

56

57

LONDRES, 25 (Amor e Cana) – O “Financial News”, desta capital, dedica em sua edição de hoje, um extenso editorial a respeito da luta financeira suscitada pelos irmãos Guinle contra o diretor d`A MANHA.

58

59

60

Depois de declarar que os antagonistas são figuras muito relacionadas na alta aristocracia britânica, o acatado órgão lamenta, como amigo do Brasil, o incidente, cujas conseqüências não pode prever e diz, textualmente, em inglês:

61

62

“Os irmão Guinle contam com enormes recursos. O Diretor d`A MANHA, por sua vez, sente-se amparado no direito consuetudinário das gentes. Será, portanto, uma luta de leões.

63

64

65

NOVA YORK, 25 (U. P.) – A notícia do rompimento d`A MANHA com os irmãos Guinle, provocou pânico na bolsa.

O café baixou três grãos abaixo de zero, estando toda a imprensa empolgada pelo assunto.

Texto 4:

Reprodução da página:

PASSARINHO SEM ALPISTI NÃO CANTA  
**A MANHÃ** SEGUNDA EDIÇÃO

ANNO I — N.º 47

Director: APPORELY

RIO, 5 - 9 - 1990

# Cada vez mais grave a situação nacional!

*Apoiado pela opinião pública o nosso querido director dirige um ultimatum ao presidente da Republica, dando-lhe o prazo impronovavel de 70 dias para abandonar o governo*

Quando estavamos encerrando os trabalhos da presente edição, no momento em que era mais intenso o correr-corre nos diversos departamentos de redacção, composição e estereotypia, deste vibrante arauto das aspirações populares, o nosso querido director, após ter escripto as ultimas palavras de seu energico artigo de fundo, verberando os desmandos dos senhores do poder, foi presa de violento ataque de indignação, proferindo nomes feios em voz baixa, conforme determina a boa educação.

Vindo a si, mal contendo o odio que o exasperava, denunciado pelo ranger macabro das gengivas, o violento pamphletario que dirige esta folha, exhumou do fundo duma das gavetas de seu riquissimo bureau-ministre, presente de Negus Menelick, rei dos reis da Abyssinia, as suas insignias de commendador da Ordem do Banho, e, sentando-se com aquella incontrastavel autoridade que nem os seus mais ferrenhos inimigos ousam contestar, o nosso acatado chefe alinhou de novo as tiras de papel de seda vegetal, orme-chantilly, e começou a redigir um ultimatum ao sr. dr. Vax Antão Luís, cujos termos na integra ainda ignoramos.

Essé importante documento, que mais cedo ou mais tarde virá a publico, foi entregue ao



O nosso querido director, com sua commenda da Ordem do Banho

chefe da Nação na madrugada de hoje por um dos officiaes de gabinete do nosso querido director.

A nossa atilada reportagem, pondo-se em campo desde as primeiras horas, conseguiu apurar que se trata duma energica intimação feita ao primeiro magistrado do país, para, no prazo impronovavel de 70 dias, a partir desta data,

abandonar tambem o cargo que indebitamente occupa, uma vez que já deixou de inspirar confiança ao notavel estadista que dirige este orgão e que é sem favor algum, o maior talves, dos responsaveis pela estabilidade do regimen, tendo-se em vista que a estabilidade virou sorvete!

Até o momento de encerrarmos esta pagina, o nosso pres-

figioso e gozoso chefe ainda não havia recebido a resposta do sr. ultimatum, parecendo que, intimidado, o sr. presidente da Republica inclinava-se a entregar os pontos.

**TRIANON**  
TODAS AS NOITES  
**MESQUITINHA**  
O Homem do Frak Preto  
Original de Armando Gonzaga

O segredo das Misses é usar **ELEMATIA**  
para tingir seus vestidos que sempre são de cores alegres.  
**AGUA DE JUAQUILHO**  
para conservar a sua cutis formosa e sveludada.  
**TRANQUILIN**  
para evitar qualquer dor ou indisposição, após os bailes e festas nas quizes tomam parte

**Título:** “CADA VEZ MAIS GRAVE A SITUAÇÃO NACIONAL!”

**Data de publicação:** 05 de setembro de 1930 (Ano I, número 47, pág. 16 - rolo 1, pág. 505)

**Linha de apoio:** Apoiado pela opinião pública, o nosso querido diretor dirige um *ultimátum* ao presidente da República, dando-lhe o prazo improrrogável de 70 dias para abandonar o governo

1 Quando estávamos encerrando os trabalhos da presente edição, no momento em que era  
2 mais intenso o corre-corre nos diversos departamentos da redação, composição e estereotipia,  
3 deste vibrante arauto das aspirações populares, o nosso querido diretor, após ter escrito as  
4 últimas palavras do seu enérgico artigo de fundo, verberando os desmandos dos senhores do  
5 poder, foi presa de violento ataque de indignação, proferindo nomes feios em voz baixa, con-  
6 forme determina a a boa educação.

7 Vindo a si, mal contendo o ódio que o exasperava, denunciado pelo ranger macabro das gen-  
8 givas, o violento panfletário que dirige esta folha exumou do fundo duma das gavetas de seu ri-  
9 quíssimo “*bureau-ministre*”, presente de Negus Menelik, rei dos reis da Abissínia, as suas insígn-  
10 nias de comendador da Ordem do Banho, e, sentando-se com aquela incontrastável autoridade que  
11 nem os seus mais ferrenhos inimigos ousam contestar, o nosso acatado chefe alinhou de novo as  
12 tiras de papel de seda vegetal, *creme-chantilly*, e começou a redigir um *ultimátum* ao sr. dr. Vaz  
13 Antão Luís, cujos termos na íntegra ainda ignoramos.

14 Esse importante documento, que mais cedo ou mais tarde virá a público, foi entregue ao che-  
15 fe da Nação na madrugada de hoje por um dos oficiais de gabinete do nosso querido diretor.

16 A nossa atilada reportagem, pondo-se em campo desde as primeiras horas, conseguiu  
17 apurar que se trata duma enérgica intimação feita ao primeiro magistrado do país, para, no  
18 prazo de 70 dias, a partir desta data, abandonar também o cargo que indebitamente ocupa,  
19 uma vez que já deixou de inspirar confiança ao notável estadista que dirige este órgão e que  
20 é, sem favor nenhum, o maior, talvez, dos responsáveis pela estabilidade do regime, tendo-  
21 se em vista que a estabilização virou sorvete!

22 Até o momento de encerrarmos esta página, o nosso prestigioso e acatado chefe ainda não  
23 havia recebido a resposta do seu ultimato, parecendo que, intimidado, o sr. presidente da Repúbli-  
24 ca inclinava-se a entregar os pontos.

## Marechal-almirante de terra e mar (1930)

### Texto 5:

Reprodução da página:

# OL MANHÃ

ANNO I — N.º 82 Director: APPORELLY RIO, 81-10-080

## A Revolução Brasileira e seu maximo heroe

### Pela consolidação da Republica Nova e pelo aniquillamento dos opportunistas!

Le jour de glorie est ar-  
rive!

Foi com esta phrase im-  
mortal de Mirabeau, que,  
ao deulbar da madrugada  
historica de 24 de outubro,  
o nosso querido director,  
depois duma longa noite  
de vigilia no altar da Pa-  
tria, saltou do leito, enver-  
gando o seu vistoso pyja-  
ma militar, de seda vege-  
tal.

Fazendo oitavos á direi-  
ta e á voz de "ordinario,  
marche!" o grande vulto  
marcial, que dirige dictato-  
rialmente esta empresa, ru-  
mou garbosamente em di-  
recção ao banheiro!

Em seguida, ouvindo ao  
longe o ganglor estridente  
dos clarins que o concla-  
mavam ás armas, esque-  
cendo até os seus deveres  
para com a hygiene, deixou  
nesse dia de tomar o seu  
banho trimestral, acorren-  
do pressuroso ao chama-  
mento civico dos cadetes  
da liberdads.

Já na rua, por conta de  
Bonifácio, o seu primeiro  
acto foi o de assaltar "ma-  
nu militari!" um poste com  
um telephone do serviço  
privativo da Light.

De posse desse importan-  
te posto estrategico, com  
aquella bravura e destem-  
p dignos dum heroe da su-  
tempora, o nosso querido  
director começou a requisi-  
tar varios numeros do seu  
bro telephonic para poder  
comunicar-se com os ge-  
neraes de terra e mar, or-

ECCE HOMO!



denando-lhes que tomassem  
posição de combate.

Em seguida, dando cum-  
primento á ordem do dia  
A-1, determinou que se le-  
vasse uma intimação ao  
Guanabara, ordenando a re-  
nuncia do presidente da  
Republica e a prisão colle-  
ctiva do ministerio.

O bravo legionario das  
liberdades publicas, então,  
desligou violentamente o  
apparelho e dirigiu-se a pé  
para o forte de Copacaba-  
na, onde já o aguardava o  
seu estado maior.

De relógio em punho,  
contando os minutos, o des-  
temido guerrilheiro acom-  
panhou toda a acção, inter-  
ferindo pessoalmente sem-  
pre que se manifestava  
qualquer indecisão no cum-  
primento de suas ordens,  
inclusive quando foi neces-  
sario dar a voz de prisão  
ao dr. Vaz Antão Luis.

Está ahí resumido para  
a historia o relato fiel dos  
acontecimentos que deter-  
minaram a queda da mo-  
narchia republicana e a  
implantação da Republica  
Nova.

Ninguem, de boa fé, co-  
mo se vê, será capaz de  
apontar um outro chefe da  
rebellião, que não o nosso  
querido director, figura de  
élite e de rara modestia.

Os vulots que se salien-  
taram nessas jornadas me-  
moraveis, tanto no Norte  
como no Sul, são apenas  
figuras de segundo plano.

(Continúa na 2ª pag.)

o marechal-almirante de terra e mar, nosso querido director,  
unico e verdadeiro chefe e organizador do movimento victo-  
rioso e justamente cognominado pela opinião publica "O pro-  
prietario da Gavena da Revolução"

**Título:** “A REVOLUÇÃO BRASILEIRA E SEU MÁXIMO HERÓI!”

**Data de publicação:** 31 de outubro de 1930 (Ano I, número 52, pág. 1 - rolo 1, pág. 572)

**Linha de apoio:** Pela consolidação da República Nova e pelo aniquilamento dos oportunistas!

1 *Le jour de glorie est arrivé!*

2 Foi com esta frase imortal de Mirabeau, que ao dealbar da madrugada histórica de 24 de ou-  
3 tubro, o nosso querido diretor, depois de uma longa noite de vigília no altar da Pátria, saltou do  
4 leito, envergando o seu vistoso pijama militar, de seda vegetal.

5 Fazendo oitavos à direita e à voz de “ordinário marche!”, o grande vulto marcial que dirige  
6 ditatorialmente esta empresa, rumou garbosamente em direção ao banheiro!

7 Em seguida, ouvindo ao longe o ganglor (sic) estridente dos clarins que o conclamavam às  
8 armas, esquecendo até os seus deveres para com a higiene, deixou nesse dia de tomar o seu banho  
9 trimestral, ocorrendo pressuroso ao chamamento cívico dos cadetes da liberdade.

10 Já na rua, por conta do Bonifácio, o seu primeiro ato foi o de assaltar “*manu militari*” um  
11 poste com um telefone do serviço privativo da Light.

12 De posse desse importante posto estratégico, com aquela bravura e destemor, dignos  
13 dum herói da sua têmpera, o nosso querido diretor começou a requisitar vários números do  
14 centro telefônico para poder comunicar-se com os generais de terra e mar, ordenando-lhes  
15 que tomassem posição de combate.

16 Em seguida, dando cumprimento à ordem do dia A-1, determinou que se levasse uma  
17 intimação ao Guanabara, ordenando a renúncia do presidente da República e a prisão cole-  
18 tiva do ministério.

19 O bravo legionário das liberdades pública, então, desligou violentamente o aparelho e dirigiu-  
20 se a pé para o forte de Copacabana, onde já o aguardava o seu estado maior.

21 De relógio em punho, contando os minutos, o destemido guerrilheiro acompanhou toda a a-  
22 ção, interferindo pessoalmente sempre que se manifestava qualquer indecisão no cumprimento de  
23 suas ordens, inclusive quando foi necessário dar a voz de prisão ao Dr. Vaz Antão Luis.

24 Está aí resumido para a história o relato fiel dos acontecimentos que determinaram a queda da  
25 monarquia republicana e a implantação da República Nova.

26 Ninguém, de boa fé, como se vê, será capaz de apontar um outro chefe da rebelião, que não o  
27 nosso querido diretor, figura de elite e de rara modéstia.

28 Os vultos que se salientaram nessas jornadas memoráveis, tanto no Norte como no Sul, são  
29 apenas figuras de segundo plano, simples comandados, que se esforçaram com certo desembaraço  
30 para bem cumprir as ordens e determinações do glorioso cabo de guerra que dirige esta folha e,  
31 que por isso mesmo os elogiou em ordem do dia.

32 Não nos venham agora para cá com Getúlio Vargas, Oswaldo Aranha, Juarez Távora, Góes  
33 Monteiro, Olegário Maciel e outros rapazes que agiram sob a batuta do ínclito estrategista que está à  
34 testa desta empresa!

35 Felizmente, para a história, o povo tem a compreensão nítida dos fatos. As ovações formidá-  
36 veis de que tem sido alvo o nosso querido diretor são a prova eloqüente de que é ele, de verdade, o  
37 legítimo ídolo da Nação!

38 No posto de honra que esta lhe confiou, ele saberá agir com a energia precisa para fazer es-  
39 barrar nos copos da sua espada qualquer tentativa tendente a menoscabar o seu triunfo!

40 Com Barbusse, poderemos afirmar solenemente que no Brasil já não há mais lugar para os  
41 oportunistas!

42 Viva a Revolução triunfante!

Barão de Itararé (1930-1931)

Texto 6:

Reprodução da página:

A MANHÃ

# O novo barão de Itararé

## A íntegra do decreto que agracia com aquelle título nobiliarchico o nosso querido director

É a seguinte a íntegra do decreto que agracia o marechal-almirante que comanda esta folha com o título de Barão de Itararé:

"O Governo Provisório da República Nova agracia o nosso querido director com o título de Barão de Itararé e toma outras providências.

Art. 1.º — Considerando que o nosso querido director, na paz e na guerra, prestou os mais relevantes serviços á Revolução Triunphante; considerando que as aptidões militares e civis por elle reveladas na elaboração e consucção do movimento... demonstraram apreciaveis attributos de direcção e de commando; considerando que em virtude de sua alta patente de marechal-almirante, conquistada pelo esforço proprio, não se lhe pode conferir um posto inferior de general ou coronel, considerando que a República, no fundo, é uma monarchia disfarçada, resolve, usando das attribuições discricionarias que lhe confere a Revolução Victoriosa, conceder ao nosso querido director o título de Barão de Itararé, podendo elle fazer o uso que lhe convier.

Art. 2.º — O sr. Barão de Itararé, independente de licença especial da policia, poderá usar ostensivamente as armas que escolher para o seu brazão nobiliarchico. Rio de Janeiro, 4 de dezembro de 1930. — 109 da Independencia ou Morit; 42 da Republica Velha; 1 da Republica Nova.

(a) Getúlio Dôr Nelles Vargas, presidente; Oswaldo Aranha, ministro da Justiça."

**O BRAZÃO DO SENHOR BARÃO DE ITARARÉ**

Uma das primeiras providencias tomadas pelo nosso querido director, após a assignatura que o nomeia Barão de Itararé, foi a de mandar confeccionar as armas que usará como brazão na porta do automovel, no "quidion" da bicycleta, no portão do quintal e no frontispicio de sua residencia de verão.

O referido brazão, que passará por herança á propriedade de familia, ostenta, na parte superior um capacete, de viseira erguida,

sangue, inclinado sobre uma tigella, quer dizer: que aquilo não é sopa. A penna de pavão nada mais é do que a representação figurada da fulgurancia do publicista, que conquistou, com o brilho de sua cannetta automatica a mesma admiração publicis que grangeou para si a ave de plumagem multicolor.

Sob o escudo, ainda nota-se a espada do cavalleiro, conquistada nas arduas lutas contra os inimigos da ordem e do regimen.

O brazão do Barão de Itararé será impresso em alto relevo na esquina dos seus cartões de visita, e nos cantos do seu papel de correspondencia para o exterior.

**A PRIMEIRA RECEPCÃO DO SR. BARÃO DE ITARARÉ**

Para commemorar dignamente a sua recente nomeação de Barão de Itararé, o nosso querido director resolveu, por todo este mezar, abrir, de par em par, as portas de seu velho solar, offerecendo uma importante recepção á aristocracia acreditada em nosso paiz.

Um dos seus secretarios particulaes já está redigindo os respectivos convites, notando-se desusada animação nas altas espheras sociaes para essa aristocratica festa.

Já receberam convites e prometteram comparecer ao regio sarão os srs. conde Modesto Leal, barão de Saavedra, conde de Affonso Celso, barão de Ramiz Galvão, conde Paulo de Frontin, conde Pereira Carneiro, commendador de Souza Frego, barão de Pelxoto Serra, visconde de Moraes e commendador Rainho.

O sr. Barão de Itararé, cujo nome declinamos com profundo respeito e admiração, nomeou uma com-

O escudo adoptado pelo Barão de Itararé

dos Dragões da Independencia, descansando sobre uma mascara contra gazes asphyxiantes e máo halito.

Sobre o cimo da viseira, vê-se uma passaro, symbolizando a pomba da Bonança, prompta a alçar vôo em busca do ramo de oliveira, mensageira da fraternidade

entre os povos de boa vontade.

O escudo propriamente dito, representado por um quadrilatero que acaba em picos, num angulo de 90 graus, mostra ao centro, entelacado, um machado e uma penna de pavão.

O machado, pingando

**Não encontrareis**

melhor presente de festas do que uma collecção de discos

# GOODSON

- O DISCO BRANCO -

**FLEXIVIL LE E INQUEBRAVEL**

A' venda em toda parte

**O NOSSO QUERIDO DIRECTOR COM ALTIVEZ:**

*"Não admitto replicas!  
Em materia de radio só  
TELEFUNKEN!  
Eis o meu lemman!"*

**TELEFUNKEN**

A' VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS

**Título:** “O NOVO BARÃO DE ITARARÉ”

**Data de publicação:** 05 de dezembro de 1930 (Ano II, número 57, pág. 5 - rolo 1, pág. 619)

**Linha de apoio:** A íntegra do decreto que agracia com aquele título nobiliárquico o nosso querido diretor

1 É a seguinte a íntegra do decreto que agracia o marechal-almirante que comanda esta folha  
2 com o título de Barão de Itararé:

3 “O Governo Provisório da República Nova agracia o nosso querido diretor com o título de  
4 Barão de Itararé e toma outras providencias.

5 Art. 1º – Considerando que o nosso querido diretor, na paz e na guerra, prestou os mais rele-  
6 vantes serviços à Revolução Triunfante; considerando que as aptidões militares e cívicas por ele  
7 reveladas na elaboração e consecução do movimento demonstraram apreciáveis atributos de dire-  
8 ção e de comando; considerando que em virtude de sua alta patente de marechal-almirante, con-  
9 quistada pelo esforço próprio, não se lhe pode conferir um posto inferior de general ou coronel;  
10 considerando que República, no fundo, é uma monarquia disfarçada; resolve, usando das atribui-  
11 ções discricionárias que lhe confere a Revolução Vitoriosa, conceder ao nosso querido diretor o  
12 título de Barão de Itararé, podendo dele fazer o uso que lhe convier.

13 Art2º – O sr. Barão de Itararé , independente de licença especial da polícia, poderá usar os-  
14 tensivamente as armas que escolher para o seu brasão nobiliárquico.

15 Rio de Janeiro, 4 de dezembro de 1930. – 109º da Independência ou Morte; 42º da República  
16 Velha; 1º da República Nova.

17 (a) Getúlio Dor Nelles Vargas, presidente; Oswaldo Aranha , ministro da Justiça” .

#### 18 O BRASÃO DO SENHOR BARÃO DE ITARARÉ

19 Uma das primeiras providências tomadas pelo nosso querido diretor, após a assinatura que o  
20 nomeia Barão de Itararé, foi a de mandar confeccionar as armas que usará como brasão na porta  
21 do automóvel, no “ *guidon*” da bicicleta, no portão do quintal e no frontispício de sua residência  
22 de verão.

23 O referido brasão , que passará por herança à propriedade de família , ostenta na parte superi-  
24 or um capacete, de viseira erguida, dos Dragões da Independência, descansando sobre uma má-  
25 cara contra gases asfixiantes e mau hálito.

26 Sobre o cimo da viseira, vê-se um pássaro, simbolizando a pomba da Bonança, pronta a alçar  
27 vôo em busca do ramo de oliveira, mensageira da fraternidade entre os povos de boa vontade.

28 O escudo propriamente dito, representado por um quadrilátero que acaba em bico, num ângu-  
29 lo de 90 graus, mostra ao centro, entrelaçado, um machado e uma pena de pavão.

30 O machado, pingando sangue, inclinado sobre uma tigela, quer dizer que, aquilo não é sopa.  
31 A pena de pavão nada mais é do que a representação figurada da fulgurância do publicista, que  
32 conquistou, com o brilho de sua caneta automática, a mesma admiração pública que granjeou para  
33 si a ave de plumagem multicolor.

34 Sob o escudo, ainda nota-se a espada do cavaleiro, conquistada nas árduas pelejas contra os  
35 inimigos da ordem e do regime.

36 O brasão do Barão de Itararé será impresso em alto relevo na esquina dos seus cartões de vi-  
37 sita e nos cantos do seu papel de correspondência para o exterior.

## A PRIMEIRA RECEPÇÃO DO SR. BARÃO DE ITARARÉ

38

39 Para comemorar dignamente a sua recente nomeação de Barão de Itararé, o nosso querido di-  
40 retor resolveu, por todo este mês, abrir, de par em par, as portas de seu velho solar, oferecendo  
41 uma importante recepção à aristocracia acreditada em nosso país.

42 Um dos seus secretários particulares já está redigindo os respectivos convites, notando-se de-  
43 susada animação nas altas esferas sociais para essa aristocrática festa.

44 Já receberam convites e prometeram comparecer ao régio sarau os srs. Conde Modesto Leal,  
45 barão de Saavedra, conde de Affonso Celso, barão de Ramiz Galvão, conde Paulo de Frontin,  
46 conde Pereira Carneiro, comendador de Souza Prego, barão de Peixoto Serra, visconde de Moraes  
47 e comendador Rainho.

48 O sr. Barão de Itararé, cujo nome declinamos com profundo respeito e admiração, nomeou  
49 uma comissão especial de investigação e sindicância, a fim de examinar a procedência de certos  
50 títulos de nobreza de alguns membros da colônia lusitana.

51 Essa medida revela o escrupuloso cuidado do nobre aristocrata que dirige esta folha, na esco-  
52 lha de suas relações, pois é intenção de s. ex. cerrar as portas de seu vetusto solar a todos aqueles  
53 que não pertencerem, de fato, a elevadas e castiças estirpes, apresentado documentadamente a  
54 representação gráfica de sua árvore genealógica.

55 O sr. Barão de Itararé não é um nobre por decreto como pode parecer á primeira vista ao ob-  
56 servador menos perspicaz. É um nobre de berço e de sentimento. Da seleção rigorosa de seus  
57 convivas há de ressaltar, afinal, a inteireza moral dos seus brasões, introduzindo nos nossos cos-  
58 tumes sociais a prática da mais pura e apurada pragmática.

**Texto 7:**

Reprodução da página:

A MANHA

# Brunswick



**Repertorio Brasileiro**  
**GASTÃO FORMENTI — YOLANDA OSORIO — SYLVIO CALDAS — LAURA SUAREZ — CHRISTINA MARISTANY**  
 Gravam exclusivamente para a  
**Brunswick**

**O sr. Lapis Gonçalves não está desaparecido**

Tendo alguns jornais maliciosamente insinuado que o nosso conspícuo consultor jurídico e esportivo sr. Lopes Gonçalves havia desaparecido da circulação, a bem da verdade somos forçados a declarar que esse nosso digno companheiro do trabalho continua a morar nesta casa onde, pelos seus dotes de espírito e de coração, em cada auxiliar conquistou um verdadeiro amigo.

O sr. Lopes Gonçalves não fugiu, porque não, é um arminoso.

S. ex. continua, como sempre, a emitir doutos pa-

## Collocando os sem-trabalho

O ministro Lindolfo Collor consegue emprego para uma senhorita numa das maiores empresas jornalísticas do continente

Por uma coincidência inexplicável, o ministro do Trabalho é dos nossos ministros um dos que mais trabalham.

O sr. Lindolfo Collor, de

tenda arabe de trabalho. Quando mais intenso era o movimento em nossa região, ultimando-se os serviços da presente edição, entrou com a intimidade de

linda visitante, que se empenhava vivamente em fazer parte do corpo de dactylogras, ao serviço particular do inspirado poeta e festejado jornalista, que dirige com



O sr. Lindolfo Collor, ministro do Trabalho (ao centro), ladoado do sr. barão de Itararé e da sua nova e formosa stenographa

facto principalmente nessa questão dos sem trabalho, não tem descansado um minuto.

Basta ir ter com elle qualquer pessoa desocupada para que s. ex. immediatamente tome a peito a pretensão do supplicante, procurando-lhe uma collocação condigna, quer seja em obras effectuadas pelo governo, quer seja em empresas particulares das suas relações.

E' digno de registro especial o facto que occorreu ainda hontem em nossa

que goza nesta casa, o sr. Lindolfo Collor, acompanhado de uma senhorita de rara belleza tropical. Tratava-se de uma moça pobre, porém dotada de uma invulgar illustração emoldurada numa plastica impecavel, que desetava collocar-se. O sr. Collor manifestou ao porteiro o desejo de ir á presença do nosso querido director, que acto continuo, mandou introduzillo no seu gabinete reservado, acompanhado da sua gentil recommendada. A formosa donzella, ao defrontar-se com a figura fidalga e impressionante do joven e victorioso escriptor, que redacta estas linhas, mal pôde conter um nervoso suspiro de moço. O sr. Collor aproveitou-se, então, da oportuntidade para apresentar a

sucesso esta opulenta empresa. Depois de algumas protocolares perguntas e respostas, dispensando a prova vestibular, ou, melhor, o exame de madureza, o sr. barão de Itararé resolveu acceptar como stenographa e tachygrapha de 1ª classe a sympathica e insinuante mademoiselle.

Ao ter conhecimento da resolução do nosso prezado chefe, num gesto incoñtado que bem demonstra delicados sentimentos de gratidão e de respeito, a joven e formosa tachygrapha atirou-se nos braços do nosso querido director, beijando-lhe convulsivamente as aristocraticas mãos de artista consummado!

Fogo depois desta tocante scena, os protagonistas pou-

**CRUZWALDINA**  
 é o mais desinfectante dos desinfectantes domesticos.

**DR. FREITAS FILHO**  
 ADVOGADO  
 Edificio Portella — Sala 309-3ª — Tel. 3-0550

A luz é a claridade que se espalha no ambiente.

**SYNDICATO CONDOR**



**Correio Aereo Condor**  
 Malas — Fecham ás 15 horas  
 Registrados ás 16 horas  
**SEGUNDAS e QUINTAS**  
 para o SUL  
**QUARTAS para o NORTE**  
**Herm Stoltz & Cia.**  
 Av. RIO BRANCO, 66/77  
 Tel. 4-8121

receres sobre a materia da sua especialidade e se não se pronunciou até agora a respeito da nossa Constituição, é unicamente porque esta Constituição foi completamente revogada.

O esperanzoso juriconsulto não é visto na rua, por um motivo muito simples; — nestes dias de canicula senegalesca s. ex. enfia-se num amplo camisolão, ficando preso em casa, mas sempre em completa liberdade.

São, pois, infundados os boatos da sua subtração ao convívio social, o que folgamos em registrar.

**O SEGREDO DO MINISTRO TRABALHADOR**

Segundo uma nota publicada por um collega respeitável, o sr. Francisco Campos, ministro da Instrução e Saude Publica, trabalha, diariamente, das 8 horas ás 20 horas e ainda aos domingos, para variar. O laborioso titular declarou ao representante do referido jornal que o segredo de sua resistência physica reside no facto de sentar-se em cadeiras de Palermo & Cia., que são as mais commodas, elegantes e resistentes, sendo vendidas, como os demais moveis para escriptorio, de sua fabricação, em dos prestabil-

Ferros para ondular — alisar, etc. Sortimento completo na conhecida Casa Hermann, Rua Gonçalves Dias, 55.

**Brunswick**  
 Discos - Pandropes - Radios

**Título:** “COLOCANDO OS SEM-TRABALHO”**Data de publicação:** 02 de janeiro de 1931 (Ano III, número 1, pág. 6 - rolo 1, pág. 645)**Linha de apoio:** O ministro Lindolfo Collor consegue emprego para uma senhorita numa das maiores empresas jornalísticas do continente

1 Por uma coincidência inexplicável, o ministro do Trabalho é dos nossos ministros um dos  
2 que mais trabalham.

3 O sr. Lindolfo Collor, de fato, principalmente nessa questão dos sem trabalho não tem des-  
4 cansado um minuto.

5 Basta ir ter com ele qualquer pessoa desocupada para que s. ex. imediatamente tome a peito a  
6 pretensão do suplicante, procurando-lhe uma colocação condigna, quer seja em obras efetuadas  
7 pelo governo, quer seja em empresas particulares das suas relações.

8 É digno de registro especial o fato que ocorreu ainda ontem em nossa tenda árabe de trabalho.  
9 Quando mais intenso era o movimento em nossa redação, ultimando-se os serviços da presente  
10 edição, entrou com a intimidade de que goza nesta casa, o sr. Lindolfo Collor, acompanhado de  
11 uma senhorita de rara beleza tropical. Tratava-se de uma moça pobre, porém dotada de uma in-  
12 vulgar ilustração emoldurada numa plástica impecável que desejava colocar-se. O sr. Collor mani-  
13 festou ao porteiro o desejo de ir à presença do nosso querido diretor que, ato contínuo, mandou  
14 introduzi-lo no seu gabinete reservado, acompanhado da sua gentil recomendada. A formosa don-  
15 zela, ao defrontar-se com a figura fidalga e impressionante do jovem e vitorioso escritor que reda-  
16 ta (sic) estas linhas, mal pôde conter um nervoso suspiro de moção. O sr. Collor aproveitou-se,  
17 então, da oportunidade para apresentar a linda visitante que se empenhava vivamente em fazer  
18 parte do corpo de datilógrafas, ao serviço particular do inspirado poeta e festejado jornalista, que  
19 dirige com sucesso esta opulenta empresa. Depois de algumas imprescindíveis perguntas protoco-  
20 lares, dispensando a prova vestibular, ou, melhor, o exame de madureza, o sr. barão de Itararé  
21 resolveu aceitar como estenógrafa e taquígrafa de 1ª classe a simpática e insinuante *mademoiselle*.

22 Ao ter conhecimento da resolução do nosso prezado chefe, num gesto incontido que bem  
23 demonstra delicados sentimentos de gratidão e de respeito, a jovem e formosa taquígrafa atirou-se  
24 nos braços do nosso querido diretor, beijando-lhe convulsivamente as aristocráticas mãos de artis-  
25 ta consumado!

26 Logo depois desta tocante cena, os protagonistas pousaram, a convite do nosso fotógrafo, pa-  
27 ra fixar o instantâneo que ilustra esta página.

28 Em seguida, o sr. ministro do Serviço retirou-se plenamente satisfeito com o seu trabalho,  
29 enquanto que o nosso querido diretor permanecia no seu gabinete reservado, ditando o artigo de  
30 fundo à sua nova e bonita auxiliar.

31 A República Nova reserva-nos destas gratas e agradáveis surpresas.

32 Ainda bem.

**Texto 8:**

Reprodução da página:

QUEM NÃO CHORA... **A MANHA** ... NÃO MAMA...

ANNO III RIO, 3 DE JULHO DE 1931 N. 23

**O sonho alucinante das descobertas sobrenaturais**

**A captação da luz atmosférica continua a ser discutida apaixonadamente — A baronesa da Rotunda faz um cativante oferecimento ao barão de Itararé**

O notável físico que dirige esta folha continuou durante a semana passada as suas geniais especulações para a captação da luz atmosférica, conseguindo, como de costume, iluminar fartamente a sua residência com luz da bôa, embora continue cordada à ligação da Light.

As discussões, entretanto, em torno do momento oportuno, continuaram apaixonadamente entre os técnicos, que se dividiram em dois grupos, pró e contra o pretenso inventor.

O sr. conde de Frontin (Gustavo André), por exemplo, enfileirou-se arralgadamente entre os cépticos, declarando que si o barão de Itararé conseguisse demonstrar cientificamente a verdade de suas afirmativas, ele voltaria aos bancos escolares, empunhando uma cartilha de ABC para recomenciar novamente os seus estudos, pois tudo o que sabe está em pleno desacordo com os fundamentos em se baseia a nova descoberta.

O sr. C. A. Sylvestre, presidente da Light, é também do que não crem na descoberta do barão, dizendo mesmo que si ficasse provada a possibilidade de se captar luz por esse processo, ruitia por terra todo o sistema de organização fiscal do poivo canadense.

Enquanto, porém, opiniões tão abaladas vêm a público, outros, cheios de fé ardente no invento do joven e modesto operário do pensamento que dirige esta folha, procuram rodear o insigne engenheiro electro-técnico de todo o conforto moral e material.

A crença de que o illustre barão conseguirá, afinal, para o Brasil, gloria quicá maior do que a que conquistou San-

tos Dumont, ainda mais se robustece com a atitude de soberbo despreendimento desse omem genial, recusando importantes propostas de poderosas empresas estrangeiras, para aceitar apenas pequenas



A arma, sr. baronesa da Rotunda, restando a missiva que enviou ao sr. barão de Itararé

esportulas de 100\$ ou 200\$4000, o estrictamente necessario para o reabastecimento das pilhas.

Conseguimos surpreender entre a numerosa correspondencia, que é dirigida de todas as partes do paiz e do exterior ao preclaro omem de ciencia, cartas e telegramas, com entusiasticas palavras de louvor e encitamento, através dos quaes bem se pode avaliar a formidavel repercussão que vem tendo a orijinal descoberta.

Colhemos a esmo algumas dessas mensagens que, por um grande esforço de reportajem, passamos a fornecer a nossos bravos leitores.

Ha uma, por exemplo, que reza assim:

"Si houbesses nacido na frumosa terra du Infante de Sagres, de Antonio Giãon e du almirante Caveçadas, u teu nôme já staria, cantado pur Quemôens, entre ais armas e us varôens assinalados. Cunsola-te, puraini. Us grandes homens nunca purtencem a patrias puquenas, pois fazem parte integrante du matrimonio da humanidade! Dou-te tudo u que te posso daire: — é u meu seistante, Leba-o! — Gajo Coutinho".

Outra estava concebida nos seguintes termos:

"Eggregio colega, hon. signore barone d'Itararé. La vashtra vnsione de captare la luce inlectrica per mezzo di uno processo clandestino a interessato a tutta l'Italia, chi acompagna commovita i vostri passi e lamenta veramente la ignobile campagna di discreditto di certi typl lombrosiani, chi vogliono

transformare-vostro geniale invento in frivolo-motivo di bagunza.

Non-desespere, barone! Avanti Savoia! Força mseria! (a.) Marconil".

Mais esta, que, pelo delicado cursivo, revela ter sido redigida por finas mãos espirituosas de alguma alma sonhadora e romantica, acostumada a tecer para os erôs óras de seda, de amor e de gloria:

"Alteins-te, oje, mais do que nunca, no pedestal de amor que soubeste erijir no meu coração. Crelo em ti e na tua força creadora. Crelo que captaste a luz atmosférica, porque antes já tinhas realisado o milagre de captar com as antenas de teu espirito superior as irradiações etéreas do meu aféto, que só a ti pertence. Ochalá pudesse acalentar nos meus braços delicadas, num devaneto de amor, essa cabeça nimbanda pela celebridade!

Neste momento vou desfazer-me das minhas joias e alfaías preciosas, vou vender as minhas vastas propriedades, para colocar tudo à tua disposição, para que continues nas tuas pesquisas científicas até uma definitiva e completa experiencia publica que nos levará à Gloria, via Catete!

Considero-te como o vulto mais importante da actual jeração espontanea! Tu Baroneza da Rotunda".

**WHINLASCAS**

ANTES DE BEBER A QUALQUER CERVEJA



Depois de saborear a Companhia Hansatica

Rua Dr. José Hygino 115 — Rio

**Não se vae mudar**

Não é ezato que a capital vá se mudar para o planalto central do Brasil, em Goyaz, conforme mandava a Constituição da Republica Velha. Como é para o bem de todos e felicidade geral dos cariocas, A CAETAL fia, Fica onde estava, isto é, na Avenida, esquina Ouvidor, continuando as vendas em dez estações.

**O comando do "Do-P"**

Um magnifico programa aereo a ser desenvolvido

Em reunião efetuada, ontem de manhã, na antiga Câmara dos Deputados, assumiu o comando do "Do-P"



O conhecido piloto dr. Sales Filho

conhecido piloto e medico militar dr. Sales Filho.

Perante os seus comandados, o chefe dessa nova unidade da Republica de Outubro teve oportunidade de espor as bases dum vasto programa aereo que tenciona desenvolver, contando para tal com a colaboração de seus subalternos, afim de leval-o a bom termo.

Segundo as expressões do dr. Sales Filho, a missão do "Do-P" é tão melindrosa como a do "Do X", precisando, para conduzi-lo através das nevoas que toldam os horizontes do paiz, do concurso indispensavel do sextante dos Gagos Coutinhos nacionaes.

O "Do-P" não é, entretanto, nenhum gigantesco passaro mecanico. É simplesmente o Departamento Oficial de Publicidade, encarregado de distribuir informações capazes de orientar a opinião do paiz, que anda atualmente no ar...

**O caso é serio...**

Mas em todo o caso conserve o seu sorriso, porque, de facto, sairá alegre e satisfeito, si comprar as louças e crystaes que a Casa Müniz, à rua do Ouvidor 69, está definitivamente liquidando.

**Palestra umoristica**

Realiza-se, oje, no Salão Nobre da Associação dos Empregados do Comercio, às 8 1/2 da noite, uma palestra umoristica, pelo dr. Mario Costa, em beneficio dos leprosos. O conferencista, que é medico, tenciona com a sua palestra, que será toda em trocadilhos, alinda desopilar o fígado dos assistentes, mantendo, assim, dois coelhos dum cajadada.

**Seguro morreu de velho**

Seguro morreu de velho... Mas estamos seguros que Seguro não teria morrido, se tivesse se asegurado no Lloyd Atlantico, à Avenida Rio Branco n. 106, que faz seguros seguros, maritimos e terrestres.

**A Bateria, fogo! em 5 de julho**

**Concerto filarmonico**

Realiza-se na proxima segunda-feira, no Teatro Municipal, mais um concerto sinfonico da Philharmonica do Rio de Janeiro, que obedece á regencia da batuta batuta do maestro Burlé Marques (Marx, pela antiga orthografia).

Este concerto, pelo brilhantismo dos que já foram realissados em segundas-feiras anteriores, está despertando o maximo interesse entre os dilettantes.

Para maior realce desse grandioso espetaculo musical, o sr. barão de Itararé acompanhará com seu uniforme amfíbio de marechal-almirante, acompanhado de seus officaes de gabinete e dos membros de suas casas civil e militar, empesando-se do cargo de interventor federal no camarote do presidente da Republica.

**TOSSE-ASTHMA COQUELUCHE GRINDELIA OLIVEIRA JUNIOR**

**A nona maravilha**

Pode-se erguer até o mundo Na ponta duma alavanca. Mas, para abrir o appetite, Só tomando **FRANCA**.

**A RAINHA DAS LOTERIAS**



agora corre em ARACAJU EST. DE SERGIPE às Quintas feiras

Comparem os planos dos concorrentes imitadores e verão sempre a superioridade de nossos planos.

CONCESSIONARIOS **ANGELO M. LA PORTA & CA** ATENÇÃO: Bilhetes como sempre com a marca supra.

**SYNDICATO CONDOR**

**Correio Aereo Condor**

Mais — Preços de 15 horas  
Restricções de 16 horas  
**SEGUNDAS e QUINTAS**  
para o SUL  
**QUARTAS para o NORTE**  
**Herm Stoltz & Cia.**  
Av. Rio Branco, 66/77  
Tel. 4-6131

**Título:** “O SONHO ALUCINANTE DAS DESCOBERTAS SOBRENATURAIS”**Data de publicação:** 03 de julho de 1931 (Ano III, número 28, pág. 8 – rolo 1, pág. 873)**Linha de apoio:** A captação da luz atmosférica continua a ser discutida apaixonadamente – A baronesa de Rotunda faz um cativante oferecimento ao barão de Itararé

1 O notável físico que dirige esta folha continuou durante a semana passada as suas geniais ex-  
2 periências para a captação da luz atmosférica, conseguindo, como de costume, iluminar fartamen-  
3 te a sua residência com luz da boa, embora continue cortada a ligação da Light.

4 As discussões, entretanto, em torno do momentoso assunto, continuaram apaixonando os téc-  
5 nicos, que se dividiram em dois grupos, pró e contra o pretense inventor.

6 O sr. conde de Frontin (Gustavo André), por exemplo, enfileirou-se arraigadamente entre os  
7 céticos, declarando que se o barão de Itararé conseguir demonstrar cientificamente a verdade de  
8 suas afirmativas, ele voltaria aos bancos escolares, empunhando uma cartilha de ABC para reco-  
9 meçar novamente os seus estudos, pois tudo o que sabe está em pleno desacordo com os funda-  
10 mentos em que se baseia a nova descoberta.

11 O sr. C. A. Sylvestre, presidente da Light, é também dos que não crêem na descoberta do ba-  
12 rão, dizendo mesmo que se ficasse provada a possibilidade de se captar luz por esse processo,  
13 ruiria por terra todo o sistema de organização fiscal do polvo canadense.

14 Enquanto, porém, opiniões tão abalizadas vêm a público, outros, cheios de fé ardente no in-  
15 vento do jovem e modesto operário do pensamento que dirige esta folha, procuram rodear o insig-  
16 ne engenheiro eletro-técnico de todo o conforto moral e material.

17 A crença de que o ilustre barão conseguirá, afinal, para o Brasil, glória quiçá maior do que a  
18 que conquistou Santos Dumont, ainda mais se robustece com a atitude de soberbo desprendimen-  
19 to desse homem genial, recusando importantes propostas de poderosas empresas estrangeiras para  
20 aceitar apenas pequenas espórtulas de 100\$ ou 200\$000, o estritamente necessário para o reabas-  
21 tecimento das pilhas.

22 Conseguimos surpreender entre a numerosa correspondência, que é dirigida de todas as par-  
23 tes do país e do estrangeiro ao preclaro homem de ciência, cartas e telegramas, com entusiásticas  
24 palavras de louvor e incitamento, através dos quais bem se pode avaliar a formidável repercussão  
25 que vem tendo a original descoberta.

26 Colhemos a esmo algumas dessas mensagens que, por uma grande esforço de reportagem,  
27 passamos a fornecer a nossos bravos leitores.

28 Há uma, por exemplo, que reza assim:

29 “*Sí houbesses nascido na frumosa terra du Infante de Sagres, de Antônio Giãon e du almi-  
30 rante Caveçadas, u teu nome já staria cantado por Quemões, entre ais armas e us varõens assi-  
31 nalados. Cunsola-te, puraim. Us grandes homens nunca purtencem a pátrias puquenas, pois fa-  
32 zem parte intrigante du matrimônio da humanidade! Dou-te tudo u que te posso daire: – é u meu  
33 seistante. Leba-o! – Gajo Coutinho*”.

34  
35 Outra estava concebida nos seguintes termos:

36 “*Egrégio colega, hon. signore barone d’Itararé. La vostra invenzione de captare la luce inlé-  
37 trica per mezzo di uno processo clandestino à interessato a tutta l’Itália, chi acompagna commo-  
38 vita vostri passi e lamenta veramente la ignóbile campagna di discredito de certi typi lombrosia-  
39 ni, chi vuglieno (sic) transformare vostro geniale invento in frívolo motivo di bagunza.*

40 *Non desespérate, barone! Avante Savóia! Porca miséria! (a) Marconi*”.

41

42 Mais esta, que, pelo delicado cursivo, revela ter sido redigida por finas mãos espirituais de  
43 alguma alma sonhadora e romântica, acostumada a tecer para os heróis horas de seda, de amor e  
44 de glória:

45 “Alteias-te, hoje, mais do que nunca, no pedestal de amor que soubeste erigir no meu cora-  
46 ção. Creio em ti e na tua força criadora. Creio que captaste a luz atmosférica, porque antes já ti-  
47 nhas realizado o milagre de captar com as antenas de teu espírito superior as irradiações etéreas do  
48 meu afeto, que só a ti pertence. Oxalá pudesse acalentar nos meus braços delicados, num devaneio  
49 de amor, essa cabeça nimbada pela celebridade!

50 Neste momento vou desfazer-me das minhas jóias e alaias preciosas, vou vender as minhas  
51 vastas propriedades, para colocar tudo à tua disposição, para que continues nas tuas pesquisas  
52 científicas até uma definitiva e completa experiência pública que nos levará à Glória, via Catete!

53 Considero-te como o vulto mais importante da atual geração espontânea! Tua Baronesa da  
54 Rotunda”.

Duque de Itararé (1931)

Texto 9:

Reprodução da página:

**A MANHÃ**

### O encontro de dois chefes revolucionarios

#### O general Miguel Costa visita o sr. Duque de Itararé na sua tenda arabe de trabalho

Ante-hontem á tarde, quando mais intenso era o trabalho nesta redacção, deu-nos a agradável surpresa de sua honrosa visita o sr. general Miguel Costa, commandante da Força P-

revolucionarias em operações na America do Sul, suspendeu o trabalho intellectual e queo-se, por um minuto, sereno e imperturbavel, fitando o eminente visitante, com aquella super-

comenda de official honorario dos Exercitos Vermelhos.

Num gesto de requintada elegancia, limpando a palma da mão direita sobre o caduceo húngaro que lhe corre pela posteira da calça, o digno chefe desta casa, dirigiu-se com imponente ademanse ao valoroso presidente da Legião Revolucionaria Paulista e com uma grave inflexão de voz, contrastando com a serena simplicidade, propria dos homens de genio, perguntou: "com encantadora familiaridade: — Como vaes, Miguel?"

Os assistentes entreolharam-se com estupefacção. Defrontavam-se all, naquelle instante, na málor cordialidade, dois heroes. Dois autenticos heroes, e m cujas mãos, por assim dizer, repousam, neste momento, os destinos da nacionalidade — e porque não dizer? — do continente.

Dahi por deante, Miguel e Itararé, passaram a falar balthinho. Apesar dos esforços espendidos pela nossa activa reportagem, nada conseguimos apurar de positivo sobre a importante conferencia que all se estava realisando. Murmurava-se, entretanto, nos corredores desta redacção, que um novo impulso se estava tramando em prol dos ideaes revolucionarios, não se fazendo mysterio dum energico apello ao presidente Hoover, no sentido de quebrar o dollar duma vez, para uma mais rapida consecução dos elevados objectivos libertadores.

Conseguimos apurar ainda que a redacção desse apello fosse feita em inglez, para evitar duvidas, ficando encarregado de redigir esse documento, o sr. Herbert Hoover Moses, traductor juramentado desta folha e presidente da A. B. I.

Nos circos diplomaticos considera-se decisiva a interferencia da dupla Miguel-Itararé, para liquidação total das dividas internacionais, que é o primeiro passo para a confraternização dos povos.

O general Miguel Costa, antes de retirar-se, declarou que o principal objectivo de sua viagem ao Rio foi o de retribuir a visita que ha tempos lhe fez o sr. Duque de Itararé, carecendo de importancia todas as outras versões vehiculadas pela imprensa assalariada.

### UMA GRAVE CRISE EM S. PAULO

#### O INTERVENTOR CAMARGO EM APUROS

Ha dias, murmura-se nesta capital que uma grave crise politica assoberba neste momento o Estado de São Paulo, embora os responsaveis pelos seus destinos procurem occultar a verdade para não alarmar o espirito publico.

A vinda a esta capital do general Miguel Costa, indiscutivelmente, preñte-se a esse facto, apesar das reservas que guarda o illustre cabo de guerra.

Fundo em campo a nossa activa reportagem, conseguimos, entretanto, apurar nos corredores desta redacção os verdadeiros motivos da crise.

Alguns politicos pensam que as origens da inquietação paulista, provem do facto do general Miguel Costa continuar como commandante da Força Publica e presidente da Legião Revolucionaria. Não é exacto. Aliás esse facto só pode constituir motivo de satisfação, porque vemos que a idea revolucionaria, isto é, o ideal, de amparo aos fracos, está em São Paulo de accordo com a força e, assim, pode-se esperar que, dentro em breve, a paulicéa entre numa era de franco e legitimo progresso, governado pelos trabalhadores, que são, afinal, os que têm direito á vida.

As verdadeiras causas desse mal-estar indefinido que se nota cá por fora, segundo conseguimos averiguar, prendem-se a um facto delicado em que se acha envolvido o sr. Laudo de Camargo, Interventor federal naquelle Estado.

Ha tempos, em Belo Horizonte, a policia descobriu um homem que era mulher, casada com outra mulher. A policia de São Paulo, agora, em Graça, acaba de fazer outra revelação sensacional, prendendo uma mulher, que, afinal, era homem.

O caso do interventor paulista não está, já se vê, enquadrado nem num nem noutro episodio, nem tão pouco pode ser confundido com o "Caso Singular" do saudoso maestro e presidente Carlos de Campos, no qual verificou-se, no ultimo acto, que o Mario era Maria.

A inquetação de que se re-



O sr. Duque de Itararé, que recebeu a honrosa visita do general Miguel Costa

bilca de São Paulo, presidente da Legião Revolucionaria e um dos mais destacados heroes da sangrenta batalha de Itararé, na qual foram totalmente esmagadas as forças do Partido Democratico, que succedeu no campo da luta aos balthinhos patrióticos do velho P. R. P.

No momento em que penetrou nos humbraes desta tenda arabe de trabalho o vulto marcial do commandante em chefe das tropas rebeldes da paulicéa todos os redactores e reporteres que trabalhavam activamente na confecção deste grande rotativo, numa manifestação espontanea e como que obedecendo a uma previa combinação, levantaram-se em continencia ao terreno, fazendo oitavas a direita e contra-marchando a um de fundo para a esquerda, em homenagem ao glorioso cabo de guerra.

Sentado no seu vasto bureau-ministre, escrevendo o seu violento artigo de fundo sobre a situação internacional, envargando a seu "over-all" de zuarte, como um simples operario do pensamento, o bravo e incorruptivel sr. marechal almirante-aviador, grão-duque de Itararé, senhor feudal do morro de Cantagallo, membro da Ordem da Carreiros e fide-marechal das forças

rioridade admiravel dos heroes lendarios de Carlyle.

Sem dizer palavra, com passos firmes e cadenciados, levantou-se e dirigiu-se a seus aposentos privados, num ambiente de respeito silencio dos presentes. Dentro de poucos instantes, ell-o que surgiu de novo á porta, mas desta vez, magestosamente, envargando seu vistoso uniforme amphibio de alta patente de terra e mar, de espada a tiracolo, capacete de "husard" boliviano acompanhando a abobada craneana, luvas de pelle de cachorro, botas de kanguru" e esporas de cavalleiro andante, ostentando sobre o largo peito de luitador romano, ao lado de grandes medalhas de merito militar, uma riquissima



O sr. Laudo de Camargo, em torno do qual surge esta duvida: — Laudo é Lino?

ente São Paulo, neste momento historico, como chegamos a nos certificar, yem de uma duvida que surgiu no espirito publico, em torno da verdadeira identidade do interventor.

De facto, ha muita gente que vacilla sobre o verdadeiro nome do actual governador paulista, havendo, mesmo quem affirme que Laudo é Lino e dahi toda essa confusão.

DIA 12

**100 contos**

Por 200\$000

**LOTERIA DE MINAS GERAES**

Extracção ás 4 horas da tarde

**DR. FREITAS FILHO**

ADVOGADO

Edificio Imperio — Sala 48-5°

Tel 2-6977

**Movéis de escritorio**

Quem comprar não é palerma

Mas quem vende é Palermo

Avenida Rio Branco 111

Quitanda 72

**MONTBLANC**

SI NAO FOR MONTBLANC Não vale a pena!

CANETAS - FINEIRO E LAPISERAS

Artigos para Escritorios e Papelaria em Geral

PRESENTES PARA QUALQUER OCCASIAO

**"CASA MONTBLANC"**

7, RUA RAMALHO ORTIGAO, 7

Caixa Postal 181 Rio de Janeiro

**Título:** “O ENCONTRO DE DOIS CHEFES REVOLUCIONÁRIOS”

**Data de publicação:** 10 de outubro de 1931 (Ano III, número 42, pág. 4 – rolo 1, pág. 977)

**Linha de apoio:** O general Miguel Costa visita o sr. Duque de Itararé na sua tenda árabe de trabalho

1       Anteontem à tarde, quando mais intenso era o trabalho nesta redação, deu-nos a agradável  
2 surpresa de sua honrosa visita o sr. general Miguel Costa, comandante da Força Pública de São  
3 Paulo, presidente da Legião Revolucionária e um dos mais destacados heróis da sangrenta batalha  
4 de Itararé, na qual foram totalmente estraçalhadas as forças do Partido Democrático, que sucede-  
5 ram no campo da luta aos batalhões patrióticos do velho P.R.P.

6       No momento em que penetrou nos umbrais desta tenda árabe de trabalho o vulto marcial do  
7 comandante em chefe das tropas rebeldes da paulicéia, todos os redatores e repórteres que traba-  
8 lhavam ativamente na confecção deste grande rotativo, numa manifestação espontânea e como  
9 que obedecendo a uma prévia combinação, levantaram em continência ao terreno, fazendo oitavos  
10 à direita e contra-marchando a um de fundo para a esquerda, em homenagem ao cabo de guerra.

11       Sentado no seu vasto *bureau-ministre*, escrevendo o seu violento artigo de fundo sobre a si-  
12 tuação internacional, envergando seu “*overall*” de zuarte, como um simples operário do pensa-  
13 mento, o bravo e incorruptível sr. marechal almirante-aviador, grão-duque de Itararé, senhor feu-  
14 dal do morro do Cantagalo, membro da Ordem da Carreteira e *fede-marshal* das forças revolucio-  
15 nárias em operações na América do Sul, suspendeu o trabalho intelectual e quedou-se, por um  
16 minuto, sereno e imperturbável, fitando o eminente visitante, com aquela superioridade admirável  
17 dos heróis lendários de Carlyle.

18       Sem dizer palavra, com passos firmes e cadenciados, levantou-se e dirigiu-se a seus aposen-  
19 tos privados num ambiente de respeitoso silêncio dos presentes. Dentro de poucos instantes, ei-lo  
20 que surgiu de novo à porta, mas desta vez, majestosamente, envergando seu vistoso uniforme  
21 anfíbio de alta patente de terra e mar, de espada a tiracolo, capacete de “hussard” boliviano acom-  
22 panhando a abóbada craniana, luvas de pele de cachorro, botas de canguru e esporas de cavaleiro  
23 andante, ostentando sobre o largo peito de lutador romano, ao lado de grandes medalhas de mérito  
24 militar, uma riquíssima comenda de oficial honorário dos Exércitos Vertmelhos.

25       Num gesto de requintada elegância, limpando a palma da mão direita sobre o cadarço húnga-  
26 ro que lhe corre pela pestana da calça, o digno chefe desta casa dirigiu-se com imponente adema-  
27 ne ao valoroso presidente da Legião Revolucionária Paulista e, com uma grave inflexão de voz,  
28 contrastando com a serena simplicidade, própria dos homens de gênio, perguntou, com encanta-  
29 dora familiaridade:

30       – Como vais, Miguel?

31       Os assistentes entreolharam-se com estupefação. Defrontavam-se ali, naquele instante, na  
32 maior cordialidade, dois heróis. Dois autênticos heróis, em cujas mãos, por assim dizer, repousam,  
33 neste momento, os destinos da nacionalidade – e porque não dizer? – do continente.

34       Daí por diante, Miguel e Itararé passaram a falar baixinho. Apesar dos esforços despendidos  
35 pela nossa ativa reportagem, nada conseguimos apurar de positivo sobre a importante conferência  
36 que ali se estava realizando. Murmurava-se, entretanto, nos corredores desta redação, que um no-  
37 vo impulso se estava tramando em prol dos ideais revolucionários, não se fazendo mistério dum  
38 enérgico apelo ao presidente Hoover, no sentido de quebrar o dólar duma vez, para uma mais rá-  
39 pida consecução dos elevados objetivos libertadores.

40       Conseguimos apurar ainda que a redação desse apelo fosse feita em inglês, para evitar dúvi-  
41 das, ficando encarregado ainda de redigir esse documento, o sr. Herbert Hoover Moses, tradutor  
42 juramentado desta folha e presidente da A.B.I.

43           Nos circos diplomáticos considera-se decisiva a interferência da dupla Miguel-Itararé,  
44 para liquidação total das dívidas internacionais, que é o primeiro passo para a confraterni-  
45 zação dos povos.

46           O general Miguel Costa, antes de retirar-se, declarou que o principal objetivo de sua viagem  
47 ao Rio foi o de retribuir a visita que há tempos lhe fez o sr. Duque de Itararé, carecendo de impor-  
48 tância todas as outras versões veiculadas pela imprensa assalariada.



ANNO III

RIO, 16 DE OUTUBRO 1931

N. 43

# O Sermão da Montanha do Corcovado

## A palavra de Christo atravez de uma sensacional entrevista concedida aos "Diarios Humoristicos Associados"

(Copyright d' A MANHA)

O sr. Duque de Itararé, proprietário integral deste quinta-ferino, unico do mundo que se publica ás sextas-feiras, nesta semana consagrada a Christo Redemptor, vivêu horas de intensa fé, num verdadeiro deslumbramento de espirito deante das verdades Eternas.

Christo, por temperamento é educação, reconhece que, infelizmente, ainda está preso á materia, vivendo a lucta constante entre o bem e o mal, mas anciando sempre para seguir as pégadas do Mestre que é o Caminho, a Verdade e a Vida. (Ego sum via, veritas et vita).

Não tendo podido comparecer ás solemnidades da inauguração do lindo monumento no dia 12, devido ao mau tempo, o destemido poeta-soldado que dirige esta folha, resolveu dar um testemunho de sua crença, subindo, hontem, á meia noite, ao pinacolo do Corcovado.

### A LIGHT E O MONUMENTO

Antes de entrar na materia, é indispensavel um parenthesis. A MANHA, depois que a Light passou a explorar desabusadamente o publico, rompeu relações com o polvo canadense. Nessa campanha economica entre a nossa prospera empresa e aquelle syndicato explorador, temos empregado todas as armas, desde a descompostura directa, cara a cara, até á carona nos "omnibus" e bondes, sempre que podemos. Soubemos agora que a Light, que nunca foi christá e muito menos catholica nas suas contas, estava explorando os peregrinos que necessitam do tremzinho do Corcovado, para chegar aos pés do monumento. Deante dessa nova extorsão, o sr. duque fugiu de indignação e decidiu subir ao monte sagrado, sem utilizar o vehiculo do polvo.

### A FE' ALLIADA A' SCIENCIA E O MILAGRE DA ASCENSÃO

Impulsionado por uma fé scientifica, o joven engenheiro-electricista que dirige esta folha, não desanimou. Desenferrujando um antigo aparelho "Marcano", que

me, o nosso querido director, attonito e feliz, sentiu o contacto inenarravel com o manso Rabi da Galiléa.

### A PALAVRA DE CHRISTO

— Vou-te conceder a graça

ao conhecimento de todos. Estou acompanhando com muito interesse o que se passa na planicie e o meu coração amantissimo sangra deante de tanta irreflexão. Daqui vejo a lucta ingloria em que se empenham os homens, desorientados e sedentos de

silenciosamente, aperfeiçoando os metodos mais terrificos da destruição... Cidades poderão ser arrazadas em poucos minutos... Esquadrões submergirão entre o fumo dos bombardios... E no meio de todo esse scenario dantesco, os homens, transformados em feras, cegados pelo odio, impellidos pela cobiça, esquecem de que chegou a hora annunciada pela bocca dos prophetas

### RENUNCIA A' PRESIDENCIA DA REPUBLICA NOVA

Agora, aqui, proclamam-me Rei e querem que assuma a presidência da Republica Nova...

Sim! Sou Rei, mas o meu Reino não é deste mundo.

Sou Rei e quero reinar no coração de cada um, mas não posso estar no coração dos egoistas.

Emquanto a ambição e o odio, a intriga e o despeito, a maledicência e a mentira imperarem no coração dos homens, ahí não haverá lugar para mim, que sou Renuncia e Paciencia, Misericórdia e Perdão, Amor e Verdade.

Ha dois mil annos vim á terra para ensinar o Caminho. Si querem a salvação, sigam-me.

Eu sou a Lei Suprema e não posso intervir na legislação dos interesses mesquinhos, das misérias humanas.

Ou pretendem, agora, que eu pague a dívida externa do Brazil, que discipline o Exercito, renove a Esquadra, que institua o voto feminino, que syndicalise os operarios, que dê o estalo na cabeça do Withaker, e que evite a separação dos caases que vivem como cão e gato?

Para que mais milagres? Para que resuscitar os Lazaros, para que restituir ouvido aos cegos e dar olhos aos surdos, que não querem ver nem ouvir?

Eu sou o Rei da Paz e os insensatos querem collocar-me (Continua na 8.ª pag.)



lhe foi presenteado pelo seu grande amigo de infancia e inseparavel companheiro de estudos Santos Dumont, o talentoso publicista, na fraida da montanha, collocou sobre os hombros de athleta a machina vôadora, abastecendo os dynamos com electricidade directamente captada da atmospha. Dentro de poucos minutos, de accordo com a nova lei da levitação, o bravo marechal-almirante praticava o milagre da ascensão, voando suavemente pela escarpa de granito até o pinaculo do monte.

### A ORAÇÃO NO PEDESTAL DA ESTATUA

Era a duodecima hora (Meridiano Greenwich da Republica Nova). Trajando uma humilde tunica romana, o peregrino audaz, contrito e humilhado, arrojou-se aos pés do monumento, elevando a sua alma para as regiões da estratospha. Atribulado com as contas de gaz, luz e telephone, arroxado por uma serie scandinava de saques de papel, as palavras de Christo, promettendo consolar os afflictos, inundaram de esperança o coração do conhecido fidalgo que superintende esta empresa. E dentro de breves instantes, envolvido num ambiente glorioso de luz intensa, num extase subli-

A estatua colossal de Christo Redemptor no momento em que falava ao nosso representante

(Photo MANHA)

ineffavel duma palavra de conforto, — disse com extrema suavidade o Nazareno, — porque recorreste a mim com humildade. Si cá viesses de cartola e sobrecasaca ou ostentando o teu escaudaloso uniforme de terra e mar, certamente que não te attenderia. A tua simplicidade me commove e Eu me sinto bem entre os humildes. Podes usar de minhas palavras e transcrevel-as pelas columnas de teu jornal, para que cheguem

vingança: os manicomtos repletos de infelizes que perderam o uso da razão; os usurarios acumulando riquezas, á custa do soffrimento e da miseria de milhares de espoliados; ministros da Igreja que se esquecem de sua elevada missão de pastores das almas, misturados com os vendilhões do Templo, num bate-bocca de feira-livre; pobres crianças abandonadas pela inconsciencia dos paes e uma multidão de repudiadas mercadejando o seu corpo; politicos, magistrados banqueiros, industriaes e commerciantes envolvidos todos numa densa nuvem de obscuros interesses...

E' o começo do fim... Pela superficie do planeta, os quatro cavalheiros do Apocalypse fazem já a sua ronda sinistra... No Extremo Oriente, já se notam os tons avermelhados do incendio da guerra: Os aviões, como passaros agourellos, abrem as asas, espalhando a desolação e a morte. Os mares já começam a ser sulcados pelos submarinos e em breve esputarão no seio mysterioso das aguas, novas victimas da ambição de povos insaciaveis... O rastilho da guerra ameaça os cinco continentes e o engenho da sciencia, ao serviço da morte, trabalha

**Título:** “O SERMÃO DA MONTANHA DO CORCOVADO”

**Data de publicação:** 16 de outubro de 1931 (Ano III, número 43, págs. 1/8 – rolo 1, págs. 982/989)

**Linha de apoio:** A palavra de Cristo através de uma sensacional entrevista concedida aos “Diários Humorísticos Associados” (*Copyright d’A Manha*)

1 O sr. Duque de Itararé, proprietário integral deste quinta-ferino, único do mundo que se pu-  
2 blica às sextas-feiras, nesta semana consagrada a Cristo Redentor, viveu horas de intensa fé, num  
3 verdadeiro deslumbramento de espírito diante das verdades Eternas.

4 Cristão por temperamento e educação, reconhece que, infelizmente, ainda está preso à maté-  
5 ria, vivendo a luta constante entre o bem e o mal, mas ansiando sempre para seguir as pegadas do  
6 Mestre que é o Caminho, a Verdade e a Vida (*Ego sum via, veritas et vita*).

7 Não tendo podido comparecer às solenidades da inauguração do lindo monumento no dia 12,  
8 devido ao mau tempo, o destemido poeta-soldado que dirige esta folha resolveu dar um testemu-  
9 nho de sua crença, subindo, ontem, à meia-noite, ao píncaro do Corcovado.

10 A LIGHT E O MONUMENTO

11 Antes de entrar na matéria, é indispensável um parênteses. A MANHA, depois que a Light  
12 passou a explorar desabusadamente o público, rompeu relações com o polvo canadense. Nessa  
13 campanha econômica entre a nossa próspera empresa e aquele sindicato explorador, temos em-  
14 pregado todas as armas, desde a descompostura direta, cara a cara, até a carona nos “ônibus” e  
15 bondes, sempre que podemos. Soubemos agora que a Light, que nunca foi cristã e muito menos  
16 católica nas suas contas, estava explorando os peregrinos que necessitam do trenzinho do Corco-  
17 vado para chegar aos pés do monumento. Diante dessa nova extorsão, o sr. duque rugiu de indig-  
18 nação e decidiu subir ao monte sagrado sem utilizar o veículo do polvo.

19 A FÉ ALIADA À CIÊNCIA E O MILAGRE DA ASCENSÃO

20 Impulsionado por uma fé científica, o jovem engenheiro-eletricista que dirige esta folha não  
21 desanimou. Desenferrujando um antigo aparelho “Marciano”, que lhe foi presenteado pelo seu  
22 grande amigo de infância e companheiro de estudos Santos Dumont, o talentoso publicista, na  
23 fralda da montanha, colocou sobre os ombros de atleta a máquina voadora, abastecendo os dína-  
24 mos com eletricidade diretamente captada da atmosfera. Dentro de poucos minutos, de acordo  
25 com a nova lei da levitação, o bravo marechal-almirante praticava o milagre da ascensão, voando  
26 suavemente pela escarpa de granito até o pináculo do monte.

27 A ORAÇÃO NO PEDESTAL DA ESTÁTUA

28 Era a duodécima hora (Meridiano *Greenwich* da República Nova). Trajando uma humilde  
29 túnica romana, o peregrino audaz, contrício e humilhado, arrojou-se aos pés do monumento,  
30 elevando a sua alma para as regiões da estratosfera. Atribulado com as contas de gás, luz e  
31 telefone, arroxado por uma série escandinava de saques de papel, as palavras de Cristo, pro-  
32 metendo consolar os aflitos, inundaram de esperança o coração do conhecido fidalgo que su-  
33 perintende esta empresa. E dentro de breves instantes, envolvido num ambiente glorioso de  
34 luz intensa, num êxtase sublime, o nosso querido diretor, atônito e feliz, sentiu o contato ine-  
35 narrável com o manso Rabi da Galiléia.

36 A PALAVRA DE CRISTO

37 – Vou-te conceder a graça inefável duma palavra de conforto, – disse com extrema suavi-  
38 dade o Nazareno, – porque recorreste a mim com humildade. Se cá viesses de cartola e sobre-

39 casaca ou ostentando o teu escandaloso uniforme de terra e mar, certamente que não te atenderia. A tua simplicidade me comove e Eu me sinto bem entre os humildes. Podes usar de  
40 minhas palavras e transcrevê-las pelas colunas de teu jornal, para que cheguem ao conheci-  
41 mento do todos. Estou acompanhando com muito interesse o que se passa na planície e o meu  
42 coração amantíssimo sangra diante de tanta irreflexão. Daqui vejo a luta inglória em que se  
43 empenham os homens desorientados e sedentos de vingança; os manicômios repletos de infelizes  
44 que perderam o uso da razão; os usurários acumulando riquezas, à custa do sofrimento e  
45 da miséria de milhares de espoliados; ministros da Igreja que se esquecem de sua elevada  
46 missão de pastores das almas, misturados com os vendilhões do Templo, num bate-boca de  
47 feira-livre; pobres crianças abandonadas pela inconsciência dos pais e uma multidão de repu-  
48 diadas mercadejando o seu corpo; políticos, magistrados, banqueiros, industriais e comercian-  
49 tes, envolvidos todos numa densa nuvem de obscuros interesses...

51 É o começo do fim... Pela superfície do planeta, os quatro cavaleiros do Apocalipse fazem já  
52 a sua ronda sinistra... No Extremo Oriente, já se notam os tons avermelhados do incêndio da guer-  
53 ra: Os aviões, como pássaros agoureiros, abrem as asas, espalhando a desolação e a morte. Os  
54 mares já começam a ser sulcados pelos submarinos e em breve sepultarão no seio misterioso das  
55 águas, novas vítimas da ambição de povos insaciáveis... O rastilho da guerra ameaça os cinco  
56 continentes e o engenho da ciência, a serviço da morte, trabalha silenciosamente, aperfeiçoando os  
57 métodos mais terríficos da destruição... Cidades poderão ser arrasadas em poucos minutos... Es-  
58 quadras submergirão entre o fumo dos bombardeios... E no meio de todo esse cenário dantesco, os  
59 homens, transformados em feras, cegados pelo ódio, impelidos pela cobiça, esquecem de que  
60 chegou a hora anunciada pela boca dos profetas.

#### 61 RENÚNCIA À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA NOVA

62 Agora, aqui, proclamam-me Rei e querem que assuma a presidência da República Nova...

63 Sim! Sou Rei, mas o meu Reino não é deste mundo.

64 Sou Rei e quero reinar no coração de cada um, mas não posso estar no coração dos egoístas.

65 Enquanto a ambição e o ódio, a intriga e o despeito, a maledicência e a mentira imperarem no  
66 coração dos homens, aí não haverá lugar para mim, que sou Renúncia e Paciência, Misericórdia e  
67 Perdão, Amor e Verdade.

68 Há dois mil anos vim à terra para ensinar o Caminho. Se querem a salvação, sigam-me.

69 Eu sou a Lei Suprema e não posso intervir na legislação dos interesses mesquinhos, das misé-  
70 rias humanas.

71 Ou pretendem, agora, que eu pague a dívida externa do Brasil, que discipline o Exército, re-  
72 nove a Esquadra, que institua o voto feminino, que sindicalize os operários, que dê o estalo na  
73 cabeça do Withaker, e que evite a separação dos casais que vivem como cão e gato?

74 Para que mais milagres? Para que ressuscitar os Lázarus, para que restituir ouvido aos cegos  
75 e dar olhos aos surdos, que não querem ver nem ouvir?

76 Eu sou o Rei da Paz e os insensatos querem colocar-me uma bandeira vermelha na mão e  
77 uma espada na cintura...

78 Querem fazer a guerra santa, quando Eu mostrei que a coragem não está em matar,  
79 mas em morrer...

80 Eu nasci em Belém e querem naturalizar-me brasileiro...

81 Há dois mil anos vim à terra para ensinar o Caminho.

82 Se querem a salvação, sigam-me. Eu sou a Lei Suprema e não posso intervir na legislação  
83 dos interesses mesquinhos, dos egoísmos humanos. A César o que é de César.

84 Quando ficar separado o joio do trigo; quando todo o joio que agora está queimando  
85 no fogo da expiação for destruído e só ficar o trigo sobre a face da terra redimida; então,  
86 sim, descerei cheio de glória novamente ao mundo para constituir o Reino dos Eleitos e

87 reinar perenemente entre os homens que se amarão como irmãos, porque estará morto em  
88 seus corações o gérmen da ambição...

89 O CONSELHO DO MESTRE

90 O meigo Nazareno fez uma pausa e prosseguiu:

91 – Vai, barão, para a tua tenda árabe de trabalho. Enfia novamente o teu uniforme anfíbio,  
92 cravejado de comendas, constelado de medalhas, rebrilhante de condecorações...

93 Vai para o teu posto e continua a dizer a Verdade. Muitos não te toleram. Outros julgam-te  
94 louco. Outros temem-te. Muitos se divertem contigo e poucos te compreendem.

95 Não abandones a tua farda, não renunciés a teu título nobiliárquico, não abduques de  
96 tua autoridade...

97 Os homens são muito ridículos e respeitam essas ridicularidades... Muitos crêem que sejas, de  
98 fato barão, e muitos acreditam na força do marechal-almirante...

99 Se te apresentares tal como és, tal como me apareces, humilde e desprezioso, ninguém te  
100 escutaria e a polícia era capaz até de te prender... Tu sabes geografia e não ignoras que no largo da  
101 costa do Brasil, em pleno oceano, há uma ilha que se chama Fernando Noronha...

102 Vai, barão, e fala. Fala sempre. Esse é teu dever. É preciso que trabalhes. É preciso que An-  
103 des e é para a frente que se anda...

104 NOTA FINAL

105 Inebriado ainda com as palavras do Mestre, obediente à sua voz de comando, o Senhor Feu-  
106 dal do Cantagalo levantou-se. A luz deslumbrante que o cercava desapareceu, obumbrada pela  
107 treva. Colocou novamente o aparelho “Marciano” sobre os ombros e desceu em espiral ou parafu-  
108 so pela encosta do morro colossal.

109 Depois, num *vôo-plané*, captando sempre eletricidade da atmosfera, o destemido coman-  
110 dante em chefe das Forças Revolucionárias em operações na América do Sul, fez uma feliz  
111 amerrissagem no telhado do nosso alteroso edifício e veio correndo para o seu luxuoso gabi-  
112 nete de trabalho, onde traçou em grande estilo, as linhas que os nossos heróicos leitores aca-  
113 bam de ler pacientemente.

Grão-Duque de Itararé (1931)

Texto 11:

Reprodução da página:

A MANHÃ

3

## Rebatendo a calúnia

O sr. grão-duque de Itararé lança um vehemente desafio a seus gratuitos destrutores

É uma família. É uma calúnia da peor espécie, mas a cidade está cheia dela. Urge rebatê-la. É necessário esmagá-la no nascedouro. Consciências puritãs, caracteres delectérios, acostumados a respirar a atmosfera mephrística da City e a aspirar as miasmas da lama das sargetas suburbanas, não se cansam nunca de, na sombra, á socapa, procurar denegrir consciências illibadas... Cansilhas! Mas não de vêr, já e já, os colmilhos rebentados, um a um, implacavelmente, inextoravelmente, pelo tacão da bota de kanguru desse varão illustre, a quem a história reservou a alta missão de conduzir á terra da Promissão — novo Moysés de Cantagalho — através da Praia Vermelha, a pé enchuto, os eleitos e os efeitores da Republica Nova!

Associa-se por ahí, á bocca pequena, mas sem precisar algarismos, que o talentoso polemista que redige estas linhas de fogo, ferreteando, candentemente; os inimigos anónimos, recebeu importante maquia proveniente do Olho de Moscou...

Infamia! Mil vezes infamia! Onde os documentos? Onde as provas? Ou julgam, talvez, que constituirá prova, em juizo, tão sómente os sussurros dos phariseus? Enganam-se!

Nós manejasmos uma arma muito mais terrível do que a mentira: — é a verdade!

Reptamos, do alto destas columnas gregas, os covardes e miseráveis maldizentes e solapadores da honra: de um homem que é uma das legítimas réservas moraes da nacionalidade, a que exhibam provas ou demonstrem de qualquer manêira a culpabilidade do reu!

Mas, isto, concretamente. Objectivamente. Materialmente. Si o conseguirem, desde já prometemos suspender a publicação deste rotativo e abandonar definitivamente a vida publica, para nos recolhermos á privada. Caso, porem, nenhuma prova appareça, nenhum vestigio se verifique, contra a honorabilidade desse homem padrão, desse engenheiro notavel, desse estadista senarival, desse orador primoroso, desse cientista abnegado, desse militar de linha, desse chefe de qualidades inimitáveis, desse dulçoroso estylista que maneja a pena com a mesma maestria com que brande a espada — nós, os seus amigos de todos os momentos, os seus admiradores sinceros, os seus commandados obedientes, nós os que trabalhamos nesta casa, saberemos lavar-lhe a honra e perfumar-lhe a consciencia!

## OS DESEMPREGADOS DA CENTRAL

Uma palestra occasional com o sr. ministro Assis Brasil

Foi um encontro occasional. O sr. Assis Brasil, ministro plenipotenciário no Uruguay e Argentina, e a pé do ministerio da Agricultura.

— Por um desastre de officio solvera ir supprimindo, nos poucos, a alimentação do pucephalo. Sabe tambem que o Ingles conseguiu, depois de algum tempo, abollir, por completo, a ração do animal, em esperança, que elle se



O sr. Assis Brasil, que nos contou a anedocta do cavallo do Ingles

acostumasse a viver sem alimento. O animal, de facto, ainda viveu alguns dias, mas, infelizmente, quando já estava quasi acostumado, morreu... Essa historia deu-se com um cavallo e já, por isso, não tivemos collição completa exito... A experiencia, feita em massa, não com cavallos, mas com homens intelligentes, é muito provavel que dê resultados mais positivos... E' isso que se espera agora com os empregados da Central...

— Mas V. Ex., sr. Duque, é um innocente.

— Por isso mesmo. Choro de raiva, porque não é verdade, o que assacam contra a minha honorabilidade... Nunca recebi ouro de Moscou...

E' uma deshumanidade! Si alguma vez tivesse recebido o que euclamo dizendo, palavra d'honra, que não me importaria. Mas esta mentira é por demais deplumante! Oh! Miseraveis!

E o grande revoltado do Cantagalho mergulhando os dedos dedos crispados na sua hasta cabelleira de poeta parnasiano continuou a chorar convulsivamente.

Retiramo-nos, respeitando aquella grande dor...

emoções sportivas?

**FREQUENTE SEMPRE o**

### Electro-Ball

Rios, Viso, Rio Branco, 54

Quer ter as suas gratias.

HOJE

## 500 contos

Por 200\$000

**LOTERIA DE MINAS GERAES**

Extração ás 4 horas da tarde



**Radiolette**

**RCA Victor**

Um bom radio, por um preço razoavel — occupa um espaço pequeno, custa apenas a \$1400\$000 e tem uma reprodução incomparavel.

Todos podem adquirir este magnifico aparelho.

Venha ver-nos assim de apreciar as suas qualidades sonoras.

Vendas a vista, em 10 prestações, ou no Christoph Club com sorteios.



A venda no Rio: Casa Christoph, C. Ovidio, 98. A Melodia, C. Dias, 40, Casa Arthur Napoleão, Av. R. B. 112, e em H. Paulo: Casa Christoph, S. Bento, 25, Casa Beethoven, Tijuca, 25.

**ACTO DE LEGITIMA DEFEZA**

**COMPRAR NO PARC ROYAL**

Dr. Abelardo de Britto

Assistente da Faculdade de Odontologia — Avenida Rio Branco 111, 3ª sala 304. Tel. 3-2360.

## ANTARCTICA

Cervejas, Guaraná, Agua Tonica e Licorés

Entrega immediata a domicilio — TELEF.: 2-5181

**Título:** “REBATENDO A CALÚNIA”

**Data de publicação:** 06 de novembro de 1931 (Ano III, número 46, pág. 3 – rolo 1, pág. 1009)

**Linha de apoio:** O sr. grão-duque de Itararé lança um veemente desafio a seus gratuitos detratores

1 É uma infâmia. É uma calúnia da pior espécie, mas a cidade está cheia dela. Urge rebatê-la. É  
2 necessário esmagá-la no nascedouro. Consciências pútridas, caracteres deletérios, acostumados a  
3 respirar a atmosfera mefítica da City e a aspirar as miasmas da lama das sarjetas suburbanas, não  
4 se cansam nunca de, na sombra, à socapa, procurar denegrir consciências ilibadas... Canalhas!  
5 Mas hão de ver, já e já, os colmilhos rebentados, um a um, implacavelmente, inexoravelmente,  
6 pelo tacão da bota de canguru desse varão ilustre, a quem a história reservou a alta missão de con-  
7 duzir à terra da Promissão – novo Moisés de Cantagalo – através da Praia Vermelha, a pé enxuto,  
8 os eleitos e os eleitores da República Nova!

9 Assoalha-se por aí, à boca pequena, mas sem precisar algarismos, que o talentoso polemista  
10 que redige estas linhas de fogo, ferreteando, candentemente, os inimigos anônimos, recebeu im-  
11 portante maquia proveniente do Olho de Moscou...

12 Infâmia! Mil vezes infâmia! Onde os documentos? Onde as provas? Ou julgam, talvez, que  
13 constituirá prova, em juízo, tão somente os sussurros dos fariseus? Enganam-se!

14 Nós manejamos uma arma muito mais terrível do que a mentira: – é a verdade!

15 Reptamos, do alto destas colunas gregas, os covardes e miseráveis maldizentes e solapadores  
16 da honra de um homem que é uma das legítimas reservas morais da nacionalidade, a que exibam  
17 provas ou demonstrem de qualquer maneira a culpabilidade do réu!

18 Mas, isto, concretamente. Objetivamente. Materialmente. Se o conseguirem, desde já prome-  
19 temos suspender a publicação deste rotativo e abandonar definitivamente a vida pública, para nos  
20 recolhermos à privada.

21 Caso, porém, nenhuma prova apareça, nenhum vestígio se verifique contra a honorabilidade  
22 desse homem padrão, desse engenheiro notável, desse estadista sem rival, desse orador primoroso,  
23 desse cientista abnegado, desse militar de linha, desse chefe de qualidades inimitáveis, desse dul-  
24 curoso (sic) estilista que maneja a pena com a mesma maestria com que brande a espada – nós, os  
25 seus amigos de todos os momentos, os seus admiradores sinceros, os seus comandados obedien-  
26 tes, nós, os que trabalhamos nesta casa, saberemos lavar-lhe a honra e perfumar-lhe a consciência!

27 No terreno da dignidade humana, estamos dispostos a tudo! Como sempre, feriremos o inimi-  
28 go de pé e de frente!

29  
30 Estavam traçadas as linhas acima, quando a nossa reportagem surpreendeu um quadro deve-  
31 ras comovedor: – aquele cidadão forte, aquela personalidade empolgante, aquele homem de aço,  
32 enérgico, dominador, estava, agora, prostrado, abatido, derrotado. As suas mãos, cobrindo-lhe o  
33 rosto, porém, crispavam. Por entre os dedos entreabertos, viam-se as lágrimas borbotando. Chora-  
34 va. Evidentemente chorava.

35 Acercamo-nos do egrégio militar e indagamos:

36 – Por que chora, marechal?

37 Houve um momento de emoção. Aquela fisionomia austera, de lutador infatigável, contor-  
38 ceu-se, num ritus (sic) de amargura. Fixou-nos gravemente o olhar. Fazia lembrar Victor Hugo,  
39 no seu exílio de Guernsey, a apostrofar o império de Luís Filipe! À nossa pergunta, respondeu:

40 – Sim! Choro, mas choro de raiva!

41 – Mas V. Ex., sr. Duque, é um inocente.

42 – Por isso mesmo. Choro de raiva, porque não é verdade o que assacam contra a minha hono-  
43 rabilidade. Nunca recebi ouro de Moscou... É uma desumanidade! Se alguma vez tivesse recebido

44 o que andam dizendo, palavra d'honra, que não me importaria. Mas essa mentira é por demais  
45 deprimente! Oh! Miseráveis!  
46 E o grande revoltado do Cantagalo, mergulhando os dedos crispados na sua vasta cabeleira  
47 de poeta parnasiano, continuou a chorar convulsivamente.  
48 Retiramo-nos, respeitando aquela grande dor...

Sua Majestade Itararé I (1931-1932)

Texto 12:

Reprodução da página:



# A MANHA



Director-proprietário: AFFORELLY

ANNO III RIO, 21 DE NOVEMBRO 1931 47-8

## Manifesto á União das Republicas Socialistas da Ameica do Sul

### O GRÃO-DUQUE DE ITARARÉ CORÔA-SE IMPERADOR DOS POVOS OPPRIMIDOS DO CONTINENTE AUSTRAL DO NOVO MUNDO

Os honra... do producto do méto. O méto é creador. As circumstancias têm uma influencia decisiva sobre a formação da individualidade.

segundo, se opera sobre a face da terra, é um homem morto!

A revolução é a -ideia em marcha e o homem que mar-

As nações de pygmeus trabalhando, suando e soffrendo para alimentar o ventre insaciavel das nações dos Goliaths. Que queremos, pois? Que os pygmeus se transformem em gigantes! Que cresçam e appareçam! Igualdade e Fraternidade!

Mas, com que roupa? Com a roupa da consciencia, com a consciencia de si mesmos, sabendo onde estão os seus legitimos direitos e reivindicando-os a todo o custo, até de armas no hombro, si preciso fór! "Aux armes citoyens! Marchons, marchons!"

si, che la vittoria è nostra! Coraggio!... Fugiamo!...

**AS RAS PEDEM UM REI!**

E a todas essas, do alto do

varão resolve acceder aos instantes reclamos da opinião. Congrega em torno a si todos os seus auxiliares e corôa-se Imperador da União



Itararé I, tenente-marechal de terra e mar e imperador plenipotenciario da U. R. S. A. S. (União das Republicas Socialistas da America do Sul)



Itararé I, em face da Espny nae, recitando o monólogo: "Ou tu me decijras ou eu te devoro?" ...

**O-CAPITAL E O TRABALHO**

Eis ahí onde reside o ponto nevrálgico da questão das questões. Capital dumã nação não é nem Londres, nem Paris, nem Rio de Janeiro. Capital é o dinheiro, o burro do dinheiro. São as massas encephalicas.

E o trabalho? Quem inventou o trabalho? Onde está esse typo lombrosiano, que já está incurso nas almeas do Decreto 20.656, de 14 de novembro de 1931, e está fugindo miseravelmente á acção saneadora da Justiça Militar?

O trabalho é a energia, a astucia, o ardil, para dar, afinal, um tiro certo na praça! É a arte de tomar o dinheiro do burguez.

Poderá, por ventura, existir harmonia possível entre o capital e o trabalho?

Ora, senhores! Deixem-nos dar uma verdadeira gargalhada de crystal!

**OS POVOS E SEUS VERDADEIROS GUIAS**

Os povos são como os bondes. Precisam de conductores. Conductor de bonde ou condottieri do povo é o superhomem que o leva, com pulso firme e animo sereno, ao Meyer, a Cascadura, a Jacarépaguá! Ha boi na linha? Apito na curva e bréca o carro! Não quer sair o boi da linha? Avanti, Sarcia! Avanti!

Herbe ou santo, artista ou bandido, musico ou matematico, politico ou ladrão, sempre o homem está em contacto permanente com o ambiente que o determinou.

Sem Chicago não haveria Al Capone; sem sertão não teriamos Lampião; sem o Marhe Joffre não teria existido; sem o Banco do Brasil não se conceberia Irineu Machado; sem Itararé teria falido a tradição heroica da raça.

Nas o mundo marcha. Marcha e avança no tempo e no-espaço e o homem que não acompanha a revolução que a cada minuto, a cada segundo, a cada millesimo de

cha com a idéa, marcha para a revolução!

**VISTA PANORAMICA DA POLITICA INTERNACIONAL**

O Brasil está situado na America do Sul e a America do Sul é parte do planeta, embora ainda muitos brasileiros vivam no mundo da tua!

A Liga das Nações falliu. As potencias europeas armam-se até os dentes O Japão inicia a nova era de guerras imperialistas. O mundo inteiro é um barril de pólvora. Um toco de cigarro... pum!... Eis o panorama.

**O DIREITO DOS POVOS GOVERNAREM-SE A SI MESMOS**

Nesse terreno, que vemos?

Se andar do monumental edificio, onde se alteta sobranceira e orgulhosa a nossa tenda arade de trabalho, o jidalgo senhor feudal do Cantagallo, contempla lá em baixo a plebe utulante, que o acclama e victoria:

— Itararé! Itararé! Queremos Itararé!

E Itararé, chegando-se á janella, orgulhoso de sua gloria, murmura:

— Batracchios!

Mas a plebe insiste:

— Itararé! Itararé!

E Itararé reflecte:

— As rãs pedem um rei!

**A COROÇÃO DE ITARARÉ**

Em vista do espectáculo soberbo que se desdobra na planicie cittadina, o austero

das Republicas Socialistas da America do Sul! Finda a cerimonia realisada numa ambientencia requintadamente napoleonica, o novo monarcha treva da rena e redim o requinte magistral manifesto, que decidirá dos destinos do mundo, nesta hora transcendentalmente historica!

**O MANIFESTO**

Itararé I, tenente-marechal dos Exercitos Revolucionarios em Operação na America do Sul, marquer de Cantagallo e cavalleiro da Ordem do Cavallo Branco, em nome da Constituição, declara-se unico soberano e senhor dos povos deste hemispherio Pro-

(Continua na 8ª pagina),

**Título:** “MANIFESTO À UNIÃO DAS REPÚBLICAS SOCIALISTAS DA AMÉRICA DO SUL”

**Data de publicação:** 21 de novembro de 1931 (Ano III, número 47, págs. 1/8 – rolo 1, págs. 1023/1030)

**Linha de apoio:** O grão-duque de Itararé coroa-se imperador dos povos oprimidos do continente austral do novo mundo

1 Os homens são o produto do meio. O meio é criador.  
 2 As circunstâncias têm uma influência decisiva sobre a formação da individualidade.  
 3 Herói ou santo, artista ou bandido, músico ou matemático, político ou ladrão, sempre o ho-  
 4 mem está em contato permanente com o ambiente que o determinou.  
 5 Sem Chicago, não haveria Al Capone; sem sertão, não teríamos Lampião; sem o Marne, Jof-  
 6 fre não teria existido; sem o Banco do Brasil, não se conceberia Irineu Machado; sem Itararé, teria  
 7 falido a tradição heróica da raça!  
 8 Mas o mundo marcha. Marcha e avança no tempo e no espaço e o homem que não acompa-  
 9 nha a revolução que a cada minuto, a cada segundo, a cada milésimo de segundo, se opera sobre a  
 10 face da terra, é um homem morto!  
 11 A revolução é a idéia em marcha e o homem que marcha com a idéia, marcha para a revolução!

#### 12 VISTA PANORÂMICA DA POLÍTICA INTERNACIONAL

13 O Brasil está situado na América do Sul e a América do Sul é parte do planeta, embora ainda  
 14 muitos brasileiros vivam no mundo da lua!  
 15 A Liga das Nações faliu. As potências européias armam-se até os dentes. O Japão inicia a  
 16 nova era de guerras imperialistas. O mundo inteiro é um barril de pólvora. Um toco de cigarro...  
 17 pum!... Eis o panorama.

#### 18 O DIREITO DOS POVOS GOVERNAREM-SE A SI MESMOS

19 Nesse terreno, que vemos? As nações de pigmeus trabalhando, suando e sofrendo para ali-  
 20 mentar o ventre insaciável das nações dos Golias. Que queremos, pois? Que os pigmeus se trans-  
 21 formem em gigantes! Que cresçam e apareçam! Igualdade e Fraternidade!  
 22 Mas, com que roupa? Com a roupa da consciência, com a consciência de si mesmos, sabendo  
 23 onde estão os seus legítimos direitos e reivindicá-los a todo custo, até de armas no ombro, se pre-  
 24 ciso for! “*Aux armes citoyens! Marchons, marchons!*”

#### 25 O CAPITAL E O TRABALHO

26 Eis aí onde reside o ponto nevrálgico da questão das questões. Capital numa nação não é nem  
 27 Londres, nem Paris, nem Rio de Janeiro. Capital é o dinheiro, o burro do dinheiro. São as massas  
 28 encefálicas.  
 29 E o trabalho? Quem inventou o trabalho? Onde está esse tipo lombrosiano, que já está incur-  
 30 so nas alíneas do Decreto 20.656, de 14 de novembro de 1931, e está fugindo miseravelmente à  
 31 ação saneadora da Justiça Militar?  
 32 O trabalho é a energia, a astúcia, o ardil, para dar, afinal, um tiro certo no praça! É a arte de  
 33 tomar o dinheiro do burguês.  
 34 Poderá, por ventura, existir harmonia possível entre o capital e o trabalho?  
 35 Ora, senhores! Deixem-nos dar uma verdadeira gargalhada de cristal!

36

## OS POVOS E SEUS VERDADEIROS GUIAS

37 Os povos são como os bondes. Precisam de condutores. Condutor de bonde ou condottiere do  
 38 povo é o super-homem que o leva, com pulso firme e ânimo sereno, ao Meyer, à Cascadura, à  
 39 Jacarepaguá! Há boi na linha? Apita na curva e breca o carro! Não quer sair o boi da linha? *Avan-*  
 40 *ti, Savóia! Avanti, che la vittoria é nostra! Coraggio!... Fugiamo!...*

41

## AS RÃS PEDEM UM REI!

42 E a todas essas, do alto do 5º andar do monumental edifício onde se alteia sobranceira e orgu-  
 43 lhosa a nossa tenda árabe de trabalho, o nosso fidalgo senhor feudal do Cantagalo contempla lá  
 44 embaixo a plebe ululante, que o aclama e vitoria:

45 – Itararé! Itararé! Queremos Itararé!

46 E Itararé, chegando-se à janela, orgulhoso de sua glória, murmura:

47 – Batráquios!

48 Mas a plebe insiste:

49 – Itararé! Itararé!

50 E Itararé reflete:

51 – As rãs pedem um rei!

52

## A COROAÇÃO DE ITARARÉ

53 Em vista do espetáculo soberbo que se desdobra na planície citadina, o austero varão resolve  
 54 aceder aos instantes reclamos da opinião. Congrega em torno a si todos os seus auxiliares e coroa-se  
 55 Imperador da União das Repúblicas Socialistas da América do Sul! Finda a cerimônia realizada  
 56 numa ambiência requintadamente napoleônica, o novo monarca trava da pena e redige o seguinte  
 57 magistral manifesto, que decidirá dos destinos do mundo, nestas hora transcendentalmente histórica:

58

## O MANIFESTO

59 Itararé I, tenente-marechal dos Exércitos Revolucionários em Operação na América do Sul,  
 60 marquês de Cantagalo e cavaleiro da Ordem do Cavalo Branco, em nome da Constituição, decla-  
 61 ra-se único soberano e senhor dos povos deste hemisfério. Promete governar com brandura e jus-  
 62 tiça, com honestidade e sapiência, com paz e amor. Os direitos são iguais. O choro é livre e a copa  
 63 franca. O Estado reconhece oficialmente a existência do estômago em todos os indivíduos de am-  
 64 bos os sexos, de todas as idades, de todas as raças, de todos os credos.

65 O estado é soberano. O Estado “*c’est moi*”. – (a.) ITARARÉ I, imperador.

**Texto 13:**

Reprodução da página:

**Balada das barbas brancas**  
(Poema de Natal)  
DEDICADO AO RIO GRANDE DO NORTE  
Por Augusto Frederico Schmidt  
(Gordilho, Sinistro)



Papá Noel, foi um ingrato  
Este anno não quiz  
Me botar nada no sapato...  
Meu Deus, como sou infeliz!

**ESTRIBILHO**

Papá Noel! Papá Noel!  
Me leva, me leva, para o quartel!

**TRIOLET**

Papá Noel, não mais me ature,  
Porque será? Porque será?  
Será talvez pela gordura?  
Será? Será?

**ESTRIBILHO**

Papá Noel! Papá Noel!  
Me leva, me leva, para o quartel!

**SEGUIDILHA**

Papá Noel de barbas brancas,  
Como um pacote de algodão,  
Papá Noel, Papá Noel,  
Leva nas costas, como um surrão,  
A sua trouxa de papel.

**CORO UKRANIANO**

Papá Noel! Papá Noel!  
Me leva, me leva, para o quartel!

**OFFERENDA**

Papá Noel, si tu me deres  
Algum presente, mesmo de graça,  
Juro-te aqui, sollemnemente,  
Pela minha sorte,  
Que te farei presente  
Das barbas do Arrojado Lisbôa,  
Que está na America do Norte.

QUEM NÃO CHORA... **A MANHA** ... NÃO É MAMA.

ANNO IV RIO, 2 DE JANEIRO DE 1932

**A CAMPANHA DE DESOBEDENCIA NAS INDIAS.**  
Importante conferência secreta entre S. M. Itararé I e o mahatma Ghandi

Segundo comunicação particular que mahatma Ghandi acaba de dirigir a S. M. Itararé I, imperador das Ursas, o Congresso Nacional Hindu, resolveu, em reunião de hontem, reiniciar a campanha de desobediencia civil.

Deante da gravidade dessa comunicação, o brioso e sympathico monarcha que impera nesta empresa, reuniu extraordinariamente, hontem á noite as Côrtes Geraes, perante as quaes leu a mensagem em que dá conta da comunicação de Ghandi e pede butras providencias de character urgente.

Depois de curta e acalorada discussão, a nobre assembléa approvou, de pé um

voto de profundo respeito e inteira solidariedade no des-temido tenente-imperador, dando-lhe carta branca pa-

cordealidade. a reunião extraordinaria das nossas Côrtes Geraes, reunião essa que, no momento actual, avulta com uma indistincta internacional.

S. M. Itararé I, com o semblante apprehensivo, após o encerramento dos exhaustivos trabalhos da noite de hontem, recolheu-se, acompanhado de seu camareiro secreto, a seus aposentos particulares, onde, depois de envergar a sua tradicional tanga occidental, em homenagem ao povo hindu, incontinenti ligou para as Indias o seu aparelho portatil de orda curta, conservando-se até o momento em que encerramos a presente edição em conferência permanente com o mahatma Ghandi.



Mahatma Ghandi, trajando a occidental

Caso consigamos apurar o assumpto tratado na alludida entrevista, daremos, ainda esta manhã, segundo cliché.

**VISITA DE AGRADECIMENTO**

O sr. Oswaldo Aranha, ministro da Fazenda, esteve, hontem, em visita de cortezia em nossa tenda arabe de trabalho, afim de agradecer pessoalmente a gentileza da offerta que lhe fez S. M. Itararé I, no dia 4 de

ra agir em todas as questões que agitam o Extremo Oriente e impondo-lhe no pescoço o cordão de Isabel, a Catholica.

Levantando-se, em meio de religioso silencio, visivelmente emocionado com a manifestação expontanea que lhe acabavam de tributar os seus dedicados vassallos, S. M., a voz firme e sonora, o busto napoleonicamente erecto, o olhar percutiente e inquiridor, voltando-se para o augusto conclave, perguntou, gentilmas autoritariamente:

— Ent'ô, senhores das Côrtes Constituintes e nobres pares do Reino, posso intervir directa e discretariamente no conflito hindu?

E a grande assembléa, a uma voce, outra vez de pé, em signal de respeito, re-dargiu:

— Hindu... bitavelmente, excelsa magestade!  
Assim terminou, na maior



O sr. Oswaldo Aranha, ministro da Fazenda

posição do titulah da Pasta das Finanças, os seus cofres particulares, para pagamento da dívida externa.

O sr. Oswaldo Aranha aproveitou a oportunidade para apresentar ao joven monarcha cordéas felicitações pela entrada do anno novo.

**"PARAHYBA"**  
A loteria que traz a Sorte  
A's terças-feiras  
**30 CONTOS** INT. 100  
— 75 em premios —  
— 86 15 milhares —

**"GAUCHO"** (Loterias)  
A casa que dá a sorte  
RUA CHILE, 3

**A "Rainha das Loterias"**  
A's quintas-feiras  
**100 Contos**  
Inteiro, 25\$000  
Decimo, 2\$800

**VALIOSO TESTE-MUNHO**  
Um casal discute, chegando a via de facto é conduzido á delegacia.  
O commissario pergunta a um individuo que acompanha os conjuges:  
— Assisti o sr. á origem da questão?  
— Sim, senhor. Ha dois annos.  
— Como ha dois annos?  
— Sim, senhor. Foi testemunha do casamento.

**Odeon**  
Complemento: 2.00 — 2.40 — 5.20 — 7.00 — 8.40 e 10.20  
"Guarda Secreta" — 2.10 — 3.50 — 5.30 — 7.10 — 8.50 e 10.30  
A Metro Goldwyn Mayer apresenta  
**Wallace Beery**  
**Clark Gable**  
MARJORIE REMBAUR, LEWIS STONE — JEAN HARLOW, em  
**A GUARDA SECRETA**  
No programma: METHUONI NEWS N. 102

**Palacio**  
Complemento: 2.00 — 2.40 — 5.20 — 7.00 — 8.40 e 10.00  
"Comprada" — 2.20 — 4.00 — 5.40 — 7.20 — 9.00 e 10.40  
A Warner First apresenta  
**Constance Bennett**  
BEN LYON no magnifico film  
**COMPRADA!**  
No programma: "Depois da Temporada", desenho sonoro.  
FOX MOVIE-TONE AIRPLANT NEWS N. 59

**Gloria**  
Complemento: 2 — 4 — 6 — 8 e 10 horas  
"Madame Satan" — 2.10 — 4.10 — 6.10 — 8.10 e 10.10  
A Metro Goldwyn Mayer apresenta  
**Kay Johnson**  
REGINALD DENNY — ROLAND YOUNG, em  
**MADAME SATAN**  
STAN LAUREL — MAYER HARDY  
**OUF MONTE**  
No programma: MARRICREA A LA TENNEY, desenho sonoro

**Título:** “A CAMPANHA DE DESOBEDIÊNCIA NAS ÍNDIAS”**Data de publicação:** 02 de janeiro de 1932 (Ano IV, número 1, pág. 8 – rolo 2, pág. 18)**Linha de apoio:** Importante conferência secreta entre S. M. Itararé I e o mahatma Ghandi

1 Segundo comunicação particular que mahatma Ghandi acaba de dirigir à S. M. Itararé I, im-  
2 perador das Ursas, o Congresso Nacional Hindu, resolveu, em reunião de ontem, reiniciar nas  
3 Índias, imediatamente, a campanha de desobediência civil.

4 Diante da gravidade dessa comunicação, o brioso e simpático monarca que impera nesta em-  
5 presa, reuniu extraordinariamente ontem à noite, as Cortes Gerais, perante as quais leu a mensa-  
6 gem em que dá conta da comunicação de Ghandi e pede outras providências de caráter urgente.

7 Depois de curta e acalorada discussão, a nobre assembléia aprovou de pé, um voto de pro-  
8 fundo respeito e inteira solidariedade ao destemido tenente-imperador, dando-lhe carta branca  
9 para agir em todas as questões que agitam o Extremo Oriente e impondo-lhe no pescoço o cordão  
10 de Isabel, a Católica.

11 Levantando-se, em meio de religioso silêncio, visivelmente emocionado com a manifestação  
12 espontânea que lhe acabavam de tributar os seus dedicados vassalos, S. M., a voz firme e sonora,  
13 o busto napoleonicamente ereto, o olhar percuciente e inquiridor, voltando-se para o augusto con-  
14 clave, perguntou gentil, mas autoritariamente:

15 - Então, senhores das Cortes Constituintes e nobres pares do Reino, posso intervir direta e  
16 discricionariamente no conflito hindu?

17 - E a grande assembléia, a uma voz, outra vez de pé, em sinal de respeito, redargiu:

18 - Hindu... bitavelmente excelsa majestade!

19 Assim terminou, na maior cordialidade, a reunião extraordinária das nossas Cortes Gerais,  
20 reunião essa que, no momento atual, avulta com uma indisfarçável significação internacional.

21 S. M. Itararé I, com o semblante apreensivo, após o encerramento dos exaustivos traba-  
22 lhos da noite de ontem, recolheu-se, acompanhado de seu camareiro secreto, a seus aposentos  
23 particulares, onde, depois de envergar a sua tradicional tanga ocidental, em homenagem a  
24 povo hindu, incontinentemente ligou para as Índias, em seu aparelho portátil de onda curta, conser-  
25 vando-se até o momento em que encerramos a presente edição, em conferência permanente  
26 com o mahatma Ghandi.

27 Caso consigamos apurar a assunto tratado na aludida entrevista, daremos, ainda esta manhã,  
28 segundo clichê.

Itararé I, o Brando (1932)

Texto 14:

Reprodução da página:

A MANHA

5

General Flôres da Cunha

E' esperado aqui na próxima terça-feira

Conforme comunicação particular, recebida pela gerencia desta folha, deverá embarcar em Porto Alegre, num avião da Condor, na próxima terça-feira, o sr. general José Antonio Flores da Cunha, nosso activo correspondente no Rio Grande do Sul.

A viagem do Ilustre poli-



O sr. general Flores da Cunha, em uma de suas ultimas photographias

tico dos pampas, prendeu-se a assumptos relativos á economia interna deste grande rotativo, pois ainda não conseguiu fechar o balanço relativo ao exercicio de 1931, em virtude da formidável depressão económica que avassalla o mundo.

O sr. Flores da Cunha aproveitará a sua estadia nesta capital, para tratar também de assumptos referentes á constitucionalização imediata do país, o mais tardar, até meados de 1937.

Problema que não interessa

O dr. Couza Costa, actual presidente do Banco do Brasil, sempre foi, desde criança, um espirito affeito aos estudos praticos de economia, não perdendo tempo com theorias confusas, que só servem para atrapalhar a vida, que já anda tão atrapalhada. Confiando nessa orientação pratica e esclarecida do joven banqueiro, é que a opinião publica espera a realidade de uma gestão provelosa e rehabilitadora do credito do nosso mais importante estabelecimento bancario.

Contam amigos de infancia do dr. Souza Costa (todos os cavalheiros importantes têm amigos de infancia) que certa vez seu professor de arithmetica propoz-lhe o seguinte problema:

— Vamos ver, seu Souza. Um pae deixa, ao morrer, oito mil e quinhentos contos, para repartir entre seus tres filhos: o primeiro deixa um quinto da fortuna e so segundo um sexto. Quanto toca ao terceiro?

O menino Souza Costa enfiou num ruergia o professor e respondeu, com voz firme e segura:

— Não sei, nem quero saber, porque não sou da familia

As commemorações do dia da cidade

O lançamento da pedra fundamental do monumento commemorativo da fundação do Rio de Janeiro

Por entre as mais vivas manifestações de alegria, os laboriosos operarios do pensamento que trabalham nesta casa, viram passar o 367º anniversario da fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e, por isso, nesse dia de jublio patriótico, resolveram não trabalhar.

S. M. Itararé I, o Brando, director integral deste grande rotativo, ás primeiras horas matutinas, firmou opportuno decreto, tornando facultativo o ponto em todas as repartições em que se subdivide esta prospera empresa, para que seus fieis subditos melhor pudessem confraternisar com o povo nos festejos officiaes que se celebraram durante aquellas gloriosas vinte e quatro horas.

A's 10 horas da manhã, apesar da chuva impertinente que peneirava no ar, o sabio e magnanimo monarcha que impera constitucionalmente nesta folha, compareceu á Esplanada do Castello, onde já o aguardava o sr. G. Tulio Vargas, afim de servir de ajudante de pedreiro e lançar a primeira pá de cimento sobre a pedra fundamental do monumento a ser erguido naquelle local em honra da cidade.

A nossa objectiva conseguiu plasmar ao magneto um aspe-

cto da solemnidade, á qual compareceram pessoas gradas, empunhando protectores guarda-chuvas.

Foi muito elogiada, por par-



O nosso prezado collaborador sr. G. Tulio Dgr... nelles Vargas, deitando a primeira pá de cimento sobre a pedra fundamental, vendo-se tambem na gravura o talentoso director desta folha e o sr. Evaristo de Moraes, representante do Ministerio do Trabalho.

ta de selecta assistencia, que se acotovelava no planallo do Castello, a serena compostura e imperturbavel attitude mantida pelo valoroso cabo de guerra, que commanda as columnas revolucionarias desta folha, o qual, apesar do mau tempo, conservou, alteado no pericranio, magestosamente, o seu preciosissimo chapéu do Chile, do Panamá.

E' nesses momentos decis-

vos para a vida da nacionalidade, que se conhecem os verdadeiros homens de aço, cuja estrutura physica e moral pôde resistir, com vantagem ás lras

tremendas da natureza, da mesma forma que affrontam, com energia, os arreganhos malcontentes de seus gratuitos desaffectedos.

Ditosa patria que taes filhos tem, — como já dizia, no tempo do Imperio, o conselheiro Saraiva — por que ella viverá impolluta e invicta, através dos seculos na memoria das Nações!

VARIAS NOTAS

Logo depois da tocante cerimonia da Esplanada do Castello, enquanto os aviões, quaes passaros alvigeiros evocavam no espaço, despertando flores, acompanhado de diversos secretas, da Policia Central, S. M. Itararé I foi visto na Avenida Mem de Sá, fazendo um "footing" elegante e recebendo inequivocas manifestações de apreço e sympathia, por parte do elemento feminino, que para ali affluia, assim que soube da presença real do maior dos brasileiros vivos na grande arteria, que tem o nome do immortal fundador da cidade.

A' tarde, trajando um patriótico maillot verde e amarelo, Itararé, o Brando, foi á Urca, com sua comitiva, tendo-se demorado, por alguns instantes, na praia entre o Pão de Assucar e o morro Cara de Cão, precisamente no local onde, ha 367 annos, pela primeira vez, o nosso brilhante collega de imprensa sr. Mem de Sá, por o pé em terras de Santa Cruz.

**SEGUROS**  
**SEGUROS**  
Maritimos  
e terrestres  
**Lloyd**  
**Atlantico**  
General Camara 69-1°

O novo interventor do Paraná

Tomará posse do cargo festivamente

Seguiu para o Sul do país o sr. Manoel Ribas, novo interventor federal no Paraná, que assumirá, dentro em breve, o governo daquelle Estado.

Conforme conseguiu averiguar a nossa activa reportagem, a posse do sr. Manoel Ribas terá caracter solemne, devendo ser assistida por diversas representações de outros Estados.

Para maior brilho dessa civico cerimonia, conta ainda que o Rio Grande do Sul enviará para a fronteira de Santa Catharina, uma força de 2.500 homens, afim de prestar as suas continencias ao novo interventor.



PANATROPE COM RADIO

**Brunswick**

MODELO 33 PARA 1932

Chassis construido segundo as ultimas idéas da radio-technica

DISTRIBUIDORES:

**ASSUMPTÃO & CIA. LTDA.**

AVENIDA RIO BRANCO, 147

RIO DE JANEIRO

**Título:** “AS COMEMORAÇÕES DO DIA DA CIDADE”**Data de publicação:** 23 de janeiro de 1932 (Ano IV, número 4, pág. 5 – rolo 2, pág. 39)**Linha de apoio:** O lançamento da pedra fundamental do monumento comemorativo da fundação do Rio de Janeiro

1 Por entre as mais vivas manifestações de alegria, os laboriosos operários do pensamento que  
 2 trabalham nesta casa viram passar o 367º aniversário da fundação da cidade de São Sebastião do  
 3 Rio de Janeiro e, por isso, nesse dia de júbilo patriótico, resolveram não trabalhar.

4 S. M. Itararé I, o Brando, diretor integral deste grande rotativo, às primeiras horas matutinas,  
 5 firmou oportuno decreto, tornando facultativo o ponto em todas as repartições em que se subdivi-  
 6 de esta próspera empresa, para que seus fiéis súditos melhor pudessem confraternizar com o povo  
 7 nos festejos oficiais que se celebram durante aquelas gloriosas vinte e quatro horas.

8 Às 10 horas da manhã, apesar da chuva impertinente que peneirava no ar, o sábio e magnâ-  
 9 nimo monarca que impera constitucionalmente nesta folha, compareceu à Esplanada do Castelo,  
 10 onde já o aguardavam o sr. G. Túlio Vargas, a fim de servir de ajudante de pedreiro e lançar a  
 11 primeira pá de cimento sobre a pedra fundamental do monumento a ser erguido naquele local em  
 12 honra da cidade.

13 A nossa objetiva conseguiu plasmar ao magnésio um aspecto da solenidade, à qual compare-  
 14 ceram pessoas gradas, empunhando protetores guarda-chuvas.

15 Foi muito elogiada, por parte da seleta assistência, que se acotovelava no planalto do Castelo,  
 16 a serena compostura e imperturbável atitude mantida pelo valoroso cabo de guerra, que comanda  
 17 as colunas revolucionárias desta folha, o qual, apesar do mau tempo, conservou, alteado no peri-  
 18 crânio, majestosamente, o seu preciosíssimo chapéu do Chile, do Panamá.

19 É nesses momentos decisivos para a vida da nacionalidade, que se conhecem os verdadeiros  
 20 homens de aço, cuja estrutura física e moral pode resistir, com vantagem às iras tremendas da  
 21 natureza, da mesma forma que afrontam, com energia, os arreganhos malcontidos (sic) de seus  
 22 gratuitos desafetos.

23 Ditosa pátria que tais filhos tem, – como já dizia, no tempo do Império, o conselheiro Saraiva  
 24 – porque ela viverá impoluta e invicta, através dos séculos na memória das Nações!

## VÁRIAS NOTAS

26 Logo depois da tocante cerimônia da Esplanada do Castelo, enquanto os aviões, quais pássa-  
 27 ros alviçareiros esvoaçam no espaço, despetalando flores, acompanhado de diversos secretas, da  
 28 Polícia Central, S. M. Itararé I foi visto na Avenida Mem de Sá, fazendo um “*footing*” elegante e  
 29 recebendo inequívocas manifestações de apreço e simpatia por parte do elemento feminino, que  
 30 para ali afluiu, assim que soube da presença real do maior dos brasileiros vivos na grande artéria,  
 31 que tem o nome do imortal fundador da cidade.

32  
 33 À tarde, trajando um patriótico *maillot* verde e amarelo, Itararé, o Brando, foi à Urca, com  
 34 sua comitiva, tendo-se demorado, por alguns instantes, na praia entre o Pão de Açúcar e o morro  
 35 Cara de Cão, precisamente no local onde, há 367 anos, pela primeira vez, o nosso brilhante colega  
 36 de imprensa sr. Mem de Sá pôs o pé em terras de Santa Cruz.

Texto 15:

Reprodução da página:



Director-proprietario: APPORELLY

ANNO IV

RIO, 4 DE MARÇO DE 1933

# INOMINAVEL ATTENTADO CONTRA AS NOSSAS OFFICINAS

## A destruição da nossa luxuosa rotativa e do nosso parque de linotypos, por uma horda de vandalos

As ameaças já vinham de longa data. Amigos íntimos desta casa, quer por meio de cartas anónimas, quer por telephonnemas interurbanos, quer ainda por intermedio de cartas pneumaticas, não se cansavam de nos prevenir, que os inimigos encapotados deste grande rotativo, feridos em cheio, no seu pundonor alívio, mais cedo ou, mais tarde, tentariam um desforço violento contra as nossas officinas.

Julgavam os infelizes desaffectos deste prestigioso orgão revolucionario da extrema esquerda, que, dessa maneira violenta, fariam calar na goria de aço dos nossos preloes, o protesto energico e altivo contra o arbitrio e a prepotencia!

Puro engano... E' que elles não suspeitavam que attraes da benevolencia estudada do nosso chefe, escondia-se o leão indomavel, de juba erigida e garra prompta, para o revide merecido, para o vade-retro implacavel!

E a prova provada tiveram-na na tragica noite de 25 de fevereiro, quando, á quodécima hora, tivemos invadidas as nossas luxuosas officinas, onde os imprevisos assaltantes tiveram que enfrentar, cara a cara, a bravura e calculada do

bre a nação, horas dantescas de panico e bagunça. Não é a nós, — heroes e martyres, — entretanto, que cabe o registro dessa pagina de tragedia, onde não se sabe o que mais admirar, si a violencia do ataque ou a calma da defesa.

Em todo o caso, não será demais pintar, com pinceladas curtas, porém energicas, o quadro teorico da destruição da nossa possante rotativa e do respectivo parque de linotypos.

### COMO SE DEU O ASSALTO

O ataque ás nossas officinas verificou-se, como dissemos, na noite do dia 25. Os assaltantes deram uma descarga para o ar. O destemido poeta-soldado que dirige esta folha e que, nesse momento, escrevia violentissimo artigo contra as classes armadas, percebendo que se tramava contra a sua integridade physica e acanando-se desarmado, resolveu sair corajosamente pelos fundos, afim de ir buscar as armas de guerra, que se achavam na sua residencia particular. Os assaltantes, entretanto, percebendo a manobra, tentaram enfrontal-o.

Num gesto de verdadeira loucura o destemeroso marenchal-almirante-aviador poz em fuga os seus perseguidores, que se retiraram desabalada-



S. M. Itararé, o Brando, na sua mesa de trabalho

tentado, que causou pessima impressão a todos os collegas da opposição, em signal de jornal, por uma deferencia

especial que muito nos captiva, está sendo impresso nas officinas do "Diario Carioca", até que o governo nos indemnize do estúpido atentado de que fomos victimas.

S. M. Itararé, o Brando, depois do vandálico assalto ás officinas deste importante orgão, resolveu tomar diversas providencias de caracter preventivo.

Um dos seus primelros actos foi lavrar um decreto convocando voluntarios e chamando o pessoal da reserva, com os quaes tem estado em sessão permanente. Entre os patriotas que se apresentaram espontaneamente para a defesa da nossa tenda arabe de trabalho, figuram o poeta Olegario Mariano, veterano do Paraguay e o bersaglieri Adolpho Bergamini, official garibaldino, todos os militares de cartella.

Como medida de precaução, o destemido tenente-marenchal que commanda esta empresa, guardou também o seu gabinete reservado, distribuindo armas de grande poder mortifero pelos cantos e installando no angulo da sua secretaria uma metralhadora giratoria, munida dum periscopio refrangente, que permite a observação do que se passa num diametro de dois kilometros.

Hoje, numa marcha de treinamento, as tropas carregadas da defesa material deste grande orgão, irão á tarde a Petropolis, afim de apresentar interesse solidarioidade ao sr. G. Tullo Vargas,

que nos prometeu falar pelo radio, ás 3 h. 2, agradecendo essa manifestação.

## O novo interventor de São Paulo

A MANHA presta nestas linhas uma sincera homenagem ao embaixador Pedro de Toledo, que o Governo Provisorio acaba de nomear para



Dr. Pedro de Toledo

o cargo de interventor federal em São Paulo, em substituição ao probo cidadão Rabello.

Paulista e civil, o sr. Pedro de Toledo, como diplomata, si jogar com habilidade com seu chapu de dois bicos consequirá, por certo harmonizar a encrocada familia bandeirante.

São esses os nossos votos.



Um grupo de officias da reserva e voluntarios de manous, promptos para a defesa das nossas officinas, depois do attentado

com rara honradez e impecavel patriotismo, vem dirigindo os destinos desta empresa.

Recordar aquellos momentos de angustia e de inquietude; relembra aquellos instantes de afflicção e desespero, seria reviver neste momento em que a paz desce so-

mente pela rua atóra e elle na frente.

### O VANDALICO EMPASTELAMENTO

Valendo-se da ausencia do nosso chefe, os inimigos penetraram, então, nas nossas officinas, depredando tudo como os senhores sabem. Em virtude desse inominavel at-

protesto, esta folha não circulou na semana passada.

### PROMPTOS, NOVAMENTE, PARA A LUCTA

Deante da completa destruição das nossas primorosas officinas, conforme já noticiaram com abundancia de detalhes, os nossos prezados collegas de tostão, este

**Título:** “INOMINÁVEL ATENTADO CONTRA AS NOSSAS OFICINAS”

**Data de publicação:** 04 de março de 1932 (Ano IV, número 9, pág. 1 – rolo 2, pág. 78)

**Linha de apoio:** A destruição da nossa luxuosa rotativa e do nosso parque de linotipos, por uma horda de vândalos

1 As ameaças já vinham de longa data. Amigos íntimos desta casa, quer por meio de cartas a-  
2 nônimas, quer por telefonemas interurbanos, quer ainda por intermédio de cartas pneumáticas,  
3 não se cansavam de nos prevenir que os inimigos encapotados deste grande rotativo, feridos em  
4 cheio no seu pundonor cívico, mais cedo ou mais tarde tantariam um desforço violento contra as  
5 nossa oficinas.

6 Julgavam os infelizes desafetos deste prestigioso órgão revolucionário da extrema esquerda,  
7 que, dessa maneira violenta, fariam calar na gorja de aço dos nossos prelos, o protesto enérgico e  
8 altivo contra o arbítrio e a prepotência!

9 Puro engano... É que eles não suspeitavam que atrás da benevolência estudada do nosso che-  
10 fe, escondia-se o leão indomável, de juba eriçada e garra pronta, para o revide merecido, para o  
11 vade-retro implacável!

12 E a prova provada tiveram-na na trágica noite de 25 de fevereiro, quando, à duodécima hora,  
13 tivemos invadidas as nossas luxuosas oficinas, onde os imprevistos assaltantes tiveram que en-  
14 frentar, cara a cara, a bravura fria e calculada do homem [...] que com rara honradez e impecável  
15 patriotismo, vem dirigindo os destinos desta empresa.

16 Recordar aqueles momentos de angústia e de inquietude, lembrar aqueles instantes de affli-  
17 ção e desespero, seria reviver neste momento em que a paz desce sobre a nação, horas dantescas  
18 de pânico e bagunça.

19 Não é a nós, – heróis e mártires, – entretanto, que cabe o registro dessa página de tragédia,  
20 onde não se sabe o que mais admirar, se a violência do ataque ou a calma da defesa.

21 Em todo o caso, não será demais pintar, com pinceladas curtas, porém enérgicas, o quadro té-  
22 trico da destruição da nossa possante rotativa e do respectivo parque de linotipos.

### 23 COMO SE DEU O ASSALTO

24 O ataque às nossas oficinas verificou-se, como dissemos, na noite do dia 25. Os assaltantes  
25 deram uma descarga para o ar. O destemido poeta-soldado que dirige esta folha e que, nesse mo-  
26 mento, escrevia violentíssimo artigo contra as classes armadas, percebendo que se tramava contra  
27 a sua integridade física e achando-se desarmado, resolveu sair corajosamente pelos fundos, a fim  
28 de ir buscar as armas de guerra, que se achavam na sua residência particular. Os assaltantes, entre-  
29 tanto, percebendo a manobra, tentaram enfrentá-lo.

30 Num gesto de verdadeira loucura, o destemeroso marechal-almirante-aviador pôs em fuga os  
31 seus perseguidores, que corriam desabaladamente pela rua afora e ele na frente.

### 32 O VANDÁLICO EMPASTELAMENTO

33 Valendo-se da ausência do nosso chefe, os inimigos penetraram, então, nas nossas oficinas,  
34 depredando tudo como os senhores sabem. Em virtude desse inominável atentado, que causou  
35 péssima impressão a todos os colegas da oposição, em sinal de [jornal, por uma deferência protes-  
36 to] (sic), esta folha não circulou na semana passada.

### 37 PRONTOS NOVAMENTE PARA A LUTA

38 Diante da completa destruição das nossas primorosas oficinas, conforme já noticiaram com  
39 abundância de detalhes os nossos prezados colegas de tostão, este especial que muito nos cativa

40 está sendo impresso nas oficinas do “Diário Carioca”, até que o governo nos indenize do estúpido  
41 atentado de que fomos vítimas.

42 S. M. Itararé, o Brando, depois do vândalo assalto às oficinas deste importante rotativo, re-  
43 solveu tomar diversas providências de caráter preventivo.

44 Um dos seus primeiros atos foi lavrar um decreto convocando voluntários e chamando o pes-  
45 soal da reserva, com os quais tem estado em sessão permanente. Entre os patriotas que se apresen-  
46 tam espontaneamente para a defesa da nossa tenda árabe de trabalho, figuram o poeta Olegário  
47 Mariano, veterano do Paraguai e o bersaglieri Adolfo Bergamini, oficial garibaldino, todos os  
48 militares de carreira.

49 Como medida de precaução, o destemido tenente-marechal que comanda esta empresa, guar-  
50 neceu também o seu gabinete reservado, distribuindo armas de grande poder mortífero pelos can-  
51 tos e instalando no ângulo da sua secretaria uma metralhadora giratória, munida dum periscópio  
52 refrangente, que permite a observação do que se passa num diâmetro de dois quilômetros.

53 Hoje, numa marcha de treinamento, as tropas encarregadas da defesa material deste grande  
54 órgão, irão à tarde à Petrópolis, a fim de apresentar inteira solidariedade ao sr. G. Tulio Vargas,  
55 que nos prometeu falar pelo rádio, às 3 ½, agradecendo essa manifestação.

Texto 16:

Reprodução da página:

A MANEHA

O movimento revolucionario do Chile

(Concluido da p. 12)
Amanha, na vespers do movimento revolucionario, por baixo da porta da nossa tença arabe do trabalho, onde se encontrava, em sessão permanente, com o seu estado-maior, o portaz trancaçudo, o machucavel e perigoso agitador que dirige esta empreza.

Esse despacho, laconico e incisivo, segundo conseguimos averiguar, estava assim redigido:

Itararé, Celeste Imperio, Rio — Está na hora. La situacion de grace. (a) Grove. Porque Grove teria passado esse telegrama?

Porque Grove, que estava no Chile, teria, nesse momento, se lembrado de transmitir noticias para o Brazil?

Porque Itararé, homem de habitos austeros e moral intocavel, se mostrava ainda acordado, alta madrugada, no seu gabinete reservado?

Isoladas, essas circumstancias nada significam. Concatenadas, porém, os factos, parece que constituem uma rde mysteriosa que tapanha nas suas malhas o segredo das agitações que se observam, com causas desconhecidas, por todos os quadrantes do globo terraqueo.

A PRIMEIRA COMMUNICAÇÃO OFFICIAL
Foi ainda as primeiras horas da manhã de sabbado, que chegou ao quartel-general das Forças Revolucionarias em Operação na America do Sul, com sede nesta capital, a noticia official do movimento revolucionario e da victoria dos rebeldes.

Essa communicação, que transmittimos aos nossos dramos leitores, em caracter confidencial, estava assim concebida.

Itararé — Celeste Imperio — Rio — De Santiago — Te lo comunicamos que ha estallado el movimiento segun ordenes transmittidas a Vuestra Magestad. Vamos haber ahora el servicio, conforme las instrucciones secretas que nos ha enviado Dentro de pocos minutos la luz electrica, los telefonos, los tranvias, los omnibus y el gas de cocina saldán de las manos sucias de nuestros

desalmados explotadores. Los politicos de la Republica Vieja, criminales y ladrones, serán pasados automaticamente por las armas. Los banicos, verdaderos nidos de culebras y neureros, pasarán para el control del Estado. Las tierras latifundistas de los bandidos medievales, que se titulan labradores, revertirán a sus verdaderos dueños, los camponeses. Toda la producción de las fabricas será inmediatamente puesta a la disposición del publico, para que coma y vista, sin miseria. El trabajo y el pan dejarán de ser favores de los capitalistas, para constituir un derecho de los obreros. La caridad, que es una virtud burguesa, — vanidad de los explotadores — será

substituida por la justicia social. Haremos todo segun el plano general que usted nos ha transmitido y aguardamos instrucciones. Dios guarde a Vuestra Magestad y viva la Union de las Republicas Socialistas de America del Sur! Viva los soldados y los camponeses! Viva la Tercera Internacional! Abajo la Cuarta Auxilia! Viva los marineros y sub-marinos! (a) Dávila, Fulga y Grove.

O PALACIO DO GOVERNO POSTO AS ORDENS DO IMPERADOR DAS URSAS

Mal havia sido lido em sessão secreta o código gramma acima transcripto, batia a porta do gabinete reservado de Sua Magestade um outro estafeta, que entregava ao

economista do Celeste Imperio este novo despacho:

Itararé — Rio — De Santiago — En continuacion a nuestro aviso anterior, comunicamos a Vuestra Magestad, que, en este momento, en nombre de los obreros, marineros, soldados y camponeses, nos hemos apesado, despues de sangrienta y peligrosa pelea, de la Casa de la Moneda, que la colocamos a la disposición de Vuestra Magestad. Salud y fraternidad. La Junta Gubernativa (a) Dávila, Grove y Fulga.

A RESPOSTA DE ITARARÉ A JUNTA GOVERNATIVA DO CHILE

Assim que leu o despacho acima transcripto, S. M. Itararé f' dictou a um dos mecanographos officiaes a seguinte carta-pneumatica, que foi transmittida immediatamente, por intermedio do nosso possante aparelho de onda curva continental:

Junta Governativa — Santiago do Chile — De Rio — Vengo de recibir vuestras notables comunicaciones, dandome cuenta de todo lo que se pasa en vuestro pais y es agradecido lo bien que ejecutaran las ordenes emanadas por mi comando. Soy muy grto por el ofrecimiento que me hacéis de la Casa de la Moneda. Debo, sin embargo, advertiros que, cuanto a la Casa, no me interesa en el momento, por estar regularmente instalado en el solar de Cantapallo. Todavia cuanto a la Moneda, de que con tanto carino me habian, devo confesar-vos, con la lealdad de siempre y con la franqueza ruda del soldado, que estoy inclinado a aceptarla, por lo que aguardo, con viva ansiedad, el giro bancario por intermedio de nuestros corresponsales. Como idealista consumado, concito a todos los jovenes de nuestra America a continuar la obra sublime de redención de las masas oprimidas y a pelear valientemente, sin miedo de caretas, por mejores dias obrerizos. Viva las URSAS! Viva la Revolucion! (a) Itararé.

N. da R. — Este boletim, hontem distribuido á todos os jornaes, não foi, entretanto, publicado em nenhum órgão desta capital. Atribue-se esse silencio a uma gratuita campanha encetada por elementos republicanos e extranhos ao nosso meio, contra a popularidade do Inviecto chefe das Forças Revolucionarias em Operações na America do Sul, que, dessa maneira insidiosa, silenciosamente o desmentido, pretendiam malquistalo perante a opinião publica, fazendo-o crer que o esalmado monarcha terminaria compactuado com essa situação que ahí está, accedendo á demanda se batela nas do Continente.

A verdade, porém, sempre apparece.

Si a cidade é o país vivam, hontem momentos de nervosa immisistude, deante do boato não desmentido, hoje, com a divulgação pelas columnas desta folha de nota da Secretaria do Celeste Imperio, que depois de produzimos, retornará á calma. Poderá retornar o ritmo sempre á instabilidade de suas costumeiras occupações.

Rekkord? Nong!

As dikrammos te Berlin estong gondande que uma rabala allemong canhai uma "rekord" te pebbong te zerefecha. Esta sucheide fis ung abosta que elle estava gabais te pebe zerefecha mais licherza te gué gualgués odve pebtor o ankullu suas lidres te zerefecha sómende bra 11 sekundes!

Bucha, tiabo, está ung goise — que tande chende nong está gabals bra falas, mas nois bode fier, gonfidamende, que isto nong está uma "rekord" muntial, bode sé, dalvets, uma rekord allemong (no Alle... manho).

Mas nesta nekoci te pebbong te zerefecha e chopp, se allemong te Alle... manho deng te dirá a sua jabó bra alcumes allemong te Praell!

Esta sus griade Maddias chá fui breende, ungvets, bra ung reunjong te ung meio tucla te rabals allemonga, agul, na Rio, bra faicé uma choga bra vè gueng dá pebe mais licherza nong suas lidres (tuas lidres estong alcumas kólciches...) mas uma parli te 20 lidres!

A kruppa estava gombledado gom as zenhorras noas gombatherres te retakong naguelle dembo: — Franz Becker (aimta hoche), Wilhelm Schmidt, Alexander Franck (boata to noso zeksong chermanique), Eward Backheuser, Fiktor Konder Sikt (andigo ministro te Fiksong) Hubertus Knipping, dudu rabais imberdantes to golonha allemong te Rio.

A noa amigue Fiktor Konder mui gueng canhai a rekord, pebendo uma parli (seng gasko) sómende bra 55 sekundes!!

Esta fui uma rekord muntial que ningung aimta hude canhá, Esta te Alle... manho, que as chornals estong gondande acora, muide atimirrades, está uma rekordcinlho, ung griangsinhe te beido, bra teande ta rekord ta zenhor Konder... Tuas lidres bra 11 sekundes, está uma rekord te prinbuída.

Acora a chende deng que virráz e ticé: — "Praell ueber alles"...

Dr. Costa Pereira e Jurandy Magalhães
Ouvides, Natis e Garganta
Consultorio: Senador Dantas 41. — App. 13 — Telephone: 2-9112. — Diariamente ás 4 h.

To Sand Cadrin
Ingelkzende nois nong deng nada bra esgraté barruma to Sand Cadrin. Barrése que a chende "parigoferde" nong ekate mais! Barrése que as allemong guando veng na Praell nong bengas mais no Alle... manho e nas suas gosdues! Te brimera as parigofertes tions que o dera fluminense estava o dera te ninguens! Acora está o Sand Cadrin! Endong nong deng meanta mais allemong lá? Barrése mesmo que nong a lidra allemong! As praticeres do me gonda to Sand Cadrin, e acora nong deng mais remite senong acundá. Acundá e romé melado com farin, bra nong sé purra!...

A Pasta da Guerra

Uma nota da secretaria do Celeste Imperio, desfazendo boalos tendenciosos

A Secretaria do Celeste Imperio, residencia real de S. M. Itararé I, o Brando, Imperador das URSAS, forneceu, hontem, á tarde, a seguinte nota á imprensa: "Não tem nenhum fundamento o boato vehiculado por amigos e admiradores do sr. marechal-almirante-aviador, que commanda discricionariamente esta folha, propalando a possível nomeação do "condottieri" para occupar a pasta da Guerra.

Si bem que insistentemente instado por pessoas de sua intimidade para que assumisse o referido cargo, podemos asseverar que o bravo revolucionario autentico de maneira alguma quiz acceder aos vehementes apellos de seus fieis vassallos a não ser que fosse directamente convidado pelo ditador.

Estamos certos, entretanto, de que o chefe do Governo Provisorio, conhecendo de perlo os escrúpulos do joven

soberano, não ousará dirigilhe esse convite.

Creemos, por isso, poder asseverar que, contrariamente ao que se afirma nas todas millares, Itararé não irá para o Ministerio da Guerra".

N. da R. — Este boletim, hontem distribuido á todos os jornaes, não foi, entretanto, publicado em nenhum órgão desta capital. Atribue-se esse silencio a uma gratuita campanha encetada por elementos republicanos e extranhos ao nosso meio, contra a popularidade do Inviecto chefe das Forças Revolucionarias em Operações na America do Sul, que, dessa maneira insidiosa, silenciosamente o desmentido, pretendiam malquistalo perante a opinião publica, fazendo-o crer que o esalmado monarcha terminaria compactuado com essa situação que ahí está, accedendo á demanda se batela nas do Continente.

De nopo v'ro ar

Na matta embalsaniada e florida o caboclo expreucos-se no giro toco e rufé, declinando a viola. Na matta divina o indio se embalava na péde sonhando. Mas hoje no Brazil civilizado é o homem moderno que se deita ás vezes, perdido num divino "farniente", sem vontade de erguer-se, tho mario é seu leitão... Ora esse leitão não é a rde de marujó... É o leitão marujoia para o gando ou solteiro... DA CASA Palermo — um prédio! — no Avenida Rio Branco 111.

CASAS DA CRIANÇA
De 500 rs. só até 505
Ruminhas para crianças
T. São Francisco 810

100 contos
LOTERIA DE MINAS GERAES
Extração, ás 4 horas da tarde.

**Título:** “A PASTA DA GUERRA”**Data de publicação:** 11 de junho de 1932 (Ano IV, número 23, pág. 6 – rolo 2, pág. 198)**Linha de apoio:** Uma nota da secretaria do Celeste Império, desfazendo boatos tendenciosos

1 A Secretaria do Celeste Império, residência real de S. M. Itararé I, o Brando, Imperador da  
2 URSAS, forneceu, ontem, à tarde, a seguinte nota à imprensa:

3 “Não tem nenhum fundamento o boato veiculado por amigos e admiradores do sr. marechal-  
4 almirante-aviador, que comanda discricionariamente esta folha, propalando a possível nomeação  
5 do “*condottiere*” para ocupar a pasta da Guerra.

6 Se bem que insistentemente instado por pessoas de sua intimidade para que assumisse o refe-  
7 rido cargo, podemos asseverar que o bravo revolucionário autêntico de maneira alguma quis ace-  
8 der aos veementes apelos de seus fiéis vassalos a não ser que fosse diretamente convidado pelo  
9 ditador.

10 Estamos certos, entretanto, de que o chefe do Governo Provisório, conhecendo de perto os  
11 escrúpulos do jovem soberano, não ousará dirigir-lhe esse convite.

12 Cremos, por isso, poder asseverar que, contrariamente ao que se afirma nas rodas militares,  
13 Itararé não irá para o Ministério da Guerra”.

14 N. da R. – Este boletim, ontem distribuído a todos os jornais, não foi, entretanto, publicado  
15 em nenhum órgão desta capital. Atribui-se esse silêncio a uma gratuita campanha encetada por  
16 elementos republicanos e estranhos ao nosso meio, contra a popularidade do invicto chefe das  
17 Forças Revolucionárias em Operações na América do Sul, que, dessa maneira insidiosa, silenci-  
18 ando capciosamente o desmentido, pretendiam malquistá-lo perante a opinião pública, fazendo-a  
19 crer que o estimado monarca teria mesmo compactuado com essa situação que aí está, aceitando a  
20 direção da pasta da Guerra, justamente no momento em que, com mais denodo e energia, se bate  
21 pela paz do Continente.

22 A verdade, porém, sempre aparece.

23 Se a cidade e o país viveram ontem momentos de nervosa inquietude, diante do boato não  
24 desmentido, hoje, com a divulgação pelas colunas desta folha da nota da Secretaria do Celeste  
25 Império, que acima reproduzimos, retornará à calma e poderá retomar o ritmo sereno e inalterável  
26 de suas costumeiras ocupações.

# Sua Majestade Itararé II (1932-1935)

## Texto 17:

Reprodução da página:

**A MANHA**  
Órgão de propaganda do Rio  
Publica-se às sextas-feiras  
Direção-proprietário:  
**APPORELLX**  
EXPEDIENTE  
Este texto: Jornal sério, não  
vive de expediente. Em todo  
caso, cobra as assinaturas a  
taxa de 10000 por ano.

N. B.—O nosso jornal não  
tem cobrador para as assina-  
turas. O leitor inteligente  
percebe logo que as mesmas  
são pagas adiantadamente.

**CORRESPONDÊNCIA**  
Toda a correspondência: in-  
clutivos valores, deve ser en-  
viada ao nosso querido dire-  
tor, na Praça Floriano, 115  
Edifício do Cinema Odeon, 115  
Edifício São 1195 e 1113,  
Rio de Janeiro.

Telephone: 3-6977

**PREÇO D'A MANHA**  
Na Capital . . . . . 200 réis  
Nos Estados . . . . . 300 réis

Edição de hoje: 8 páginas

**Não aprovou a expe-  
riência**  
Aurora Rocha, solteira, de  
22 annos, tendo brigado com  
uma irmã, comprou numa  
bomba de gasolina um litro  
de álcool-motor e bebeu-o,  
para suicidarse.

Para Aurora não aprovou  
entretanto, a experiência  
com álcool-motor pois o  
seu objectivo era viajar pa-  
ra o outro mundo e o novo  
arburante levou-a apenas  
derrapando até a Assisten-  
cia, onde lançou a carga ao  
mar.

**UM SEGREDO**  
As quedas do Iguaçu têm  
onze metros mais de altura  
do que as famosas cataratas  
do Niagara. Mas isto não con-  
vem espalhar porque si esta  
noticia chega aos ouvidos dos  
nossos presados irmãos ame-  
ricanos elles acabam dando  
um jeito para ficar com  
ellas.

**Napoléon de Alen-  
castro Guimarães**  
Depositaro Judicial da Fran-  
ca de Lloyd Nacional S.A.

**Norte - Sul**  
Linha rapida de passageiros  
Luzes — Conforto —  
Rápidos  
Melhores motores  
Araraquara — Aratiba —  
Araraquara — Aratiba  
**CARQUEINOS**  
Viagens regulares  
Campina — Campina —  
Comé. Castilhos — Victoria —  
Mossara — Fortaleza —  
Itaipu  
**80 CANDELARIA 80**

**A MANHA**

# AS PRIMEIRAS EXPERIENCIAS DO AUTO-GIRO

## O campo dos Affonsos foi theatro de empolganle espectáculo aviatorio

Realizaram-se, ha tres dias,  
no Campo dos Affonsos, as  
experiencias que, pela pri-  
meira vez no Brasil, foram  
feitas com um auto-gyro, de  
propriedade do sr. Antonio  
Seabra, fazendeiro em São  
Paulo.

Na pista daquelle aeródromo, em torno do apparelho, haviam innumeras pessoas gradas, bem como diversos technicos e profissionais do volante aereo.

Como se tratasse de uma machina ainda desconhecida no nosso meio, quando chegou a hora marcada para o voo experimental, notouse entre os aviadores presentes um certo mau estar determinado pela desconfiança que lhes infundia o extranho passaro mecanico, recusando todos a tomar a direcção do vehiculo e escalar as regiões opalcentes da stratosphera.

O sr. Seabra estava já tambem meio encubulado, e aquelle gesto de temeridade musulmana, como que, nesteve a respiração, confundindo já agora o pulsar acelerado dos corações com a trepidação isochronica dos motores de explosão.

Tudo se passou num aprir do sómente quando pérébeu que os motores estavam, faliando por falta de carburante.

A pallidez era geral. Quando, entretanto, o auto-gyro, desceveo elegantissima by parabolo, realizou a aterrissagem, todos, a uma voz, aglomeraram para junto da agulha cor de prata, affim de felicitar e ovacionar o heróico e destemido piloto, que redige esta nota.

Quando todos julgavam encerrar o centro da machella um cavalheiro amarello agitado ainda pelas violentas commoções sporitivas, eis que depararam com um formoso zapagão, alegre, porém discreto, cantando em surdina no volante do auto-gyro, com sotaques nacional, mas, vez argentina:

"Quando esteeen secas las pilias de todos los limbres, que vos apretás... Gira... Gira..."

Foi nesse ambiente de camaradagem e cordalidade que decorreram as primeiras experiencias de auto-gyro em nosso país.

Quando Itararé desceu do aparelho, o sr. Seabra, acompanhado do tenente-aviador Corrêa de Mello, tambem conhecido por "Mello Maluco", nome que lhe vale como uma luva, subiu no auto-gyro, mas não fizeram nem coisa parecida.

Pelo menos foi essa a opinião geral, o que folgamos em registrar.



Dois aspectos da tarde aviatoria de ante-hontem: — em baixo Itararé, ao lado do auto-giro, antes de levantar o voo, em cima, o auto-giro, girando automaticamente, e vendo-se na pá da hélice o grande piloto patricio. No medathão: Itararé

mesmo a vacillar si havia adquirido um auto-gyro ou comprado um bode.

Foi nesse momento exacto que, rodeado duma lustrada turma de cadetes do espaço, surgiu sobre a pelouse verde-garrafa do tradicional campo aviatorio a figura imponentemente marcial do grande piloto aereo marchal-mirante Itararé II, mais conhecido, pelo arrojio inaudito de suas façanhas etheareas e pela audacia irritante de tauro de aluminio e, por isso, discretamente, foi-se avizinhando do condor metalleo, como quem não quer nada, ordenando a um furriel que lhe trouxesse um macacão e um par de oculos opacos.

Fardado de aviador, Itararé, com uma agilidade feli-na saltou para a machella accionando o motor e decollando suavemente em terci-liz.

A assistencia, ao constatar e fechar dolhos, com a rapidez do relampago. Antes mesmo de poder arrancar qualquer exclamação de espanto, em face do quadro que se lhe deparava, novas emoções se apossavam do animo excitado dos circumstantes.

E' que Itararé, debrando o motor, imprimiu ao aparelho originaes movimentos rotatorios, lateraes e de va-tagem, dando a impressão de que o auto-gyro dançava um tango argentino no espaço.

A estupefacção, porém, subiu ao auge, quando o notavel aviador patricio, fazendo o "salto da onça", pulou de costas, para cima e para tras, sobre uma pá da hélice, equilibrando-se na ponta dos calcanhares.

Um cavalheiro idoso, que se achava entre os presentes nesse momento de emoção, rebentou um aneurisma de estimação, que vinha trahendo ha longos annos, não podendo, por esse motivo, assistir ao fim do espectáculo, retirando-se para a sua residencia no Caty.

Nessa contra-dança stratospherica, emocionando até o atorruxamento os presentes, Itararé passou, pelo menos, cinco minutos, desce-

Dois aspectos da tarde aviatoria de ante-hontem: — em baixo Itararé, ao lado do auto-giro, antes de levantar o voo, em cima, o auto-giro, girando automaticamente, e vendo-se na pá da hélice o grande piloto patricio. No medathão: Itararé

mesmo a vacillar si havia adquirido um auto-gyro ou comprado um bode. Foi nesse momento exacto que, rodeado duma lustrada turma de cadetes do espaço, surgiu sobre a pelouse verde-garrafa do tradicional campo aviatorio a figura imponentemente marcial do grande piloto aereo marchal-mirante Itararé II, mais conhecido, pelo arrojio inaudito de suas façanhas etheareas e pela audacia irritante de tauro de aluminio e, por isso, discretamente, foi-se avizinhando do condor metalleo, como quem não quer nada, ordenando a um furriel que lhe trouxesse um macacão e um par de oculos opacos. Fardado de aviador, Itararé, com uma agilidade felina saltou para a machella accionando o motor e decollando suavemente em terci-liz. A assistencia, ao constatar e fechar dolhos, com a rapidez do relampago. Antes mesmo de poder arrancar qualquer exclamação de espanto, em face do quadro que se lhe deparava, novas emoções se apossavam do animo excitado dos circumstantes. E' que Itararé, debrando o motor, imprimiu ao aparelho originaes movimentos rotatorios, lateraes e de va-tagem, dando a impressão de que o auto-gyro dançava um tango argentino no espaço. A estupefacção, porém, subiu ao auge, quando o notavel aviador patricio, fazendo o "salto da onça", pulou de costas, para cima e para tras, sobre uma pá da hélice, equilibrando-se na ponta dos calcanhares. Um cavalheiro idoso, que se achava entre os presentes nesse momento de emoção, rebentou um aneurisma de estimação, que vinha trahendo ha longos annos, não podendo, por esse motivo, assistir ao fim do espectáculo, retirando-se para a sua residencia no Caty. Nessa contra-dança stratospherica, emocionando até o atorruxamento os presentes, Itararé passou, pelo menos, cinco minutos, desce-

**PROMPTO!**  
O tebente commissionado José do Nascimento, que estava sendo processado á revista, por ter dado um desfalque de 180 contos, quando almoxarife-pagador das forças nacionaes em 1930, apresentou-se ás autoridades militares.

Seria mais interessante que se apresentassem os 180 contos, mas disso não ha probabilidade, porque o tenente Nascimento, quando compareceu perante os superiores, bateu ruidosamente um calcanhar no outro e explicou-se, fazendo a continencia:

— Prompto!

**DEPOIS DO CINEMA**  
não deixe de tomar o seu macho legitimo ou seu chá com torradas no **Café Odeon** Em frente ao Monro e ao Alhambra.

**SEMPRE DISTRIBUINDO DINHEIRO A LOTERIA FEDERAL**

Os 200 contos do sortelo relativo ao mes corrente, foram pagos, sob o bilhete n. 5023, metade nesta Capital a uma importante firma commercial que pediu a sua não divulgação e metade em Bello Horizonte, aos senhores Petronio de Araujo, charifista, residente em Av. Afonso Pena 582; Antonio Pinto, á rua Pernambuco 33 e ao Banco de commercio e industria de Minas Geraes.

Na mesma occasião foram pagos mais: 1425 — 20 CONTOS, nesta Capital, ao sr. Emílio de Mello, residente á rua Monsenhor Felix 58, Itaipu.

5722 — 50 CONTOS, nesta Capital, aos srs: Antonio de Mello Fernandes, á rua Gonzaga Restos 17, Villa Isabel; Otto Pippel, á rua Bento Ishaia 46 e um portador que não quis declarar o nome.

74105 — 20 CONTOS, em Victoria, ao sr. Gervasio Amorim, operador, residente em Santa Luzia, Praia Compadia.

53199 — 50 CONTOS, em R. Paulo, aos srs. D. Fernandes & Cia., Pedro Reverte, mecanico e Rosenwald Graciosa, os dñes titulares residentes á rua Castruby 85.

**HOJE**  
Mais um sortelo do vantajoso plano popular. **PREMIO 100 CONTOS**

2º PREMIO — 10 CONTOS  
3º PREMIO — 5 CONTOS  
Além de 4406 prêmios menores no total de 216 contos.  
Bilhete inteiro 100000  
Fracção 10000  
Nas casas de loterias.

**Título:** “AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS DO AUTOGIRO”**Data de publicação:** 12 de novembro de 1932 (Ano IV, número 45, pág. 2 – rolo 2, pág. 368)**Linha de apoio:** O campo dos Afonsos foi teatro de empolgante espetáculo aviatório

1 Realizaram-se há três dias, no Campo dos Afonsos, as experiências que, pela primeira vez no  
2 Brasil, foram feitas com um autogiro, de propriedade do sr. Antônio Seabra, fazendeiro em São  
3 Paulo.

4 Na pista daquele aeródromo, em torno de aparelho, haviam inúmeras pessoas gradas, bem  
5 como diversos técnicos e profissionais do volante aéreo.

6 Como se tratasse de uma máquina ainda desconhecida no nosso meio, quando chegou a hora  
7 marcada para o vôo experimental, notou-se entre os aviadores presentes um certo mau estar de-  
8 terminado pela desconfiança que lhes infundia o estranho pássaro mecânico, recusando todos a  
9 tomar a direção do veículo e escalar regiões opalescentes da estratosfera.

10 O sr. Seabra estava já também meio encabulado, mesmo a vacilar se havia adquirido um au-  
11 togiro ou comprado um bonde.

12 Foi nesse momento exato que, rodeado duma luzida turma de cadetes do espaço, surgiu sobre  
13 a pelouse verde-garrafa do tradicional campo aviatório a figura imponentemente marcial do gran-  
14 de piloto aéreo marechal-almirante Itararé II, mais conhecido, pelo arrojo inaudito de suas faç-  
15 nhas etéreas e pela audácia irritante de suas acrobacias malabarísticas, por “Itararé Maluco”.

16 O valoroso caudilho de azul, com aquela visão psicológica que tanto o caracteriza, percebeu  
17 no ar que ali não havia homem capaz de cavalgar aquele centauro de alumínio e, por isso, discre-  
18 tamente, foi-se avizinhando do condor metálico, como quem não quer nada, ordenando a um fur-  
19 riel que lhe trouxesse um macacão e um par de óculos opacos.

20 Fardado de aviador, Itararé, com uma agilidade felina, saltou para a nacele, acionando o mo-  
21 tor e decolando suavemente em terceira.

22 A assistência, ao constatar aquele gesto de temeridade muçulmana, [...] deteve a respiração,  
23 confundindo já agora o pulsar acelerado dos corações com a trepidação isocrônica (sic) dos moto-  
24 res de explosão.

25 Tudo se passou num abrir e fechar de olhos, com a rapidez do relâmpago. Antes mesmo de  
26 poder arrancar qualquer exclamação de espanto, em face do quadro que se lhe deparava, novas  
27 emoções se apossavam do ânimo excitado dos circunstantes.

28 É que Itararé, debreando o motor, imprimiu ao aparelho originais movimentos rotató-  
29 rios, laterais e de vai-e-vem, dando a impressão de que o autogiro dançava um tango argen-  
30 tino no espaço.

31 A estupefação, porém, subiu ao auge, quando o notável aviador patricio, fazendo o “salto da  
32 onça”, pulou de costas, para cima e para trás, sobre uma pá da hélice, equilibrando-se na ponta  
33 dos calcanhares.

34 Um cavalheiro idoso, que se achava entre os presentes, nesse momento de emoção, rebentou  
35 um aneurisma de estimação, que vinha tratando há longos anos, não podendo, por esse motivo,  
36 assistir ao fim de espetáculo, retirando-se para a sua residência no Caju.

37 Nessa contra-dança estratosférica, emocionando até o afrouxamento os presentes, Itararé pas-  
38 sou, pelo menos cinco minutos, descendo somente quando percebeu que os motores estavam fa-  
39 lhando por falta de carburante.

40 A palidez era geral. Quando, entretanto, o autogiro, descrevendo elegantíssima hipérbole,  
41 realizou a aterrissagem feliz, todos, à una voce (sic), acorreram para junto da águia cor de prata, a  
42 fim de felicitar e ovacionar o heróico e destemido piloto, que redige esta nota.

43 Quando todos julgavam encontrar dentro da nacele um cavalheiro amarelo, agitado ainda pe-  
44 las violentas comoções esportivas, eis que deparam com um formoso rapagão, alegre, porém dis-  
45 creto, cantando em surdina no volante do autogiro, com sotaque nacional, mas voz argentina:

46 “Cuando esteen secas las pillas de todos los timbres, que vos apretás... Gira... Gira...”

47 Foi nesse ambiente de camaradagem e cordialidade que decorreram as primeiras experiências  
48 do autogiro em nosso país.

49 Quando Itararé desceu do aparelho, o sr. Seabra, acompanhado do tenente-aviador Correia de  
50 Mello, também conhecido por “Mello Maluco”, nome que lhe vai como uma luva, subiu no auto-  
51 giro, mas não fizeram nem coisa parecida.

52 Pelo menos foi essa a opinião geral, o que folgamos em registrar.

**Texto 18:**

Reprodução da página:

**CANDIDATO A' CONSTITUINTE!**

Itaráre deixará temporariamente a direcção desta folha?



O sr. G. G. Tulio Vargas, indigitado como substituto legal desta grande arrotatice

Tem causado certo alvoroço nos corredores desta redacção, despertando os mais variados commentarios, o boato, propagado, aliás, por gente idônea, de que S. M. Itaráre II, imperador das URSAS, concertou, com a Liga Monarchica do Paraná (Patrianovistas) uma formal alliança politica, afim de se candidatar a um assento na proxima Constituinte, não lhe importando, como interaccionalista que é, a representação de qualquer Estado, fazendo, apenas, questão de parâmetro o assento.

Interrogado por alguns correspondentes de jornais estrangeiros, sobre a veracidade dessa noticia, Itaráre limitou-se a sorrir, respondendo com evasivas e declarando que absolutamente não deseja pleitear nenhum cargo electivo, preferindo viver, como vive, no coração do povo, que sabersá indicar, com independencia, os seus legítimos representantes.

Assediado pela nossa reportagem, porém, o augusto monarcha, que dirige discricionariamente este popular quintaferrino, não conseguiu fugir a cerrado interrogatorio, confessando, sob reserva, que não é candidato, mas instado por amigos a quem nada podia negar, nada havia consentido em que elles, por sua conta e risco, o apontassem ao suffragio dos seus subditos.

Confirmando essa resolução, conseguimos ainda saber que Itaráre se afastará temporariamente da direcção desta folha, afim de se desincompartibilizar, de accordo com o Código Eleitoral vigente, passando o exercicio do cargo de director-redactor-chefe-interventor a seu substituto legal sr. G. G. Tulio Vargas, ora commissinado num alto posto provisório do governo.

**EMPRESTIMOS HYPOTHECARIOS**  
**CONSTRUCÇÕES DE CASAS**

Os empréstimos mais economicos. Os juros mais modicos. A curto ou longo prazo, á vontade do devedor. As maiores facilidades de amortização sem multa de nenhuma especie.

**Empréstimos concedidos 130.000:000\$000**

**"LAR BRASILEIRO"**

Associação de Crédito Hypothecario.  
RUA DO OUYIMOR, 90/94 (EDIFICIO PROPRIO)  
RIO DE JANEIRO

**Nós, Barão de Itaráre, Imperador dos Ursos**

Considerando que é pouco esthetico, cavalheiro sem cambuzas. Considerando que custa um tempo o dever de defender a propria saúde

**ORDENAMOS**

que futuramente só será consumido o cavatheiro quem usar cambuzeta e as suas cambuzas legítimas de

**Crépe de Santé**  
**TOSBERG**

**QUEM NÃO CHORA** **AMANHÃ** **NÃO MAMA**

ANNO. V RIO, 6 DE MARÇO DE 1933 N. 2

**A's portas da Constituinte!**

**As bases duma nova politica e as esperanças que desperta o Partido Economista**

**Pelo Dr. Jayme de Vasconcellos**  
(Director d' "O Economista", natural do Ceará)

A arrancada épica de 3 de outubro implantou, de facto, no Brasil, as bases de uma nova era politica.

Os partidos, representando as mais variadas correntes de opinião, surgem e multiplicam-se assombrosamente do dia para a noite.

Este jornal, cuja missão precípua é a de orientar e doutrinar as multidões, agora, que nos achamos ás portas da Constituinte, sente-se no dever de guiar o cidadão neo-republicano, deante da diversidade de partidos e da confusão dos espiritos, até ao reduto seguro, que mais convem aos seus interesses de patria extremada e revolucionario historico.

Em face da crise alarmante que avassalla o mundo inteiro e que acaba de estourar como uma pedrada no pavilhão auricular dos Estados Unidos, é de bom aviso chamar a attenção dos homens sensatos e dos chefes de familia exemplar, para a necessidade urgente de apertar as cordões da bolsa e pôr em pratica a divisa de Wenceslau Braz, o thesoureiro, quando, no tempo das vacas gordas e das espigas recolhidas, proclamava: "Partomonia nos gastos".

Nesta cruel emergencia, não ha dois caminhos a seguir.

O Partido Economista está fundado e, portanto, só é perulário quem quer.

— Mas, — perguntará o heróico e talentoso leitor — qual a finalidade dessa novel instituição partidaria?

E eu vos direi, no emtanto, que basta ler-lhe o programma para saber do que se trata.

Pouco de laço as idéas secundarias e a parte litteraria que exornam a fachada do precioso documento, o cerne, isto é, a idéa-mestra constitue uma bussola precisa para guiar, com segurança o peregrino audaz através do maremagnum deste valle de lagrimas.

Soluções claras. O objectivo do Partido Economista, como indica o proprio nome, é o de promover e incentivar o espirito de economia, em todos os domínios da vida quotidiana, ministrando conselhos a seus associados e instituindo-nos em pratica para atingir o escope collimado.

Dentro dos canones da moral partidaria, a economia é uma virtude que deve ser exercida, mesmo á custa de sacrificios.

Cada membro dessa novel



**Dr. Jayme de Vasconcellos**  
Instituição partidaria, assim, tem por obrigação não se deixar levar no embrulho, deves

do discutir, no balaço, a principio com bons modos, e apresentando mesmo certa humildade, o preço das mercancias de que necessita para o seu sustento e o da sua numerosa próle. Quando, porém, chegar a vez de se explicar ali no contado o economista militante de posse dos productos adquiridos nunca deverá parar mais da metade do preço estipulado pelo mercador, dando o assumpto como liquidado e assumindo todas as responsabilidades decorrentes de sua activa attitude.

O economista militante e pundonoroso só se conformará com o preço interral que lhe fiser o mascate, no caso em que este esteja agindo de boa fé e lhe entregue tudo no fiado.

Impõe-se ainda, como dever do economista em exercicio de seus plenos direitos politicos, a prorrogação, de moto-proprio (auto-moratoria), sine-die, das satisfações dos compromissos assumidos, justificando-se com decencia perante os cadáveres do seu procedimento e apresentando intelligentemente argumentos plausiveis, como por exemplo, a falta absoluta de numerario e impossibilidade transitoria da aquisição de fundos, pois, os bancos não estão operando no momento.

São estas, em synthese, as directivas que nos aponta o Partido Economista, o mais aconselhavel nas vespéras do grande pleito que tem por fim escolher os interpretes das verdadeiras aspirações nacionaes.

Doutra forma, aliás, não se comprehende que alguém possa realizar economias, burlando, portanto, as altas e patrioticas finalidades do partido.

Alfistae-vos, pois, revolucionarios authenticos!

Um hespanhol, chegado do Chaco Boreal, onde actualmente combatem encarnadamente paraguayos e bolivianos, informa que é tamanha a quantidade de cadáveres insepultos naquella região que os nubus decidiram só comer de capião para cima, desprezando as partes inferiores e solidos rascos.

Um lindo presente, que seja uma verdadeira joia e, ao mesmo tempo, uma joia verdadeira V. S. poderá encontrar na

**Joalheria Aurea**

**Raphael Quaresma**  
**OUVIDOR 124**  
RIO DE JANEIRO

**CASCATINHA**

Antes de beber a **CASCATINHA** da HANSEATICA



**Título:** “CANDIDATO À CONSTITUINTE!”

**Data de publicação:** 09 de março de 1933 (Ano V, número 9, pág. 8 – rolo 2, pág. 508)

**Linha de apoio:** Itararé deixará temporariamente a direção desta folha?

1        Tem causado certo alvoroço nos corredores desta redação, despertando os mais variados co-  
2 mentários, o boato propalado, aliás, por gente idônea, de que S. M. Itararé II, imperador das UR-  
3 SAS, concertou com a Liga Monárquica do Paraná (Patrianovistas) uma formal aliança política, a  
4 fim de se candidatar a um assento na próxima Constituinte, não lhe importando, como internacio-  
5 nalista que é, a representação de qualquer Estado, fazendo, apenas, questão de garantir o assento.

6        Interrogado por alguns correspondentes de jornais estrangeiros sobre a veracidade dessa notí-  
7 cia, Itararé limitou-se a sorrir, respondendo com evasivas e declarando que absolutamente não  
8 deseja pleitear nenhum cargo eletivo, preferindo viver, como vive, no coração do povo, que sabe-  
9 rá indicar, com independência, os seus legítimos representantes.

10       Assediado pela nossa reportagem, porém, o augusto monarca, que dirige discricionariamente  
11 este popular quinta-ferino, não conseguiu fugir ao cerrado interrogatório, confessando sob reserva,  
12 que não é candidato, mas instado por amigos a quem nada podia negar, nada havia consentido em  
13 que eles, por sua conta e risco, o apontassem ao sufrágio dos seus súditos.

14       Confirmando essa resolução, conseguimos ainda saber que Itararé se afastará temporariamen-  
15 te da direção desta folha, a fim de se desincompatibilizar, de acordo com o Código Eleitoral vi-  
16 gente, passando o exercício do cargo de diretor-redator-chefe-interventor a seu substituto legal, sr.  
17 G. Túlio Vargas, ora comissionado num alto posto provisório do governo.

**Texto 19:**

Reprodução da página:

**A MANHA**

# Primo Carnera virá para o Brasil

## O notável boxeador calabrez vae abandonar o "ring" para empregar-se num escriptorio



Primo Carnera, campeão do mundo, se converte da Itararé, aceitando o lugar que lhe foi oferecido na administração desta folha.



duas vezes, devido ao mau tempo.

Hontem, pela manhã, porém, com o auxilio de seu aparelho de televisão synchronizada, S. M. Itararé II, o Brandão, imperador das URNAS e proprietario integral deste importante arrrotativo, conseguiu falar com o celebre campeão mundial, firmando com elle importante contrato, em virtude do qual, vencedor ou vencido, Primo Carnera deverá vir para o Rio, afim de assumir um alto cargo de confiança, junto á administração da nossa prospera empresa.

Conforme conseguimos saber, Primo Carnera foi convidado por Itararé e aceitou o convite para chefiar o Departamento de Contas Incobráveis d' "A MANHA", devendo tomar posse do cargo e entrar em actividade logo que chegar a esta capital.

Por uma deferencia especial de Itararé para com a nossa folha, estampamos nesta pagina dois instantaneos que reproduzem aspectos da palestra radio-photo-telephonica mantida entre o sabio



S. M. Itararé II, no seu appo lingo radio-photo-telephonico, communicando-se com Primo Carnera.

A hora em que encerramos os trabalhos da presente edição, ainda não haviamos recebido a noticia do resultado do sensacional match de box, marcado para hontem á noite, em Miami, entre o gigante italiano Primo Carnera e o mastodonte ame-

ricano Tommy Loughran. Apesar de estarmos com os nossos modernos e possantes aparelhos de onda curta, em constante contacto com a America do Norte, não conseguimos uma informação positiva a respeito desse encontro, que, aliás, já foi adiado

monarcha e o pugilista calabrez na manhã de hontem e através da qual pôde-se apreciar a maravilhosa perfeição a que já attingiu esse surpreendente meio de comunicação entre os homens. O convite dirigido por Itararé a Primo Carnera

para cobrador official desta empresa, obedece a um vasto plano de "reajustamento economico", devendo nelle collaborar todas as pessoas fracas, que dispõemham de certos recursos financeiros e que, opportunamente, receberão a gentil visita do gigante.

Perseguir a nota

"Ha dias os jornaes noticiaram que um cidadão do suburbio que tivera a ventura de tirar trinta contos na Loteria Federal, fóra victima dum larapio que lhe roubou 28 contos e novamente teve a felicidade de reaver toda a mascada, graças a um habil serviço policial.

Essa historia autentica mostra que a for na bafejou duas vezes o cidadão jacarépeguense e, portanto, pôde muito bem favorecer a cada um de nós, ao mémos uma vez. Ninguem deve, pois, deixar de se habilitar semanalmente com um bilhete da Loteria Federal, que corre ás quartas e sabados, distribuindo popudos premios. Para amanha, por exemplo, está annunciado um plano daqui (o leitor, nesta altura, puxa a pontinha da orelha).

## Ultima hora sportiva

NO MOMENTO EXACTO EM QUE ENCERRAVAMOS OS TRABALHOS DA PRESENTE PAGINA, O NOSSO TELEPHONE INTERNATIONAL TILINTOU ESTREPITOSAMENTE.

O REDACTOR DE PLANTÃO, CAMBALEANDO DE SOMNO, POR TER BEBIDO MEIA GARRAFA DE PARATY, COM GOMMA, APPLICOU O MICROPHONE SOBRE O PAVILHÃO AURICULAR E CONSEGUIU OUVIR UM COMUNICADO EM INGLES DO NOSSO CORRESPONDENTE ESPECIAL.

Quer ter as mais gratas emoções sportivas? FREQUENTE SEMPRE o

### Electro-Ball

Rua Viso, Rio Branco, 51.

EM MIAMI, INFORMANDO-O QUE O NOSSO DISTINCTO COMPANHEIRO DE TRABALHO SR. PRIMO CARNERA VENCEU O SEU ANTAGONISTA JIMMY LAUGHRAN, POR PONTOS, NO 15º ROUND.



**Methode de Inglez pratico**

Systema Prof. Mac. Leon Reilly, Inglez, o methos para ensino rapido, facil e original. Grammatica por meio de dialogos, tambem em frances. CURSO COMMERCIAL E TACHYGRAPHIA UNIVERSAL, MELHOR METHODO DO MUNDO.

Praca Floriano 35 — 9.º andar  
Casa Allemã-Cinelandia

EM VIRTUDE DESSA VICTORIA, ORGANIZOU SE, DE IMPROVISO, NOS CO RREDORES DESTA REDACCAO UMA ENTHUSIASTICA MARCHA-AUX-FLAMBEAUX EM HOMENAGEM AO NOSSO QUERIDISSIMO COMPANHEIRO DE JORNADA.

AO ENCERRARMOS DEFINITIVAMENTE OS TRABALHOS DA PRESENTE EDICAO, AINDA SE BEBIA COM VONTADE, MAS NAO SE MARCHAVA MAIS.

NAS IMMEDIACOES DA NOSSA TENDA ARABE DE TRABALHO, NOTAVASE NA PENUMBRA VULTOS SUSPEITOS DE POLICIAES, QUE TENTAVAM CONFRTERNIZAR COM O POVO.

E POSSIVEL QUE AINDA DEMOS UMA 3ª EDICAO.

**"REX"**

e

**LUXUOSO CINEMA DO CARIOCA ELEGANTE**

EXIBIRA SEGUNDA-FEIRA, 5, O FORMIDAVEL FILM DA "UNIVERSAL"

**"Entre dois amores"**

COM LEILA HYAMS E ROBERT YOUNG

**Título:** “PRIMO CARNERA VIRÁ PARA O BRASIL”

**Data de publicação:** 02 de março de 1934 (Ano VI, número 4, pág. 4 – rolo 2, pág. 857)

**Linha de apoio:** O notável boxeador calabrês vai abandonar o “ring” para empregar-se num escritório

1           À hora em que encerramos os trabalhos da presente edição, ainda não havíamos recebido o  
2 resultado do sensacional *match* de boxe, marcado para ontem à noite, em Miami, entre o gigante  
3 italiano Primo Carnera e o mastodonte americano Tommy Loughran.

4           Apesar de estarmos com os nossos modernos e possantes aparelhos de onda curta, em cons-  
5 tante contato com a América do Norte, não conseguimos uma informação positiva a respeito des-  
6 se encontro que, aliás, já foi adiado duas vezes, devido ao mau tempo.

7           Ontem, pela manhã, porém, com o auxílio de seu aparelho de televisão sincronizada, S. M.  
8 Itararé II, o Brando, imperador das URSAS e proprietário integral deste importante arrotativo,  
9 conseguiu falar com o célebre campeão mundial, firmando com ele importante contrato, em virtu-  
10 de do qual, vencedor ou vencido, Primo Carnera deverá vir para o Rio, a fim de assumir um alto  
11 cargo de confiança junto à administração da nossa próspera empresa.

12           Conforme conseguimos saber, Primo Carnera foi convidado por Itararé e aceitou o convite  
13 para chefiar o Departamento de Contas Incobráveis d’“A MANHA”, devendo tomar posse do  
14 cargo e entrar em atividade logo que chegar a esta capital.

15           Por uma deferência especial de Itararé para com a nossa folha, estampamos nesta página dois  
16 instantâneos que reproduzem aspectos da palestra rádio-foto-telefônica mantida entre o sábio mo-  
17 narca e o pugilista calabrês na manhã de ontem e através da qual pode-se apreciar a maravilhosa  
18 perfeição a que já atingiu esse surpreendente meio de comunicação entre os homens.

19           O convite dirigido por Itararé a Primo Carnera para cobrador oficial desta empresa,  
20 obedece a um vasto plano de “reajustamento econômico”, devendo nele colaborar todas as  
21 pessoas fracas, que disponham de certos recursos financeiros e que, oportunamente, rece-  
22 berão a gentil visita do gigante.

Texto 20:

Reprodução da página:

Humor Sveta

# A MANHA

DIRECCAO DE APPORELLY

1.º ANO VII

Rio de Janeiro, Sábado, 26 de Outubro de 1935.

## Favella dos meus amôres

O grande film nacional que está sendo exhibido no Alhambra



Carmen Santos e Itararé, numa scena extra de "Favella dos meus amôres"

Já está na segunda semana de exhibição, no coran do Alhambra, o film curiosa "Favella dos meus amôres", que tem como protagonista a estrela nacional Carmen Santos e que teve como director artistico o conhecido tecnico cinematographico Humberto Mauro.

"Favella dos meus amôres", antes de tudo, representa um grande esforço no sentido de tornar realidade o tentado sonho do cinema brasileiro.

Itararé, reconhecendo a heroica lucta que tiveram que enfrentar os artistas patrióticos, como prova de estimulo e encitamento, consentiu em posar, democraticamente, ao lado de Carmen Santos, numa scena de alta cinematographia, com collarinho de celluloides.

Clark Gable, de passagem, antehontem, pelo nosso porto, teve oportunidade de apreciar a sobria elegancia e

discreta conducta do nosso nobre galã deante da objectiva e não poude disfarçar um gesto de incantido despeito e insupitado ciuime...

Depois que posou no lado de Carmen Santos, Itararé não tem tido descanso, tal o assedio que lhe vem fazendo o bello sexo, pedindo-lhe autographos e marcando-lhe entrevistas.

Uma moça loira, que, burlando a vigilancia dos nossos studios, conseguiu chegar á presenca de Itararé, teve um deliquio erotico, tal a emoção que sentiu deante do irresistivel cineasta.

Senhoras casadas, como que tomadas de subita paixão, têm-lhe feito vantaçosas propostas de bigamia, que o distincto galã, pensando bem as suas responsabilidades sociais - as despesas inevitaveis que acompanham sempre taes aventuras, tem sabido repellir com delicadeza e energia.

### UM LOUCO DE JUÍZO

Os jornaes noticiariam que o governador Malcher, do Pará, foi visitar o Hospital de Alienados de Belém. Nessa occasião, um dos enfermos mentaes, recolhido naquelle estabelecimento, dirigiu-se a elle em attitude aggressiva.

Quando, porém, os circumstantes julgaram que o demente iria effectivar a aggressão, o asyldado, tomado de grande exaltação, gritou, a plenos pulmões: "Morra o major Barata! Viva o Malcher!"

O louco, depois disso, ficou em observação, estando os psichiatras convencidos de que não se trata de um desequilibrado, mas sim dum individuo de grande sensibilidade e com altas qualidades para vir occupar ainda altos cargos no patz.

### A inefficacia dos bombardeios aereos

#### O general De Bono explica os motivos do insuccesso da aviação italiana

ROMA, 25 — (Hóvas) — Apesar das severas instruções officiaes para se evitar certos comentarios sobre a guerra na Africa Oriental, era indisturável o mau estar que se vinha notando nas altas espheras governamentais, com relação ao completo insuccesso da famosa aviação italiana nas operações contra os abyssinios.

Soubese, agora, que o proprio Duce, não podendo por mais tempo occultar o seu descontentamento, resolveu interpellar o general De Bono, commandante supremo das forças expedicionarias.

A resposta do quartel-general da Africa não se fez esperar por muito tempo.

Firmado pelo proprio gene-

CHES UNIVERSAL apresenta

## O'NEGUS' QUE TINHA "ARMÁ BRANCA"

(The Negus Negus! no quart 2)

A SUPER-PRODUCCÃO DO ANNO

### SEI-LA-SI-É MOÇO LINO ITALIA INFAUSTA

## Uma farrá por dez tostões!

E toda a familia entra no brinquedo...

Este mundo ainda tem as suas grandes compensações, para contrabalançar as agruras e atribulações da existencia.

Nesta epoca em que a vida está pela hora da morte, a Feira Internacional de Amostras do Rio de azeiro representa para um chefe de familia exemplar um bello presente cahido dos ceus.

De facto, ali toda a familia encontra distrações. As meninas podem ir de beijo ao cinema no ar livre, onde são exhibidos os melhores films da actualidade. Os rapazes po-

ral De Bono, Mussolini acaba de receber um communicado synthetico, mas que explica plenamente as razões da inefficacia dos bombardeios aereos.

O referido despacho é concebido nos seguintes termos: "Os abyssinios não servem para alvos, porque são pretos".

dent entrar de carona no Stadio Brasil, onde irão apreciar luctadores muito superiores aos que se degladiam na Camara Municipal.

As crianças, por sua vez, vão delirar na montanha russa, na roda monstro, na autopista ou no chicote queimado.

Enquanto isso os velhos percorrem os lindos pavilhões, onde se expõem os productos das nossas industrias e o que de melhor nos envia d estrangeiro para o nosso conforto.

E tudo isso alternado com boas musicas, executadas pela Banda Portuguesa ou transmitidas por possantes alto-fallantes das estações de rádio.

E quanto custa isso? Por quanto sae essa brincadeira? Deve custar os olhos da cara...

Quá! Quá! Quá!... Não me façam rir, com esse preço ridiculo de dez tostões por cabeça...

## AS DELICIAS DO LAR

Por Dante Quinterno

**Título:** “FAVELA DOS MEUS AMORES”

**Data de publicação:** 26 de outubro de 1935 (Ano VII, número 20, pág. 8 – rolo 3, pág. 150)

**Linha de apoio:** O grande filme nacional que está sendo exibido no Alhambra

1 Já está na segunda semana de exibição no serão do Alhambra, o filme carioca “Favela dos  
2 meus amores”, que tem como protagonista a estrela nacional Carmen Santos e que teve como  
3 diretor artístico o conhecido técnico cinematográfico Humberto Mauro.

4 “Favela dos meus amores”, antes de tudo, representa um grande esforço no sentido de tor-  
5 nar realidade o torturado sonho do cinema brasileiro.

6 Itararé, reconhecendo a heróica luta que tiveram que enfrentar os artistas patricios, como pro-  
7 va de estímulo e incitamento, consentiu em posar, democraticamente, ao lado de Carmen Santos,  
8 numa cena de alta cinematografia, com colarinho de celulóide.

9 Clark Gable, de passagem, anteontem, pelo nosso porto, teve a oportunidade de apreciar a  
10 sóbria elegância e discreta conduta do nosso nobre galã diante da objetiva e não pôde disfarçar um  
11 gesto de incontido despeito e insopitado ciúme...

12 Depois que pousou ao lado de Carmen Santos, Itararé não tem tido descanso, tal o assédio  
13 que lhe vem fazendo o belo sexo, pedindo autógrafos e marcando-lhe entrevistas.

14 Uma moça loira, que, burlando a vigilância dos nossos estúdios, conseguiu chegar à pre-  
15 sença de Itararé, teve um delíquio erótico, tal a emoção que sentiu diante do irresistível cineasta.

16 Senhoras casadas, como que tomadas de súbita paixão, têm-lhe feito vantajosas propostas  
17 de bigamia, que o distinto galã, pesando bem as suas responsabilidades sociais, e as despesas ine-  
18 vitáveis que acompanham sempre tais aventuras, tem sabido repelir com delicadeza e energia.

## ANEXO B – Cronologia biográfica ilustrada de Apparício Torelly (1895-1971)

### 1895

**A**pparício Torelly nasce no dia 29 de janeiro, dentro de uma diligência que rodava pelo interior do Rio Grande do Sul, perto da fronteira com o Uruguai. O próprio Apparício assim descreve o seu nascimento (SSÓ, 1984, p. 26):

Naquele tempo, quando ainda havia restos da Colônia Cisplatina por toda parte, uma viagem de Rio Grande ao Uruguai era uma aventura; mas minha mãe queria ter o parto na fazenda do meu avô. Meus pais tomaram um navio e foram a Jaguarão. Dali, em balsa, passaram para Artigas e, de lá, até a fazenda do meu avô, viajaram de diligência. No meio do caminho, uma das rodas se partiu e houve um tremendo choque. Minha mãe levou um susto, e eu vim ver, de curioso, o que é que estava acontecendo. Tive sorte. Perto, havia um rancho com uma parteira, que também era cartomante. Ajudou no parto e de lambuja tirou a sorte e fez profecias. Mas não lembro de nada.

### 1896

**A**pparício é batizado no dia 23 de setembro na Capela de Nossa Senhora do Carmo em Rio Grande. “Os padrinhos foram seu tio por parte de pai, Firmino da Silva Torelly, e sua esposa, D. Albertina Pinto Torelly” (FIGUEIREDO, 1987, p. 16).

### 1897

**M**aria Amélia Brinkerhoff Torelly, mãe de Apparício, suicida-se. O pai, João da Silva Torelly, que perdera um braço lutando ao lado dos maragatos na Revolução Federalista (1893-1895), não tinha como cuidar sozinho do menino. Por isso, enviou-o para a fazenda do avô materno, Juan Brinkerhoff, no Uruguai, onde ficou sob cuidado das tias. Décadas depois, Apporelly afirmou que este foi um período muito importante para a sua formação:

O homem é o produto do meio, não? Eu bisbilhotava por tudo, mexia nas revistas inglesas do meu avô e vivia em contato com a natureza. Aprendi primeiro o espanhol. Meus primeiros amigos foram o cachorro Talismã e um petiço zaino-pampa, que meu avô me deu. O petiço me obedecia cegamente, só me levava para onde eu queria. Hoje eu compreendo que o meu petiço seguia o ditado: amor com amor se paga. (SSÓ, 1984, p. 27; FIGUEIREDO, 1987, p. 18).

### 1902

**V**oltou para Rio Grande com o pai, que “o ensinou pela má vida que levou. Homem duma violência incrível, maragato doente, odiava os pica-paus. [...] Meu pai era mais louco do que eu.”, disse Apporelly (SSÓ, 1987, p. 27). Segundo Figueiredo (1987, p. 17-18), João Torelly era um “antigovernista ferrenho”, que educara o filho “de acordo com sua índole e, a princípio, não permitia mesmo que o garoto desse um simples bom-dia a qualquer funcionário do Governo, por mais humilde que fosse”.



Ao centro, os irmãos Apparício e Gumercindo Saraiva, líderes maragatos da Revolução Federalista, posando para uma foto em 1893. O primeiro, cujos feitos e coragem marcaram o imaginário dos gaúchos, foi inspiração para o nome escolhido por João Torelly para o filho (FIGUEIREDO, 1987, p. 17).

## 1905

O padrinho, Firmino Torelly, tomou para si a responsabilidade de educar o jovem Appareício. Firmino, diferente do irmão, tivera outra formação. Advogado, tendo inclusive estudado em Paris, conseguiu autorização de João Torelly para levar o menino a São Leopoldo, onde ficaria como interno no Colégio Nossa Senhora da Conceição (que evoluiria até tornar-se, em 1969, a Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS), tutelado à Ordem dos Jesuítas no sul do Brasil.

## 1906

Ingresa como interno no Colégio Nossa Senhora da Conceição no dia 15 de abril. A partir de então, sua vida “se dividia entre o colégio durante o período de aulas e a cidade de Rio Grande, onde passava as férias com o pai” (FIGUEIREDO, 1987, p. 21). Consta que foi um bom aluno:

Nos dois primeiros anos no colégio – 1907 e 1908 –, foi o primeiro da classe e em 1911, o segundo. Por diversas vezes, conseguiu o primeiro lugar em Português, Francês, Alemão, Inglês, além de menções honrosas em Latim, Religião e também nas disciplinas ligadas à música, como Orquestra, Canto e Banda, da qual participava tocando trombone. De outras atividades extraclasse não sabemos se tomava parte. Mas, pelo menos quanto ao futebol, sabe-se que um certo Apporelly, de acordo com a súmula de uma partida entre o Internacional e o time do Conceição, jogou como centroavante, ajudando seu time a vencer por 4 x 2 no dia 13 de agosto de 1911 (p. 20).

No colégio, Appareício também fazia teatro, “imitando os alemães da colônia pros próprios alemães da colônia” (SSÓ, 1984, p. 28).

## 1909

Apporelly lança a primeira publicação de sua autoria, uma espécie de jornal de um só exemplar intitulado *O Capim Seco*. Todo escrito à mão, o jornalzinho era veiculado passando de mão em mão. Na capa trazia um poema intitulado ‘O Carço’, junto a um desenho de uma cobra de batina em ‘homenagem’ ao padre-reitor conhecido entre os alunos como ‘Jararaca’. O poema “descrevia de maneira grandiloquente a ira de um dos jesuítas [...] diante de um mísero carço de ameixa atirado do dormitório para o lavatório, na mais absoluta violação de todos os regulamentos: era proibido comer no dormitório e o lavatório devia estar sempre impecavelmente limpo” (FIGUEIREDO, 1987, p. 21). A história termina com a apreensão da tiragem de apenas um exemplar de *O Capim Seco*, que, pelo que se saiba, não voltou mais a circular.

## 1911

Deixa o colégio após completar o 5º ano ginasial. Se tivesse prosseguido até completar o sexto ano, receberia o título de bacharel em letras. “A intenção inicial de Apporelly era seguir a carreira de advogado, mas por influência da família, acabou se matriculando na Faculdade de Medicina de Porto Alegre” (FIGUEIREDO, 1987, p. 22).



Fonte: acervo Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo

A partir do início do século, a exemplo de São Paulo e Rio de Janeiro, Porto Alegre passou a sofrer um rápido processo de urbanização, com a ampliação de diversos serviços públicos, como o fornecimento de água encanada, iluminação, transporte, educação, policiamento, saneamento e assistência social. Segundo estimativa do IBGE, entre 1900 e 1920, a população da cidade saltou de 73.647 para 179.263 habitantes.

## 1912

Na verdade, inicialmente ingressou na Faculdade de Farmácia, vindo a mudar depois para a Medicina. Em Porto Alegre, o que menos fez foi estudar. Suas peripécias, seja na faculdade, seja participando do movimento estudantil, ou então freqüentando as rodas de boemia da cidade, faziam de Apporelly um dos expoentes entre os jovens cuja principal ocupação era se divertir e chocar a sociedade da época:

Devido a atrasos no aluguel, viveu numa pensão pra outra. Ficou mais tempo numa da rua Uruguai, num quartinho que ele dividiu em peças (entrada, sala de visitas, sala de jantar, quarto e banheiro) desenhadas no assoalho com giz. Naturalmente, avisava aos visitantes a não fazerem como os fantasmas: atravessar as paredes. Na sala, um Renoir de giz autêntico. Ao lado da cama, um espelho do melhor cristal que um giz podia dar, onde o Apparício se admirava (SSÓ, 1984, p. 34).



Fonte: Almanaque para 1949 (reedição 2002)

Uma rara fotografia de Apparício Torelly nos anos 1910 (ANDRÉ, 2004, p. 267).

## 1916

Passou a colaborar com sonetos e artigos para algumas publicações de Porto Alegre, como o jornal *Última Hora*, e as revistas *Kodak* e *A Máscara*. Alguns dos poemas escritos nesse tempo acabaram reunidos no livro *Pontas de Cigarro*. O livro, financiado por um “industrial espanhol”, cujo verdadeiro ofício era fabricar moedas falsas, reunia versos “satíricos e sobre um tema não muito delicado: a falta de grana. Ou, como dizia o autor, a doença causada pelo microbóbio da pindaíba” (SSÓ, 1984, p. 35-36).

## 1917

Fundou um semanário de humor chamado *O Chico*, que acabou não vingando. Por essa época, acabou preso por desfilar sem calças em um carro na Rua da Praia, no centro de Porto Alegre. Aliás, também foi preso outras vezes por participar de passeatas estudantis, em especial no período em que Borges de Medeiros acirrou a censura e proibiu manifestações públicas.

## 1918

Durante as férias na fazenda do tio, sofreu um derrame enquanto andava a cavalo. Recuperou-se da moléstia, mas ficou hemiplégico, arrastando uma das pernas pelo resto da vida. Quase não ia mais às aulas na Faculdade de Medicina, preferindo freqüentar assiduamente o Centro dos Caçadores, uma casa noturna que reunia espetáculos, jogatina e restaurante. Acabou abandonando a faculdade e deu início à “maragateada”, uma andança pelo Rio Grande do Sul afora. Nas cidades por onde passava, fazia conferências de improviso em teatros e cinemas, abordando os mais diversos assuntos. Em sua peregrinação, trabalhou em alguns jornais do interior do estado: em São Gabriel, *A Noite* e *A Reação*; em Bagé, *A Tradição*. A “maragateada” começou em Pelotas, passando por Rio Grande, São Francisco de Assis, Alegrete, Bagé, São Gabriel, Uruguaiana, Itaqui e São Borja.

## 1921

Casa-se com Alzira Alves, em São Gabriel, com quem tem três filhos. Dois meninos, Ary e Arly, e uma menina, Ady (FIGUEIREDO, 1987, p. 30; DILLENBURG, 2005, p. 44).

## 1923

Dirige o *Diário do Comércio*, em Bagé (SSÓ, 1984, p.38).

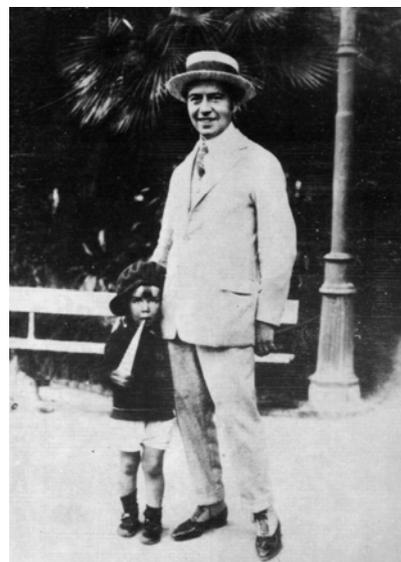
## 1924

Torna-se diretor do jornal *A Reação*, em São Gabriel. Por esta época, segundo Figueiredo (1987, p. 126-127), é abandonado por Alzira Alves, que o deixou com os três filhos pequenos. Dillenburg (2005, p. 44, grifo do autor), por sua vez, conta uma história um pouco diferente, afirmando que Apporelly teria abandonado Alzira para fugir “com uma dama da sociedade local”, que poderia ser a mulher de Camilo Teixeira Mércio, dono do *A Reação*. Relacionando as versões dos dois autores, pode-se intuir que Apparício realmente envolveu-se com a mulher de Teixeira Mércio, Zoraide, que viria a tornar-se sua segunda esposa. É possível que Alzira o tenha abandonado após saber do caso com Zoraide, pois o fato é que Apparício acabou ficando com as crianças e não há nenhuma menção à primeira esposa depois deste episódio.

## 1925

É acometido por complicações da sua hemiplegia e, após aconselhamento médico, muda-se com os filhos para o Rio de Janeiro. Chegou ao Rio com cem contos de réis. Perdeu o pouco que tinha no jogo e teve de procurar um emprego. “A forma como arrumou esse emprego se tornou lenda, com detalhes que variam conforme a vontade do freguês, sem falarmos na vontade do próprio Barão” (SSÓ, 1984, p. 44-45):

Uma manhã, sentei-me à mesa do Bar Nacional, na antiga Galeria Cruzeiro. Enquanto tomava café, escrevi um artigo sobre Melo Viana. Levantando os olhos, dei com um anúncio do jornal *O Globo*. Pensei comigo: vou lá ver se consigo o emprego. Fui recebido por um contínuo que não quis deixar-me falar com Irineu Marinho. Este, porém, estava no corredor, conversando com duas pessoas. Aproximei-me dele, esperei que terminasse de falar e disse-lhe o que queria. Irineu Marinho disse que tinha lugares no jornal, mas que todos, no momento, estavam ocupados. Pediu-me, então, para pôr meu nome numa das três listas de candidato a empregos. Senti que não conseguiria nada. Mas, por um golpe de sorte, quando buscava uma caneta no bolso, fiz cair o papel em que havia escrito o artigo sobre Melo Viana. Irineu viu e quis saber o que era. Mostrei o artigo e ele o guardou, depois de ler, despedindo-se de mim e pedindo que eu voltasse na manhã seguinte às sete horas. Naquele mesmo dia, vi o meu artigo publicado na primeira página d’*O Globo* assinado por Apporelly. Foi a coisa mais linda naquele dia. Daí pra frente, tomei conta do Rio. A cidade grande se encheu do Apporelly como tinham se enchido as cidadezinhas da província.



Apporelly aos 30 anos com um dos filhos, em junho de 1925.

Com a morte de Irineu Marinho alguns meses depois da admissão de Apparício, conflitos na redação o levaram a pedir demissão. Em dezembro, Mário Rodrigues, que trabalhava no *Correio da Manhã*, rompia com Edmundo Bittencourt e lançava o *A Manhã*, para o qual convidou Apporelly.

## 1926

No dia 2 de janeiro, estréia no *A Manhã* com a coluna “A Manhã tem mais...”, na primeira página, na qual Apparício escrevia o que bem entendia. Fez tanto sucesso que ganhou uma segunda coluna, também na primeira página. Mas, no dia 13 de maio deixou o jornal de Mário Rodrigues para lançar o *A Manhã*. “O jornal é um sucesso completo superando as fórmulas cansadas de ‘O Malho’, ‘Fon-fon’ e ‘Caretá’” (reedição do Almanaque para 1949, 2002, p.227). Contratou o diagramador e chargista paraguaio, Andres Guevara, que conheceu no *A Manhã*. Guevara se tornaria grande amigo de Apparício, com quem manteria colaboração até o fim da publicação, nos anos 1950. “Gue” foi responsável por muitas das características imagéticas que definiram a identidade visual d’*A Manhã* (ANDRÉ, 2004).



Fonte: acervo BN



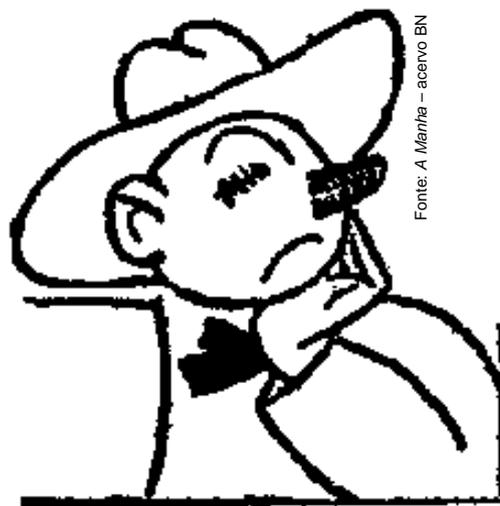
Fonte: A Manhã - acervo BN

## 1928

Inglaterra instituíra um prêmio para o descobridor da causa da febre aftosa, e Apporelly, suspeitando de um vírus, deixou *A Manhã* temporariamente de lado, investindo tudo o que tinha na montagem de um laboratório em sua própria casa. Assim, passou a se corresponder com diversas sociedades científicas (SSÓ, 1984, p.47): “Em Porto Alegre, fez uma conferência sobre essa pesquisa, com uma assistência repleta de técnicos, autoridades e curiosos. [...] O Apporelly impressionou a todos: os argumentos eram sólidos, os dados corretos e tudo foi dito com seriedade”.

## 1929

Assis Chateaubriand convida Apporelly para publicar *A Manhã* como encarte do *Diário da Noite*, jornal lançado no Rio de Janeiro em apoio à Aliança Liberal, partido pelo qual Getúlio Vargas disputaria a presidência da República. Anos mais tarde, Apparício assim comentou o fato: “Reagi por todos os poros. Disse a Chateaubriand que preferia enganar com a verdade e que o segredo d’*A Manhã* era a de ter uma unidade mental. Mas ele insistiu e não adiantou dizer-lhe que não queria seu negócio, porque estava muito contente com o meu” (SSÓ, 1984, p. 52). *A Manhã* circularia por quatro meses como encarte semanal do *Diário da Noite*, até que uma desavença com Chateaubriand acabou com a parceria. O “hebdomedário” voltava a ser publicado com a independência que sempre o caracterizou.



Fonte: A Manhã - acervo BN

Da pena de Guevara nascem os primeiros “retratos” do “nosso querido diretor”, o primeiro personagem encarnado por Apporelly nas páginas d’*A Manhã*.

Fonte: A Manhã – acervo BN



O Sr. Barão de Itararé elegantemente retratado n'A *Manha*. Abaixo, como garoto propaganda dos anúncios do próprio jornal, tal qual já fazia quando era apenas o "nosso querido diretor".

## 1930

Em outubro, sob a liderança de Getúlio Vargas, eclode a Revolução que traria um fim à chamada República Velha. A batalha decisiva do embate deveria se travar na cidade de Itararé, na fronteira entre Paraná e São Paulo, mas não chegou a ocorrer, porque Washington Luís foi deposto por seus próprios generais. Assumindo o posto de marechal-almirante nas páginas do seu jornal, Apporelly "comandou" os acontecimentos com olhar divertido, sem lastimar a deposição do seu "colaborador", Washington Luis, que mantinha n'A *Manha* uma coluna semanal sob o pseudônimo de Vaz Antão Luis. Em novembro, é "agraciado" com o título de Barão de Itararé, anunciado em seu jornal por um decreto "assinado" pelo próprio Getúlio Vargas e referendado pelo então ministro da justiça, Oswaldo Aranha. A homenagem era fruto dos grandes feitos heróicos realizados pelo diretor d'A *Manha* no front da Batalha de Itararé em prol da revolução triunfante.



## 1931

Em uma vertiginosa escalada ao poder, é promovido a Duque em setembro, Grão-Duque em novembro, para, ainda no mesmo mês, ser elevado a Imperador da URSAS (União das Repúblicas Socialistas da América do Sul). Conforme o próprio Apporelly justificou: "Se eu fosse esperar que me reconhecessem o mérito, não arranjava nada. Concedi a mim mesmo carta de nobreza" (SSÓ, 1984, p.53).



Fonte: A Manhã – acervo BN

O marechal-almirante comandando a prisão de Washington Luis: a paródia jornalística d'A *Manha* incluía uma série de fotomontagens adaptadas a partir do que era publicado na grande imprensa.

Fonte: A Manhã – acervo BN

O Barão de Itararé  
Diz aos seus, na intimidade,  
Que só o "Telefunken" é  
O radio da actualidade.

TELEFUNKEN  
A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS!  
AS MAIS LONGAS EXPERIENCIAS - A MAIS MODERNA CONSTRUCCAO

## 1932

Em janeiro, novamente é "homenageado", passando a "Itararé, o Brando". Lembrando que, "naquele tempo, era mais freqüente do que hoje o uso do verbo 'obrar' com o sentido de 'defecar'" (KONDER, 2002, p. 18, grifos do autor). Com a Revolução Constitucionalista e a iminência de uma segunda Batalha de Itararé, foi elevado a Itararé II em meados de julho. Apporelly fustigava incessantemente os poderosos com sua sátira, o que lhe custou certo conflito com a polícia do Governo Provisório, que lhe advertiu para que "tomasse cuidado com sua linguinha de prata". Insistiu e acabou preso pela 4ª delegacia auxiliar, responsável pela ordem política e social.

Fonte: Almanaque para 1949 (reedição 2002)



Acima, Apporelly aproveitando a praia com os filhos por volta de 1930. Abaixo, à direita, na companhia de amigos nas ruas do Rio de Janeiro em abril de 1931.

## 1933

Iniciou uma campanha contra o integralismo: “A princípio – disse – pensou em aderir, pois ouviu o lema ‘A Deus, Pátria e Família’ e pensou que fosse ‘Adeus, Pátria e Família!’” (KONDER, 2002, p. 20, grifos do autor). Zoraide, antiga paixão do Rio Grande, com quem se correspondia desde que viera para o Rio, decidiu largar o marido para viver com Apporelly. A atitude de Zoraide “provocou muitos mexericos na provinciana cidade de São Gabriel” (FIGUEIREDO, 1987, p. 127)

## 1934

Novamente deixa *A Manhã* de lado para investir em um diário, o *Jornal do Povo*. A publicação teve uma vida curta, durando apenas dez dias, mas foi o suficiente para tumultuar o cenário carioca e gerar uma séria represália para o Barão. Conforme relata Konder (2002, p. 20-21, grifos do autor):

O lançamento do novo órgão de imprensa se deu num mês bastante agitado. No dia 7 de outubro, comunistas e integralistas brigaram em São Paulo, no Largo da Sé, e morreu baleado um estudante, nos braços do escritor trotskista Mário Pedrosa, que tentava salvá-lo dos “camisas verdes”. No dia 11, o governo expulsou do país como “agitadores estrangeiros” vários trabalhadores comunistas e anarquistas, que estavam radicados no Brasil há muitos anos. [...]

O *Jornal do Povo* apareceu e começou logo a publicar um folhetim sobre a revolta dos marinheiros liderada por João Cândido em 1910. [...] No dia 19, véspera da chegada ao Rio do cardeal Pacelli (futuro Papa Pio XII), seis oficiais da marinha, influenciados pelos integralistas, resolveram punir o Barão por aquilo que lhes parecia um desrespeito às forças navais. Detiveram Apporelly na Rua Saint Roman, em Copacabana; apontaram-lhe suas pistolas, disseram-lhe que ia morrer, autorizando-o a escrever um bilhete de despedida para a família. “É um favor que lhe fazemos”, advertiram. O Barão respondeu: “Dispenso-o”. Levaram-no então, à força, para a estrada da Gávea, espancaram-no, cortaram-lhe os cabelos e o abandonaram nu em um lugar deserto.

Assim, o *Jornal do Povo* não sobreviveu ao agitado mês de outubro de 1934 e fechou suas portas prematuramente. Apparício, então, reabriu *A Manhã*, assumindo novamente a direção do “hebdromedário”, e colocou na porta uma tabuleta com a frase “Entre sem bater”.

Fonte: FIGUEIREDO, 1987



Fonte: FIGUEIREDO, 1987

## 1935

Apparício colabora na criação de uma frente popular, a Aliança Nacional Libertadora, cedendo a redação d'*A Manhã* para a realização das reuniões das quais participavam Benjamim Cabello, Roberto Sisson, Moésias Rolim, Francisco Mangabeira, Carlos Lacerda, Amoretti Osório, Campos da Paz e outros. A Lei de Segurança Nacional, a chamada Lei Monstro, assombrou a todos com o seu caráter totalmente antidemocrático, e os planos autoritários do governo Vargas tomavam proporções cada vez maiores:

Em novembro estourou a "intentona"; uma infeliz tentativa dos comunistas de resolverem através de um golpe militar os problemas políticos que se agravavam e que eles não conseguiam resolver por outros meios. Apporelly não participou de nenhuma atividade conspirativa, porém foi colhido pela onda de repressão que se desencadeou em seguida ao levante (KONDER, 2002, p. 23-24).

A segunda esposa de Apparício, Zoraide, falece vitimada por um câncer. Para completar o quadro nefasto, no dia 9 de dezembro, após ser levado à presença do juiz Castro Nunes, da Vara Federal, o Barão foi preso e encaminhado para o navio-prisão D. Pedro I, ancorado na Baía de Guanabara.

Nome APPARICIO TORELLY  
 Nacionalidade Brasileiro  
 Naturalidade Rio Grande do Sul.  
 Filho de João de Silva Torelly e de Maria Anella Brinkeroff Torelly  
 Idade 43 anos. Nascido em 20 de Janeiro de 1892  
 Estado Civil Casado. Ingresso Regularmente  
 Profissão Jornalista  
 Residência Rua Visconde de Pirajá, 644-Apt. 5.  
 Matrícula Profissional nº 1703 de 1935  
 Notas Cromáticas  
 Cabelo Branco Cabelos Grisalhos  
 Olhos Castanhos esc. Dentes Brancos  
 Barba Como não tem  
 Filiação morfológica e exame descritivo  
 Altura 1m 1 cent. 58  
 Frente altura Incurvação  
 Lábios Sobrancelhas  
 Nariz  
 Orelhas  
 Marcas particulares, cicatrizes e tatuagens  
 Identificado em 27 de Janeiro de 1935  
 Assinatura de Identificado APPARICIO TORELLY  
 Identificador  
 SERIE  
 FOLEGARES INDICADORES MEDIOS ANULARES MINIMOS

Fonte: FIGUEIREDO, 1987

Posando para os fotógrafos da polícia:

As constantes sátiras às autoridades somadas às participações nas movimentações políticas da época terminaram por render um ano de cadeia para o Barão.



O Barão ao telefone, ainda sem a barba que viria a marcá-lo no imaginário do público.

Fonte: Almanaque para 1949 (reedição 2002)

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA  
 Matricula N. 501 Carteira N. 1006  
 Nome APPARICIO TORELLY  
 Idade 43 Nacionalidade Brasileiro  
 Jornal "A Manhã"  
 Cargo Diretor

A carteira da ABI  
 Jornal: A Manhã  
 Cargo: Diretor

Fonte: Almanaque para 1949 (reedição 2002)



## 1936

No navio D. Pedro I deixou crescer uma barba de Pedro II, “por elegância e para disfarçar certas parasitas de mau aspecto”, provocadas “pelo uso imoderado de camarões à baiana e queijos de altas e explosivas fermentações” (SSÓ, 1984, p.62). Depois, “foi parar no presídio Frei Caneca (Casa de Detenção) no Rio. Segundo Graciliano Ramos, a chegada do Barão foi a mais rumorosa de todas – o homem era sucesso mesmo em cana”. Lá, quando a noite chegava e o guarda trancava as portas, com todos fechados em seus cubículos, entrava no ar a Rádio Libertadora. Segundo Konder (2002, p.25), “nas emissões da Rádio Libertadora, ele explicava aos demais detidos que tudo estava se encaminhando para melhor. Baseava-se na teoria das duas hipóteses, impregnada de otimismo irônico”:

Tudo vai bem, não há motivo para receio. O que pode nos acontecer? Somos postos em liberdade ou continuamos presos. Se nos soltam, ótimo: é o que desejamos. Se ficamos presos, deixam-nos com processos ou sem processos. Se não nos processam, ótimo: faltam provas e aí, cedo ou tarde, nos mandam embora. Se nos processam, seremos julgados, absolvidos ou condenados. Se nos absolvem, ótimo: nada melhor, esperávamos isso. Se nos condenam, nos darão uma pena leve ou pena grande. Se for leve, ótimo: descansaremos algum tempo sustentados pelo governo, depois iremos para a rua. Se for pena grande, seremos anistiados ou não. Se formos anistiados, ótimo: é como se não tivesse havido condenação. Se não nos anistiam, cumpriremos a sentença ou morreremos. Se cumprirmos a sentença, ótimo: depois voltaremos para casa. Se morrermos, iremos para o céu ou para o inferno. Se formos para o céu, ótimo: é a suprema aspiração de cada um. Se formos para o inferno, não há por que nos alarmarmos: é uma desgraça que pode acontecer com qualquer um, preso ou em casa (SSÓ, 1984, p.62-63).

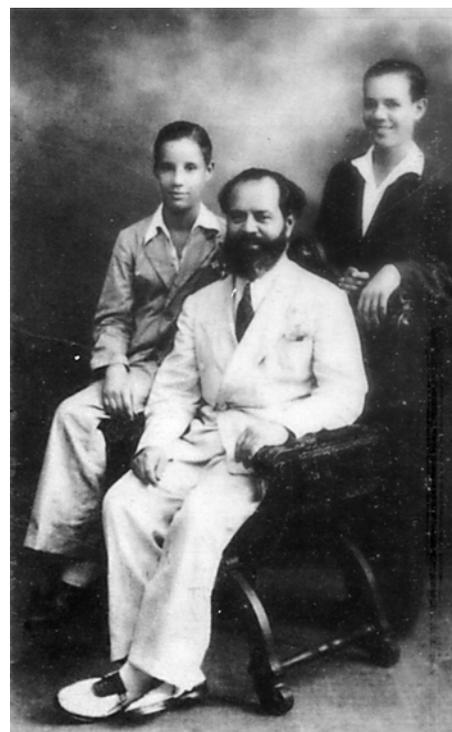
Apparício passou todo o ano no cárcere, até ser libertado com outros cem presos, em dezembro, por falta de provas.

## 1937

Tenta relançar *A Manhã*, mas só consegue trabalhar um ano, sob pesada censura do DIP. Evitava provocar o governo, concentrando a sua atenção nos ditadores de fora, como Hitler, Mussolini, Franco e Salazar. Mas, diante das limitações impostas pela situação, desistiu e voltou a dedicar-se às pesquisas sobre a febre aftosa. Conforme Konder (2002, p. 68), “o Estado Novo força-o a desistir”. Casa-se, então, pela terceira vez. Dessa vez com a baiana Juracy, com quem tem mais um filho, Amy Torelly.



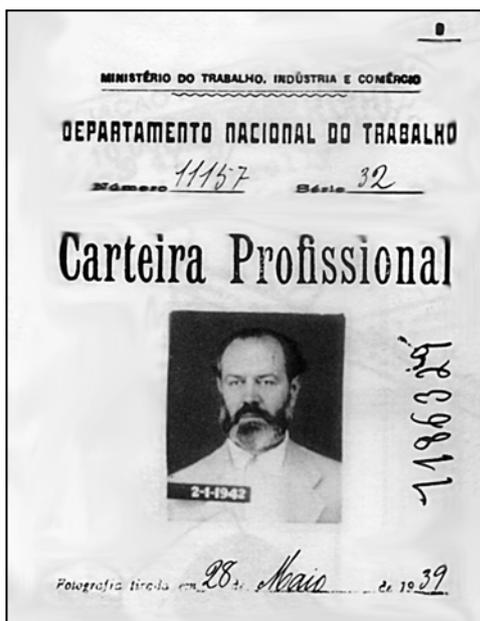
Fonte: Almanaque para 1949 (reedição 2002)



Fonte: FIGUEIREDO, 1987

Apparício, no início de 1937, com os filhos Arly e Ary, pouco tempo após sua libertação. Na foto mais acima, junto aos colegas de prisão na Casa de Detenção em 1936.

Fonte: Almarhaque para 1949 (reedição 2002)



## 1938

Em janeiro, relança a coluna “A Manhã tem mais...” no *Diário de Notícias* de Orlando Ribeiro Dantas, no qual vai colaborar pelos próximos seis anos. Ao longo deste período, será preso por diversas vezes para prestar satisfação às autoridades do Estado Novo.

## 1940

Morre Juracy durante o parto do segundo filho; a criança também falece. Abatido, Apporelly retira-se para uma chácara em Bangu, cedida por Guilherme da Silveira Filho. Lá, instala um laboratório bastante completo, onde volta a desenvolver suas pesquisas sobre a febre aftosa.

## 1943

Morre sua única filha, Ady, devido a complicações em uma cirurgia de apendicite.

## 1944

A situação política parecia anunciar tempos melhores. Amigos de Apparício resolvem homenagear, com certa antecedência, os seus cinquenta anos, oferecendo um banquete na ABI. “Foi considerada por muitos, a maior e mais popular festa feita no Brasil a um intelectual. Foi também um protesto político: era uma homenagem a um ex-preso do governo” (SSÓ, 1984, p.71).

## 1945

Em abril, volta a circular *A Manhã*, em uma associação de Apparício com Arnon de Melo, contando com colaboradores como José Lins do Rego, Carlos Lacerda, Rubem Braga, Aurélio Buarque de Holanda e Álvaro Moreyra. O Barão se tornara um fenômeno que inspirava respeito e admiração de alguns críticos qualificados. “Contudo, não se deitava sobre os louros conquistados e prosseguia na luta”. Continuava a ridicularizar políticos e intelectuais conservadores, adulterando seus nomes e inventando histórias sobre eles, como sempre fez:

A bem da verdade, é preciso reconhecer que nem só de política vivia o humor do Barão. *A Manhã* servia aos seus leitores um cardápio variado de piadas, algumas inevitavelmente antigas, sem qualquer exclusivismo temático. Na fase de 1945 a 1947, o “hebdomedário” relança inclusive aquelas seções escritas em imitação de sotaques estrangeiros que faziam sucesso no período de 1926 a 1935 (KONDER, 2002, p. 29-32).



Fonte: FIGUEIREDO, 1987

Em junho de 1944, recebendo homenagem antecipada por seus 50 anos em um banquete organizado por colegas e amigos na ABI.

## 1946

Acaba a parceria com Arnon de Melo e seu grupo de Audenistas, que apoiavam a candidatura do general Dutra e do brigadeiro Eduardo Gomes. Apparício, alinhado com o PCB, aderiu à tese da Constituinte com Getúlio e fez campanha por Yedo Fiúza, o candidato comunista à Presidência da República (SSÓ, 1984, p.72).

## 1947

O Barão se lança candidato a vereador pelo Partido Comunista nas eleições suplementares de 19 de janeiro de 1947. O PCB realizava naquele período uma patrulha ideológica mais acirrada, em uma postura diferente daquelas que defendia em 1935. Acabou sobrando para o Barão, acusado de que estava mudando de idéias. Ao que Apporelly assim respondeu: “Não é triste mudar de idéias; triste é não ter idéias para mudar” (KONDER, 2002, p.38). Terminou eleito com uma votação significativa: o oitavo vereador mais votado em sua bancada.

Foi um vereador honesto – talvez digam os políticos que essa foi sua melhor piada. Defendeu o direito de voto pros analfabetos e denunciou, por exemplo, o esbulho sofrido pelos índios, situação que não mudou até agora (SSÓ, 1984, p.73).



Shaw and Itararé

Com a barba, Apparício ganharia a aparência que tanto o popularizou n' *A Manha* a partir de 1945, então definitivamente representado na figura do personagem Barão de Itararé. Na ilustração acima, aparece na companhia de Bernard Shaw, com quem trocava correspondências para debater, por exemplo, se Shaw era o Barão de Itararé da Inglaterra ou Itararé era o Bernard Shaw do Brasil (ANDRÉ, 2004, p. 173)

Fonte: FIGUEIREDO, 1987



Faixa de campanha da candidatura do Barão para vereador. Com a vitória, o bufão Apporelly tomou conta da Câmara do Rio de Janeiro. Segundo Figueiredo (1987, p. 168), as sessões, que eram veiculadas ao vivo pelo rádio, conquistaram uma audiência tão grande que o governo resolveu encerrar as transmissões.

## 1948

Em janeiro, o Congresso aprovou o Projeto Ivo d'Aquino, que cassava os mandatos dos deputados e vereadores eleitos pelo PCB. Entre eles, estava Apporelly. Os ventos da “guerra fria”, portanto, acabaram afastando o Barão da vida pública. Segundo Konder (2002, p.43):

Pensou em relançar *A Manha*, mas as condições eram extremamente desfavoráveis. [...] Exatamente porque se recusava a viver de ‘expedientes’, *A Manha* se viu, naquele momento, desguarnecida: faltava-lhe o dinheiro para sair com regularidade. O Barão decidiu, então, publicar um *Almanhaque*.

Fonte: FIGUEIREDO, 1987



Em sociedade com o amigo Andres Guevara, lançou o *Almanaque para 1949*, um sucesso que Apporelly viria a repetir anos mais tarde, com as edições de 1955.

## 1949

Lança o *Almanaque*, em associação com o ilustrador, diagramador e amigo Guevara. “Os *Almanques* são almanques mesmo: têm desde informações metereológicas, horóscopos, conselhos para agricultores, frases, poesias, crônicas, contos, piadas e cartuns” (SSÓ, 1984, p.80).

## 1950

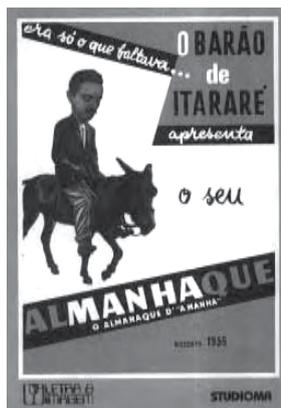
Ressurge, em São Paulo, *A Manhã*, ostentando na capa: N° 1, ano XXV. Assim, considerava inclusive o tempo em que nem Apparício, nem o jornal podiam circular. Trazia matérias satirizando a campanha eleitoral para a Presidência da República. O segundo exemplar terminava com um locutor vampiro dizendo:

Tenhamos paciência de esperar até a próxima quinta-feira, 7 de setembro, para ver se algum dos três candidatos à presidência da República tem coragem de incluir no seu programa de governo essa história da independência do Brasil (SSÓ, 1984, p.88).

O jornal nunca mais adquiriu a mesma periodicidade de outrora, mas continuou sendo publicado, ainda que esparsamente, até 1959, ilustrado exclusivamente por Otávio até 1954 (ANDRÉ, 2004, p. 181).

## 1955

Outro *Almanaque* foi lançado em 1955. Na capa, Jânio Quadros montado num burrico representava “a jumentalidade da época”. Jânio tinha derrotado Adhemar de Barros na eleição para o governo de São Paulo e encaminhava sua carreira para a Presidência da República, na sucessão a Juscelino Kubitschek (KONDER, 2002, p.47). No segundo semestre, produz o terceiro e último *Almanaque*, cuja capa apresenta um cabeçalho remodelado por Otávio, que parodiava a revista *Manchete* de Adolfo Bloch, além de um desenho do “monstro de 3 corações”, satirizando o presidente recém eleito, Juscelino Kubitschek, nativo da cidade de Três Corações (MG). Neste ano, Guevara volta a colaborar n’*A Manhã*, alternando-se com Otávio no projeto gráfico da publicação e fazendo desta uma espécie de laboratório de experimentações (ANDRÉ, 2004, p. 227-230).



Capas das reedições dos *Almanques* do Barão, relançados a partir de 2002 por uma parceria entre EDUSP, Studioma e a Imprensa Oficial de SP.

## 1956

Em maio, Apparício passa a colaborar com uma coluna no quinzenário de cultura *Para Todos*, jornal de Álvaro Moreira dirigido por Jorge Amado. Em novembro, vai a Porto Alegre, onde faz várias conferências. Uma, na sociedade de engenharia, era para provar que “a ordem dos fatores altera o produto”. Além das pretensões científicas, pretendia formar uma sucursal d’*A Manha*, com colaboradores de peso, como Josué Guimarães, João Aveline e Gilda Marinho. Mas a irreverência do Barão complicou a relação com os anunciantes. Ao primeiro empresário que o procurou para comprar espaço publicitário, Apporelly falou: “o senhor pode pensar que sou vigarista, por oferecer-lhe a compra de espaço. Afinal, o senhor não é avião...” (SSÓ, 1984, p.89).



Fonte: Almanhaque para 1949 (reedição 2002)

Acima, confraternizando com amigos em sua visita a Porto Alegre em 1956. Abaixo, a ousadia do projeto gráfico das capas d’*A Manha* após o retorno de Guevara à publicação em 1955. O paraguaio teve uma importante participação na reformulação da imprensa brasileira a partir de meados do século XX (ANDRÉ, 2004).

## 1958

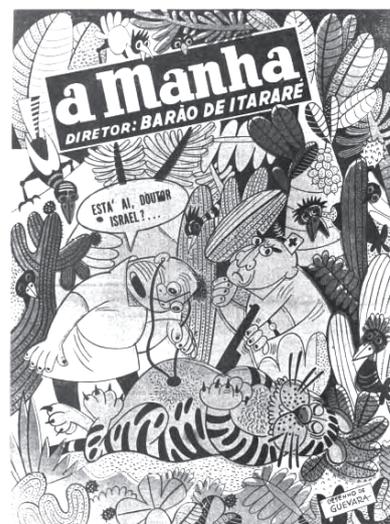
O Barão começou a se repetir e passou a ser criticado por isso. A coluna do *Para Todos*, por exemplo, que prosseguiria só até os primeiros meses deste ano, era feita com textos saídos d’*A Manha* e reeditados dos *Almanhaques*. Defendia-se das acusações dizendo:

Só repito o que me agrada. Todos nós nos repetimos. A vida é uma repetição. Repetem-se os segundos. Repetem-se os minutos. Repetem-se as horas. Repetem-se os anos (principalmente os letivos) e os séculos. Só o indivíduo que nunca comeu uma boa sobremesa pode ignorar como é bom repetir (SSÓ, 1984, p. 90).

*A Manha* continuava saindo esporadicamente. O Barão assim justificava a ausência do “hebdromedário: “*A Manha* está em repouso, ou melhor, está ‘rapousando’. Dum momento para o outro poderá revoltar. Revoltar, quer dizer, tornar a voltar” (SSÓ, 1984, p. 90).

## 1959

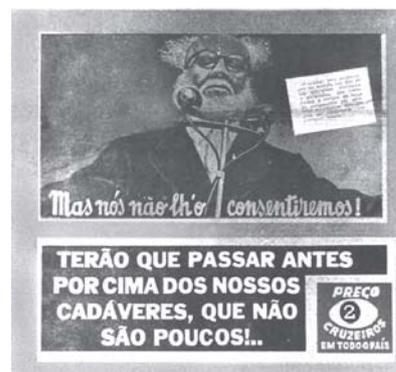
Sai a última edição d’*A Manha* para nunca mais “revoltar”. Desanimado e doente, Apparício volta ao Rio de Janeiro (ANDRÉ, 2004).



Fonte: ANDRÉ, 2004



**Querem Matar  
o Brasil de Tristesa**



## 1960

Apporelly passa a colaborar com a última página do jornal *Última Hora*, de Samuel Wainer, intitulada “A Manhã de Última Hora”. Até 1962, ainda publica materiais originais, para depois passar a reproduzir materiais antigos d’*A Manhã* e dos *Almanhaques*. Por essa época, casa-se com Aida Costa, uma desquitada com sérios problemas psiquiátricos. Seria seu quarto e último casamento (ANDRÉ, 2004).

## 1963

Realiza uma viagem a Pequim, a convite do governo Chinês, com passagens por Praga e Moscou (ANDRÉ, 2004).



Fonte: FIGUEIREDO, 1987

## 1964

Apporelly arruma forças para depor na Justiça Militar a favor dos integrantes da missão comercial chinesa, todos acusados de tentar matar Carlos Lacerda, em uma jogada política articulada pelos militares golpistas com a colaboração da imprensa que apoiou a quartelada. Os chineses terminaram expulsos do Brasil, comprometendo as relações diplomáticas com a China. Neste ano também se encerrava a parceria com o *Última Hora*, de modo que, em paralelo à ascensão dos militares ao poder, Apparício definitivamente se aposentava da sua carreira como jornalista (ANDRÉ, 2004).



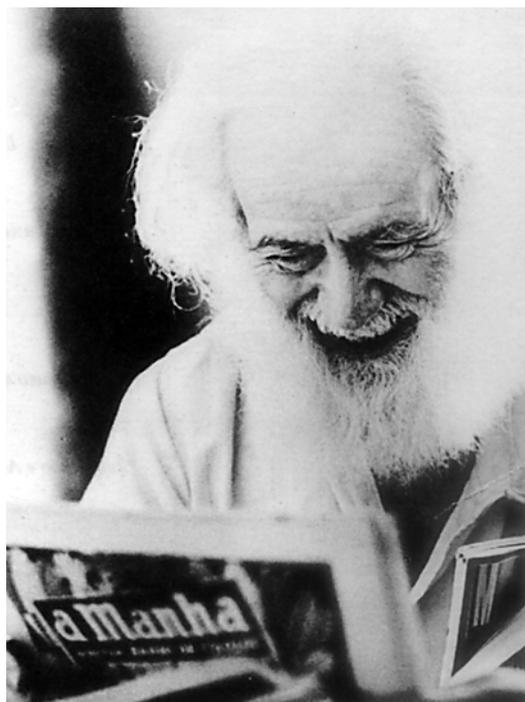
Fonte: Almanhaque para 1949 (reedição 2002)

Com Jango em 1964.

## 1965

Sua última esposa, Aida Costa, suicida-se tragicamente no dia 12 de janeiro, ateando fogo às próprias vestes na praia do Flamengo (FIGUEIREDO, 1987; ANDRÉ, 2004).

Fonte: Almanaque para 1949 (reedição 2002)



## ÚLTIMOS ANOS

Apparício passou a sair pouco do seu pequeno apartamento na Rua Esteves Júnior, em Laranjeiras, no Rio de Janeiro. Preferia viver sozinho, e a sua relação com os filhos era afetuosa, mas complicada. Morava em meio a centenas de livros espalhados por todos os lados, os quais chamava de “as dez mil virgens”: inviolados, não abertos e não lidos. Além dos livros, chamava a atenção a presença das formigas, que Apporelly protegia com unhas e dentes. Alegava que tinham lhe ajudado a descobrir o diabetes, possibilitando que se tratasse a tempo. A cronista Eneida de Moraes, ex-companheira de prisão, costumava ligar-lhe diariamente. Desbocada, soltava palavrões que o Barão ouvia entre risos e espanto, pois, neste sentido, era meio pudico. Aliás, seu humor jamais se inclinou para o obscuro.

Sentia crescente dificuldade para se locomover, mas não deixava de realizar solidárias visitas periódicas à redação da *Folha da Semana*, uma das trincheiras de oposição à ditadura entre os anos de 1965-66. Certa vez, disse ao jornalista Armênio Guedes: “Antigamente, minhas pernas levavam meu corpo; agora é meu corpo que arrasta as minhas pernas”. Assustava-se com a velocidade dos automóveis e a brutalidade do trânsito. Em outra ocasião, quando um carro passou em alta velocidade, quase atropelando o Barão, este protestou aos amigos que o acompanhavam: “Era um belo carro. No mínimo cento e vinte cavalos, sem contar o que está no volante”. Outro dia, enquanto atravessava a Av. Rio Branco na companhia do amigo Valério Konder, avistou um ônibus que se aproximava e advertiu: “Cuidado, Valério. Aquele ali já nos viu”. (KONDER, 2002, p. 58-59).

Em 1971, suas condições de saúde pioraram, mas não atendia aos apelos do filho Arly, que queria levá-lo para uma clínica: “Não. Tenho de estudar mais”, dizia diante de um livro aberto. Os médicos haviam constatado certas complicações no seu sistema circulatório e a taxa de açúcar no sangue estava em níveis preocupantes. No sábado, 27 de novembro de 1971, aos 76 anos, foi encontrado já sem vida pelo amigo D’Aiuto, deitado, com as mãos sobre o peito, em sua casa. No seu enterro, não havia muita gente. Discretamente, sob uma fina chuva, o Barão saía de cena bem ao seu modo, desafortunado, sem dar satisfações a ninguém (FIGUEIREDO, 1987; KONDER, 2002).



O Barão no traço de alguns dos grandes nomes do cartum brasileiro: Edgar Vasques, Nássara, Amorim e Santiago.

A MANHA	1926	1927	1928	1929	1930	1931	1932	1933	1934	1935
JAN		22-06/01 (A) 23-13/01 (A) 24-20/01 (A) 25-27/01 (A)	66-05/01 (JA) 67-12/01 (JA) 68-19/01 (JA) 69-26/01 (JA)		13-02/01 (BN/DN) 14-09/01 (BN/DN) 15-16/01 (BN/DN) 16-23/01 (BN/DN) 17-30/01 (BN/DN)	01-02/01 (BN) 02-09/01 (BN) 03-16/01 (BN) 04-24/01 (BN) 05-31/01 (BN)	01-02/01 (BN) 02-09/01 (BN) 03-16/01 (BN) 04-24/01 (BN) 05-30/01 (BN)	01-07/01 (BN) 02-13/01 (BN) 03-19/01 (BN) 04-26/01 (BN)		01-05/01 (BN) 02-12/01 (BN) 03-19/01 (BN)
FEV		26-03/02 (A) 27-10/02 (A) 28-17/02 (A) 29-24/02 (A)	70-02/02 (JA) 71-09/02 (JA) 72-16/02 (BN) 73-23/02 (JA)	?? - 27/02 (OA)	18-06/02 (BN/DN) 19-13/02 (BN/DN) 20-20/02 (BN) 21-27/02 (BN)	08-07/02 (BN) 09-14/02 (BN) 10-21/02 (BN) 11-27/02 (BN)	06-05/02 (BN) 07-13/02 (BN) 08-20/02 (BN)	05-03/02 (BN) 06-09/02 (BN) 07-16/02 (BN) 08-23/02 (BN)	01-05/02 (BN) 02-17/02 (BN) 03-23/02 (BN)	04-02/02 (BN) 05-09/02 (BN) 06 - ???/? (?)
MAR		30-05/03 (A) 31-10/03 (A)	74-01/03 (JA) 75-08/03 (JA) 76-15/03 (JA) 77-29/03 (JA)	?? - 06/03 (OA) ?? - 13/03 (OA)	22-13/03 (BN) 23-20/03 (BN) 24-27/03 (BN)	12-06/03 (BN) 13-13/03 (BN) 14-20/03 (BN) 15-27/03 (BN)	09-04/03 (BN) 10-11/03 (BN) 11-18/03 (BN) 12-26/03 (BN)	09-09/03 (BN) 10-16/03 (BN) 11-23/03 (BN) 12-30/03 (BN)	04-02/03 (BN) 05-08/03 (BN) 06-15/03 (BN) 07-22/03 (BN) 08-30/03 (BN)	07-02/03 (BN) 08-??/? (?)
ABR		32-07/04 (A) 33-14/04 (A) 34-21/04 (A) 35-28/04 (A)	78-05/04 (JA) 79-12/04 (JA) 80-19/04 (JA) 81-26/04 (JA)		25-03/04 (BN) 26-10/04 (BN) 27-17/04 (BN) 28-24/04 (BN)	16-04/04 (BN) 17-11/04 (BN) 18-17/04 (BN) 19-24/04 (BN)	13-02/04 (BN) 14-09/04 (BN) 15-16/04 (BN) 16-23/04 (BN) 17-30/04 (BN)	13-07/04 (BN) 14-13/04 (BN) 15-20/04 (BN) 16-27/04 (BN)	09-05/04 (BN) 10-12/04 (BN) 11-19/04 (BN) 12-26/04 (BN)	
MAI	01-13/05 (BN) 02-25/05 (A)	36-05/05 (?) 37-12/05 (?) 38-19/05 (?) 39-26/05 (?)	82-23/05 (JA) 83-10/05 (JA) 84-17/05 (JA) 85-24/05 (BN) 86-31/05 (JA)		29-01/05 (BN) 30-08/05 (BN) 31-15/05 (FR) 32-22/05 (BN) 33-29/05 (BN)	20-02/05 (BN) 21-09/05 (BN) 22-15/05 (BN) 23-23/05 (BN)	18-06/05 (BN) 19-14/05 (BN) 20-21/05 (BN) 21-28/05 (BN)	17-05/05 (BN) 18-12/05 (BN) 19-19/05 (BN) 20-26/05 (BN)	13-05/05 (BN) 14-11/05 (BN) 15-26/05 (BN) 16-31/05 (BN)	
JUN	03-08/06 (A) 04-29/06 (A)	40-02/06 (?) 41-09/06 (?) 42-16/06 (?) 43-23/06 (?) 44-30/06 (?)			34-05/06 (BN) 35-12/06 (BN) 36-19/06 (BN) 37-26/06 (BN)	24-06/06 (BN) 25-13/06 (BN) 26-20/06 (BN) 27-26/06 (BN)	22-04/06 (BN) 23-11/06 (BN) 24-18/06 (BN) 25-24/06 (BN)	21-03/06 (BN) 22-10/06 (BN) 23-17/06 (BN) 24-24/06 (BN)	17-09/06 (BN) 18-16/06 (?) 19-23/06 (BN) 20-30/06 (BN)	
JUL	05-15/07 (A)	45-07/07 (?) 46-14/07 (?) 47-21/07 (?) 48-28/07 (?)			38-03/07 (BN) 39-11/07 (BN) 40-18/07 (BN) 41-25/07 (BN) 42-31/07 (BN)	28-03/07 (BN) 29-10/07 (BN) 30-17/07 (BN) 31-25/07 (BN) 32-31/07 (BN)	26-02/07 (BN) 27-09/07 (BN) 28-16/07 (BN) 29 - 23/07 (?) 30-29/07 (BN)	25-01/07 (BN) 26-08/07 (BN) 27-15/07 (BN) 28-22/07 (BN) 29-29/07 (BN)	21-07/07 (BN) 22-14/07 (BN) 23-21/07 (BN) 24-27/07 (BN)	
AGO	06-05/08 (A) 07-12/08 (A) 08-19/08 (A) 09-26/08 (A)	49-04/05 (?) 50-11/08 (?) 51-18/08 (?) 52-25/08 (?)			43-08/08 (BN) 44-15/08 (BN) 45-22/08 (BN) 46-29/08 (BN)	34-07/08 (BN) 35-14/08 (BN) 36-21/08 (BN) 37-28/08 (BN)	31-06/08 (BN) 32-12/08 (BN) 33-19/08 (BN) 34-26/08 (BN)	30-05/08 (BN) 31-12/08 (BN) 32-19/08 (BN) 33-26/08 (BN)	25-03/08 (BN) 26-10/08 (FR) 27-18/08 (FR) 28-25/08 (FR) 29-31/08 (FR)	09-09/08 (BN) 10-16/08 (BN) 11-23/08 (BN) 12-30/08 (BN)
SET	10-02/09 (A) 11-10/09 (A) 12-18/09 (A)	53-08/09 (JA)		?? - 10/09 (CF)	47-05/09 (BN) 48-12/09 (BN) 49-19/09 (BN) 50-26/09 (BN)	38-04/09 (BN) 39-11/09 (BN) 40-19/09 (BN)	35-02/09 (BN) 36-09/09 (BN) 37-16/09 (BN) 38-23/09 (BN) 39-30/09 (BN)	34-06/09 (BN) 35-14/09 (BN) 36-22/09 (BN) 37-29/09 (BN)	30-13/09 (BN)	13-07/09 (BN) 14-13/09 (BN) 15-21/09 (BN) 16-28/09 (BN)
OUT	13-02/10 (A)	54-14/10 (BN) 55-20/10 (?) 56-27/10 (BN)	?? - 16/10 (CF)	01-10/10 (BN/DN) 02-17/10 (FR/DN) 03-24/10 (BN/DN) 04-31/10 (BN/DN)	51-03/10 (BN) 52-31/10 (BN)	41-02/10 (BN) 42-10/10 (BN) 43-16/10 (BN) 44-23/10 (BN) 45-30/30 (BN)	40-08/10 (BN) 41-14/10 (BN) 42-21/10 (BN) 43-28/10 (BN)	37-07/10 (BN) 38-14/10 (BN) 39-21/10 (BN) 40-28/10 (BN)		17-05/10 (BN) 18-11/10 (BN) 19 - ???/? (BN) 20-26/10 (BN)
NOV	14-11/11 (A) 15-18/11 (A) 16-25/11 (A)	57-03/11 (?) 58-10/11 (?) 59-17/11 (FR) 60-24/11 (FR)		05-07/11 (BN/DN) 06-14/11 (BN/DN) 07-21/11 (FR/DN) 08-28/11 (FR/DN)	53-07/11 (BN) 54-14/11 (BN) 55-21/11 (BN) 56-28/11 (?)	46-06/11 (BN) 47-13/11 (BN) 47-21/11 (BN) 48-27/11 (BN)	44-05/11 (BN) 45-12/11 (BN) 46-26/11 (BN)	42-04/11 (FR) 43-11/11 (BN) 44-18/11 (BN) 45 - ???/? (?)		
DEZ	17-02/12 (A) 18-09/12 (A) 19-16/12 (A) 20-23/12 (A) 21-30/12 (A)	61-01/12 (FR) 62-08/12 (FR) 63-15/12 (FR) 64-22/12 (FR) 65-29/12 (FR)	?? - 23/12 (SD)	09-05/12 (BN/DN) 10-12/12 (BN/DN) 11-19/12 (FR/DN) 12-26/12 (BN/DN)	57-05/12 (BN) 58-12/12 (BN) 59-19/12 (?) 60-27/12 (BN)	49-04/12 (BN) 50-12/12 (BN) 51-19/12 (BN) 52-26/12 (BN)	47-03/12 (BN) 48-10/12 (BN) 49-17/12 (BN) 50-24/12 (BN) 51-31/12 (BN)	46-07/12 (BN) 47-15/12 (BN) 48-22/12 (BN) 49-30/12 (BN)	31-15/12 (FR) 32-22/12 (FR) 33-29/12 (BN)	

## LEGENDA

### REFERÊNCIAS

- A - Antologias d'A Manhã
- BN - Biblioteca Nacional
- CF - Cláudio Figueiredo
- DN - Encarte no *Diário da Noite*
- FR - exemplar no final do rolo de microfilme
- JA - José Carlos Mendes André
- OA - Odailton Aragão
- SD - Sérgio Dillenburg
- ? - Não localizado

### FASES D'A MANHA

- Primeira
- Segunda
- Terceira

### EVOLUÇÃO DO PERSONAGEM

- Nosso querido diretor
- Mal. almirante
- Barão de Itararé
- Duque
- Grão-Duque
- Itararé I
- Itararé, o Brando
- Itararé II

### MICROFILMES BN

- Rolo 1: 1926-1931
- Rolo 2: 1932-1934
- Rolo 3: 1935

ANEXO C - Levantamento detalhado de edições d'A Manhã entre 1926 e 1935

**ANEXO D – A *Manha* (1926-1952): coleção BN/RJ**